J.R. R. TOLKIEN
O SENHOR DOS ANÉIS

PRIMEIRA PARTE
A SOCIEDADE DO ANEL

J. R. R. TOLKIEN
O SENHOR DOS ANÉIS
PRIMEIRA PARTE
A SOCIEDADE DO ANEL

TRADUÇÃO
LENITA MARIA RIMOLI ESTEVES
Mestre em Tradução pela Universidade de Campinas
ALMIRO PISETTA
Professor de Literatura de Língua Inglesa
da Universidade de São Paulo
REVISÃO TECNICA
E CONSULTORIA
RONALD EDUARD KYRMSE
Membro da Tolkien Society e do grupo linguístico "Quendily"
COORDENAÇÃO
Luís Carlos Borges
Martins Fontes
São Paulo 2001

Esta obra foi publicada originalmente em inglês por Harper Collins Publisbers Ltd com o título THE LORD OF TIIE RINGS - PART 1. THE FELLOWSHIP OE THE RING.

1ªedição
agosto de 1994
2ª a edição
novembro de 2000
2 tiragem
julho de 2001
Tradução dos poemas
e revisão da tradução
Almiro Pisetta
Revisão gráfica
Lilian Jenkino Sandra Regina de Sousa
Produção gráfica
Geraldo Alses
Paginação/Fotolitos
Studio 3 Desenvomimento Editorial
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP/ Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil
Tolkien, J. R. R., 1892-1973.

NOTA À EDIÇÃO BRASILEIRA

Esta nova tradução brasileira de O Senhor dos Anéis foi feita a partir da edição integral em um volume, The Lord of the Ring, Londres, Harper Collms Publishers, 1991, e submetida à apreciação de Frank Richard Williamson e Christopher Reuel Tolkien, executores do espólio de John Ronald Reuel Tolkien.

A tradução ficou a cargo de Lenita Maria Rímoli Esteves, Mestre em Tradução pelo Instituto de Estudos Linguisticos da UNICAMP. A revisão do texto e a tradução dos poemas foram realizadas por Almiro Pisetta, Professor de Literatura de Língua Inglesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Ronald Eduard Kyrmse, membro da Tolkien Society e de seu grupo de estudos lingüísticos, "Quendily", especialista na obra de J. R. R. Tolkien, encarregou-se da revisão final.

A tradução dos nomes próprios fundamentou-se nas diretrizes sugeridas em J. R. R. Tolkien, "Guide to the Names in The Lord of lhe Rings", in Jarred Lobdeli (editor), A Tolkien Compass, Baliantine Books, Nova York, 1980, e Jim Allan, "The Giving of Names", in Jim Allan (editor), An Introduction to Elvish, Bran"s Head Books, Hayes, 1978.

As runas e os caracteres féanorianos no frontispicio deste livro significam "The Lord of the Rings translated from the Red Book of Westmarch by John Ronald Reuel Tolkien. Herein is set forth the history of The War of the Ring and the return of the King as seen by the hobbits". Se vertidas para o português, as inscrições assumiriam a seguinte forma:

O SENHOR DOS ANÉIS TRADUZIDO DO LIVRO VERMELHO

do Marco Ocidental por John Reuel Tolkien. Aqui está contada a história da Guerra do Anel e do retorno do Rei conforme vista pelos hobbits.

De maneira similar, a última linha da inscrição no túmulo de Balin, vertida para o português, seria escrita da seguinte forma:

BALIN, FILHO DE FUNDIN, SENHOR DE MORIA

O EDITOR

Três Anéis para os Reis-Élficos sob este céu,
Sete para os Senhores-Anões em seus rochosos corredores,
Nove para Homens Mortais, fadados ao eterno sono,
Um para o Senhor do Escuro em seu escuro trono
Na Terra de Mordor onde as Sombras se deitam.
Um Anel para a todos governar, Um Anel para encontrá-los,
Um Anel para a todos trazer e na escuridão aprisioná-los
Na Terra de Mordor onde as Sombras se deitam.

ÍNDICE

ORELHA

A Sociedade do Anel é a primeira parte da grande obra de ficção fantástica de J. R. R. Tolkien, O Senhor dos Anéis.

É impossível transmitir ao novo leitor todas as qualidades e o alcance do livro. Alternadamente cômica, singela, épica, monstruosa e diabólica, a narrativa desenvolve-se em meio a inúmeras mudanças de cenários e de personagens, num mundo imaginário absolutamente convincente em seus detalhes. Nas palavras do romancista Richard Hughes, "quanto à amplitude imaginativa, a obra praticamente não tem paralelos e é quase igualmente notável na sua vividez e na habilidade narrativa, que mantêm o leitor preso página após página".

Tolkien criou em O Senhor dos Anéis uma nova mitologia, num mundo inventado que demonstrou possuir um poder de atração atemporal.

Ilustração da capa Geoff Taylor

A Sociedade do Anel

Numa cidadezinha indolente do Condado, um jovem hobbit é encarregado de uma imensa tarefa.

Deve empreender uma perigosa viagem através da Terra-média até as Fendas da Perdição, e lá destruir o Anel do Poder - a única coisa que impede o domínio maléfico do Senhor do Escuro.

As Duas Torres

A comitiva do Anel se divide, Frodo e Sam continuam a viagem, descendo o Grande Rio Anduim - mas não tão sozinhos assim, pois uma figura misteriosa segue todos os passos...

O Retorno do Rei

A sombra dos exércitos do Senhor do Escuro cresce cada vez mais. Homens, anões e elfos unem-se para lutar contra a Escuridão. Enquanto isso, Frodo e Sam penetram na terra de Mordor, em sua empreitada heróica para destruir o Anel.

NOTA À EDIÇÃO BRASILEIRA

Esta nova tradução brasileira de O Senhor dos Anéis foi feita a partir da edição integral em um volume, The Lord of the Ring, Londres, Harper Collms Publishers, 1991, e submetida à apreciação de Frank Richard Williamson e Christopher Reuel Tolkien, executores do espólio de John Ronald Reuel Tolkien.

A tradução ficou a cargo de Lenita Maria Rímoli Esteves, Mestre em Tradução pelo Instituto de Estudos Lingüísticos da UNICAMP. A revisão do texto e a tradução dos poemas foram realizadas por Almiro Pisetta, Professor de Literatura de Língua Inglesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Ronald Eduard Kyrmse, membro da Tolkien Society e de seu grupo de estudos lingüísticos, "Quendily", especialista na obra de J. R. R. Tolkien, encarregou-se da revisão final.

PREFÁCIO

Esta história cresceu conforme foi sendo contada, até se tornar uma história da Grande Guerra do Anel, incluindo muitas passagens da história ainda mais antiga que a precedeu. O conto foi iniciado logo depois que o Hobbit foi escrito e antes de sua publicação, em 1937; mas não continuou nessa seqüência, pois eu queria primeiro completar e colocar em ordem a mitologia e as lendas dos Dias Antigos, que já vinham tomando forma havia alguns anos. Quis fazer isso para minha própria satisfação, e tinha alguma esperança de que outras pessoas ficassem interessadas nesse trabalho, especialmente por ser ele fruto de uma inspiração primordialmente lingüística, e por ter sido iniciado a fim de fornecer o pano de fundo "histórico" necessário para as línguas élficas.

Quando aqueles a quem pedi opinião e aconselhamento corrigiram alguma esperança por nenhuma esperança, eu voltei à seqüência, encorajado pelos leitores que solicitavam mais informações sobre os hobbits e suas aventuras. Mas a história foi levada irresistivelmente em direção ao mundo mais antigo e tornou-se, por assim dizer, um relato de seu fim e extinção, antes que o início e o meio tivessem sido contados.

O processo havia começado enquanto eu estava escrevendo O Hobbit, no qual já havia algumas referências ao material mais antigo: Elrond, Gondolin, os Altos-Elfos e os orcs, além de passagens que surgiram espontaneamente e tratavam de coisas mais elevadas ou profundas ou obscuras do que poderiam parecer à primeira vista: Durin, Moria, Gandalf, o Necromante e o Anel. A descoberta da importância dessas passagens e de sua relação com as histórias antigas revelou a Terceira Era e seu apogeu na Guerra do Anel.

Aqueles que pediram por mais informações sobre os hobbits finalmente as conseguiram, mas tiveram de esperar um longo tempo, pois a composição de O Senhor dos Anéis aconteceu em intervalos entre os anos de 1936 e 1949, um período no qual eu tinha muitos deveres que não negligenciei, e muitos outros interesses como estudante e professor que freqüentemente me absorviam. A demora, sem dúvida, aumentou com o estouro da guerra em 1939, e no final desse ano eu ainda não tinha terminado o Livro 1. Apesar da escuridão dos cinco anos seguintes, descobri que a história não Podia ser inteiramente abandonada, e continuei de maneira árdua, principalmente à noite, até parar perante o túmulo de Balin em Moria. Ali fiz uma Pausa prolongada. Já se passara quase um ano quando comecei de novo, e então cheguei a Lothlórien e ao Grande Rio, no final de 1941. No ano seguinte escrevi os primeiros rascunhos do material que agora representa o Livro III e os inícios dos Capítulos I e III do Livro V, e ali, quando os faróis se iluminaram em Anórien e Théoden chegou ao Vale Harg, eu parei. A previsão falhara e

não havia tempo para reconsiderar.

Foi durante 1944 que, deixando as pontas soltas e as perplexidades de uma guerra que eu tinha por tarefa conduzir, ou ao menos reportar, eu me forcei a lidar com a viagem de Frodo a Mordor. Esses capítulos, que finalmente se tornaram o Livro IV, foram escritos e enviados em forma de seriado ao meu filho, Christopher, que naquela época estava na África do Sul com a Royal Air Force. Todavia, passaram-se mais cinco anos até o Conto chegar ao seu fim atual ; nesse tempo, troquei de casa, de cargo e de universidade, e, embora os dias fossem menos sombrios, não eram menos árduos. Então, quando o "final" fora atingido, a história inteira precisava ser revisada e, na verdade, em grande parte reescrita. E precisava ser datilografada, e redatilografada, por mim; o custo do trabalho de um profissional que usava os dez dedos estava além das minhas possibilidades.

O Senhor dos Anéis foi lido por muitas pessoas desde que finalmente foi lançado na forma impressa, e eu gostaria de dizer algumas coisas aqui, com referência às muitas suposições ou opiniões, que obtive ou li, a respeito dos motivos e do significado da história.

O motivo principal foi o desejo de um contador de histórias de tentar fazer uma história realmente longa, que prendesse a atenção dos leitores, que os divertisse, que os deliciasse e às vezes, quem sabe, os excitasse ou emocionasse profundamente. Como parâmetro eu tinha apenas meus próprios sentimentos a respeito do que seria atraente ou comovente, e p ara muitos o parâmetro foi inevitavelmente uma falha constante. Algumas pessoas que leram o livro, ou que de qualquer forma fizeram uma crítica dele, acharam-no enfadonho, absurdo ou desprezível; e eu não tenho razões para reclamar, uma vez que tenho opiniões similares a respeito do trabalho dessas pessoas, ou dos tipos de obras que elas evidentemente preferem. Mas, mesmo do ponto de vista de muitos que gostaram de minha história, há muita coisa que deixa a desejar. Talvez não seja possível numa história longa agradar a todos em todos os pontos, nem desagradar a todos nos mesmos pontos; pois, pelas cartas que recebi, percebo que as passagens ou capítulos que para alguns são uma lástima são especialmente aprovados por outros. O leitor mais crítico de todos, eu mesmo, agora encontra muitos defeitos, menores e maiores, mas, felizmente, não tendo a obrigação de criticar o livro ou escrevê-lo novamente, passará sobre eles em silêncio, com a exceção de um defeito que foi notado por alguns: o livro é curto demais.

Quanto a qualquer significado oculto ou "mensagem", na intenção do autor estes não existem.

O livro não é nem alegórico e nem se refere a fatos contemporâneos. Conforme a história se desenvolvia, foi criando raízes (no passado) e lançou ramos inesperados: mas seu tema principal foi definido no início pela inevitável escolha do Anel como o elo entre este livro e o Hobbit. O capítulo crucial, "A sombra do passado", é uma das partes mais antigas do conto. Foi escrito muito antes que o prenúncio de 1939 se tornasse uma ameaça de desastre inevitável, e desse ponto a história teria sido desenvolvida essencialmente na mesma linha, mesmo que o desastre tivesse sido evitado. Suas fontes são coisas que já estavam presentes na mente muito antes, ou em alguns casos já escritas, e pouco ou nada foi modificado pela guerra que começou em 1939 ou suas seqüelas.

A verdadeira guerra não se assemelha à guerra lendária em seu pro cesso ou em sua conclusão. Se ela houvesse inspirado ou conduzido o desenvolvimento da lenda, então certamente o Anel teria sido apreendido e usado contra Sauron; este não teria sido aniquilado, mas escravizado, e Barad-dûr não teria sido destruída, mas ocupada.

Saruman, não conseguindo se apoderar do Anel, teria em meio à confusão e às traições da época encontrado em Mordor as conexões perdidas em suas próprias pesquisas

sobre a Tradição do Anel, e logo teria feito um Grande Anel para si próprio, com o qual poderia desafiar o pretenso soberano da Terra-média.

Nesse conflito, ambos os lados teriam considerado os hobbits com ódio e desprezo: estes não teriam sobrevivido por muito tempo, nem mesmo como escravos.

Outros arranjos poderiam ser criados de acordo com os gostos ou as visões daqueles que gostam de alegorias ou referências tópicas. Mas eu cordialmente desgosto de alegorias em todas as suas manifestações, e sempre foi assim desde que me tornei adulto e perspicaz o suficiente para detectar sua presença. Gosto muito mais de histórias, verdadeiras ou inventadas, com sua aplicabilidade variada ao pensamento e à experiência dos leitores. Acho que muitos confundem "aplicabilidade" com "alegoria"; mas a primeira reside na liberdade do leitor, e a segunda na dominação proposital do autor.

É claro que um autor não consegue evitar ser afeta do por sua própria experiência, mas os modos pelos quais os germes da história usam o solo da experiência são extremamente complexos, e as tentativas de definição do processo são, na melhor das hipóteses, suposições feitas a partir de evidências inadequadas e ambíguas. Também não é verdadeiro, embora seja naturalmente atraente, quando as vidas de um autor e de um crítico se justapõem, supor que os movimentos do pensamento e os eventos das épocas comuns a ambos tenham sido necessariamente as influências mais poderosas. Na verdade, é preciso estar pessoalmente sob a sombra da guerra para sentir totalmente sua opressão; mas, conforme os anos passam, parece que fica cada vez mais esquecido o fato de que ser apanhado na juventude por 1914 não foi uma experiência menos terrível do que ficar envolvido com 1939 e os anos seguintes. Em 1918, todos os meus amigos íntimos, com a exceção de um, estavam mortos. Ou, para falar de um assunto menos triste: algumas pessoas supuseram que "O expurgo do Condado" reflete a situação da Inglaterra na época em que eu terminava minha história. Isso não é verdade. Esse capítulo é uma parte essencial do enredo, previsto desde o início, embora neste episódio tenha sido modificado pelo modo como o caráter de Saruman se configura na história, sem, é preciso que eu diga, qualquer significado alegórico ou referência política de qualquer tipo. Ele tem de fato alguma base na experiência, embora pequena (a situação econômica era totalmente diferente), e muito anterior. O lugar em que vivi na infância estava sendo lamentavelmente destruído antes que eu completasse dez anos, numa época em que automóveis eram objetos raros (eu nunca tinha visto um) e os homens ainda estavam construindo ferrovias suburbanas. Recentemente vi num jornal a fotografia da ruína do outrora próspero moinho de milho ao lado de seu lago que muito tempo atrás me parecia tão importante. Jamais gostei da aparência do Moleiro jovem, mas seu pai, o Moleiro velho, tinha uma barba preta, e seu nome não era Ruivão.

PRÓLOGO

A respeito de hobbits

Em grande parte, este livro trata de hobbits, e através de suas páginas o leitor pode descobrir muito da personalidade deles e um pouco de sua história. Informações adicionais podem ser obtidas na seleção feita a partir do Livro Vermelho do Marco Ocidental, já publicada sob o título de O Hobbit. Essa história originou-se dos primeiros capítulos do Livro Vermelho, escritos pelo próprio Bilbo, o primeiro hobbit a se tornar famoso no mundo todo, e chamados por ele de Lá e de Volta Outra Vez, porque relatavam a sua viagem para o Leste e sua volta: uma aventura que mais tarde envolveria todos os hobbits nos grandes acontecimentos daquela Era relatados aqui.

Entretanto, muitos podem desejar desde o início saber mais sobre esse povo notável, uma vez que alguns podem não possuir o primeiro livro. Para esses leitores, aqui vão algumas notas sobre os pontos mais importantes dos hobbits, e um rápido resumo da primeira aventura.

Os hobbits são um povo discreto mas muito antigo, mais numeroso outrora do que é hoje em dia. Amam a paz e a tranqüilidade e uma boa terra lavrada: uma região campestre bem organizada e bem cultivada era seu refúgio favorito. Hoje, como no passado, não conseguem entender ou gostar de máquinas mais complicadas que um fole de forja, um moinho de água ou um tear manual, embora sejam habilidosos com ferramentas. Mesmo nos tempos antigos, eles geralmente se sentiam intimidados pelas "Pessoas Grandes", que é como nos chamam, e atualmente nos evitam com pavor e estão se tornando difíceis de encontrar. Têm ouvidos agudos e olhos perspicazes, e, embora tenham tendência a acumular gordura na barriga e a não se apressar desnecessariamente, são ligeiros e ágeis em seus movimentos. Possuem, desde o início, a arte de desaparecer rápida e silenciosamente, quando pessoas grandes que não desejam encontrar aparecem pelos caminhos aos trambolhões; e desenvolveram essa arte a tal ponto que para os homens ela pode parecer magia. Mas os hobbits na verdade nunca estudaram qualquer tipo de magia, e sua habilidade para desaparecer se deve somente a um talento profissional que a hereditariedade, a prática e uma relação íntima com a terra tornaram inimitáveis por raças maiores e mais desengonçadas.

São um povo pequeno, menores que os anões: menos robustos e troncudos, quer dizer, mesmo que na realidade não sejam muito mais altos, a Sua altura é variável, indo de 60 centímetros a 1 metro e 20 centímetros em nossa medida. Raramente chegam a 1 metro e meio; mas eles diminuíram pelo que dizem, e em tempos antigos eram maiores. De acordo com o Livro Vermelho, Bandobras Túk (Urratouro), filho de Isengrim II, tinha 1 metro e 33 centímetros de altura e conseguia montar um cavalo. Ele só foi supera do em todos os recordes hobbitianos por dois personagens famosos de antigamente, mas essa interessante questão é tratada neste livro.

Quanto aos hobbits do Condado, enfocados nesses contos, nos tempos de paz e prosperidade eram um povo alegre. Vestiam-se com cores vivas gostando notadamente de verde e amarelo, mas raramente usavam sapatos uma vez que seus pés tinham solas grossas como couro e eram cobertos por pêlos grossos e encaracolados, muito parecidos com os que tinham na cabeça, que eram geralmente castanhos. Dessa forma, o único oficio pouco praticado entre eles era a manufatura de sapatos, mas tinham dedos longos habilidosos e podiam fazer muitas outras coisas úteis e graciosas. Em geral seus rostos eram mais simpáticos que bonitos; largos, com olhos brilhantes, bochechas vermelhas e

bocas prontas para rir e para comer e beber. Assim eles riam, comiam e bebiam, freqüentemente e com entusiasmo, gostando de brincadeiras a qualquer hora, e também de cinco refeições por dia (quando podiam tê-las). Eram hospitaleiros e adoravam festas e presentes que ofereciam sem reservas e aceitavam com gosto.

É fato que, apesar de um estranhamento posterior, os hobbits são nossos parentes: muito mais próximos que os elfos, ou mesmo que os anões. Antigamente, falavam a língua dos homens, à sua própria maneira, e em grande parte gostavam e desgostavam das mesmas coisas que os homens.

Mas qual é exatamente nosso parentesco não se pode mais descobrir. A origem dos hobbits se situa nos Dias Antigos, agora perdidos e esquecidos.

Apenas os elfos preservam registros dessa época extinta, e suas tradições trata quase que inteiramente de sua própria história, na qual os homens apare cem raramente e os hobbits não são mencionados. Mas não há dúvida de que os hobbits, de fato, viveram sossegadamente na Terra-média por muitos anos antes que qualquer outro povo tomasse conhecimento deles. E estando o mundo afinal de contas cheio de inumeráveis criaturas estranhas, esse pequeno povo parecia ter muito pouca importância. Mas na época de Bilbo e de Frodo, seu herdeiro, eles repentinamente se tornaram, sem que o desejassem, tanto importantes quanto renomados, e atrapalharam as deliberações dos Sábios e dos Grandes.

Aqueles dias, a Terceira Era da Terra-média, já se passaram há muito tempo, e o formato de todas as terras f oi mudado; mas as regiões habitadas pelos hobbits dessa época são sem dúvida as mesmas onde eles ainda permanecem: o Noroeste do Velho Mundo, a Leste do Mar. De sua terra natal, os hobbits da época de Bilbo não preservavam nenhum conhecimento. O amor por aprender coisas novas (que não fossem registros genealógicos) estava longe de ser comum entre eles, mas ainda restavam alguns nas famílias mais antigas que estudavam seus próprios livros, e até reuniam relatos de tempos antigos e terras distantes feitos por elfos, anões e homens. Seus próprios registros começaram apenas depois da fundação do Condado, e suas lendas mais antigas raramente são anteriores aos seus Dias Errantes.

Entretanto, está claro, a partir dessas lendas e das evidências de suas palavras e hábitos peculiares, que os hobbits, como muitos outros povos, se dirigiram para o Oeste no passado. Suas histórias mais antigas parecem ser de um tempo em que eles moravam nos vales superiores de Anduin, entre a orla da Grande Floresta Verde e as Montanhas Sombrias. Já não se conhece com certeza a razão pela qual empreenderam a tarefa árdua e perigosa de atravessar as montanhas e chegar até Eriador.

Seus próprios depoimentos falam da multiplicação dos homens n a terra, e de uma sombra que desceu sobre a floresta, de modo que esta ficou escura e seu nome passou a ser Floresta das Trevas.

Antes de atravessar as montanhas, os hobbits já se haviam dividido em três raças relativamente diferentes: Pés-peludos, Grados e Cascalvas. Os Péspeludos tinham a pele mais escura, eram menores e mais baixos, não tinham barbas ou botas; suas mãos e pés eram destros e ágeis e eles preferiam as regiões serranas e as encostas de montanhas. Os Grados tinham uma constituição mais encorpada e pesada: suas mãos e pés eram maiores, e preferiam planícies e regiões banhadas por rios. Os Cascalvas tinham a pele e o cabelo mais claros, eram mais altos e esguios que os outros e eram amantes de árvores e florestas.

Os Pés-peludos tinham muito a ver com os anões em épocas antigas, e viveram por muito tempo nos pés das montanhas. Migraram cedo em direção ao oeste, e vagaram até Eriador chegando ao Topo do Vento, enquanto os outros ainda estavam nas Terras Ermas. Eram a variedade mais comum e representativa de hobbits, e sem dúvida a mais

numerosa. Eram os mais inclinados a se acomodar em um único lugar, e preservaram por mais tempo o hábito ancestral de viver em túneis e tocas.

Os Grados permaneceram por mais tempo ao longo das margens do Grande rio Anduin, e eram menos reservados em relação aos homens.

Migraranm, para o Oeste depois dos Pés-peludos e seguiram o curso do Ruidoságua em direção ao sul, e ali muitos deles moraram por um longo tempo entre Tharbad e os limites da Terra Parda, antes de rumar para o Norte novamente.

Os Cascalvas, os menos numerosos, eram um ramo do Norte. Tinham um contato mais amigável com os elfos do que os outros hobbits, e tinham mais habilidade com línguas e música do que com trabalhos manuais. E desde antigamente preferiam caçar a lavrar a terra. Eles cruzaram as montanhas ao norte de Valfenda e desceram o rio Fontegris. Em Eriador, rapidamente se mesclaram com os outros tipos que os haviam precedido, mas, sendo relativamente maiores e mais aventureiros, eram freqüentemente tidos como líderes ou chefes entre os clãs de Pés-peludos ou de Grados. Mesmo no tempo de Bilbo, ainda se podiam notar os fortes traços de Cascalvas entre as famílias maiores, como os Túks e os Mestres da Terra dos Buques.

Na região oeste de Eriador, entre as Montanhas Sombrias e as Montanhas de Lún, os hobbits encontraram tanto homens quanto elfos. Na verdade, ainda morava lá um remanescente dos Dúnedain, os reis dos homens que chegaram de Ponente pelo Mar; mas eles estavam desaparecendo rapidamente, e as terras de seu Reino do Norte estavam se deteriorando por toda a região. Havia espaço de sobra para os que chegavam, e logo os hobbits começaram a se assentar em comunidades organizadas. Muitas de suas comunidades mais antigas tinham desaparecido e caído em total esquecimento na época de Bilbo; mas uma das primeiras a se tornar importante ainda permanecia, embora reduzida em tamanho; situava-se em Bri e na Floresta Chet que ficava nas redondezas, a umas quarenta milhas do Condado.

Foi nesses tempos primordiais, sem dúvida, que os hobbits aprenderam suas letras e começaram a escrever na maneira dos Dúnedain, que por sua vez tinham aprendido a arte muito antes com os elfos. E nessa época eles também esqueceram todas as línguas usadas anteriormente, e depois disso sempre falaram a Língua Geral, o Westron, que era como a chamavam nas terras dos reis desde Arnor até Gondor, e em toda a costa marítima desde Belfalas até Lúri. Mesmo assim, eles ainda p reservavam do passado algumas palavras próprias, bem como seus próprios nomes de meses e dia e uma grande quantidade de nomes de pessoas.

Por volta dessa época, as lendas entre os hobbits se tornaram pela primeira vez história, com uma contagem de anos. P ois foi no ano 1601 da Terceira Era que os irmãos Cascalvas, Marcho e Blanco, partiram de Bri, e tendo obtido permissão do rei em Fornost, cruzaram o escuro rio Barandum acompanhados de muitos hobbits.

Atravessaram a Ponte dos Arcos de Pedra, construída n a época de poder do Reinado do Norte, e tomaram toda terra além dela para ali morar, entre o rio e as Colinas Distantes.

Tudo que se exigia deles era que fizessem a manutenção da Grande Ponte e de todas as outras pontes e estradas, que facilitassem a passagem dos mensageiros do rei e que reconhecessem seu poder.

Nota 1. Conforme os relatos de Gondor, este rei era Argeleb II, o vigésimo da linhagem do Norte, que terminou com Arvedui, três séculos depois.

Assim teve início o Registro do Condado, pois o ano em que cruzaram o rio

Brandevin (assim rebatizado pelos hobbits) se tornou o Ano Um do condado, e todas as datas posteriores se baseiam nessa.

Imediatamente os hobbits do Oeste se apaixonaram por sua nova terra e lá permaneceram, e assim rapidamente mais uma vez desapareceram da história dos homens e dos elfos. Enquanto ainda havia um rei, eram seus súditos nominais; mas na verdade eram governados por seus próprios líderes e não se misturavam de modo algum com os acontecimentos do mundo lá fora.

Na última batalha em Fornost contra o Rei dos Bruxos de Angmar, enviaram alguns arqueiros para ajudar o rei, ou pelo menos assim afirmavam, embora nenhuma história dos homens conforme a informação. Mas com aquela guerra o Reinado do Norte acabou; e então os hobbits tomaram a terra para si próprios, e escolheram entre seus próprios chefes um Thain para ocupar o lugar de autoridade do rei que havia partido. Ali, por mil anos, tiveram poucos problemas com guerras, e prosperaram e se multiplicaram depois da Peste Negra (R.C. 37) até o desastre do Inverno Longo e a penúria que o seguiu. Milhares pereceram nessa época, mas os Dias de Privação já estavam distantes na época desta história, e os hobbits tinham se acostumado novamente com a fartura. A terra era rica e boa, e, embora já estivesse abandonada por muito tempo quando lá chegaram, fora bem cultivada antes, e ali o rei possuíra muitas fazendas, plantações de milho, vinhedos e bosques.

A terra se estendia por 120 milhas desde as Colinas Distantes até a Ponte do Brandevin, e por 150 milhas dos pântanos do norte até os charcos do sul. Os hobbits a chamaram de Condado, sendo a região de autoridade de seu Thain e um distrito de negócios bem-organizados; e ali, naquele canto agradável do mundo, exerceram sua bem organizada atividade de viver e prestavam cada vez menos atenção ao mundo de fora, onde coisas obscuras aconteciam, chegando a pensar que paz e fartura fossem a regra na Terra-média e o direito de todas as Pessoas sensatas.

Esqueceram ou ignoravam o pouco que sabiam dos Guardiões e dos trabalhos daqueles que possibilitavam a paz prolongada do Condado. Na verdade, eles estavam protegidos, mas deixaram de se lembrar disso.

Em tempo algum, hobbits de qualquer tipo foram amantes da guerra, e nunca guerrearam entre si. Em tempos antigos, é claro, viram-se freqüentemente obrigados a lutar para se manterem num mundo difícil; mas na época de Bilbo esta já era uma história muito antiga. A última batalha antes de esta história começar, e na verdade a única que aconteceu dentro dos limites do Condado, estava além da memória viva: a Batalha dos Campos Verdes, R.C. 1147, na qual Bandobras Túk expulsou os orcs que tinham invadido a região. Até mesmo o clima ficara mais ameno, e os lobos que uma vez chegavam famintos fugindo do Norte, durante amargos invernos brancos, eram apenas uma história contada pelos avós. Dessa forma, embora ainda houvesse um pequeno estoque de armas no Condado, estas eram usadas geralmente como troféus, penduradas sobre lareiras ou nas paredes, ou reunidas no museu em Grã Cava. A Casa-mathom, era como se chamava; pois qualquer coisa que os hobbits não fossem utilizar imediatamente, mas que não quisessem jogar fora, eles chamavam de mathom. Suas moradias podiam vir a ficar cheias de mathoms, e muitos dos presentes que passavam de mão em mão eram desse tipo.

Nota 2. Dessa forma, os anos da Terceira Era no registro dos elfos e dos Dúnedam podem ser achados somando-se 1.600 às datas do Registro do Condado.

Entretanto, a paz e a tranqüilidade tinham tornado este povo curiosamente resistente. Se a situação exigisse, eram difíceis de intimidar ou matar e eram, talvez, tão

incansavelmente afeiçoados às coisas boas quanto, quando necessário, capazes de passar sem elas, e podiam sobreviver à ação rude da tristeza, do clima ou do inimigo de um modo que surpreendia aqueles que não os conheciam direito e não enxergavam além de suas barrigas e de seus rostos bem-alimentados. Embora demorassem para discutir e não matassem nenhum ser vivente por esporte, eram valentes quando em apuros , se fosse preciso sabiam ainda manejar armas. Atiravam bem com o arco pois seus olhos eram perspicazes e certeiros no alvo. Não apenas com arco e flechas.

Se qualquer hobbit se abaixasse para pegar uma pedra era bom logo se proteger, como bem sabiam todos os animais transgressores.

Todos os hobbits viviam originalmente em tocas no chão, ou assim acreditavam, e nesse tipo de moradia ainda se sentiam mais à vontade; mas com o passar do tempo foram obrigados a adotar outros tipos de habitação Na verdade, no Condado da época de Bilbo, geralmente apenas os mais rico e os mais pobres mantinham o antigo hábito.

Os mais pobres foram viver em tocas do tipo mais primitivo, na verdade meros buracos com apenas um ou nenhuma janela, enquanto os abastados ainda construíam versões
mais luxuosas das escavações simples de antigamente. Mas locais adequado para esses tipos de túneis grandes e ramificados (ou smials, como os chamavam) não se encontravam em qualquer lugar, e nas planícies e nos distritos baixos os hobbits, conforme se multiplicavam, começaram a construir acima do solo.

Na verdade, mesmo nas regiões montanhosas das aldeias mais antigas, como a Vila dos Hobbits ou Tuqueburgo, ou no distrito principal do Condado, que se chamava Grã Cava e ficava sobre as Colinas Brancas, havia agora muitas casas de madeira, tijolo ou pedra. Estas eram especialmente preferidas por mineiros, ferreiros, cordoeiros e carreteiros e outros profissionais do tipo, pois mesmo na época em que tinham tocas onde morar, os hobbits já estavam havia muito tempo acostumados a construir oficinas e barracões.

Afirmava-se que o hábito de construir celeiros e casas-grandes teve início entre os habitantes do Pântano, na região do rio Brandevin. Os hobbits dessa região, a Quarta Leste, eram bastante grandes e tinham pernas volumosas, e usavam botas de anões quando o tempo estava úmido e havia lama no chão. Mas eram conhecidos por ter uma boa quantidade de sangue Grado, como de fato se demonstrou pela penugem que muitos deles tinham no queixo. Nenhum dos Pés-peludos ou dos Cascalvas tinha qualquer sinal de barba. Na verdade, o pessoal do Pântano, e da Terra dos Buques, a leste do Rio, que eles ocuparam posteriormente, vieram em sua maior parte para o Condado mais tarde, procedendo do Sul; e ainda tinham muitos nomes peculiares e usavam palavras estranhas não encontradas em nenhuma outra região do Condado.

É provável que o oficio da construção, além de muitos outros ofícios, tenha sido copiado dos Dúnedain. Mas os hobbits podem ter aprendido diretamente com os elfos, os professores dos homens quando jovens. Pois os elfos da Alta Linhagem ainda não haviam abandonado a Terra-média e naquela época ainda moravam nos Portos Cinzentos, no longínquo Oeste, e em outros lugares dentro dos domínios do Condado.

Três torres élficas de tempos imemoriais ainda podiam ser vistas nas Colinas das Torres, além das fronteiras do Oeste. Brilhavam de longe à luz da lua. A mais alta ficava mais distante, erguendo-se solitária sobre uma colina verde.

Os hobbits da Quarta Oeste diziam que se podia ver o Mar do alto daquela torre; mas jamais se soube de um hobbit que tivesse estado lá. Na verdade, poucos hobbits já tinham visto o Mar ou navegado nele, e menos ainda retornaram para contar o que fizeram. A maioria dos hobbits encarava mesmo os rios e pequenos barcos com grande

apreensão, e poucos sabiam nadar. E conforme os dias do Condado se alongavam, eles falavam cada vez menos com os elfos, e se tornaram receosos deles, e desconfiados daqueles que tinham relações com eles; o Mar se tornou uma palavra ameaçadora e um sinônimo de morte, e deram as costas para as colinas e o Oeste.

O oficio da construção pode ter vindo dos elfos ou dos homens, mas os hobbits o usavam a sua própria maneira. Não gostavam de torres. Suas casas eram geralmente compridas, baixas e confortáveis. Os tipos mais antigos eram, na verdade, nada mais que imitações construídas de smials, cobertas com grama seca ou palha ou turfa, e com paredes de certo modo arqueadas. Esse estágio, entretanto, pertenceu aos primeiros tempos do Condado, e as construções dos hobbits tinham sido alteradas havia muito, aprimoradas por métodos aprendidos com os anões ou desenvolvidos por eles próprios. Uma preferência por janelas e mesmo por portas redondas era a Peculiaridade mais importante da arquitetura hobbit.

As casas e tocas dos hobbits do Condado eram sempre grandes, e habitadas por grandes famílias. (Bilbo e Frodo Bolseiro, sendo solteiros, eram muito incomuns, como eram também em muitos outros pontos, (como por exemplo em sua amizade com os elfos.) Algumas vezes, como no caso de Túks de Grandes Smials, ou os Brandebuques da Sede do Brandevin, muitas gerações de parentes viviam em (relativa) paz, juntos numa mansão ancestral e de muitos túneis. Todos os hobbits, de qualquer modo tinham tendência a viver em clãs, e tratavam seus parentes com muita atenção e cuidado. Desenhavam grandes e elaboradas árvores genealógicas com ramos inumeráveis. Em se tratando de hobbits é importante lembrar quem é parente de quem, e em que grau. Seria impossível neste livro esboçar uma árvore genealógica que incluísse mesmo apenas os mais importantes membros das famílias mais importantes da época da qual esses contos trataram. As árvores genealógicas no final do Livro Vermelho do Marco Ocidental são em si um pequeno volume, e todos, com a exceção dos hobbits, as considerariam excessivamente enfadonhas.

Os hobbits se deliciavam com esse tipo de coisas, quando eram precisas: gostavam de ter os livros repletos de coisas que já conheciam, colocadas preto no branco, sem contradições. A respeito da erva-de-fumo Existe uma outra coisa a respeito dos hobbits que deve ser mencionada, um hábito surpreendente: eles inspiravam ou inalavam, através de um tubo de barro ou madeira, a fumaça derivada da queima de folhas de uma erva que chamavam de erva-de-fumo ou folha, provavelmente uma variedade Nicotiana. Um mistério enorme envolve a origem desse hábito peculiar, “arte”, como os hobbits preferiam chamá-lo. Tudo o que se pôde descobrir sobre isso na antiguidade foi recolhido por Meriadoc Brandebuque (depois Mestre da Terra dos Buques), e, uma vez que ele e o tabaco da Quarta Sul têm um papel na história que se segue, suas observações na introdução de seu Registro das Ervas do Condado merecem transcrição: “Esta”, diz ele, “é uma arte que se pode certamente descrever como uma invenção nossa. Quando os hobbits começaram a fumar não se sabe, nenhuma lenda ou história familiar questiona o assunto; por muito tempo as pessoas do Condado fumaram várias ervas, algumas mais fortes, outras mais suaves. Mas todos os registros concordam com o fato de que Tobol Corneteiro, do Vale Comprido, na Quarta Sul, cultivou pela primeira vez a verdadeira erva-de-fumo em seus jardins na época de Isengrim II, por volta do ano 1070 do Registro do Condado. As melhores ervas de cultivo doméstico ainda vêm desse distrito, especialmente as variedades hoje conhecidas como Folha do Vale Comprido, Velho Toby e Estrela do Sul.

Como o Velho Toby encontrou a planta não está registrado, pois até o dia de sua morte não o disse a ninguém. Sabia muito sobre ervas, mas não era um viajante.

Comenta-se que em sua juventude ele sempre ia a Bri, embora certamente nunca tenha ido além desse ponto. Dessa forma, é muito possível que tenha conhecido essa planta em Bri, onde atualmente, de qualquer modo, ela cresce muito bem nas encostas da colina voltadas para o Sul. Os hobbits de Bri dizem ter sido os primeiros a realmente fumar a erva-de-fumo. Eles dizem, é claro, que fizeram tudo antes das pessoas do Condado, a quem se referem como "colonos"; mas neste caso acredito que o que dizem é correto. E certamente foi de Bri que a arte de fumar a erva genuína se espalhou nos séculos recentes entre anões e outros povos semelhantes, guardiões, magos, ou andarilhos, que ainda passavam indo e vindo por aquela encruzilhada antiga. O reduto e o centro da arte podem desse modo ser encontrados na velha hospedaria de Bri, O Pônei Saltitante, conservada pela família de Carrapicho desde tempos imemoriais.

Mesmo assim, as observações que fiz em minhas viagens para o Sul me convenceram de que a erva não é nativa da nossa parte do mundo, mas veio do norte do Anduin inferior, e até ali foi trazida, suspeito eu, originalmente do outro lado do Mar por homens de Ponente. Ela cresce de forma abundante em Gondor, e ali é mais rica e maior que no Norte, onde nunca é encontrada na forma selvagem e floresce apenas em lugares cobertos e aquecidos como o Vale Comprido. Os homens de Gondor a chamam de doce galenas, e a estimam somente pela fragrância de suas flores.

Dessa terra ela deve ter sido levada através do Caminho Verde, durante os longos séculos entre a vinda de Elendil e os dias atuais. Mas mesmo os Dúnedam de Gondor nos dão este crédito: os hobbits pela primeira vez colocaram a erva em cachimbos. Nem mesmo os magos pensaram nisso antes que nós. Apesar de um mago que eu conheço ter aderido à arte há muito tempo, tornando-se habilidoso nela como em qualquer outra coisa em que se mete.

Sobre a organização do Condado

O Condado se dividia em quatro partes, as Quartas já citadas, Norte, Sul, Leste e Oeste; e estas por sua vez novamente se dividiam em vários Povoados, que ainda levam os nomes de algumas das famílias mais importantes, embora no tempo desta história esses nomes não fossem mais encontrados apenas em seus próprios povoados.

Quase todos os Túks ainda viviam na Terra dos Túks, mas não se pode dizer o mesmo de muitas outras famílias, como os Bolseiros e os Boffins. Para além das Quartas ficavam os Marcos Leste e Oeste: a Terra dos Buques; e o Marco Ocidental adicionado ao Condado em R.C. 1462.

Nessa época o Condado mal tinha um "governo". Na maioria das vezes as famílias cuidavam de seus próprios negócios. Cultivar comida comê-la ocupava a maior parte de seu tempo. Em outros assuntos eles eram em geral, generosos e não gananciosos, mas satisfeitos e moderados, de modo que terras, fazendas, oficinas e pequenos comércios tendiam a permanecer inalterados por gerações.

Permanecia, é claro, a antiga tradição, acerca do Alto Rei de Fornost, ou Cidadela do Norte, como chamavam o lugar ao norte do Condado. Mas não tinha havido um rei por mais de mil anos, e mesmo as ruínas do Rei da Cidadela do norte estavam cobertas pelo mato. Mas os hobbits ainda comentava m sobre povos selvagens e coisas perversas (como trolls) que não tinham ouvido falar do rei. Pois eles atribuíam ao rei de outrora todas as

suas regras essenciais; e geralmente mantinham as leis do livre-arbítrio, pois estas eram As Regras (como diziam), tão antigas quanto justas.

É verdade que a família Túk tinha se destacado havia muito tempo pois o ofício de Thain tinha passado a eles (dos Velhobuques) alguns séculos antes, e o chefe Túk levava o título desde essa época. O Thain era o mestre do Tribunal d o Condado, e capitão das Tropas do Condado e dos Hobbit em-armas, mas como tribunais e exércitos só eram organizados em tempo de emergência, que não ocorriam mais, o título de Thain não era agora mais que uma honraria. A família Túk ainda era, na verdade, tratada com um respeito especial, pois permanecia numerosa e extremamente rica, e tinha habilidades de produzir em cada geração grandes personalidades de hábitos peculiares e até de temperamento aventureiro. Esta última qualidade entretanto, era atualmente mais tolerada (nos ricos) do que propriamente aprovada. Permaneceu o costume, entretanto, de se referir ao chefe da família como O Túk, e de se adicionar ao seu nome, se necessário, um numero: como Isengrim II, por exemplo.

O único cargo oficial no Condado nessa época era o de Prefeito Grã Cava (e do Condado), que era eleito a cada sete anos na Feira Livre nas Colinas Brancas no Lithe, isto é, no Solstício de Verão. Como Prefeito, quase seu único dever era presidir banquetes, oferecidos nos feriados do Condado, que ocorriam a intervalos freqüentes.

Mas os cargos de Agente Postal e de Primeiro Condestável foram acrescentados ao de Prefeito, de modo que este gerenciava tanto o Serviço de Mensagens como a Patrulha.

Estes eram os únicos funcionários do Condado, e os Mensageiros eram os mais numerosos e os mais ocupados dos dois. Os hobbits não eram, de modo algum, todos letrados, mas os que eram escreviam constantemente para todos os seus amigos (e para alguns de seus parentes) que viviam em lugares mais distantes do que uma caminhada vespertina podia alcançar.

"Condestáveis" foi o nome que os hobbits deram à sua polícia, ou ao seu equivalente mais próximo. Eles não tinham, obviamente, uniformes (essas coisas eram desconhecidas por eles), só uma pena em seus chapéus; e na prática estavam mais para pastores que para policiais, mais envolvidos com animais perdidos que com pessoas. Havia apenas doze deles em todo o Condado, três em cada Quarta, para Trabalho Interno. Uma corporação bem maior, que variava em tamanho conforme a necessidade, estava encarregada de "bater as fronteiras" e cuidar que os forasteiros de qualquer tipo, grandes ou pequenos, não se transformassem num incômodo.

Na época em que esta história começa, os Fronteiros, como eram chamados, tinham aumentado bastante. Havia muitos relatos e reclamações de pessoas e criaturas estranhas rondando as fronteiras, ou a região delas: o primeiro sinal de que nem tudo estava como deveria estar, e sempre havia estado, a não ser nas histórias e lendas de antigamente. Poucos perceberam o sinal, e até mesmo Bilbo não tinha qualquer noção do que isso representava. Sessenta anos haviam se passado desde que partira em sua memorável viagem, e estava velho mesmo em se tratando de hobbits, que geralmente chegavam aos cem anos; mas ele evidentemente ainda conservava a riqueza considerável que havia trazido. A quantidade nunca fora revelada a ninguém, nem mesmo a Frodo, seu "sobrinho" favorito. E ainda guardava em segredo o Anel que havia achado.

Sobre o Achado do Anel

Como se narra em O Hobbit, um dia chegou à porta de Bilbo o grande mago, Gandalf, o Cinzento, e treze anões junto com ele: na realidade, ninguém mais que Thorin Escudo de Carvalho, descendente de reis, e seus doze companheiros de exílio. Com eles partiu, para sua grande surpresa, numa manhã de abril, no ano de 1341, de acordo com o Registro do Condado, na busca de grandes riquezas, o tesouro acumulado pelos anões e pertencente aos Reis sob a Montanha abaixo de Erebor em Valle, no extremo Leste. A busca foi bem-sucedida e o dragão que guardava o tesouro foi destruído. Mas, embora antes que tudo estivesse terminado, a Batalha dos Cinco Exércitos tenha sido travada e Thorin tenha sido morto, e muitos feitos importantes tenham acontecido, o assunto não teria sido de muito interesse Para a história posterior, ou merecido mais que uma nota nos longos anais da Terceira Era, se não fosse por um "acidente".

O grupo foi assaltado Por orcs numa passagem nas Montanhas Sombria s enquanto ia para as Terras Ermas; e então aconteceu que Bilbo ficou perdido por um tempo nas escuras minas dos orcs sob as montanhas, e ali, quando tateava em vão no escuro, ele pôs a mão sobre um anel que estava no chão de um túnel.

Colocou-o no bolso. Na hora, isso pareceu mera sorte.

Tentando achar a saída, Bilbo desceu até as raízes das montanhas, até que não pudesse ir adiante. No chão do túnel ficava um lago frio, longe da luz, e numa ilha de pedra sobre a água vivia Gollum. Era uma criatura repugnante: remava um pequeno barco com seus grandes pés chatos, e escrutando com olhos pálidos e luminosos e pegando peixes cegos com longos dedos e comendo-os crus. Comia qualquer coisa viva, até mesmo orcs, se pudesse capturá-los e estrangulá-los sem esforço. Possuía um tesouro secreto, que tinha chegado até ele muito tempo atrás, quando ainda vivia na luz: um anel de ouro que fazia com que quem o usasse se tornasse invisível. Era a única coisa que amava, seu "precioso", e conversava com o mesmo quando não o tinha consigo. Guardava-o seguro num esconderijo ,um buraco em sua ilha, a não ser quando estava caçando ou espionando orcs das minas.

Talvez ele tivesse atacado Bilbo imediatamente se estivesse com o anel quando se encontraram; mas não estava, e o hobbit segurava uma faca branca, que lhe servia de espada. Então, para ganhar tempo, Gollum desafiou Bilbo para um jogo de charadas, dizendo que, se propusesse uma charada que Bilbo não conseguisse adivinhar, poderia matá-lo e comê-lo.

Por outro lado, se Gollum fosse derrotado, faria o ordenado por Bilbo: conduzi-lo a saída dos túneis.

Já que estava perdido no escuro e sem esperanças, não podendo ir ir adiante e nem voltar, Bilbo aceitou o desafio e eles propuseram um ao outro muitas charadas. No final Bilbo ganhou o jogo, mais por sorte ao que parece) do que por esperteza; pois tinha ficado em apuros sem ter nenhuma charada a propor, e gritou, quando sua mão alcançou o anel que tinha apanhado e esquecido: O que eu tenho no meu bolso? Isso Gollum não conseguiu responder, embora tivesse exigido três chances.

As Autoridades, é verdade, discordam quanto a essa última pergunta ser uma mera "pergunta" ou uma "charada", de acordo com as regras estritas do Jogo; mas todos concordam que, depois de aceitá-la e tentar acertar a resposta, Gollum se obrigava a cumprir sua promessa. E Bilbo o pressionou a manter sua palavra, pois lhe ocorreu que essa criatura gosmenta poderia voltar atrás, embora essas promessas fossem consideradas sagradas, e desde antigamente apenas as criaturas mais perversas não temiam quebrá-las.

Mas depois de muito tempo sozinho no escuro, Gollum coração negro, e a traição morava nele. Escapou e voltou à sua ilha, da Bilbo não sabia coisa alguma, não muito distante na água escura. Ali, penso u, estava seu anel. Estava faminto agora, e raivoso, e se o seu “precioso” estivesse com ele, não temeria qualquer tipo de arma.

Mas o anel não estava na ilha; ele o havia perdido, sumira. Seu chiado causou arrepios em Bilbo, embora ele ainda não tivesse entendido o que havia acontecido. Mas Gollum tinha descoberto a resposta, tarde demais. O que ele tem nos ssseus bolssssos?, gritou ele. A luz em seus olhos era como uma chama verde, e ele correu de volta para matar o hobbit e recuperar seu “precioso”. Bilbo percebeu o perigo em tempo, e fugiu cegamente pela passagem para longe da água; e mais uma vez foi salvo por sua sorte. Pois enquanto corria colocou a mão no bolso, e o anel escorregou-lhe no dedo. Foi assim que Gollum passou por ele sem vê-lo, e seguiu em frente para guardar a saída, para que o “ladrão” não fugisse. Cuidadosamente, Bilbo o seguiu, conforme ele ia em frente, xingando e conversando consigo mesmo sobre seu “precioso”; dessa conversa Bilbo finalmente descobriu a verdade, e recuperou a esperança na escuridão: ele próprio tinha encontrado o anel e uma chance de escapar dos orcs e de Gollum.

Finalmente pararam perante uma abertura escondida, que levava até os portões inferiores das minas, no lado leste das montanhas. Ali Gollum se agachou, farejando e escutando, e Bilbo se sentiu tentado a matá-lo com sua espada. Mas teve pena, e embora mantivesse o anel, no qual estava sua única esperança, não o usaria como um recurso para matar a criatura ignóbil em desvantagem. No final, juntando toda sua coragem, pulou por cima de Gollum no escuro, e fugiu pela passagem, seguido pelos gritos de ódio e desespero de seu inimigo: Ladrão, ladrão! Bolseiro! Nós odeia ele para sempre!

É curioso o fato de que essa não é a história que Bilbo contou inicialmente a seus companheiros. Para estes disse que Gollum havia prometido dar-lhe um presente se ele ganhasse o jogo; mas quando Gollum foi pegá-lo em sua ilha descobriu que o presente havia sumido: um anel mágico, que lhe tinha sido dado em seu aniversário havia muito tempo. Bilbo adivinhou que era exatamente esse anel que ele havia encontrado, e como tinha ganhado o Jogo, o anel já era seu por direito. Mas, estando numa situação difícil, não disse nada, e obrigou Gollum a mostrar-lhe a saída como recompensa em vez do presente.

Esse relato Bilbo colocou em suas memórias e parece nunca tê-lo alterado, nem mesmo depois do Conselho de Elrond. Evidentemente isso ainda constava no Livro Vermelho original, da mesma forma que em varias cópias e resumos. Mas muitas cópias contém a história verdadeira (como uma alternativa), derivada sem dúvida das notas de Frodo ou Samwise; ambos souberam a verdade, embora não parecessem dispostos a apagar qualquer coisa já escrita pelo velho hobbit.

Gandalf, entretanto, desacreditou da primeira história de Bilbo assim que a escutou e continuou muito curioso a respeito do anel. Finalmente conseguiu saber da verdadeira história pelo próprio Bilbo, depois de muitos questionamentos, que por um tempo estremeceram sua amizade; mas o sábio parecia considerar a verdade importante. Embora não dissesse isso a Bilbo, ele também achava importante, e perturbador, o fato de o bom hobbit não ter contado a verdade desde o começo, o que era contrário aos seus hábitos. A idéia de um “presente” não era uma mera invenção de hobbit, de qualquer forma. Ela lhe foi sugerida, como o próprio Bilbo confessou, pela conversa de Gollum que ele por acaso ouvira; porque Gollum, na verdade, chamou o anel de seu “presente de aniversário” muitas vezes.

Este fato Gandalf também considerou estranho e suspeito, mas só descobriu a verdade sobre ele depois de muitos anos, como se verá neste livro.

Sobre as aventuras posteriores de Bilbo é preciso dizer pouca coisa mais.

Com a ajuda do anel ele escapou dos guardas-orcs no portão e reencontrou seus companheiros.

Usou o anel muitas vezes nessa viagem, principalmente para ajudar seus amigos; mas o manteve em segredo o quanto pôde. Depois de sua volta, nunca mais falou dele para qualquer pessoa, a não ser Gandalf e Frodo, e ninguém mais no Condado sabia de sua existência, ou assim ele pensava. Apenas a Frodo mostrou o relato de sua Viagem que estava escrevendo.

Sua espada, Ferroada, Bilbo pendurou sobre a lareira, e seu maravilhoso casaco de malha de metal, presente que os anões lhe deram e que fazia parte do tesouro do dragão, foi doado a um museu, na verdade à Casa-mathom em Grã Cava. Mas ele mantinha numa gaveta em Bolsão a velha capa e o capuz que havia usado em suas viagens; e o anel, pendurado numa corrente fina, era mantido em seu bolso.

Ele voltou para sua casa em Bolsão em 22 de junho, no seu qüinquagésimo segundo aniversário (R.C. 1342), e nada de muito notável aconteceu no Condado até que o Sr. Bolseiro começou os preparativos para a comemoração de seu centésimo décimo primeiro aniversário (R.C. 1401). Nesse ponto esta História começa.

NOTA SOBRE OS REGISTROS DO CONDADO

No final da Terceira Era, o papel desempenhado pelos hobbits nos grandes eventos que levaram à inclusão do Condado no Reino Reunido despertou neles um interesse muito mais amplo por sua própria história, e muitas de suas tradições, até então na sua maioria orais, foram coletadas e escritas. As famílias maiores também estavam interessadas pelos eventos no Reinado em geral, e muitos de seus membros estudavam suas histórias e lendas antigas. No final do primeiro século da Quarta Era já se podiam encontrar no Condado várias bibliotecas com muitos livros e registros históricos.

As maiores dessas coleções ficavam provavelmente em Sob-as-torres, em Grandes Smials, e na Sede do Brandevin. Este relato sobre o final da Terceira Era é retirado principalmente do Livro Vermelho do Marco Ocidental. Esta fonte importantíssima para a história da Guerra do Anel era chamada assim porque foi preservada por muito tempo em Sob-as-torres, o lar dos Lindofilhos, Administradores do Marco Ocidental. Originalmente, este livro era o diário pessoal de Bilbo, levado por ele a Valfenda.

Frodo o trouxe de volta para o Condado, juntamente com muitas folhas soltas de anotações e durante R.C. 1420-1 ele quase encheu todas as paginas com seu relato sobre a Guerra. Mas anexados a este e preservados juntamente com ele, provavelmente num único estojo vermelho, estavam os três grandes volumes, encapados com couro vermelho, que Bilbo lhe deu como um presente de despedida. A esses quatro volumes foi acrescentado no Marco Ocidental um quinto contendo comentários, genealogias e vários outros materiais relacionados aos membros hobbits da Sociedade.

O Livro Vermelho original não foi preservado, mas muitas cópias foram feitas, especialmente do primeiro volume, para o uso dos descendentes dos filhos de Mestre Samwise. A cópia mais importante, entretanto, tem uma história diferente.

Foi guardada em Grandes Smials, mas escrita em Gondor, provavelmente a pedido do bisneto de Peregrin, e terminada em R.C. 1592 (Q.E. 172). Seu escriba acrescentou esta nota: Findegil, Escriba do Rei, terminou este trabalho em IV 172.

Ele é uma copia exata em todos os detalhes do Livro do Thain de Minas Tirith. Esse livro era uma cópia, feita a pedido do Rei Elessar, do Livro Vermelho dos Periannath, e foi trazido a ele pelo Thain Peregrin quando este se retirou para Gondor em IV 64.

O Livro do Thain foi, desse modo, a primeira cópia do Livro Vermelho, e continha muitos dados que foram omitidos ou perdidos. Em Minas Tirith ele recebeu muitas anotações e muitas correções, especialmente nos nomes, palavras e citações das línguas élficas; e foi acrescentada uma versão abreviada daquelas partes do Conto de Aragorn e Arwen, que ficam de fora do relato da Guerra. Afirma-se que o conto completo foi escrito por Barahir, neto do Intendente Faramir, algum tempo depois da morte do Rei. Mas a característica mais importante da cópia de Findegil é que somente ela contém todas as “Traduções do Élfico” feitas por Bilbo. Esses três volumes foram considerados um trabalho de grande habilidade e erudição durante o qual, entre 1403 e 1418, ele usou todas as fontes disponíveis em Valfenda, tanto vivas quanto escritas. Mas como elas foram pouco usadas por Frodo, por se tratar quase que inteiramente dos Dias Antigos, não serão mais comentadas aqui.

Nota 3.VerApêndice B: anais 1451, 1462, 1482; e uma nota no final do Apêndice C.

Sendo que Meriadoc e Peregrin se tornaram os chefes de suas grandes famílias, e ao mesmo tempo mantiveram suas relações com Rohan e Gondor, as bibliotecas de Buqueburgo e Tuqueburgo continham muitas coisas que não apareciam no Livro Vermelho.

Na Sede do Brandevin havia muitas obras que tratavam de Eriador e da história de Rohan.

Algumas delas foram escritas ou iniciadas pelo próprio Meriadoc, embora no Condado ele fosse lembrado principalmente pelo seu Registro das Ervas do Condado, e pelo seu Registro dos Anos, no qual ele discutia a relação entre os calendários do Condado e de Bri com os de Valfenda, Gondor e Rohan. Ele também escreveu um pequeno tratado sobre Palavras e Nomes Antigos em Rohan, mostrando um interesse especial em descobrir o parentesco entre a língua dos Rohirrim e certas “palavras do Condado” como mathom e partículas antigas e nomes de lugares.

Em Grandes Smials os livros eram de menor interesse para o povo do Condado, embora fossem da maior importância para a história mais abrangente. Nenhum deles foi escrito por Peregrin, mas ele e seus sucessores coletaram muitos manuscritos feitos por escribas de Gondor: em sua maioria cópias ou resumos de histórias ou lendas relacionadas com Elendil e seus herdeiros. Apenas aqui no Condado era possível encontrar materiais abundantes para a história de Númenor e a ascensão de Sauron.

Foi provavelmente em Grandes Smials que O Conto dos Anos foi organizado, com a ajuda do material coletado por Meriadoc.

Embora as datas fornecidas sejam freqüentemente conjecturais, principalmente para a Segunda Era, elas merecem atenção. É provável que Meriadoc tenha obtido ajuda e informações em Valfenda, lugar que visitou mais de uma vez. Ali, embora Elrond tivesse partido, seus filhos permaneceram durante muito tempo, juntamente com alguns elementos do povo dos Altos-elfos. Afirma-se que Celeborn tinha ido morar lá depois da partida de Galadriel, mas não há registros do dia em que ele finalmente se dirigiu aos Portos Cinzentos, e com ele partiu a última memória viva dos Dias Antigos da Terra-média.

Nota 4. Representado de forma bastante reduzida no Apêndice B, até o final da Terceira Era.

A SOCIEDADE DO ANEL

PRIMEIRA PARTE DE

O Senhor dos Anéis

LIVRO 1

CAPÍTULO I
UMA FESTA MUITO ESPERADA

Quando o Sr. Bilbo Bolseiro de Bolsão anunciou que em breve celebraria seu onzentésimo primeiro aniversário com uma festa de especial grandeza, houve muito comentário e agitação na Vila dos Hobbits.

Bilbo era muito rico e muito peculiar, e tinha sido a atração do Condado por sessenta anos, desde seu notável desaparecimento e inesperado retorno. As riquezas trazidas de suas viagens tinham agora se transformado numa lenda local, e popularmente se acreditava que a Colina em Bolsão estava cheia de túneis recheados com tesouros.

E se isso não fosse o suficiente para se ter fama, havia também seu vigor prolongado que maravilhava as pessoas.

O tempo passava, mas parecia ter pouco efeito sobre o Sr. Bolseiro. Aos noventa

anos, parecia ter cinqüenta. Aos noventa e nove, começaram a chamá-lo de bem-conservado; mas inalterado ficaria mais próximo da realidade.

Havia pessoas que balançavam a cabeça e pensavam que isso era bom demais; parecia injusto que qualquer pessoa possuísse (aparentemente) a juventude perpétua, além de (supostamente) uma riqueza inexaurível.

- Isso terá seu preço- diziam eles. - Não é natural e trará problemas.

Mas até agora os problemas não haviam chegado, e como o Sr. Bolseiro era generoso com seu dinheiro, a maioria das pessoas estava disposta a perdoar suas esquisitices e sua boa sorte. Continuou se relacionando em termos de cortesia com sua família (com exceção, é claro, dos Sacola-bolseiros), e tinha muitos admiradores devotados entre os hobbits de famílias pobres e s em importância. Mas não tinha amigos íntimos, até que seus primos mais jovens começaram a crescer.

O mais velho deles, e favorito de Bilbo, era o jovem Frodo Bolseiro.

Quando Bilbo tinha noventa e nove anos, adotou Frodo como seu herdeiro, e o trouxe para viver em Bolsão, e os Sacola-bolseiros finalmente perderam as esperanças. Por acaso, Bilbo e Frodo faziam aniversário no mesmo dia, 22 de setembro.

- Seria melhor que você viesse morar aqui, Frodo, meu rapaz!- disse Bilbo um dia -, e então poderemos comemorar nossos aniversários juntos e com mais conforto. Nessa época Frodo ainda estava na vintolescência, que é como os hobbits chamavam os anos irresponsáveis entre a infância e a maioridade aos trinta e três anos.

Mais doze anos se passaram. Todo ano os Bolseiros davam animadas festas duplas de aniversário em Bolsão; mas agora se entendia que alguma coisa muito excepcional estava sendo planejada para aquele outono, Bilbo ia fazer onzenta e um anos, 111, um nú mero bastante curioso, e uma idade muito respeitável para um hobbit (mesmo o Velho Túk só havia chegado a 130); e Frodo ia fazer trinta e três, 33, um número importante: o ano em que se tornaria um adulto.

As línguas começaram a se agitar na Vila dos Hobbits e em Beirágua, rumores do evento que se aproximava viajaram Por todo o Condado. A história e a personalidade do Sr. Bilbo Bolseiro se tornaram novamente o assunto principal das conversas, e as pessoas mais velhas repentinamente encontraram grande receptividade para suas lembranças.

Ninguém tinha uma platéia mais atenta que o velho Ham Gamgi, geralmente conhecido como Feitor. Ele contava histórias no Ramo de Hera, uma pequena hospedaria na estrada de Beirágua, e falava com certa autoridade, pois tinha cuidado do jardim de Bolsão por quarenta anos, e tinha ajudado o velho Holman no mesmo serviço antes disso. Agora que ele estava ficando velho e com as juntas endurecidas, o serviço era feito principalmente por seu filho Gamgi. Tanto pai quanto filho tinham relações muito boas com Bilbo e Frodo.

Moravam na própria Colina, no número 3 da r do Bolsinho, logo abaixo de Bolsão.

- O Sr. Bilbo é um hobbit muito cavalheiro e gentil, como eu sempre disse - declarava o Feitor. E dizia a mais perfeita verdade: Bilbo era gentil com ele, chamando-o de Mestre Hamfast, e constantemente o consultando sobre o cultivo de legumes – em se tratando de “raízes”, especialmente batatas, o Feitor era considerado por todos na vizinhança (inclusive ele próprio) a autoridade mais importante.

- Mas e esse Frodo que mora com ele? - perguntou o Velho Noques Beirágua.

- O seu nome é Bolseiro, mas ele tem muito dos Brandebuque pelo que dizem.

- Eu não entendo o motivo pelo qual um Bolseiro da Vila de Hobbits vai procurar uma esposa lá na Terra dos Buques, onde as pessoas são tão estranhas.

- Não é de admirar que sejam estranhas - acrescentava Papai Dois (o vizinho de lado do Feitor) -, pois eles moram do lado errado do Grandevin e bem perto da Floresta

Velha. Aquele é um lugar escuro e ruim,se metade das histórias for verdade.

- Você está certo, Pal - disse o Feitor, - Não é que os Brandebuques Terra dos Buques morem na Floresta Velha; mas eles são uma raça estranha, ao que parece. Vivem para cima e para baixo de barco naquele rio grande - e isso não é natural. Não é de espantar que surjam problemas.

Mas, Seja como for, o Sr. Frodo é um jovem hobbit tão gentil quanto se poderia desejar, Exatamente como o Sr. Bolseiro. Afinal de contas, seu pai era um Bolseiro. Um hobbit decente e respeitável, o Sr. Drogo Bolseiro, nunca houve o que dizer dele, até que morreu afogado.

- Afogado? - disseram várias vozes. Já tinham ouvido este e outros rumores mais sombrios antes, é claro; mas os hobbits têm uma paixão por histórias familiares e estavam prontos para ouvir esta de novo.

- Bem, é o que dizem - disse o Feitor. - Veja você: o Sr, Drogo se casou com a pobre Sra. Prímula Brandebuque. Ela era prima em primeiro grau do nosso Sr, Bilbo por parte de mãe (a mãe dela era a filha mais jovem do Velho Túk); e o Sr. Drogo era primo dele em segundo grau. Desse modo, o Sr. Frodo é filho dos primos do Sr. Bilbo em primeiro e segundo grau, e seu primo com o intervalo de uma geração, você me entende? E o Sr. Drogo morava na Sede do Brandevin com o sogro, o velho Mestre Gorbadoc, como sempre fez depois de seu casamento (tinha um fraco por comida e o Velho Gorbadoc mantinha uma mesa bastante generosa); e saíram para andar de barco no rio Brandevin, e ele e sua esposa morreram afogados; e o pobre Sr. Frodo era apenas uma criança na época.

Ouvi dizer que eles foram para a água depois do jantar e sob o luar disse o Velho Noques -; e que foi o peso de Drogo que afundou o barco.

- E eu ouvi que ela o empurrou, e ele a puxou para dentro da água depois que ele tinha caído - disse Ruivão, o moleiro da Vila dos Hobbits.

- Você não deveria dar ouvidos a tudo o que falam, Ruivão - disse o Feitor, que não gostava muito do moleiro. - Não tem sentido ficar falando sobre empurrar e puxar.

Os barcos são muito traiçoeiros até para aqueles que se sentam quietinhos sem procurar problemas. De qualquer jeito: foi assim que o Sr. Frodo se tornou um órfão e ficou perdido, como se pode dizer, em meio àquele estranho povo da Terra dos Buques e foi criado na Sede do Brandevin. Aquilo geralmente já é um formigueiro de tão cheio. O velho Mestre Gorbadoc nunca teve menos do que duzentos parentes nas redondezas.

O Sr, Bilbo não poderia ter feito coisa melhor do que trazer o menino para morar entre gente decente.

- Mas acho que esse foi um golpe duro para aqueles Sacola-bolseiros. Eles acharam que iam ficar com Bolsão na época em que ele foi embora e foi considerado morto.

E então ele volta e os manda sair, e continua vivendo e vivendo, e nem parecendo um dia mais velho, puxa vida! E de repente arranja um herdeiro, e arruma toda a documentação necessária. Os Sacola-bolseiros nunca vão entrar em Bolsão depois disso, ou pelo menos se espera que não.

- Tem um monte de dinheiro enfiado lá dentro, ouvi dizer - disse um estranho,
um visitante que estava a negócios vindo de Grã Cava, na Quarta Oeste.

- Todo o topo de vossa colina está cheio de túneis recheados de baús de Ouro e prata, e jóias, pelo que ouvi dizer.

- Então você ouviu mais do que eu posso discutir - respondeu o Feitor. - Não sei de nada sobre jóias.

O Sr. Bilbo não faz muita economia com seu dinheiro, e parece que não há falta

dele; mas não sei nada sobre túneis.

Vi o Sr. Bilbo quando voltou, mais ou menos sessenta anos atrás, quando eu era um menino.

Não fazia muito tempo que eu era um aprendiz do velho Holman (ele era primo do meu pai), mas mesmo assim me pediu que fosse a Bolsão para ajudá-lo a evitar que as pessoas pisoteassem a grama e ficassem andando pelo jardim quando a toca estava à venda. E em meio a tudo isso o Sr. Bilbo vem subindo a colina com um pônei, alguns sacos bem grandes e uns baús. Não duvido que estivessem em sua maioria cheios de tesouros que ele apanhou em lugares distantes, onde há montanhas de ouro, dizem por aí; mas não havia o bastante para encher túneis. Mas o meu menino Sam deve saber mais sobre isso. Ele vive entrando e saindo de Bolsão. É louco por histórias de antigamente, isso ele é, e escuta todas as histórias do Sr. Bilbo. O Sr. Bilbo ensinou-lhe suas letras - sem querer causar maldade, veja bem, e espero que nenhuma maldade venha disso.

- Elfos e Dragões!, digo eu pra ele. Repolho com batatas é melhor para você e para mim. Não vá se misturar com os negócio s que não são para o seu bico, ou você vai arranjar problemas muito grandes para você, digo eu pra ele. E posso dizer para outros - acrescentou ele, olhando para o estranho e para o moleiro.

Mas o Feitor não convenceu sua platéia. A lenda sobre a riqueza d e Bilbo estava fixada de maneira muito firme nas mentes das gerações mais jovens de hobbits.

- Ah! Mas ele pode muito bem ter juntado mais ao que trouxe no inicio - argumentou o moleiro, representando a opinião geral. - Ele está sempre longe de casa. E reparem nas pessoas bizarras que vêm visitá-lo: anões que chegam à noite, e aquele velho mágico andarilho, Gandalf, e todo o resto. Você pode dizer o que quiser, Feitor, mas Bolsão é um lugar estranho, e as pessoas de lá são mais estranhas ainda.

- Você pode dizer o que quiser sobre coisas que não conhece melhor do que a história do barco, senhor Ruivão - retorquiu o Feitor, apreciando ainda menos o moleiro do que de costume. - Se isso é ser estranho, então poderíamos ter mais estranheza por aqui. Tem gente não muito longe daqui que não ofereceria uma caneca de cerveja a um amigo, nem se vivesse numa toca com paredes de ouro. Mas em Bolsão eles fazem as coisas direito.

O nosso Sam disse que todo mundo vai ser convidado para a festa, e vai haver presentes, vejam bem, presentes para todos - neste mesmo mês.

Aquele mesmo mês era setembro, e estava agradável como se poderia desejar. Um ou dois dias depois se espalhou um rumor (provavelmente começado pelo informado Sam) de que iria haver fogos de artifício - fogos de artifício, além do mais, como não se via no Condado há mais de um século; na verdade, desde que o Velho Túk havia morrido.

Os dias se passaram e o Dia se aproximava. Uma carroça de aparência estranha, carregada de pacotes de aparência estranha, rodo u numa noite até a Vila dos Hobbits e foi subindo a Colina até chegar a Bolsão. Os hobbits assustados espiavam de portas iluminadas com lamparinas para ver, embasbacados. Era conduzida por pessoas bizarras, que cantavam canções estranhas: anões com barbas longas e capuzes fundos. Alguns deles ficaram em Bolsão. No final da segunda semana de setembro uma charrete passou por Beirágua vinda da Ponte do Brandevin em plena luz do dia. Um homem a conduzia, sozinho. Usava um chapéu azul, alto e pontudo, uma longa capa cinza e um cachecol prateado. Tinha uma longa barba branca e sobrancelhas densas que sobressaíam da borda de seu chapéu. Crianças hobbit seguiram a charrete pelas ruas da Vila dos Hobbits e colina acima. Era um carregamento de fogos de artifício, como eles muito bem adivinharam. Na porta da frente de Bilbo, o homem começou a descarregar: havia grandes pacotes de fogos de artifício de todos os tipos e formatos, cada um rotulado com um G

grande e vermelho [rune] e com a runa élfica, [rune]

Essa era a marca de Gandalf, é claro, e o velho era Gandalf, o Mago, cuja fama no Condado se devia principalmente ao seu talento com fogos, fumaça e luzes. Seu oficio real era muito mais difícil e perigoso, mas o pessoal do Condado não sabia nada sobre isso. Para eles, ele era apenas uma das atrações" da Festa. Por isso a excitação das crianças hobbit. "G de Grande", gritavam elas, e o velho sorria.

Conheciam-no de vista, embora ele aparecesse na Vila dos Hobbits de vez em quando e nunca ficasse por muito tempo. Mas nem eles, nem os mais velhos dentre os velhos tinham visto uma de suas exibições de fogos de artifício - elas agora pertenciam a um passado lendário.

Quando o velho, ajudado por Bilbo e alguns anões, terminou de descarregar, Bilbo distribuiu uns trocados; mas não houve nem um buscapé ou bombinha, para a decepção dos observadores.

- Saiam agora! - disse Gandalf. - Vocês vão ver bastante quando a hora chegar. - Depois desapareceu para dentro com Bilbo, e a porta foi fechada. Os jovens hobbits ficaram olhando em vão para a porta por um tempo, e então foram embora, sentindo que o dia da festa nunca chegaria.

Dentro de Bolsão, Bilbo e Gandalf estavam sentados perto da janela aberta de uma pequena sala que dava para o oeste, sobre o jardim. O fim de tarde estava claro e quieto. As flores brilhavam, vermelhas e douradas: bocas-de-leão e girassóis e nastúrcios que subiam pelas paredes verdes e espiavam pelas janelas redondas.

- Como o seu jardim está bonito! - disse Gandalf.

- É - disse Bilbo. - Eu gosto muito dele, e de todo o velho e querido Condado,
mas acho que preciso de férias.

- Quer dizer então que você pretende continuar com seu plano?

- Pretendo. Tomei a decisão há alguns meses, e não mude i de idéia.

- Muito bem. É melhor não dizer mais nada. Continue com seu plano - seu plano completo, veja bem - e espero que tudo saia da melhor maneira possível, para você e para todos nós.

- Espero que sim. De qualquer forma, quero me divertir na quinta-feira, e fazer minha brincadeirinha.

- Me pergunto quem vai rir... - disse Gandalf, balançando a cabeça.

- Veremos - disse Bilbo.

No dia seguinte, charretes e mais charretes subiram a Colina. Pode ter havido alguma reclamação sobre "negócios locais", mas nessa mesma semana Bolsão começou a desovar encomendas de todo tipo de provisão, mercadoria ou artigo de luxo que se pudesse conseguir na Vila dos Hobbits ou em Beirágua, ou em qualquer outro lugar nas redondezas. As pessoas ficaram entusiasmadas e começaram a marcar os dias no calendário, e vigiavam o carteiro com ansiedade, esperando convites.

Em breve os convites começaram a se espalhar, e o correio da Vila dos Hobbits ficou entupido, e choveram cartas no correio de Beirágua, e carteiros auxiliares voluntários foram requisitados. Em fluxo constante subiam a Colina, carregando centenas de variações polidas de Agradeço o convite e confirmo minha presença.

Um aviso apareceu no portão de Bolsão: É PROIBIDA A ENTRADA DE PESSOAS QUE NÃO VENHAM TRATAR DOS PREPARATIVOS DA FESTA.

Mesmo a entrada daqueles que estavam, ou fingiam estar, tratando dos preparativos da festa era raramente permitida. Bilbo estava ocupado: escrevendo convites, checando respostas, embrulhando presentes e fazendo alguns preparativos particulares.

Desde a chegada de Gandalf ele havia sumido de vista.

Um dia de manhã os hobbits acordaram e viram o grande campo, ao sul da porta de frente de Bilbo, cheio de cordas e paus para barracas e pavilhões. Uma entrada especial foi aberta na ladeira que levava até a estrada, e degraus largos e um grande portão branco foram construídos ali. As três famílias hobbit da rua do Bolsinho, vizinha ao campo, ficaram extremamente interessadas e em geral sentiram inveja.

O velho Feitor Gamgi até parou de fingir que trabalhava em seu jardim.

As barracas começaram a ser levantadas. Havia um pavilhão especialmente grande, tão grande que a árvore que crescia no campo cabia direitinho dentro dele, e se erguia altaneira próxima a um canto, na cabeceira da mesa principal. Lanternas foram penduradas em todos os seus galhos. Mais promissor ainda (para as mentes dos hobbits): uma enorme cozinha a céu aberto foi construída no canto norte do campo.

Um batalhão de cozinheiros, de todas as hospedarias e restaurantes num raio de milhas, chegou para ajudar os anões e outras pessoas estranhas que estavam aquarteladas em Bolsão. A agitação chegou ao máximo.

Então o céu ficou cheio de nuvens. Foi na quarta-feira, véspera da Festa.

A ansiedade era grande. A quinta-feira, 22 de setembro, finalmente chegou. O sol se levantou, as nuvens desapareceram, bandeiras foram desfraldadas e a diversão começou.

Bilbo Bolseiro chamava aquilo de festa, mas na verdade era uma variedade de entretenimentos reunidos num só. Praticamente todos os que moravam ali por perto foram convidados. Muito poucos foram esquecidos por acidente, mas, como vieram de qualquer jeito, não se importaram. Muitas pessoas de outras partes do Condado também foram convidadas; e houve até algumas que vieram de regiões fora dos limites. Bilbo recebeu em pessoa os convidados (e agregados) no novo portão branco. Distribuiu presentes para todos e mais alguns - estes eram aqueles que saíam por uma porta lateral e entravam de novo pelo portão. Os hobbits dão presentes para outras pessoas em seus aniversários. Em geral não muito caros, e não tão generosos como nesta ocasião; mas esse sistema não era ruim. Na verdade, na Vila dos Hobbits e em Beirágua quase todos os dias alguém fazia aniversário, de modo que todos os hobbits tinham uma grande chance de ganhar no mínimo um presente, pelo menos uma vez por semana.

Mas nunca se cansavam de presentes.

Nessa ocasião, os presentes foram inusitadamente bons. As crianças hobbit estavam tão excitadas que por um tempo quase se esqueceram de comer.

Havia brinquedos que eles nunca tinham visto antes, todos lindos e alguns obviamente mágicos.

Muitos deles, na verdade, encomendados um ano antes, tinham percorrido todo o caminho vindo da Montanha e de Valle, e eram produtos genuínos feitos por anões.

Quando todos os convidados tinham recebido as boas-vindas e estavam finalmente do lado de dentro, houve canções, danças, música, jogos e, é claro, comida e bebida.

Houve três refeições oficiais: almoço, chá e jantar (ou ceia). Mas o almoço e o chá foram marcados pelo fato de que nesses momentos todos estavam sentados e comendo juntos. Em outros momentos havia simplesmente montes de pessoas comendo e bebendo - continuamente, das onze até as seis e meia, quando os fogos de artifício começaram.

Os fogos eram de Gandalf.- não foram apenas trazidos por ele, mas projetados e fabricados por ele; e os efeitos especiais, cenários e foguetes era ele quem controlava.

Mas também houve farta distribuição de buscapés, bombinhas, fósforos coloridos, tochas, velas-de-anões, fontes-élficas, fogos de-orcs e rojões. Era tudo soberbo.

A arte de Gandalf havia se aperfeiçoado com o passar dos anos. Havia foguetes imitando o vôo de pássaros cintilantes cantando com vozes doces. Havia árvores verdes

com troncos de fumaça escura: suas folhas se abriam como uma primavera inteira que florescesse num segundo, e seus ramos brilhantes derrubavam flores de luz sobre os hobbits atônitos, desaparecendo com um cheiro doce um pouco antes que pudessem tocar seus rostos voltados para o céu. Havia montes de borboletas que voavam por entre as árvores; havia pilares de fogos coloridos que subiam e se transformavam em águias, em caravelas, ou numa falange de cisnes voadores; havia uma tempestade vermelha e uma chuva de gotas amarelas; houve uma floresta de lanças de prata que surgiram repentinamente no céu com um grito como um exército em batalha, e caíram no Água com um chiado como uma centena de cobras incandescentes. E houve também uma última surpresa em homenagem a Bilbo, que assustou os hobbits além da conta, como era a intenção de Gandalf As luzes se apagaram. Uma grande fumaça subiu. Tomou a forma de uma montanha vista à distância, e começou a brilhar no topo. Soltava chamas verdes e vermelhas. Lá de dentro saiu um dragão de um vermelho dourado - não do tamanho de um dragão real, mas terrivelmente parecido com um dragão real: saía fogo de suas mandíbulas e os olhos penetrantes olhavam para baixo; houve um rugido, e por três vezes ele zuniu sobre as cabeças da multidão. Todos se inclinaram e muitos caíram de cara no chão.

O dragão passou como um trem expresso, virou uma cambalhota, e explodiu sobre Beirágua com um estrondo ensurdecedor.

Este é o sinal para a ceia! - disse Bilbo. O sofrimento e o medo desapareceram imediatamente, e os hobbits prostrados se levantaram num segundo. Havia uma ceia esplêndida para todos; para todos, quer dizer, com a exceção daqueles convidados para o jantar especial em família. Este aconteceu no grande pavilhão onde estava a árvore.

Os convites foram limitados a doze dúzias (um número também chamado de uma Grosa, embora a palavra fosse considerada inadequada para se referir a pessoas); e os convidados foram selecionados de todas as famílias com as quais Bilbo e Frodo tinham parentesco, havendo mais uns poucos amigos que não eram parentes (como Gandalf).

Muitos hobbits jovens foram incluídos, e estavam presentes com a permissão dos pais; pois os hobbits eram liberais com suas crianças em se tratando de ficar acordado até tarde, especialmente quando havia uma chance de conseguir para elas uma refeição de graça. Criar hobbits era muito dispendioso.

Havia muitos Bolseiros e Boffins, e também muitos Túks e Brandebuques; havia vários Fossadores (parentes da avó de Bilbo Bolseiro), e vários Roliços (relacionados ao seu avô Túk) e uma seleção de Covas, Bolgers, Justa-correias, Texugos, Boncorpos, Corneteiros e Pé-soberbos. Alguns desses tinham apenas uma ligação distante com Bilbo, e outros raramente tinham visitado a Vila do s Hobbits antes, pois moravam em cantos remotos do Condado. Os Sacola-bolseiros não foram esquecidos. Otho e sua esposa Lobélia estavam presentes. Não gostavam de Bilbo e detestavam Frodo, mas o convite era tão magnífico, escrito em tinta dourada, que eles acharam impossível recusar.

Além disso, Bilbo, seu primo, viera se especializando em comida por muitos anos, e sua mesa gozava de alta reputação.

Todos os cento e quarenta e quatro convidados esperavam por um banquete agradável, embora estivessem com um certo medo do discurso pós-ceia de seu anfitrião (um quesito inevitável). Era provável que ele inoportunamente começasse a recitar trechos do que chamava de poesia e quem sabe, depois de um ou dois copos, pudesse aludir às absurdas aventuras de sua misteriosa viagem. Os hóspedes não ficaram decepcionados: tiveram um banquete muito agradável, na verdade um entretenimento interessante: lauto, abundante, variado e prolongado. As compras de provisões caíram quase a zero em todo o distrito nas semanas seguintes; mas como as provisões de Bilbo

exauriram os estoques das lojas, adegas e armazéns num raio de várias milhas, isso não teve muita importância.

Depois do banquete (mais ou menos) veio o Discurso. A maioria dos convidados estava, entretanto, numa disposição tolerante, e naquele estágio delicioso que eles chamavam de "encher os cantos". Estavam bebendo suas bebidas favoritas, e mordiscando suas iguarias preferidas, e seus receios foram esquecidos.

Estavam preparados para ouvir qualquer coisa, e aplaudir a cada ponto final.

Queridos convidados, começou Bilbo, levantando de sua cadeira. "Escutem! Escutem! Escutem!" - gritaram eles, e continuaram repetindo isso em coro, parecendo relutantes em seguir seu próprio conselho. Bilbo saiu de seu lugar e subiu numa cadeira perto da árvore iluminada. A luz das lanternas caía-lhe sobre o rosto radiante; os botões dourados brilhavam sobre o colete bordado. Todos podiam vê-lo em pé, acenando uma mão no ar, e com a outra no bolso da calça.

Meus queridos Bolseiros e Boffins começou de novo; e meus queridos Túks e Brandebuques e Fossadores e Roliços e Covas e Corneteiros e Bolgers, Justa-correias, Boncorpos, Texugos e Pé-soberbos.

- Pé-soberbos! " gritou um hobbit velho do fundo do pavilhão. O seu nome, é claro, era Pé-soberbo. E merecido: seus pés eram grandes, excepcionalmente peludos, e ambos estavam sobre a mesa.

- Pé-soberbos, repetiu Bilbo. E também meus bons Sacola-bolseiros, a quem finalmente dou boas-vindas novamente em Bolsão. Hoje é meu centésimo décimo primeiro aniversário.- hoje chego aos onzenta e um! "Viva! Viva! Que essa data se repita por muitos anos!" - gritaram todos, e bateram nas mesas alegremente. Isso era o tipo de coisa de que eles gostavam. Curto e óbvio.

Espero que estejam se divertindo tanto quanto eu. Aplausos ensurdecedores. Gritos de Sim (e Não). Ruídos de trombetas e cornetas, apitos e flautas. Havia, como foi dito, muitos hobbits jovens presentes. Centenas de estojos musicais tinham sido distribuídos. A maioria deles levava a marca VALLE; o que não agradava à maioria dos hobbits, mas todos eles concordavam que eram maravilhosos. Continham instrumentos, pequenos, mas de fabricação perfeita e de tons encantadores.

Na verdade, em um canto alguns dos Túks e Brandebuques jovens, supondo que o Tio Bilbo tivesse terminado (uma vez que já tinha dito tudo o que era necessário), agora improvisavam uma orquestra, e começavam a tocar uma toada alegre e dançante. Mestre Everard Túk e a Srta. Melilot Brandebuque subiram numa mesa e com sinos nas mãos começaram a dançar a Ciranda do Pulo: uma dança bonita, mas bastante vigorosa.

Mas Bilbo não tinha terminado. Pegando uma corneta de uma criança ao seu lado, soprou forte três vezes. O barulho silenciou. - Eu não vou me demorar muito - gritou ele. Aplausos de toda a platéia. Chamei todos vocês por um motivo.

Alguma coisa no jeito como ele disse isso causou uma certa impressão. Fez-se quase silêncio, e um ou dois Túks aguçaram os ouvidos.

- Na verdade, por Três Motivos! Primeiramente, para dizer a vocês que gosto imensamente de todos, e que onzenta e um anos é um tempo curto demais para viver entre hobbits tão excelentes e admiráveis.

Tremenda explosão de aprovação.

- Eu não conheço metade de vocês como gostaria; e gosto de menos da metade de vocês a metade do que vocês merecem. Isso foi inesperado e muito difícil.

Houve alguns aplausos esparsos, mas a maioria deles estava tentando descobrir se aquilo era um elogio.

- Em segundo lugar. Para comemorar meu aniversário.

Aplausos novamente.

- Devo dizer NOSSO aniversário. Pois hoje, é claro, é o aniversário de meu herdeiro e sobrinho Frodo. Ele se torna maior de idade e passa a ter acesso à herança hoje.

Alguns aplausos perfunctórios dos mais velhos, e alguns gritos de “Frodo! Frodo! Felizardo!” dos mais novos. Os Sacola-bolseiros franziram a testa e se perguntaram o que ele queria dizer com “ter acesso à herança”.

- Juntos perfazemos cento e quarenta e quatro anos. O número dos convidados foi escolhido para combinar com esse total notável. - Uma Grosa. Se me permitem usar a expressão.

Nenhum aplauso. Aquilo era ridículo. Muitos dos convidados, especialmente os Sacola-bolseiros, sentiram-se insultados, entendendo que tinham sido convidados apenas para completar o número necessário, como mercadorias num pacote. “Uma Grosa! Que expressão vulgar!”

- Hoje também é, se me permitem que me refira à história antiga, o aniversário de minha chegada de barril a Esgaroth, no Lago Comprido, embora o fato de ser meu aniversário tenha escapado de minha memória na ocasião. Eu tinha apenas cinqüenta e um anos naquele tempo, e os aniversários não pareciam tão importantes. O banquete foi esplêndido, entretanto, embora eu estivesse com uma forte gripe, posso me lembrar e pudesse apenas dizer “buito obrigado”. Agora eu repito a frase mais corretamente: Muito obrigado por virem à minha festinha.

Silêncio obstinado. Todos sentiram que alguma canção ou poesia era iminente; e eles estavam ficando enfadados. Por que não parava de falar e os deixava beber à sua saúde? Mas Bilbo não cantou nem recitou. Ele parou por um momento.

- Em terceiro lugar e finalmente, disse ele, quero fazer um COMUNICADO. Disse esta palavra tão alto e de repente que todo mundo se sentou ereto na cadeira (os que ainda conseguiam). Sinto informá-los de que - embora, como eu disse, onzenta e um anos seja muito pouco tempo para passar ao lado de vocês - o FIM chegou. Estou indo embora. JÁ. ADEUS!

Desceu da cadeira e desapareceu. Houve um clarão de luz de cegar os olhos e todos os convidados piscaram. Quando abriram os olhos, Bilbo não estava em lugar algum.

Cento e quarenta e quatro hobbits pasmos se encostaram nas cadeiras sem dizer nada.

O velho Odo Pé-soberbo retirou seus pés da mesa e pisou com força no chão. Então caíram num silêncio mortal até que, depois de vários suspiros, todos os Bolseiros, Boffins, Túks, Brandebuques, Fossadores, Roliços, Covas, Bolgers, Justa-correias, Texugos, Boncorpos, Corneteiros e Pé-soberbos começaram a falar ao mesmo tempo.

A opinião geral era de que a brincadeira tinha sido de muito mau gosto, e foi necessário trazer mais comida e bebida para curar os convidados do choque e do desconforto.

“Sempre disse que ele era louco” foi provavelmente o comentário mais comum. Mesmo os Túks (com umas poucas exceções) acharam o comportamento de Bilbo absurdo. Naquele momento a maioria deles ficou achando que o seu desaparecimento não passava de mais uma traquinagem ridícula, Mas o velho Rory Brandebuque não tinha certeza. Nem a idade nem aquele enorme jantar tinham anublado suas faculdades mentais, e ele disse à sua nora Esmeralda: - Tem algo suspeito aí, querida! Acho que o louco do Bolseiro partiu novamente. Velho bobo. Mas por que nos preocuparmos? Ele não levou as provisões com ele. - E gritou para Frodo mandar mais uma rodada de vinho.

Frodo era o único presente que não dizia nada. Por um tempo ficou sentado em

silêncio ao lado da cadeira vazia de Bilbo e ignorou todos os comentários e perguntas. Tinha gostado da brincadeira, é claro, mesmo já estando a par de tudo. Teve dificuldades para segurar o riso diante da surpresa indignada dos convidados. Mas ao mesmo tempo sentia-se numa encrenca: percebeu de repente que adorava o velho hobbit. A maioria dos convidados continuou comendo e bebendo e discutindo as esquisitices de Bilbo Bolseiro, passadas e atuais; mas os Sacola-bolseiros já tinham ido embora furiosos. Frodo não queria mais ficar na festa. Deu ordens para que mais vinho fosse servido; então se levantou e esvaziou seu próprio copo em silêncio à saúde de Bilbo e se esgueirou para fora do pavilhão.

Quanto a Bilbo Bolseiro, mesmo durante o discurso ficara tateando o anel de ouro em seu bolso: o anel mágico que guardara em segredo por tantos anos. Conforme desceu da cadeira, colocou o anel no dedo e nunca mais foi visto por nenhum hobbit na Vila dos Hobbits novamente.

Foi rapidamente de volta para sua toca e ficou por um momento ouvindo com um sorriso os rumores no pavilhão e os sons de pessoas se divertindo em outras partes do campo. Depois entrou em casa. Tirou a roupa de festa, dobrou e embrulhou em papel crepom seu colete de seda bordado e o guardou. Aí vestiu rapidamente uns trajes velhos e desalinhados, e apertou em volta da cintura um velho cinto de couro. Nele pendurou uma pequena espada que estava numa bainha de couro preta e gasta. De uma gaveta trancada, cheirando a naftalina, retirou uma velha capa e um capuz. Eles tinham sido guardados ali como se fossem muito preciosos, mas estavam tão remendados e manchados que mal se podia adivinhar a cor original: provavelmente verde-escuro. Eram grandes demais para ele. Então Bilbo entrou no escritório e de uma grande caixa-forte tirou um fardo embrulhado em panos velhos e um manuscrito com capa de couro; e também um envelope bastante volumoso.

O livro e o fardo ele colocou em um saco pesado que estava ali, já quase cheio. No envelope colocou o anel de ouro, e sua fina corrente, e então o selou e endereçou a Frodo.

Primeiro colocou-o sobre a lareira, mas de repente retirou-o dali e o enfiou no bolso. Naquele momento a porta se abriu e Gandalf entrou depressa.

- Alô!- disse Bilbo. - Estava pensando se você ia aparecer.

- Fico feliz em encontrá-lo visível - respondeu o mago, sentando-se numa cadeira. - Queria pegar você aqui ainda e falar umas últimas coisas. Suponho que você esteja sentindo que tudo saiu de modo esplêndido e de acordo com seus planos...

- Sim - disse Bilbo. - Embora o clarão tenha sido uma surpresa: se eu fiquei assustado, imagine os outros. Um acréscimo seu, suponho.

- Foi. Você guardou sabiamente o anel em segredo todos esses anos, e me pareceu necessário dar aos seus convidados alguma coisa a mais que parecesse explicar o seu súbito desaparecimento.

- E você quase estragou minha brincadeira. Você é um velho intrometido! - disse Bilbo rindo. - Mas acho que você é mais esperto, como sempre.

- Eu sou, quando sei das coisas. Mas não tenho muita certeza sobre essa história toda. Chegamos ao ponto final. Você fez sua brincadeira, e alarmou e ofendeu a maioria de seus parentes, e deu ao Condado assunto para mais nove anos, ou mais noventa é nove, e mais provável. Você vai continuar?

- Vou. Sinto que preciso de umas férias, bem longas, como já disse antes. Provavelmente férias permanentes: não tenho expectativas de voltar. Na verdade, não quero voltar, e já fiz todos os preparativos. Estou velho, Gandalf Não parece, mas estou começando a sentir isso no fundo de meu coração. Bem conservado, ora bolas! - bufou ele. - Estou me sentindo todo fino, como se estivesse esticado, se você sabe do que estou

falando: como manteiga que foi espalhada num pedaço muito grande de pão. Isso não pode estar certo. Preciso de uma mudança, ou coisa assim.
Gandalf fitou-o de perto, curioso. - Não, não parece certo - disse ele sensatamente. - Não, afinal de contas acho que seu plano é provavelmente o melhor.

- Bem, de qualquer modo eu já me decidi. Quero ver montanhas de novo, Gandalf - montanhas; e depois encontrar algum lugar onde possa descansar.
Em paz e silêncio, sem um monte de parentes se intrometendo e uma fila de malditos visitantes na porta. Preciso encontrar um lugar onde possa terminar meu livro. Pensei num bom final para ele: e ele viveu feliz para sempre.
Gandalf riu. - Espero que ele viva. Mas ninguém vai ler o livro, não importa como seja o final.
Olhe, eles podem ler, nos anos futuros. Frodo já leu um pedaço, até onde eu escrevi. Você vai ficar de olho em Frodo, não vai?

- Vou!, com os dois olhos, sempre que eu puder.

- É claro que ele viria comigo se eu pedisse. Na verdade se ofereceu uma vez, um pouco antes da festa. Mas não quer realmente, ainda. Eu quero ver o campo selvagem antes de morrer, e as Montanhas; mas ele ainda está apaixonado pelo Condado, com florestas e campos e pequenos rios.
Sente-se confortável aqui. Estou deixando tudo para ele, é claro, com a exceção de algumas bagatelas. Espero que seja feliz, quando estiver acostumado a viver sozinho. Já é tempo de ele ser dono do próprio nariz.

- Tudo? - perguntou Gandalf - O anel também? Você concordou com isso, lembra?

- Bem, sim, acho que sim - gaguejou Bilbo.

- Onde está ele?

- Num envelope, se quer saber - disse Bilbo impacientemente. - Ali na lareira. Não! Aqui no meu bolso. - Ele hesitou. - Não é estranho isso, agora? - disse calmamente para si mesmo. - Afinal de contas, por que não? Por que ele não dever ia ficar ali?
Gandalf olhou mais uma vez atentamente para Bilbo, e havia um brilho em seus olhos. - Eu acho, Bilbo - disse ele baixinho -, que você deveria deixá-lo para trás. Você não quer?

- Bem, quero - e não quero. Agora que chegou a hora, não gosto nem um pouco da idéia de me separar dele. E não vejo por que deveria. Por que você quer que eu faça isso? - perguntou ele, e a sua voz se alterou de um modo estranho. Estava carregada de suspeita e contrariedade. - Você vive me chantageando com meu anel, mas nunca me importunou com as outras coisas que consegui na minha viagem.

- Não, mas eu tinha que chantagear você - disse Gandalf. - Eu queria a verdade. Era importante. Anéis mágicos são... bem, são mágicos; e são raros e curiosos. Eu estava profissionalmente interessado no seu anel, pode-se dizer, e ainda estou. Quero saber onde ele está, se você for embora por aí de novo. Também acho que você o teve por tempo suficiente. Você não vai mais precisar dele, Bilbo, a não ser que eu esteja muito enganado.
Bilbo ficou vermelho, e havia um brilho furioso em seu olhar. A expressão amigável se fez tensa. - Por que não? - gritou ele. - E que negócio é esse de você saber o que eu faço com minhas próprias coisas? O anel é meu. Eu o achei. Ele veio até mim.

- Sim, sim - disse Gandalf - Mas você não precisa ficar furioso.

- Se estou furioso, a culpa é sua - disse Bilbo. - Ele é meu, estou dizendo. Meu. Meu precioso. Sim, meu precioso.
O rosto do mago permaneceu grave e atento, e apenas uma faísca no s olhos profundos demonstrou que ele estava assustado e na verdade alarmado. - Ele já foi chamado assim antes - disse ele. - Mas não por você.

- Mas eu estou dizendo isso agora. E por que não? Até mesmo Gollum disse a mesma coisa uma vez. Agora o anel não é dele, é meu. E devo dizer que vou ficar com ele.

Gandalf se levantou. Falou de modo ríspido. - Você vai ser um tolo se fizer isso, Bilbo - disse ele. - Você torna isso claro a cada palavra que diz. O anel se apoderou de você e isso foi longe demais. Largue dele! E então você poderá ir também, e ser livre.

- Eu vou fazer como quiser e irei como desejar - disse Bilbo obstinadamente.

- Agora, meu querido hobbit! - disse Gandalf. - Por toda sua longa existência nós fomos amigos, e você me deve alguma coisa. Vamos lá! Faça como prometeu: desista dele!

- Bem, se você quer o anel para você, diga logo! - gritou Bilbo. - Mas você não vai tê-lo. Eu não vou dar o meu precioso para ninguém. - Sua mão buscou o punho da pequena espada.

Os olhos de Gandalf brilharam. - Logo será a minha vez de ficar furioso - disse ele.

- Se você disser isso de novo, eu fico. Aí você verá Gandalf, o Cinzento, se revelar. - Deu uns passos em direção ao hobbit, e parecia ficar cada vez mais alto e ameaçador; sua sombra enchia toda a sala.

Bilbo recuou para a parede, resfolegando, a mão agarrada ao seu bolso.

Ficaram por um tempo olhando um para o outro, e o ar da sala zunia. Os olhos de Gandalf continuavam em cima do hobbit. Lentamente suas mãos relaxaram e ele começou a tremer.

- Não sei o que aconteceu com você, Gandalf. - disse ele. - Você nunca foi assim antes. O que está acontecendo? Ele é meu, não é? Eu o achei, e Gollum teria me matado se eu não o tivesse guardado. Não sou um ladrão, não importa o que ele tenha dito.

- Eu nunca chamei você de ladrão - respondeu Gandalf - E também não sou ladrão. Não estou tentando roubar você, mas ajudá-lo. Eu queria que você confiasse em mim como confiava. - Ele se virou e a sombra sumiu. Ele pareceu diminuir, e voltou a ser um velho grisalho, curvado e preocupado.

Bilbo passou a mão sobre os olhos. - Sinto muito! - disse ele. - Mas me senti tão estranho. E apesar disso seria de certo modo um alívio não ter mais de me preocupar com ele. Ele cresceu na minha mente nos últimos tempos. À s vezes eu sentia que ele era um olho me vigiando. Estou sempre sentindo vontade de colocá-lo e desaparecer, sabe... E me perguntando se ele está a salvo, e tocando nele para ter certeza. Tentei trancá-lo, mas descobri que não podia descansar sem ele no bolso. Não sei por que. Parece que não consigo me decidir.

- Então, confie em mim - disse Gandalf. - Já está decidido. Vá embora e deixe-o aqui. Deixe de possuí-lo. Dê-o a Frodo e eu tomarei conta dele.

Bilbo ficou parado por um momento, tenso e indeciso. Depois suspirou.

- Está bem - disse ele com um esforço. - Eu vou! - Então encolheu os ombros e sorriu com certa aflição. - Afinal de contas, todo esse negócio de festa foi por causa disso: distribuir um monte de presentes de aniversário, e de alguma forma facilitar as coisas para também dar o anel. No final das contas, as coisas não ficaram mais fáceis, mas seria uma pena desperdiçar todos os meus preparativos. Estragaria a brincadeira.

- Na verdade, destruiria o único motivo que eu via na coisa toda disse Gandalf.

- Muito bem! - disse Bilbo. - Ele vai para Frodo, com todo o resto. Ele respirou fundo. - E agora devo ir, ou alguém vai me pegar. Eu disse adeus, e não agüentaria fazer tudo de novo. - Apanhou seu saco e se dirigiu para a porta.

- Você ainda está com o anel no bolso - disse o mago.

- É mesmo! - gritou Bilbo. - E o meu testamento e todos os outros documentos

também. É melhor você pegá-lo e entregá-lo em meu lugar. Será mais seguro.

- Não, não dê o anel para mim - disse Gandalf. - Coloque-o sobre a lareira. Estará a salvo lá até que Frodo venha. Eu esperarei por ele.

Bilbo tirou o envelope, mas, no momento em que ia colocá-lo ao lado do relógio, sua mão deu um arranco para trás e o pacote caiu no chão. Antes que Bilbo pudesse apanhá-lo, o mago pulou e o agarrou, colocando-o em seu lugar. Um espasmo de raiva passou de leve sobre o rosto do hobbit outra vez. De repente o espasmo deu lugar a uma aparência de alívio, com uma risada.

- Bem, é isso - disse ele. - Agora vou indo! Eles foram para o corredor. Bilbo escolheu sua bengala favorita e assobiou. Três anões saíram de salas diferentes, onde tinham estado ocupados.

- Está tudo pronto? - perguntou Bilbo. - Tudo empacotado e etiquetado" Bem, então vamos! - Ele saiu pela porta da frente.

A noite estava agradável, e o céu preto ponteado de estrelas. Ele olhou para cima, sentindo o ar.

- Que bom! Que bom estar partindo novamente, partindo na Estrada com os anões! É isso que eu realmente quis, por muitos anos! Adeus! - disse ele, olhando para sua velha casa e inclinando-se para a porta. - Adeus, Gandalf.

- Adeus por enquanto, Bilbo. Cuide-se bem! Você tem idade suficiente, e talvez também sabedoria.

- Cuide-se! Eu não me preocupo. Não se preocupe comigo. Estou mais feliz que nunca, e isso significa muita felicidade. Mas chegou a hora. Meus pés estão sendo impulsionados de novo, finalmente - acrescentou; e então, numa voz baixinha, como se fosse para si mesmo, cantou suavemente no escuro: A Estrada em frente vai seguindo Deixando a porta onde começa.

Agora longe já vai indo,
Devo seguir, nada me impeça;
em seu encalço vão meus pés,
Até a junção com a grande estrada,
De muitas sendas através.
Que vem depois" Não sei mais nada.

Parou por um momento, silencioso. Então, sem mais uma palavra, deu as costas às luzes e vozes nos campos e barracas e, seguido por seus três companheiros, deu a volta entrando no jardim e foi descendo rápido o longo caminho. Pulou a cerca-viva numa parte onde era mais baixa e chegou às campinas, passando através da noite como o farfalhar do vento na relva.

Gandalf ficou por um tempo olhando para ele, que sumia na noite. Adeus, meu querido Bilbo, até nosso próximo encontro! - disse ele suavemente, e entrou na casa.
Frodo entrou logo depois, e o encontrou sentado no escuro, mergulhado em pensamentos.

- Ele se foi? - perguntou ele.

- Sim - respondeu Gandalf - Finalmente ele se foi.

- Tomara, quero dizer, eu esperava até esta noite que tudo fosse apenas uma brincadeira - disse Frodo. - Mas no fundo eu sabia que ele realmente queria ir. Queria ter entrado um pouco antes, apenas para vê-lo partir.

- Acho realmente que ele preferia escapulir despercebido no final - disse Gandalf. - Não se preocupe muito. Ele ficará bem - agora. Ele deixou um pacote para você. Ali está!

Frodo pegou o envelope da lareira e olhou-o, mas não o abriu.

- Nele você encontrará o testamento e todos os outros documentos, eu acho - disse o mago. - Você é o dono de Bolsão. E também, eu acho, você vai encontrar um anel de ouro.

- O anel! - exclamou Frodo. - Ele me deixou o anel? Gostaria de saber por quê! Mas ele ainda pode ser útil.

- Pode ser e pode não ser - disse Gandalf - Eu não faria uso dele, se fosse você. Mas guarde-o em segredo, e a salvo! Agora vou dormir.

Como dono de Bolsão, Frodo sentiu que era seu doloroso dever dizer adeus a todos os convidados. Rumores sobre acontecimentos estranhos tinham agora se espalhado em todo o campo, mas Frodo apenas dizia não há dúvidas de que tudo será esclarecido de manhã. Por volta da meia-noite, vieram carruagens para as pessoas importantes.

Uma a uma, elas foram rolando colina abaixo, lotadas de hobbits saciados, mas muito insatisfeitos. Vieram jardineiros, e removeram com carrinhos de mão aqueles que tinham inadvertidamente ficado para trás.

A noite passou lentamente. O sol nasceu. Os hobbits acordaram muito mais tarde. A manhã passou. Pessoas vieram e começaram (por ordem de alguém) a retirar os pavilhões e as mesas e cadeiras, e as colheres e facas e garrafas e pratos, e as lanternas, e os arranjos de flores em caixas, e os restos de papel de bombinhas, e bolsas e luvas e lenços esquecidos, e a comida que não tinha sido consumida (um ítem muito pequeno). Então várias outras pessoas vieram (por ordem de ninguém): Bolseiros e Boffins, e Bolgers, e Túks e outros convidados que moravam ou estavam hospedados em lugares próximos. Por volta do meio-dia, quando até os mais bem alimentados estavam a todo vapor novamente, havia uma grande multidão em Bolsão ; não convidada, mas não inesperada.

Frodo estava esperando no degrau, sorrindo, mas com uma aparência bastante cansada e preocupada. Deu boas-vindas a todos os visitantes, mas não tinha muito mais para dizer além do que já tinha dito antes. Sua resposta a todas as indagações era simplesmente: "O Sr. Bilbo Bolseiro foi embora; pelo que sei, para sempre." Alguns visitantes ele convidou para entrar, pois Bilbo tinha deixado "mensagens" para eles.

Dentro do corredor estava empilhada uma grande variedade de pacotes e embrulhos e pequenas peças de mobília. Em cada ítem havia uma etiqueta.

Havia várias etiquetas deste tipo:

Para Adelard Túk, e SOMENTE PARA ELE, de Bilbo; em um guarda-chuva. Adelard tinha dado cabo de muitos guarda-chuvas não etiquetados.

Para DORA BOLSEIRO em memória de uma LONGA correspondência, com amor. De Bilbo; num grande cesto de lixo. Dora era a irmã de Drogo e a mulher mais velha entre os parentes vivos de Bilbo e Frodo; tinha noventa e nove anos e escrevera resmas de bons conselhos durante mais de meio século.

Para MILO COVAS, esperando que seja de utilidade, de Bilbo; numa caneta de ouro e um vidro de tinta. Milo nunca respondia cartas.

Para o uso de ANGÉLICA, do tio Bilbo; num espelho redondo e convexo. Ela era uma jovem Bolseiro, e obviamente considerava seu rosto bem proporcionado.

Para a coleção de HUGOJUSTA-CORREIA, de um doador; numa estante (vazia). Hugo era ótimo para pedir livros emprestados, e péssimo para devolvê-los.

Para LOBÉLIA SACOLA-BOLSEIRO, como um PRESENTE; num estojo de colheres de prata. Bilbo achava que ela se apropriara de grande quantidade de suas colheres enquanto ele estava longe, na primeira viagem. Lobélia sabia muito bem disso.

Quando chegou mais tarde naquele dia, pegou a idéia imediatamente, mas também pegou as colheres.

Essa é apenas uma pequena seleção dos presentes. A residência de Bilbo ficara realmente entulhada de coisas no curso de sua longa existência. Era uma tendência das tocas de hobbits ficarem entulhadas: pela qual o costume de distribuir tantos presentes de aniversário foi grandemente responsável.

Não que, é claro, os presentes de aniversários fossem sempre novos; havia um ou outro velho mathom de utilidade esquecida que tinha circulado por todo o distrito; mas Bilbo geralmente dava presentes novos, e guardava os que recebia. A velha toca estava sendo agora um pouco desentulhada.

Cada um dos vários presentes de despedida tinha uma etiqueta, escrita pessoalmente por Bilbo, e muitos tinham alguma finalidade especial ou alguma brincadeira. Mas é claro que a maioria das coisas foi dada para pessoas que as desejavam e as receberiam bem. Os hobbits mais pobres, e especialmente aqueles da Rua do Bolsinho, se saíram muito bem. O velho Feitor Gamgi ficou com dois sacos de batatas, uma pá nova, um colete de lã e uma garrafa de ungüento para as juntas enferrujadas.

O velho Rory Brandebuque, em recompensa por sua grande hospitalidade, ficou com uma dúzia de garrafas de Velhos Vinhedos: um vinho tinto forte que vinha da Quarta Sul, e agora já maduro, pois tinha sido guardado pelo pai de Bilbo. Rory desculpou Bilbo, e depois da primeira garrafa jurou que ele era um bom camarada.

Uma grande quantidade de tudo ficou para Frodo. E, é claro, todos os tesouros mais importantes, bem como os livros, quadros, e mobília mais que suficiente. Tudo isso foi deixado para ele. Não houve, entretanto, qualquer sinal ou menção a dinheiro ou jóias: nem um trocado ou uma conta de vidro foram doados.

Frodo teve uma tarde bastante penosa. Um falso rumor de que todos os pertences da casa estavam sendo distribuídos gratuitamente se espalhou como fogo selvagem, e logo o lugar estava atulhado de pessoas que não tinham nada a fazer lá, mas que não podiam ser impedidas de entrar. As etiquetas se rasgaram e foram misturadas, e surgiram brigas. Algumas pessoas tentaram permutas e negociatas no corredor; e outros tentaram fugir com ítens menores que não eram destinados a eles, ou com qualquer outra coisa que aparentemente ninguém quisesse ou protegesse. A estrada que dava para o portão ficou lotada de carrinhos de mão e carriolas.

No meio da confusão chegaram os Sacola-bolseiros. Frodo tinha se recolhido por uns momentos e havia deixado seu amigo Merry Brandebuque de olho nas coisas. Quando Otho pediu para ver Frodo, Merry se inclinou educadamente,

- Ele está indisposto - disse ele. - Está descansando.

- Você quer dizer escondido - disse Lobélia. - De qualquer modo queremos vê-lo. Vá agora e diga isso a ele!

Merry os deixou esperando longamente no corredor, e eles tiveram tempo para descobrir seu presente de despedida, que era o conjunto de colheres.

Isto não melhorou os ânimos. Finalmente foram conduzidos até o escritório. Frodo estava sentado à mesa com um monte de papéis em sua frente. Parecia indisposto - pelo menos para encontrar-se com os Sacola-bolseiros - e se levantou, bulindo com alguma coisa que estava em seu bolso. Mas conversou com eles de modo educado.

Os Sacola-bolseiros foram bastante agressivos. Começaram oferecendo preços de barganha (como se fosse entre amigos) por várias coisas valiosas e sem etiquetas. Quando Frodo respondeu que apenas as coisas especialmente endereçadas por Bilbo estavam sendo doadas, disseram que tudo era suspeito.

- Somente uma coisa está clara para mim - disse Otho. - Que você está se saindo

muito bem nessa história. Insisto em ver o testamento.

Otho teria sido herdeiro de Bilbo, se não fosse pela adoção de Frodo. Ele leu o testamento com muito cuidado e bufou. Estava tudo, infelizmente, muito claro e correto (de acordo com os costumes legais dos hobbits que exigem, entre outras coisas, sete assinaturas de testemunhas em tinta vermelha).

- Derrotados novamente - disse ele à sua mulher. - Depois de esperar sessenta anos. Colheres? Ninharia! - Fez um gesto de desprezo e saiu queimando o chão. Mas não foi tão fácil se livrar de Lobélia. Um pouco mais tarde, Frodo saiu do escritório para ver como as coisas estavam indo e ainda a encontrou por ali, investigando cantos e frestas e dando tapas no assoalho. Ele a conduziu com firmeza até a saída, depois de a ter livrado de vários artigos pequenos (mas bastante valiosos) que tinham de algum modo caído dentro de seu guarda-chuva. A julgar pelo rosto, parecia que ela estava tendo espasmos de tanto pensar numa resposta realmente contundente; mas tudo o que conseguiu encontrar para dizer, virando-se no degrau, foi:

- Você viverá para se arrepender disso, rapaz! Por que você também não foi? Você não faz parte deste lugar; você não é um Bolseiro - você é um Brandebuque!

- Você ouviu isso, Merry? Isso foi um insulto, eu acho - disse Frodo fechando a porta na cara dela.

- Foi um elogio - disse Merry Brandebuque. - Mas é claro que o que ela disse não é verdade.

Depois eles deram a volta na toca e expulsaram três jovens hobbits (dois Boffins e um Bolger) que estavam fazendo furos nas paredes de uma das adegas. Frodo também teve uma contenda com o jovem Sancho Pé-soberbo (neto do velho Odo Pé-soberbo), que tinha iniciado uma escavação na despensa maior, onde ele pensou ouvir um eco.

A lenda do ouro de Bilbo excitava tanto a curiosidade quanto a esperança; pois o ouro lendário (obtido de modo misterioso, se não positivamente por meios ilícitos) é, como todos sabem, daquele que o encontrar - a não ser que a busca seja interrompida.

Quando tinha dominado Sancho, colocando-o para fora, Frodo desabou numa cadeira no salão.

- Está na hora de fechar a loja, Merry - disse ele. Tranque a porta e não abra para ninguém hoje, mesmo que alguém traga um aríete. - Depois foi se recompor com uma já protelada xícara de chá.

Mal tinha se sentado quando ouviu uma batida leve na porta da frente.

"Lobélia de novo, com toda certeza", pensou ele. "Deve ter pensado em algo realmente desagradável, e voltou para dizê-lo. Ela pode esperar."

Continuou tomando seu chá. A batida se repetiu, bem mais alto, mas ele não tomou conhecimento. De repente a cabeça do mago apareceu na janela.

- Se não me deixar entrar, Frodo, eu arranco essa porta e jogo lá embaixo - disse ele.

- Meu querido Gandalf! Um minutinho! - gritou Frodo, correndo até a porta. - Entre! Entre! Pensei que fosse Lobélia.

- Então eu perdôo você. Mas eu a vi agora há pouco numa charrete em direção a Beirágua, com uma cara de azedar leite fresco.

- Ela já tinha quase me azedado. Honestamente, eu quase experimentei o anel de Bilbo. Queria sumir.

- Não faça isso - disse Gandalf, sentando-se. - Tome cuidado com esse anel, Frodo! Na verdade, foi em parte por isso que eu vim para dizer uma única palavra.

- Sobre o quê?

- O que você já sabe?

- Só sei o que Bilbo me disse. Ouvi a história dele: Como O encontrou e como o usou: quero dizer, na sua viagem.

- Eu me pergunto qual história.

- Não aquela que ele contou para os anões e colocou em seu livro disse Frodo. - Ele me contou a história verdadeira depois que eu vim morar aqui. Disse que você o importunou até que contasse a verdade, e por isso era melhor que eu soubesse também. “Sem segredos entre você e mim, Frodo”, disse ele; “mas isso deve ficar entre nós. O anel é meu, de qualquer forma.”

- Interessante! - disse Gandalf. - E o que você achou de tudo isso?

- Se você quer dizer sobre a invenção de ter ganhado um “presente”, bem, achei que a história real era muito mais provável, e não entendi o motivo da alteração.
Não é muito do feitio de Bilbo fazer isso, e eu achei muito estranho.

- Eu também. Mas coisas estranhas podem acontecer com pessoas que possuem esse tipo de tesouro - se elas o usarem. Que isso fique como um aviso para você, para que tome muito cuidado com ele. Esse anel pode ter mais poderes do que simplesmente fazer você desaparecer quando desejar.

- Não entendo - disse Frodo.

- Eu também não - respondeu o mago. - Simplesmente comecei a pensar no anel, especialmente depois da noite passada. Não é preciso se preocupar. Mas se você seguir meu conselho, vai usá-lo muito raramente, ou nem irá usá-lo. Pelo menos eu peço que você não o use de qualquer maneira que possa causar comentários ou levantar suspeitas.
Digo de novo: guarde-o a salvo, e em segredo! - Você é muito misterioso. Está com medo de quê?

- Não tenho certeza, por isso não vou dizer mais nada. Pode ser que eu tenha alguma coisa para dizer quando voltar. Vou partir imediatamente: então é adeus por enquanto.

- Ele se levantou.

- Imediatamente?! - gritou Frodo. - Achei que você ia ficar no mínimo por mais uma semana. Estava ansioso por sua ajuda.

- Eu realmente queria ajudar você, mas tive de mudar meus planos. Posso ficar longe por um bom tempo, mas volto para ver você de novo assim que puder. Quando você menos esperar, eu vou aparecer! Chegarei em silêncio. Eu não devo mais visitar o Condado abertamente com freqüência.

- Acho que me tornei muito impopular. Dizem que sou um incômodo e que perturbo a paz. Algumas pessoas estão me acusando de realmente ter feito Bilbo desaparecer, ou coisa pior. Se você quer saber, estão dizendo que existe um plano armado por nós dois para tomar posse da riqueza dele.

- Algumas pessoas! - exclamou Frodo. - Você quer dizer Otho e Lobélia. Que abominável! Eu lhes daria Bolsão e todo o resto, se pudesse ter Bilbo de volta e ir com ele vagueando pelos campos. Eu amo o Condado. Mas de alguma forma começo a sentir que gostaria de ter ido embora também. Fico pensando se poderei vê-lo novamente.

- Eu também - disse Gandalf - E fico pensando em muitas outras coisas. Agora adeus! Cuide-se bem! Espere por mim, especialmente nas horas mais improváveis. Adeus.
Frodo o acompanhou até a porta. Ele acenou pela última vez e começou a andar num passo surpreendente; mas Frodo achou que o velho mago parecia mais curvado que o normal, quase como se estivesse carregando um grande peso. A noite estava chegando, e o seu vulto com a capa rapidamente desapareceu no crepúsculo.
Frodo não o viu novamente por um longo tempo.

CAPÍTULO II
A SOMBRA DO PASSADO

O comentário não se extinguiu dentro de 9 nem de 99 dias. O segundo desaparecimento do Sr. Bilbo Bolseiro foi discutido na Vila dos Hobbits, e na verdade em todo o Condado, ao longo de todo o ano, sendo relembrado por muito mais tempo.

Tornou-se uma fábula para os pequenos hobbits, e finalmente o Louco Bolseiro, que costumava desaparecer num lampejo com um estrondo e reaparecer com sacos de jóias e ouro, robusto e vigoroso recém-saído da vintolescência. "A sorte vem para poucos", eles diziam; mas foi somente quando Frodo chegou à idade geralmente mais sóbria de cinqüenta que começaram a achar aquilo estranho.

Frodo, depois do primeiro choque, descobriu que ser dono do seu próprio nariz e o Sr. Bolseiro de Bolsão era bastante agradável. Por alguns anos foi muito feliz e não se preocupou demais com o futuro. Mas, sem que se desse conta disso, sentia um arrependimento cada vez maior por não ter partido com Bilbo. Às vezes se pegava pensando, especialmente no outono, em terras selvagens, e estranhas imagens de montanhas que nunca havia visto apareciam em seus sonhos.

Começou a dizer para si mesmo: "Talvez eu também cruze o Rio algum dia." Ao que a outra metade de sua mente sempre respondia: "Ainda não." As coisas continuaram assim até Frodo chegar ao fim dos quarenta e estar próximo de seu qüinquagésimo aniversário: cinqüenta era um número que considerava de alguma forma significativo (ou agourento); de qualquer modo, foi com essa idade que a aventura repentinamente sobreveio a Bilbo. Começou a se sentir inquieto, e as velhas trilhas pareciam marcadas demais. Olhava mapas e se perguntava sobre o que estaria além das suas bordas: a maior parte dos mapas feitos no Condado mostrava espaços em branco além de seus limites. Pegou o costume de vagar até mais longe, na maioria das vezes sozinho, e Merry e seus outros amigos o vigiavam com ansiedade. Freqüentemente era visto andando e conversando com os estranhos andarilhos que tinham começado a aparecer no Condado nessa época.

Havia rumores sobre coisas estranhas acontecendo no mundo lá fora, e como Gandalf não tinha até aquele momento aparecido ou enviado recados já por vários anos, Frodo recolhia todas as notícias que conseguia. Os elfos, que raramente entravam no Condado, podiam agora ser vistos passando em direção ao Oeste através dos bosques à noite, passando e não retornando; mas eles estavam abandonando a Terra-média e não estavam mais preocupados com os problemas do lugar. Havia, entretanto, anões na estrada em quantidade incomum. A velha estrada Leste - Oeste passava pelo Condado, indo acabar nos Portos Cinzentos, e os anões sempre a tinham usado para chegar até suas minas nas Montanhas Azuis. Eram a principal fonte de notícias de partes distantes que os hobbits possuíam - se é que desejavam qualquer notícia: geralmente os anões diziam pouco e os hobbits perguntavam menos ainda.

Mas agora Frodo sempre encontrava anões estranhos de países distantes, procurando refúgio no Oeste. Estavam preocupados, e alguns deles falavam aos sussurros sobre o Inimigo e a Terra de Mordor.

Os hobbits só conheciam esse nome em lendas do passado escuro, como uma sombra no fundo de suas memórias; mas era um nome agourento e perturbador. Parecia que o poder maligno da Floresta das Trevas havia sido expulso pelo Conselho Branco para reaparecer com força maior nas velhas fortalezas de Mordor. A Torre Escura tinha sido reconstruída, dizia-se. Dali o poder estava se espalhando em todas as direções, e lá

no extremo oriente e ao sul havia guerras e o medo crescia. Os orcs se multiplicavam de novo nas montanhas. Os trolls estavam longe de suas terras e tinham deixado de ser estúpidos; eram astutos e tinham armas terríveis. E havia murmúrios sobre criaturas ainda mais horríveis que todas essas, mas que não tinham nome.

- É claro que nada disso chegou aos ouvidos dos hobbits comuns. Mas mesmo os mais surdos e os que menos saíam de casa começaram a ouvir histórias estranhas, e aqueles que tinham negócios nas fronteiras começaram a ver coisas esquisitas. As conversas no Dragão Verde em Beirágua, numa noite na primavera do qüinquagésimo aniversário de Frodo, demonstravam que mesmo no confortável coração do Condado rumores foram ouvidos, embora a maioria dos hobbits ainda risse deles.

Sam Gamgi estava sentado em um canto perto do fogo, e à sua frente estava Ted Ruivão, o filho do moleiro; havia também vários outros hobbits rústicos escutando sua conversa.

- A gente anda escutando coisas estranhas ultimamente - disse Sam.

- Ah! - disse Ted. - A gente escuta se der ouvidos. Mas eu posso escutar histórias agradáveis e contos infantis em casa, se quiser.

- Não há dúvida que sim - retorquiu Sam. - E eu digo que há mais verdade em algumas delas do que você possa imaginar. Então, quem inventou as histórias? Veja os dragões, por exemplo...

- Não, 'brigado' - disse Ted. - Não vejo nada. Ouvi falar deles quando era rapaz, mas não preciso acreditar nisso hoje em dia. Só existe um dragão em Beirágua, que é o Verde - disse ele, provocando o riso geral.

- Tudo bem - disse Sam, rindo com os outros. - Mas e esses homens-árvores, esses que podemos chamar de gigantes? Dizem que um homem maior que uma árvore foi visto indo para os Pântanos do Norte há pouco tempo.

- Quem disse isso?

- Meu primo Hal é um. Ele trabalha para o Sr. Boffin em Sobremonte e sobe até a Quarta Norte para caçar. Ele viu um.

- Disse que viu, talvez. Esse seu primo vive dizendo que viu coisas, e pode ser que ele veja coisas que não estão lá.

- Mas esse era grande como um olmo, e estava andando - avançava sete j ardas a cada passo, como se fosse uma polegada.

- Então aposto que não era uma polegada. O que ele viu era um olmo, é bem possível.

- Mas esse estava andando, eu te digo; e não existe olmo nos Pântanos do Norte.

- Então Hal não pode ter visto um - disse Ted. Houve risos e aplausos: a platéia parecia achar que Ted tinha marcado um ponto.

- Mesmo assim - disse Sam -, você não pode negar que outros, além do nosso Halfast, viram pessoas esquisitas atravessando o Condado - atravessando, imagine você: existe mais gente que foi barrada nas fronteiras. Os Fronteiros nunca estiveram tão ocupados. E ouvi dizer que os elfos estão indo para o Oeste. Dizem que estão indo para os portos, muito além das Torres Brancas. - Sam acenou o braço vagamente: nem ele nem qualquer um ali sabia a que distância ficava o Mar, além das velhas torres para lá da fronteira Oeste do Condado. Mas existia uma velha tradição de que lá longe ficavam os Portos Cinzentos, dos quais às vezes navios de elfos partiam, para nunca mais voltar.

- Eles estão navegando, navegando pelo Mar . Estão indo para o Oeste e nos deixando - disse Sam, meio que cantando as palavras, balançando a cabeça triste e solenemente.

Mas Ted riu.

- Bem, isso não é nenhuma novidade, se você acredita nas velhas histórias. E não consigo ver que importância isso pode ter para mim ou para você. Deixe-os navegar! Mas eu garanto que você não os viu navegando; nem qualquer outra pessoa do Condado.

- Bem, eu não sei - disse Sam pensativo. Ele acreditava ter visto um elfo uma vez nos bosques, e ainda esperava ver mais deles algum dia. Dentre todas as lendas que tinha ouvido em sua infância, esses fragmentos de contos e histórias semi-esquecidas sobre os elfos, que os hobbits contavam, sempre o tocavam profundamente.

- Existem alguns, mesmo por essas partes - disse ele. - Tem o Sr. Bolseiro, para quem eu trabalho. Ele me disse que estavam navegando, e ele sabe um pouco sobre os elfos. E o velho Sr. Bilbo sabia mais: tive muitas conversas com ele quando era garotinho.

- Nenhum dos dois regula bem - disse Ted. - Pelo menos o velho Bilbo era louco, e Frodo está ficando. Se é daí que você recolheu suas informações, não precisa inventar mais nada. Bem, amigos, vou para casa. À sua saúde! - Esvaziou sua caneca e saiu fazendo barulho.

Sam ficou sentado em silêncio e não falou mais. Tinha muito em que pensar. Em primeiro lugar, havia muito trabalho a fazer no jardim de Bolsão e o dia seguinte seria cheio, se o tempo melhorasse. A grama estava crescendo rápido. Mas tinha outras coisas na cabeça além da jardinagern. Depois de uns momentos suspirou, levantou-se e saiu.

Era o começo de abril e o céu estava clareando depois de uma chuva pesada.

O sol tinha se posto e um entardecer pálido e fresco morria dentro da noite. Ele caminhou sob as primeiras estrelas através da Vila dos Hobbits e Colina acima, assobiando doce e pensativamente.

Foi bem nessa época que Gandalf reapareceu depois de uma longa ausência.
Tinha estado fora por três anos depois da Festa. Então fez uma visita rápida a Frodo e, depois de ter dado uma boa olhada nele, partiu novamente. Durante um ou dois anos consecutivos havia aparecido com bastante freqüência, chegando sem ser esperado depois do anoitecer e indo embora sem avisar antes do nascer do sol. Não discutia seus próprios assuntos e viagens, e parecia principalmente interessado em pequenas notícias sobre a saúde e os afazeres de Frodo.

Depois, de repente, suas visitas cessaram. Já fazia mais de nove anos que Frodo não o via ou tinha notícias dele, e começou a pensar que o mago nunca mais voltaria e tinha perdido completamente o interesse por hobbits. Mas naquela noite, enquanto Sam estava indo para casa e anoitecia, veio a já conhecida batida na janela do escritório.

Frodo recebeu seu velho amigo com surpresa e grande prazer. Eles olharam bem um para o outro.

- Ora, ora... - disse Gandalf - Você parece o mesmo de sempre, Frodo!

- Você também - replicou este; mas em segredo pensou que Gandalf parecia mais velho e desgastado. Quis saber notícias suas e do mundo lá fora, e logo os dois estavam numa conversa animada, que durou até tarde da noite.

Na manhã seguinte, depois de um desjejum tardio, o mago e Frodo estavam sentados perto da janela do escritório. Havia um fogo forte na lareira, mas o sol estava quente, e o vento vinha do sul. Tudo estava muito viçoso, e o verde novo da primavera brilhava nos campos e nas pontas dos dedos das árvores.

Gandalf estava pensando numa primavera, quase 8O anos atrás, quando Bilbo saíra de Bolsão sem levar um lenço. Seu cabelo talvez estivesse agora mais branco, e sua barba e sobrancelhas mais longas, e seu rosto mais marcado pela preocupação e pela sabedoria; mas os olhos brilhavam como sempre, e ele fumava e soprava anéis de fumaça com o mesmo vigor e prazer.

Agora fumava em silêncio, pois Frodo estava quieto, perdido em pensamentos.

Mesmo na luz do dia ele sentia a sombra escura das notícias trazidas por Gandalf. Finalmente quebrou o silêncio.

- Ontem à noite você começou a dizer coisas estranhas sobre o meu anel, Gandalf - disse ele. - E aí parou, porque disse que era melhor conversar esses assuntos de dia. Não acha que devia terminar agora? Você diz que o Anel é perigoso, muito mais perigoso do que eu imagino. De que maneira?

- De muitas maneiras - respondeu o mago. - Ele é muito mais poderoso do que jamais ousei pensar no início, tão poderoso que no final poderia literalmente dominar qualquer um da raça dos mortais que o possuísse. O Anel o possuiria.

- Em Eregion, há muito tempo, muitos anéis élficos fora m feitos, anéis mágicos, como se diz. E eram, é claro, de muitos tipos: alguns mais poderosos, outros menos.
Os anéis menos importantes foram apenas ensaios no oficio, que ainda não estava totalmente desenvolvido, e para os ourives élficos eram insignificantes – embora eu os considere um risco para os mortais. Mas os Grandes Anéis, os Anéis de Poder, esses eram perigosos.

- Um mortal, Frodo, que possuir um dos Grandes Anéis não morre, mas também não se desenvolve ou obtém mais vida; simplesmente continua, até que no final cada minuto é puro cansaço. E se usar o Anel com freqüência para se tornar invisível, ele desaparece: torna-se no fim invisível permanentemente, e anda no crepúsculo sob o olhar do poder escuro que governa os Anéis. Sim, mais cedo ou mais tarde - mais tarde se essa pessoa for forte ou tiver boa índole no início; mas nem a força e nem bons propósitos durarão -, mais cedo ou mais tarde o poder escuro irá dominá-la.

- Que assustador! - disse Frodo. Houve outro longo silêncio. O som de Sam Gamji cortando a grama vinha do jardim.

- Há quanto tempo você sabe dessas coisas? - perguntou Frodo finalmente.

- E o que é que Bilbo sabia disso?

- Bilbo não sabia mais do que contou a você, tenho certeza - disse Gandalf - Certamente não lhe passaria nada que considerasse perigoso, mesmo que eu tenha prometido cuidar de você. Achava que o Anel era muito bonito e muito útil, e que se alguma coisa estava errada ou esquisita, o problema era com ele. Disse que o Anel estava crescendo em sua mente", sendo constantemente objeto de sua preocupação; mas nunca suspeitou que a causa fosse o próprio anel. Embora tenha descoberto que a coisa precisava de cuidado: nunca parecia ser do mesmo tamanho e peso; encolhia ou se expandia de um modo estranho, e podia de repente escapar de um dedo em que coubesse justo.

- É, ele me avisou disso em sua última carta - disse Frodo. - Por isso sempre o mantive na corrente.

- Muito sábio - disse Gandalf - Mas quanto à sua vida longa, Bilbo nunca a relacionou ao anel. Considerou que os méritos eram dele mesmo, e tinha muito orgulho disso. Mas estava ficando inquieto e impaciente. Fino e esticado, dizia. Um sinal de que o anel estava tomando controle.

- Há quanto tempo você sabe de tudo isso? - perguntou Frodo de novo.

- Sei? - disse Gandalf - Sei de muitas coisas que apenas os Sábios sabem, Frodo. Mas se quer dizer "sei sobre este anel", bem, ainda não sei, pode-se dizer. Há um último teste para ser feito. Mas não duvido mais do que já suponho.

- Quando foi que comecei a supor? - continuou ele cismando, em busca da resposta em sua memória. - Deixe-me ver - foi no ano em que o Conselho Branco expulsou o poder escuro da Floresta das Trevas, um pouco antes da Batalha dos Cinco Exércitos, quando Bilbo encontrou seu anel. Uma sombra cobriu meu coração, embora eu ainda não

soubesse o que temia. Sempre me perguntava como Gollum tinha achado um Grande Anel, pois aquele era um Grande Anel - isso ao menos estava claro desde o início. Aí escutei a história estranha de Bilbo, de como o tinha "ganhado", e não pude acreditar nela. Quando finalmente consegui que contasse a verdade, percebi na hora que ele estava tentando colocar seu direito sobre o anel acima de qualquer dúvida. Muito parecido com Gollum e seu "presente de aniversário". As mentiras eram muito semelhantes para que eu ficasse tranqüilo. Ficou evidente que o anel tinha um poder pernicioso que começava a repercutir sobre seu dono imediatamente. Este foi o primeiro indício verdadeiro que tive de que não estava tudo bem. Disse a Bilbo que era melhor não usar esse tipo de anel, mas ele se ressentiu e logo ficou furioso. Não havia quase mais nada que eu pudesse fazer. Não poderia tomá-lo sem causar um grande mal, e não conseguiria fazê-lo, de qualquer forma. Eu só podia observar e esperar. Talvez pudesse ter consultado Saruman, o Branco, mas alguma coisa sempre me impedia.

- Quem é Saruman? - perguntou Frodo. - Nunca ouvi falar nele antes.

- Talvez não - respondeu Gandalf - Ele não se preocupa, ou não se preocupava, com hobbits. Apesar disso, é um dos grandes entre os Sábios. É o chefe da minha ordem e o presidente do Conselho. Seu conhecimento é profundo, mas seu orgulho cresceu na mesma proporção, e ele se ofende se alguém se intrometer. A história dos anéis élficos, grandes ou pequenos, é da sua alçada. Estudou-a por muito tempo, procurando os segredos perdidos de sua feitura; mas quando os Anéis foram debatidos no Conselho, tudo o que nos revelou sobre seu estudo se mostrou contra meus receios. Então minha dúvida adormeceu - de modo inquieto. Ainda observei e esperei.

- E tudo parecia estar bem com Bilbo. E os anos passaram. Sim, passaram, e pareciam não afetá-lo. Ele não demonstrava sinais de envelhecimento. A sombra cobriu meu coração novamente. Mas disse a mim mesmo: "Afinal de contas, ele vem de uma família de grande longevidade, por parte de mãe. Ainda há tempo. Espere!"

- E esperei. Até aquela noite em que deixou esta casa. Ele disse e fez coisas que me encheram de um medo que nenhuma palavra de Saruman poderia conter. Finalmente soube que algo escuro e mortal estava em ação. Passei a maioria dos anos desde essa época descobrindo a verdade sobre isso.

- Não havia nenhum mal permanente já feito, havia? - perguntou Frodo ansiosamente. - Ele ficaria bem com o tempo, não ficaria? Quero dizer, ele poderia descansar em paz?

- Sentiu-se melhor imediatamente - disse Gandalf. - Mas só existe um poder neste mundo que sabe tudo sobre os Anéis e seus efeitos; e pelo que sei, não há nenhum poder no mundo que saiba tudo sobre hobbits. Entre os Sábios, eu sou o único que sabe sobre a tradição hobbit: um ramo de conhecimento obscuro, mas cheio de surpresas. Podem ser moles como manteiga, porém às vezes duros como velhas raízes de árvores. Acho provável que alguns possam resistir aos Anéis por muito mais tempo do que os Sábios imaginam. Acho que não há necessidade de se preocupar com Bilbo.

- É claro que ele possuiu o anel por muitos anos, e o usou; de modo que pode demorar muito até que a influência se acabe - até que rever o anel não represente um perigo para ele, por exemplo. Se isso não acontecer, ele pode viver muito, bastante feliz: apenas continuando como estava quando se separou do anel. No fim das contas, desistiu dele por sua própria vontade: um ponto importante. Não, eu não estava mais preocupado com Bilbo, uma vez que ele tinha se livrado da coisa. É por você que me sinto responsável.

- Desde que Bilbo partiu, ando muito preocupado com você, e com todos esses hobbits encantadores, absurdos e desamparados. Seria um triste golpe para o mundo se o

Poder Escuro dominasse o Condado; se todos vocês, estúpidos e alegres Bolgers, Corneteiros, Boffins, Justa-correias e o resto, para não falar dos ridículos Bolseiros, fossem todos escravizados.

Frodo estremeceu. - Mas por que isso deveria acontecer? - perguntou ele.

- E por que ele iria querer escravos assim?

- Para falar a verdade - replicou Gandalf -, acredito que até agora até agora, veja bem - ele ignorou totalmente a existência dos hobbits. Você deve ficar agradecido.
Mas a sua segurança passou. Ele não precisa de vocês - tem muitos servidores úteis - mas não se esquecerá de vocês novamente. E hobbits miseravelmente escravizados seriam muito mais do agrado dele do que hobbits felizes e livres. Existem coisas assim, como malícia e vingança.

- Vingança? - disse Frodo. - Vingança por quê? Ainda não entendo o que tudo isso tem a ver com Bilbo, comigo e com nosso anel.

- Tem tudo a ver - disse Gandalf - Você ainda não sabe do perigo real; mas saberá. Eu não sabia ao certo da última vez que vim aqui; mas chegou a hora de falar. Dê-me o anel por um momento.

Frodo retirou-o do bolso das calças, onde estava preso numa corrente pendurada ao cinto. Soltou-o e o entregou lentamente ao mago. Sentiu que estava muito pesado, como se o anel ou o próprio Frodo estivessem relutantes em permitir que Gandalf o tocasse.

Gandalf ergueu-o no ar. Parecia ser feito de ouro puro e maciço. - Você consegue ver essas marcas nele? - perguntou o mago.

- Não - disse Frodo. - Não vejo nada. O anel é liso, e nunca mostra sinais de arranhões ou de uso.

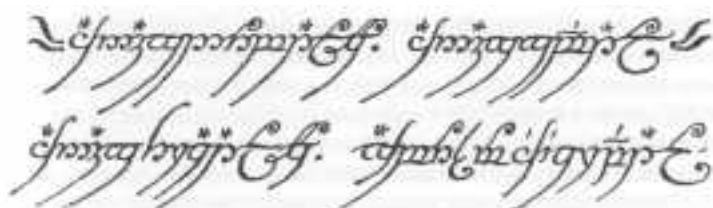
- Então olhe! - Para assombro e aflição de Frodo, o mago jogou o anel de repente bem no meio de um canto aceso da lareira. Frodo deu um grito e estendeu a mão tentando pegar as tenazes, mas Gandalf o segurou.

- Espere - disse ele numa voz imperativa, lançando de suas sobrancelhas eriçadas um olhar rápido sobre Frodo.

O anel não mostrou nenhuma alteração aparente. Depois de um tempo Gandalf se levantou, fechou as folhas da janela e a cortina. A sala ficou escura e silenciosa, embora o barulho das tesouras de Sam, agora mais próximo da janela, ainda chegasse abafado do jardim. Por um momento Gandalf ficou olhando para o fogo; depois se abaixou e tirou o anel da lareira com as tenazes, e imediatamente o segurou.

Frodo ficou boquiaberto.

- Está frio - disse Gandalf. - Pegue-o! - Gandalf o colocou na palma da mão do outro, que estava tremendo: parecia que o anel tinha ficado mais espesso e pesado que nunca.

- Erga-o! - disse Gandalf. - E olhe de perto! Fazendo isso, Frodo enxergou as linhas finas, mais finas que o mais fino traço de pena, que corriam ao longo do anel, na parte interna e na externa: linhas de fogo que pareciam formar as letras de uma caligrafia contínua. Brilhavam com uma luz penetrante e contudo remota, como se emanasse de grande profundidade.

- Não consigo ler as letras de fogo - disse Frodo numa voz trêmula.

- Não - disse Gandalf -, mas eu consigo. Essas letras são élfico, de uma modalidade arcaica, mas a língua é a de Mordor, a qual não vou pronunciar aqui. Mas isto em Língua Comum quer dizer, aproximadamente: Um Anel para a todos governar, Um Anel para encontrá-los, Um Anel para a todos trazer e na escuridão aprisioná-los

- São apenas duas linhas de versos conhecidos há muito tempo na tradição élfica: Três Anéis para os Reis Elfos sob este céu, Sete para os Senhores-Anões em seus rochosos corredores, Nove para Homens Mortais fadados ao eterno sono, Um para o Senhor do Escuro em seu escuro trono Na Terra de Mordor onde as Sombras se deitam. Um Anel para a todos governar, Um Anel para encontrá-los, Um Anel para a todos trazer e na escuridão aprisioná-los Na Terra de Mordor onde as Sombras se deitam. Parou, e então disse lentamente, numa voz profunda: - Este é o Anel-Mestre, o Um Anel para a todos governar. Este é o Um Anel que ele perdeu há muito tempo, o que causou um grande enfraquecimento de seu poder. Ele o deseja muito - mas não deve obtê-lo.

Frodo estava sentado em silêncio e paralisado. Parecia que o medo estava estendendo uma mão enorme, como uma nuvem escura que nascia no Leste e avançava para envolvê-lo.

- Este anel! - gaguejou. - Como, como veio parar nas minhas mãos?

- Ah! - disse Gandalf. - Essa é uma longa história. Seu início remonta aos Anos Negros, agora apenas lembrados pelos mestres conhecedores das tradições. Se eu tivesse de lhe contar tudo, ficaríamos aqui sentados até o inverno chegar.

- Mas ontem à noite lhe falei sobre Sauron, o Grande, o Senhor do Escuro. Os rumores que ouviu são verdadeiros: ele realmente ressurgiu; deixou seus domínios na Floresta das Trevas e voltou à sua antiga fortaleza na Torre Escura de Mordor. Até vocês hobbits já ouviram esse nome, como uma sombra rondando os limites das velhas histórias. Sempre, depois de uma derrota e uma pausa, a Sombra toma outra forma e cresce novamente.

- Gostaria que isso não tivesse acontecido na minha época - disse Frodo.

- Eu também - disse Gandalf. - Como todos os que vivem nestes tempos. Mas a decisão não é nossa. Tudo o que temos de decidir é o que fazer com o tempo que nos é dado. E, Frodo, nosso tempo já está começando a ficar negro. O Inimigo está se tornando muito forte. Seus planos ainda não estão amadurecidos, eu acho, mas estão amadurecendo. Será muito difícil para nós. Já seria, mesmo se não fosse por esse acaso terrível.

- Para o Inimigo falta ainda uma coisa que lhe dê força e sabedoria para derrotar todas as resistências, quebrar todas as defesas e cobrir todas as terras com uma segunda escuridão. Ele precisa do Um Anel.

- Os Três, os mais bonitos de todos, foram escondidos dele pelos Reis-Elfos, e suas mãos nunca os tocaram ou macularam. Sete os Senhores Anões possuíam, mas ele recuperou três, e os outros foram consumidos pelos dragões. Nove ele deu a Homens Mortais, orgulhosos e poderosos, e desse modo os seduziu. Há muito tempo caíram sob o domínio do Um, e se tornaram Espectros do Anel, sombras sob sua grande Sombra, seus mais terríveis servidores. Há muito tempo. Faz muitos anos que os Nove foram levados para longe. Mas, quem sabe? Conforme as sombras cresçam novamente, estes também podem retornar. Mas deixa para lá! Não devemos falar dessas coisas nem numa manhã do Condado.

- A situação agora é esta: os Nove foram reunidos por ele; os Sete também, ou então foram destruídos. Os Três ainda estão escondidos. Mas não o preocupam mais. Precisa apenas do Um, pois este foi feito por ele mesmo, pertence a ele, que permitiu que uma grande parte de seu antigo poder passasse para o anel, de modo que pudesse

governar todos os outros. Se o recuperar, poderá comandar a todos novamente, onde quer que estejam, até mesmo os Três, e tudo o que foi feito com eles não terá mais efeito, e ele ficará mais forte que nunca.

- E este é o acaso terrível, Frodo. Ele acreditava que o Um estava desaparecido, que havia sido destruído pelos elfos, como deveria ter acontecido. Mas agora sabe que ele não desapareceu, que foi encontrado. Então está procurando, procurando, e todo o seu pensamento está concentrado nisso. É sua grande esperança e nosso grande receio

- Por que, por que não foi destruído? - gritou Frodo. - E como aconteceu ao Inimigo perdê-lo, se era tão forte e o considerava tão precioso? Apertou o Anel em sua mão, como seja enxergasse dedos escuros se estendendo para tentar tomá-lo.

- Foi tomado dele - disse Gandalf. - Antigamente a força de resistência dos elfos contra ele era maior; e homens e elfos não eram tão estranhos uns aos outros. Os homens de Ponente vieram ajudá-los. Este é um capítulo da antiga história que merece ser recordado; naquele tempo também havia tristeza, e uma escuridão crescente, mas houve pessoas valorosas e feitos que não foram totalmente em vão. Um dia, talvez, eu lhe conte toda a história, ou quem sabe você a escute de alguém que a conhece melhor.

- Mas por enquanto, já que acima de tudo você precisa saber como essa coisa veio parar em suas mãos, e isso já dá uma história bem longa, vou me limitar a essa parte. Foi Gil-galad, Rei-Elfo, que juntamente com Elendil de Ponente derrotou Sauron, embora os dois tenham sucumbido nessa empresa; Isildur, filho de Elendil, cortou o Anel da mão de Sauron e tomou-o para si. Dessa forma Sauron foi subjugado e seu espírito fugiu e ficou escondido por muitos anos, até que sua sombra tomou forma novamente na Floresta das Trevas.

- Mas o anel foi perdido. Caiu no Grande Rio, Anduin, e sumiu. Isildur estava marchando para o Norte ao longo da margem leste do Rio; perto dos Campos de Lis foi assaltado pelos orcs das Montanhas, e quase todo o seu povo foi assassinado. Ele pulou nas águas do Rio, mas o Anel escorregou de seu dedo enquanto nadava, e então os orcs o viram e o mataram com flechas.

Gandalf parou. - E ali, nos lagos escuros dos Campos de Lis - disse ele - , o Anel sumiu do conhecimento e das lendas; e até mesmo esta parte de sua história é conhecida apenas por poucas pessoas, e o Conselho dos Sábios não conseguiu descobrir mais. Mas finalmente acho que posso continuar a história.

- Muito depois, mas ainda há muito tempo, vivia nas margens do Grande Rio, na borda das Terras Ermas, um pequeno povo de mãos ágeis e pés silenciosos. Acho que eram semelhantes aos hobbits; parentes dos pais dos pais dos Grados, pois amavam o Rio e sempre nadavam nele, ou faziam pequenos barcos de junco.

Havia entre eles uma família muito considerada, pois era maior e mais rica que a maioria, que era governada pela avó, senhora austera e conhecedora da história antiga de seu povo. O elemento mais curioso e mais ávido de conhecimento dessa família se chamava Sméagol. Ele se interessava por raízes e origens; mergulhava em lagos fundos, fazia escavações embaixo de árvores e plantas novas, abria túneis em colinas verdes; com o tempo, deixou de olhar os topos das colinas, as folhas nas árvores, e as flores se abrindo no ar: sua cabeça e olhos só se dirigiam para baixo.

- Tinha um amigo chamado Déagol, parecido com ele, de olhos mais penetrantes mas não tão rápido ou forte. Uma vez pegaram um barco e desceram para os Campos de Lis, onde havia grandes canteiros de íris e juncos em flor. Ali Sméagol desceu e foi fuçar as margens, mas Déagol ficou sentado no barco pescando. De repente um grande peixe mordeu a isca, e antes que soubesse onde estava, ele foi arrastado para fora do barco e dentro da água, até o fundo. Então soltou a linha, pois julgou ver alguma coisa brilhando

no leito do rio, e prendendo a respiração conseguiu apanhá-la.

- Depois subiu soltando bolhas, com plantas em seu cabelo e um monte de lama na mão, e nadou até a margem. E veja só! Quando limpou a lama, viu em sua mão um lindo anel de ouro, que brilhava e resplandecia ao sol. Seu coração se alegrou.
Mas Sméagol tinha ficado vigiando de trás de uma árvore, e enquanto Déagol se regozijava com o anel, Sméagol chegou devagar por trás dele, "Dê isso para nós, Déagol, meu querido", disse Sméagol sobre o ombro do amigo.

"Por quê?", perguntou Déagol.

"Porque é meu aniversário, meu querido, e eu quero isso", disse Sméagol.

"Eu não ligo", disse Déagol. "Eu já lhe dei um presente de aniversário, que foi mais do que eu podia. Eu encontrei isso, e vou ficar com ele." "Vai mesmo, meu querido?" disse Sméagol; e segurou Déagol pela garganta e o estrangulou, porque o ouro era tão brilhante e bonito. Depois pôs o anel em seu dedo.

- Jamais se descobriu o que tinha acontecido com Déagol; foi assassinado longe de casa, e seu corpo foi habilmente escondido. Mas Sméagol voltou sozinho, e descobriu que ninguém de sua família podia vê-lo quando estava usando o anel. Ficou muito satisfeito com essa descoberta e a ocultou. Usava-a para descobrir segredos, e se aproveitava de seus conhecimentos em feitos desonestos e maliciosos. Ficou com olhos perspicazes e ouvidos aguçados para tudo que fosse pernicioso. O anel tinha lhe dado poderes de acordo com sua estatura. Não é de admirar que tenha se tornado muito impopular e que fosse evitado (quando visível) por todos os seus parentes. Estes o chutavam, e ele mordia seus pés. Começou a roubar e a andar por aí resmungando para si mesmo, gorgolejando. Por isso chamavam-no de Gollum e o amaldiçoavam, e lhe diziam para ir embora; sua avó, querendo paz, expulsou-o da família e o pôs para fora de sua toca.

- Vagou sozinho, chorando um pouco pela dureza do mundo, e viajou no acima, até chegar a um riacho que descia das montanhas, seguindo esse caminho. Capturava peixes em lagos fundos com dedos invisíveis e os comia crus. Num dia muito quente, quando se inclinava sobre um lago, sentiu algo queimando na sua nuca, e uma luz ofuscante que vinha da água doeu em seus olhos molhados. Surpreendeu-se com isso, pois havia quase se esquecido da existência do sol. Então, pela última vez, olhou para cima e o desafiou com o punho fechado.

- Mas quando abaixou os olhos, viu à sua frente, distantes, os topos das Montanhas Sombrias, de onde vinha o riacho. E de repente pensou: "Debaixo daquelas montanhas deve ser um lugar fresco e de muita sombra. O sol não Poderia me olhar ali. As raízes dessas montanhas devem ser raízes de verdade; deve haver grandes segredos enterrados lá que não foram descobertos desde o início.

- Então viajou de noite pelas montanhas, e encontrou uma pequena caverna, da qual corria o riacho escuro; e fez o caminho rastejando, como uma larva entrando no coração das montanhas; e sumiu de todo o conhecimento. O Anel entrou nas sombras com ele, e nem mesmo quem o fez, quando seu poder começou a crescer novamente, pôde saber qualquer coisa sobre o assunto.

- Gollum! - gritou Frodo. - Gollum? Quer dizer que esta é justamente a criatura Gollum que Bilbo encontrou? Que asqueroso!

- Acho que esta é uma história triste - disse o mago - e que poderia ter acontecido com outras pessoas, até mesmo com hobbits que eu conheci.

- Não posso acreditar que Gollum tenha algum parentesco com os hobbits, por mais distante que seja - disse Frodo acaloradamente. - Que idéia abominável!

- Mas mesmo assim verdadeira - replicou Gandalf. - De qualquer maneira, sei mais das origens dos hobbits do que eles próprios. E até a história de Bilbo sugere o

parentesco. Havia muita coisa no fundo de suas mentes e memórias que era similar. Eles se entenderam notavelmente bem, muito melhor do que um hobbit entenderia, vamos dizer, um anão, ou um ore, ou mesmo um elfo. Pense nas charadas que ambos sabiam, para dar um exemplo.

- Sim - disse Frodo. - Mas outros povos além dos hobbits propõem charadas e muitas delas do mesmo tipo. E os hobbits não trapaceiam. Gollum queria trapacear o tempo todo. Estava só tentando pegar Bilbo desprevenido. E vou mais além: sua maldade se divertiu propondo um jogo que poderia acabar lhe dando uma vítima fácil, mas que não o prejudicaria se perdesse.

- Receio que isso seja a pura verdade - disse Gandalf. - Mas havia algo mais nisso tudo, eu acho, que você ainda não pode ver. Até mesmo Gollum não estava totalmente arruinado. Provou ser mais resistente até do que um dos Sábios poderia imaginar - como também pode acontecer com um hobbit. Havia um cantinho de sua mente que ainda lhe pertencia, e a luz entrou por ele, como através de uma fenda no escuro: uma luz que vinha do passado. Penso que na verdade deve ter sido bom para ele ouvir uma voz agradável novamente, trazendo lembranças do vento, das árvores, e do sol na grama, e coisas desse tipo que estavam esquecidas.

- Mas é óbvio que isso só iria fazer com que a sua parte má ficasse mais furiosa no fim - a não ser que pudesse ser conquistada. A não ser que pudesse ser curada.

- Gandalf suspirou. - Infelizmente, há poucas chances. Mas ainda há esperança. Sim, pois embora ele tivesse possuído o Anel por um período tão longo, incluindo quase todo o espaço de que possa se lembrar, já fazia tempo que não o usava muito: na negra escuridão era quase desnecessário. Certamente Gollum nunca "desapareceu". Está magro e ainda resistente. Mas a coisa estava devorando sua mente, é claro, e o tormento já era quase insuportável.

- Todos os "grandes segredos" sob as montanhas acabaram se transformando apenas numa noite vazia: não havia mais nada para descobrir, nada que valesse a pena fazer, apenas comer coisas nojentas furtivamente e remoer ressentimentos. Odiava a escuridão, e ainda mais a luz: odiava tudo, e acima de tudo o Anel.

- O que quer dizer? - perguntou Frodo. - Certamente o Anel era o seu precioso e a única coisa com que se preocupava. Mas se o odiava, por que não se livrou dele, ou não foi embora e o deixou?

- Você precisa começar a entender, Frodo, depois de tudo o que ouviu disse Gandalf. - Ele o odiava e o amava, da mesma forma como odiava e amava a si mesmo. Não podia se livrar dele. Nessa questão, não tinha mais vontade própria.

- Um anel de poder toma conta de si próprio, Frodo. Ele pode escapar traiçoeiramente, mas quem o possui nunca o abandona. No máximo brinca com a idéia de entregá-lo aos cuidados de alguma outra pessoa - e isso apenas num estágio inicial, quando ele começa a se apoderar. Mas até onde sei somente Bilbo em toda a história foi além de brincar, e realmente o entregou. Precisou de toda a minha ajuda, também. E mesmo assim ele nunca teria simplesmente abandonado o anel, ou colocado de lado. Não foi Gollum, Frodo, mas o próprio anel que decidiu as coisas. O anel o deixou.

- Ali, e bem em tempo de encontrar Bilbo? - disse Frodo. - Um ore não teria sido mais adequado?

- Isso não é brincadeira - disse Gandalf - Não para você. Esse foi o acontecimento mais estranho em toda a história do Anel até agora: a chegada de Bilbo exatamente naquela hora, e o fato de ter colocado a mão sobre ele, cegamente, no escuro.

- Havia mais que um poder em ação, Frodo. O anel estava tentando voltar para seu mestre. Tinha escorregado da mão de Isildur e o traíra; depois, quando houve uma chance,

pegou o pobre Déagol, e este foi assassinado; e depois disso Gollum, e o Anel o devorou. Não podia mais fazer uso dele: Gollum era pequeno e mesquinho demais, e enquanto permanecesse com ele o anel jamais deixaria o lago escuro.

Então nesse momento, quando seu mestre estava novamente acordado e enviando seu pensamento escuro da Floresta das Trevas, ele abandonou Gollum. Para ser apanhado pela pessoa mais improvável que se poderia imaginar: Bilbo, do Condado.

- Por trás disso havia algo mais em ação, além de qualquer desígnio de quem fez o Anel. Não posso dizer de modo mais direto: Bilbo estava designado a encontrar o Anel, e não por quem o fez. Nesse caso você também estava designado a possuí-lo. E este pode ser um pensamento encorajador.

- Mas não é - disse Frodo. - Embora eu não tenha certeza de que entendi o que me contou. Mas como você soube tudo isso sobre o Anel, e sobre Gollum? Você realmente sabe de tudo isso, ou ainda está só adivinhando? Gandalf olhou para Frodo, e seus olhos brilharam. - Eu sabia muito, e aprendi muito - respondeu ele. - Mas não vou prestar contas de tudo o que fiz para você. A história de Elendil e Isildur e do Um Anel é conhecida por todos os Sábios. E ficou demonstrado, apenas pelas letras de fogo, que o seu anel é o Um, mesmo deixando de lado outras evidências.

- E quando você descobriu isto? - perguntou Frodo, interrompendo.

- Agora há pouco, nesta sala, é claro - respondeu o mago secamente.

- Mas já esperava fazer essa descoberta. Voltei de escuras jornadas e de uma longa procura para fazer o teste final. É a última prova e as coisas agora estão muito claras. Descobrir a parte de Gollum, e ajustá-la à lacuna da história exigiu alguma reflexão. Posso ter começado com suposições a respeito de Gollum, mas não estou supondo agora. Eu sei. Eu o encontrei!

- Você encontrou Gollum? - exclamou Frodo, surpreso.

- Sim, a coisa mais óbvia a fazer, é claro, se fosse possível. Já estava tentando havia muito tempo, mas finalmente consegui.

- Então o que aconteceu depois que Bilbo escapou dele? Você sabe?

- Não claramente. O que você ouviu foi o que Gollum estava disposto a contar - embora, é claro, não do modo que relatei. Por exemplo, ele chamava o Anel de seu “presente de aniversário”, e não abria mão disso. Disse que veio de sua avó, que tinha montes de coisas bonitas daquele tipo. Uma história ridícula. Não duvido de que a avó de Sméagol fosse uma matriarca, uma grande pessoa à sua maneira, mas dizer que ela possuía muitos Anéis-Élficos era absurdo, e quanto a doá-los, isso era mentira. Mas uma mentira com um fundo de verdade.

- O assassinato de Déagol assombrava Gollum, e ele inventou uma defesa, repetindo-a ao seu “precioso” muitas vezes, enquanto roía ossos no escuro, até quase acreditar no que dizia. Era seu aniversário, Déagol devia ter-lhe dado o anel. Para ele era óbvio que o anel tinha aparecido daquele modo porque era um presente. Era seu presente de aniversário, e tudo o mais...

- Eu o suportei o quanto pude, mas a verdade era desesperadamente importante, e no final precisei ser rude. Amedrontei-o com fogo e arranquei dele a verdadeira história, pouco a pouco, junto com muito rosnar e resmungar. Considerou-se mal interpretado e usado. Mas quando finalmente me contou a história, até o final do jogo de charadas e a fuga de Bilbo, não disse mais nada, a não ser na forma de pistas obscuras. Alguma outra coisa o amedrontava mais que eu. Resmungava que iria ter de volta o que era seu. As pessoas iriam ver se ele suportaria ser chutado, expulso de uma toca e depois roubado. Gollum tinha agora bons amigos, bons e muito fortes. Eles o ajudariam. Bolseiro iria pagar por isso. Esse era seu principal pensamento. Odiava Bilbo e amaldiçoava seu nome.

E mais: sabia de onde ele tinha vindo.

- Mas como descobriu? - perguntou Frodo.

- Bem, quanto ao nome, o próprio Bilbo o disse, muito ingenuamente; e depois disso seria fácil descobrir de onde vinha, já que Gollum tinha saído de sua ilha. Ah, sim, ele saiu. O desejo pelo anel provou ser mais forte que seu medo dos orcs, e até da luz. Depois de um ou dois anos ele deixou as montanhas. Veja você, embora ainda preso ao desejo pelo anel, Gollum não estava mais sendo devorado por ele; começou a reviver um pouco. Sentiu-se velho, terrivelmente velho, embora menos tímido, e estava mortalmente faminto.

- A luz, do sol e da lua, ainda eram odiadas por ele, e sempre serão, eu acho; mas ele foi esperto. Descobriu que podia se esconder da luz do dia e do luar, e fazer seu caminho rápida e suavemente na calada da noite com seus olhos pálidos e frios, e capturar coisas amedrontadas ou imprudentes. Ficou mais forte e corajoso com nova comida e ar. Conseguiu achar o caminho da Floresta das Trevas, como se poderia esperar.

- Foi ali que você o encontrou? - perguntou Frodo.

- Eu o vi lá - respondeu Gandalf - Mas antes disso ele vagara por lugares distantes, seguindo o rastro de Bilbo. Não tenha dúvida de que foi difícil arrancar qualquer informação dele, pois sua conversa era sempre interrompida por maldições e ameaças.

"O que ele tinha em ssseus bolssos?", dizia ele, "eu não sabia, não, precioso. Trapaça barata. Não foi uma pergunta honesta. Ele enganou primeiro, enganou sim. Quebrou as regras. Deveríamos ter espremido ele, sim, precioso. E nós vamos, precioso!"

- Esta é uma amostra de sua conversa. Suponho que você não queira mais. Tive de agüentar isso por vários dias. Mas através das pistas que escapavam com aquele rosnar, descobri que seus pés silenciosos o tinham conduzido finalmente a Esgaroth e até as ruas de Valle, escutando secretam ente e espiando. Bem, a notícia dos grandes acontecimentos estava espalhada pelas Terras Ermas, e muitos tinham ouvido o nome de Bilbo e sabiam de onde vinha. Nós não fizemos segredo de nossa viagem de volta até sua casa no Oeste. Os ouvidos atentos de Gollum logo escutariam o que desejavam.

- Então, por que ele não seguiu o rastro de Bilbo por mais tempo? Perguntou Frodo. - Por que não veio até o Condado?

- Ah! - exclamou Gandalf. - Agora chegamos ao ponto. Acho que Gollum tentou. Partiu e se dirigiu ao Oeste, até o Grande Rio. Mas aí mudou a direção. A distância não o intimidou, disso tenho certeza. Não, alguma outra coisa o afastou. Assim pensam meus amigos, os que o caçaram para mim.

- Os elfos da Floresta o procuraram primeiro, uma tarefa fácil para eles, pois seu rastro ainda era recente nessa época. Seguiram-no através da Floresta das Trevas e de volta novamente, embora não tenham conseguido capturá-lo. A Floresta estava cheia de rumores sobre ele, contos terríveis mesmo para animais e pássaros. Os homens da Floresta disseram que havia algo diferente e terrível, um fantasma que bebia sangue. Subia nas árvores para procurar ninhos; se arrastava dentro de tocas para encontrar filhotes; escorregava através das janelas para procurar berços.

- Mas na borda oeste da Floresta das Trevas o rastro mudou de rumo. Desviou para o sul, fugiu do alcance da visão dos elfos da Floresta e foi perdido. E então cometi um grande erro. Sim, Frodo, e não o primeiro; embora receie que possa ter sido o mais grave. Deixei as coisas acontecerem. Deixei-o escapar, pois tinha muito em que pensar naquela época, e ainda confiava nos estudos de Saruman.

- Bem, isso foi anos atrás. Paguei por isso com muitos dias escuros e perigosos. Já fazia muito tempo que o rastro era antigo quando comecei a segui-lo novamente, depois da partida de Bilbo. E minha busca teria sido em vão, se não fosse pela ajuda que tive de

um amigo: Aragorn, o maior viajante e caçador do mundo nesta era. Juntos procuramos Gollum em toda a extensão das Terras Ermas, sem esperança e sem sucesso. Mas finalmente, quando eu tinha desistido da busca e me voltava para outras coisas, Gollum foi encontrado. Meu amigo retornou, depois de passar por grandes perigos, trazendo a miserável criatura.

- O que Gollum estivera fazendo não dizia. Apenas chorava e nos chamava de cruéis, com muitos gollums de sua garganta: e quando o pressionamos, lamentou-se e nos adulou, e esfregou as longas mãos, lambendo os dedos como se doessem, como se estivesse lembrando de alguma tortura antiga. Mas receio que não há sombra de dúvida: ele tinha feito um percurso longo e furtivo, passo a passo, milha a milha, até finalmente chegar à Terra de Mordor.

Um silêncio pesado caiu sobre a sala. Frodo podia ouvir as batidas de seu coração. Mesmo lá fora tudo parecia quieto. Nenhum som da tesoura de Sam podia ser ouvido.

- Sim, a Mordor - disse Gandalf - Infelizmente, Mordor atrai todas as coisas malignas, e o Poder Escuro estava usando todas as forças par a reuni-las ali.

O Anel do Inimigo também cumpriria seu papel, fazendo Gollum ficar atento aos chamados. E todas as pessoas estavam na época sussurrando sobre a nova Sombra no Sul, e sobre seu ódio pelo Oeste. Ali estavam seus novos e bons amigos, que o ajudariam em sua vingança.

- Idiota infame! Naquela terra poderia aprender muito, demais para que pudesse continuar tranqüilo. E mais cedo ou mais tarde, enquanto espreitava e vigiava nas fronteiras, ele seria capturado e levado - para exame. Foi assim que aconteceu, receio. Já tinha permanecido ali por um longo tempo quando foi encontrado, fazendo o caminho de volta. Em alguma missão maldosa. Mas isso não importa agora. Seu maior dano estava feito.

- Sim, infelizmente! Através dele o Inimigo ficara sabendo que o Um tinha sido encontrado novamente. Ele sabe onde Isildur morreu. Sabe onde Gollum encontrou seu anel. Sabe que este é um dos Grandes Anéis, pois garantiu vida longa. Sabe que não é um dos Três Anéis, pois estes nunca foram perdidos. Sabe que não é nenhum dos Sete ou dos Nove, pois seu paradeiro é conhecido. Sabe que este é o Um. E finalmente ouviu falar de hobbits e do Condado.

- É provável que esteja procurando o Condado atualmente, se é que ainda não descobriu onde fica. Na verdade, Frodo, receio até que o nome Bolseiro, que por muito tempo passou despercebido, tenha se tornado importante para ele.

- Mas isso é terrível - gritou Frodo. - Muito pior do que o pior que eu havia imaginado a partir de suas insinuações e advertências. Ó Gandalf, meu melhor amigo, que devo fazer? Pois agora estou realmente com medo. Que devo fazer? É uma pena que Bilbo não tenha apunhalado aquela criatura vil, quando teve a chance!

- Pena? Foi justamente Pena que ele teve. Pena e Misericórdia: não atacar sem necessidade. E foi bem recompensado, Frodo. Tenha certeza de que ele foi tão pouco molestado pelo mal, e no final escapou, porque começou a possuir o Anel desse modo. Com Pena.

- Sinto muito - disse Frodo. - Mas estou com medo; e não sinto nenhuma pena de Gollum.

- Você não o viu - Gandalf interrompeu.

- Não vi e não quero ver - disse Frodo. Não consigo entender você. Quer dizer que você e os elfos deixaram-no viver depois de todas as coisas horríveis que fez? Agora, de qualquer modo, ele é tão mau quanto um orc, e um inimigo. Merece a morte.

- Merece! Ouso dizer que sim. Muitos que vivem merecem a morte. E alguns que

morrem merecem viver. Você pode dar-lhes vida? Então não seja tão ávido para julgar e condenar alguém à morte. Pois mesmo os muito sábios não conseguem ver os dois lados. Não tenho muita esperança de que Gollum possa se curar antes de morrer, mas existe uma chance. E ele está ligado ao destino do Anel. Meu coração me diz que ele tem ainda algum tipo de função a desempenhar, para o bem ou para o mal, antes do fim; e quando a hora chegar, a pena de Bilbo pode governar o destino de muitos - e o seu também. De qualquer forma não o matamos: está muito velho e infeliz. Os elfos da Floresta o mantêm preso, mas o tratam com toda a gentileza que têm em seus sábios corações.

- Mesmo assim - disse Frodo. - Mesmo que Bilbo não pudesse matar Gollum, gostaria que não tivesse ficado com o Anel. Gostaria que nunca o tivesse encontrado, e que eu não o possuísse agora! Por que permitiu que eu ficasse com ele? Por que não me obrigou a jogá-lo fora, ou a destruí-lo?

- Permitir? Obrigar? - disse o mago. - Você não prestou atenção em tudo o que eu disse? Você não sabe o que está dizendo. Mas quanto a jogá-lo fora, isto seria obviamente errado. Esses Anéis têm um modo de ser encontrados. Em mãos perversas, este poderia ter causado um grande mal. Pior de tudo, poderia ter caído nas mãos do Inimigo. Na verdade, certamente cairia; pois este é o Um, e ele está exercendo todo seu poder para encontrá-lo ou atraí-lo para si.

- É claro, querido Frodo, foi perigoso para você, e isto me preocupou muito. Mas havia tantas coisas em questão que precisei correr alguns riscos - embora não tenha havido um só dia durante minha ausência em que o Condado não estivesse guardado por olhos atentos. Contanto que você não o usasse, eu não achava que o Anel poderia ter algum efeito duradouro em você; não para o mal, e de qualquer forma não por um longo tempo. E lembre-se de que há nove anos, quando o vi pela última vez, eu tinha certeza de muito pouca coisa.

- Mas por que não destruí-lo, como você já deveria ter feito há muito tempo? - gritou Frodo novamente. - Se tivesse me avisado, ou mesmo mandado um recado, eu o teria destruído.

- Teria? Como faria isso? Você já tentou?

- Não. Mas acho que ele poderia ser destruído a marteladas, ou derretido.

- Tente! - disse Gandalf. - Tente agora.

Frodo retirou o Anel de seu bolso novamente e olhou para ele. Agora parecia liso e plano, sem qualquer marca visível.

O ouro tinha uma aparência muito bela e pura, e Frodo pensou como sua cor era bonita e rica, como era perfeitamente redondo. Era uma coisa admirável e preciosa. Quando o tirou do bolso, pretendia atirá-lo exatamente na parte mais quente do fogo. Mas percebia agora que não podia fazê-lo, não sem um grande esforço. Sentiu o peso do Anel em sua mão, hesitando, e se forçando a lembrar de tudo o que Gandalf tinha lhe contado; então, com um grande esforço de vontade fez um movimento, como para atirá-lo longe - mas percebeu que o havia colocado de volta no bolso.

Gandalf riu de modo severo. - Está vendo? Também você, Frodo, já não consegue se livrar dele, ou danificá-lo. E eu não poderia "obrigar" você - a não ser usando de força, o que quebraria sua vontade. Mas quanto a destruir o Anel, a força é inútil. Mesmo que você o pegasse e o martelasse com uma marreta pesada, nenhum vestígio apareceria nele. Suas mãos não podem desfazê-lo, nem as minhas.

- Seu pequeno fogo, é claro, não derreteria nem ouro comum. Este Anel já passou por ele incólume, e nem foi aquecido. Mas não há forja de ferreiro neste Condado que possa alterá-lo de forma alguma. Nem mesmo as bigornas e os fornos dos anões poderiam fazer isso. Alguém disse que o fogo dos dragões poderia derreter e consumir os Anéis de

Poder, mas hoje em dia não sobrou nenhum dragão na terra cujo velho fogo seja quente o suficiente; nem nunca houve qualquer dragão, nem mesmo Ancalagon, o Negro, que pudesse danificar o Um Anel, o Anel Governante, pois ele foi feito pelo próprio Sauron.

- Só existe uma maneira: encontrar as Fendas da Perdição nas profundezas de Orodruin, a Montanha de Fogo, e atirar o Anel ali, se você realmente quer destruí-lo, colocá-lo fora do alcance do Inimigo para sempre.

- É claro que quero destruí-lo! - gritou Frodo. - Ou, bem.... fazer com que ele seja destruído. Não sou talhado para buscas perigosas. Gostaria de nunca ter visto o Anel! Por que veio a mim? Por que fui escolhido?

- Perguntas desse tipo não se podem responder - disse Gandalf. Pode ter certeza de que não foi por méritos que outros não tenham: pelo menos não por poder ou sabedoria. Mas você foi escolhido, e portanto deve usar toda força, coração e esperteza que tiver.

- Mas tenho tão pouco dessas coisas! Você é sábio e poderoso. Você não ficaria com o Anel?

- Não! - gritou Gandalf, levantando-se de repente. - Com esse poder eu teria um poder grande e terrível demais. E comigo o Anel ganharia uma força ainda maior e mais fatal. - Seus olhos brilharam e seu rosto se acendeu como se estivesse iluminado por dentro. - Não me tente! Pois eu não quero ficar como o próprio Senhor do Escuro. Mas o caminho do Anel até meu coração é através da piedade, piedade pela fraqueza e pelo desejo de ter forças para fazer o bem. Não me tente! Não ouso tomá-lo, nem mesmo para mantê-lo a salvo, sem uso. O desejo de controlá-lo seria grande demais para minhas forças. E vou precisar delas. Grandes perigos me esperam.

Foi até a janela, correu a cortina e abriu as venezianas. A luz do sol afluiu para dentro da sala novamente. Sam passou ao longo do caminho do lado de fora, assobiando.

- E agora - disse o mago, voltando-se para Frodo -, a decisão é sua! Mas sempre ajudarei você. - Colocou a mão no ombro de Frodo. - Ajudarei você a carregar este fardo, enquanto precisar carregá-lo. Mas precisamos fazer alguma coisa logo. O Inimigo está se aproximando.

Houve um longo silêncio. Gandalf sentou-se novamente e tirava baforadas de seu cachimbo, como se estivesse perdido em pensamentos. Seus olhos pareciam fechados, mas sob as pálpebras estavam vigiando Frodo atentamente. Frodo olhou fixamente para as brasas vermelhas na lareira, até que elas encheram toda a sua visão, e ele parecia estar olhando no interior de profundos poços de fogo. Estava pensando nas lendárias Fendas da Perdição, e no terror da Montanha de Fogo.

- Bem - disse Gandalf finalmente. - Em que está pensando? Já decidiu o que fazer?

- Não! - respondeu Frodo, saindo da escuridão e voltando a si, surpreso ao descobrir que não estava escuro, e que da janela podia ver o jardim iluminado pelo sol.

- Ou, talvez, sim. Pelo que entendi do que você disse, suponho que devo manter o Anel e guardá-lo, pelo menos por agora, não importa o que isso me acarrete.

- O que quer que aconteça, será lento, lento para o mal, se guardá-lo com esse propósito.

- Espero que sim - disse Frodo. - Mas espero que possa encontrar logo algum outro guardião melhor. Mas por enquanto parece que represento um perigo, um perigo para todos os que vivem perto de mim. Não posso guardar o Anel e ficar aqui. Devo deixar Bolsão, o Condado, deixar tudo e ir embora. - Ele suspirou.

- Gostaria de salvar o Condado, se pudesse - embora tenha havido ocasiões em que pensei não ter palavras para descrever a estupidez e idiotice do s habitantes daqui, e senti que o bom para eles seria um terremoto ou uma invasão de dragões. Mas não sinto assim agora. Sinto que enquanto o Condado permanecer a salvo e tranqüilo atrás de mim, a

minha andança será mais suportável: saberei que em algum lugar existe um chão seguro, mesmo que meus pés não possam pisá-lo de novo.

- É claro que às vezes pensei em ir embora, mas imaginava isso como um tipo de férias, uma série de aventuras como as de Bilbo ou ainda melhores, terminando em paz. Mas isto agora significa o exílio, fugir de um perigo para cair em outro, levando o perigo por onde quer que eu vá. E suponho que devo ir só, se estou fazendo isto para salvar o Condado. Mas sinto-me muito pequeno, e extirpado de minhas raízes e - bem desesperado. O Inimigo é tão forte e terrível!

Não disse a Gandalf, mas enquanto falava um grande desejo de seguir Bilbo queimava em seu coração - seguir Bilbo, e talvez até encontrá-lo novamente. Um desejo tão forte que superou o medo: quase poderia correr para fora e depois para a estrada sem seu chapéu, como Bilbo tinha feito numa manhã parecida, há muito tempo.

- Meu querido Frodo! - exclamou Gandalf. - Os hobbits são de fato criaturas surpreendentes, como já disse antes. Pode-se aprender tudo o que há para saber sobre eles num mês, e apesar disso ainda podem depois de cem anos surpreendê-lo numa emergência. Mal esperava por uma resposta dessas, nem mesmo vinda de você. Mas Bilbo não errou quando escolheu seu herdeiro, embora quase não imaginasse a importância desse fato. Receio que esteja certo. O Anel não poderá ficar escondido no Condado por muito mais tempo; e para o seu próprio bem, e também dos outros, você deve ir, e deixar o nome Bolseiro para trás. Não será seguro ter este nome, fora do Condado ou nas Terras Ermas. Agora vou dar a você um nome de viagem. Quando partir, vá como o Sr. Monteiro.

- Mas não acho que você precise ir só. Não se conhecer alguém em quem confia, e que esteja disposto a ir ao seu lado - e que você esteja disposto a levar a perigos desconhecidos. Mas se procurar um companheiro, seja cuidadoso na escolha! E tenha cuidado com o que disser, mesmo para os amigos mais íntimos! O Inimigo tem muitos espiões e muitas maneiras de escutar.

De repente parou, como se estivesse ouvindo alguma coisa. Frodo percebeu que tudo estava quieto, dentro e fora. Gandalf esgueirou-se para um dos lados da janela.

Então, num movimento brusco, pulou sobre o parapeito e esticou o braço longo para fora e para baixo. Alguém grasnou e a cabeça encaracolada de Sam Gamgi, pendurada por uma orelha, apareceu na janela.

- Ora, ora, pelas minhas barbas! - disse Gandalf - Sam Gamgi, hein? Agora, o que você pode estar fazendo aí?

- Abençoado seja, Sr. Gandalf, senhor! - disse Sam. - Nada! Nada de mais! Estava só cortando a beira da grama embaixo da janela, se o senhor me entende. Pegou a tesoura e a exibiu como prova.

- Não entendo - disse Gandalf, sério. - Já faz um tempo que parei de ouvir o som de sua tesoura. Há quanto tempo você está espionando?

- Espionando, senhor? Perdão, mas não estou entendendo. Não há segredos em Bolsão, disso eu não duvido.

- Não seja tolo! O que você ouviu, e por que ficou escutando? - Os olhos de Gandalf flamejaram e suas sobrancelhas se eriçaram como cerdas .

- Sr. Frodo, senhor! - gritou Sam trêmulo. - Não deixe que ele me machuque, senhor! Não deixe que ele me transforme em alguma coisa apavorante. Meu velho pai ficaria tão magoado. Eu não queria fazer mal, palavra de honra, senhor!

- Ele não vai machucar você - disse Frodo, mal podendo conter o riso, embora ele mesmo estivesse assustado, e bastante surpreso. - Ele sabe tanto quanto eu que você não queria fazer mal a ninguém. Mas venha até aqui e responda as suas perguntas

diretamente.

- Bem, senhor - disse Sam, tremendo um pouco ainda. - Escutei um bocado que não entendi direito, sobre um inimigo, e anéis, e o Sr. Bilbo, senhor, e dragões, e uma montanha de fogo, e - elfos, senhor. Escutei porque não pude me segurar, se entende o que quero dizer. Per doe, senhor, mas adoro histórias desse tipo. E acredito nelas também, não importa o que Ted possa dizer. Elfos, senhor! Eu adoraria vê-los. O senhor não poderia me levar junto para ver os elfos quando for?

De repente Gandalf riu. - Entre! - gritou ele, e colocando para fora os dois braços levantou o atônito Sam, a tesoura e pedaços de grama cortada e tudo o mais, exatamente através da janela, colocando-o no chão. - Levá-lo para ver os elfos, hein? - disse ele, olhando Sam de perto, mas com um sorriso brilhando em seu rosto. - Então você escutou que o Sr. Frodo está indo embora?

- Escutei, senhor, e é por isso que eu engasguei: e ao que parece o senhor ouviu. Tentei não engasgar, senhor, mas aquilo explodiu dentro de mim: fiquei tão atordoado...

- Não posso evitar, Sam - disse Frodo com tristeza. De repente percebeu que fugir do Condado implicaria despedidas muito mais dolorosas do que simplesmente dizer adeus aos confortos conhecidos de Bolsão. Preciso ir. Mas... - e aqui olhou firme para Sam - se realmente gosta de mim, manterá isso em segredo absoluto. Entende? Se não fizer isso, se você soltar uma só palavra do que escutou aqui, então quero que Gandalf o transforme num sapo pintado e encha o jardim de cobras.

Sam caiu de joelhos, tremendo. - Levante-se, Sam - disse Gandalf Pensei em algo melhor que isso. Algo para fechar sua boca, e puni-lo de modo exemplar por ter ficado escutando a conversa. Você irá embora com o Sr. Frodo!

- Eu, senhor? - gritou Sam, pulando como um cachorro que é convidado para um passeio. - Eu ir e ver elfos e tudo o mais? Viva! - gritou ele, rompendo em lágrimas.

CAPÍTULO III
TRÊS NÃO É DEMAIS

- Você deve partir sem que ninguém saiba, e logo - disse Gandalf.

Duas ou três semanas haviam passado, e nada de Frodo se aprontar para ir.

- Eu sei, mas as duas coisas são difíceis - objetou ele. - Se eu simplesmente desaparecer como Bilbo, essa história nunca estará encerrada no Condado.

- É claro que você não deve desaparecer! - disse Gandalf - De nada adiantaria! Eu disse logo, não instantaneamente. Se puder pensar num modo de escapar do Condado sem que todo mundo fique sabendo, vale a pena esperar um pouco. Mas você não deve demorar demais.

- Que tal no outono, ou depois do Nosso Aniversário? - perguntou Frodo. - Acho que provavelmente até lá posso organizar alguma coisa.

Para falar a verdade, Frodo relutava em partir, agora que o momento chegara. Bolsão parecia uma residência muito mais desejável do que fora por muitos anos, e ele desejava aproveitar ao máximo o seu último verão no Condado. Sabia que, quando o outono chegasse, pelo menos uma parte de seu coração consideraria com mais carinho a idéia de viajar, como sempre acontecia nessa estação. Na realidade, decidira ir em seu quinquagésimo aniversário: o centésimo vigésimo oitavo de Bilbo. Esse parecia, de

alguma forma, ser o dia adequado para partir e segui-lo. A possibilidade de seguir Bilbo predominava em sua mente, sendo a única coisa que tornava suportável a idéia de ir embora. Pensava o mini mo possível no Anel e a que lugares este poderia acabar por levá-lo. Mas não revelava todos os seus pensamentos a Gandalf O que o mago adivinhava era difícil dizer.

Gandalf olhou Frodo e sorriu.

- Muito bem - disse ele. - Acho que assim está bom - mas não pode ser nem um pouco depois. Estou ficando muito ansioso. Enquanto isso, cuide-se, e não dê qualquer pista do seu destino! E cuide para que Sam Gamgi não fale nada. Se ele der com a língua nos dentes, vou realmente transformá-lo num sapo.

- Quanto ao meu destino - disse Frodo -, seria difícil eu me trair e revelá-lo a alguém, pois não tenho ainda uma idéia clara.

- Não seja ridículo - disse Gandalf - Não o estou prevenindo para que não deixe seu endereço no correio! Mas você está deixando o Condado, e ninguém deve saber disso, até que esteja bem longe. E você vai ter de ir, ou pelo menos partir, em direção ao Norte, Sul, Leste ou Oeste - e certamente ninguém deve saber a direção.

- Tenho estado tão ocupado pensando em deixar Bolsão e dizer adeus, que nunca nem cogitei qual direção tomar - disse Frodo. - Para onde devo ir? E pelo que devo me guiar? Qual será minha busca? Bilbo foi procurar um tesouro, lá e de volta outra vez; mas eu vou perder um tesouro, e não voltarei, pelo que estou entendendo.

- Mas você ainda não está conseguindo enxergar muito longe - disse Gandalf - Nem eu. Sua tarefa pode ser encontrar as Fendas da Perdição; mas essa busca pode estar destinada a outros. Eu não sei. De qualquer modo, você ainda não está pronto para aquela longa estrada.

- Não mesmo! - disse Frodo. - Mas enquanto isso, que caminho devo tomar?

- Em direção ao perigo; mas sem precipitação demasiada, e não direto demais - respondeu o mago. - Se .quer um conselho, vá para Valfenda. Essa viagem não deve ser muito perigosa, embora a estrada esteja menos fácil do que antes, e ficará pior até o fim do ano.

- Valfenda - disse Frodo. - Muito bom: vou para o leste, com destino a Valfenda. Levarei Sam para visitar os elfos; ficará encantado. - Ele falava de modo suave, mas seu coração de repente foi tomado pelo desejo de ver a casa de Elrond Semi-elfo e respirar o ar daquele vale profundo, onde grande parte do Belo Povo ainda vivia em paz.

Numa noite de verão, uma notícia espantosa chegou ao Ramo de Hera e ao Dragão Verde.

Gigantes e outros prodígios nas fronteiras do Condado foram esquecidos para dar lugar a assuntos mais importantes: o Sr. Frodo estava vendendo Bolsão, na verdade já tinha vendido - para os Sacola-bolseiros!

- E por uma boa quantia - diziam uns. - Por uma bagatela - diziam outros.

- E isso é mais provável, visto que a Sra. Lobélia é a compradora. (Otho falecera alguns anos antes, na madura mas frustrante idade de 102 anos.) A razão pela qual o Sr. Frodo estava vendendo sua bonita toca gerava ainda mais discussões que o preço. Alguns tinham a teoria - apoiada pelos acenos de cabeça e insinuações do próprio Sr. Bolseiro - de que o dinheiro de Frodo estava acabando: ele ia deixar a Vila dos Hobbits e viver modestamente, com o que recebesse pela venda, lá em Terra dos Buques, entre seus parentes Brandebuques. - O mais longe possível dos Sacola-bolseiros - alguns acrescentavam. Mas a idéia da riqueza incomensurável dos Bolseiros de Bolsão estava tão cristalizada, que essa suposição parecia inverossímil, mais ainda do que qualquer outra razão ou desrazão que a imaginação deles pudesse sugerir: para a maior parte, tudo sugeria um plano obscuro e ainda oculto de Gandalf. Embora se mantivesse quieto e não

saísse à luz do dia, todos sabiam que o mago "estava escondido em Bolsão". Mas mesmo que não se entendesse como a mudança podia se encaixar nos desígnios de sua magia, não restava dúvida sobre um ponto: Frodo Bolseiro estava retornando para a Terra dos Buques.

- Sim, estarei de mudança neste outono - dizia ele. - Merry Brandebuque está procurando uma toca confortável, ou talvez uma pequena casa. Na verdade, com a ajuda de Merry, ele já tinha escolhido e comprado uma casinha em Cricôncavo, no campo além de Buqueburgo. Fingia para todos, com a exceção de Sam, que pretendia ficar por lá permanentemente.

A decisão de partir em direção ao leste havia lhe sugerido isto; a Terra dos Buques ficava na fronteira leste do Condado, e, como passara sua infância ali, seu retorno parecia no mínimo digno de crédito.

Gandalf permaneceu no Condado por mais de dois meses. Então, numa manhã no final de junho, logo após o plano de Frodo estar finalmente pronto, de repente anunciou que estava partindo de novo no dia seguinte.

- Só por pouco tempo, espero - disse ele. - Mas vou descer além das fronteiras do sul para conseguir mais notícias, se puder. Descansei mais do que devia.

Falava de modo calmo, mas Frodo teve a impressão de que estava bastante preocupado.

- Aconteceu alguma coisa? - perguntou ele.

- Bem, não; mas escutei umas coisas que me deixaram ansioso e precisam ser averiguadas. Se, no fim das contas, julgar necessário que você parta com urgência, voltarei imediatamente, ou pelo menos mandarei um recado. Enquanto isso, continue com seu plano; mas tenha mais cuidado do que nunca, especialmente com o Anel. Vou frisar mais uma vez: não o use.

Partiu ao amanhecer.

- Posso voltar qualquer dia desses - disse ele. Devo estar de volta o mais tardar para sua festa de despedida. Afinal de contas, acho que você pode precisar da minha companhia na estrada.

No início, Frodo ficou bastante perturbado, e sempre se perguntava o que Gandalf teria ouvido; mas a ansiedade se acalmou, e naquele clima agradável esqueceu os problemas por uns tempos. Raramente o Condado tinha visto um verão mais bonito, ou um outono mais pródigo: as árvores carregadas de maçãs, o mel pingando dos favos, as espigas de trigo altas e cheias.

O outono já avançava, e Frodo não tinha voltado a se preocupar com Gandalf outra vez. Setembro estava passando, e ainda nenhuma notícia dele.

O Aniversário, e a mudança, se aproximavam, e mesmo assim ele não veio nem enviou recado. Bolsão começou a ficar movimentada. Alguns amigos de Frodo vieram para ficar e ajudá-lo com a bagagem: Fredegar Bolger e Folco Boffin e, é claro, seus amigos especiais Pippin Túk e Merry Brandebuque. Só estes quatro viraram todo o lugar de ponta-cabeça.

Em 20 de setembro, duas carroças cobertas saíram carrega das em direção à Terra dos Buques, levando para a casa nova, através da Ponte do Brandevin, a mobília e os mantimentos que Frodo não tinha vendido. No dia seguinte Frodo ficou realmente ansioso, sempre esperando que Gandalf aparecesse. Quinta-feira, a manhã de seu aniversário, surgiu linda e clara, exatamente como tinha sido no aniversário de Bilbo. Gandalf ainda não aparecera. À noite Frodo deu sua festa de despedida: bem modesta, apenas um jantar para ele e seus quatro ajudantes; estava preocupado e não sentia ânimo para festas. Pesava-lhe o coração pensar que em breve teria de se separar dos jovens

amigos.

Buscava um modo de dizer isso a eles.

Entretanto, os quatro hobbits mais jovens estavam alegres, e a festa logo ficou bastante animada apesar da ausência de Gandalf. A sala de jantar estava vazia, a não ser por uma mesa com cadeiras, mas a comida estava boa, e o vinho também: o vinho de Frodo não fora incluído na venda para os Sacola-bolseiros.

- Não importa o que aconteça com o resto das minhas coisas, quando os S-Bs lhes puserem as garras em cima; pelo menos encontrei um bom lugar para isto! - disse Frodo, enquanto esvaziava o copo. Era a última gota de Velhos Vinhedos.

Depois de muitas canções, e conversar sobre muitas coisas que tinham feito juntos, fizeram um brinde ao aniversário de Bilbo, e então beberam à saúde dele e de Frodo juntos, de acordo com o hábito de Bilbo. Então saíram para arejar um pouco e olhar as estrelas, e depois foram dormir. A festa de Frodo tinha acabado, e Gandalf não aparecera.
Na manhã seguinte ficaram ocupados carregando outra carroça com o resto da bagagem. Merry tomou conta disso, e partiu com Fatty (isto é, Fredegar Bolger) . - Alguém precisa estar lá e aquecer a casa antes da sua chegada - disse Merry. - Bem, vejo vocês depois - depois de amanhã, se não dormirem no caminho.

Folco foi para casa depois do almoço, mas Pippin ainda ficou. Frodo estava inquieto e ansioso, tentando em vão captar algum sinal de Gandalf.

Decidiu esperar até o começo da noite. Depois disso, se Gandalf precisasse vê-lo com urgência, iria até Cricôncavo, e poderia até chegar lá antes, pois Frodo ia a pé. Seu plano – pelo prazer de dar uma última olhada no Condado, mais do que por qualquer outro motivo - era caminhar da Vila dos Hobbits até a balsa de Buqueburgo, com bastante calma.

- Devo treinar um pouco também - disse ele, olhando-se num espelho empoeirado no salão quase vazio.

Havia muito não fazia caminhadas cansativas, e achou que o reflexo estava um tanto balofo.

Depois do almoço, para a irritação de Frodo, apareceram os Sacola-bolseiros, Lobélia e o filho ruivo, Lotho. - Finalmente nossa! - disse Lobélia entrando na casa. Isso não era correto, nem estritamente verdadeiro, pois a venda de Bolsão não teria efeito antes de meia-noite. Mas pode ser que Lobélia tenha esquecido: fora obrigada a esperar por Bolsão cerca de setenta e sete anos mais do que imaginara a princípio, e estava agora com cem anos. De qualquer modo, tinha vindo para se certificar de que nada do que tinha comprado fora levado embora; e queria as chaves. Demorou muito para ficar satisfeita, pois tinha trazido um longo inventário, do qual verificou ítem por ítem. Ao fim de tudo, partiu com Lotho e a chave sobressalente, e com a promessa de que a outra chave ficaria com os Gamgis na rua do Bolsinho. Bufou e demonstrou de modo cabal que achava os Gamgis capazes de saquear tudo durante a noite. Frodo não lhe ofereceu chá.
Tomou o seu com Pippin e Sam Gamgi na cozinha. Fora anunciado oficialmente que Sam ia para a Terra dos Buques "para ajudar o Sr. Frodo e cuidar de seu pequeno jardim"; esse arranjo foi aprovado pelo Feitor, embora não o consolasse diante da perspectiva de ter Lobélia como vizinha.

- Nossa última refeição em Bolsão! - disse Frodo, empurrando para trás sua cadeira. Deixaram a louça para Lobélia. Pippin e Sam amarraram suas três mochilas e as empilharam na varanda. Pippin saiu para um último passeio no jardim. Sam desapareceu.
O sol se pôs. Bolsão parecia triste, um lugar melancólico e desarrumado.

Frodo andou pelas conhecidas salas, e viu a luz do pôr-do-sol desmaiar nas paredes, e sombras que vinham dos cantos já se insinuando. O interior da casa escureceu

lentamente. Saiu e desceu pelo caminho que conduzia até o portão d e entrada, indo em seguida por uma passagem estreita até a Estrada da Colina. Tinha uma certa esperança de ver Gandalf subindo a passos largos em meio ao crepúsculo.

O céu estava claro e as estrelas ficavam cada vez mais brilhantes.

Teremos uma noite agradável - disse ele em voz alta. - Isso é um bom começo. Tenho vontade de caminhar. Não agüento esperar mais. Vou partir, e Gandalf deve me seguir.

- Virou-se para voltar, e então parou, ouvindo vozes logo ali, do outro lado da esquina da rua do Bolsinho. Uma delas certamente era do velho Feitor; a outra era estranha, e de certo modo desagradável. Não conseguia entender o que dizia, mas ouviu as respostas do Feitor, que tinha uma voz bem aguda. O velho parecia desconcertado.

- Não, o Sr. Bolseiro foi embora. Hoje cedo, e o meu Sam foi junto: de qualquer jeito, as coisas dele não estão mais aí. Sim, foram vendidas e levadas, digo ao senhor. Por quê? Isso não é da minha conta. Ele se mudou para Buqueburgo ou algum lugar por ali, lá para as bandas de baixo. Sim o caminho é bom. Nunca fui até lá; o pessoal da Terra dos Buques é esquisito. Não, não posso dar nenhum recado. Boa-noite para o senhor!

Passos desceram a Colina. Frodo tentava vagamente descobrir o motivo de seu alívio quando percebeu que os passos não tinham subido a Colina.

“Acho que estou farto de perguntas e curiosidade sobre o que faço”, pensou ele. “Que bando de intrometidos!” Fez menção de ir perguntar ao Feitor quem estava pedindo as informações; mas pensou melhor (ou pior), virou-se e andou rápido de volta a Bolsão.

Pippin estava sentado sobre sua mochila na varanda. Sam não estava lá.

Frodo entrou na sala escura.

- Sam! - chamou ele.

- Sam, está na hora!

- Estou indo, senhor - veio uma resposta lá de dentro, rapidamente seguida pelo próprio Sam, que limpava a boca. Estivera dizendo adeus ao barril de cerveja na adega.

- Todos a bordo, Sam? - disse Frodo.

- Sim, senhor. Agora posso agüentar bastante, senhor.

Frodo fechou e trancou a porta redonda, dando a chave para Sam.

- Corra até sua casa com isto, Sam! - disse ele. - Depois corte a estrada e junte-se a nós no portão da alameda além das campinas, o mais rápido possível. Não vamos passar pela vila esta noite. Muitas orelhas em pé e olhos espionando.

- Sam correu a toda velocidade.

- Bem, finalmente estamos indo! - disse Frodo.

Puseram suas mochilas nos ombros e pegaram suas bengalas, dobrando a esquina em direção ao lado oeste de Bolsão.

- Adeus! - disse Frodo, olhando para as janelas escuras e fechadas.

Acenou a mão, voltou-se e (seguindo os passos de Bilbo, sem saber) apressou-se atrás de Peregrin, descendo o caminho do jardim. Pularam sobre a parte baixa da cerca-viva lá embaixo e entraram nos campos, passando pela escuridão como um farfalhar na grama.

No pé da Colina, do lado oeste, chegaram até o portão que se abria para uma alameda estreita. Ali pararam e ajustaram as correias de suas mochilas. Imediatamente Sam apareceu, andando rápido e respirando com dificuldade, sua pesada mochila na altura dos ombros, e sobre a cabeça um saco sem formato definido, ao qual dava o nome de chapéu. No escuro lembrava muito um anão.

- Tenho certeza de que me deram as coisas mais pesadas - disse Frodo.

- Tenho pena dos caramujos, que carregam suas casas nas costas.

- Consigo carregar bem mais, senhor. Minha mochila está bem leve disse Sam, resoluto e insincero.

- Não, não consegue, Sam! - disse Pippin. - Está bom assim para ele. Não há nada nas mochilas além do que nos mandou colocar. Esteve indolente nos últimos tempos, e sentirá menos o peso da mochila quando tiver perdido um pouco do seu.

- Tenha pena de um pobre e velho hobbit - riu Frodo. - Estarei fino como uma vara de salgueiro quando chegar à Terra dos Buques, com certeza. Mas eu estava falando besteira. Suponho que esteja levando mais que a sua parte, Sam, e vou verificar isso na próxima vez que empacotarmos as coisas. - Pegou novamente a bengala. - Bem, todos nós gostamos de andar no escuro - disse ele. - Então, vamos deixar algumas milhas para trás antes de dormir.

Por um breve trecho, seguiram a alameda em direção ao oeste. Depois, abandonando-a, viraram à esquerda e entraram silenciosamente nos campos de novo. Foram em fila indiana ao longo de cercas-vivas e das orlas dos matagais, e a noite escura caiu sobre eles. Em suas capas escuras, ficavam invisíveis como se todos tivessem um anel mágico. Já que eram todos hobbits, e estavam tentando ser silenciosos, não fizeram qualquer barulho que mesmo um hobbit pudesse ouvir. Os próprios seres selvagens dos campos e florestas mal notaram sua passagem.

Depois de algum tempo cruzaram o Agua, a oeste da Vila dos Hobbits, por uma pinguela estreita.

O rio ali não era mais que uma sinuosa fita negra, ladeada por amieiros inclinados. Uma ou duas milhas à frente, atravessaram rapidamente a grande estrada que vinha da Ponte do Brandevin; estavam agora na Terra dos Túks e, virando em direção ao sudeste, dirigiram-se para a Terra das Colinas Verdes. Depois de começar a subir as primeiras ladeiras, voltaram-se e viram as luzes da Vila dos Hobbits piscando ao longe, no suave vale do Agua, que rapidamente desapareceu nas dobras da terra escurecida, seguido por Beirágua ao lado de seu lago cinzento. Quando a luz do último sítio já estava bem distante, espiando por entre as árvores, Frodo se virou e acenou um adeus.

- Fico pensando se verei este vale outra vez - disse ele calmamente.

Depois de andar cerca de três horas, pararam para descansar. A noite estava clara, fresca e estrelada, mas feixes de névoa semelhantes a fumaça estavam avançando, subindo as encostas das colinas, vindo das correntes de água e das várzeas profundas. Bétulas delgadas, que um leve vento balançava sobre suas cabeças, desenhavam uma rede negra contra o céu pálido. Fizeram uma ceia bastante frugal (para hobbits), e depois continuaram. Logo toparam com uma estrada estreita que, subindo e descendo, desaparecia cinzenta na escuridão à frente. Era a estrada para a Vila do Bosque, para Tronco, e para a balsa de Buqueburgo, que subia da estrada principal no Vale do Água, descrevendo curvas nos arredores das Colinas Verdes em direção à Ponta do Bosque, um canto selvagem da Quarta Leste.

Depois de um tempo, mergulharam num caminho que desenhava uma fenda profunda entre altas árvores, cujas folhas secas farfalhavam na noite.

Estava muito escuro. No começo conversaram, ou cantarolaram uma melodia suave juntos, agora que estavam longe de ouvidos curiosos. Depois continuaram a marcha em silêncio, e Pippin começou a ficar para trás. Finalmente, quando começaram a subir uma ladeira íngreme, ele parou e bocejou.

- Estou com tanto sono - disse ele - que logo vou cair na estrada. Vocês vão dormir em pé? Já é quase meia-noite!

- Pensei que gostasse de andar no escuro - disse Frodo. - Mas não há tanta pressa. Merry nos espera a qualquer hora depois de amanhã. Vamos parar no próximo ponto

adequado.

- O vento está soprando do Oeste - disse Sam. - Se chegarmos ao outro lado desta colina, encontraremos um local bem protegido e confortável, senhor. Existe um pinheiral seco logo ali adiante, se estou bem lembrado.

- Sam conhecia bem a terra num raio de vinte milhas da Vila dos Hobbits, mas este era o limite de sua geografia.

Bem no topo da colina encontraram o pinheiral. Deixando a estrada, entraram na escuridão das árvores, que tinha um cheiro profundo de resina, e recolheram galhos e pinhas secas para fazer uma fogueira. Logo tinham um alegre crepitar de chamas ao pé de um pinheiro grande, e se sentaram em volta do fogo por um tempo, até começarem a cochilar. Então, cada um num canto das raízes da grande árvore, enrolaram-se em suas capas e cobertores, e logo estavam num sono pesado. Não montaram guarda; nem Frodo receava qualquer perigo por enquanto, pois eles ainda estavam no coração do Condado. Algumas criaturas vieram olhá-los quando o fogo tinha se apagado.

Uma raposa que passava através da floresta cuidando de seus próprios negócios parou por vários minutos, farejando.

"Hobbits!", pensou ela. "O que vem depois? Ouvi falar sobre coisas estranhas nesta terra, mas nunca soube de hobbits dormindo ao relento sob as árvores. Três deles! Tem alguma coisa muito estranha por trás disso." Estava muito certa, mas nunca soube disso.

A manhã chegou, pálida, fria e úmida. Frodo acordou primeiro, e descobriu que a raiz da árvore tinha feito um buraco em suas costas, e seu pescoço estava duro. "Caminhar por prazer! Por que não vim com uma condução?", pensou ele, como sempre fazia no início de uma expedição. "E todos os meus ótimos acolchoados de pena vendidos para os Sacola-bolseiros! Essas raízes de árvore fariam bem a eles." Espreguiçou-se.

- Acordem, hobbits! - gritou ele. - Está uma linda manhã.

- O que tem de bonito nisso? - disse Pippin, espiando com um só olho da beira de seu cobertor. - Sam, apronte o desjejum para as nove e meia! Já esquentou a água do banho?

De um salto Sam se pôs de pé, ainda com muito sono.

- Não, senhor, ainda não! - disse ele.

Frodo arrancou os cobertores de Pippin e o fez rolar no chão; depois caminhou até a beira da floresta. Ao leste, bem distante, o sol vermelho surgia da névoa que pairava espessa sobre o mundo. Tingidas de dourado e vermelho, as árvores do outono pareciam estar navegando sem raízes num mar de sombras, Um pouco abaixo dele, à esquerda, a estrada descia íngreme por um desfiladeiro e desaparecia.

Quando voltou, Sam e Pippin estavam fazendo uma boa fogueira. Água - gritou Pippin. - Cadê a água?

- Não carrego água no bolso - disse Frodo.

- Pensamos que tivesse ido buscar - disse Pippin, arrumando a comida e as xícaras.

- É melhor ir agora.

- Vocês também podem vir - disse Frodo -, e tragam todas as garrafas de água. - Havia um riacho no pé da colina.

Encheram as garrafas e a pequena chaleira de acampamento numa pequena cascata, onde a água caía de uma altura de mais ou menos um metro sobre uma saliência rochosa cinzenta. Estava quase congelada, e eles bufaram e resfolegaram ao lavar o rosto e as mãos.

Já eram mais de dez horas quando terminaram o desjejum e de arrumar as mochilas, e o dia começava a ficar quente e agradável. Desceram a ladeira, e atravessaram

o riozinho no ponto em que ele mergulhava sob a estrada , e galgaram a próxima ladeira, e então subiram e desceram outra saliência das colinas, após o que suas capas, cobertores, água, comida e outros equipamentos já pareciam um fardo pesado.

A marcha do dia prometia ser quente e cansativa. Entretanto, depois d e algumas milhas a estrada não tinha mais tantos altos e baixos: subia ziguezagueando até o topo de uma encosta íngreme, e então se preparava para descer pela última vez. À frente eles viram as terras mais baixas, ponteadas com pequenos grupos de árvores que na distância se desfaziam em névoa escura. Olhavam através da Ponta do Bosque em direção ao rio Brandevin. A estrada dava voltas diante deles como um pedaço de fio.

- A estrada vai seguindo sempre em frente - disse Pippin -, mas não consigo continuar sem um descanso. Já está mais que na hora de almoçarmos. - Sentou-se no barranco à beira da estrada e olhou na distância em direção ao leste, dentro da névoa, além da qual ficava o Rio e o fim do Condado onde tinha passado toda sua vida. Sam estava perto dele, os olhos redondos bem abertos - pois estava olhando, através de terras que nunca tinha visto, para um novo horizonte.

- Os elfos moram nesses bosques? - perguntou ele.

- Não que eu saiba - disse Pippin.

Frodo estava em silêncio. Também ele olhava ao longo da estrada em direção ao leste, como se nunca tivesse visto aquilo antes. De repente falou, em voz alta, mas como se fosse para si mesmo, dizendo devagar:

A Estrada em frente vai seguindo Deixando a porta onde começa.

Agora longe já vai indo,
Devo seguir, nada me impeça;
Por seus percalços vão meus pés,
Até a junção com a grande estrada,
De muitas sendas através.
Que vem depois? Não sei mais nada.

- Isso é parecido com um trecho dos versos do velho Bilbo - disse Pippin.

- Ou é uma das suas imitações? Não parece muito encorajador.

- Não sei - disse Frodo. - Ocorreu-me, como se eu estivesse compondo; mas posso ter escutado há muito tempo. Certamente me lembra muito Bilbo nos últimos anos, antes de ir embora, Ele costumava sempre dizer que só havia uma Estrada, que se assemelhava a um grande rio: suas nascentes estavam em todas as portas, e todos os caminhos eram seus afluentes. “É perigoso sair porta afora, Frodo”, ele costumava dizer. “Você pisa na Estrada, e, se não controlar seus pés, não há como saber até onde você pode ser levado. Você percebe que é exatamente esse o caminho que atravessa a Floresta das Trevas, e que, se você deixar, poderá leva r você até a Montanha Solitária e muito mais além, e para lugares piores?” Costumava dizer isso no caminho que passava pela porta de Bolsão, principalmente depois de ter feito uma longa caminhada.

- Bem, a Estrada não vai me arrastar a lugar nenhum, pelo menos pela próxima hora - disse Pippin, desafivelando sua mochila.

Os outros seguiram o exemplo, colocando as suas no barranco e esticando as pernas sobre a estrada. Depois de descansar, almoçaram bem, e então descansaram mais.

O sol estava começando a abaixar e a luz da tarde estava sobre a paisagem quando desceram a colina. Até agora não tinham encontrado vivalma na estrada. Esse caminho não era muito usado, sendo pouco adequado para carroças, e havia pouco trânsito na Ponta do Bosque. Já estavam andando havia uma hora ou mais quando Sam parou por um

momento, como se escutasse algo. Estavam agora em terreno plano, e a estrada, depois de muitas curvas, estendia-se em linha reta através de um capinzal salpicado de árvores altas, sentinelas avançadas das florestas que se aproximavam.

- Ouço um pônei ou um cavalo vindo pela estrada - disse Sam. Olharam para trás, mas uma curva os impedia de enxergar muito além.

- Imagino se não é Gandalf, vindo atrás de nós - disse Frodo; mas enquanto falava, teve um pressentimento de que não era, e se sentiu dominado por um desejo repentino de sumir da vista do cavaleiro.

- Pode não fazer muita diferença - disse ele se desculpando -, mas prefiro não ser visto na estrada - por ninguém. Estou cansado de comentários sobre o que faço.

E se for Gandalf - acrescentou ele, completando o pensamento - podemos fazer-lhe uma pequena surpresa, puni-lo por estar-tão atrasado. Vamos nos esconder!

Os outros dois correram para a esquerda e desceram até uma pequena concavidade não muito distante da estrada. Deitaram-se no solo. Frodo hesitou por um momento: a curiosidade ou algum outro sentimento lutava contra seu desejo de se esconder.

O som de cascos se aproximou. Bem na hora, ele se jogou numa moita alta atrás de uma árvore que cobria a estrada de sombra. Então levantou a cabeça e espiou cuidadosamente por cima de uma das raízes grandes.

Pela curva vinha um cavalo negro, não um pônei de hobbit, mas um cavalo grande: montado por um homem grande, que parecia abaixado na sela, envolto numa grande capa e num capuz preto, de modo que só se viam as botas nos estribos altos.

O rosto, coberto por uma sombra, era invisível.

Quando chegou à árvore onde estava Frodo, o cavalo parou. A figura do cavaleiro permanecia imóvel com a cabeça abaixada, como que tentando escutar algo. De dentro do capuz veio um ruído, como se alguém tentasse farejar um cheiro indefinível; a cabeça se virava para os dois lados da estrada.

Um medo repentino e insensato de ser descoberto tom ou conta de Frodo, que pensou no Anel. Mal ousava respirar, e mesmo assim a vontade de retirá-lo do bolso se tornou tão forte que sua mão começou lentamente a se mover. Sentia que era só colocá-lo, e ficaria a salvo.

O conselho de Gandalf parecia absurdo. Bilbo tinha usado o Anel.

“E ainda estou no Condado”, pensava ele, no momento em que sua mão alcançou a corrente em que estava o Anel. Nesse momento o cavaleiro sentou-se ereto e sacudiu as rédeas.

O cavalo avançou, primeiro andando devagar, para depois romper num trote rápido.

Frodo se arrastou até a beira da estrada e ficou olhando o cavaleiro, até que desapareceu na distância. Não podia ter certeza, mas teve a impressão de que, de repente, antes que sumisse de vista, o cavalo tinha virado para o lado e entrado no mato à direita.

- Bem, acho isso estranho, e na verdade perturbador - falou Frodo consigo mesmo, enquanto andava em direção aos companheiros. Pippin e Sam permaneciam deitados no chão, e não tinham visto nada; então Frodo descreveu o cavaleiro e seu comportamento estranho.

- Não sei por que, mas tive certeza de que estava me procurando ou me farejando; e também tive certeza de que eu não queria que me descobrisse. Nunca vi ou senti algo assim no Condado antes.

- Mas o que teria umas das pessoas grandes a ver conosco? - disse Pippin.

- E o que estaria fazendo nesta parte do mundo? - Existem alguns homens por aí - disse Frodo. - Lá embaixo, na Quarta Sul, andaram tendo problemas com as pessoas

grandes, eu acho. Mas nunca soube de nada como este cavaleiro. Fico imaginando de onde veio.

- Desculpe - interrompeu Sam. - Eu sei de onde ele vem. É da Vila dos Hobbits que este cavaleiro vem, a não ser que exista mais de um. E sei para onde vai.

- O que quer dizer? - disse Frodo abruptamente, olhando para ele assombrado. - Por que não falou nada antes?

- Só lembrei agora, senhor. Foi assim: quando volto para a nossa toca ontem à noite com a chave, meu pai diz para mim: Oi, Sam, diz ele. Achei que tinha ido embora com o Sr. Frodo hoje cedo. Passou por aqui um camarada estranho perguntando pelo Sr. Bolseiro de Bolsão, e ele acabou de sair. Mandei-o para Buqueburgo. Não que tenha gostado do jeito dele. Parecia muito furioso quando eu disse que o Sr. Bolseiro tinha deixado sua velha casa para sempre. Chiou na minha cara! Me deu um arrepio. Que tipo de pessoa pode ser?, digo eu para o Feitor. Eu não sei, diz ele; mas não era um hobbit. Ele era alto e parecia negro, e se inclinava em cima de mim. Acho que era uma das pessoas grandes, dos lugares distantes. Ele falava esquisito.

- Não pude ficar para ouvir mais, já que o senhor estava à minha espera; e não dei muita atenção a isso.

O Feitor está ficando velho, e bem cego, e devia estar quase escuro quando esse camarada subiu a Colina e o encontrou tomando ar no fim de nossa rua. Espero que ele não tenha feito nenhum mal, senhor, nem eu.

- De qualquer jeito, a culpa não é dele - disse Frodo. - Para falar a verdade, eu o escutei conversando com um estranho, que parecia perguntar por mim, e quase fui até lá saber quem era. Gostaria de ter ido, ou que você tivesse me contado isso antes. Devia ter tomado mais cuidado na estrada.

- Ainda assim, pode não haver ligação alguma entre o sujeito estranho do Feitor e este cavaleiro - disse Pippin. - Saímos da Vila dos Hobbits em segredo, e eu não vejo como ele possa nos ter seguido.

- Devia ter esperado Gandalf - murmurou Frodo. - Mas talvez isso só piorasse as coisas.

- Então você sabe ou imagina alguma coisa sobre este cavaleiro? Disse Pippin, que escutara essas últimas palavras.

- Não sei, e preferia não adivinhar - disse Frodo.

- Tudo bem, primo Frodo! Pode guardar o seu segredo por agora, se quiser fazer mistério. Mas enquanto isso, que vamos fazer? Gostaria de belisca r alguma coisa, mas algo me diz que devemos sair daqui. Essa conversa de cavaleiro farejador com nariz invisível me deixou inquieto.

- É, acho que vamos agora - disse Frodo - mas não pela estrada como prevenção, caso aquele cavaleiro volte, ou outro o siga . Temos muito chão pela frente hoje. A Terra dos Buques ainda está a milhas daqui.

As árvores lançavam sombras altas e esguias sobre o mato quando partiram novamente. Agora se mantinham a certa distância da estrada, do lado esquerdo, e escondidos o máximo possível. Mas isso os atrasou, pois o mato era espesso e cheio de moitas, e o solo irregular, as árvores já começando a se agrupar em feixes.

O sol já baixava, vermelho, além das montanhas atrás deles, e a tarde já avançava quando voltaram para a estrada, no final de um longo trecho plano e reto que se estendera por algumas milhas. Naquele ponto descrevia uma curva e descia para as terras da Baixada, seguindo para Tronco; mas havia uma ramificação à direita, que desenhava curvas e entrava numa floresta de velhos carvalhos, em direção à Vila do Bosque.

- Este é o nosso caminho - disse Frodo.

Não muito distante da bifurcação, encontraram o tronco de uma enorme árvore: ainda estava viva e tinha folhas nos pequenos ramos crescidos em volta dos tocos quebrados de seus galhos caídos havia muito; mas era oca, e podia-se entrar nela através de uma grande fissura no lado oposto à estrada. Os hobbits se arrastaram para dentro, e lá sentaram sobre o chão de folhas velhas e madeira podre. Descansaram e fizeram uma refeição leve, conversando baixo e parando para escutar de tempo em tempo.

Já os envolvia o crepúsculo quando se puseram a caminho. O vento Oeste suspirava nos galhos. As folhas sussurravam. Logo a estrada começou a mergulhar de leve, mas continuamente, no lusco-fusco. Uma estrela surgiu sobre as árvores no Leste que escurecia diante deles. Caminhavam lado a lado no mesmo passo, para manter o ânimo.

Depois de um tempo, à medida que as estrelas aumentavam em número e brilho, a inquietação os deixou, e eles pararam de prestar atenção ao som de cascos. Começaram a cantar baixinho, como os hobbits fazem ao caminhar juntos, especialmente quando se aproximam dos lares à noite. Para a maioria dos hobbits, é uma cantiga de ceia ou de dormir; mas para esses hobbits era uma cantiga de caminhar (embora não deixasse, é claro, de mencionar a ceia e a cama). Bilbo Bolseiro tinha feito a letra para uma melodia antiga como as colinas, e ensinou-a a Frodo quando caminhavam nas ladeiras do vale do Água, e conversavam sobre Aventura.

Sobre a lareira arde a chama,
E sob o teto há uma cama;
Mas nossos pés vão mais andar,
Ali na esquina pode estar
Árvore alta ou rochedo frio
Que ninguém sabe ninguém viu.
Folha e relva, árvore e flor
Deixa passar aonde for!
Água e monte vão chegando,
Vai passando! Vai passando!
Talvez te espere noutra esquina
Porta secreta ou nova sina.
E se hoje nós passarmos por elas,
Amanhã podemos revê-las
E seguir a senda secreta
Que o Sol e a Lua têm por meta.
Maçã e espinho, noz e ameixa,
Deixa passar! Deixa, deixa!
Pedra e areia, lagoa e vargem,
Boa viagem! Boa viagem!
Lá atrás a casa, em frente o mundo,
Muitas trilhas ao vagabundo,
Pelas sombras do anoitecer,
Té a última estrela aparecer.
Agora o mundo já não chama,
Voltemos pra casa e para a cama.
Nuvem, sombra, dúbia neblina,
Deixa a retina, deixa a retina!
Água e comida, luz e chama,

E já pra cama! Já pra cama! A cantiga terminou.

- E agora pra cama! Agora pra cama! - cantou Pippin bem alto.
- Quieto! - disse Frodo. - Acho que ouvi cascos de novo.
Pararam de repente e ficaram quietos como sombras de árvores, escutando.
Havia um som de cascos no caminho, um pouco atrás, mas que se aproximava devagar. Saíram do caminho rápida e silenciosamente, correndo para a sombra mais profunda embaixo dos carvalhos.
- Não vamos muito longe! - disse Frodo. - Não quero ser visto, mas quero ver se é outro Cavaleiro Negro.
- Muito bem! - disse Pippin. - Mas não esqueça que ele fareja! Os cascos se aproximaram. Não tinham tempo para encontrar um esconderijo melhor que a escuridão geral sob as árvores; Sam e Pippin se agacharam atrás de um tronco, enquanto Frodo se arrastava alguns metros em direção ao caminho, que se mostrava cinzento e pálido, uma linha de luz sumindo através da floresta.
Acima, o céu claro estava coalhado de estrelas, mas não havia luar.
O barulho de cascos parou. Olhando, Frodo viu alguma coisa escura atravessar o espaço mais claro entre duas árvores, e depois parar.
Parecia a sombra negra de um cavalo, conduzida por uma sombra negra menor. A sombra ficou parada perto do ponto onde tinham abandonado o caminho, e se se virava de um lado para outro. Frodo pensou ouvir o som de alguém farejando. A sombra se abaixou até o solo, e começou a avançar em direção a ele.
Mais uma vez, o desejo de colocar o Anel se apossou de Frodo; agora mais forte que antes. Tão forte que, sem perceber o que estava fazendo, sua mão já tateava o bolso. Mas neste momento veio um som semelhante ao de música e risadas misturadas. Som de vozes perfeitamente audíveis, mais altas e depois mais baixas, através do ar iluminado pela luz das estrelas. A sombra negra se endireitou e se afastou. Montou a sombra do cavalo e pareceu desaparecer através do caminho, dentro da escuridão do outro lado. Frodo pôde respirar novamente.
- Elfos! - exclamou Sam num sussurro rouco. - Elfos, senhor! - Poderia ter se jogado à frente das árvores e corrido na direção das vozes, se os outros não o tivessem segurado.
- Sim, são elfos - disse Frodo. - Pode-se encontrá-los de vez em quando na Ponta do Bosque. Não moram no Condado, mas vagueiam por aqui na primavera e no outono, vindos de suas terras além das Colinas das Torres. Ainda bem que fazem isso! Vocês não viram, mas aquele Cavaleiro Negro parou bem aqui, e estava realmente vindo em nossa direção quando a música começou. Assim que escutou as vozes, ele fugiu.
- E os elfos? - disse Sam, entusiasmado demais para se preocupar com o cavaleiro.
- Podemos ir até lá para vê-los?
- Escutem! Estão vindo para cá - disse Frodo. - Temos só de esperar. A cantoria chegou mais perto. Uma das vozes podia agora ser ouvida acima das outras. Cantava na bela língua dos elfos, que Frodo entendia um pouco, e os outros não conheciam. Apesar disso, na imaginação d eles, o som combinado com a melodia parecia tomar a forma de palavras que entendiam só em parte. Frodo escutou a canção assim:

Branca-de-Neve! Clara Senhora!
Reinas além dos Mares Poentes!
És nossa Luz aqui nesta hora
No mundo das arvores onipresentes!

Ó Gilthoniel! Ó Elbereth!
De hálito puro e claro olhar!
Branca-de-Neve, a ti nossa voz
Em longes terras, além do Mar.
Estrelas que, no Ano sem Sol,
Pela sua mão fostes semeadas,
Em campos de vento, em claro arrebol,
Agora sois flores prateadas.
ó Elbereth, ó Gilthoniel!
Inda lembramos, nós que moramos
Nesta lonjura, em matas silentes,
A luz dos astros nos Mares Poentes.

A canção terminou.

- Estes são Altos-elfos! Falaram o nome de Elbereth! - disse Frodo surpreso. - Esse belo povo raramente é visto no Condado. Poucos ainda permanecem na Terra-média, a leste do Grande Mar. De fato, um acaso estranho!

Os hobbits se sentaram na sombra ao lado do caminho. Logo os elfos desceram por ele em direção ao vale. Passaram devagar, e os hobbits puderam ver a luz das estrelas brilhando nos olhos e cabelos deles. Não levavam qualquer luz, e mesmo assim, conforme caminhavam, um clarão, como a luz da lua que aparece sobre a borda das montanhas anunciando sua chegada, parecia iluminar seus pés. Agora estavam em silêncio, e o último elfo, ao passar, se voltou e olhou em direção aos hobbits, rindo.

- Salve, Frodo - gritou ele. - Você está fora de casa tarde da noite. Ou será que está perdido? - Então gritou pelos outros, e todo o grupo parou e se juntou em volta deles.

- Isto é realmente maravilhoso! - disseram eles. - Três hobbits numa floresta à noite. Não vemos uma coisa dessas desde que Bilbo foi embora. Que significa isto?

- Isto simplesmente significa, belo povo, que parece que estamos indo pelo mesmo caminho que vocês. Gosto de andar sob as estrelas. Mas a sua companhia seria bem-vinda.

- Mas não precisamos de outra companhia, e os hobbits são tão enfadonhos - riram eles. - E como você sabe que estamos indo pelo mesmo caminho que vocês, já que não sabem aonde estamos indo?

- E como você sabe meu nome? - perguntou Frodo.

- Sabemos de muitas coisas - disseram eles. - Já o vimos antes muitas vezes com Bilbo, embora vocês possam não nos ter visto.

- Quem são vocês, e quem é o seu senhor?

- Sou Gildor - respondeu o líder, o elfo que o tinha chamado primeiro.

- Gildor Inglorion da Casa de Finrod. Somos Exilados, e a maioria de nossos parentes partiu há muito tempo, e também nós vamos permanecer aqui apenas um pouco, antes de nosso retorno pelo Grande Mar. Mas alguns de nosso povo ainda moram em paz em Valfenda. Agora vamos, Frodo, conte-nos o que está fazendo. Pois vemos uma sombra de medo em você.

- Ó Povo Sábio! - interrompeu Pippin ansiosamente. - Contem-nos sobre os Cavaleiros Negros!

- Cavaleiros Negros? - disseram em voz baixa. - Por que estão perguntando sobre Cavaleiros Negros?

- Porque dois Cavaleiros Negros passaram por nós hoje, ou um deles duas vezes - disse Pippin. - Agora há pouco fugiu, quando vocês se aproximaram.

Os elfos não responderam imediatamente, mas conversaram entre si num tom baixo, em sua própria língua. Finalmente Gildor voltou-se para os hobbits. - Não vamos falar disso aqui - disse ele. - Achamos que é melhor virem conosco. Não é nosso hábito, mas desta vez levaremos vocês pela nossa estrada, e vocês vão se hospedar conosco esta noite, se quiserem.

- Ó Belo Povo, isto é boa sorte além do que esperava - disse Pippin. Sam estava mudo. - Agradeço-lhe muito, Gildor Inglorion - disse Frodo, fazendo uma reverência.

- Elen síla lúmenn omentielvo, uma estrela brilha sobre a hora do nosso encontro - acrescentou ele, na língua dos Altos-elfos.

- Tenham cuidado, amigos - gritou Gildor rindo. - Não digam segredos! Aqui está um estudioso da Língua Antiga. Bilbo foi um bom mestre. Salve, amigo-dos-elfos! - disse ele fazendo uma reverência a Frodo. - Venha agora com seus amigos e junte-se ao nosso grupo! É melhor andarem no meio, para não se perderem. Podem ficar cansados antes de pararmos.

- Por quê? Aonde vamos? - perguntou Frodo.

- Por hoje vamos para a floresta nas colinas sobre a Vila do Bosque. Fica a algumas milhas, mas vão ter de descansar no final, e isto encurtará a sua viagem amanhã.

Agora continuavam a marcha em silêncio, e passavam como sombras e luzes fracas: os elfos (mais ainda que os hobbits) sabiam andar sem fazer nenhum ruído, se desejassem.

Pippin começou logo a ficar sonolento e cambaleou uma ou duas vezes; sempre um elfo ao seu lado estendia o braço, evitando que caísse. Sam andava ao lado de Frodo, como se sonhasse, com uma expressão no rosto que misturava medo e uma alegria atônita.

A floresta em ambos os lados se tornou mais densa; as árvores agora eram mais jovens e espessas; e conforme o caminho descia, entrando numa dobra das montanhas, havia profundas moitas de aveleiras nas ladeiras dos dois lados.

Finalmente os elfos deixaram o caminho virando à direita. Uma trilha verde quase invisível passava pelas moitas; e por ela seguiram, através de curvas que voltavam a subir as ladeiras, até o topo de uma saliência das colinas, que altiva se projetava sobre a parte mais baixa do vale do rio. De repente saíram da sombra das árvores, e diante deles estava um espaço grande de capim baixo, cinzento no escuro da noite. De três lados, a floresta avançava por cima dele, mas ao leste o solo descia vertiginosamente, e as copas das árvores escuras que cresciam no fundo da ladeira ficavam abaixo de seus pés. Mais além, as terras baixas se estendiam escuras e planas sob as estrelas. Mais próximas, algumas luzes brilhavam na aldeia da Vila do Bosque.

Os elfos sentaram-se no capim e conversaram em voz baixa; pareciam não tomar mais conhecimento dos hobbits. Frodo e seus companheiros se embrulharam em capas e cobertores, tomados pelo sono. A noite avançou, e as luzes no vale se apagaram. Pippin adormeceu, com a cabeça apoiada num outeiro verde.

Lá em cima no Leste oscilavam Remmirath, as Estrelas Enredadas, e lenta acima da névoa a vermelha Borgil se levantava, brilhando como uma jóia de fogo. Então, por alguma mudança de ar, toda a névoa foi retirada como um véu; e ali subia, como se escalasse a borda do mundo, o Espadachim do Céu, Menelvagor com seu cinto brilhante.

Todos os elfos começaram a cantar. De repente, sob as árvores, uma fogueira se acendeu com uma luz vermelha.

- Venham! - disseram os elfos chamando os hobbits. Agora é hora de conversar e de se divertir!

Pippin se sentou, esfregando os olhos. Tremeu. - Há um fogo no salão, e comida

para convidados famintos - disse um elfo parado diante dele. Na ponta sul do gramado havia uma abertura. Ali o solo verde entrava na floresta, e formava um amplo espaço como um salão, coberto pelos ramos das árvores. Os grandes troncos se alinhavam como pilares em cada um dos lados. No meio ficava uma fogueira, e nas árvores-pilares, tochas com luzes de ouro e prata queimavam continuamente. Os elfos se sentaram em volta da fogueira, sobre a grama ou sobre rodelas serradas de velhos troncos. Alguns iam e vinham carregando taças e servindo bebidas; outros traziam comida em montes de pratos e bandejas.

- É uma refeição modesta - disseram eles aos hobbits - pois estamos alojados na floresta, longe de nossos salões. Se alguma vez forem à nossa casa, serão mais bem tratados.

- A mim parece bom o suficiente para uma festa de aniversário - disse Frodo.

Mais tarde, Pippin se lembraria muito pouco da comida e da bebida, pois sua mente estava tomada pela luz nos rostos dos elfos, e pelos sons de vozes, tão variadas e bonitas que o faziam sentir-se como se estivesse sonhando acordado. Mas saberia dizer que houve pão, cujo sabor superava o de uma bela bengala de pão branco para alguém que está morrendo de fome; e frutas doces como pomos silvestres e mais saborosas que as cultivadas em jardins; ele esvaziou um copo cheio de uma bebida aromática, fresca e transparente como água de fonte, dourada como uma tarde de verão.

Sam jamais poderia descrever em palavras, nem representar de modo claro para si mesmo, o que sentiu ou pensou naquela noite que, apesar disso, ficou-lhe gravada na memória como um dos acontecimentos mais importantes da sua vida. O mais próximo disso a que conseguiu chegar foi dizer:

- Bem, senhor, se eu pudesse cultivar maçãs assim, diria que sou um hortelão.

Mas foram as canções que tocaram meu coração, se entende o que quero dizer.

Frodo estava sentado, comendo, bebendo e conversando com prazer; mas sua mente se concentrava nas palavras ditas. Sabia um pouco da língua élfica, e escutava atento.

De vez em quando falava com aqueles que o serviam, e lhes agradecia na língua deles. Em contrapartida, sorriam e diziam : - Aqui está uma jóia rara entre os hobbits.

Depois de um tempo Pippin adormeceu profundamente, e foi levantado e levado para um abrigo sob as árvores; ali o deitaram num leito macio onde dormiu o resto da noite. Sam se recusou a deixar seu mestre. Quando Pippin tinha ido, ele veio e se sentou encolhido perto de Frodo, onde finalmente pendeu de sono e fechou os olhos.

Frodo permaneceu por muito tempo acordado, conversando com Gildor.

Falaram de muitas coisas, velhas e novas, e Frodo perguntou muito sobre os acontecimentos no vasto mundo fora do Condado. As novidades eram na maioria tristes e agourentas: uma escuridão que crescia, as guerras dos homens e a fuga dos elfos. Finalmente Frodo fez a pergunta que calava mais fundo em seu coração.

- Diga-me, Gildor, você viu Bilbo depois que ele nos deixou? Gildor sorriu. - Sim - respondeu ele. - Duas vezes. Disse-me adeus aqui mesmo. Mas o vi uma outra vez, longe daqui. - Não disse mais nada sobre Bilbo, e Frodo ficou em silêncio.

- Você não me pergunta ou fala muito sobre as coisas que o preocupam, Frodo - disse Gildor. - Mas eu já sei um pouco, e posso ler mais em seu rosto e no pensamento por trás de suas perguntas. Você está deixando o Condado, e ainda assim duvida se poderá encontrar o que procura, ou conseguir o que pretende, ou se algum dia retornará, Não é isso?

- É sim - disse Frodo -, mas pensei que minha partida fosse um segredo conhecido apenas por Gandalf e meu fiel Sam. - Olhou para Sam, que roncava baixinho.

- O segredo não chegará ao Inimigo por nosso intermédio - disse Gildor.

- O Inimigo? - disse Frodo. - Então você sabe por que estou deixando o Condado?

- Não sei por que motivo o Inimigo está perseguindo você - respondeu Gildor -, mas percebo que está - embora isso me pareça muito estranho. E faço uma advertência: o perigo agora está adiante e também atrás de você, e dos dois lados.

- Quer dizer os Cavaleiros? Receava que fossem servi dores do Inimigo. O que são os Cavaleiros Negros?

- Gandalf não lhe disse nada?

- Sobre essas criaturas, nada.

- Então acho que não cabe a mim dizer mais - para evitar que o terror o impeça de continuar a viagem. Pois a mim parece que você partiu em cima da hora, se é que já não está atrasado. Deve se apressar, e não ficar e nem voltar; o Condado não oferece proteção a você.

- Não consigo imaginar que informação possa ser mais terrível que suas insinuações e advertências - exclamou Frodo. - É claro que sabia que havia perigo à minha frente, mas não esperava encontrá-lo no nosso próprio Condado. Um hobbit não pode caminhar do Água até o Rio em paz?

- Mas não é o seu próprio Condado - disse Gildor. - Outros moraram aqui antes dos hobbits; e outros virão quando os hobbits não estiverem mais aqui. O vasto mundo está em volta de vocês. Podem se trancar aqui dentro, mas não trancá-lo lá fora.

- Eu sei - e apesar disso o Condado sempre me pareceu tão seguro e familiar. Que posso fazer agora? Meu plano era sair do Condado em segredo, e ir até Valfenda; mas agora meus passos estão sendo seguidos, antes mesmo de chegar à Terra dos Buques.

- Acho que ainda deve seguir esse plano - disse Gildor. - Não acho que a Estrada será dura demais para sua coragem. Mas se desejar um conselho mais direto, deve pedi-lo a Gandalf. Não sei o motivo de sua fuga, e por isso não sei por que meios seus perseguidores vão atacá-lo. Isso Gandalf deve saber. Suponho que deve encontrá-lo antes de deixar o Condado?

- Espero que sim. Mas esta é outra coisa que me deixa ansioso. Tenho esperado Gandalf há muitos dias. Ele deveria ter chegado à Vila dos Hobbits no máximo há duas noites; mas não apareceu. Agora fico imaginando o que pode ter acontecido. Será que devo esperá-lo?

Gildor ficou em silêncio por um momento. - Não gosto dessa notícia - disse ele finalmente. - O atraso de Gandalf não é um bom presságio. Mas dizem por aí: Não se meta nas coisas dos magos, pois eles são sensíveis e ficam facilmente irritados. A escolha é sua: ir ou esperar.

- E também dizem por aí: Não peça conselhos aos elfos, pois eles dirão ao mesmo tempo não e sim.

- É mesmo? - riu Gildor. - Os elfos raramente dão conselhos imprudentes, pois o conselho é uma dádiva perigosa, mesmo dos sábios para os sábios, e tudo pode dar errado. Mas e você? Se não me contou sobre tudo o que o preocupa, como posso fazer uma escolha melhor que a sua? Mas se quer um conselho, vou dá-lo em nome de nossa amizade. Acho que deve partir imediatamente, sem demora; e se Gandalf não chegar antes de sua partida, então também aconselho o seguinte: não vá sozinho. Leve amigos, que sejam confiáveis e prestativos. Agora, deve me agradecer, pois não dou este conselho com tranqüilidade. Os elfos têm suas próprias dores e seus próprios labores, e não se preocupam muito com os assuntos dos hobbits, ou de qualquer outra criatura sobre a terra. Nossos caminhos se cruzam raramente, por acaso ou de propósito. Neste nosso encontro, pode haver algo mais que o acaso; mas o propósito não está claro para mim, e temo falar

demais.

- Fico imensamente grato - disse Frodo - mas queria que dissesse de modo direto o que são os Cavaleiros Negros. Se seguir seu conselho, posso não encontrar Gandalf por um longo tempo, e preciso saber qual é o perigo que me persegue.

- Não basta saber que são servidores do Inimigo? - respondeu Gildor. - Fuja deles! Não fale com eles! São letais. Não me pergunte mais nada! Mas meu coração pressente que, antes que tudo se acabe, você, Frodo, filho de Drogo, saberá mais sobre essas coisas terríveis que Gildor Inglorion. Que Elbereth o proteja!

- Mas onde buscarei coragem? - perguntou Frodo. - É disso que eu mais preciso.

- A coragem pode ser encontrada em lugares improváveis - disse Gildor. Tenha esperança! Durma agora! Pela manhã deveremos ter partido, mas enviaremos nossas mensagens por todo lugar. Os Grupos Errantes vão saber de sua viagem, e aqueles que têm poder para o bem estarão vigiando. Nomeio-o amigo-dos-elfos, e que as estrelas brilhem sobre o final de seu caminho! Raramente tivemos tanto prazer na companhia de estranhos, e é bonito escutar palavras da Língua Antiga dos lábios de outros andarilhos do mundo.

Frodo sentiu-se sonolento, ainda enquanto Gildor terminava de falar.

- Vou dormir agora - disse ele, e o elfo o conduziu a um abrigo ao lado de Pippin, e ele se jogou sobre um leito, caindo imediatamente num sono sem sonhos.

CAPÍTULO IV
ATALHO ATÉ COGUMELOS

Na manhã seguinte, Frodo acordou descansado. Estava deitado no abrigo de uma árvore viva, com ramos entrelaçados que desciam até o chão; o leito era de grama e samambaias, fundo, macio e com um cheiro exótico.

O sol brilhava através das folhas que se agitavam, ainda verdes , no topo da árvore. Pulou de pé e saiu.

Sam estava sentado na grama perto da borda da floresta. Pippin, em pé, estudava o céu e o tempo. Nenhum sinal dos elfos.

- Deixaram frutas e bebida, e pão - disse Pippin. - Venha comer. O pão está quase tão bom como ontem à noite. Eu não queria deixar nenhum para você, mas Sam insistiu.

Frodo se sentou ao lado de Sam e começou a comer. - Quais são os planos para hoje? - perguntou Pippin.

- Chegar a Buqueburgo o mais rápido possível - respondeu Frodo, voltando a atenção para a comida.

- Você acha que veremos algum sinal daqueles Cavaleiros? - perguntou Pippin animado. Sob o sol da manhã, a perspectiva de encontrar uma tropa inteira deles não lhe parecia muito alarmante.

- Provavelmente sim - disse Frodo, não apreciando muito o lembrete.

- Mas espero atravessar o Rio sem que nos vejam. Gildor lhe revelou alguma coisa sobre eles?

- Não muito - apenas insinuou coisas com frases enigmáticas - respondeu Frodo evasivamente.

- Você perguntou alguma coisa sobre eles farejarem?

- Não discutimos isso - disse Frodo, com a boca cheia.
- Deveriam ter discutido. Tenho certeza de que é muito importante.
- Nesse caso estou certo de que Gildor se recusaria a explicar - disse Frodo secamente. - E agora me deixe um pouco em paz! Não quero responder uma lista de perguntas enquanto como. Quero pensar!
- Puxa vida! - disse Pippin. - Durante o desjejum? - E andou em direção à borda da floresta.
Da mente de Frodo, aquela manhã clara - traiçoeiramente clara, pensava ele - não tinha expulsado o medo da perseguição, e ele ponderava as palavras de Gildor. A voz alegre de Pippin chegou-lhe aos ouvidos. Estava correndo sobre a grama verde e cantando.
"Não! Eu não poderia!" disse ele consigo mesmo. "Uma coisa é levar meus jovens amigos para passear pelo Condado, até ficarmos famintos e cansados, quando temos boa cama e comida. Levá-los para o exílio, onde a fome e o cansaço podem não ter cura, é bem diferente - mesmo que se julguem dispostos a vir. A herança é só minha. Nem Sam acho que devo levar. " Olhou para Sam Gamgi, e percebeu que ele o observava.
- Bem, Sam! - disse ele. - Que acha disso? Vou deixar o Condado o mais rápido que puder - tomei a decisão de não esperar nem um dia em Cricôncavo, se isso puder ser evitado.
- Muito bom, senhor!
- Você ainda quer vir comigo?
- Quero.
- Vai ser muito perigoso, Sam. Já está perigoso. Existem grandes chances de nenhum de nós voltar vivo.
- Se o senhor não voltar, então certamente também não voltarei, isto é certo. Não o deixe!, disseram para mim. Deixá-lo!, eu disse. Nunca pensei nisso. Vou com ele, mesmo que suba até a Lua; e se qualquer um daqueles Cavaleiros Negros tentar impedi-lo, terão que se ver com Sam Gamgi, eu disse. Eles riram.
- Quem são eles, e de que está falando?
- Os elfos, senhor. Conversaram comigo ontem à noite, e pareciam saber que o senhor estava indo embora, então não vi motivo para negar isso. Que povo maravilhoso, os elfos, senhor! Maravilhoso!
- São mesmo - disse Frodo. - Você continua gostando deles, agora que os viu mais de perto?
- Eles parecem estar um pouco acima do meu gostar ou desgostar, por assim dizer - respondeu Sam devagar. - Parece que não tem muita importância o que acho deles, São muito diferentes do que esperava - tão velhos e jovens, e tão alegres e tristes, de certo modo...
Frodo riu de Sam, bastante surpreso, como quem esperasse enxergar algum sinal externo da estranha mudança que se operara nele. Não parecia a voz do velho Sam Gamgi que julgava conhecer. Mas era o mesmo Sam Gamgi ali sentado, a não ser por sua expressão extraordinariamente pensativa.
- Você acha necessário deixar o Condado agora - agora que seu desejo de vê-los já se realizou? - perguntou ele.
- Sim, senhor. Não sei como dizer isto, mas depois de ontem à noite me sinto diferente. Parece que enxergo mais longe, de certa maneira. Sei que vamos pegar uma estrada muito longa, para dentro da escuridão; mas sei também que não posso voltar. O que quero agora não é ver os elfos, nem dragões e nem montanhas - não sei direito o que quero: mas tenho alguma coisa para fazer antes do fim, e ela está lá na frente, longe do

Condado. Preciso passar por isso, se é que o senhor me entende.

- Não entendo muito bem. Mas percebo que Gandalf escolheu para mim um bom companheiro. Estou contente. Nós vamos juntos.

Frodo terminou de comer em silêncio. Então, levantando-se, examinou a região diante dele, e chamou Pippin.

- Todos prontos para partir? - disse ele enquanto Pippin subia correndo. - Precisamos ir imediatamente. Dormimos até tarde, e temos muitas milhas pela frente.

- Você dormiu até tarde - disse Pippin. - Já estou acordado há muito tempo; e estamos só esperando você terminar de comer e de pensar.

- Já terminei as duas coisas. E vou partir para a balsa de Buqueburgo o mais rápido possível. Mas se for pela estrada que deixamos ontem à noite vamos ficar dando voltas: vou sair daqui, cortando caminho pelo campo.

- Então você vai voar - disse Pippin. - Você não vai encontrar atalhos em lugar algum neste trecho.

- Mas de qualquer modo podemos fazer um percurso mais curto que a estrada - respondeu Frodo. - A balsa fica a leste da Vila do Bosque, mas a estrada grande faz uma curva para a esquerda - dá para ver um cotovelo ali ao norte. Ela contorna o extremo norte do Pântano, a fim de encontrar o caminho que vem da Ponte sobre Tronco. São muitas milhas fora do rumo. Poderíamos economizar um quarto da distância se fôssemos em linha reta daqui onde estamos até a balsa.

- Todo atalho dá trabalho - argumentou Pippin. - O campo é acidentado por essas bandas, e existem atoleiros e todo tipo de dificuldade lá embaixo no Pântano, conheço a região naquelas partes. E se está preocupado com os Cavaleiros Negros, não vejo por que encontrá-los na estrada seja pior do que numa floresta ou num campo.

- É menos fácil encontrar pessoas nas florestas e campos - respondeu Frodo. - E se a expectativa é de que você esteja na estrada, existe mais chance de ser procurado na estrada, e não fora dela.

- Muito bem! - disse Pippin. - Seguirei você por todos os atoleiros e valas. Mas o caminho é difícil! Contava em passar pelo Perca Dourada em Tronco antes do pôr-do-sol. Lá servem a melhor cerveja da Quarta Leste, ou pelo menos serviam: faz muito tempo que não experimento.

- Isso resolve o assunto! - disse Frodo. - Todo atalho dá trabalho, mas hospedarias dão mais ainda. A todo custo temos de nos manter longe do Perca Dourada. Queremos chegar a Buqueburgo antes de escurecer. O que me diz, Sam?

- Vou junto com o senhor, Sr. Frodo - disse Sam (mesmo tendo um pressentimento oculto e sentindo um grande pesar por perder a melhor cerveja da Quarta Leste).

- Então, se temos de nos embrenhar por atoleiros e urzes, vamos já! Disse Pippin.

O calor já estava quase igual ao do dia anterior, mas nuvens começavam a chegar do Oeste. Parecia que ia chover. Os hobbits desceram aos tropeços por uma ladeira verde e íngreme e se enfiaram entre densas árvores lá embaixo. A direção escolhida deixava a Vila do Bosque à esquerda e cortava num plano inclinado através dos maciços de árvores que se estendiam na face leste da colina, até que alcançassem as planícies à frente. Então poderiam ir direto para a balsa pelo campo que era aberto, a não ser por algumas valas e cercas. Frodo calculava que teriam de caminhar dezoito milhas, indo em linha reta.

Logo descobriu que a floresta era mais densa e emaranhada do que parecera à primeira vista. Não havia trilhas na vegetação baixa, e eles não podiam avançar muito rápido. Quando alcançaram o final da ladeira, encontraram um ri acho que vinha das colinas lá atrás e corria sobre um leito profundo, do qual subiam margens íngremes e escorregadias, cobertas por arbustos espinhosos. Muito inconvenientemente, o riacho

cortava a linha que tinham escolhido. Não podiam saltar por sobre ele e nem atravessá-lo sem ficar molhados, arranhados e enlameados. Pararam, imaginando o que fazer. - Primeiro obstáculo - disse Pippin, com um sorriso melancólico.

Sam Gamgi olhou para trás. Por uma abertura nas árvores, passou os olhos pelo topo da ladeira pela qual tinha descido.

- Olhem - disse ele, agarrando o braço de Frodo. Todos olharam e na encosta, de pé, contra o céu, viram bem acima deles um cavalo. Ao lado, uma figura negra, Imediatamente desistiram da idéia de voltar. Frodo foi à frente, e se enfiou rapidamente pelos densos arbustos que ladeavam o riacho. - Ufa! Disse ele a Pippim. - Nós dois estávamos certos! O atalho já deixou de ser em linha reta, mas conseguimos um esconderijo bem na hora. Você tem bons ouvidos, Sam. Consegue escutar alguma coisa vindo?

Ficaram todos quietos, quase prendendo a respiração para escutar; mas não havia nenhum ruído indicando que estavam sendo perseguidos. Não acho que ele tentaria trazer o cavalo ladeira abaixo - disse Sam. - Mas acho que sabe que viemos por aqui. É melhor irmos andando.

Ir indo não foi nem um pouco fácil. Tinham mochilas para carregar e os arbustos e espinheiros relutavam em deixá-los passar. Impedido pelo maciço de colinas atrás deles, o vento deixara de soprar, e o ar estava parado e abafado . Quando finalmente forçaram o caminho em direção ao terreno mais aberto, estavam com muito calor, cansados e arranhados, e também não sabiam ao certo em que direção caminhavam. Na planície as margens afundavam, e o riacho ficava mais largo e mais raso, indo em direção ao Pântano e ao rio.

- Mas este é o Córrego de Tronco! - disse Pippin. - Se é que vamos tentar voltar para nosso caminho, temos imediatamente de atravessar e ir à direita.

Foram atravessando o riacho, e se apressaram em direção a um espaço aberto amplo, coberto de juncos e sem árvores, na margem oposta. Mais além encontraram um cinturão de árvores: em sua maioria altos carvalhos, entremeados aqui e ali com olmos e freixos.

O solo era bastante plano e havia pouca vegetação rasteira; mas as árvores estavam muito próximas para que eles pudessem enxergar muito longe.

Súbitas rajadas de vento levavam as folhas pelos ares, e gotas de chuva começaram a cair do céu carregado. Então o vento foi parando e a chuva começou a cair forte.

Avançavam com dificuldade, o mais rápido que conseguiam, em meio a tufos de grama e montes de folhas mortas que boiavam na água, enquanto a chuva tamborilava e escorria por toda a sua volta. Não conversavam, mas olhavam para trás e para os lados.

Depois de meia hora, Pippin disse:

- Espero que não tenhamos virado muito em direção ao sul e que não estejamos andando ao longo da floresta! O cinturão não é muito largo - diria que não ultrapassa uma milha e já deveríamos tê-lo atravessado.

- Não adianta irmos em ziguezague - disse Frodo. - Isso não vai consertar as coisas. Vamos continuar por aqui! Nem sei se já quero sair para o espaço aberto.

Continuaram talvez por mais algumas milhas. Então o sol brilhou através de nuvens rasgadas e a chuva diminuiu, Agora já passava do meio-dia, e sentiram que já estava mais que na hora de almoçar. Pararam sob um olmo: as folhas, embora estivessem rapidamente amarelecendo, ainda eram espessas, e o solo embaixo estava razoavelmente seco e bem protegido. Quando começaram a fazer a refeição, descobriram que os elfos tinham enchido suas garrafas com uma bebida clara, de um dourado pálido: tinha o aroma de um mel feito de muitas flores e era maravilhosamente reconfortante. Logo estavam

rindo e desprezando a chuva e os Cavaleiros Negros. Sentiam que logo deixariam para trás as últimas milhas.

Frodo encostou-se no tronco da árvore, fechando os olhos. Sam e Pippin se sentaram perto e começaram a cantar baixinho:

Eh! Eli! Eli! O que eu quero é beber,
Matar minha dor e o meu mal esquecer
Pode ventar também pode chover
E muita estrada sobrar pra vencer,
Ao pé deste olmo eu quero deitar
E olhar para a nuvem que vai devagar
Eh! Eli! Eh!, começaram de novo, mais alto.

Pararam de repente. Frodo pulou de pé. Um gemido longo veio com o vento, como o choro de alguma criatura solitária e má. Ficou mais alto e depois mais baixo, e então terminou num tom muito agudo e penetrante. Eles ficaram escutando, como que petrificados, e o lamento foi respondido por um outro grito, mais fraco e distante, embora não desse menos arrepios na espinha. Depois tudo silenciou, a não ser pelo som do vento nas árvores.

- O que acham que foi isso? - perguntou Pippin finalmente, tentando dar um tom tranqüilo à sua voz, que apesar disso estava meio trêmula. - Se foi um pássaro, este eu nunca ouvi no Condado antes.

- Não foi pássaro nem animal - disse Frodo. - Foi um chamado ou sinal - havia palavras naquele grito, embora eu não tenha conseguido entendê-las.

Mas nenhum hobbit tem uma voz assim.

Não se falou mais nada sobre o assunto. Estavam todos pensando nos Cavaleiros, mas ninguém falava neles. Agora relutavam, em partir e em ficar; mas mais cedo ou mais tarde teriam de atravessar o campo aberto até a balsa, e era melhor ir mais cedo e durante o dia. Em poucos minutos tinham colocado as mochilas nos ombros e seguiam novamente.

Logo a floresta terminou de modo abrupto. Uma região ampla coberta por gramíneas se estendia à frente deles. Agora percebiam que, de fato, tinham ido muito para o sul. Adiante, sobre as planícies, visualizavam a colina baixa de Buqueburgo do outro lado do Rio, mas agora ela estava à esquerda. Saindo cuidadosamente da borda da floresta, começaram a atravessar o espaço aberto o mais rápido possível.

No início sentiram receio por estarem longe do abrigo da floresta. O lugar onde tinham feito o desjejum já ficara muito para trás. Frodo tinha expectativas de ver a pequena figura distante de um cavaleiro sobre as colinas, agora escuras contra o céu; mas não havia nem sinal deles.

O sol, que afundava nas colinas atrás deles, brilhava novamente, fugindo das nuvens que se desfaziam. O medo os abandonou, embora ainda se sentissem inquietos. Mas rapidamente o terreno foi ficando menos intratável e irregular. Logo entraram em campos e prados bem tratados: havia cercas-vivas, portões e valas para drenagem. Tudo parecia quieto e pacífico, apenas um canto comum do Condado. A cada passo sentiam-se mais alegres. A linha do Rio se aproximava, e os Cavaleiros Negros começaram a parecer fantasmas da floresta deixada para trás.

Passaram ao longo da borda de uma grande plantação de nabos, e depararam com um portão maciço, além do qual se estendia uma alameda batida entre duas cercas-vivas baixas e bem podadas, indo em direção a um arvoredo. Pippin parou.

- Conheço estes campos e este portão! - disse ele. - É Glebafava, a terra do velho Magote. A fazenda dele fica ali naquelas árvores.

- É problema atrás de problema! - disse Frodo, que parecia quase tão alarmado como se Pippin tivesse dito que a trilha conduzia à caverna de um dragão. Os outros olharam surpresos.

- Qual é o problema com o velho Magote? - perguntou Pippin. - Ele tem amizade com todos os Brandebuques. É claro que é o terror dos invasores, e cria cachorros ferozes, mas também, as pessoas aqui estão perto da fronteira, e devem se precaver.

- Eu sei - disse Frodo. - Mas mesmo assim - acrescentou ele com um sorriso envergonhado - tenho pavor dele e dos cachorros. Desviei desta fazenda por anos a fio. Ele me pegou várias vezes invadindo o lugar, atrás de cogumelos, quando era um rapazola na Sede do Brandevin. Na última vez me bateu e me levou até os cachorros.

"Vejam, meninos", disse ele, - da próxima vez que esse pequeno verme botar os pés nas minhas terras, vocês podem devorá-lo. Agora levem-no para fora!" Eles me perseguiram por todo o caminho até a balsa. Nunca me livrei do medo - mas me atrevo a dizer que os animais sabiam o que estavam fazendo, e não teriam me atacado de verdade.
Pippin riu. - Bem, já é hora de fazerem as pazes. Principalmente se você está de volta para morar na Terra dos Buques. O velho Magote é um sujeito de bem, se você deixar os cogumelos em paz. Vamos entrar pela alameda, e então não estaremos invadindo. Se o encontrarmos, eu falo com ele. É amigo de Merry; houve uma época em que costumávamos vir muito aqui juntos.

Foram ao longo da alameda, até avistarem os telhados de sapé de uma grande casa e de outros barracões da fazenda, que começavam a aparecer em meio as árvores. Os Magotes e os Poçapés de Tronco, como a maioria dos habitantes do Pântano, moravam em casas; esta casa era de construção sólida, feita de tijolos, e cercada por um grande muro em toda a volta, Um amplo portão de madeira se abria para a alameda.

De repente, conforme se aproximavam, latidos estrondosos irromperam, seguidos por uma voz alta que gritava: - Garra! Presa! Lobo! Venham, meninos!

Frodo e Sam ficaram como estátuas, mas Pippin avançou mais alguns passos.

O portão se abriu e três cachorros enormes saíram, disparando pela alameda em direção aos viajantes, latindo ferozmente. Não tomaram conhecimento de Pippin, mas Sam se encolheu contra a parede, enquanto dois cachorros que mais pareciam lobos o farejavam desconfiados, e rosnavam quando se movia. O maior e mais feroz dos três parou na frente de Frodo, rosnando e com os pêlos em pé.

Através do portão vinha agora um hobbit corpulento, de rosto redondo e vermelho.

- Olá, Olá. E quem são vocês e o que querem? - perguntou ele.

- Boa tarde, Sr. Magote - disse Pippin.

O fazendeiro olhou-o de perto. - Ora, ora, vejam só! Mestre Pippin ou melhor, o Sr. Peregrin Túk - gritou ele, e sua expressão zangada se abriu num sorriso. - Faz muito tempo que não o vejo por essas bandas. Sorte sua que o reconheci. Já ia soltar meu cachorro em cima dos forasteiros. Hoje estão acontecendo coisas estranhas. É claro que às vezes pegamos um pessoal esquisito vagando por aqui. É muito perto do Rio - disse ele, balançando a cabeça. - Mas esse sujeito é o mais esquisito que já vi. Ele não vai atravessar minhas terras e depois escapar de novo, não se eu puder impedi-lo.

- De que sujeito está falando? - perguntou Pippin.

- Então vocês não viram? - disse o fazendeiro. - Ele subiu a alameda em direção à estrada agora há pouco. Era um camarada estranho, fazendo perguntas estranhas. Mas é melhor entrarem. Assim poderemos ficar mais bem acomodados e contar as novidades. Tenho um gole de boa cerveja na adega, se o senhor e seus amigos quiserem, Sr. Túk.

Parecia certo que o fazendeiro falaria mais, se lhe permitissem fazer isso em seu próprio passo e maneira, de modo que todos aceitaram o convite.

- E os cachorros? - perguntou Frodo ansioso.

O fazendeiro riu. - Não vão fazer mal nenhum, a não ser que eu ordene. Aqui, Garra! Presa! Quietos - gritou ele. - Quieto, Lobo! - Para o alívio de Frodo e Sam, os cachorros foram embora e deixaram-nos passar.

Pippin apresentou os outros dois ao fazendeiro . - Este é o Sr. Frodo Bolseiro - disse ele. - Pode não se lembrar, mas ele morou na Sede do Branvin. - Ao escutar o nome Bolseiro, o fazendeiro ficou surpreso, e olhou Frodo com olhos atentos, Por um momento, Frodo pensou que a lembrança ; cogumelos roubados tinha despertado, e que os cachorros receberiam ordem de expulsá-lo. Mas Magote pegou-o pelo braço.

- Ora, ora, mas isto não é o mais esquisito de tudo - exclamou ele. Sr. Bolseiro, não é? Entre! Precisamos ter uma conversa.

Entraram na cozinha do fazendeiro, e sentaram-se perto da grande lareira.

A Sra. Magote trouxe cerveja numa jarra enorme, enchendo quatro canecas grandes. Era de boa qualidade, e Pippin se sentiu mais que recompensado por ter perdido a chance de ir ao Perca Dourada. Sam bebeu sua cerveja desconfiado. Sempre desconfiava de habitantes de outras partes do Condado , e também não estava disposto a ficar logo amigo de alguém que tivesse batido em seu patrão, não importava há quanto tempo.

Depois de falar um pouco sobre o tempo e sobre as perspectivas da lavoura (que não eram piores do que o normal), o fazendeiro Magote abaixou sua caneca, olhando para cada um deles.

- Agora, Sr. Peregrin - disse ele. - De onde estão vindo, e para onde vão? Estavam vindo me visitar? Porque, se for isto, passaram pelo meu portão sem que eu os tivesse visto.

- Bem... não - respondeu Pippin. - Para falar a verdade, já que adivinhou, entramos pela alameda do outro lado: viemos pelas plantações, mas foi por acaso. Nós nos perdemos na floresta lá atrás, perto da Vila do Bosque, tentando cortar caminho até a balsa.

- Se tinham pressa, a estrada seria melhor - disse o fazendeiro. - Mas eu não estava preocupado com isso. Dou-lhe permissão para passar pelas minhas terras se desejar, Sr. Peregrin. E ao senhor também, Sr. Bolseiro mas aposto que ainda gosta de cogumelos. - Ele riu. - Sim, reconheci o nome. Lembro-me do tempo em que o jovem Frodo Bolseiro era um dos piores fedelhos da Terra dos Buques. Mas eu não estava pensando nos cogumelos. Tinha acabado de ouvir o nome Bolseiro quando apareceram. O que acham que esse sujeito esquisito me Perguntou? Todos esperavam ansiosamente que ele continuasse. - Bem - continuou o fazendeiro, chegando ao ponto com um prazer vagaroso.

- Ele veio montado num grande cavalo preto pelo portão, que por acaso estava aberto, e chegou até minha porta. Era todo preto, também, com uma capa e um capuz, como se não quisesse ser reconhecido.

“Ora, que diabos ele pode estar querendo aqui no Condado?”, pensei comigo. Não encontramos muitas pessoas grandes na fronteira; e de qualquer jeito nunca ouvi falar de alguém semelhante a esse sujeito preto. - ”Bom dia para o senhor!”, digo eu, indo até ele. “Esta alameda não leva a lugar nenhum, e aonde quer que esteja indo, o melhor caminho é pela estrada.” Não gostei da aparência dele; e quando o Garra saiu, começou a farejar e soltou um ganido, como se tivesse levado uma ferroada: depois pôs o rabo entre as pernas e saiu correndo como um raio, uivando, O sujeito preto ficou parado, imóvel, “Venho de longe”, disse ele, devagar e dum jeito seco, apontando lá para o oeste, por cima das

minhas plantações, vejam só! - “Viu Bolseiro por aí?”, perguntou ele com uma voz estranha, curvando-se sobre mim, Não pude ver o rosto, totalmente coberto pelo capuz, e senti um arrepio na espinha, Mas não consegui entender porque ele vinha vindo pela minha alameda desse jeito atrevido.

- “Vá embora!-, eu disse. “Aqui não tem nenhum Bolseiro. Está na parte errada do Condado. É melhor voltar para o oeste, para a Vila dos Hobbits. - mas desta vez vá pela estrada.”

- “Bolseiro, partiu”, respondeu ele num sussurro. “Ele está chegando. Não está longe. Quero encontrá-lo. Pode me avisar se ele passar por aqui? Voltarei com ouro.” - “Não, não vai voltar”, eu disse. “Vai voltar para o lugar de onde veio, rapidinho. Dou-lhe um minuto antes de chamar meus cachorros.”

- Ele soltou uma espécie de silvo. Poderia ser uma risada, e poderia não ser. Daí meteu as esporas no seu cavalo grande, que avançou sobre mim, e eu pulei de lado bem na hora. Chamei os cachorros, mas ele fez meia-volta, e cavalgou através do portão e pela alameda em direção à estrada, rápido como um raio. Que acham disso?

Frodo ficou imóvel por um momento, olhando o fogo, mas só pensava em como conseguiriam chegar até a balsa. - Não sei o que pensar - disse ele finalmente.

- Então vou dizer o que penso - disse Magote, - O senhor nunca deveria ter se misturado com gente da Vila dos Hobbits, Sr. Frodo. O pessoal lá é esquisito. - Sam se mexeu na cadeira, e lançou para o fazendeiro um olhar nada amigável. - Mas o senhor sempre foi um menino descuidado. Quando soube que tinha deixado os Brandebuques para morar com o Sr. Bilbo, disse que iria encontrar problemas. Ouça o que digo, tudo isso vem das atividades estranhas do Sr. Bilbo. O dinheiro dele foi conseguido de um modo estranho em lugares distantes, dizem por aí. Será que alguém não está querendo saber o que foi feito do ouro e das jóias que ele enterrou na colina da Vila dos Hobbits, como ouvi dizer?

Frodo não dizia nada: a perspicácia das conjecturas do fazendeiro era bastante desconcertante.

- Bem, Sr. Frodo - continuou Magote -, folgo em saber que o senhor tenha tido o juízo de voltar para a Terra dos Buques. Meu conselho é o seguinte: fique aqui! E não se misture com esse pessoal de fora. Terá amigos nestas partes. Se algum desses sujeitos pretos vier atrás do senhor de novo, eu cuido deles. Direi que está morto, ou que deixou o Condado, ou qualquer coisa que desejar. E não estarei mentindo, pois parece que é do velho Sr. Bilbo que eles querem notícias.

- Talvez tenha razão - disse Frodo, evitando o olhar do fazendeiro e olhando para o fogo.

Magote olhou para ele pensativo. - Bem, vejo que tem suas próprias idéias - disse ele. - Está na cara que não foi nenhum acaso que trouxe o senhor e aquele cavaleiro aqui na mesma tarde; e pode ser que minhas novidades não tenham sido tão novidade assim para o senhor, no final das contas. Não estou pedindo que me conte nada que deseje guardar para si; mas vejo que está metido em algum tipo de problema. Talvez esteja achando que não vai ser tão fácil chegar até a balsa sem ser capturado...

- Estava pensando nisso - disse Frodo. - Mas temos que tentar chegar até lá; e isso não se faz sentando e pensando. Então, receio que devemos ir. Somos imensamente gratos por sua gentileza! Tive pavor do senhor e de seus cachorros por mais de trinta anos, Sr. Magote, apesar de o senhor poder rir do que digo. É uma pena. Perdi um grande amigo. E agora sinto em partir tão depressa. Mas voltarei, quem sabe, um dia - se tiver uma chance.

- Será bem-vindo quando vier - disse Magote. - Mas agora tive uma idéia. Já está quase no fim do dia, e nós vamos cear, pois nos deitamos logo depois do sol. Se o senhor

e o Sr. Peregrin e os outros pudessem ficar e comer alguma coisa conosco, ficaríamos satisfeitos.

- Nós também ficaríamos - disse Frodo. - Mas temo que devamos partir imediatamente. Mesmo assim estará escuro antes de chegarmos à balsa.

- Ah! Mas esperem um minuto! Eu ia dizer: depois de uma pequena ceia, eu pego uma carroça e levo vocês todos até a balsa. Isso vai poupar uma boa caminhada, e também pode poupá-los de problemas de outro tipo.

Frodo agora aceitou o convite agradecido, para o alivio de Pippin e Sam- o sol já estava atrás das colinas do oeste, e a luz ia enfraquecendo. Dois dos filhos de Magote e as três filhas entraram, e uma ceia generosa foi posta sobre a grande mesa. A cozinha foi iluminada com velas e o fogo foi reativado.

A Sra. Magote entrava e saía, alvoroçada. Um ou dois hobbits que também eram da casa apareceram.

Logo catorze pessoas se sentaram para comer. Havia cerveja em quantidade, e um grande prato de cogumelos com bacon foi servido, além de muitos outros produtos da própria fazenda. Os cachorros estavam deitados ao lado do fogo, mordendo restos de carne e roendo ossos.

Quando terminaram, o fazendeiro e seus filhos foram com uma lamparina aprontar a carroça. Estava escuro na varanda quando os convidados saíram, Jogaram suas mochilas na carroça e subiram. O fazendeiro se sentou no lugar do condutor e chicoteou os dois fortes pôneis. Sua esposa ficou parada na luz que vinha da porta aberta.

- Tome cuidado, Magote! - disse ela. - Não vá discutir com nenhum estranho, e volte direto para casa!

- Está bem! - disse ele, conduzindo a carroça para fora do portão. Agora não havia nem sinal de vento soprando; a noite estava tranqüila e quieta, o ar levemente frio. Seguiram sem luzes e devagar. Depois de uma ou duas milhas, a alameda terminou, cruzando uma vala profunda, e subindo uma ladeira curta até a estrada, que ficava num nível mais alto que a propriedade.

Magote desceu e deu uma boa olhada dos dois lados, para o norte e para o sul, mas não se via nada na escuridão, e nenhum som cortava o ar parado.

Tênues manchas de neblina pairavam sobre as valas, e avançavam sobre as plantações.

- A neblina vai ficar densa, mas não vou acender minhas lamparinas até que esteja voltando para casa. Nesta noite, poderemos ouvir qualquer coisa na estrada muito antes de encontrá-la.

A alameda de Magote ficava a cinco milhas ou mais da balsa. Os hobbits se agasalharam mas ficaram de ouvidos bem atentos a qualquer som mais alto que o rangido das rodas e o lento clope-clope dos cascos dos pôneis. Para Frodo, a carroça parecia mais lenta que um caramujo. Ao lado dele, Pippin cabeceava de sono; mas Sam olhava atentamente em direção à neblina que subia.

Finalmente chegaram à entrada do caminho que conduzia à balsa. Ali havia como marco dois postes altos e brancos que logo assomaram à direita deles. Magote puxou as rédeas e a carroça rangeu uma última vez. Bem na hora em que estavam descarregando as mochilas e descendo, ouviram o que todos tinham receado: cascos na estrada adiante. O som vinha em direção a eles.

Magote pulou para fora e ficou segurando as cabeças dos pôneis, tentando enxergar à frente na escuridão.

O cavaleiro se aproximava, clipe-clope, clipe-clope. O ruído dos cascos parecia alto naquele ar parado, em meio ao nevoeiro.

- É melhor se esconder, Sr. Frodo - disse Sam ansioso. - Entre na carroça e se cubra com os cobertores, e nós vamos enviar esse cavaleiro para o lugar de onde nunca deveria ter saído! - Sam desceu e ficou ao lado do fazendeiro. Os Cavaleiros Negros só se aproximariam da carroça se passassem por cima dele.

Clope-clope, clope-clope. O cavaleiro já estava quase chegando até eles.

- Alô, quem vem aí? - chamou Magote.

Os cascos que avançavam pararam imediatamente. Eles tiveram a impressão de estar enxergando uma forma escura envolta por uma capa na névoa, um ou dois metros adiante.

- Agora! - disse o fazendeiro, jogando as rédeas para Sam e avançando com passos largos. - Não se aproxime nem mais um passo! O que você quer, e para onde vai?

- Estou procurando o Sr. Bolseiro. O senhor o viu? - disse uma voz abafada - mas a voz era de Merry Brandebuque. Uma lamparina escura foi descoberta, e sua luz caiu sobre o rosto atônito do fazendeiro.

- Sr. Merry! - gritou ele.

- Sim, claro! Quem pensou que era? - disse Merry se aproximando, e saindo da névoa que o envolvia.

O receio de todos desvaneceu, e o tamanho de Merry pareceu diminuir até chegar à estatura de um hobbit comum. Estava montando um pônei, e um cachecol envolvia seu pescoço, cobrindo até acima do queixo, como proteção contra a neblina.

Frodo pulou da carroça para cumprimentá-lo.

- Então, finalmente chegaram! - disse Merry. - Estava começando a me perguntar se chegariam ainda hoje, e já estava voltando para cear. Quando a neblina aumentou, atravessei a balsa e cavalguei em direção a Tronco para ver se não tinham caído em nenhum fosso. Mas estou pasmo de ver por onde vieram. Onde os encontrou, Sr. Magote? Na lagoa dos patos?

- Não, peguei-os invadindo minhas terras - disse o fazendeiro. - E quase lhes soltei os cachorros em cima; mas eles vão contar toda a história, sem dúvida. Agora, se me desculpam, Sr. Merry, Sr. Frodo e todos, é melhor eu voltar para casa. A Sra. Magote fica aflita depois que escurece.

Ele recuou a carroça até a alameda e a virou. - Bem, boa noite a todos! - disse ele. - Tivemos um dia esquisito, sem dúvida. Mas bem está o que bem acaba; embora talvez não devamos dizer isto antes de chegar a nossas próprias casas.

Não posso negar que ficarei feliz ao chegar. - Acendeu as lamparinas, e subiu na carroça. De repente tirou uma grande cesta de baixo de s eu assento. - Estava quase esquecendo - disse ele. - A Sra. Magote arrumou isto para o Sr. Bolseiro, com seus cumprimentos. - Entregou a cesta e partiu, seguido por um coro de "obrigados", que se misturava a várias saudações de "boa-noite".

Ficaram olhando os pálidos anéis de luz ao redor das lamparinas, que iam desaparecendo dentro da neblina da noite. De repente, Frodo riu: da cesta coberta que segurava, subia o aroma de cogumelos.

CAPÍTULO V
CONSPIRAÇÃO DESMASCARADA

- Agora é melhor irmos para casa também - disse Merry. - Essa história está meio esquisita, mas vai ter de esperar até chegarmos lá.

Desceram a alameda da balsa, que era reta e bem-cuidada, ladeada por grandes pedras caiadas. Cerca de cem metros dali, ficava a margem do rio, onde havia um largo ancoradouro de madeira. Uma balsa grande e rasa estava atracada. Os tocos em que eram amarradas as embarcações, próximos à beira da água, brilhavam na luz de duas lamparinas suspensas em postes altos. Atrás deles a neblina, subindo do solo plano, já cobria as cercas-vivas; mas a água à frente era escura, com apenas alguns chumaços de névoa que se enrolavam como vapor por entre os juncos na margem. Parecia haver menos neblina no outro lado.

Merry conduziu o pônei até a balsa por um passadiço, e os outros o seguiram. Então, Merry empurrou a balsa com uma vara comprida, afastando- a vagarosamente do ancoradouro.

O Brandevin fluía lento e largo diante deles. A margem oposta era íngreme, e por ela subia uma trilha sinuosa que começava no outro ancoradouro. Ali havia luzes piscando. Atrás se erguia a Colina Buque, onde brilhavam muitas janelas redondas, verdes e amarelas, por entre tufos perdidos de neblina. Eram as janelas da Sede do Brandevin, antiga residência dos Brandebuques.

Muito tempo atrás, Gorbendad Velhobuque, chefe da família Velhobuque, uma das pessoas mais velhas do Pântano e mesmo do Condado, tinha atravessado o rio, que era a fronteira original do lado leste. Ele construiu (e escavou) a Sede do Brandevin, mudando seu nome para Brandebuque, e por ali ficou, vindo a se tornar senhor do que era virtualmente um país independente. A família cresceu mais e mais, e depois de sua época continuou crescendo, e a Sede do Brandevin passou a ocupar toda a parte baixa da colina, com três grandes portas de entrada, muitas portas laterais e cerca de cem janelas. Os Brandebuques, e sua numerosa prole, começaram a fazer tocas, e mais tarde casas, por todo o lugar. Esta foi a origem da Terra dos Buques, uma faixa densamente habitada entre o rio e a Floresta Velha, um tipo de colônia do Condado. Sua aldeia principal era Buqueburgo, que se amontoava nas encostas e ladeiras atrás da Sede do Brandevin.

O povo do Pântano tinha boas relações com os moradores da Terra dos Buques, e a autoridade do Senhor da Sede (como era chamado o chefe da família Brandebuque) ainda era reconhecida pelos fazendeiros da região entre Tronco e Juncal. Mas a maioria das pessoas do velho Condado achava os moradores da Terra dos Buques peculiares, meio estrangeiros, por assim dizer. Embora, na realidade, eles não fossem muito diferentes dos outros hobbits das quatro Quartas. A não ser por uma coisa: gostavam de barcos e alguns sabiam nadar.

Originalmente, essa terra não era protegida do lado leste, mas ali providenciaram uma cerca-viva: a Sebe Alta. Plantada há muitas gerações, estava agora alta e espessa, pois era constantemente cuidada. Estendia-se desde a Ponte do Brandevin, descrevendo um grande arco que se afastava do rio, até Fim-da-Sebe (onde corria o Voltavime vindo da floresta para desaguar no Brandevin): eram cerca de vinte milhas de ponta a ponta. Mas é claro que a proteção não era completa. A floresta se aproximava da cerca em muitos pontos. Os moradores da Terra dos Buques mantinham as portas trancadas depois de escurecer, e isso também não era comum no Condado.

A balsa ia lentamente através da água. O porto da Terra dos Buques se aproximou,

Sam era o único do grupo que nunca tinha estado do outro lado do rio. Foi tomado por um sentimento estranho, ao observar a corrente que borbulhava ao passar: sua vida antiga lá atrás, envolta pela neblina; à sua frente, sombrias aventuras. Coçou a cabeça, e por um momento desejou que o Sr. Frodo pudesse ter continuado a viver tranqüilamente em Bolsão.

Os quatro hobbits desceram da balsa. Merry estava amarrando a balsa, e Pippin já ia conduzindo o pônei pela trilha, quando Sam (que tinha ficado olhando para trás, como a dizer adeus ao Condado) disse num suspiro rouco:

- Olhe para trás, Sr. Frodo! Vê alguma coisa? No ancoradouro distante, sob as luzes longínquas, conseguiam apenas adivinhar uma figura: parecia um escuro fardo preto que tinha ficado para trás. Mas quando olharam melhor, parecia que a figura se movia de um lado para o outro, como se examinasse no chão. Depois foi se arrastando, se agachando de volta para a escuridão além das lamparinas.

- Que raios pode ser aquilo? - exclamou Merry.

- Alguma coisa que está nos seguindo - disse Frodo. - Mas não pergunte mais nada agora! Vamos sair daqui imediatamente! - Apressaram-se pela trilha até o topo da margem, mas quando olharam para trás novamente, o outro ancoradouro estava coberto pela neblina, e não se podia ver nada.

- Ainda bem que vocês não mantêm barcos na margem oeste! - disse Frodo. - Cavalos conseguem atravessar este rio?

- Poderiam avançar umas vinte milhas ao norte, até a Ponte do Brandevín - ou poderiam nadar - respondeu Merry. - Embora eu nunca tenha ouvido falar de cavalos cruzando este rio a nado. Mas o que os cavalos têm a ver com isso?

- Depois eu lhe conto, Vamos entrar em casa e assim poderemos conversar.

- Tudo bem! Você e Pippin sabem o caminho; então vou corri o pônei na frente, dizer a Fatty Bolger que vocês estão chegando. Vamos preparar a ceia e as outras coisas.

- Já ceamos mais cedo, com o Sr. Magote - disse Frodo, - Mas poderíamos cear de novo.

- Então, vamos lá! Me dê essa cesta! - disse Merry, cavalgando para dentro da escuridão.

O Brandevin ficava a uma certa distância da nova casa de Frodo em Cricôncavo. Passaram pela Colina Buque e a Sede do Brandevin à sua esquerda, e nos arrabaldes de Buqueburgo pegaram a estrada principal da Terra dos Buques que ia da Ponte em direção ao Sul. Depois de caminharem meia milha nessa estrada rumo ao norte, encontraram uma alameda que se abria à direita. Seguiram por ela algumas milhas, subindo e descendo em direção ao campo.

Finalmente depararam com uma cerca-viva e um portão estreito. Na escuridão, não se via nada da casa, que ficava afastada da alameda, no meio de um amplo círculo coberto de grama e circundado por uma faixa de árvores baixas no interior da cerca externa. Frodo tinha escolhido esse lugar por que ficava num ponto do campo onde não passava muita gente, e não havia outras habitações por perto, Podia-se entrar e sair sem ser notado. A casa tinha sido construída muito tempo atrás pelos Brandebuques, para o uso de convidados, ou de membros da família que desejassem escapar da vida agitada da Sede do Brandevin por uns tempos. Era antiga e com jeito de casa de campo, o mais parecida possível com uma toca hobbit: comprida e baixa, sem pavimentos superiores; e tinha um telhado de turfa, janelas redondas e uma grande porta, também redonda.

Andando pelo caminho verde que conduzia do portão até a casa, não se podia ver nenhuma luz; as janelas estavam escuras e fechadas. Frodo bateu na porta e Fatty Bolger abriu. Uma luz amistosa projetou-se para fora. Entraram rápido e se trancaram por dentro

junto com a luz. Estavam agora numa sala ampla, com portas dos dois lados; à frente, um corredor conduzia ao centro da casa.

- Bem, o que acha? - perguntou Merry, vindo pelo corredor. - Nesse curto espaço de tempo, fizemos o possível para que a casa parecesse um lar.

Afinal de contas, Fatty e eu só chegamos aqui com a última carroça de bagagem ontem.

Frodo olhou em volta. A aparência era de um lar. Muitas de suas coisas favoritas - ou das coisas favoritas de Bilbo (que nesse novo ambiente faziam lembrar muito dele) - estavam arrumadas do modo mais semelhante possível à sua antiga disposição em Bolsão. Era um lugar agradável, confortável, acolhedor; e Frodo se viu desejando que realmente estivesse chegando para se acomodar num retiro tranqüilo. Parecia-lhe injusto fazer com que os amigos tivessem todo esse trabalho; e ele começou de novo a imaginar como poderia dizer que devia partir tão breve, na verdade, imediatamente. Mas isso teria de ser feito naquela mesma noite, antes de irem dormir.

- Está encantador! - disse ele com esforço. - Mal percebo que me mudei.

Os viajantes penduraram suas capas, e empilharam as mochilas no chão.

Merry os conduziu pelo corredor e escancarou a última porta. A luz do fogo, e uma onda de vapor, vinham lá de dentro.

- Um banho! - gritou Pippin. - Ó magnífico Meriadoc!

- Em que ordem vamos tomar banho? - perguntou Frodo. - Mais velhos primeiro, ou mais rápidos primeiro? De qualquer modo, você vai ficar por último, Mestre Peregrin.

- Deixem que eu arranjo as coisas de um modo melhor! - disse Merry.

- Não podemos começar a vida aqui em Cricôncavo com uma discussão sobre banhos. Naquela sala, há três banheiras e um caldeirão cheio de água fervendo. Também há toalhas, tapetes e sabão. Entrem e sejam rápidos! Merry e Fatty entraram na cozinha do outro lado do corredor, e se ocuparam com os preparativos finais para a ceia. Pedaços de canções concorrentes vinham do banheiro, misturados com o ruído dos hobbits espirrando água para todo lado. De repente a voz de Pippin ficou mais alta que as outras, cantando uma das canções de banho favoritas de Bilbo.

Cantemos o banho do fim do dia que da sujeira nos alivia!
Tonto é quem cantar não tente.-
Ah! Coisa nobre é Água Quente.
Doce é o som da chuva que cai,
e do riacho que saltando vai;
melhor que chuva ou riacho ondulante é
Água Quente e vaporizante.
Água,fria podemos mandar
goela abaixo e nos alegrar,-
melhor é Cerveja no copo da gente e lombo abaixo
Água bem Quente.
Bela é a Água do alto a saltar
em fonte limpa suspensa no ar,
mas nunca,fonte, tão doce és como
Água Quente debaixo dos pés.

Um grito de oooh! Houve um barulho estrondoso de água espirrando, e como se Frodo estivesse parando um cavalo. A banheira de Pippin mais parecia uma fonte com água jorrando para o alto.

Merry apareceu na porta:
- Que tal uma ceia e cerveja no gogó? - chamou ele.
Frodo saiu, secando o cabelo.
- Tem tanta água no ar que vou terminar isto na cozinha - disse ele.
- Caramba! - disse Merry. O chão de pedra estava uma poça. - Vai ter de passar um esfregão em tudo antes de tocar na comida, Peregrin - disse ele. - Rápido! - Ou não esperaremos você.
Cearam na cozinha, numa mesa perto do fogo.
- Suponho que não vão querer repetir de novo? - disse Fredegar, sem muitas esperanças.
- Claro que vamos! - gritou Pippin.
- Os cogumelos são meus! - disse Frodo. - Dados a mim pela Sra. Magote, a rainha das mulheres de fazendeiros. Tire as mãos gulosas daí, que eu sirvo.
Os hobbits têm uma paixão por cogumelos, que ultrapassa mesmo o desejo mais voraz de uma pessoa grande. Um fato que explica em parte as longas expedições do jovem Frodo às renomadas plantações do Pântano, e a ira do injuriado Magote.
Nesta ocasião, havia o suficiente para todos, mesmo dentro dos padrões dos hobbits. Também havia muitas outras coisas, e, quando terminaram, até mesmo Fatty Bolger soltou um suspiro de satisfação. Empurraram a mesa e aproximaram as cadeiras do fogo.
- Arrumamos tudo depois - disse Merry. - Agora, contem-me tudo! Suponho que estiveram metidos em aventuras, o que não foi justo sem minha presença. Quero um relatório completo; e acima de tudo quero saber qual foi o problema com o velho Magote, e por que ele falou comigo daquele jeito. Até parecia que estava com medo, se é que isto é possível.
- Todos nós tivemos medo - disse Pippin, depois de uma pausa, durante a qual Frodo ficou olhando para o fogo, sem dizer nada. - Você também teria, se tivesse Cavaleiros Negros no seu encalço por dois dias.
- E que são eles?
- Figuras negras montando cavalos negros - respondeu Pippin. - Se Frodo não quiser falar, eu lhe conto a história toda desde o começo. - Fez então um relatório completo da viagem, desde que deixaram Vila dos Hobbits. Sam fez vários sinais afirmativos com a cabeça, e soltou exclamações apoiando Pippin. Frodo permanecia em silêncio.
- Eu pensaria que estão inventando tudo isso - disse Merry -, se não tivesse visto aquela figura negra no ancoradouro - e ouvido o tom estranho na voz de Magote. O que acha de tudo isso, Frodo?
- O primo Frodo tem estado muito fechado - disse Pippin. - Mas chegou a hora de se abrir. Até agora, não nos foi oferecida nenhuma informação, a não ser a suposição de Magote: de que isso tem a ver com o tesouro do velho Bilbo.
- Aquilo foi só suposição - disse Frodo de repente. - Magote não sabe de nada.
- O velho Magote é um sujeito astuto - disse Merry. - Há muita coisa escondida que aquele rosto redondo não deixa transparecer quando fala. Ouvi dizer que numa época costumava ir à Floresta Velha, e ele tem a reputação de conhecer muitas coisas estranhas. Mas pelo menos, Frodo, você pode nos dizer se a suposição dele é ou não infundada.
- Eu acho - respondeu Frodo devagar - que a suposição tem fundamento, pelo menos até onde chega. Existe uma ligação com as antigas aventuras de Bilbo, e os Cavaleiros estão empreendendo uma busca, ou talvez deva dizer perseguição, tentando pôr as mãos em cima dele, ou de mim. Também acho, se querem saber, que isto não é

nenhuma brincadeira; e que não estou a salvo nem aqui e nem em qualquer outro lugar.

- Frodo olhou à sua volta,para as janelas e paredes, como receando que de repente tudo desabasse. Os outros olhavam-no em silêncio, também trocando olhares significativos entre si.

- Acho que agora ele vai falar - cochichou Pippin para Merry. Merry concordou, balançando a cabeça.

- Bem! - disse Frodo finalmente, endireitando-se na cadeira, como se tivesse tomado uma decisão. - Não posso esconder isto por mais tempo. Tenho uma coisa para dizer a todos vocês. Mas não sei por onde começar.

- Acho que posso ajudá-lo - disse Merry calmamente -, contando uma parte eu mesmo.

- Que quer dizer? - perguntou Frodo, olhando-o ansiosamente.

- Apenas isto, meu querido e velho Frodo: você está desolado, porque não sabe como dizer adeus. Você pretendia,deixar o Condado, é claro. Mas o perigo lhe sobreveio antes do que esperava, e agora está se decidindo a partir imediatamente. E não quer fazê-lo. Sentimos muito por você.

Frodo abriu a boca, e a fechou novamente. Sua cara de surpresa era tão cômica que todos riram. - Querido e velho Frodo! - disse Pippin. - Você realmente achou que tinha jogado poeira em nossos olhos? Não foi cuidadoso ou esperto o suficiente para isso! É óbvio que vem planejando partir e dizer adeus a tudo e a todos desde abril. Nós o vimos constantemente resmungando: “Será que um dia verei aquele vale novamente?”, e coisas assim.

E fingindo que começava a ficar sem dinheiro, e realmente vendendo seu adorado lar, Bolsão, para aqueles Sacola-bolseiros. E todas aquelas conversas secretas com Gandalf.

- Céus! - disse Frodo. - Pensei que tinha sido cuidadoso e esperto. Não sei o que Gandalf diria. Então, todo o Condado está comentando a minha partida?

- Ah, não! - disse Merry. - Não se preocupe com isso. É claro que o segredo não vai durar muito; mas no momento só é conhecido por nós, conspiradores, eu acho. Afinal de contas, deve se lembrar que o conhecemos bem, e sempre estamos com você. Geralmente conseguimos adivinhar o que está pensando. Eu também conhecia Bilbo. Para falar a verdade, tenho ficado de olho em você desde que ele partiu. Achei que iria atrás dele, mais cedo ou mais tarde, e ultimamente temos estado muito ansiosos. Tínhamos pavor que nos pudesse passar a perna, e ir embora de repente sozinho, como ele fez. Desde a primavera, estamos de olhos abertos, e fazendo muitos planos por nossa própria conta. Você não vai escapar tão facilmente!

- Mas preciso ir - disse Frodo. - Isso não pode ser evitado, queridos amigos. É terrível para todos nós, mas não adianta ficarem tentando me impedir. Já que adivinharam tanta coisa, por favor me ajudem, e não me atrasem.

- Você não está entendendo - disse Pippin. - Você precisa ir - portanto nós precisamos ir também. Merry e eu vamos com você. Sam é um sujeito excelente, e pularia dentro da garganta de um dragão para salvá-lo, se não tropeçasse nos próprios pés; mas você precisará de mais de um companheiro nessa aventura perigosa.

- Meus queridos e idolatrados hobbits! - disse Frodo, profundamente emocionado. - Não posso permitir que façam isso. Tomei a decisão há muito tempo, também. Vocês falam de perigos, mas não entendem. Isso não é nenhuma caça ao tesouro, nenhuma viagem de lá-e-de-volta. Estou fugindo de um perigo mortal, em direção a outro perigo mortal.

- Claro que entendemos - disse Merry firmemente. - É por isso que decidimos ir.

Sabemos que o Anel não é brincadeira; mas faremos o possível para ajudá-lo contra o Inimigo.

- O Anel! - disse Frodo, agora completamente aturdido.

- Sim, o Anel - disse Merry. - Meu querido e velho hobbit, você não leva em consideração a curiosidade dos amigos. Sei da existência do Anel há muitos anos – desde antes de Bilbo partir, na verdade; mas já que ele obviamente considerava isso um segredo, guardei para mim o que sabia, até que formamos nossa conspiração. É claro que não conhecia Bilbo como conheço você; eu era muito jovem, e também ele era mais cauteloso - mas não o suficiente. Se quiser saber como descobri, eu lhe conto.

- Continue! - disse Frodo baixinho.

- A armadilha foram os Sacola-bolseiros, como já se poderia esperar. Um dia, um ano antes da Festa, eu por acaso estava caminhando pela estrada, quando vi Bilbo mais adiante, De repente, na distância, os S-Bs surgiram, vindo em nossa direção. Bilbo diminuiu o passo, e então de súbito desapareceu. Fiquei tão assustado que não tive capacidade de me esconder de um modo mais usual; mas entrei na cerca-viva e caminhei ao longo do campo, do lado de dentro. Estava espiando a estrada, depois que os S-Bs tinham passado, e olhando direto para Bilbo quando ele reapareceu. Pude ver o reflexo de um objeto de ouro quando ele colocou alguma coisa de volta no bolso da calça.

- Depois disso, mantive os olhos abertos - continuou Merry. - Na verdade, confesso que espionei. Mas deve admitir que a coisa era muito intrigante, e eu era apenas um adolescente. Devo ser o único no Condado, além de você, Frodo, que já leu o livro secreto do velho camarada.

- Você leu o livro! - gritou Frodo. - Puxa vida! Então nada pode ser guardado a salvo?

- Não perfeitamente a salvo, eu acho - disse Merry. - Mas eu só dei uma olhada rápida, e isso já foi difícil. Ele nunca deixava o livro jogado por aí. Fico imaginando o que foi feito dele. Gostaria de dar mais uma olhada. Você está com ele, Frodo?

- Não, não estava em Bolsão. Bilbo deve tê-lo levado.

- Bem, como ia dizendo - continuou Merry -, guardei para mim o que sabia, até esta primavera, quando as coisas ficaram sérias. Então formamos nossa conspiração; e como também estávamos levando isso a sério, e falávamos a sério, não fomos escrupulosos demais. Você é um osso duro de roer, e Gandalf é ainda pior. Mas se quiser conhecer nosso investigador-chefe, posso apresentá-lo.

- Onde está ele? - perguntou Frodo olhando ao redor, como se esperasse que uma figura mascarada e sinistra saísse de dentro do armário.

- Um passo à frente, Sam! - disse Merry, e Sam se levantou com o rosto vermelho até as orelhas. - Aqui está nosso coletor de informações! E ele coletou muitas, posso lhe garantir, antes de ser finalmente pego. Depois do que, posso dizer, pareceu julgar que estava comprometido com sua palavra de honra, e simplesmente ficou mudo.

- Sam! - gritou Frodo, sentindo que a surpresa não poderia ser maior, e não podendo decidir se estava zangado, aliviado, achando graça ou simplesmente fazendo papel de bobo.

- Sim, senhor! - disse Sam. - Peço desculpas, senhor! Mas não quis lhe fazer mal, Sr. Frodo, nem ao Sr. Gandalf, falando nisso. Ele é sensato, veja bem, e quando o senhor disse ir sozinho, ele disse não! Leve alguém em quem possa confiar. Mas isso não quer dizer que eu possa confiar em qualquer um disse Frodo.

Sam lançou-lhe um olhar triste.

- Tudo depende do que você deseja interrompeu Merry. - Pode confiar em nós para ficarmos juntos com você nos bons e maus momentos - até o mais amargo fim. E pode

confiar também que guardaremos qualquer um de seus segredos - melhor ainda do que você os guarda para si. Mas não pode confiar que deixaremos que enfrente Problemas sozinho, e que vá embora sem dizer uma palavra. Somos seus amigos, Frodo. De qualquer modo, é isto: sabemos a maior parte do que Gandalf lhe disse. Sabemos muito sobre o Anel. Estamos com um medo terrível - mas iremos ao seu lado; seguiremos você como cães.

- E, afinal de contas, senhor - acrescentou Sam -, o senhor deveria seguir o conselho dos elfos. Gildor lhe disse que deveria levar pessoas que estivessem dispostas. E nós estamos, isso não se pode negar.

- Eu não nego - disse Frodo olhando para Sam, que agora sorria. Não nego, mas nunca mais vou acreditar que está dormindo, quer você ronque ou não. Vou dar-lhe um chute forte para ter certeza.

- Bando de patifes enganadores! - disse ele, virando-se para os outros.

- Mas ainda bem que tenho vocês! - disse rindo, levantando-se e acenando os braços. - Desisto. Vou seguir o conselho de Gildor. Se o perigo não fosse tão grande dançaria de alegria. Mas mesmo assim, não consigo evitar a felicidade que sinto; felicidade que há muito não sentia. Temia muito por esta noite.

- Bom! Está combinado! Três brindes para o Capitão Frodo e companhia! - gritaram eles, dançando em volta de Frodo. Merry e Pippin começaram uma canção, que aparentemente tinham aprontado para a ocasião. Foi feita seguindo o modelo da canção dos anões que lançou Bilbo em sua aventura muito tempo atrás, e ia na mesma melodia:

Adeus vamos dar à casa e ao lar!
Pode chover e pode ventar,
Vamos embora antes da aurora,
Mata e montanha atrás vão ficar.
A Valfenda vamos onde elfos achamos
Em descampados e por entre ramos;
Por trechos desertos seguimos espertos,
O que vem depois nós não divisamos.
Na frente o inimigo, atrás o perigo.
Dormindo ao relento, o céu por abrigo.
Até que por sina a dureza termina,
Finda a jornada, cumprido o castigo.
Vamos embora! Vamos embora!
Vamos partir antes da aurora!

- Muito bem! - disse Frodo. - Mas neste caso há muito o que fazer antes de irmos dormir - sob um teto, pelo menos por hoje.

- Oh! Aquilo era poesia! - disse Pippin. - Você realmente quer partir antes do dia raiar?

- Não sei - respondeu Frodo. - Tenho medo daqueles Cavaleiros Negros, e tenho certeza de que não é seguro ficar num só lugar por muito tempo, principalmente num lugar para onde se sabe que eu estava indo. Também, Gildor me aconselhou a não esperar. Mas eu gostaria muito de ver Gandalf. Pude perceber que até Gildor ficou perturbado quando soube que Gandalf não tinha aparecido. Depende de duas coisas. Em quanto tempo os Cavaleiros conseguiriam chegar a Buqueburgo? E em quanto tempo poderíamos partir? Temos muitos preparativos a fazer.

- A resposta para a segunda pergunta - disse Merry - é que poderíamos partir

dentro de uma hora. Já preparei praticamente tudo. Há seis pôneis num estábulo do outro lado do campo; os mantimentos e equipamentos estão todos embalados, com a exceção de roupas extras e da comida perecível.

- Parece que a conspiração foi muito eficiente - disse Frodo. - Mas e os Cavaleiros Negros? Seria seguro esperar Gandalf mais um dia?

- Tudo isso depende do que você acha que os Cavaleiros fariam, se o encontrassem aqui - respondeu Merry. - Eles poderiam já ter chegado até aqui, é claro, se não tivessem parado no Portão Norte, onde a Cerca desce até a margem do rio, exatamente deste lado da Ponte. Os guardas do portão não os deixariam entrar à noite, embora eles pudessem forçar a entrada. Mesmo durante o dia, tentariam mantê-los fora daqui, eu acho, pelo menos até conseguirem enviar uma mensagem para o Senhor da Sede - pois não iriam gostar da aparência dos Cavaleiros, e certamente teriam medo deles. Mas, é claro, a Terra dos Buques não pode resistir a um ataque determinado por longo tempo. E é possível que, de manhã, até mesmo a um Cavaleiro Negro que subisse e perguntasse pelo Sr. Bolseiro fosse permitido entrar. Muita gente sabe que você está vindo morar em Cricôncavo.

Frodo ficou sentado por um tempo, pensando. - Já me decidi - disse ele finalmente. - Parto amanhã, assim que o dia nascer. Mas não vou pela estrada: seria ainda menos seguro do que esperar aqui. Se for através do Portão Norte, minha partida da Terra dos Buques será imediatamente do conhecimento de todos, em vez de ser um segredo por vários dias no mínimo, como deve acontecer. Além do mais, a Ponte e a Estrada Leste perto da fronteira serão certamente vigiadas, quer algum Cavaleiro entre na Terra dos Buques quer não. Não sabemos quantos são; mas há pelo menos dois, e possivelmente mais. A única coisa a fazer é partir numa direção totalmente inesperada.

- Mas isso só pode significar que o caminho é o da Floresta Velha! Disse Fredegar horrorizado. - Não pode estar pensando em fazer isso. A Floresta é quase tão perigosa quanto os Cavaleiros Negros.

- Nem tanto - disse Merry. - Parece uma atitude desesperada, mas acho que Frodo tem razão. É o único jeito de partirmos sem sermos seguidos imediatamente. Com sorte, poderemos conseguir uma boa vantagem.

- Mas vocês não vão ter sorte na Floresta Velha - objetou Fredegar. Ninguém tem sorte ali. Vão se perder. As pessoas não entram lá.

- Entram sim! - disse Merry - Os Brandebuques entram - ocasionalmente, quando lhes dá na telha. Temos uma entrada particular. Frodo entrou uma vez, há muito tempo. Já estive lá várias vezes: geralmente de dia, é claro, quando as árvores estão com sono e bastante tranqüilas.

- Bem, faça como achar melhor! - disse Fredegar. - Tenho mais medo da Floresta Velha do que de qualquer outra coisa que conheço: as histórias que contam são um pesadelo; mas meu voto conta pouco, pois não vou nessa viagem. Mesmo assim, fico feliz em pensar que alguém vai ficar para trás, alguém que possa contar a Gandalf o que fizeram, quando ele aparecer, como tenho certeza de que fará logo.

Apesar de gostar muito de Frodo, Fatty Bolger não tinha vontade de deixar o Condado, nem de ver o que havia fora de lá. Sua família era da Quarta Leste, do Vau Budge, nos Campos da Ponte, na verdade. Mas nunca atravessara a Ponte do Brandevin. A tarefa que lhe cabia, segundo o plano original dos conspiradores, era ficar e dar conta dos curiosos, mantendo a farsa de que o Sr. Bolseiro ainda morava em Cricôncavo o máximo possível. Tinha até trazido algumas roupas velhas de Frodo para tornar mais real a encenação. Eles nem imaginavam o perigo que essa encenação acabaria representando.

- Excelente! - disse Frodo, quando entendeu o plano, - De outro modo, não poderíamos deixar qualquer mensagem para Gandalf. É claro que não sei se esses

cavaleiros sabem ler ou não, mas não ousaria deixar uma mensagem escrita, pois poderiam entrar e revistar a casa. Mas se Fatty está disposto a ficar na retaguarda, posso ter certeza de que Gandalf saberá por onde fomos, e isso decide o assunto. A primeira coisa a fazer amanhã é entrar na Floresta Velha.

- Bem, então é isso - disse Pippin. - Somando tudo, prefiro nossa tarefa à de Fatty - esperar aqui até que os Cavaleiros Negros cheguem.

- Espere até ter avançado bastante na floresta - disse Fredegar. - Vão desejar estar de volta aqui comigo antes de 24 horas.

- Não adianta ficar discutindo isso - disse Merry. - Ainda temos de arrumar umas coisas e terminar de empacotar tudo antes de dormir. Chamo vocês antes do dia nascer.

Quando finalmente se deitou, Frodo não conseguiu dormir por um tempo. As pernas lhe doíam. Sentia-se feliz em pensar que iriam cavalgando no dia seguinte. Finalmente caiu num sonho vago, no qual parecia estar olhando por uma janela alta sobre um mar escuro de árvores emaranhadas. Lá embaixo, entre as raízes, ouvia-se o som de criaturas se arrastando e farejando. Sabia que mais cedo ou mais tarde sentiriam seu cheiro.

Depois escutou um ruído distante. A princípio, pensou ser um vento forte vindo sobre as folhas da floresta. Então percebeu que não era o vento, mas o som do Mar ao longe; um som que nunca ouvira quando acordado, embora com freqüência lhe perturbasse os sonhos. De repente descobriu que estava fora de casa, ao relento. Não havia árvore alguma no fim das contas. Estava numa charneca escura, sentindo no ar um estranho cheiro salgado. Olhando para cima, viu uma torre branca e alta, que se erguia solitária sobre um penhasco. Sentiu um enorme desejo de subir na torre e ver o Mar. Começou a subir com dificuldade: mas de repente um raio cruzou o céu, e houve um barulho de trovão.

CAPÍTULO VI
A FLORESTA VELHA

Frodo acordou de súbito. Ainda estava escuro no quarto. Merry estava ali, com uma vela numa mão, enquanto a outra espancava a porta. - Já vai! O que foi? - perguntou Frodo, ainda assustado e confuso.

- O que foi? - gritou Merry. - Está na hora de acordar. São quatro e meia e há muita neblina. Vamos! Sam já está aprontando o desjejum. Até Pippin já se levantou.
Só vou selar os pôneis e carregar a bagagem. Acorde aquele preguiçoso do Fatty! Ele pelo menos tem de se levantar para se despedir.

Logo após as seis horas, os cinco hobbits estavam prontos para partir.

Fatty Bolger ainda bocejava. Saíram da casa em silêncio. Merry foi na frente, conduzindo um pônei carregado, por um caminho que atravessava um matagal atrás da casa, passando por várias plantações. As folhas das árvores reluziam, e todos os galhos gotejavam, o orvalho gelado tornava a grama cinzenta. No silêncio reinante, ruídos distantes pareciam próximos e claros: pássaros tagarelando num quintal, alguém fechando a porta de uma casa ao longe.

No barracão encontraram os pôneis; pequenos animais robustos, do tipo apreciado pelos hobbits: não velozes, mas bons para um longo dia de trabalho.

Montaram, e logo foram em direção à névoa, que parecia relutante em dar-lhes

passagem, e se fechava proibitivamente atrás deles. Depois de uma hora de viagem, devagar e sem conversarem, viram de repente a Cerca surgir adiante. Era alta e estava coberta por uma rede de teias de aranha prateadas.

- Como vão conseguir atravessar a Cerca? - perguntou Fredegar.

- Sigam-me e verão! - disse Merry. Dobrou à esquerda ao longo da Cerca, e logo chegaram a um ponto onde ela se inclinava para dentro, acompanhando a beira de uma valeta. A alguma distância da Cerca, um corte havia sido feito no solo, que descia suavemente e entrava na terra. Nas laterais, paredes de tijolo se erguiam em linha reta, para depois descreverem um arco, formando um túnel que mergulhava embaixo da Cerca e saía do outro lado da valeta.

Neste ponto Fatty Bolger parou. - Adeus, Frodo! - disse ele. - Gostaria que não estivessem indo pela Floresta. Só espero que não precisem ser resgatados antes do fim do dia. Mas boa sorte para vocês - hoje e sempre!

- Se à nossa frente não existirem coisas piores que a Floresta Velha, serei uma pessoa de sorte - disse Frodo. - Diga a Gandalf para se apressar através da Estrada Leste: logo voltaremos para ela, avançando o mais rápido possível. - Adeus! - gritaram todos, descendo pela valeta e desaparecendo dentro do túnel.

O interior era escuro e úmido. A outra extremidade era fechada por um portão feito de grossas barras de ferro. Merry desceu do pônei e destrancou o portão, e, quando todos tinham passado, fechou-o novamente. Houve uma pancada e o trinco travou com um clique.

O som era agourento.

- Pronto! - disse Merry. - Vocês deixaram o Condado, e agora estão do lado de fora, na borda da Floresta Velha.

- As histórias que contam sobre este lugar são verdadeiras? - perguntou Pippin.

- Não sei a que histórias se refere - respondeu Merry. - Se estiver falando das histórias de medo que as babás de Fatty lhe contavam, sobre ores, lobos e coisas assim, diria que não. Pelo menos eu não acredito nelas. Mas a Floresta é esquisita. Tudo nela é muito mais vivo, mais ciente do que está acontecendo, por assim dizer, do que são as coisas no Condado. E as árvores não gostam de forasteiros. Elas vigiam as pessoas. Geralmente, ficam satisfeitas somente em vigiar, enquanto dura a luz do dia, e não fazem muita coisa. De vez em quando, uma árvore mais hostil pode derrubar um galho, ou levantar uma raiz, ou agarrar você com um ramo longo, Mas à noite as coisas podem ser mais alarmantes, pelo que ouvi dizer, Estive lá depois do anoitecer apenas uma ou duas vezes, e só perto da Cerca. Tive a impressão de que todas as árvores estavam cochichando entre si, passando notícias e planos numa língua ininteligível; e os galhos balançavam e se mexiam sem qualquer vento. Na verdade, dizem que as árvores se locomovem, e podem cercar forasteiros e prendê-los. Há muito tempo, elas de fato atacaram a Cerca: vieram e se plantaram bem próximas, curvando-se sobre ela. Mas vieram os hobbits e cortaram centenas de árvores; depois fizeram uma grande fogueira na Floresta, queimando todo o solo numa longa faixa a leste da Cerca. Depois disso as árvores desistiram de atacar, mas se tornaram muito hostis. Ainda existe o lugar, um espaço amplo e escalvado não muito distante, onde a fogueira foi feita.

- Só as árvores é que são perigosas? - perguntou Pippin.

- Existem várias coisas esquisitas morando dentro da Floresta, e do lado de lá - disse Merry. - Ou pelo menos assim ouvi dizer; eu nunca vi nenhuma delas. Mas alguma coisa deixa trilhas. Toda vez que se entra lá, pode-se encontrar trilhas abertas; elas parecem mudar de tempo em tempo, de modo singular. Não muito longe deste túnel há, ou houve por um longo tempo, o início de uma trilha bem larga conduzindo à Clareira da

Fogueira, e continuando mais ou menos na direção que pretendemos seguir, para o leste e um pouco ao norte. É essa trilha que vou tentar encontrar.

Agora os hobbits tinham deixado o portão do túnel e seguiam pela ampla cavidade. Do outro lado havia uma trilha que subia até o solo da Floresta, cem metros ou mais além da Cerca; mas desaparecia logo ao atingir o pé das árvores.

Olhando para trás, eles podiam ver a escura linha da Cerca através dos galhos das árvores, que já se emaranhavam ao redor. A frente, só conseguiam enxergar troncos de árvores de tamanhos e formas inumeráveis: retos ou inclinados, torcidos, curvados, grossos ou delgados, lisos ou nodosos e cheios de galhos; e todos os galhos eram verdes ou, quando cobertos por musgo ou lodo, cinzentos.

Só Merry parecia bastante alegre.

- É melhor você ir na frente e encontrar a trilha - disse Frodo a ele. - Não vamos nos dispersar, e é importante sempre ter a Cerca como ponto de referência.

Fizeram o caminho por entre as árvores, e os pôneis pisavam cuidadosamente, evitando as muitas raízes torcidas e emaranhadas. Não havia vegetação rasteira. O solo descrevia uma subida, e, conforme avançavam, parecia que as árvores se tornavam mais altas, mais escuras .e a Floresta mais fechada. Não se ouvia qualquer ruído, a não ser um ocasional gotejar de umidade caindo das folhas paradas. Até agora, não se escutava qualquer sussurro ou movimento entre os galhos; mas todos os hobbits tinham a desagradável sensação de que estavam sendo observados com desaprovação. Logo essa desaprovação se intensificou, passando a antipatia e até inimizade.

A sensação foi ficando cada vez mais forte, até que se viram olhando rápido para cima, ou para trás por sobre os ombros, como se esperassem um golpe repentino.

Ainda não havia nenhum sinal da trilha, e cada vez mais as árvores pareciam barrar a passagem. De repente, Pippin sentiu que não podia suportar isso por mais tempo, e sem avisar ninguém soltou um grito alto: - Ei! Ei! Não vou fazer mal nenhum. Apenas me deixem passar, está bem? Os outros pararam, assustados; mas o grito foi sumindo, como se tivesse sido abafado por uma cortina pesada. Não houve eco ou resposta, mas a Floresta pareceu ficar mais fechada e mais atenta que antes.

- Eu não gritaria, se fosse você - disse Merry. - Isso pode prejudicar mais que ajudar.

Frodo começou a se perguntar se realmente era possível encontrar uma trilha, e se tinha feito a coisa certa, trazendo os outros para aquela abominável Floresta.
Merry olhava de um lado para o outro, e parecia já não ter certeza da direção a seguir. Pippin percebeu isso.

- Não demorou muito para nos perdermos - disse ele.

Mas nesse momento Merry deu um suspiro de alívio, e apontou para frente.

- Bem, bem - disse ele. - Estas árvores realmente mudam de lugar. Lá está a Clareira da Fogueira à nossa frente (pelo menos espero que seja), mas a trilha que levava a ela parece ter saído do lugar!

Conforme avançavam, a floresta ficava mais bem iluminada. De repente, saíram do meio das árvores, e se viram num amplo espaço circular. Podia se ver o céu acima, limpo e azul; o que surpreendeu a todos, pois sob o teto da Floresta não puderam ver o dia nascendo, nem a neblina se desvanecer. Entretanto, o sol ainda não estava alto o suficiente para emitir raios que atingissem o centro da clareira, embora sua luz alcançasse as copas das árvores. Na borda da clareira, todas as folhas eram mais densas e verdes, cercando o lugar com uma parede quase sólida. Nenhuma árvore crescia ali, apenas um mato grosso e muitas plantas altas: cicutas e salsas-do-mato de talo comprido e amarelado, ervas-de-fogo que se abriam em penugens cinzentas, urtigas e cardos

exuberantes. Um lugar triste, mas que comparado à densa Floresta parecia um jardim alegre e encantador.

Os hobbits se sentiram encorajados, olhando cheios de esperança para a luz do dia que se espalhava no céu. Do outro lado da clareira, havia uma falha na parede de árvores, e além dela uma trilha bem desenhada. Podia-se ver que a trilha entrava na Floresta e que em alguns pontos era larga e descoberta, embora de vez em quando as árvores se aproximassem e a cobrissem com a sombra de seus galhos escuros. Foram por ali. Continuavam a subir suavemente, mas agora com muito mais rapidez e com os corações mais leves, parecia que a Floresta estava mais branda, e que afinal iria deixá-los passar sem grandes dificuldades.

Mas depois de uns momentos o ar ficou quente e abafado. As árvores começaram a se aproximar dos dois lados da trilha , e não se conseguia enxergar muito à frente.
Agora sentiam novamente, e mais forte que nunca, a má disposição da Floresta exercendo pressão sobre eles.

O silêncio era tão grande que o ruído dos cascos dos pôneis, farfalhando nas folhas mortas e ocasionalmente tropeçando em raízes escondidas, parecia um estrondo aos ouvidos. Frodo tentou cantar alguma coisa para encorajá-los, mas sua voz não passava de um murmúrio:

Ó vós que vagais pela terra sombria confiai!
Porque, embora negra se estenda,
termina a floresta algures algum dia,
o sol que se abre penetra sua tenda;
sol que levanta, o sol que anoitece,
dia que termina, o dia que começa.
Pois a leste e a oeste a floresta perece...

Perece - logo após ter dito a palavra, sua voz desapareceu. O ar parecia pesado, fazendo com que pronunciar palavras ficasse muito cansativo. Logo atrás deles, um grande ramo caiu de uma velha árvore, quebrando-se com um estalo no solo.

As árvores pareciam se fechar à frente deles.

- Elas não gostam dessa coisa de terminar e perecer - disse Merry. Eu não cantaria mais nada agora. Espere até chegarmos à borda, e então nos viraremos para elas, cantando num coro bem alto!

Falava de modo alegre, e embora pudesse estar bastante ansioso, não o deixava transparecer. Os outros não responderam. Estavam deprimidos. Um grande peso se instalava no coração de Frodo, que a cada passo se arrependia de ter desafiado a ameaça que as árvores representavam. Estava de fato quase parando e propondo que voltassem (se ainda era possível), quando as coisas mudaram de rumo. A trilha, antes inclinada, ficou quase plana. As escuras árvores se afastaram para os lados, e à frente podia-se ver a trilha seguindo quase em linha reta. Diante deles, mas ainda a certa distância, surgia o topo verde de uma colina, sem árvores, erguendo-se como uma cabeça calva acima da Floresta ao redor. A trilha parecia ir direto para lá.

Agora avançavam rápido novamente, deliciados com a idéia de subir acima do nível do teto da Floresta por uns momentos. A trilha desceu, e depois começou a subir de novo, conduzindo-os finalmente ao pé da encosta íngreme da colina. Ali abandonava as árvores e sumia dentro da turfa. A mata se erguia em toda a volta da colina, como uma cabeleira espessa que terminava abruptamente num círculo em volta de uma corôa raspada.

Os hobbits conduziram os pôneis colina acima, descrevendo voltas e mais voltas até alcançarem o topo. Ali pararam e olharam tudo ao seu redor.

Com a luz do sol, o ar brilhava, embora ainda envolvido pela névoa, que os impedia de enxergar longe. Perto de onde estavam a névoa já tinha se dissipado quase totalmente; embora aqui e acolá ainda se depositasse em depressões na vegetação, e ao sul ainda subisse como vapor ou mechas de fumaça branca.

- Aquela - disse Merry apontando com a mão -, aquela é a linha do Voltavime. Ele desce das Colinas e corre em direção ao sudoeste pelo meio da Floresta, para se juntar ao Brandevin abaixo de Fim da Sebe. Não devemos ir por ali! O vale do Voltavime é tido como a parte mais estranha de toda a mata - é como se fosse o centro de onde as coisas estranhas vêm.

Os outros olharam na direção em que Merry apontava, mas não conseguiram ver quase nada além da névoa cobrindo o vale úmido e profundo; além desse ponto, a parte sul da Floresta sumia de vista.

O sol no topo da colina agora ficava quente. Deveria ser por volta de onze horas, mas a cerração do outono ainda os impedia de enxergar muita coisa nas outras direções.

No lado oeste, não conseguiam enxergar nem a Cerca nem o vale do Brandevin além dela. Ao norte, para onde olhavam com mais esperanças, não enxergavam nada que pudesse ser a linha da grande Estrada Leste, para a qual se dirigiam. Estavam ilhados num mar de árvores, e o horizonte parecia coberto por um véu.

No lado sudeste, o solo descia íngreme, como se as encostas da colina mergulhassem por baixo das árvores; pareciam encostas de uma ilha, que na verdade é uma montanha que se ergue de águas profundas. Sentaram-se na borda verde e olharam para a mata abaixo deles, enquanto comiam sua refeição do meio-dia. À medida que o sol ia subindo e passava do meio-dia, puderam ver na distância ao leste as linhas verde-acinzentadas das Colinas que ficavam além da Floresta Velha daquele lado.

Aquilo os animou muito, pois era bom ver o sinal de qualquer coisa além dos limites da mata, embora sua intenção não fosse ir por ali, se pudessem evitar: as Colinas dos Túmulos tinham nas lendas dos hobbits uma reputação tão sinistra quanto a própria Floresta.

Finalmente decidiram continuar a viagem. A trilha que os trouxera até a colina reapareceu do lado norte; mas depois de segui-la por certo tempo perceberam que ela se curvava cada vez mais para a direita. Logo começaram a descer rapidamente, e imaginaram que a trilha devia realmente conduzi-los para o vale do Voltavime: não era em hipótese alguma a direção que desejavam tomar. Depois de discutirem o assunto, resolveram abandonar essa trilha enganosa e rumar para o norte; pois, embora não tivessem conseguido enxergar nada quando estavam na colina, a Estrada devia ficar daquele lado, e não poderia estar a muitas milhas de distância. Além disso, do lado norte e à esquerda da trilha, o terreno parecia mais seco e mais aberto, subindo encostas onde a mata era mais rala, e pinheiros e outras árvores coníferas tomavam o lugar dos carvalhos e freixos e outras árvores estranhas e sem nome da mata mais densa.

Num primeiro momento, pareceu que tinham feito uma boa escolha: avançaram numa velocidade razoável, mas toda vez que vislumbravam o sol em alguma clareira, tinham a inexplicável sensação de estarem enveredando para o leste. Entretanto, depois de um tempo, as árvores começaram a se fechar de novo, exatamente nos pontos em que à distância tinham parecido menos densas e entrelaçadas. Então, de repente, surgiram no solo grandes dobras, que pareciam marcas feitas por rodas de carroças gigantescas; eram sulcos largos como estradas afundadas, há muito sem uso e sufocadas por espinheiros. Essas dobras geralmente cruzavam o caminho que desejavam fazer, e eles só Podiam

atravessá-las descendo e depois subindo de novo, o que era problemático e difícil para os pôneis. Cada vez que desciam, encontravam a depressão cheia de arbustos densos e de um mato emaranhado, que de alguma forma não davam passagem à esquerda, e só se abriam quando eles viravam para a direita.

Além disso, era preciso caminhar um tanto no fundo, até conseguirem encontrar uma passagem para a outra margem. Cada vez que saíam do sulco, as árvore s pareciam mais profundas e escuras, e era sempre mais difícil achar passagens à esquerda e para cima, o que Os forçava a ir para a direita e para baixo.

Depois de uma ou duas horas, tinham perdido completamente o senso de direção, embora soubessem muito bem que tinham deixado de rumar para o Norte havia muito tempo.

Estavam sendo conduzidos, simplesmente seguindo um curso escolhido para eles - em direção ao leste e ao sul, para dentro do coração da Floresta, e não o contrário.

A tarde já terminava quando atingiram aos trancos e barrancos uma vala mais larga e profunda que todas que já tinham encontrado. O declive era tão acentuado e o mato tão denso que ficou impossível sair dali, de qualquer um dos lados, sem que deixassem para trás os pôneis e a bagagem. Tudo o que podiam fazer era seguir caminho pela própria vala - para baixo. O solo ficou fofo, e em alguns pontos lamacento; nascentes de água apareceram nas margens, e logo eles se viram seguindo um riacho que corria e murmurava através do leito coberto de mato. Então o solo começou a descer rapidamente, e o riacho ficou mais caudaloso e a correnteza mais forte, fluindo e pulando colina abaixo. Estavam agora num fosso fundo, escuro e coberto por árvores que formavam um arco muito acima de suas cabeças.

Depois de avançarem aos tropeços por algum tempo ao longo da corrente de água, de repente saíram da escuridão, como se através de um portão vissem a luz do sol diante deles. Passando pela abertura, descobriram que tinham, através de uma fissura, descido uma ladeira alta e íngreme, quase um penhasco. Na base dela se estendia uma ampla área coberta por gramíneas e juncos, e ao longe podia-se ver outra ladeira, quase tão íngreme quanto a primeira. Uma tarde dourada de sol tardio se deitava morna e sonolenta sobre a terra escondida entre as duas ladeiras. Bem no meio, um rio de águas escuras descrevia curvas lentas, ladeado por salgueiros antigos, coberto por um arco de ramos de salgueiro, bloqueado por salgueiros caídos e salpicado de milhares de folhas de salgueiro amarelecidas.

O ar estava cheio delas, caindo amarelecidas de seus galhos; de fato havia uma brisa morna e suave soprando de leve no vale, e os juncos farfalhavam, e os ramos de salgueiro estalavam.

- Bem, agora pelo menos tenho uma noção de onde estamos! - disse Merry - Viemos em direção quase oposta ao que pretendíamos. Este é o rio Voltavime! Vou avançar um pouco e explorar o lugar.

Passou à frente, entrando na região iluminada pelo sol, e desapareceu dentro do mato alto. Depois de um tempo reapareceu, e disse que o solo era razoavelmente sólido entre o pé do penhasco e o rio; alguns trechos eram cobertos por turfa firme até a beira da água.

- Além disso - disse ele -, parece existir algo parecido com uma trilha sinuosa ao longo deste lado do rio. Se virarmos à esquerda e seguirmos por ela, podemos acabar chegando ao lado leste da Floresta.

- Acho que sim! - disse Pippin. - Quer dizer, se a trilha continuar até lá, e não nos levar simplesmente para um brejo sem saída. Quem você acha que fez essa trilha, e por quê? Tenho certeza de que não foi para nos ajudar. Estou ficando muito desconfiado desta

Floresta e de tudo dentro dela, e começo a acreditar em todas as histórias que contam. E você tem alguma idéia da distância que teremos de percorrer rumo ao leste?

- Nenhuma - disse Merry. - Não sei nem em que altura do Voltavime estamos, e quem viria aqui com freqüência suficiente para fazer uma trilha. Mas não consigo pensar em outra saída.

Não havendo mais nada a fazer, seguiram em fila, Merry indo na frente pela trilha há pouco descoberta. Por toda a volta os juncos e o mato eram altos e exuberantes, em alguns trechos subindo muito acima de suas cabeças; mas, uma vez encontrada a trilha, foi fácil seguir por ela, pois fazia curvas e dava voltas como se escolhesse o solo mais seguro por entre os brejos e poças. Aqui e ali passava sobre outros córregos, que desciam dos pontos mais altos da mata através de sulcos, para desaguar no Voltavime. Nesses trechos, troncos de árvores ou feixes de lenha tinham sido cuidadosamente colocados para possibilitar a passagem.

Agora os hobbits começavam a sentir muito calor. Exércitos de moscas de todos os tipos zumbiam-lhes nas orelhas, e o sol da tarde queimava suas costas. Finalmente chegaram a uma tênue sombra, projetada por ramos longos e cinzentos que chegavam até a trilha. Cada passo que davam era mais difícil que o anterior. Parecia que uma moleza brotava do solo e subia-lhes pelas pernas, e também caía mansa pelo ar sobre suas cabeças e olhos.

Frodo sentiu o queixo caindo e a cabeça pendendo. Logo à frente, Pippin caiu de joelhos. Frodo parou.

- Não adianta - ele ouviu Merry dizendo. - Não consigo dar mais um passo sem descansar. Preciso dormir. Está fresco embaixo dos salgueiros. Menos moscas!

Frodo não gostou do modo como soava a voz de Merry - Vamos! - gritou ele.

- Não podemos descansar ainda. Temos primeiro de sair desta Floresta.

- Mas os outros estavam meio inconscientes e não prestaram atenção. Bem ao seu lado Sam parou, bocejando e piscando, quase sem dar conta de si.

De repente o próprio Frodo sentiu que o sono lhe tomava conta do corpo. A cabeça rodava. Agora parecia não haver ruído algum no ar. As moscas tinham parado de zumbir. Apenas um som baixinho, no limite da audição, um farfalhar suave como de uma canção meio sussurrada, parecia agitar os galhos acima. Frodo levantou os olhos pesados e viu um grande salgueiro, velho e esbranquiçado, a se debruçar sobre ele. Parecia enorme, os galhos esticados para cima, erguendo-se como braços com muitas mãos de dedos longos, o tronco nodoso e retorcido se abrindo em largas fendas que estalavam baixinho quando os galhos se moviam. As folhas agitadas contra o céu brilhante lhe ofuscaram a visão, e ele tombou para frente, ficando deitado e imóvel sobre o mato, no mesmo lugar onde tinha caído.

Merry e Pippin se arrastaram um pouco mais para frente, deitando com as costas apoiadas no tronco do salgueiro. Atrás dele s as grandes fendas se abriram, como que para recebê-los, enquanto a árvore balançava e estalava. Olharam para cima, para as folhas amarelas e cinzentas, que se moviam suavemente contra a luz e cantavam.

Fecharam os olhos, e então pareceu-lhes que quase podiam escutar palavras, palavras apaziguadoras, dizendo algo sobre água e sono. Cederam ao encanto e caíram em sono profundo ao pé do grande salgueiro esbranquiçado.

Frodo ficou por uns momentos deitado, lutando contra o sono que o dominava; então, com um enorme esforço, ficou em pé novamente. Sentia um implacável desejo de água fresca.

- Espere aqui, Sam - gaguejou ele. Lavar os pés um pouquinho.

Quase sonâmbulo, foi cambaleando até o lado da árvore que dava para o rio, onde

grandes raízes arcadas cresciam dentro da água, como pequenos dragões encaroçados esticando o corpo para beber água, Sentou-se sobre uma dessas e começou a bater os pés quentes na água fresca e escura; ali mesmo adormeceu de repente, com as costas apoiadas na árvore.

Sam sentou-se e coçou a cabeça, a boca se abrindo num bocejo como uma caverna. Estava preocupado. A tarde avançava e essa sonolência não parecia normal. - Existe mais por trás disto do que apenas sol e ar quente - murmurou ele para si mesmo. - Não gosto desta árvore grande. Não confio nela. Ainda por cima cantando coisas sobre sono! Isso não pode estar certo!

Pôs-se de pé e foi cambaleando ver o que tinha acontecido com os pôneis.

Descobriu que dois deles tinham avançado uma boa distância pela trilha.

Estava trazendo-os de volta para junto dos outros quando ouviu dois ruídos; um alto, e outro baixo, mas muito claro.

O primeiro foi o som de algo pesado caindo na água; o outro era um barulho parecido com o que um trinco faz quando se tranca uma porta com cuidado.

Voltou correndo à margem. Frodo estava na água, perto da beira, e uma grande raiz da árvore parecia estar por cima dele, impulsionando-o para baixo, mas ele não lutava contra isso. Sam agarrou-o pelo casaco, arrastando-o para longe do alcance da raiz; depois, com dificuldade, trouxe-o até a margem. Frodo acordou quase imediatamente, tossindo e engasgado.

- Sabe de uma coisa, Sam - disse ele finalmente. - Esta árvore abominável me atirou na água! Eu senti! Aquela raiz grande virou e simplesmente me derrubou na água!

- O senhor estava sonhando, eu acho, Sr. Frodo - disse Sam. - Não devia ter sentado num lugar desses, se estava com tanto sono.

- E os outros? - perguntou Frodo. - Fico pensando que tipo de sonhos estarão tendo.

Os dois deram a volta, chegando ao outro lado da árvore, e então Sam entendeu o clique que tinha escutado. Pippin desaparecera. A fenda da árvore perto da qual se deitara tinha se fechado, de modo que não se via mais nem sinal dela.

Merry estava preso: uma outra fenda tinha se fechado na altura da sua cintura, deixando as pernas de fora, mas o resto do corpo estava dentro de uma abertura escura, cujas bordas o prensavam como uma pinça.

Primeiro, Frodo e Sam bateram no tronco da árvore onde Pippin tinha deitado. Depois tentaram com todas as forças abrir a mandíbula da fenda que prendia o pobre Merry.

Nada disso adiantou.

- Que coisa horrível! - gritou Frodo desesperado. - Por que fomos entrar nesta Floresta terrível? Queria que tivéssemos voltado para Cricôncavo!

- Chutou a árvore com toda a força, sem se importar com os próprios pés. Um tremor quase imperceptível percorreu toda a árvore, do caule até os galhos; as folhas farfalharam e sussurraram, mas agora produzindo um som que parecia uma risada distante e fraca.

- Suponho que não temos um machado na bagagem, Sr. Frodo? - perguntou Sam.

- Eu trouxe uma pequena machadinha para cortar lenha - disse Frodo.

- Não ajudaria muito.

- Espere um pouco! - gritou Sam, agitado por uma idéia sugerida pela palavra lenha". - Podemos fazer alguma coisa com fogo!

- Sim, podemos - disse Frodo cheio de dúvidas. - Mas também podemos assar Pippin vivo lá dentro.

- Para começar, podemos tentar ferir ou amedrontar esta árvore - disse Sam, furioso. - Se isto não os libertar, eu derrubo a árvore, nem que seja a dentadas. - Correu até os pôneis e logo depois voltou com duas caixas de pederneiras e uma machadinha.

Rapidamente juntaram capim e folhas secas, e pedaços de casca de árvore; fizeram uma pilha de gravetos e galhos cortados. Amontoaram tudo contra o tronco, no lado da árvore oposto àquele onde estavam os prisioneiros. Logo que Sam lançou uma faísca, o capim seco começou a queimar, e uma lufada de chamas e fumaça subiu. Os gravetos estalavam. Pequenas línguas de fogo lambiam a casca sulcada da velha árvore, chamuscando-a. Um tremor percorreu todo o salgueiro. As folhas pareciam sibilar sobre as cabeças deles com um ruído de dor e raiva. Um berro agudo veio de Merry, e de dentro da árvore escutaram Pippin dar um grito abafado.

- Apague isso! Apague! - gritou Merry. - Ele vai me partir em dois se você não apagar. Ele está dizendo!

- Quem? O quê? - berrou Frodo, dando a volta rápido até o outro lado da árvore.

- Apague isso! Apague o fogo! - implorou Merry, Os galhos do salgueiro começaram a balançar violentamente. Um ruído como o do vento começou a subir e a se espalhar pelos galhos de todas as outras árvores em volta, como se tivessem derrubado uma pedra no sono quieto do vale, provocando ondas de fúria que se alastravam por toda a Floresta. Sam começou a chutar a pequena fogueira e a pisar nas faíscas. Mas Frodo, sem ter uma idéia clara do motivo pelo qual fazia isto, ou do que esperava conseguir, correu ao longo da trilha gritando socorro! Socorro! Socorro! Tinha a impressão de mal poder ouvir o som agudo da própria voz, carregada para longe pelo vento do salgueiro e sufocada pelo clamor das folhas, assim que as palavras saíam de sua boca. Sentiu-se desesperado: perdido e estúpido.

De repente parou. Ouviu uma resposta, ou pelo menos pensou ter ouvido - parecia que vinha de trás, da parte baixa da trilha, dentro da Floresta.

Voltou-se e escutou, e logo não teve mais dúvidas: alguém entoava uma canção - uma voz grave e alegre cantava, despreocupada e alegre, mas as palavras não faziam sentido:

Ei boneca! Feliz neneca!
Dingue-dongue dilo!
Dingue-clongue! Não delongue!
Largue logo aquilo! Tom Bom,.jovial
Tom, Tom Bombadillo.

Meio esperançosos e meio amedrontados por algum possível novo perigo, Frodo e Sam ficaram paralisados. De repente, saindo de uma longa cadeia de palavras sem sentido (ou pelo menos assim parecia), a voz ficou mais alta e clara, explodindo nesta canção:

Vem, linda boneca! Bela neneca!
Querida minha! Leve é o vento e leve é a pluma da andorinha.
Lá embaixo sob a Montanha, ao sol brilhando,
À luz da lua, na soleira já esperando,
Minha linda senhora está,
filha da mulher do Rio,
Mais clara do que a água, esbelta qual ramo esguio.
O velho Tom Bombadil, nenúfares carregando,
Salta de volta pra casa. Podes ouvi-lo cantando?

Vem, linda boneca, bela neneca!feliz e bela,
Fruta d'Ouro, Fruta d'Ouro, linda amora amarela!
Pobre e velho salgueiro, esconde tuas raízes!
Tom tem pressa agora. Há noites e dias felizes.
Tom de volta de novo, nenúfares carregando.
Vem, linda boneca, bela neneca!
Podes ouvir-me cantando?

Frodo e Sam pareciam enfeitiçados. O vento foi abrandando. As folhas não se agitavam mais nos galhos paralisados. Houve nova explosão de música, e então, de repente, saltando e dançando pela trilha, apareceu por cima dos juncos um velho chapéu gasto, de copa alta e com uma pena azul comprida presa à fita. Com mais um salto e um pulo, apareceu um homem, ou pelo menos assim parecia. De qualquer modo, era grande e pesado demais para ser um hobbit, embora não alto o suficiente para ser uma pessoa grande; mas o barulho que fazia era digno de uma delas, pisando forte com grandes botas amarelas que lhe cobriam as pernas grossas, e avançando pelo capinzal.

E por entre os juncos como uma vaca que desce para beber água. Vestia um casaco azul e tinha uma longa barba castanha; os olhos eram claros e azuis, o rosto vermelho como uma maçã madura, mas que se franzia em inúmeras rugas provocadas pela sua risada. Trazia nas mãos uma enorme folha, à guisa de bandeja, que sustentava um pequeno ramalhete de nenúfares brancos.

- Socorro! - gritaram Frodo e Sam, correndo em direção a ele com os braços estendidos.

- Ooh! Ooh! Quietos aí! - gritou o velho, levantando uma mão, ao que eles pararam imediatamente, como se tivessem sido paralisados. - Agora, meus pequenos camaradas, aonde vão assim, bufando como foles? Qual é o problema aqui? Sabem quem eu sou? Meu nome é Tom Bombadil. Contem-me seu problema! Tom está com pressa. Não amassem meus nenúfares!

- Meus amigos estão presos no salgueiro - gritou Frodo, quase sem fôlego.

- O Sr. Merry está sendo esmagado numa fenda - berrou Sam.

- O quê? - gritou Tom Bombadil, dando um salto no ar. - O Velho Salgueiro-homem? Nada pior que isso? Podemos resolver isso logo. Conheço a melodia para ele. Velho Salgueiro-homem cinzento! Vou congelar a seiva dele, se não se comportar. Vou cantar até que as raízes saiam do solo. Vou cantar para levantar um vento que leva embora folha e ramo. Este Velho Salgueiro-homem! Aninhando cuidadosamente os nenúfares no chão, correu até a árvore. Ali viu os pés de Merry ainda de fora - o resto já tinha sido tragado pela árvore. Tom colocou a boca perto da fenda e começou a cantar dentro dela em voz baixa. Os hobbits não conseguiam entender as palavras, mas ficou evidente que Merry estava acordando.

Suas pernas começaram a chutar. Tom pulou para trás, e quebrando um galho que pendia começou a golpear a árvore com ele. - Deixe-os sair, Velho Salgueiro-homem! - disse ele. - O que está pensando? Não deveria estar acordado. Coma terra! Cave fundo! Beba água! Vá dormir! Bombadil está falando! - Então agarrou os pés de Merry e o puxou da fenda que se abriu de repente.

Houve um estalo violento e a outra fenda se abriu, e dela Pippin pulou, como se tivesse sido chutado, Então, com um estalido ruidoso, as duas fendas se fecharam novamente. A árvore tremeu desde a raiz até a copa, depois do que fez-se absoluto silêncio.

- Obrigado! - disseram os hobbits, um após o outro.

Tom Bombadil desatou a rir. - Bem, meus pequenos camaradas! Disse ele, abaixando-se para poder enxergar melhor os rostos deles. - Vocês vêm para casa comigo! A mesa está posta com creme amarelo, favos de mel e pão branco com manteiga. Fruta d'Ouro está esperando. Teremos tempo para perguntas enquanto comermos. Sigam-me o mais rápido que conseguirem! - Com isso apanhou os nenúfares, e então com um aceno de mão foi pulando e dançando pela trilha em direção ao leste, ainda cantando alto uma canção que não fazia sentido.

Surpresos e aliviados demais para poderem conversar, os hobbits o seguiram o mais rápido que puderam. Mas isso não era rápido o suficiente.

Tom logo desapareceu na frente deles, e o som de sua música ficou mais fraco e distante. De repente sua voz voltou, flutuando num alto

Olá! Saltando, meus amiguinhos, vamos o Rio vencer!
Tom chegará na frente, e velas irá acender.
A oeste desce o sol: logo a treva cairá,
Quando a noite se abater, então a porta se abrirá,
Nas janelas vai brilhar da luz o bruxuleio.
Não temer o negro amieiro! Não ouvir o velho salgueiro!
Não temer ramo ou raiz. Tom lá estará na certa. Salve,
feliz neneca! Esperemos de porta aberta!

Depois disso os hobbits não ouviram mais nada. Quase imediatamente, o sol começou a afundar nas árvores atrás deles. Pensaram na luz oblíqua da noite brilhando no rio Brandevin, e nas janelas de Buqueburgo começando a se iluminar com centenas de lamparinas. Sombras enormes cruzaram o caminho; troncos e galhos de árvores pendiam escuros e ameaçadores sobre a trilha. Uma névoa branca começou a subir em espirais na superfície do rio, espalhando-se pelas raízes das árvores sobre as margens.

Do solo bem debaixo de seus pés, um vapor sombrio subia e se misturava no crepúsculo que caía rapidamente.

Ficou difícil seguir a trilha, pois estavam muito cansados. Sentiam as pernas como chumbo. Ruídos estranhos e furtivos percorriam os arbustos e juncos dos dois lados; se olhavam para o céu claro, viam rostos retorcidos e deformados, que projetavam sombras escuras contra o crepúsculo, olhando de soslaio para eles, dos altos barrancos e das bordas da floresta.

Eles começaram a sentir que toda aquela terra era irreal, e que estavam caminhando num sonho agourento, do qual nunca acordavam.

No momento em que perceberam que os pés não poderiam mais seguir adiante, notaram que o solo subia suavemente. A água começou a murmurar. No escuro, enxergaram um reluzir branco de espuma, no ponto onde o rio corria sobre uma pequena cascata. Então, de repente, as árvores acabaram e a névoa ficou para trás. Saíram da Floresta, encontrando um grande espaço gramado à sua frente. O rio, agora pequeno e rápido, descia num salto alegre para recebê-los, brilhando aqui e ali com o reflexo das estrelas, que já iluminavam o céu.

A grama sob seus pés era macia e curta, como se tivesse sido podada. Os limites da Floresta atrás deles estavam desbastados e aparados como uma cerca-viva. A trilha agora se estendia plana à frente, bem cuidada e ladeada por pedras. Ia fazendo curvas até o topo de um rochedo coberto de grama, agora pintado de cinza pela luz das estrelas; e lá adiante, ainda acima, no topo de um outro barranco, viram as luzes de uma casa piscando. A trilha desceu mais uma vez, e subiu de novo, ao longo de uma encosta suave coberta de

turfa, em direção às luzes. De repente, um largo facho de luz amarela fluiu brilhante de dentro de uma porta que se abria. Ali, à sua frente, estava a casa de Tom Bombadil, acima, abaixo, sob a colina.

Atrás da casa havia uma saliência íngreme do solo, cinzenta e nua, e além dela as formas escuras das Colinas dos Túmulos sumiam a leste dentro da noite.

Todos correram naquela direção, hobbits e pôneis. Metade do cansaço e metade do medo já tinham ficado para trás.

Vem, feliz neneca! Rolava a canção para saudá-los.
Vem, feliz neneca! Vamos dançando, queridos!
Hobbits e pôneis todos! Somos por festa caídos.
Agora a alegria começa! Vamos juntos cantar!

Então uma outra voz limpa, jovem e velha como a Primavera, como a canção da água que flui alegre noite adentro, vinda de uma clara manhã nas colinas, veio descendo sobre eles como uma chuva de prata:

Entoe-se agora a canção! Vamos juntos cantar
O sol e a estrela, a lua e a neblina, a chuva e nuvem no ar,
A luz sobre o botão, sobre a pluma o orvalho,
O vento no campo aberto, a flor no arbusto vário,
À sombra do lado o junco, nenúfares sobre o Rio:
A bela Filha das Águas e o velho Tom Bombadil.

E com essa canção os hobbits pisaram na soleira da porta, e foram então cobertos por uma luz dourada.

CAPÍTULO VII
NA CASA DE TOM BOMBADIL

Os quatro hobbits atravessaram a ampla soleira de pedra e depois pararam, piscando. Estavam numa sala comprida e baixa, iluminada por lamparinas penduradas às vigas do teto; sobre a mesa de madeira escura e polida queimavam muitas velas, altas e amarelas, emitindo uma luz forte.

Numa cadeira, do lado oposto à porta de entrada, estava uma mulher. Os longos cabelos loiros caíam em cachos sobre seus ombros; o vestido era verde, verde como juncos novos, salpicado de prata como gotas de orvalho; o cinto de ouro parecia uma corrente de lírios-roxos, presa por botões azuis de miosótis.

Rodeando-lhe os pés, em grandes vasilhas de cerâmica verde e azul, boiavam nenúfares brancos, e ela parecia estar num trono no centro de um lago.

- Entrem, caros convidados! - disse ela. Ao ouvi-la falar, os hobbits reconheceram a voz cristalina que tinham ouvido cantando. Deram alguns passos tímidos adiante, e começaram a fazer reverências, sentindo-se estranhamente surpresos e desajeitados, como pessoas que, batendo à porta de uma choupana para pedir um copo de água, tivessem sido atendidas por uma jovem e bela rainha-élfica toda coberta de flores. Mas antes que pudessem dizer qualquer coisa, ela pulou por sobre os nenúfares e correu na direção

deles, rindo; enquanto corria, seu vestido fazia um ruído suave, como o do vento agitando as flores à margem de um rio.

- Venham, meus queridos! - disse ela, pegando Frodo pela mão. - Vamos rir e nos divertir! Sou Fruta d'Ouro, Filha do Rio. - Então passou ligeiramente por eles para fechar a porta, dando depois as costas para a entrada, com os braços brancos abertos. - Vamos trancar a noite lá fora, pois talvez ainda estejam com medo, da neblina, das sombras das árvores, das águas profundas e das coisas hostis. Nada temam! Pois esta noite estão sob o teto de Tom Bombadil.

Os hobbits olhavam-na maravilhados; ela olhou para cada um deles, sorrindo. - Bela senhora Fruta d'Ouro - disse Frodo finalmente, sentindo seu coração se encher de uma alegria que não conseguia entender. Estava maravilhado como já tinha ficado em outras ocasiões, ao ouvir belas vozes élficas; mas o encanto que agora tomava conta dele era diferente: menos agudo e grandioso, mas mais profundo e próximo dos corações mortais, maravilhoso, mas não estranho.

- Bela senhora Fruta d'Ouro - disse ele de novo. - Agora a alegria escondida nas canções que escutamos se revela diante de mim.

Mais clara do que a água, esbelta qual ramo esguio!
Junco na fonte viva, linda Filha do Rio!
Na primavera e verão, na primavera prolongada!
O canto da cascata, das folhas a risada!

De repente parou, gaguejando, tomado pela surpresa de se ver dizendo essas coisas. Mas Fruta d'Ouro riu.

- Bem-vindos! - disse ela. - Nunca ouvi dizer que as pessoas do Condado pudessem dizer coisas tão doces. Mas vejo que é um amigo-dos-elfos; posso ver isso na luz dos seus olhos e no tom da sua voz. Este é um feliz encontro! Sentem-se agora, e esperem pelo Senhor da casa. Ele não vai demorar. Está cuidando de seus animais cansados.

Os hobbits, alegres, sentaram-se em cadeiras baixas de junco, enquanto Fruta d'Ouro se ocupava em pôr a mesa; os olhos deles a seguiam, pois a graça esguia de seus movimentos os enchia de um prazer sereno. De algum ponto atrás da casa, vinha o som de cantoria. Entre muitos lindas bonecas e belas nenecas e dingue-dongues não delongues, ouviam-se, repetidas vezes, as seguintes palavras: O velho Tom Bombadil é mesmo bom camarada; Azul-claro é sua jaqueta, a bota é amarelada.

- Linda senhora! - disse Frodo novamente, depois de um tempo. Diga-me, se minha pergunta não parece tola, quem é Tom Bombadil?

- Ele é - disse ela, cessando seus movimentos rápidos e sorrindo. Frodo olhou para ela curioso. - Ele é, como já viram - disse ela em resposta ao olhar de Frodo.

- Ele é o Senhor da floresta, das águas e das colinas.

- Então toda esta região estranha lhe pertence?

- Na verdade não! - respondeu ela, e o sorriso que tinha no rosto desapareceu. - Isso seria um fardo pesado demais - acrescentou ela em voz baixa, como se falasse consigo mesma. - As árvores e o capim e todas as coisas que crescem ou vivem neste lugar só pertencem a si mesmas. Tom Bombadil é o Senhor. Ninguém jamais prendeu o velho Tom quando ele caminhava pela floresta, atravessava as águas, ou pulava nos topos das colinas, seja de noite, seja de dia. Ele não tem medo. Tom Bombadil é o Senhor.

Uma porta se abriu e por ela entrou Tom Bombadil. Agora estava sem chapéu, e uma corôa de folhas do outono adornava seu cabelo castanho e espesso. Riu e, dirigindo-se até Fruta d'Ouro, tomou sua mão.

- Aqui está minha bela senhora - disse ele, fazendo uma reverência diante dos hobbits. - Aqui está minha Fruta d'Ouro, toda vestida de verde-prata e com flores no cinto! A mesa está posta? Vejo creme amarelo e favos de mel, e pão branco com manteiga; leite, queijo e ervas verdes e frutas maduras. É o suficiente para nós? A ceia está pronta?

- A ceia está - disse Fruta d'Ouro -, mas talvez os convidados não estejam.

Tom gritou, batendo palmas: - Tom, Tom! Seus convidados estão cansados, e você quase tinha esquecido! Venham agora, meus alegres amigos, e Tom cuidará para que se refresquem. Vão limpar as mãos encardidas, lavar os rostos cansados, tirar as capas enlameadas e pentear os cabelos embaraçados! Tom abriu a porta e eles o seguiram por um corredor curto que virava bruscamente. Chegaram a um quarto baixo, com teto inclinado (um puxado, ao que parecia, construído do lado norte da casa). As paredes eram de pedra lisa, mas na maior parte cobertas por cortinas e tapetes verdes e amarelos. O chão também era de pedra, coberto com juncos verdes e novos. Havia quatro colchões macios, ao lado dos quais ficava uma pilha de cobertores brancos, colocados sobre o chão. Contra a parede oposta estava um banco comprido, cheio de grandes vasilhas de barro, e perto dele ficavam jarros cor de terra, alguns com água fria, outros com água fumegante. Ao lado de cada cama, chinelos fofos e verdes, prontos para serem usados.

Logo depois, de banho tomado e reconfortados, os hobbits estavam sentados à mesa, dois de cada lado, e nas pontas sentaram-se Fruta d'Ouro e o Senhor. Foi uma refeição longa e alegre. Embora os hobbits tenham comido como só os hobbits mais famintos sabem comer, não faltou nada. A bebida em suas vasilhas parecia água fresca e cristalina, mas entrava-lhes nos corações como vinho, libertando suas vozes. De repente, os convidados perceberam que estavam cantando alegremente, como se cantar fosse mais fácil e natural que conversar.

Finalmente Tom e Fruta d'Ouro se levantaram e tiraram a mesa rapidamente.

Ordenaram aos convidados que sentassem quietos, o que fizeram em poltronas acompanhadas de banquinhos para os pés cansados. O fogo na ampla lareira diante deles queimava com um cheiro doce, como se fosse alimentado de troncos de macieiras. Quando tudo estava em ordem, apagaram-se todas as luzes da sala, com a exceção de uma lamparina e de um par de velas, colocadas em cada um dos lados da guarda da chaminé. Então Fruta d'Ouro se aproximou deles, segurando uma vela; desejou-lhes boa noite e um sono profundo.

- Fiquem em paz agora - disse ela - até que amanheça! Não tenham medo dos ruídos noturnos! Pois nada atravessa portas ou janelas aqui, a não ser o luar e a luz das estrelas, e o vento que sopra da colina. Boa noite! Enquanto atravessava a sala, seu vestido brilhava e farfalhava.

O som de seus passos era como o de um riacho caindo suavemente colina abaixo, sobre pedras frescas na quietude da noite.

Tom ficou por um tempo sentado em silêncio ao lado deles, enquanto cada um tentava criar coragem para fazer alguma das muitas perguntas que queriam ter feito durante a ceia. O sono congestionava-lhes as pálpebras. Finalmente Frodo falou:

- Escutou meu chamado, Senhor, ou foi só o acaso que o trouxe naquele momento?

Tom se agitou, como se tivesse sido acordado de um sonho agradável.

- O quê? - disse ele. - Se ouvi seu chamado? Não, não ouvi. Estava ocupado, cantando. Foi só o acaso que me levou até lá, se você chama isso de acaso. Não estava nos meus planos, embora eu estivesse esperando vocês. Tivemos notícias suas, e soubemos que estavam vagando pela região. Supusemos que logo desceriam até a água: todas as trilhas conduzem a esse destino, descendo até o Voltavime. O Velho Salgueiro-

homem canta alto; escapar de suas garras hábeis é difícil para as pessoas pequenas.

Mas Tom tinha uma missão a cumprir, da qual não podia se esquivar. - Tom abaixou a cabeça, como se o sono estivesse novamente tomando conta dele ; mas continuou, numa voz suave, cantando:

Tinha um serviço a fazer- nenúfares recolher,
folhas verdes e flores brancas, pra agradar minha senhora,
os últimos deste ano, antes de o inverno chegar,
para enfeitar seus pés, até o derreter das neves.
No fim de cada verão, eu vou buscá-los pra ela,
num lago largo, lindo e claro, nas margens do Voltavime;
onde cedo na primavera e tarde abrem no verão.
À beira do lago há muitos anos, achei a Filha do Rio,
a linda e jovem Fruta d'Ouro, sentada por entre os juncos.
Doce mente então cantava e o coração batia!

Abriu os olhos e olhou para eles com um súbito brilho azul.

- E isso foi bom pra vocês; porque não mais hei de ir nas águas afundar, no meio desta floresta, durante este ano velho. Nem pretendo passar pela casa do Velho Salgueiro, no início da primavera, não até a estação feliz, quando a Filha do Rio dançando pelos caminhos vai nas águas se banhar.

Ficou em silêncio de novo; mas Frodo não conseguiu deixar de fazer mais uma pergunta: a que mais desejava ver respondida. - Conte-nos, Senhor, sobre o Salgueiro-homem. O que é ele? Já ouvi alguma coisa a respeito antes.

- Está certo - disse o velho. - Agora está na hora de descansar. Não é bom ouvir certas coisas quando as sombras caem sobre o mundo. Durmam até amanhã cedo. Descansem sobre os travesseiros! Não temam os ruídos da noite! Não tenham medo de nenhum salgueiro cinzento! - Com isso pegou a lamparina e a apagou, e, segurando uma vela em cada mão, conduziu os hobbits até seu aposento.

Os colchões e travesseiros eram macios e fundos, e os cobertores de lã branca. Mal se deitaram nas camas fofas, puxando as leves cobertas, e já estavam dormindo.

Na calada da noite, Frodo teve um sonho sem luz. Via agora a lua nova nascendo; sob sua luz tênue aparecia diante dele uma parede negra de pedra, perfurada por um arco escuro que parecia um portão. Frodo tinha a impressão de estar sendo erguido, e passando pelo arco descobriu que a parede de pedra era um círculo de colinas, e que no centro dele ficava uma planície, no meio da qual se levantava um pináculo de pedra, semelhante a uma enorme torre, mas obra da natureza.

No topo estava a figura de um homem. A lua, galgando o céu, pareceu parar por um momento sobre a cabeça deste homem, reluzindo nos cabelos brancos que o vento agitava. Subindo da planície escura vinha o grito de vozes cruéis, e o uivo de muitos lobos. De repente, uma sombra, na forma de grandes asas, passou cobrindo a lua. A figura levantou os braços e uma luz emanou do cajado que segurava. Uma águia enorme d eu um vôo rasante e a carregou para longe. As vozes gemeram e os lobos uivaram se lamentando.

Um som, como de ventania, trouxe o ruído de cascos, galopando, galopando, galopando, vindo do Leste. "Cavaleiros Negros!", pensou Frodo enquanto acordava, ainda com o som de cascos ecoando em sua cabeça. Perguntou-se então se teria coragem de abandonar a segurança daquelas paredes de pedra. Permaneceu imóvel, ainda escutando; mas tudo agora estava no mais absoluto silêncio, e finalmente ele se virou e

adormeceu novamente, ou vagou em algum outro sonho do qual não se recordou depois.

Ao lado, Pippin sonhava tranqüilo; mas algo mudou em seus sonhos e ele começou a se agitar e a resmungar. De repente acordou, ou pensou ter acordado; mas mesmo assim ainda escutava na escuridão o som que perturbara seus sonhos: tipe-tape, esquique: o som era como o de vento agitando galhos, dedos de árvores arranhando parede e janela: crique, crique, crique. Ficou imaginando se havia salgueiros perto da casa; e então de repente teve a terrível impressão de não estar numa casa comum, mas dentro do salgueiro e escutando aquela horrível voz chiada, rindo dele novamente. Sentou-se, e sentiu as mãos afundando nos travesseiros fofos, e então se deitou de novo, aliviado. Teve a impressão de escutar o eco das palavras: "Nada tema! Fique em paz até amanhã cedo! Não tenha medo dos ruídos noturnos!" Então adormeceu novamente.

Foi o barulho da água que Merry escutou em seu sono tranqüilo: água fluindo suave, e depois se espalhando irresistivelmente por toda a volta da casa, num lago escuro e sem margens. Borbulhava sob as paredes e subia, devagar mas de um modo que não deixava dúvidas. "Vou me afogar!", pensou ele. "A água vai penetrar as paredes e invadir a casa, e então vou me afogar." Pareceu-lhe que estava deitado sobre um brejo lodoso, e ao se levantar colocou o pé no canto de uma pedra fria e dura que revestia o chão. Então lembrou onde estava e deitou-se novamente. Teve a impressão de escutar ou de se lembrar das palavras: "Nada atravessa estas portas e janelas a não ser o luar e a luz das estrelas, e o vento que sopra da colina." Um pequeno sopro doce de ar moveu a cortina. Merry respirou fundo e adormeceu de novo.

Pelo que pôde se lembrar, Sam dormiu toda a noite completamente feliz , se é que as pedras ficam felizes.

Acordaram, todos os quatro de uma vez, com a luz do dia. Tom andava pelo quarto de um lado para o outro, assobiando como um passarinho. Quando os ouviu se movimentando, bateu palmas e gritou: - Bela boneca, feliz neneca! Venham, meus queridos! - Afastou as cortinas amarelas, e os hobbits puderam então ver que elas cobriam duas janelas, dos dois lados do quarto, uma se abrindo para o leste, e a outra para o oeste.

Levantaram-se reanimados. Frodo correu para a janela leste, e se viu olhando para uma horta coberta de orvalho. De certa maneira, tinha esperado ver um terreno coberto de turfa estendendo-se até as paredes, turfa toda marcada por cascos. Na verdade, sua visão era mediada por um canteiro de pés de feijão altos, apoiados em estacas; mas acima e adiante o topo cinzento da colina assomava contra a luz do sol nascente. A manhã estava clara: a leste, atrás de compridas nuvens que pareciam fios de lã com as pontas manchadas de vermelho, brilhava uma tonalidade profunda de amarelo.

O céu anunciava chuva, mas a luz se espalhava rapidamente, e as flores vermelhas dos pés de feijão começaram a brilhar, contrastando com as folhas verdes e úmidas.

Pippin olhava, através da janela oeste, para um lago de névoa. A Floresta se escondia sob a neblina. Era como um teto de nuvens visto de cima.

Havia uma vala ou canal, onde a névoa se partia em muitas ondas de plumas; o vale do Voltavime.

O córrego descia pelo lado esquerdo da colina , e mergulhava nas sombras brancas. Bem próximo ficava um canteiro de flores e uma cerca-viva podada e enredada em prata; atrás da cerca via-se um gramado bem cortado, que a névoa coloria de um cinza-claro.

Não se via nenhum salgueiro.

- Bom dia, alegres amigos! - gritou Tom, abrindo totalmente a janela leste. Uma brisa fresca entrou, com um cheiro de chuva. - O sol não vai mostrar sua cara hoje, eu acho. Estive andando por aí, pulando nos topos das colinas, desde o início desta aurora cinzenta, sentindo o cheiro do vento e do tempo, com capim molhado sob os pés, céu

molhado sobre a cabeça. Para acordar Fruta d'Ouro, cantei embaixo da janela; mas nada acorda os hobbits de manhã cedinho. Durante a noite, as pessoas pequenas acordam em meio à escuridão, mas depois que a luz chega, continuam dormindo! Dingue-dongue não delongue! Acordem agora, meus alegres amigos! Esqueçam os ruídos noturnos. Dingue-dongue-dilo, meus queridos! Se vierem logo, encontrarão a mesa do desjejum posta. Se demorarem, só ter ão capim molhado e água de chuva.

Não precisou falar duas vezes - embora a ameaça de Tom não soasse muito séria - os hobbits se apressaram, e só deixaram a mesa depois de um tempo razoável, quando ela começava a parecer vazia. Nem Tom nem Fruta d'Ouro estiveram presentes. Podia-se ouvir Tom pela casa, fazendo barulho na cozinha, e subindo e descendo a escada, cantando dentro e fora. A sala dava para o oeste, debruçando-se sobre o vale coberto de névoa, e a janela estava aberta. Gotas de água pingavam dos beirais de sapé acima deles. Antes que tivessem terminado o desjejum, um teto inteiriço de nuvens se formou, e uma chuva vertical cinzenta começou a cair suave e continuamente.

Atrás dessa cortina de chuva, a Floresta ficava completamente oculta.

Ao olharem pela janela, os hobbits ouviram descendo pelo ar, como se acompanhasse a chuva vinda do céu, a voz cristalina de Fruta d'Ouro, cantando no pavimento acima deles. Quase não conseguiam entender as palavras, mas parecia claro que era uma canção de chuva, doce como o cair da água sobre topos de colinas secas; a canção contava a história de um rio, desde que minava nas montanhas até chegar ao Mar bem abaixo. Os hobbits escutavam deliciados; Frodo sentia alegria no coração, agradecendo ao tempo camarada que atrasava sua partida. A idéia de partir tinha-lhe pesado no coração desde a hora que acordara, mas agora supunha que não iriam naquele dia.

O vento alto se acalmou no oeste, e nuvens mais espessas e úmidas se formaram, para derramar sua carga de chuva nas cabeças calvas das Colinas. Não se via nada em volta da casa a não ser água caindo. Frodo parou perto da porta aberta e ficou observando a trilha caiada se transformar num pequeno rio de leite, e depois correr borbulhando até o vale. Tom Bombadil veio aos pulinhos do canto da casa, acenando com os braços como se estivesse mandando a chuva embora - e de fato, quando pulou sobre a soleira, parecia estar seco, com exceção de suas botas. Estas ele tirou e colocou no canto da chaminé. Então sentou-se na maior poltrona, chamando os hobbits para se reunirem à sua volta.

- Hoje é o dia de Fruta d'Ouro lavar tudo - disse ele. - O dia de limpeza do outono. Molhado demais para hobbits - que eles descansem enquanto podem. É um bom dia para histórias longas, e para perguntas e respostas, por isso Tom vai começar a conversa.

Contou-lhes então muitas histórias notáveis, às vezes quase como se as estivesse contando para si mesmo, outras vezes olhando-os de repente com um brilho azul no olhar, debaixo das grossas sobrancelhas. Freqüentemente sua voz virava uma canção, e ele se levantava da poltrona para dançar pela sala. Contou- lhes histórias de abelhas e flores, do jeito de ser das árvores e das estranhas criaturas da Floresta, sobre coisas más e coisas boas, coisas amigas e hostis, coisas cruéis e gentis, e sobre segredos escondidos sob os arbustos espinhosos.

Conforme escutavam, os hobbits passaram a entender a vida da Floresta, separada deles; na realidade, até começaram a se sentir estranhos, num lugar onde todos os outros elementos estavam em casa. Entrando e saindo da conversa, sempre estava o Velho Salgueiro-homem, e Frodo pôde aprender o suficiente para satisfazer sua curiosidade, na verdade mais que suficiente, pois o assunto não era fácil. As palavras de Tom desnudavam o coração e o pensamento das árvores, que sempre eram obscuros e estranhos, cheios de um ódio pelas coisas que circulam livres sobre a terra, roendo,

mordendo, quebrando, cortando, queimando: destruidores e usurpadores. A Floresta Velha tinha esse nome não sem motivo, pois era realmente antiga, sobrevivente de florestas vastas já esquecidas; e nela ainda viviam, com a idade das próprias colinas, os pais dos pais das árvores, relembrando o tempo em que eram senhores.

Os anos incontáveis tinham-nos enchido de orgulho e sabedoria arraigada, e também de malícia.

Mas nenhum deles era mais perigoso que o Grande Salgueiro: este tinha o coração apodrecido, mas a força ainda era verde; era habilidoso, senhor dos ventos, e sua canção e pensamento corriam a floresta dos dois lados do rio. Seu sedento espírito cinza retirou da terra o poder, que se espalhou como raízes finas no solo, e invisíveis dedos-ramos no ar, chegando a dominar quase todas as árvores da Floresta, da Cerca até as Colinas.

De repente a conversa de Tom abandonou a floresta e foi pulando, subindo pelo jovem córrego, sobre cascatas borbulhantes, sobre seixos e pedras gastas, e por entre pequenas flores no capim fechado e gretas molhadas, vagando finalmente até as Colinas. Ouviram então sobre os Grandes Túmulos e os morros verdes e os anéis de pedra sobre as colinas e nas baixadas entre as colinas. Rebanhos de ovelhas baliam. Paredes verdes e brancas se ergueram. Havia fortalezas nas alturas. Reis de pequenos reinados lutaram entre si, e o Sol jovem brilhava como fogo no metal vermelho de suas espadas novas e gananciosas. Houve vitória e derrota; torres caíram, fortalezas foram queimadas, e as chamas subiram pelo céu. Empilhou-se ouro nos ataúdes dos reis e rainhas mortos; e a terra os cobriu, e as portas de pedra se fecharam; o capim cresceu e cobriu tudo. Por um tempo, as ovelhas circularam, comendo o capim, mas logo as colinas estavam de novo desertas. Uma sombra veio de lugares distantes e escuros, e os ossos se mexeram dentro dos túmulos. Criaturas Tumulares andavam pelas cavidades com um tilintar de anéis em dedos frios e correntes de ouro ao vento. Os anéis de pedra sorriam no chão como dentes quebrados ao luar.

Os hobbits tremeram. Até no Condado, os rumores sobre as Criaturas Tumulares das Colinas dos Túmulos além da Floresta já tinham sido ouvidos. Mas essa história nenhum hobbit gostava de escutar, mesmo num lugar confortável ao lado do fogo, e bem distante. Esses quatro de repente lembraram-se das coisas que a alegria daquela casa tinha afastado de suas mentes: a casa de Tom Bombadil se aninhava bem ali, em meio àquelas terríveis colinas. Perderam o fio da história e se agitaram inquietos, olhando uns para os outros, Quando voltaram a acompanhar as palavras de Tom, perceberam que ele tinha enveredado por estranhas regiões além de suas memórias e de seu pensamento consciente, para tempos em que o mundo era mais vasto, e os mares fluíam direto para a Praia do ocidente; Tom ainda se movia de um lado para o outro, cantando luzes de estrelas antigas, de uma época em que apenas os ancestrais dos elfos estavam acordados. Então, de repente, parou, e eles viram que sua cabeça caía, como se estivesse adormecendo.

Os hobbits continuaram quietos diante dele , encantados; parecia que, como se sob o encanto de suas palavras, o vento tivesse ido embora e as nuvens tivessem secado, o dia se retirava, com a escuridão vinda do leste e do oeste, e todo o céu ficou repleto da luz de estrelas brancas.

Frodo não sabia dizer se havia passado ali a manhã e a tarde de um dia ou de muitos dias. Não se sentia faminto ou cansado, apenas maravilhado. As estrelas brilhavam através da janela e o silêncio do céu parecia estar por toda a sua volta.

Finalmente falou, saindo de seu encantamento, com um medo repentino daquele silêncio.

- Quem é o Senhor? - perguntou ele.

- O quê? - disse Tom, ajeitando-se na poltrona, os olhos brilhando na escuridão. -

Ainda não sabe meu nome? Esta é a única resposta. Diga-me, quem é você, sozinho e sem nome? Mas você é jovem e eu sou velho. Mais ancião, é o que sou. Vejam bem, meus amigos: Tom Bombadil já estava aqui antes do rio e das árvores; Tom se lembra da primeira gota de chuva e do primeiro broto de árvore. Fez trilhas antes das pessoas grandes, e viu o povo pequeno chegando. Já estava aqui antes dos Reis e dos túmulos e das Criaturas Tumulares.

Quando os elfos passaram para o oeste, Tom já estava, antes de os mares serem encurvados. Conheceu o escuro sob as estrelas quando não havia medo - antes de o Senhor do Escuro chegar de Fora.

Uma sombra pareceu passar pela janela, e os hobbits olharam rapidamente naquela direção. Quando se viraram de novo, Fruta d'Ouro estava na porta atrás deles, emoldurada de luz. Segurava uma vela, protegendo a chama com a mão contra a corrente de ar, e a luz fluía através dela, como flui a luz do sol através de uma concha branca.

- A chuva passou - disse ela - e novas águas correm colina abaixo, sob as estrelas. Vamos rir e nos alegrar.

- E vamos comer e beber! - gritou Tom. - Histórias compridas são sedentas, e escutá-las é um trabalho que dá fome, de manhã, à tarde e à noite!

- Com isso pulou da poltrona, e com um movimento do corpo pegou uma vela da guarda da chaminé, acendendo-a na chama que Fruta d'Ouro segurava; então dançou em volta da mesa. De repente, atravessou a porta pulando e desapareceu.

Logo voltou, trazendo uma bandeja grande e carregada. Tom e Fruta d'Ouro puseram a mesa; os hobbits ficaram sentados, ao mesmo tempo encantados e rindo: pela extrema beleza e graça de Fruta d'Ouro e pela alegria e esquisitice das cabriolagens de Tom. Contudo, parecia que de alguma maneira eles dançavam a mesma dança, nenhum atrapalhando o outro, os dois entrando e saindo e circulando em volta da mesa; rapidamente, comida, vasilhas e luzes foram colocadas em ordem. A madeira refletia a luz das velas, brancas e amarelas. Tom fez uma reverência diante dos convidados.

- A ceia está pronta! - disse Fruta d'Ouro; e os hobbits então puderam ver que ela estava vestida de prateado, com um cinto branco, e seus sapatos pareciam de escama de peixe. Mas Tom estava todo de azul-claro, o azul de miosótis recém-banhados pela chuva, e usava meias verdes.

A ceia foi ainda melhor que a anterior. Os hobbits, sob o encantamento das palavras de Tom, poderiam ter perdido uma ou muitas refeições, mas com a comida diante deles parecia que não comiam havia pelo menos uma semana. Não cantaram e nem falaram por um período, prestando muita atenção ao que estavam fazendo. Mas depois de algum tempo, seus corações e espíritos se elevaram novamente, e suas vozes soaram com jovialidade e alegria.

Depois de comerem, Fruta d'Ouro cantou varias canções para eles, canções que começavam alegremente nas colinas e desciam suaves até o silêncio; e durante o silêncio, eles viam em suas mentes lagos e águas mais amplos do que jamais tinham visto, e olhando para esses lagos viam o céu sob seus pés, e as estrelas como jóias nas profundezas. Então, ela desejou-lhes boa-noite mais uma vez, deixando-os perto da lareira. Mas agora Tom parecia totalmente acordado, e os cobriu de perguntas.

Parecia já saber muito sobre eles e suas famílias, e na verdade também sobre toda a história e afazeres do Condado, desde os tempos que os próprios hobbits mal lembravam.

Isso não os surpreendeu, mas Tom não escondeu que seu conhecimento se devia, em grande parte, ao velho Magote, aparentemente mais importante do que eles tinham imaginado.

- Há terra sob seus velhos pés, e barro em seus dedos; sabedoria nos ossos, e ele

tem os dois olhos abertos - disse Tom. Também ficou claro que Tom tinha relações com os elfos, e parecia que, de algum modo, notícias da fuga de Frodo tinham chegado até ele através de Gildor.

E de fato, tanto sabia Tom, e tão habilidosas eram suas perguntas, que Frodo se viu contando a ele mais sobre Bilbo, e suas próprias esperanças e temores do que jamais contara a alguém, até mesmo a Gandalf.

- Mostre-me o precioso Anel! - disse ele de repente, em meio à história: e Frodo, para a própria surpresa, puxou a corrente do bolso, e soltando dela o Anel, entregou-o imediatamente a Tom.

O Anel pareceu crescer por um momento naquela grande mão morena. Então, de repente, Tom ergueu-o na altura dos olhos e riu. Por um segundo os hobbits tiveram uma visão, cômica e alarmante, de seu olho azul brilhando através do círculo de ouro. Depois Tom colocou o Anel na ponta de seu dedo mínimo, levando-o para perto da luz da vela. Por um momento, os hobbits não perceberam nada de estranho a respeito disso. Então ficaram pasmos. Nenhum sinal de Tom desaparecer.

Tom riu de novo, e jogou o Anel para os ares - e ele sumiu num clarão.

Frodo soltou um grito - e Tom se inclinou para frente, devolvendo o Anel com um sorriso.

Frodo examinou-o de perto, com grande suspeita (como alguém que tivesse emprestado uma jóia a um ilusionista). Era o mesmo Anel, ou parecia ser o mesmo, com o mesmo peso: pois Frodo sempre tivera a impressão de que aquele Anel pesava na mão de modo estranho. Mas algo o forçava a se certificar. Talvez estivesse um pouquinho zangado com Tom, por dar tão pouca importância ao que até Gandalf considerava tão perigosamente importante. Esperou pela oportunidade, quando a conversa continuava, e Tom estava contando uma história absurda sobre os texugos e seus estranhos hábitos - nesse momento, colocou o Anel.

Merry virou-se para ele para dizer alguma coisa e levou um susto, contendo uma exclamação. Frodo estava deliciado (de certo modo): era mesmo o seu Anel, pois Merry olhava estupefato para a poltrona, e obviamente não conseguia enxergá-lo. Frodo se levantou e andou em silêncio, da lareira até a porta de entrada.

- Você aí! - gritou Tom, olhando em direção a ele com um olhar de quem enxerga perfeitamente: - Ei! Venha, Frodo! Aonde você está indo? O velho Tom Bombadil ainda não está tão cego assim. Tire seu Anel de ouro. Sua mão fica mais bonita sem ele. Volte! Largue dessa brincadeira e sente-se de novo ao meu lado! Temos de conversar um pouco mais, e pensar sobre amanhã cedo. Tom precisa lhe ensinar a estrada certa, para evitar que se perca.

Frodo riu (tentando se sentir satisfeito), e tirando o Anel voltou e se sentou de novo. Tom agora dizia que achava provável que o sol aparecesse no dia seguinte, e que a manhã seria alegre, e que poderiam ter boas esperanças ao partir.

Mas deviam ir cedo; pois o tempo naquela região era uma coisa sobre a qual nem mesmo Tom tinha certeza, e algumas vezes mudava antes que ele pudesse trocar de jaqueta. - Não sou o senhor do tempo - disse ele bem como não o é nenhum ser de duas pernas.

Seguindo seus conselhos, decidiram rumar o máximo possível para o norte saindo da casa, sobre as encostas mais baixas do lado oeste das Colinas: dessa forma, poderiam ter esperanças de alcançar a Estrada Leste num dia de viagem, e evitar os Túmulos. Tom disse que não tivessem medo mas que cuidassem de suas próprias obrigações.

- Não saiam do capim verde. Não vão se misturar com pedras velhas ou com as Criaturas geladas, nem se intrometer em suas casas, a não ser que sejam pessoas fortes,

com corações que nada temem! - Disse isso mais de uma vez e aconselhou-os a passar pelos Túmulos do lado oeste, se por acaso se aproximassem de um deles. Então ensinou-lhes uma rima para cantar, se por azar ficasse m em perigo ou n'algum tipo de dificuldade no dia seguinte.

Ei! Tom Bombadillo, Tom Bombadil!
Na mata ou na colina ou junto à margem do rio,
No fogo, ao sol e à lua, ouve agora nossa voz!
Vem, Tom Bombadil, que no aperto estamos sós!

Depois de cantarem isso juntos, Tom deu tapinhas nos ombros de cada um deles com um sorriso, e levando as velas conduziu-os de volta para o quarto.

CAPÍTULO VIII
NEBLINA SOBRE AS COLINAS DOS TÚMULOS

Naquela noite não escutaram ruídos. Frodo porém não podia dizer com certeza se foi em sonhos ou acordado, que ouviu uma doce voz cantando em sua mente: uma canção que vinha como uma luz pálida atrás de uma cortina de chuva cinzenta, a voz crescendo até transformar aquele véu chuvoso em cristal e prata, para depois se distanciar, revelando aos olhos um campo muito verde sob a luz do sol.

A visão se desmanchou com o despertar, e ali estava Tom, assobiando como um bando de pássaros; o sol já subia atrás da colina, emitindo luz através da janela. Lá fora, a paisagem estava verde e dourada.

Depois do desjejum, que novamente tomaram sozinhos, os hobbits se prepararam para dizer adeus, sentindo nos corações o peso que permitia uma manhã como aquela: fresca, clara e limpa sob um céu lavado de outono, de um azul tênue. Uma brisa fresca soprava do noroeste. Os tranqüilos pôneis já estavam quase ariscos, farejando e se mexendo inquietos. Tom saiu da casa e acenou com o chapéu, depois dançou na porta de entrada, dizendo que os hobbits deveriam se levantar e partir, e em boa velocidade.

Saíram cavalgando ao longo de uma trilha sinuosa que vinha de trás da casa, inclinando-se numa subida em direção ao topo da colina no lado norte, onde desaparecia.

Tinham acabado de descer dos pôneis para conduzi-los pela última ladeira íngreme, quando de repente Frodo parou.

- Fruta d'Ouro - gritou ele. - Minha linda senhora, toda vestida de verde-prata! Não lhe dissemos adeus, nem a vimos desde ontem à noite! Estava tão perturbado que já ia voltando; mas naquele momento um chamado, uma voz cristalina, desceu ondulando colina abaixo. Ali, no topo, estava ela, acenando para eles: os cabelos esvoaçavam soltos, e, conforme captavam a luz do sol, brilhavam e reluziam. Uma luz como o brilho da água sobre a grama orvalhada vinha de seus pés, enquanto dançava.

Os hobbits correram ladeira acima, e pararam sem fôlego ao lado dela.

Fizeram reverências, mas, com um aceno de braço, ela pediu que olhassem em volta; ali, no topo da colina, puderam ver a paisagem sob a luz da manhã. Agora tudo estava claro e podia-se enxergar longe. Na vinda, quando tinham parado no outeiro da Floresta, quase não puderam enxergar nada, por causa da névoa que lhes velava a visão,

mas agora o outeiro aparecia, erguendo-se claro e verde por entre as árvores escuras do oeste.

Naquela direção, o terreno coberto de vegetação se levantava em cordilheiras verdes, amarelas, avermelhadas sob o sol. Atrás delas se escondia o vale do Brandevin. Ao sul, sobre a linha do Voltavime, havia um brilho distante, como de vidro claro, no ponto em que o rio Brandevin fazia uma grande curva no terreno mais baixo, para depois correr para regiões desconhecidas dos hobbits. Ao norte, além das colinas que iam sumindo, a terra fugia em espaços planos e protuberâncias cinzentas, verdes e cor de terra, até desaparecer na distância sombria e sem forma. Ao leste, as Colinas dos Túmulos se erguiam, topo atrás de topo dentro da manhã, sumindo da visão numa conjectura: não passava de uma conjectura azul, com pontos de um branco remoto, que se misturava ao céu no horizonte, mas que mesmo assim falava-lhes das montanhas altas e distantes, presentes na memória de antigas histórias.

Encheram os pulmões de ar, sentindo que um salto e alguns passos largos os levariam aonde quisessem. Parecia fraqueza d e espírito irem andando em direção à estrada ao longo das bordas enrugadas das montanhas, quando na verdade deveriam ir aos pulos, com o mesmo vigor de Tom, sobre os degraus de pedra das colinas, diretamente até as Montanhas.

Fruta d'Ouro dirigiu-lhes a palavra, chamando sobre si seus olhares e pensamentos.

- Apressem-se agora, belos convidados! - disse ela. - E continuem firmes em seus propósitos! Rumo ao norte com o vento no olho esquerdo, e sorte em seus passos! Apressem-se enquanto o sol brilha. - E para Frodo, ela disse: - Adeus, amigo-dos-elfos, foi um encontro feliz!

Mas Frodo não teve palavras para responder. Fez uma grande reverência, montou o pônei e, seguido pelos amigos, avançou lentamente, pela descida suave atrás da colina.

Perderam de vista a casa de Tom Bombadil e o vale, e depois a Floresta.

O ar ficou mais quente entre as paredes verdes formadas pelas encostas das colinas; o cheiro da turfa subia forte e doce. Voltando-se, ao atingirem o fundo do vale verde, viram Fruta d'Ouro, agora pequena e esguia como uma flor ensolarada contra o céu: ainda estava ali, olhando-os, com as mãos estendidas na direção deles. No momento em que olharam, saudou-os com a voz cristalina, e levantando a mão virou-se e sumiu atrás da colina.

O caminho se estendia sinuoso ao longo do fundo do vale, volteando a base verde de uma colina íngreme, para depois chegar a outro vale mais amplo e mais fundo, continuando através das saliências de outras colinas, descendo pelas bordas longas, subindo de novo pelas encostas suaves, chegando a novos topos e descendo outros vales. Não se via árvore ou qualquer sinal de água: o território era de capim e turfa curta e macia; tudo era silêncio, a não ser pelo sussurro do ar e por gritos agudos e solitários de aves estranhas. Conforme continuavam, o sol subia e o calor aumentava. Cada vez que atingiam um topo, tinham a impressão de que a brisa diminuía. Quando olhavam em direção ao oeste, a Floresta distante parecia estar fumegando, como se a chuva que caíra estivesse subindo vaporizada, das folhas, raízes e do solo.

Agora uma sombra envolvia o horizonte, uma névoa escura sobre a qual o céu parecia um chapéu azul, quente e pesado.

Por volta de meio-dia, chegaram a uma colina cujo topo era amplo e achatado, como um prato raso com uma borda verde e elevada. Ali dentro o ar estava parado, e parecia que o céu estava perto de suas cabeças. Atravessaram o topo para olhar para o norte. Então os corações se alegraram, pois parecia óbvio que já tinham avançado mais do que esperavam. Sabiam que as distâncias agora ficavam nebulosas e incertas, mas não

havia dúvida de que as Colinas estavam chegando ao fim.

Um vale comprido se estendia lá embaixo, descrevendo curvas em direção ao norte, até chegar a uma abertura entre duas encostas íngremes. Adiante, parecia não haver mais colinas. Ao norte mal se podia enxergar uma linha longa e escura. - Aquela é uma fileira de árvores - disse Merry - que deve estar demarcando a Estrada.

Ao longo dela, por muitas léguas a leste da ponte, há árvores crescendo. Dizem que foram plantadas antigamente.

- Esplêndido! - disse Frodo. - Se conseguirmos avançar bastante esta tarde como fizemos de manhã, já teremos deixado as Colinas antes de o sol se pôr, e então poderemos caminhar à procura de um lugar para acampar. Mas no momento em que falava, olhou para o leste, e percebeu que daquele lado as colinas eram mais altas, e olhavam-nos de cima; e todas aquelas colinas estavam cobertas por montículos verdes, alguns deles com pedras fincadas, que apontavam para o céu como dentes afiados em gengivas verdes.

A paisagem tinha algo de perturbador, por isso eles se viraram e desceram para dentro do círculo côncavo. No meio dele ficava uma única pedra, que se erguia sob o sol, e que naquela hora não projetava sombras. Não tinha um formato definido, mas parecia ter um significado: como um marco, ou um dedo guardião ou, mais ainda, um aviso. Mas eles estavam famintos, e ainda era meio-dia, hora que espanta os temores; resolveram se encostar na pedra, do lado leste. Era fria, como se o sol não tivesse o poder de aquecê-la; mas naquele momento isso pareceu agradável.

Ali comeram e beberam; fizeram a melhor refeição ao ar livre que se poderia desejar, pois a comida vinha de "lá de baixo da Colina". Tom tinha arranjado o suficiente para passarem bem o dia. Os pôneis, descarregados, passeavam pela grama.

A cavalgada sobre as Colinas e a refeição pesada, o sol morno, o cheiro da turfa, o longo tempo que ficaram deitados, esticando as pernas e olhando o céu lá em cima: talvez essas coisas sejam o suficiente para explicar o que aconteceu. De qualquer modo, foi assim que aconteceu: acordaram de súbito e perturbados de um sono que não estivera em seus planos. A pedra fincada estava fria, projetando uma sombra comprida e pálida, que se estendia ao leste sobre suas cabeças.

O sol, de um amarelo claro e aguado, brilhava através da névoa logo acima da encosta oeste da concavidade em que estavam deitados; ao norte, ao sul e ao leste, além da encosta, a neblina estava espessa, fria e branca.

O ar estava quieto, pesado e gelado. Os pôneis se encostavam uns nos outros, com as cabeças para baixo.

Os hobbits pularam de pé, alarmados, e correram até a borda oeste.

Descobriram que estavam numa ilha em meio à neblina. Quando olharam tristes para o sol que se punha, viram-no afundar diante de seus olhos num mar branco, e uma sombra fria e cinzenta se espalhava no leste atrás deles. A neblina subia pelas encostas, ultrapassando a altura de suas cabeças, até se tornar um telhado: estavam enclausurados num recinto de neblina cujo ponto central era a pedra fincada.

Tiveram a impressão de que estavam sendo aprisionados numa armadilha, mas mesmo assim não se desesperaram. Ainda podiam lembrar-se da visão que os enchera de esperanças, da linha da Estrada, que ainda sabiam em que direção ficava. De qualquer modo, sentiam agora tamanha repugnância por aquele lugar côncavo em volta da pedra, que mal podiam pensar em ficar lá por mais tempo. Arrumaram as mochilas tão rápido quanto os dedos gelados permitiram.

Logo estavam conduzindo os pôneis em fila indiana sobre a borda e pela longa encosta norte da colina, mergulhando num mar de neblina. Conforme desciam, a névoa ficava mais úmida e fria, e os cabelos lhes caíam murchos sobre a testa, gotejando.

Quando chegaram ao fundo do vale, estava tão frio que pararam e tiraram das mochilas capas e capuzes, que em pouco tempo ficaram cobertos de gotas cinzentas.

Depois, montados nos pôneis, continuaram lentamente, adivinhando o caminho pelas subidas e descidas do solo. Pelo que podiam imaginar, estavam rumando para a abertura em forma de portão, na extremidade norte do longo vale, que tinham visto pela manhã.

Uma vez atravessada a abertura, só teriam de se manter em linha reta o máximo possível, e no final era bem provável que atingissem a Estrada.

Não conseguiam pensar em mais nada além disso, mas tinham uma vaga esperança de que talvez, além das Colinas, não houvesse neblina.

Avançavam muito devagar. Para evitar que se separassem e vagassem em direções distintas, continuavam em fila indiana, e Frodo ia à frente. Sam estava logo atrás, depois do qual vinha Pippin, seguido por Merry. O vale parecia não ter fim. De repente Frodo viu um sinal auspicioso. Dos dois lados à frente, uma escuridão .assomava por entre a névoa, e ele supôs que finalmente estavam se aproximando da abertura nas colinas, o portão norte das Colinas dos Túmulos. Se passassem por ali, estariam livres.

- Venham! Sigam-me! - gritou ele por sobre os ombros, e avançando rapidamente. Mas sua esperança logo se transformou em preocupação e pânico. As manchas escuras ficaram mais escuras, mas se encolheram; de repente viu, erguendo-se agourentas diante dele e se inclinando levemente uma em direção à outra como os batentes de uma porta sem trave, duas enormes pedras fincadas. Frodo não se lembrava de ter visto nenhum sinal delas no vale, quando tinha olhado da colina Pela manhã. Antes que percebesse já tinha passado entre elas: e no mesmo momento em que fez isso, foi envolvido pela escuridão.

O pônei se afastou bufando e Frodo caiu. Quando olhou para trás, descobriu que estava sozinho. Os outros não o tinham seguido.

- Sam! - gritou ele. - Pippin, Merry! Venham! Por que não me acompanham? Não houve resposta. Foi tomado pelo medo e correu para trás, atravessando as duas pedras e gritando, desesperado: - Sam! Sam! Merry! Pippin!

- O pônei disparou dentro da névoa e desapareceu. A certa distância, ou pelo menos assim parecia, Frodo pensou ter escutado um grito: - Ei! Frodo! Ei! - A voz parecia vir do leste, à sua esquerda. Ele estava parado, ao lado das grandes pedras, fazendo um enorme esforço para enxergar na escuridão. Mergulhou em direção ao chamado, e percebeu que estava subindo uma encosta íngreme.

Avançando com esforço, ele chamou de novo, e continuou chamando cada vez mais freneticamente, mas ficou sem resposta por um tempo; depois começou a ouvir um chamado fraco, que parecia distante e bem acima de onde estava: - Frodo! Ei! - gritavam vozes sumidas dentro da névoa: e então um grito, como socorro, socorro! Várias vezes repetido, terminando num último socorro! Se perdeu, como um longo lamento interrompido. Frodo avançou aos tropeços, com toda a velocidade que conseguia, em direção aos gritos; mas a luz do dia se extinguira, e a noite se fechou ao seu redor, o que tornava impossível ter certeza de qualquer direção. Tinha a impressão de estar sempre subindo.

Apenas a mudança no nível do solo a seus pés lhe avisou quando finalmente chegou ao topo de uma encosta ou colina. Estava cansado e suado, e apesar disso gelado.
A escuridão era total.

- Onde estão vocês? - gritou ele arrasado.

Não houve resposta. Ficou quieto, escutando. De repente percebeu que estava ficando muito frio, e que no ponto alto em que se encontrava o vento começava a soprar,

frio como gelo. Uma mudança se operava no tempo. A névoa p assava por ele agora, em trapos e farrapos. Sua respiração produzia fumaça, e a escuridão estava menos próxima e densa. Olhou para cima e viu, surpreso, que estrelas apagadas apareciam no céu, por entre chumaços apressados de nuvem e neblina.

O vento começou a chiar sobre o capim.

De repente imaginou ter ouvido um grito abafado, e foi em direção a ele; enquanto avançava, a névoa começou a subir e a se desvanecer, descobrindo o céu estrelado.

Um olhar rápido revelou que estava agora olhando para o sul, e sobre o topo redondo de uma colina, a qual provavelmente subira vindo do norte. À sua direita, erguia-se contra as estrelas do oeste uma figura escura. Ali estava um grande túmulo.

- Onde vocês estão? - gritou ele novamente, com raiva e medo. - Aqui! - disse uma voz, profunda e fria, que parecia vir do solo. - Estou esperando você!

- Não! - disse Frodo; mas não fugiu. Os joelhos enfraqueceram, e ele caiu no chão. Nada aconteceu, e não houve nenhum ruído. Tremendo, Frodo olhou para cima, em tempo de ver uma figura alta e escura, como uma sombra contra as estrelas, se inclinando sobre ele. Pensou ter visto dois olhos, muito frios, embora iluminados por uma luz pálida, que parecia vir de alguma distância remota. Então alguma coisa o prendeu, mais forte e mais fria que ferro.

O toque frio congelou seus ossos, e ele perdeu os sentidos.

Quando voltou a si, por um momento não podia lembrar de nada, a não ser de uma sensação de terror.

Então, de repente, percebeu que estava aprisionado, irremediavelmente
preso; estava num túmulo. Tinha sido pego por uma das Criaturas Tumulares, e já estava provavelmente subjugado aos terríveis encantamentos daquelas criaturas descritas em histórias sussurradas. Não ousou se mexer, e ficou como estava quando acordou: deitado de costas sobre uma pedra fria, com as mãos sobre o peito.

Mas, embora o medo fosse tão grande que parecia ser parte da própria escuridão que o envolvia, Frodo se viu pensando em Bilbo Bolseiro e suas histórias, nas caminhadas que faziam pelas alamedas do Condado, conversando sobre estradas e aventuras. Há uma semente de coragem escondida (bem no fundo, é verdade) no coração do hobbit mais gordo e mais tímido, aguardando algum perigo definitivo e desesperador que a faça germinar. Frodo não era muito gordo, nem muito tímido; na verdade, embora não soubesse disso, Bilbo (e Gandalf) o consideravam o melhor hobbit do Condado. Pensou que tivesse chegado ao fim de sua aventura, um fim terrível, mas esse pensamento renovou suas forças. Percebeu seus músculos se contraindo, como para um salto final; deixara de se sentir frágil como uma vítima indefesa.

Enquanto estava ali deitado, pensando e tentando se controlar, percebeu de repente que a escuridão cedia aos poucos: uma luz pálida e esverdeada crescia à sua volta.

Num primeiro momento não pôde ver em que tipo de lugar estava, pois a luz parecia emanar dele próprio, e do chão ao redor, e ainda não tinha atingido o teto ou a parede. Virou-se, e na fria escuridão viu, deitados ao lado, Sam, Pippin e Merry. Estavam de costas, com as faces totalmente pálidas, e vestidos de branco. Ao redor deles estavam muitos tesouros, talvez de ouro, embora naquela luz tivessem uma aparência fria e desagradável. Diademas adornavam-lhes a cabeça, correntes de ouro cobriam-lhes a cintura, e nos dedos tinham vários anéis. Havia espadas perto deles, e escudos aos seus pés. Mas, atravessada sobre os três pescoços, estava uma longa espada desembainhada.

De repente, começou a soar uma canção: um murmúrio frio, que subia e descia de tom. A voz parecia distante e infinitamente lúgubre, algumas vezes num tom alto e agudo subindo pelo ar, outras como um gemido grave vindo do solo. Naquela cadeia disforme

de sons tristes e horríveis, seqüências de palavras tomavam forma uma vez ou outra: tristes, duras, frias palavras, impiedosas e desprezíveis. A noite blasfemava contra a manhã que lhe fora roubada, e o frio amaldiçoava o calor pelo qual ansiava. Frodo estava congelado até os ossos. Depois de um tempo, a canção ficou mais clara aos ouvidos, e, com o coração tomado de pavor, ele percebeu que a música tinha se transformado num encantamento.

Frio haja nas mãos, no coração e na espinha,
e frio seja o sono sobre a pedra daninha:
que nunca despertem de seu pétreo leito,
nunca, até a Lua morta, até o Sol desfeito.
Ao soprar negro dos ventos os astros vão morrer.
E eles sobre o ouro ainda irão Jazer,
até que o lorde escuro sua mão soerga
sobre o mar morto e sobre a terra negra.

Atrás de sua cabeça, Frodo escutou o ruído de algo rangendo e arranhando, Levantando-se sobre um dos braços, olhou e agora pôde ver na luz pálida que estavam num tipo de corredor, que formava uma esquina atrás deles. Vindo da esquina, um longo braço tateava, se aproximando, caminhando sobre os próprios dedos em direção a Sam, que estava mais próximo, e em direção ao cabo da espada que estava sobre ele.

Num primeiro momento, Frodo sentiu que de fato o encantamento o transformara em pedra. Depois, teve um desejo alucinado de fugir.

Imaginava se, colocando o Anel, poderia escapar da Criatura Tumular e achar uma saída. Pensou em si mesmo correndo livre sobre o capim, chorando Por Merry, Sam e Pippin, mas livre e vivo. Até Gandalf admitiria que não havia mais nada a ser feito.

Mas a coragem despertada ficava cada vez mais forte: não poderia abandonar seus amigos tão facilmente. Hesitou, tateando o bolso, e lutou contra si mesmo de novo; enquanto isso acontecia, o braço chegava mais perto. Subitamente, seu senso de determinação ficou mais apurado, e ele agarrou uma pequena espada que jazia ao lado, e ficando de joelhos agachou-se sobre os corpos dos companheiros. Com toda força que tinha, golpeou o braço rastejante na região do pulso, e a mão caiu decepada: mas nesse mesmo momento, a espada se estilhaçou até o punho. Houve um grito agudo e a luz desapareceu. No escuro, ouvia-se o ruído de algo rosnando.

Frodo caiu para frente sobre Merry, sentindo seu rosto gelado.

Imediatamente voltou à sua mente, de onde tinha se ausentado logo que a neblina começara, a memória da casa lá embaixo da Colina, e de Tom cantando. Lembrou-se da rima que Tom tinha lhe ensinado. Numa voz fraca e desesperada, começou: Ei, Tom Bombadillo! E, ao pronunciar aquele nome, a voz pareceu ficar mais forte: produzia agora um som forte e vigoroso, e a câmara escura parecia ecoar tambores e cornetas.

Ei! Tom Bombadillo, Tom Bombadil!
Na mata ou na colina ou junto à margem do rio,
No jogo, ao sol e à lua, ouve agora nossa voz!
Vem, Tom Bombadil, que no aperto estamos sós!

Fez-se um silêncio súbito e profundo, durante o qual Frodo podia escutar seu coração batendo. Depois de um momento longo e lento, escutou claramente, embora distante, como se viesse de baixo da terra ou através de espessas paredes, uma voz que,

respondendo, cantava:

O velho Tom Bombadil é mesmo um bom camarada;
Azul-claro é sua jaqueta e sua bota é amarelada.
Ninguém jamais o apanha porque Tom é mais sabido;
Sua canção tem mais
poder e seu pé é mais rápido.

Houve um som retumbante, como de pedras rolando e caindo, e de repente a câmara foi iluminada, por uma luz real, a luz do dia. Uma pequena abertura semelhante a uma porta apareceu na extremidade da câmara além dos pés de Frodo; e ali estava a cabeça de Tom (com chapéu, pena e tudo o mais) recortada pela luz do sol que nascia vermelho atrás dela. A luz atingiu o solo e os rostos dos três hobbits deitados ao lado de Frodo. Eles não se mexeram, mas a tonalidade doentia desapareceu de suas faces. Agora parecia que estavam apenas dormindo profundamente.

Tom se abaixou, retirando o chapéu, e entrou na câmara escura, cantando:

Sai daí, velha Criatura!
Desaparece à luz do dia!
Esvai-te como a neblina, como o vento choraminga,
Pelas terras mais estéreis, além dos longes montes!
Não voltes nunca mais! Deixa o túmulo vazio! Perdido e esquecido
sejas, mais negro que o negror
Onde portões jamais se abrem, até que o mundo se conserte.

Com essas palavras, ouviu-se um grito e uma parte da extremidade interna da câmara caiu com um estrondo. Então ouviu-se um guincho agudo blasfemando, desaparecendo numa distância inimaginável; depois disso, silêncio.

- Venha, amigo Frodo - disse Tom. - Vamos sair para o terreno limpo Preciso de sua ajuda para levá-los.

Juntos, carregaram Merry, Pippin e Sam para fora. Quando saiu do túmulo pela última vez, Frodo teve a impressão de ter visto uma mão decepada ainda se contorcendo, como uma aranha ferida, num amontoado de terra caída. Tom ainda entrou mais uma vez, e ouviu-se o ruído de muita pancada e pisoteio. Quando saiu, carregava nos braços uma boa parte do tesouro: coisas de ouro e prata, cobre e bronze: muitas pedras e correntes e jóias ornamentais. Subiu a colina verde e depositou- os no topo, ao sol.

Ficou ali, com o chapéu na mão e o vento nos cabelos, olhando os três hobbits, que tinham sido colocados de costas sobre o capim no lado oeste do montículo. Levantando o braço direito, disse numa voz clara e imponente: Acordem, meus camaradas! Acordem à minha voz! Coração e corpo quentes! A pedra fria a sós! A porta escura, aberta; o braço morto, quebrado. A Noite já noutra Noite; o portão escancarado.

Para a alegria de Frodo, os hobbits começaram a se mexer, espreguiçando-se e esfregando os olhos, e então de repente se levantaram. Olharam em volta assustados, primeiro para Frodo e depois para Tom, grande como a vida, no topo da colina acima deles; e então olharam para si próprios, naqueles farrapos brancos e finos, coroados e adornados com ouro pálido, tilintando com o som das jóias.

- Que raio? - começou Merry, sentindo o diadema de ouro caindo-lhe sobre um olho. Então parou, e uma sombra cobriu-lhe o rosto, e ele fechou os olhos. - É claro, eu me lembro! - disse ele. - Os homens de Carn Dúm nos alcançaram durante a noite, e fomos vencidos. Ah! A lança no meu coração!

- Agarrou o próprio peito. - Não! Não! - disse ele, abrindo os olhos. - O que estou dizendo? Estive sonhando. Onde você estava, Frodo?

- Pensei que estava perdido - disse Frodo. - Mas não quero falar sobre isso. Vamos pensar no que vamos fazer agora! Vamos embora!

- Vestidos assim, senhor? - disse Sam. - Onde estão minhas roupas?

- Jogou seu diadema, o cinto e os anéis no chão, olhando em volta desesperado, como se esperasse achar sua capa, jaqueta e calças, e outras vestimentas de hobbits caídas em algum lugar ali perto.

- Você não vai mais achar suas roupas - disse Tom, pulando do túmulo e rindo enquanto dançava em volta deles à luz do sol. Podia-se pensar que nada terrível ou perigoso tinha acontecido, e na verdade o terror desapareceu de seus corações quando olharam para ele, vendo o brilho alegre daqueles olhos.

- O que está querendo dizer? - perguntou Pippin, olhando para ele, meio intrigado e meio entretido. - Por que não? Mas Tom balançou a cabeça, e disse: - Vocês conseguiram sair de uma grande enrascada. Roupas são uma perda mínima, se você escapa de se afogar. Fiquem felizes, e deixem que a luz quente do sol aqueça agora coração e corpo! Tirem esses farrapos velhos. Corram nus sobre o capim, enquanto Tom vai caçar! Desceu a colina aos pulos, assobiando e cantando. Olhando para baixo em direção a ele, Frodo viu-o correndo para longe e em direção ao sul, ao longo da depressão verde entre aquela colina e a próxima, ainda assobiando e chamando:

Ei, amigos! Vamos logo! Onde se meteram?
Em cima, embaixo, perto ou longe, os pôneis se perderam?
Fuça-Fuça, Espanador, e Trombadinha!
Meia-branca, Bolo-fofo e Orelhinha!

Assim ele cantava, correndo muito, jogando o chapéu para cima e apanhando-o em seguida, até sumir numa dobra do solo: mas por algum tempo, o seu Ei, amigos! Vamos logo! Continuou chegando até eles, flutuando no vento, que tinha mudado de curso e soprava do sul.

O ar estava ficando quente de novo. Os hobbits corriam sobre a grama, como Tom tinha dito. Depois, ficaram deitados, tomando banho de sol, com o deleite daqueles que foram levados de repente de um inverno rigoroso para um clima ameno, ou pessoas que, depois de ficarem muito tempo adoentadas ou de cama, um belo dia acordam e descobrem que estão inesperadamente boas, e que a nova manhã vem cheia de promessas.

Na hora que Tom voltou, já estavam se sentindo fortes (e famintos). Ele reapareceu, primeiro o chapéu, sobre a saliência da colina, e atrás dele vinham numa fila obediente seis pôneis: cinco que eram dos hobbits e mais um. Este último era justamente o Bolo-fofo: maior, mais forte, mais gordo (e mais velho) que os outros cinco. Merry, que era dono dos outros, nunca os chamara assim, mas eles passaram a atender pelos novos nomes que Tom lhes dera, até o fim de suas vidas. Tom os chamou um por um, e eles subiram a colina, ficando em fila. Depois ele fez uma reverência para os hobbits.

- Aqui estão seus pôneis, agora! - disse ele. - Eles têm mais senso (de certo modo) que vocês, hobbits errantes - mais senso nas suas narinas. Pois à distância já farejam o perigo ao qual vocês se atiram; e se correm para se salvar, então correm para o lado certo. Devem perdoá-los, pois, embora tenham corações fiéis, não foram feitos para enfrentar o terror das Criaturas Tumulares. Vejam, aqui estão eles de volta, trazendo todos os fardos!
Merry, Sam e Pippin se vestiram com roupas de reserva que tinham trazido nas mochilas; logo começaram a sentir muito calor, pois foram obrigados a colocar algumas das coisas

mais grossas e quentes que haviam trazido para se proteger do inverno que chegava.

- De onde vem esse animal velho, esse Bolo-fofo? - perguntou Frodo.

- Ele é meu - disse Tom. - Meu amigo de quatro pernas, embora raramente o monte; fica por aí, livre nas encostas das colinas. Quando seus pôneis ficaram comigo, conheceram o meu Bolo, e durante esta noite procuraram-no farejando, correndo logo para encontrá-lo. Achei que Bolo os procuraria e, com suas palavras de sabedoria, espantaria todo o medo que os dominava. Mas agora, meu alegre Bolo-fofo, o velho Tom vai montar. Ei! Tom vai com vocês, vai levá-los até a estrada, e para isso precisa de um pônei. Pois não é fácil conversar com hobbits montados, se você for a pé, tentando correr ao lado deles.

Os hobbits ouviram aquilo deliciados, e agradeceram a Tom muitas vezes; mas ele riu, dizendo que eram tão bons em se perder, que não ficaria satisfeito até que os visse sãos e salvos além dos limites de suas terras.

- Tenho coisas a fazer - disse ele - meus afazeres e minhas cantorias, minhas conversas e caminhadas, e preciso cuidar de minhas terras. Tom não pode estar sempre por perto, para abrir portas e fendas de salgueiros. Tom tem sua casa para cuidar, e Fruta d'Ouro está esperando.

Pelo sol, podia-se ver que era de manhã, entre nove e dez horas, e os hobbits começaram a pensar em comida. A última refeição tinha sido o almoço ao lado da pedra fincada, no dia anterior. Agora comiam os restos das provisões oferecidas por Tom, com acréscimos que ele mesmo trouxera consigo. Não foi uma grande refeição (levando em consideração os hobbits e as circunstâncias) mas assim mesmo (graças a ela) se sentiram muito melhor. Enquanto comiam, Tom subiu até o túmulo e examinou os tesouros. A maioria das peças foram arrumadas numa pilha que brilhava no capim. Ordenou-lhes que ficassem ali, "à disposição de qualquer um que as achasse, aves, animais, elfos ou homens, e todas as criaturas gentis", pois assim o encanto do túmulo seria quebrado e espalhado, e nenhuma criatura voltaria àquele lugar. Escolheu para si um pequeno broche, adornado com pedras azuis que tinham muitas nuances, como flores de seda ou como as asas de borboletas azuis. Olhou longamente para a jóia, como se tocado por alguma lembrança, balançando a cabeça, e finalmente dizendo:

- Aqui está um brinquedo bonito para Tom e sua bela senhora. Bela era aquela que usou isto há muito tempo sobre o ombro. Agora Fruta d'Ouro vai usá-lo e não a esqueceremos!

Para cada um dos hobbits escolheu um punhal , longo, em forma de folha e afiado, de um artesanato maravilhoso, trabalhado com formas de serpentes vermelhas e douradas. Os punhais brilharam quando foram retirados das bainhas pretas; eram forjados em algum tipo estranho de metal, leve e resistente, e adornado com muitas pedras que faiscavam. Seja por alguma virtude das bainhas, seja pelo encantamento do túmulo, as lâminas, sem ferrugem, afiadas, reluzentes ao sol, pareciam não ter sido alteradas pelo tempo.

- Facas velhas são longas o bastante para serem usadas como espadas pelos hobbits - disse ele. - É bom ter lâminas afiadas, se pessoas do Condado forem caminhando para o leste, para o sul, ou em direção ao perigo sombrio e distante.

- Então Tom disse que aquelas lâminas tinham sido forjadas muitos anos atrás pelos homens de Ponente: eram inimigos do Senhor do Escuro, mas foram derrotados pelo maldoso rei de Carn Dûm na Terra de Angmar.

- Poucos agora se recordam deles - murmurou Tom. - Mesmo assim, alguns ainda vagueiam, filhos de reis esquecidos, caminhando solitários, protegendo os incautos das coisas malignas.

Os hobbits não entenderam aquelas palavras, mas, enquanto Tom falava, tiveram

uma visão que parecia muito antiga, uma planície ampla e sombria, sobre a qual caminhavam figuras de homens, altos e severos, com espadas brilhantes, e por último vinha um com uma estrela na testa. Então a visão desapareceu, e voltaram para o mundo ensolarado.

Era hora de partir novamente. Aprontaram-se, arrumando as mochilas e carregando os pôneis. As novas armas foram penduradas nos cintos de couro , embaixo dos casacos; os hobbits se sentiam muito desajeitados com elas, e imaginavam se algum dia seriam úteis. Lutar nunca tinha antes passado por suas cabeças, nem mesmo como uma das aventuras a que aquela fuga poderia conduzi-los.

Finalmente partiram, conduzindo os pôneis colina abaixo; depois, num trote rápido, seguiram ao longo do vale. Quando olharam para trás, viram o topo do velho túmulo na colina, onde a luz do sol, reluzindo sobre o ouro, subia como uma chama amarela. Depois contornaram uma saliência das colinas, e não o viram mais.

Embora Frodo olhasse em volta e para todos os lados, não viu nem sinal das duas pedras grandes, fincadas como um portão; logo chegaram à fenda norte, passando por ela rapidamente, e a região estendeu-se diante de seus olhos. Foi uma viagem alegre, com Tom Bombadil trotando contente ao lado deles, ou à frente, montado em Bolo-fofo, que ia bem mais rápido do que prometia a sua barrigueira. Tom cantava a maior parte do tempo, mas quase tudo o que saía de seus lábios não fazia sentido, ou talvez fosse alguma língua estranha, desconhecida dos hobbits, uma língua antiga cujas palavras eram principalmente de felicidade e prazer.

Avançavam mantendo o ritmo, mas logo perceberam que a Estrada ficava muito mais à frente do que tinham imaginado. Mesmo sem neblina, o sono do meio-dia teria evitado que chegassem até ela antes de anoitecer no dia anterior. A linha escura que tinham visto não era uma fileira de árvores, mas arbustos crescendo à beira de um fosso profundo, com barrancos íngremes dos dois lados. Tom disse que, em certa época, aquele fosso tinha sido a divisa de um reino, muitos anos atrás.

Parecia se lembrar de alguma coisa triste relacionada a essa história, e não falava muito.

Desceram um barranco e subiram do lado oposto, passando através de uma fissura que havia ali, e então Tom virou-se para o norte, pois até aquele ponto tinham rumado um pouco em direção ao oeste. O terreno agora era aberto e bastante plano, de modo que apertaram o passo; mas o sol já estava bem baixo quando finalmente viram à frente uma fileira de árvores altas, e agora sabiam que tinham voltado para a Estrada, depois de muitas aventuras inesperadas. Fizeram a galope este último trecho, parando sob as sombras compridas das árvores. Estavam no alto de um outro barranco íngreme, e a Estrada, agora apagada pelo cair da noite, se estendia em curvas abaixo deles. Naquele ponto, ia quase do sudoeste para o nordeste, e à direita descia abruptamente numa depressão larga.

O solo estava acidentado, com muitos vestígios da forte chuva recém-caída; havia poças e buracos cheios de água.

Desceram o barranco, olhando para baixo e para cima. Não se via nada.

Bem, finalmente estamos aqui de novo! - disse Frodo. - Suponho que não perdemos mais que dois dias no meu atalho através da Floresta. - Mas talvez o atraso tenha sido útil - pode tê-los feito perder nossa trilha.

Os outros olharam-no. Subitamente a sombra do medo dos Cavaleiros Negros tomou conta deles de novo. Desde que entraram na Floresta, a principal coisa que tinham em mente era voltar para a Estrada ; só agora, quando estavam diante dela, é que se lembraram do perigo que os perseguia, e que muito provavelmente os estaria esperando

na própria Estrada. Olharam com ansiedade para trás, na direção do sol poente, mas a Estrada se apresentava escura e vazia .

- O senhor acha - perguntou Pippin com hesitação -, o senhor acha que seremos perseguidos esta noite?

- Não, espero que não esta noite - respondeu Tom Bombadil. - Talvez nem amanhã. Mas não confiem em minhas suposições; pois não posso dizer nada com certeza. Para o leste, meu conhecimento falha. Tom não é o senhor dos Cavaleiros da Terra Negra, que fica distante de sua região.

Mesmo assim, os hobbits gostariam que os acompanhasse. Sentiam que ele saberia lidar com os Cavaleiros Negros, se é que alguém podia lidar com eles. Logo estariam avançando em terras completamente estranhas, além de todas as lendas do Condado, com exceção apenas das mais distantes e remotas; no crepúsculo que se formava, sentiram saudade de casa. Sentiam-se profundamente solitários e perdidos. Ficaram em silêncio, relutando em se despedir pela última vez. Demorou para que percebessem que Tom estava lhes desejando boa viagem, e dizendo que mantivessem a coragem e continuassem cavalgando sem parar até anoitecer.

- Tom dará um conselho, enquanto durar este dia (depois do que serão guiados e acompanhados pela própria sorte): a quatro milhas daqui, indo pela Estrada, encontrarão uma aldeia, Bri, sob a Colina Bri, com portas viradas para o oeste. Ali vão ver uma velha estalagem chamada

O Pônei Saltitante. Cevado Carrapicho é o dono, um homem respeitável. Ali podem passar a noite, e depois a manhã favorecerá vocês no seu caminho. Sejam corajosos, mas tenham cuidado! Mantenham a alegria nos corações, e partam ao encontro de seu destino!

Imploraram para que fosse pelo menos até a estalagem, e que ali bebessem juntos mais uma vez; mas Tom riu e recusou o convite, dizendo: Aqui termina a terra de Tom: os confins ele não passa Tem sua casa pra cuidar, e a sua espera Fruta d'Ouro.

Depois se virou, jogou o chapéu para cima, pulou no lombo de Bolo, e foi subindo o barranco, cantando no crepúsculo.

Os hobbits subiram também, e ficaram olhando até que ele desapareceu de vista.

- Fico triste por ter de me despedir do Senhor Bombadil - disse Sam. É uma pessoa extraordinária, disso não há dúvida. Acho que podemos avançar bastante e não ver ninguém melhor, nem mais estranho. Mas não nego que ficarei feliz ao ver esse Pônei Saltitante que mencionou. Espero que seja igual ao Dragão Verde, perto de nossa casa! Que tipo de gente existe em Bri?

- Há hobbits em Bri - disse Merry -, além de pessoas grandes. Arrisco dizer que será bem parecido com nossa terra. O Pônei é uma boa estalagem, Pelo que dizem. Meu pessoal vai lá de vez em quando.

- Pode ser tudo o que desejamos - disse Frodo. - Mas de qualquer forma é longe do Condado. Não se sintam muito em casa! Por favor, lembrem-se - todos vocês - de que o nome Bolseiro NÃO deve ser mencionado. Sou o Sr. Monteiro, se for preciso dar algum nome.

Montaram os pôneis e cavalgaram em silêncio dentro da noite. A escuridão foi descendo rápido, enquanto iam avançando lentamente, descendo a colina e subindo de novo, até que finalmente viram luzes piscando a certa distância.

Diante deles erguia-se a Colina Bri, barrando o caminho, uma massa escura contra estrelas sombrias; em seu flanco oeste se aninhava uma grande aldeia. Agora se apressavam em direção a ela, desejando apenas encontrar uma lareira, e uma porta que os separasse da noite.

CAPÍTULO IX
NO PÔNEI SALTITANTE

Bri era a aldeia mais importante daquela região, que era pequena e pouco habitada, semelhante a uma ilha cercada por terras desertas. Além da própria aldeia de Bri, havia Estrado do outro lado da colina; Valão, num vale profundo um pouco mais a leste, e Archet, na beirada da Floresta Chet. Ao redor da colina de Bri e das aldeias, havia um pequeno campo de plantações e de matas exploradas, cuja largura era de apenas algumas milhas.

Os homens de Bri tinham cabelos castanhos, eram troncudos e baixos, alegres e independentes: não pertenciam a ninguém além de si próprios, mas eram mais amigáveis e chegados aos hobbits, anões, elfos, e outros habitantes do mundo em volta deles do que eram (ou são) em geral as pessoas grandes. Segundo suas próprias histórias, foram os habitantes originais e eram descendentes dos próprios homens que ocuparam o Oeste do mundo-médio. Poucos tinham sobrevivido aos tumultos dos Dias Antigos; mas quando os Reis retornaram de novo através do Grande Mar, ainda encontraram os homens de Bri no mesmo lugar, onde permaneciam até aquela época, em que a memória dos velhos Reis tinha desaparecido por completo.

Naqueles dias, não havia outros homens que tivessem fixado residência em ponto tão extremo do Oeste. Mas nas regiões selvagens além de Bri havia viajantes misteriosos. O povo de Bri os chamava de guardiões, e nada se sabia de sua origem. Eram mais altos, e tinham a pele mais escura que os homens de Bri; acreditava-se que possuíam estranhos poderes de audição e visão, e que entendiam a linguagem das aves e dos animais. Vagavam à vontade para o lado do sul e para o leste, chegando até as Montanhas Sombrias; agora, no entanto, estavam reduzidos em número e raramente eram vistos. Quando apareciam, traziam notícias do mundo distante, e contavam histórias estranhas e já esquecidas que eram ouvidas com muito interesse; apesar disso, o povo de Bri não fazia amizade com eles.

Havia também muitas famílias de hobbits em Bri, e *eles* diziam ser o assentamento hobbit mais antigo do mundo, fundado antes que o rio Brandevin fosse atravessado e o Condado colonizado. A maioria deles vivia em Estrado, embora houvesse alguns em Bri, especialmente nas encostas mais altas da colina, acima das casas dos homens. As pessoas grandes e as pessoas pequenas (como se chamavam uns aos outros) conviviam em termos amigáveis, cuidando de seus próprios afazeres e interesses, mas cada grupo se considerando acertadamente como parte necessária do povo de Bri. Em nenhum outro lugar do mundo seria possível encontrar um arranjo peculiar (mas excelente) como esse.

As pessoas de Bri, grandes e pequenas, não viajavam muito e os acontecimentos nas quatro aldeias ocupavam a maior parte de seu tempo.
Uma vez ou outra, os hobbits de Bri iam até a Terra dos Buques, ou à Quarta Leste; mas embora sua pequena terra não distanciasse muito mais que um dia de viagem a cavalo, partindo da Ponte do Brandevin e rumando para o leste, os hobbits do Condado raramente visitavam o lugar, nos últimos tempos. Eventualmente, um morador da Terra dos Buques ou um Túk aventureiro vinha até o Pônei Saltitante, para passar uma ou duas noites, mas até isso estava ficando cada vez menos comum. Os hobbits do Condado se referiam aos de Bri, e a quaisquer outros que moravam além das fronteiras, como os de Fora, e pouco se interessavam por eles, por considerá-los enfadonhos e rudes.

Provavelmente, era muito maior o número dos de Fora espalhados pelo oeste do Mundo naqueles tempos do que o povo do Condado pudesse imaginar. Alguns, sem

dúvida, não passavam de vagabundos, prontos para cavar um buraco em qualquer barranco e ficar apenas o tempo que lhes aprouvesse. Mas, de qualquer modo, em Bri os hobbits eram decentes e prósperos, não sendo mais rústicos que a maioria de seus parentes distantes de Dentro. Ainda não havia sido esquecida a época dos grandes intercâmbios entre Bri e o Condado.

Sabia-se que havia sangue de Bri correndo nas veias dos Brandebuques.

A aldeia de Bri tinha algumas centenas de casas de pedra que pertenciam às pessoas grandes, a maioria acima da Estrada, aninhando-se nas encostas das colinas, com janelas voltadas para o oeste. Naquele lado, descrevendo mais que um semicírculo, partindo da colina e voltando a ela, havia um fosso profundo, com uma cerca-viva espessa no lado interno. A Estrada cruzava esse fosso através de um passadiço, mas no ponto onde atingia a cerca-viva era barrada por um grande portal. Havia outro portal no canto sul, onde a Estrada saía da aldeia. Os portões eram fechados ao cair da noite; mas logo na entrada havia pequenos alojamentos para os porteiros.

Descendo a estrada, no ponto onde ela virava para a direita, contornando o pé da colina, havia uma grande estalagem. Fora construída havia muito tempo, quando o comércio nas estradas era bem mais intenso. Bri ficava num velho entroncamento de caminhos; uma outra estrada antiga cruzava a Estrada Leste, logo que saía do fosso na extremidade oeste da aldeia, e nos primeiros tempos homens e outras pessoas de vários tipos tinham viajado muito por ela. Ainda existia, na Quarta Leste, o dito popular: Estranho como as notícias que vêm de Bri, que descendia daqueles dias quando as novidades do norte, sul, e leste podiam ser ouvidas na estalagem, e quando os hobbits do Condado costumavam comparecer com mais frequência para ouvi-las. Mas as Terras do Norte tinham sido havia muito abandonadas e a Estrada Norte raramente era usada: estava coberta de mato e o povo de Bri a chamava de Caminho Verde.

Entretanto, a estalagem de Bri ainda estava lá, e o dono era uma pessoa importante. Sua casa era um ponto de encontro para os desocupados, conversadores e curiosos, grandes e pequenos, habitantes das quatro aldeias. Também era um refúgio para Guardiões e outras pessoas errantes, e para os viajantes (principalmente anões) que ainda viajavam pela Estrada Leste, indo e vindo das Montanhas.

Estava escuro, e estrelas brancas brilhavam, quando Frodo e seus companheiros finalmente alcançaram o entroncamento com o Caminho Verde, perto da aldeia.

Chegaram ao portão oeste e encontraram-no fechado, mas na porta de alojamento, logo adiante, estava sentado um homem, que pulou de pé e pegou uma lanterna, olhando-os através do portão, surpreso.

- O que querem, e de onde vêm? - perguntou ele de forma grosseira.

- Queremos ir até a estalagem - respondeu Frodo. - Estamos indo para o leste, e não podemos continuar a viagem esta noite.

- Hobbits! Quatro hobbits! E ainda por cima, do Condado, pelo jeito como falam - disse o porteiro, baixinho como se falasse consigo mesmo. Lançou-lhes um olhar sombrio e depois abriu o portão devagar, deixando-os entrar.

- Não é sempre que vemos pessoas do Condado viajando com pôneis pela Estrada à noite - continuou ele, quando os hobbits pararam um momento diante de sua porta. - Perdoem a minha curiosidade em saber que tipo de negócio os leva para o leste, além de Bri! Quais são seus nomes, se me permitem a pergunta?

- Nossos nomes e negócios só dizem respeito a nós mesmos, e este não parece um bom lugar para discuti-los - disse Frodo, não gostando da aparência do homem e do tom de sua voz.

- Seus negócios só lhes dizem respeito, sem dúvida - disse o homem. Mas o meu

trabalho é fazer perguntas depois do anoitecer, e isso me diz respeito.

- Somos hobbits da Terra dos Buques, e queríamos viajar e nos hospedar na estalagem aqui - acrescentou Merry. - Sou o Sr. Brandebuque. Isso é suficiente? O povo de Bri costumava receber melhor os viajantes, ou pelo menos foi isso que ouvi falar.

- Está bem! Está bem! - disse o homem. - Não foi minha intenção ofendê- los. Mas talvez mais pessoas, além do velho porteiro Harry, venham a lhes fazer perguntas. Há pessoas estranhas por aqui. Se forem ao Pônei, verão que não são os únicos hóspedes.

Desejou-lhes boa noite, e os hobbits não disseram mais nada, mas Frodo podia ver pela luz da lanterna que o homem ainda estava olhando para eles, cheio de curiosidade.

Perguntava-se o que teria deixado o porteiro tão desconfiado, e se alguém estivera indagando sobre um grupo de hobbits. Poderia ter sido Gandalf. Era provável que ele tivesse chegado, durante o tempo em que ficaram na Floresta e nas Colinas. Mas algo na aparência e na voz do porteiro o deixava inquieto.

O homem ficou observando os hobbits por um momento, e então entrou na casa. Logo que virou as costas, uma figura escura rapidamente pulou por sobre o portão, desaparecendo nas sombras da rua da aldeia.

Os hobbits subiram uma ladeira suave, passando por algumas casas isoladas, e pararam na frente da estalagem. As casas tinham uma aparência grande e estranha para eles. Sam contemplou a estalagem com seus três andares e muitas janelas, e sentiu seu coração apertado. De vez em quando, durante a viagem, imaginara encontrar gigantes mais altos que árvores, e outras criaturas ainda mais aterrorizantes, mas naquele momento estava achando que a primeira vista dos homens e de suas casas altas já era o suficiente, para não dizer demais, para o final escuro de um dia cansativo. Começava a pensar em cavalos negros, todos já selados, nas sombras do pátio da estalagem, e em Cavaleiros Negros espiando das escuras janelas de cima.

- É claro que não vamos passar a noite aqui, não é, senhor? - exclamou ele. - Se existem hobbits por essas bandas, por que não procuramos algum que esteja disposto a nos hospedar? Poderíamos nos sentir mais à vontade.

- Qual é o problema com a estalagem? - perguntou Frodo. - Tom Bombadil a recomendou. Espero que seja bastante aconchegante lá dentro.

Mesmo vista de fora, a estalagem parecia uma casa agradável aos olhos de quem a conhecia. A parte da frente dava para a Estrada, e dois pavilhões estendiam-se para os fundos, construídos em terrenos parcialmente cortados das encostas mais baixas da colina, de modo que, na parte posterior, as janelas do segundo andar ficavam ao nível do solo. Havia um grande arco pelo qual se chegava ao pátio entre os dois pavilhões e à esquerda sob o arco havia um grande saguão de entrada, precedido de alguns degraus largos. A porta estava aberta, deixando escapar a luz do interior. Sobre o arco havia uma lamparina e embaixo dela estava pendurada uma grande tabuleta que trazia o desenho de um pônei branco e roliço, empinado sobre as patas traseiras. Sobre a porta estava pintado, em letras brancas:

O Pônei Saltitante de Cevado Carrapicho.

Muitas das janelas mais baixas mostravam luz por trás de grossas cortinas.
Enquanto hesitavam lá fora no escuro, alguém começou a cantar algo alegre do lado de dentro, e várias vozes animadas acompanharam, cantando alto o refrão. Ficaram escutando esses sons animados por alguns momentos e então desceram dos pôneis. A canção acabou numa explosão de aplausos e risadas.

Os hobbits conduziram os pôneis sob o arco, e após deixá-los no pátio subiram os

degraus. Frodo foi na frente e quase trombou com um homem gordo e baixo, careca e de rosto vermelho. Usava um avental branco, e saía alvoroçado por uma porta para entrar por outra, carregando uma bandeja repleta de canecas cheias.

- Será que... - começou Frodo.

- Um instantinho, por favor! - gritou o homem por sobre os ombros, desaparecendo naquela babei de vozes, em meio a uma nuvem de fumaça. Mais um momento e já aparecia de novo, limpando as mãos no avental.

- Boa noite, pequeno senhor! - disse ele, com uma reverência que fez com que sua cabeça quase tocasse o chão. - Em que posso ajudá-lo? . - Queremos cama para quatro pessoas, e lugares no estábulo para cinco pôneis, se isso puder ser arranjado. É o Sr. Carrapicho?

- Está certo! Cevado é meu nome. Cevado Carrapicho às suas ordens! São do Condado, hein? - disse ele, e então de repente bateu a mão na testa, como se tentasse lembrar alguma coisa. - Hobbits - gritou ele. - De que isso me faz lembrar? Posso perguntar seus nomes, senhor?

- Sr. Túk e Sr. Brandebuque - disse Frodo. - E este é Sam Gamgi. Meu nome é Monteiro.

- Veja só - disse o Sr. Carrapicho, estalando os dedos. - Fugiu-me da cabeça de novo! Mas vai voltar, quando eu tiver tempo para pensar. Nem consigo acompanhar minhas pernas, mas vou ver o que posso fazer para ajudá-los. Atualmente é bem raro termos aqui um grupo vindo do Condado, e eu ficaria triste se não pudesse recebê-los. Mas a quantidade de pessoas aqui hoje ultrapassou o habitual. Desgraça pouca é bobagem, como se costuma dizer em Bri. Ei, Nob - gritou ele. - Onde está, seu trapalhão de pés peludos? Nob?

- Estou indo, senhor! Estou indo! - Um hobbit de aparência alegre surgiu por uma porta, e, vendo os viajantes, parou de repente, olhando-os com grande interesse.

- Onde está Bob? - perguntou o proprietário. - Você não sabe? Bem, encontre-o! Rapidinho! Não tenho seis pernas, nem seis olhos! Diga a Bob que há cinco pôneis para acomodar no estábulo. Ele tem de achar espaço de algum jeito. - Nob saiu pisando duro, com um sorriso e piscando um olho.

- Bem, agora, o que eu ia dizendo? - disse o Sr. Carrapicho, batendo na testa. - Uma coisa faz esquecer a outra, por assim dizer. Estou tão ocupado hoje que minha cabeça está girando. Há um grupo que veio do Sul e chegou pelo Caminho Verde a noite passada - e isso já foi esquisito o suficiente, para começar. Depois apareceu hoje uma comitiva de anões indo para o Oeste. E agora vocês. Se não fossem hobbits, duvido que poderíamos acomodá-los. Mas temos um ou dois quartos no pavilhão norte que foram feitos especialmente para hobbits, quando este lugar foi construído. No andar térreo, como geralmente preferem, com janelas redondas e tudo o que gostam. Espero que fiquem bem acomodados. Estão querendo cear, sem dúvida. Logo que for possível. Agora, por aqui! Conduziu-os por alguns metros de um corredor e abriu uma porta. Aqui está uma boa salinha! - disse ele. - Espero que gostem. Agora desculpem-me por estar tão ocupado. Não há tempo para conversas. Devo ir andando. É um trabalho duro para duas pernas, mas nem assim eu emagreço. Passarei por aqui mais tarde. Se quiserem qualquer coisa, toquem a campainha, e Nob virá até aqui . Se não vier, toquem de novo e gritem!

Saiu finalmente, e deixou-os com a sensação de estarem sem fôlego.

Parecia capaz de falar sem parar, e não importava o quão ocupado estivesse. Viram-se numa sala pequena e confortável. Havia um belo fogo queimando n a lareira, em frente do qual ficavam algumas poltronas baixas e confortáveis. Havia uma mesa redonda, já coberta com uma toalha branca, e sobre ela uma grande campainha, Mas Nob,

o empregado hobbit, veio esbaforido antes que eles pensassem em tocá-la. Trouxe velas e uma bandeja cheia de pratos.

- Querem alguma coisa para beber, senhores? - perguntou ele. - Gostariam que lhes mostrasse os quartos, enquanto a ceia está sendo preparada? Já tinham tomado banho e estavam em meio a muitas canecas de cerveja quando o Sr. Carrapicho e Nob vieram de novo. Num piscar de olhos, a mesa estava posta. Havia sopa quente, carnes frias, uma torta de amoras, pães frescos, nacos de manteiga, e meio queijo curado: comida boa e simples, boa como a do Condado, e suficientemente semelhante à de casa para afastar os últimos receios de Sam (já bastante diminuídos pela excelência da cerveja).

O proprietário ficou por ali uns momentos e depois se propôs a ir embora.

- Não sei se gostariam de se juntar ao grupo, depois de cearem - disse ele parando na porta.

- Talvez prefiram ir para suas camas. Mas mesmo assim o grupo ficaria muito satisfeito em recebê-los, se quisessem isso. Não recebemos visitantes de Fora – quer dizer, viajantes do Condado, é melhor que eu diga, me desculpem - com freqüência, e gostaríamos de ouvir alguma novidade, ou alguma história ou canção de que se lembrem. Mas, como quiserem! Toquem a campainha se faltar alguma coisa.

Sentiam-se tão reconfortados e encorajados ao final da ceia (que durou cerca de três quartos de hora ininterruptos, e sem conversa jogada fora) que Frodo, Pippin e Sam decidiram juntar-se ao grupo. Merry disse que lá estaria muito abafado. - Vou ficar aqui quieto, perto do fogo por um tempo, e talvez depois eu saia para respirar ar puro. Cuidado com o que vão dizer, e não esqueçam que nosso plano é fugir em segredo, e ainda estamos na estrada alta não muito longe do Condado.

- Está certo! - disse Pippin. - Cuide-se! Não se perca e não se esqueça de que já fora é menos seguro que aqui dentro! O grupo estava na grande sala de estar da estalagem. Havia um grande número de pessoas, e de todos os tipos, como descobriu Frodo depois que seus olhos se acostumaram à luz. A iluminação vinha principalmente de um fogo alimentado por achas de lenha, pois as três lamparinas penduradas às vigas emitiam uma luz fraca, meio velada pela fumaça. Cevado Carrapicho estava em pé perto do fogo, conversando com alguns anões e com um ou dois homens de aparência estranha. Nos bancos sentavam-se vários tipos de pessoas: homens de Bri, um grupo de hobbits nativos (sentados, conversando), mais alguns anões e outras figuras vagas, difíceis de distinguir nas sombras e cantos.

Assim que os hobbits do Condado chegaram, ouviu-se um coro de boas-vindas, que vinha dos habitantes de Bri. Os estranhos, especialmente aqueles que tinham vindo pelo Caminho Verde, olharam-nos curiosos. O proprietário apresentou os recém - chegados às pessoas de Bri tão rapidamente que, embora tenham escutado muitos nomes, mal podiam ter certeza sobre quem tinha que nome. Os homens de Bri pareciam ter nomes bastante botânicos (e para o povo do Condado, bastante esquisitos) como Junco, Barba-de-Bode, Urzal, Macieira, Cardo e Samambaia (para não falar em Carrapicho). Alguns dos hobbits tinham nomes similares. Os Artemisas, por exemplo, pareciam ser numerosos. Mas a maioria deles tinha nomes naturais, como Ladeira, Texugo, Buraqueiro, Areias e Tuneloso, muitos dos quais eram usados no Condado, Havia vários Monteiros de Estrado, e como estes não podiam conceber a idéia de ter o mesmo nome de alguém de quem não fossem parentes, acolheram Frodo como um primo que estivera longe muito tempo.

Os hobbits de Bri eram, na verdade, simpáticos e curiosos, e Frodo logo descobriu que teria de dar alguma explicação sobre o motivo que o trazia ali. Justificou que estava interessado em história e geografia (ao que várias cabeças balançaram em sinal de

aprovação, embora nenhuma dessas duas palavras fosse muito usada no dialeto de Bri). Frodo disse que estava pensando em escrever um livro (ao que se fez um silêncio atônito), e que ele e seus amigos queriam coletar informações sobre os hobbits que moravam fora do Condado, especialmente nas terras do Leste.

Depois que falou isso, um coro de vozes irrompeu. Se Frodo realmente quisesse escrever um livro, e se tivesse muitas orelhas, teria coletado o suficiente para sete capítulos em poucos minutos. E, como se isso não bastasse, foi feita uma lista, começando com "o velho Carrapicho aqui", de nomes de pessoas a quem poderia recorrer se precisasse de informações mais detalhadas. Mas, depois de um tempo, como Frodo não fizesse menção de escrever um livro ali mesmo, os hobbits voltaram às suas perguntas sobre as coisas do Condado. Frodo não se mostrou muito comunicativo, e logo se viu sentado num canto, sozinho, ouvindo e olhando ao redor.

Os homens e anões falavam a maior parte do tempo sobre acontecimentos distantes, trazendo novidades de um tipo que já estava ficando bem comum.

Havia problemas no Sul, e parecia que os homens que tinham vindo pelo Caminho Verde estavam de mudança, procurando terras onde pudessem encontrar um pouco d e paz.

O povo de Bri se mostrava solidário, mas não parecia muito preparado para receber um grande número de forasteiros em sua pequena região. Um dos viajantes, camarada vesgo e de aparência desagradável, estava prevendo que mais e mais pessoas viriam para o Norte num futuro próximo. - Se não providenciarem lugares para eles, eles mesmos farão isso, pois têm direito de viver, como as outras pessoas - disse ele em voz alta. Os habitantes locais não pareciam contentes diante da perspectiva.

Os hobbits não prestavam muita atenção a tudo isso, e parecia que aquele assunto não lhes dizia respeito, pelo menos por enquanto, Em termos práticos, as pessoas grandes não poderiam mendigar acomodações em tocas de hobbits. Por isso estavam mais interessados em Sam e Pippin, que agora se sentiam perfeitamente à vontade, e conversavam alegremente sobre os acontecimentos do Condado. Pippin estava provocando uma onda de risos ao fazer um relatório sobre a queda do telhado da Toca Municipal em Grã Cava: Will Pealvo, o prefeito e o hobbit mais gordo da Quarta Oeste, ficou coberto de cal, e saiu de lá como um bolinho coberto de farinha. Mas muitas das perguntas feitas deixaram Frodo um pouco inquieto. Um dos habitantes de Bri, que parecia ter estado no Condado muitas vezes , queria saber onde os Monteiros moravam e de quem eram parentes.

De repente Frodo percebeu que um homem de aparência estranha e marcada pelos anos, sentado num canto escuro, também estava escutando a conversa dos hobbits com muita atenção. Tinha uma caneca alta à sua frente, e fumava um cachimbo de haste longa, talhado de forma curiosa. As pernas estavam esticadas, mostrando botas altas de couro macio que lhe serviam bem, mas já bastante surradas e agora cobertas de lama. Uma capa cheia de marcas de viagem, feita de um tecido verde-escuro, o cobria quase por completo, e apesar do calor da sala, ele usava um capuz que lhe ocultava o rosto em sombras; mas podia-se ver o brilho em seus olhos enquanto observava os hobbits.

- Quem é aquele? - perguntou Frodo, quando teve uma chance de cochichar para o Sr. Carrapicho. - Acho que não fomos apresentados.

- Aquele? - disse o proprietário, cochichando uma resposta, erguendo a sobrancelha sem voltar a cabeça. - Não sei ao certo. É um dos errantes, os guardiões, como os chamamos. Raramente fala: no máximo conta uma história diferente, quando lhe dá na cabeça. Desaparece por um mês, um ano, e então aparece de novo. Chegou e partiu com bastante freqüência na última primavera: mas não t em vindo muito aqui nos últimos

tempos. Nunca ouvi o seu verdadeiro nome, mas é conhecido como Passolargo. Suas pernas longas andam numa velocidade muito grande; mas ele não conta a ninguém o motivo de tanta pressa. Mas não dá para explicar o leste e o oeste, como dizemos aqui em Bri, referindo-nos às excentricidades dos guardiões e do pessoal do Condado, sem querer ofender o senhor. É interessante que tenha perguntado sobre ele.

Mas nesse momento o senhor Carrapicho foi chamado por alguém pedindo mais cerveja, e aquela última observação ficou sem explicação.

Frodo percebeu que Passolargo olhava agora para ele, como se tivesse ouvido ou adivinhado tudo o que se conversou. Naquele mesmo momento, com um aceno de mão e um sinal de cabeça, convidou Frodo a sentar-se com ele. Quando Frodo se aproximou, Passolargo jogou o capuz para trás, deixando à vista uma cabeça despenteada, coberta de cabelos escuros com mechas grisalhas, e num rosto austero e pálido um par de olhos cinzentos e penetrantes.

- Chamam-me Passolargo - disse ele numa voz baixa. - Estou muito satisfeito em conhecê-lo, senhor Monteiro, se o velho Carrapicho me disse o nome certo.

- Disse sim - respondeu Frodo secamente. Estava longe de se sentir à vontade, sob o efeito daqueles olhos penetrantes.

- Bem, senhor Monteiro - disse Passolargo. - Se fosse o senhor, não deixaria seus jovens amigos falarem demais. Bebida, lareira e encontros casuais são bastante agradáveis, mas, bem, aqui não é o Condado. Existem pessoas estranhas por aqui. Apesar de que provavelmente o senhor esteja achando que não tenho o direito de dizer isso - acrescentou ele com um sorriso oblíquo, vendo o olhar de Frodo. - E viajantes ainda mais estranhos já passaram aqui por Bri ultimamente - continuou ele, atento ao rosto de Frodo.

Frodo retribuiu o olhar mas não disse nada; Passolargo não fez mais nenhum sinal. Parecia ter fixado a atenção em Pippin. Alarmado, Frodo percebeu que o ridículo jovem Túk, encorajado pelo sucesso obtido com a história do prefeito de Grã Cava, fazia agora um relato cômico da festa de despedida de Bilbo. Já estava começando a imitar o Discurso, quase atingindo o ponto do surpreendente Desaparecimento.

Frodo estava zangado. A história era bastante inofensiva para a maioria dos hobbits do lugar: apenas uma história divertida sobre aquelas pessoas engraçadas que moravam do outro lado do Rio; mas certas pessoas (o velho Carrapicho, por exemplo) sabiam uma coisa ou outra, e provavelmente tinham ouvido rumores sobre o desaparecimento de Bilbo, muito tempo atrás. Isso traria o nome Bolseiro às suas mentes, especialmente se em Bri alguém tivesse perguntado sobre ele.

Frodo se impacientava, tentando decidir o que fazer. Pippin evidentemente estava apreciando muito a atenção da platéia, e tinha se esquecido do perigo que corriam.
Frodo de repente receou que, naquela disposição, Pippin pudesse mencionar o Anel, o que provavelmente seria desastroso.

- É melhor fazer algo logo! - cochichou Passolargo em sua orelha. Frodo pulou, ficando em pé numa mesa, e começou a falar. A atenção da platéia de Pippin foi desviada. Alguns dos hobbits olharam para Frodo e riram, batendo palmas, pensando que o Sr. Monteiro tinha tomado toda a cerveja a que tinha direito.

Frodo de repente se sentiu muito tolo, e se viu (como era seu hábito quando fazia um discurso) tateando as coisas que tinha no bolso. Sentiu o Anel na corrente, e quase sem perceber foi tomado pelo desejo de colocá-lo e desaparecer daquela situação imbecil. Tinha a impressão de que, de alguma maneira, a sugestão o alcançava vinda de fora, de alguém ou alguma coisa na sala. Resistiu firmemente à tentação, e fechou o Anel na mão, como se para mantê-lo sob controle e evitar que escapasse ou o enganasse. De qualquer modo, o Anel não lhe trouxe inspiração.

Pronunciou "algumas palavras adequadas", como teriam dito no Condado: Estamos todos muito agradecidos pela gentileza de sua recepção, e me aventuro a ter esperanças de que minha breve visita ajude a renovar os velhos laços de amizade entre o Condado e Bri; depois disso, hesitou e tossiu.

Todos na sala agora olhavam para ele. - Uma canção - gritou um dos hobbits. - Uma canção! Uma canção! - gritaram todos os outros. - Vamos lá, agora, senhor, cante alguma coisa que nunca ouvimos antes.

Por um instante, Frodo parou embasbacado. Então, desesperado, começou uma canção ridícula muito apreciada por Bilbo (e da qual na verdade se orgulhava muito, pois ele mesmo tinha feito a letra). Era sobre uma estalagem, e talvez por isso tenha vindo à mente de Frodo exatamente naquele momento. Aqui está a canção completa.

Hoje em dia, geralmente apenas algumas palavras dela são lembradas.
Existe um lugar, alegre e antigo, ao pé da colina rara;
Lá tem cerveja tão escura
Que o Homem da Lua veio à procura uma noite e encheu a cara.
O dono tem um gato alcoólatra que sabe tocar violino;
Sobe e desce o arco suave,
Em cima agudo, embaixo grave, no meio serrote fino.
O dono tem um vira-lata que adora ouvir piadas;
Quando o povo está animado, Empina a orelha concentrado
e ria bandeiras despregadas.
Tem também vaca chifruda orgulhosa como rainha;
Ela gosta de música à beça,
Rebola o rabo e arremessa dançando solta sozinha.
Ai! os lindos pratos de prata
e os talheres em quantidade!
Há aos domingos um par convidado,
E tudo é polido e cuidado ao sábado pela tarde.
O Homem da Lua vai bebendo, o gato toca com bossa;
Prato e garfo dançam na hora, Rebola a vaca lá,fora,
e o vira-lata o rabo coça.
O Homem da Lua pede mais uma, sob a mesa depois cai;
Dorme e sonha com mais cerveja,
Vai-se a noite benfazeja e a aurora chegando vai.
Diz o dono ao gato alto.-
-Os cavalos brancos da Lua Rinchando mordem o freio;
Mas seu dono dorme feio
e o sol já se insinua.
O gato então de novo ataca
num som de acordar finado:
Vai serrando enquanto pode o dono o Homem sacode:
- São mais de três - diz o coitado.
Homem levam para a colina
e o enrolam na própria Lua,
Os cavalos atrás galopando, Qual veado a vaca saltando,
e um prato pula pra rua.
Mais depressa toca o violino; o vira-lata põe-se a ladrar,
Cavalo e vaca de bananeira;

Querer dormir é brincadeira: todos voltam a dançar.
Pingue! Pongue! As cordas se partem!
A vaca pula pra Lua, O vira-lata põe-se a rir,
Um prato ameaça fugir com colher que não é sua.
A Lua redonda foi embora,
e o sol que agora vai surgir
Não acredita no que vê,
Porque, apesar do amanhecer,
agora todos vão dormir.

Houve um aplauso longo e alto. Frodo tinha uma boa voz, e a canção tinha provocado a imaginação deles. - Onde está o velho Cevado? - gritavam eles. - Ele tem de ouvir esta. Bob tinha de ensinar o gato dele a tocar violino, e então teríamos um baile. - Pediram mais cerveja e começaram a gritar: - Cante de novo, senhor! Vamos! Mais uma vez!

Fizeram Frodo tomar mais uma caneca e começar a canção de novo, enquanto muitos o acompanhavam, pois a melodia era bem conhecida, e eles eram rápidos para pegar a letra. Agora era a vez de Frodo se sentir bem consigo mesmo. Fazia cabriolagens em cima da mesa, e no momento em que ia cantar a vaca pula pra Lua, deu um salto no ar. Vigoroso demais, pois ele caiu, bateu numa bandeja cheia de canecas, escorregou e rolou da mesa para cair no chão com um estrondo de pancada, talheres tinindo e depois o golpe de algo batendo no chão. A platéia toda abriu a boca preparando uma risada, mas ficou boquiaberta num silêncio atônito: o cantor desaparecera. Simplesmente desvanecera, como se tivesse escapado através do assoalho sem deixar buraco!

Os hobbits do lugar ficaram olhando assustados; depois puseram-se de pé e chamaram Carrapicho. Todo o grupo se afastou de Sam e Pippin, que se viram deixados de lado num canto, passando a ser observados com olhos sombrios e desconfiados, a certa distância. Agora ficava claro que muitas pessoas os consideravam como acompanhantes de um mágico itinerante, cujos poderes e propósitos não eram conhecidos.

Mas havia um habitante de Bri de pele escura, que ficou olhando para eles como quem sabia das coisas, e com um ar zombeteiro que os deixava pouco à vontade. Depois escapou pela porta, sendo seguido pelo sulista vesgo: os dois tinham estado cochichando juntos por um bom tempo durante a noite. Harry, o porteiro, também saiu logo após eles.

Frodo se sentiu um perfeito idiota. Não sabendo mais o que fazer, foi se arrastando por baixo das mesas até o canto escuro onde estava Passolargo que, sentado sem mover um dedo, não demonstrava o que pensava. Frodo se encostou na parede e tirou o Anel. Como tinha vindo parar em seu dedo, ele não sabia. Só podia supor que estivera mexendo no bolso enquanto cantava, e que de alguma forma o Anel escorregara em seu dedo, no momento em que tinha feito um movimento brusco para amortecer a queda.

Por um instante, chegou a se perguntar se o próprio Anel não lhe tinha pregado uma peça; talvez tivesse tentado se revelar em resposta a algum desejo ou ordem que foi sentida na sala. Frodo não tinha gostado da cara dos homens que tinham saído.

- Bem... - disse Passolargo, quando Frodo reapareceu. - Por que fez aquilo? Foi pior do que qualquer coisa que seus amigos pudessem dizer. Você atolou o pé na...Ou será que deveria dizer, atolou o dedo?

- Não sei o que quer dizer - disse Frodo, perturbado e alarmado.

- Ah, você sabe sim! - respondeu Passolargo. - Mas é melhor esperarmos até o tumulto acabar. Depois, por favor, Sr. Bolseiro, eu gostaria de trocar umas palavras com o senhor em particular.

- Sobre o quê? - perguntou Frodo, ignorando o uso repentino de seu nome.

- Um assunto de certa importância - para nós dois - respondeu Passolargo, olhando nos olhos de Frodo. - Você pode ouvir alguma coisa de seu interesse.

- Muito bem - disse Frodo, tentando parecer despreocupado. - Conversaremos mais tarde.

Enquanto isso, a discussão continuava ao lado da lareira. O Sr. Carrapicho tinha chegado pisando firme, e agora tentava escutar vários relatos dispares sobre o evento, tudo ao mesmo tempo.

- Eu o vi, Sr. Carrapicho - disse um hobbit -, ou pelo menos não o vi, se entende o que quero dizer. Ele simplesmente desapareceu no ar, por assim dizer.

- Não me diga, Sr. Artemisa - exclamou o proprietário, parecendo intrigado.

- Digo sim! - respondeu Artemisa. - E ainda por cima sei do que estou falando.

- Existe alguma coisa errada - disse Carrapicho, balançando a cabeça. - Aquele Monteiro era grande demais para se desfazer assim em puro ar, ou em ar impuro, como é mais provável aqui nesta sala.

- Bem, onde ele está agora? - gritaram várias vozes.

- Como é que posso saber? Ele pode ir para onde quiser, contanto que pague a conta amanhã cedo. Temos aí o Sr. Túk. Ele não desapareceu.

- Bem, eu vi o que vi, e vi o que não vi - disse Artemisa obstinadamente.

- E eu insisto que deve haver algo errado - repetiu Carrapicho, apanhando a bandeja e recolhendo os cacos.

- É claro que há algo errado! - disse Frodo. - Eu não desapareci. Aqui estou! Estava só trocando umas palavrinhas com o Sr. Passolargo aqui no canto.

Avançou até a luz da lareira, mas a maioria do grupo se afastou, ainda mais perturbada que antes. Não estavam nem um pouco satisfeitos com a explicação de que Frodo tinha se arrastado rapidamente sob as mesas depois de sua queda. A maioria dos hobbits e homens de Bri saiu dali ofendida, sem ânimo para mais divertimento naquela noite. Um ou dois deles olharam feio para Frodo e foram embora resmungando entre si. Os anões e os dois ou três homens estranhos que ainda permaneciam se levantaram e disseram boa noite ao proprietário, mas não a Frodo e seus amigos. Logo todo mundo tinha saído, com a exceção de Passolargo, que continuava sentado, despercebido, perto da parede.

O Sr. Carrapicho não parecia muito desconcertado. Achava, provavelmente, que seu estabelecimento ficaria cheio de novo nas próximas noites, até que o mistério atual tivesse sido completamente debatido. - Agora, o que andou fazendo, Sr. Monteiro? - perguntou ele. - Amedrontando meus clientes e quebrando minhas canecas com suas acrobacias?

- Sinto muito por ter causado problemas - disse Frodo. - Não tive a intenção, pode ter certeza. Foi um terrível acidente.

- Está bem, Sr. Monteiro! Mas se o senhor for fazer mais alguma acrobacia, ou feitiçaria, ou o que quer que seja, é melhor que avise as pessoas com antecedência - e me avise. O pessoal daqui é meio desconfiado de qualquer coisa que não seja normal - esquisita, se o senhor me entende, e nós não nos acostumamos de uma hora para outra.

- Não farei mais nada assim de novo, Sr. Carrapicho, eu lhe prometo. E agora acho que vou dormir. Amanhã devemos acordar cedo. Será que pode providenciar para que nossos pôneis estejam prontos por volta das oito horas?

- Muito bem, mas antes que parta, Sr. Monteiro, eu gostaria de trocar uma palavra com o senhor em particular. Uma coisa acabou de voltar à minha memória, e eu preciso lhe contar. Espero que não leve a mal. Preciso cuidar de umas coisas, e depois vou até o

seu quarto, se o senhor permitir.

- Certamente! - disse Frodo, mas seu coração ficou gelado. Perguntava-se quantas conversas em particular teria ante s de dormir, e o que elas revelariam. Estariam todas aquelas pessoas unidas contra ele? Frodo começou até a desconfiar que o rosto gordo de Carrapicho escondia desígnios obscuros.

CAPÍTULO X
PASSOLARGO

Frodo, Sam e Pippin voltaram para a pequena sala. Estava tudo escuro.

Merry ainda não tinha chegado e o fogo já quase se extinguira. Foi só quando reavivaram as brasas e jogaram mais gravetos na lareira que descobriram que Passolargo os tinha acompanhado. Ali estava ele, calmamente sentado numa poltrona perto da porta.

- Olá! - disse Pippin. - Quem é o senhor, e o que deseja?

- Chamam-me Passolargo - respondeu ele. - E embora possa ter esquecido, seu amigo prometeu conversar comigo em particular.

- O senhor disse que poderia me dizer algo do meu interesse - disse Frodo. -
O que é?

- Várias coisas - respondeu Passolargo. - Mas, é claro, tenho meu preço.

- Que quer dizer? - perguntou Frodo secamente.

- Não se assuste! E só isto: Direi o que sei, e darei bons conselhos ao senhor - mas vou querer uma recompensa.

- E qual será ela?, eu pergunto - disse Frodo. Suspeitava agora que tinha caído nas mãos de um chantagista, e lembrava com certo desconforto que tinha trazido apenas uma pequena quantia em dinheiro. Tudo o que tinha mal satisfaria um patife daqueles, e ao mesmo tempo não era dinheiro que pudesse jogar fora.

- Nada que não esteja ao seu alcance - respondeu Passolargo com um sorriso lento, como se adivinhasse o pensamento de Frodo. - Apenas isto: deve me levar junto com o senhor, até que eu queira abandoná-lo.

- Ah, é?! - retorquiu Frodo surpreso, mas não muito aliviado. - Mesmo que precisasse de mais um companheiro, eu não concordaria com uma coisa dessas, não antes de saber mais sobre o senhor e suas atividades.

- Excelente! - exclamou Passolargo, cruzando as pernas e se recostando na cadeira.

- Parece que o senhor está voltando ao normal de novo, e isso é ótimo. Até agora foi descuidado demais. Muito bem! Direi o que sei, e deixarei a recompensa por sua conta. Ficará feliz em garanti-la, depois de me ouvir.

- Então prossiga! - disse Frodo. - O que o senhor sabe?

- Muito; muitas coisas obscuras - disse Passolargo com uma voz triste. - Mas em relação ao seu negócio... - ele se levantou e dirigiu-se até a porta, abrindo-a e olhando para fora rapidamente. Depois fechou-a sem fazer ruído e sentou-se de novo. - Tenho ouvidos atentos - continuou ele, abaixando a voz. - E, embora eu não possa desaparecer, já cacei muitas coisas ferozes e espertas, e geralmente posso evitar que me vejam, se desejar. Agora, eu estava atrás da cerca-viva esta noite, na Estrada a oeste de Bri, quando quatro hobbits apareceram, vindo da região das colinas. Não preciso repetir tudo o que disseram ao velho Tom Bombadil, ou o que conversaram entre si, mas uma coisa me

interessou. Por favor. Lembrem-se, disse um deles, de que o nome Bolseiro não deve ser mencionado. Sou o Sr. Monteiro. Se for preciso dar algum nome. Isso me interessou tanto que eu os segui até aqui. Pulei o portão logo atrás deles. Talvez o Sr. Bolseiro tenha um motivo honesto que o faça deixar para trás o próprio nome; mas se for assim, devo pedir que ele e seus amigos sejam mais cautelosos.

- Não vejo por que meu nome possa despertar interesse em Bri - disse Frodo furioso. - E ainda preciso saber o motivo do seu interesse. O Sr. Passolargo pode ter um motivo honesto para ficar espionando; mas se for assim, devo pedir que se explique.

- Boa resposta - disse Passolargo rindo. - Mas a explicação é simples: eu estava procurando um hobbit chamado Frodo Bolseiro. Queria encontrá-lo rápido. Sabia que ele estava levando do Condado, bem, um segredo que interessa a mim e a meus amigos.

- Agora, não me leve a mal! - gritou ele, logo que Frodo levantou-se da poltrona e Sam ficou em pé com esgares no rosto. - Cuidarei melhor do segredo do que vocês. E é preciso muita cautela! - Inclinou-se para frente e olhou nos olhos dos hobbits. - Vigiem cada sombra! - disse ele em voz baixa. - Cavaleiros Negros passaram por Bri. Na segunda-feira, um desceu pelo Caminho Verde, pelo que dizem; e um outro apareceu mais tarde, subindo o Caminho Verde vindo do Sul.

Fez-se silêncio. Finalmente Frodo falou para Pippin e Sam: - Deveria ter adivinhado pelo jeito com que o porteiro nos cumprimentou - disse ele.

- E o proprietário da estalagem parece ter ouvido alguma coisa. Por que fez pressão para que nos juntássemos ao grupo? E por que raios nos comportamos como perfeitos idiotas? Deveríamos ter ficado aqui, quietos.

- Teria sido melhor - disse Passolargo. - Eu teria evitado que tivessem ido para a sala de estar, se pudesse; mas o estalajadeiro não permitiu que eu os encontrasse, e se recusou a dar qualquer recado.

- Você acha que ele... - começou Frodo.

- Não, não acho que o velho Carrapicho tenha más intenções. É só que ele não gosta nem um pouco de vagabundos misteriosos como eu. - Frodo olhou para ele intrigado.

- Bem, tenho aparência de patife, não tenho? Disse Passolargo, crispando o lábio e com um brilho estranho nos olhos. Mas espero que possamos nos conhecer melhor. Quando isso acontecer, quero que me explique o que aconteceu no final da sua canção, pois aquela pequena travessura...

- Foi puro acidente! - interrompeu Frodo.

- Imagino - disse Passolargo. - Acidente, então! Aquele acidente o colocou numa situação perigosa.

- Não muito mais perigosa do que já era - disse Frodo. - Eu sabia que esses cavaleiros estavam me perseguindo; mas agora, de qualquer forma, parece que perderam meu rastro e foram embora.

- Não deve contar com isso! - disse Passolargo categoricamente. Eles voltarão. E mais estão a caminho. Há outros. Sei quantos são. Conheço esses Cavaleiros. - Parou, e seus olhos ficaram frios e duros. - E há algumas pessoas em Bri que não merecem confiança - continuou ele. Bill Samambaia, por exemplo. Ele tem o nome sujo na região de Bri, e pessoas estranhas o visitam. Devem tê-lo notado em meio ao grupo: um sujeito moreno e sarcástico. Estava bastante íntimo de um dos estranhos do Sul, e eles se esgueiraram para fora logo depois do seu “acidente”. Nem todos esses sulistas têm boas intenções; e quanto a Bill Samambaia, este venderia qualquer coisa a qualquer pessoa; e seria capaz de fazer maldades só par a se divertir.

- O que Samambaia vai vender, e o que o meu acidente tem a ver com ele? -

perguntou Frodo, ainda determinado a não entender as alusões de Passolargo.

- Informações sobre você, é claro - respondeu Passolargo. - Um relatório da sua façanha seria de grande interesse para certas pessoas. Depois disso nem precisariam saber seu nome verdadeiro. Parece-me muito provável que saberão de tudo antes do fim da noite. Já é o bastante? Pode fazer o que bem entender a respeito da minha recompensa: levar-me como guia ou não. Mas devo dizer que conheço todas as terras entre o Condado e as Montanhas Sombrias, pois andei por elas durante muitos anos. Sou mais velho do que pareço. Posso ser útil. Terão que abandonar a estrada aberta depois do que aconteceu esta noite; os cavaleiros estarão vigiando noite e dia. Vocês podem escapar de Bri, e conseguir avançar enquanto o sol estiver alto, mas não vão chegar muito longe. Eles vão alcançá-los num local deserto, em algum lugar escuro onde não possam conseguir socorro. Querem que os encontrem? Eles são terríveis!

Os hobbits o olhavam, e viam surpresos que seu rosto estava contorcido, como se estivesse sentindo dores, e as mãos agarravam os braços da poltrona. A sala estava muito quieta e a luz parecia ter diminuído. Por um tempo, Passolargo ficou parado, com os olhos distantes, como se vagasse em lembranças longínquas, ou escutasse ruídos da noite ao longe.

- É isso! - exclamou ele depois de uns momentos, passando a mão sobre a testa. - Talvez eu saiba mais do que vocês sobre esses perseguidores. Vocês os temem, mas não os temem o suficiente, ainda. Amanhã terão que escapar, se puderem. Passolargo pode levar vocês por caminhos que raramente são usados. Vão deixar que os acompanhe?

Houve um silêncio pesado. Frodo não respondeu; tinha a mente confusa, com medo e dúvidas. Sam franziu a testa, olhou para seu mestre e finalmente falou:

- Com sua permissão, Sr. Frodo, eu diria não! Esse Passolargo, ele nos previne e recomenda cuidado, e com isso concordo e digo sim; podemos começar por ele. Ele vem de lugares ermos, e nunca ouvi falar bem de pessoas desse tipo. Ele sabe alguma coisa, isto é óbvio, e sabe mais do que eu gostaria; mas isso não é motivo para permitirmos que nos conduza a algum lugar sombrio, onde não haverá socorro, como diz.

Pippin se agitava e parecia inquieto. Passolargo não respondeu a Sam, mas dirigiu o olhar penetrante para Frodo, que desviou os olhos. - Não disse ele devagar. - Não concordo. Eu acho, eu acho que você não é exatamente o que deseja aparentar. Começou falando comigo como se fosse um habitante de Bri, mas sua voz mudou. Sam parece estar certo nesse ponto: não vejo por que deva nos prevenir para que tenhamos cuidado, e mesmo assim pedir que o levemos, sem garantia nenhuma. Por que o disfarce? Quem é você? O que realmente sabe sobre - sobre meus negócios, e como ficou sabendo?

- A lição de cautela foi bem aprendida - disse Passolargo, com um sorriso austero. - Mas ter cautela é uma coisa e vacilar é outra. Nunca chegarão a Valfenda, sozinhos, e a única chance que têm é confiar em mim. Devem se decidir. Responderei algumas de suas perguntas, se isso ajudar na decisão. Mas por que acreditariam em minha história, se ainda não confiam em mim? Mesmo assim, vou lhes contar..

Naquele momento ouviu-se uma batida na porta. O Sr. Carrapicho tinha chegado com velas, e atrás vinha Nob com canecas de água quente.

Passolargo se retirou para um canto.

- Vim desejar-lhes boa noite - disse o estalajadeiro, colocando as velas nas mesas. - Nob, leve a água para os quartos! - Carrapicho entrou e fechou a porta.

- É o seguinte - começou ele, hesitando e com uma aparência preocupada. - Se lhes causei algum dano, sinto muito. Mas uma coisa vai embora com outra, como devem admitir, e sou um homem ocupado. Mas primeiro uma coisa, e depois outra nesta semana sacudiram minha memória, como se diz por aí; e espero que não seja tarde demais. Vejam

vocês, alguém me pediu que eu ficasse de olho nuns hobbits do Condado, especialmente um de nome Bolseiro.

- E o que isso tem a ver comigo? - perguntou Frodo. - Não

- Ah, sabe melhor do que eu! - disse o proprietário com astúcia. Vou dar com a língua nos dentes, mas me disseram que esse tal de Bolseiro usaria o nome de Monteiro, e me deram uma descrição que se encaixa multo bem com o senhor, se me permite dizer.

- É mesmo? Então quero ouvi-la! - disse Frodo, interrompendo de modo insensato.

- Um sujeitinho troncudo com bochechas vermelhas - disse o Sr. Carrapicho solenemente. Pippin mal segurava a risada, mas Sam parecia indignado. - Essa descrição não vai ajudar muito, pois corresponde à maioria dos hobbits, Cevado, diz ele para mim - continuou o Sr. Carrapicho, olhando para Pippin. - Mas esse é mais alto
que alguns e mais claro que a maioria, e tem uma covinha no queixo: um camarada empertigado com olhos brilhantes. Peço desculpas, mas quem disse foi ele, não eu.

- Ele disse? E quem é ele? - perguntou Frodo ansioso.

- Ah, foi Gandalf, se sabe de quem estou falando. Dizem que é um mago, mas é um grande amigo meu, mago ou não mago. Mas agora já não sei o que ele vai ter para me dizer, se nos encontrarmos de novo: azedar toda a minha cerveja ou me transformar num toco de madeira, eu acho. Ele é um pouco precipitado. Mesmo assim, o que está feito está feito.

- Bem, o que o senhor fez? - disse Frodo, já ficando impaciente com a lenta elucidação dos pensamentos de Carrapicho.

- Onde eu estava? - disse o proprietário, parando e estalando os dedos. - Ah, sim! O velho Gandalf Há três meses ele entrou direto no meu quarto sem bater. Cevado, diz ele, vou partir pela manhã. Você poderia fazer -me um favor? É só pedir, disse eu. Estou compressa, disse ele, e não tenho tempo, mas quero que um recado seja levado até o Condado. Você tem alguém que Pudesse enviar alguém de confiança? Posso encontrar alguém, disse eu. Amanhã, talvez, ou depois de amanhã. Faça isso amanhã, disse ele, e então me deu uma carta.

- O endereço está bem legível - disse o Sr. Carrapicho, tirando uma carta do bolso, e lendo o endereço lenta e orgulhosamente (dava valor à sua reputação de homem letrado):

Sr. FRODO BOLSEIRO, BOLSÃO, VILA DOS HOBBITS, no CONDADO.

- Uma carta de Gandalf. Para mim! - gritou Frodo.

- Ah! - disse o Sr. Carrapicho. - Então seu nome correto é Bolseiro?

- É - disse Frodo - e é melhor o senhor entregá-la imediatamente, e explicar por que nunca a enviou. Acho que é isso que veio me dizer, suponho, embora tenha demorado tanto para chegar ao ponto.

O pobre Sr. Carrapicho parecia embaraçado. - Está certo, senhor - disse ele. - E peço desculpas. Tenho um medo mortal do que Gandalf vai dizer, se meu esquecimento causou algum mal. Mas eu não a segurei comigo de propósito. Guardei -a a salvo. Depois não consegui encontrar ninguém disposto a ir até o Condado no dia seguinte, nem no outro dia, e não podia dispensar nenhum dos meus empregados; e então uma coisa atrás da outra afastaram a carta da minha cabeça. Sou um homem ocupado. Vou fazer o que for possível para ajeitar as coisas; se houver algo a meu alcance, é só dizer.

- Deixando a carta de lado, não prometi menos a Gandalf. Cevado, diz ele para mim, esse meu amigo do Condado, ele pode passar por aqui logo, junto com um outro. Virá dizendo que seu nome é Monteiro. Não se esqueça disso! Mas você não precisa

perguntar nada. E se eu não estiver com ele, pode ser que ele esteja em apuros, e precisando de ajuda. Faça por ele o que puder, e eu ficarei grato, diz ele. E aqui está o senhor, e o apuro parece que não está muito longe.

- Que quer dizer? - perguntou Frodo.

- Esses homens negros - disse o proprietário abaixando a voz. - Estão procurando Bolseiro, e se as intenções deles são boas, então sou um hobbit. Foi na segunda-feira, todos os cachorros estavam uivando e os gansos, berrando. Achei estranho. Nob veio e me disse que dois homens negros estavam na porta perguntando por um hobbit chamado Bolseiro. O cabelo de Nob estava em pé. E aquele Guardião, Passolargo, também andou fazendo perguntas. Tentou entrar aqui para vê -lo, antes mesmo que comessem qualquer coisa.

- Fez isso mesmo - disse Passolargo de repente, dando uns passos à frente e aparecendo na luz. - E muitos problemas teriam sido evitados se tivesse permitido sua entrada, Carrapicho.

O estalajadeiro pulou surpreso, - Você! - gritou ele. - Você está sempre aparecendo de repente. O que quer agora?

- Ele está aqui com a minha permissão - disse Frodo. - Veio para oferecer ajuda.

- Bem, talvez o senhor saiba o que está fazendo - disse o Sr, Carrapicho, olhando desconfiado para Passolargo. - Mas se estivesse na sua pele, não me envolveria com um Guardião.

- Então, ia se envolver com quem? - perguntou Passolargo. - Com um estalajadeiro gordo que só lembra o próprio nome porque as pessoas o gritam o dia todo? Eles não podem ficar no Pônei para sempre. Você iria com eles, evitando os homens negros?

- Eu? Deixar Bri? Não faria isso por dinheiro algum - disse o Sr. Carrapicho, parecendo realmente amedrontado. - Por que o senhor não pode ficar aqui quietinho por uns tempos, Sr. Monteiro? Que coisas estranhas são estas que estão acontecendo? O que esses homens negros querem, e de onde vêm? Gostaria de saber.

- Sinto muito, mas não posso explicar tudo - respondeu Frodo. - Estou cansado e muito preocupado, E é uma longa história. Mas se quer me ajudar, devo avisá-lo que estará correndo perigo enquanto eu estiver hospedado em sua casa. Esses Cavaleiros Negros: não tenho certeza, mas receio que venham de...

- Eles vêm de Mordor - disse Passolargo em voz baixa. - De Mordor, Carrapicho, se isto quer dizer alguma coisa para você.

- Socorro! - gritou o Sr. Carrapicho, ficando pálido. Evidentemente, conhecia o nome. - Esta é a pior notícia que já chegou a Bri desde que me conheço por gente.

- É - disse Frodo. - O senhor ainda está disposto a me ajudar?

- Estou - disse o Sr. Carrapicho. - Mais que nunca. Embora não saiba o que uma pessoa como eu possa fazer contra, contra... - sua voz falhou.

- Contra a sombra do Leste - disse Passolargo baixinho. - Você não pode muito, Carrapicho, mas uma coisa pequena já é de grande ajuda. Você pode permitir que o Sr. Monteiro fique aqui esta noite, sob esse nome, e pode esquecer o nome Bolseiro até que ele esteja bem longe.

- Farei isso - disse Carrapicho. - Mas eles não vão precisar da minha ajuda para descobrir que ele está aqui. É uma pena que o Sr. Bolseiro tenha atraído a atenção das pessoas esta noite, para não dizer mais nada. A história sobre a partida daquele Sr. Bilbo já tinha sido comentada esta noite em Bri. Até mesmo o nosso Nob ficou fazendo suposições naquele cérebro lento; e outras pessoas em Bri demoram menos para compreender as coisas.

- Bem, só podemos esperar que os Cavaleiros não voltem tão cedo disse Frodo.

- Espero mesmo que não - disse Carrapicho. - Mas sejam eles assombrações ou não, não vão entrar no Pônei tão facilmente. Não se preocupem até amanhã cedo. Nob não vai dizer nada. Os homens pretos só vão entrar aqui por cima de meu cadáver. Eu e meu pessoal vamos montar guarda esta noite; mas é melhor que vocês durmam, se conseguirem.

- De qualquer modo, deve nos chamar ao amanhecer - disse Frodo. Devemos partir o mais cedo possível. Sirva o desjejum às seis e meia, por favor.

- Certo! Cuidarei de tudo - disse o proprietário. - Boa noite, Sr. Bolseiro - deveria dizer, Monteiro. Boa noite agora! Onde está o Sr. Brandebuque?

- Não sei - disse Frodo numa ansiedade repentina. Tinham esquecido Merry, e estava ficando tarde. - Receio que esteja lá fora. Ele tinha dito algo sobre sair para tomar ar.

- Bem, não há dúvida de que precisam que cuidemos de vocês: seu grupo se comporta como se estivesse de férias! - disse Carrapicho. - Preciso ir e trancar as portas rápido, mas cuidarei para que seu amigo consiga entrar quando voltar. É melhor mandar Nob procurá-lo. Boa noite para todos!

- Finalmente o Sr. Carrapicho saiu, não sem antes lançar outro olhar desconfiado para Passolargo, balançando a cabeça. Seus passos se retiraram pelo corredor.

- E então? - disse Passolargo. - Quando é que vai abrir essa carta? Frodo olhou cuidadosamente o lacre antes de rompê-lo. Certamente, a carta parecia ser de Gandalf Dentro vinha a seguinte mensagem, na sua letra forte, mas elegante:

PÔNEI SALTITANTE, Bri. Dia do Meio do Ano, Ano do Condado 1418.

Caro Frodo

Recebi uma notícia ruim aqui, e preciso partir imediatamente. É melhor que deixe Bolsão logo, e saia do Condado o mais tardar antes do final de julho. Voltarei logo que puder e seguirei você, se souber que já partiu. Deixe um recado para mim aqui, se passar por Bri. Pode confiar no estalajadeiro (Carrapicho). Você pode encontrar um amigo meu na Estrada: um homem, esbelto, moreno, alto, que alguns chamam de Passolargo. Ele está por dentro de nossos assuntos e ajudará você. Vá para Valfenda. Lá espero encontrar você de novo. Se eu não for para lá, Elrond poderá aconselhá-lo.

Um abraço apressado,

GANDALF.

PS. Não o use novamente, por motivo nenhum! Não viaje à noite!

PPS. Certifique-se de que se trata do verdadeiro Passolargo. Há muitos homens estranhos na estrada. Seu nome verdadeiro é Aragorn.

Nem tudo que é ouro fulgura,
Nem todo o vagante é vadio;
O velho que é forte perdura,
Raiz funda não sofre o frio.
Das cinzas um figo há de vir.
Das sombras a luz vai jorrar;
A espada há de nova, luzir,
O sem-corôa há de reinar

PPPS. Espero que Carrapicho envie esta logo. Ele é um homem confiável, mas tem uma memória que parece um quarto de despejo: nunca encontramos o que precisamos. Se ele esquecer, vou fazer churrasquinho dele.

Até a vista!

Frodo leu a carta e depois passou-a para Pippin e Sam. - Realmente, o velho Carrapicho fez uma grande confusão! - disse ele. - Merece virar churrasquinho. Se eu tivesse recebido a carta imediatamente, já poderíamos estar a salvo em Valfenda agora. Mas o que pode ter acontecido a Gandalf? Ele escreve como se estivesse indo na direção de um grande perigo.

- Há muitos anos que ele faz isso - disse Passolargo.

Frodo se virou e olhou para ele pensativamente, lembrando-se do segundo P.S. de Gandalf - Por que não me disse logo que era amigo de Gandalf - perguntou ele. - Teríamos economizado tempo.

- Será mesmo? Será que vocês teriam acreditado em mim antes deste momento? - disse Passolargo. - Eu não sabia nada a respeito dessa carta. Tudo o que sabia era que teria de persuadi-los a confiar em mim sem nenhuma prova, se quisesse ajudá-los, De qualquer modo, eu não pretendia contar tudo sobre mim de uma só vez, tinha que observar vocês primeiro, e ter certeza de que realmente se tratava de vocês. O Inimigo já preparou armadilhas para mim antes. Logo que tomei uma decisão, estava disposto a contar-lhes tudo o que quisessem saber. Mas devo admitir... - acrescentou ele com um sorriso estranho. - Esperava que gostassem de mim por mim mesmo. Um homem procurado às vezes se cansa da desconfiança e deseja amizade, Mas, nesse ponto, acredito que minha aparência não ajude em nada.

- Não ajuda mesmo - pelo menos à primeira vista - riu Pippin com um alívio repentino, após ter lido a carta de Gandalf - Mas beleza não põe mesa, como se diz no Condado; além disso, arrisco dizer que vamos ficar bem parecidos com você depois de passarmos dias deitados em cercas-vivas e valas.

- Seriam necessários mais que alguns dias, ou semanas ou anos, vagando pelas Terras Ermas, para que vocês ficassem parecidos com Passolargo - respondeu ele. - E morreriam primeiro, a não ser que sejam feitos de uma matéria mais resistente do que aparentam.

Pippin ficou quieto, mas Sam não se intimidara e ainda olhava Passolargo com desconfiança. - Como podemos saber que você é o Passolargo de que Gandalf fala? - perguntou ele. - Você nunca mencionou Gandalf, até essa carta aparecer. Deve ser um espião nos enganando, pelo que vejo, tentando nos convencer a ir com você. Você deve ter matado o verdadeiro Passolargo e tomado as roupas dele. Que tem a dizer sobre isso?

- Que você é um sujeito corajoso - respondeu Passolargo. - Mas receio que minha única resposta para você, Sam Gamgi, seja esta: Se eu tivesse matado o verdadeiro Passolargo, poderia matar vocês. E já teria matado vocês, sem tanto lero-lero. Se eu estivesse atrás do Anel, já poderia estar de posse dele - AGORA!

Ficou de pé, e de repente pareceu mais alto. Brilhava em seus olhos uma luz, aguda e imperiosa. Jogando para trás a capa, colocou a mão no cabo de uma espada que estava escondida, pendurada ao longo de seu corpo. Eles não ousaram se mexer. Sam ficou

parado, de boca aberta, olhando para ele com ar abobalhado.

- Mas eu sou o verdadeiro Passolargo, felizmente - disse ele, olhando para baixo na direção deles, suavizando a expressão de seu rosto com um sorriso repentino.

- Sou Aragorn, filho de Arathorn, e se em nome da vida ou da morte puder salvá-los, assim o farei.

Houve um longo silêncio. Finalmente Frodo falou, hesitando.

- Acreditei que era amigo antes de a carta chegar - disse ele - ou pelo menos desejei acreditar. Você me assustou várias vezes esta noite, mas nunca da maneira que os servidores do Inimigo teriam feito, ou pelo menos assim imagino. Acho que um dos espiões dele teria - bem - uma aparência melhor e causaria uma sensação pior, se é que me entende.

- Entendo - riu Passolargo. - Tenho uma aparência feia e causo uma sensação boa, não é isso? Nem tudo o que é ouro fulgura, nem todo o vagante é vadio.

- Então os versos se aplicavam a você? - perguntou Frodo. - Eu não estava entendendo o que queriam dizer. Mas como sabia que estava escrito isso na carta de Gandalf?

- Eu não sabia - respondeu ele. - Mas sou Aragorn, filho de Arathorn, e esses versos acompanham meu nome. - Retirou sua espada da bainha, e todos viram que a lâmina estava de fato quebrada, trinta centímetros abaixo do cabo. - Não tem muita utilidade, não é Sam? - disse Passolargo. Mas em breve ela será novamente forjada, e há de novo, luzir.

Sam não dizia nada.

- Bem - disse Passolargo - com a permissão de Sam, está tudo combinado. Passolargo será o seu guia. Pegaremos uma estrada difícil amanhã. Mesmo que consigamos deixar Bri sem dificuldades, não é de esperar que possamos sair sem sermos notados. Mas tentarei fazer com que nos percam de vista o m ais cedo possível. Conheço um ou dois caminhos que saem desta região sem passar pela estrada principal. Assim que dispersarmos os perseguidores, iremos em direção ao Topo do Vento.

- Topo do Vento? - disse Sam. - O que é isso?

- É uma colina, ao norte da Estrada, mais ou menos a meio caminho entre Valfenda e Bri. De lá se pode ter uma boa vista de toda a região, e teremos uma chance de olhar à nossa volta. Gandalf vai naquela direção, se for atrás de nós. Depois do Topo do Vento, nossa viagem vai ficar mais difícil, e teremos de escolher, entre vários perigos, quais iremos enfrentar.

- Quando viu Gandalf pela última vez? - perguntou Frodo. - Sabe onde ele está ou o que está fazendo?

Passolargo ficou com a expressão séria. - Eu não sei - disse ele. - Vim com ele para o Oeste na primavera. Freqüentemente eu ficava vigiando os limites do Condado nesses últimos anos, quando ele estava ocupado em algum outro lugar. Raramente ele permitia que o Condado ficasse sem proteção. Vimo-nos pela última vez em primeiro de maio: no Vau Sarn, no Brandevin. Ele me disse que os negócios com você tinham corrido bem, e que você estaria partindo para Valfenda na primeira semana de setembro. Como sabia que ele estava ao seu lado, fiz uma viagem por conta própria. E a coisa não saiu bem; não há dúvida de que ele recebeu alguma notícia, e eu não estava perto para ajudá-lo.

- Estou preocupado pela primeira vez desde que o conheci. Deveríamos ter recebido recados, mesmo que ele não pudesse vir em pessoa. Quando voltei, muitos dias atrás, escutei a notícia ruim. Fiquei sabendo que Gandalf tinha sumido, e que os cavaleiros tinham sido vistos. Foi o povo élfico de Gilldor que me contou; e mais tarde me disseram que você tinha deixado sua casa, mas não soube de notícia alguma sobre sua

partida da Terra dos Buques. Estive de olho na Estrada Leste, ansioso.

- Você acha que os Cavaleiros Negros têm algo a ver com isso - quero dizer, com o desaparecimento de Gandalf - perguntou Frodo.

- Não sei de mais nada que possa tê-lo atrasado, exceto o próprio inimigo - disse Passolargo. - Mas não perca as esperanças! Gandalf é maior do que vocês, pessoas do Condado, imaginam - geralmente, conseguem enxergar apenas as piadas e os brinquedos dele. Mas esse nosso negócio será sua maior tarefa.

Pippin bocejou. - Sinto muito - disse ele. - Mas estou morto de cansaço. Apesar de todo perigo e preocupação, preciso ir para a cama, ou vou dormir sentado aqui mesmo. Cadê aquele tolo do Merry? Seria a gota d'água, se tivéssemos de sair no escuro para procurá-lo.

Naquele momento, escutaram uma porta bater; depois, passos vieram correndo ao longo do corredor. Merry entrou como um raio, seguido de Nob.

Fechou a porta num segundo e depois se encostou nela. Estava sem fôlego. Todos olharam-no alarmados por um momento; depois ele disse, ofegante: - Eu os vi, Frodo! Eu os vi! Os Cavaleiros Negros!

- Os Cavaleiros Negros? Onde?

- Aqui, na aldeia. Fiquei aqui dentro por uma hora. Então, como vocês não voltavam, saí para dar um passeio. Tinha acabado de voltar e estava parado fora do alcance da luz da lamparina, para ver as estrelas. De repente, comecei a tremer e senti que alguma coisa horrível se aproximava sorrateiramente: havia um tipo de sombra mais profunda entre as sombras na estrada, bem atrás da área iluminada pela lamparina. Essa sombra sumiu na escuridão imediatamente, sem fazer um ruído. Não vi cavalos.

- Para que lado essa coisa foi? - perguntou Passolargo, repentina e abruptamente.
Merry se assustou, ao notar o estranho pela prime ira vez. - Continue - disse Frodo. - Este é um amigo de Gandalf. Depois eu explico.

- Parece que ela subiu a Estrada, em direção ao leste - continuou Merry.

- Tentei ir atrás. Mas é claro que desapareceu quase imediatamente; mesmo assim, contornei a esquina e continuei até a última casa da Estrada.

Passolargo olhou para Merry admirado. - Você tem um coração valente - disse ele. - Mas foi tolice sua!

- Eu não sei - disse Merry. - Não foi coragem nem tolice, eu acho. Mal pude me controlar. Parecia que eu estava sendo arrastado para algum lugar. De qualquer modo fui, e de repente ouvi vozes perto da cerca-viva. Uma delas murmurava; a outra cochichava, ou chiava. Não pude entender nada do que falaram. Não me aproximei mais, porque meu corpo inteiro começou a tremer. Então fiquei apavorado, e voltei, e já ia fugir para casa quando alguma coisa veio atrás de mim e eu...eu caí.

- Eu o encontrei, senhor - acrescentou Nob. - O Sr. Carrapicho me mandou com uma lanterna. Desci até o Portal Oeste, e depois subi de novo até o Portal Sul. Bem na altura da casa de Bill Samambaia, tive a impressão de ver alguma coisa na Estrada. Não poderia jurar, mas me pareceu que dois homens estavam se agachando sobre alguma coisa, para levantá-la. Dei um grito, mas quando cheguei ao lugar, não vi sinal deles; vi apenas o Sr. Brandebuque, deitado à margem da Estrada. Parecia estar dormindo. "Pensei que estivesse numa enrascada", disse-me ele, quando o sacudi. Estava muito esquisito, e assim que o despertei, ficou de pé e correu para cá como uma lebre.

- Receio que seja isso - disse Merry. - Mas não tenho idéia do que falei. Tive um sonho feio, do qual não me recordo. Fiquei em frangalhos. Não sei o que aconteceu comigo.

- Eu sei - disse Passolargo. - O Hálito Negro. Os Cavaleiros devem ter deixado os

cavalos do lado de fora, Passando pelo Portal Sul em segredo. Agora vão saber tudo o que aconteceu, pois visitaram Bill Samambaia; e provavelmente aquele sulista também era um espião. Pode ser que aconteça alguma coisa, antes que deixemos Bri.

- O que vai acontecer? - disse Merry. - Eles vão atacar a estalagem?

- Não, acho que não - disse Passolargo. - Ainda não estão todos aqui. E, de qualquer modo, não é assim que eles agem. Na solidão e no escuro são mais fortes; não vão abertamente atacar uma casa onde haja luzes e muitas pessoas - pelo menos até que estejam desesperados. Não enquanto tivermos todas as longas milhas até Eriador à nossa frente. Mas o poder deles está no terror, e alguns aqui em Bri já estão sob as suas garras. Eles vão obrigar esses infelizes a fazer algum serviço maldoso: Samambaia, alguns daqueles estranhos, e talvez o porteiro também. Eles trocaram palavras com Harry no Portal Oeste, n a segunda- feira. Eu estava vigiando. Harry estava pálido e tremia quando o deixaram.

- Parece que temos inimigos por todo lado - disse Frodo. - Que devemos fazer?

- Fiquem aqui, e não vão para seus quartos! É certeza que eles já sabem onde vocês devem dormir. Os quartos de hobbits têm janelas voltadas para o norte, e ficam junto ao solo. Vamos ficar todos juntos, e bloquear essa janela e a porta. Mas primeiro Nob e eu vamos trazer sua bagagem.

Enquanto Passolargo fazia isso, Frodo contou rapidamente a Merry tudo o que tinha acontecido desde a ceia. Merry ainda estava lendo a carta de Gandalf e pensando quando Passolargo e Nob voltaram.

- Bem, senhores - disse Nob. - Amassei os lençóis e coloquei uma almofada deitada em cada cama. E fiz uma bela imitação de sua cabeça com um tapete de lã marrom, Sr. Bol - Monteiro - acrescentou ele, sorrindo.

Pippin riu. - O disfarce parece perfeito! - disse ele. - Mas o que vai acontecer quando eles descobrirem tudo?

- Vamos ver - disse Passolargo. - Espero que consigamos defender nossa fortaleza até amanhã.

- Boa noite a todos - disse Nob, e saiu para fazer seu turno na guarda das portas. As mochilas e o resto da bagagem foram empilhados no chão da sala.

Empurraram uma poltrona baixa contra a porta e fecharam a janela.

Espiando lá fora, Frodo viu que a noite ainda estava clara. A Foice* pendia clara sobre as encostas da Colina de Bri. Então ele fechou e bloque ou as pesadas folhas interiores da janela, cerrando depois a cortina. Passolargo reavivou o fogo e apagou as velas.

Os hobbits deitaram em seus cobertores com os pés virados para a lareira; Passolargo se acomodou na poltrona em frente à porta. Conversaram um pouco, pois Merry tinha ainda muitas perguntas a fazer.

- A vaca pula pra Lua! - disse Merry sufocando a risada, e se enrolando no cobertor. - Isso foi ridículo, Frodo! Mas eu queria estar lá para ver. As pessoas ilustres de Bri ainda vão estar comentando isso daqui a cem anos.

- Espero que sim - disse Passolargo. Depois todos ficaram quietos, e os hobbits, um por um, adormeceram.

*Nota - Nome que os hobbits dão à Ursa maior.

CAPÍTULO XI
UMA FACA NO ESCURO

Enquanto na estalagem em Bri eles se preparavam para dormir, a escuridão cobria a Terra dos Buques; uma névoa se espalhava pelos vales estreitos e nas margens do rio. A casa em Cricôncavo permanecia em silêncio. Fatty Bolger abriu a porta com cuidado e espiou lá fora. Durante todo o d ia, um sentimento de pavor estivera crescendo dentro dele, o que o impedia de descansar ou dormir: havia uma ameaça crescente no ar parado da noite. Olhando através da escuridão, viu uma sombra negra se mover sob as árvores; teve a impressão de que o portão se abriu sozinho e se fechou de novo sem fazer barulho algum. Foi tomado de pânico. Recuou e por um momento ficou parado no salão, tremendo. Depois fechou e trancou a porta.

A noite ficou mais escura. Um ruído suave de cavalos furtivamente conduzidos vinha da alameda. Pararam do lado de fora do portão, e três figuras negras entraram, como sombras noturnas se arrastando pelo chão. Uma delas se dirigiu à porta, e as outras foram uma para cada canto da casa, ficando as três ali, paradas como sombras de pedras, enquanto a noite passava lentamente. A casa e as árvores quietas pareciam estar à espera, ansiosas.

As folhas se moviam muito levemente, e um galo cantou na distância. A hora fria que antecipa a aurora estava passando. A figura perto da porta se mexeu. Na escuridão sem lua ou estrela uma lâmina brilhou, como se uma luz gelada tivesse sido desembainhada. Houve uma batida, surda mas pesada, e a porta tremeu.

- Abra, em nome de Mordor! - disse uma voz aguda e ameaçadora. Ao segundo golpe, a porta cedeu, caindo para trás com os batentes destruídos e a fechadura quebrada.

As figuras negras entraram rápido.

Naquele exato momento, por entre as árvores na redondeza, uma corneta soou. Rasgou a noite como o fogo no topo de uma colina.

- ACORDEM! FACA! FOGO! FÚRIA! ACORDEM! Fatty Bolger não tinha ficado parado. Assim que viu as formas escuras saindo sorrateiras do jardim, percebeu que devia fugir correndo, ou então morreria. E de fato correu, saindo pela porta traseira, indo através do jardim e atravessando as plantações. Quando atingiu a casa mais próxima, a mais de uma milha, caiu na porta de entrada. - Não, não, não! - gritava ele. Não, eu não! Não está comigo! - Demorou um tempo até alguém entender o que ele estava balbuciando. Finalmente perceberam que havia inimigos na Terra dos Buques, alguma estranha invasão que vinha da Floresta Velha. E então não perderam tempo.

- FACA! FOGO! FÚRIA!

Os Brandebuques estavam soando o toque de corneta da Terra dos Buques, que não se ouvia havia mais de um século, desde a invasão dos lobos brancos durante o Inverno Mortal, quando o Brandevin ficou congelado.

- ACORDEM! ACORDEM!

Na distância, cornetas soavam em resposta. O alarme estava se espalhando.

As figuras negras fugiram da casa. Uma delas deixou cair uma capa de hobbit na escada, ao sair correndo. Na alameda, irrompeu o ruído de cascos, que se apressavam num galope, martelando o chão e se distanciando no escuro. Por toda a volta de Cricôncavo ouvia-se o ruído de cornetas tocando, e vozes gritando e pés correndo.

Mas os Cavaleiros Negros correram como o vento para o Portão Norte.

Podiam deixar os pequenos tocando as cornetas! Sauron cuidaria deles mais tarde. Por enquanto, tinham outra missão: sabiam que a casa estava vazia e o Anel tinha

desaparecido. Atropelaram os guardas do portão e desapareceram do Condado.

Pouco tempo depois de se deitar, Frodo despertou de um sono profundo, de repente, como se algum ruído ou presença o tivesse perturbado. Viu que Passolargo estava sentado, alerta, em sua cadeira: os olhos brilhavam à luz do fogo que, reavivado, queimava forte; mas ele não fez qualquer sinal ou movimento.

Frodo logo adormeceu de novo, mas seus sonhos foram mais uma vez perturbados pelo ruído de vento e de cascos que galopavam.

O vento parecia envolver a casa e sacudi -la; na distância ele ouviu uma corneta tocando freneticamente. Abriu os olhos, e ouviu um galo cantando alto no pátio da estalagem. Passolargo abrira a cortina e empurrara as folhas das janelas ruidosamente. A primeira luz do dia, cinzenta, penetrou na sala, e um ar frio entrou pela janela aberta.

Logo que Passolargo tinha acordado a todos, levou-os até seus quartos.

Quando os viram, sentiram-se felizes por terem seguido o conselho do Guardião: as janelas tinham sido forçadas, e as folhas abertas estavam batendo, as cortinas esvoaçavam; as camas tinham sido reviradas e as almofadas, rasgadas e jogadas no chão; o tapete marrom estava estraçalhado.

Passolargo foi imediatamente chamar o estalajadeiro. O pobre Sr. Carrapicho parecia estar sonolento e amedrontado. Mal tinha cerrado os olhos durante toda a noite (pelo menos assim afirmava), mas não ouvira barulho algum.

- Jamais uma coisa assim aconteceu na minha vida! - gritava ele, levantando as mãos horrorizado. - Hóspedes que não podem dormir em seus quartos, e boas almofadas completamente estragadas! Que tempos são estes?

- Tempos sombrios - disse Passolargo. - Mas por enquanto você pode ficar em paz, depois que tiver se livrado de nós. Vamos partir imediatamente. Não se incomode com o desjejum : um gole e um lambisco, em pé, vão ser o suficiente. Temos poucos minutos para aprontar a bagagem.

O Sr. Carrapicho se apressou para providenciar que os pôneis ficassem prontos e para trazer-lhes um “lambisco”. Mas logo voltou desanimado. Os pôneis tinham desaparecido! As portas do estábulo tinham todas sido arrombadas durante a noite, e eles não estavam mais lá: não apenas os pôneis de Merry, mas todos os outros cavalos ou animais do lugar.

Frodo ficou arrasado com a notícia. Como podiam ter esperanças de chegar a Valfenda a pé, perseguidos por inimigos a cavalo? Era melhor partirem para a Lua! Passolargo ficou sentado quieto por um tempo, olhando os hobbits, como se medisse a força e a coragem deles.

- Pôneis não nos ajudariam a escapar de homens montados em cavalos - disse ele finalmente, pensativo, como se adivinhasse o que Frodo estava pensando. - Não levaríamos muito mais tempo a pé, não nas estradas que pretendo tomar. De qualquer modo, eu ia caminhar. A comida e as provisões é que são o problema. Não podemos contar com a possibilidade de comer qualquer coisa antes de chegarmos a Valfenda, a não ser o que levarmos conosco; devemos levar mais do que achamos que vamos precisar, pois podemos nos atrasar, ou ser forçados a fazer um trajeto maior, saindo do caminho direto. Quanto podem carregar nas costas?

- O tanto que precisarmos - disse Pippin com o coração pesado, mas tentando mostrar que era mais forte do que parecia (ou sentia) ser.

- Posso carregar o suficiente para dois - disse Sam em desafio. Não se pode fazer alguma coisa, Sr. Carrapicho? - perguntou Frodo.

- Não podemos conseguir uns dois pôneis na aldeia, ou pelo menos um, para levar a bagagem? Não acho que possamos alugá -los, mas acho que podemos comprá-los –

acrescentou sem certeza, pensando se poderia pagar o preço pedido.

- Duvido - disse o proprietário tristemente. - Os dois ou três pôneis de montar que havia em Bri estavam no meu estábulo, e eles se foram. Quanto a outros animais, cavalos ou pôneis, o que quer que seja, há muito poucos deles em Bri, e não estarão à venda. Mas farei o que puder. Vou tirar Bob da cama e mandá-lo por aí o mais rápido possível.

- Sim - disse Passolargo, relutante. - É melhor fazer isso. Acho que devemos tentar levar pelo menos um pônei. Mas, por outro lado, perdemos toda a esperança de partir cedo, e escapar em segredo! Era melhor tocar uma corneta para anunciar nossa partida. Isso foi parte do plano deles, sem dúvida.

- Há uma migalha de conforto - disse Merry. - E mais que uma migalha, eu espero: podemos tomar o desjejum enquanto esperamos - e sentados. Vamos chamar o Nob.

No fim, foram mais de três horas de atraso. Bob veio com a notícia de que não havia cavalo ou pônei de jeito nenhum na vizinhança - com a exceção de um: Bill Samambaia tinha um pônei que poderia vender. - Um pobre animal, meio morto de fome - disse Bob. - Mas Samambaia não vai se separar dele por menos do triplo de seu valor, sabendo da sua situação; não se o conheço de verdade.

- Bill Samambaia - disse Frodo. - Será que isso é algum truque? Será que o animal não fugiria de volta para ele com todas as nossas coisas, ou poderia ajudá-lo a nos seguir, ou alguma coisa do tipo?

- Fico pensando - disse Passolargo. - Mas não posso imaginar qualquer animal correndo de volta para casa, para o encontro dele, uma vez que tivesse fugido. Acho que é só malícia do senhor Samambaia: apenas um jeito de aumentar os lucros com essa história toda.

O maior perigo é que o pobre animal esteja quase morrendo. Mas parece que não há outra escolha. Quanto ele quer pelo pônei?

O preço que Bill Samambaia deu foi doze moedas de prata; isso é realmente pelo menos o triplo do valor de um pônei naquelas partes. Era um animal magro, mal-alimentado e abatido, mas não tinha jeito de quem ia morrer logo. O próprio Sr. Carrapicho pagou pelo animal, e ofereceu a Merry mais dezoito moedas, para de certo modo compensar a perda dos pôneis. Era um homem honesto, e rico para os parâmetros de Bri; mas trinta moedas de prata foram um golpe para ele, e ser trapaceado por Samambaia tornava tudo ainda mais difícil de agüentar.

Para falar a verdade, no final ele levou a melhor. Descobriu-se que apenas um cavalo fora realmente roubado. Os outros tinham sido afugentados, ou tinham fugido apavorados, e foram encontrados, vagando em diferentes lugares da região.

Os pôneis de Merry tinham escapado juntos, e finalmente (tendo uma boa dose de bom senso) foram em direção às Colinas, à procura de Bolo-fofo. Por isso, ficaram aos cuidados de Tom Bombadil por uns tempos, e estavam em ótimas condições. Mas quando a notícia dos acontecimentos em Bri chegou aos ouvidos de Tom, ele os enviou para o Sr. Carrapicho, que agora tinha adquirido cinco bons animais a um ótimo preço.

Em Bri eles tinham de trabalhar mais, mas Bob tratava bem deles; somando tudo, tiveram sorte: perderam uma viagem escura e perigosa. Mas jamais chegaram a Valfenda.

Entretanto, nesse meio tempo, o Sr. Carrapicho ficou achando que seu dinheiro tinha-se ido de verdade, e que talvez tivesse feito um mau negócio. E ele teve outros problemas. Pois houve uma grande agitação, logo que os outros hóspedes acordaram e souberam da notícia do ataque à estalagem. Os viajantes do Sul tinham perdido muitos cavalos, e punham a culpa no proprietário em voz alta, até que ficaram sabendo que uma pessoa de seu próprio grupo também tinha desaparecido, justamente o companheiro vesgo de Bill Samambaia. A suspeita recaiu imediatamente sobre ele.

- Se vocês pegam um ladrão de cavalos, e o trazem para minha casa - disse Carrapicho furioso -, vocês mesmos têm de pagar por todos os prejuízos, e não vir gritando em cima de mim. Vão perguntar a Samambaia onde o seu belo amigo está! - Mas, ao que parecia, o fugitivo não era amigo de ninguém, e nenhum deles podia se lembrar de quando se juntara ao grupo.

Depois do desjejum os hobbits tiveram de rearrumar as mochilas e juntar mais suprimentos para a viagem mais longa que agora estavam esperando.
Eram quase dez horas quando conseguiram partir. Nessa hora, toda a Bri fervilhava, excitada.

O truque de desaparecimento de Frodo, o aparecimento dos cavaleiros negros; o assalto aos estábulos, e mais ainda a notícia de que Passolargo, o Guardião, tinha se juntado aos misteriosos hobbits, deram uma história e tanto, que iria durar por muitos anos enfadonhos. A maioria dos habitantes de Bri e Estrado, e muitos até de Valão e Archet, se acotovelavam na estrada para ver a partida dos viajantes. Os outros hóspedes da estalagem estavam nas portas ou pendurados nas janelas.

Passolargo tinha mudado de idéia, e decidira deixar Bri pela Estrada Principal. Qualquer tentativa de atravessar o campo imediatamente só pioraria as coisas: metade dos habitantes os seguiria, para ver o que iriam fazer, e impedir que invadissem suas terras.

Disseram adeus a Nob e Bob, e se despediram do Sr. Carrapicho com muitos agradecimentos. - Espero que possamos nos encontrar de novo algum dia, quando as coisas estiverem bem outra vez - disse Frodo. - Nada seria melhor para mim do que ficar em sua casa por uns tempos, em paz.

Foram pisando firme, ansiosos e melancólicos, sob os olhos da multidão.

Nem todos os rostos eram amigáveis, muito menos as palavras gritadas. Mas Passolargo parecia ser respeitado pela maioria dos habitantes de Bri, e aqueles para quem ele olhava fechavam as bocas e se afastavam. Ele ia na frente com Frodo; depois vinham Merry e Pippin, e por último Sam trazendo o pônei, carregado com toda a bagagem que tiveram a coragem de colocar em seu lombo; mesmo assim, o animal já parecia menos abatido, como se aprovasse a mudança em sua sorte. Sam mastigava uma maça pensativamente. Trazia muitas no bolso: um presente de despedida de Nob e Bob. - Maçãs para caminhar e cachimbo para descansar - disse ele. - Mas acho que logo sentirei falta das duas coisas.

Conforme iam passando, os hobbits não tomavam conhecimento das cabeças curiosas que espiavam das portas, ou surgiam sobre muros ou cercas. Mas chegando perto do outro portal, Frodo viu uma casa escura e malcuidada atrás de uma cerca-viva espessa: a última casa da aldeia. Em uma das janelas, viu de relance um rosto amarelento,
com olhos furtivos, vesgos; o rosto desapareceu imediatamente.

"Então é aí que o sulista está escondido!", pensou ele. "Ele se parece muito com um orc."

Sobre a cerca-viva, um outro homem os encarava com atrevimento. Tinha sobrancelhas negras e grossas, e olhos escuros e desdenhosos; sua grande boca se crispou numa expressão zombeteira. Estava fumando um cachimbo preto e curto. Quando se aproximaram, tirou-o da boca e cuspiu.

- Dia, Perna Comprida! - disse ele. - Já de saída? Finalmente encontrou alguns amigos? - Passolargo fez um sinal afirmativo com a cabeça, mas não respondeu.

- Dia, meus amiguinhos! - disse ele aos outros. - Suponho que sabem com quem estão se metendo? Com Passolargo, o Destemido! Mas eu já ouvi outros nomes não tão bonitos, Cuidado esta noite! E você, Sammie, não trate mal meu pobre e velho pônei - completou ele, cuspindo mais uma vez.

Sam se voltou rápido. - E você, Samambaia - disse ele -, tire sua cara feia da frente, ou ela vai ficar quebrada. - Num golpe repentino, rápido como um raio, uma maçã deixou sua mão, para bater no meio do nariz de Bill. Ele se abaixou tarde demais, e pragas vieram de trás da cerca. - Desperdicei uma boa maçã - disse Sam arrependido, e continuou andando.

Finalmente deixaram a aldeia para trás. A escolta de crianças e vagabundos que os tinha seguido se cansou e virou as costas, ao chegar no Portão Sul. Passando por ele, continuaram na Estrada por algumas milhas. Ela fazia uma curva para a esquerda, dobrando-se sobre si mesma em direção ao leste, conforme contornava o sopé da Colina Bri, e depois começava a descer suavemente em direção a uma região de florestas. À esquerda, ainda podiam ver algumas casas e tocas de hobbits de Estrado, nas encostas mais suaves, do lado sudoeste da colina; abaixo, num vale profundo ao norte da Estrada, havia fios de fumaça subindo, indicando a localização de Valão; Archet estava escondida pelas árvores adiante.

Depois de descerem pela estrada determinado trecho, e deixarem a Colina Bri, erguendo-se alta e escura lá atrás, chegaram a uma trilha estreita que conduzia em direção ao Norte. - É aqui que vamos deixar o espaço aberto e procurar abrigo - disse Passolargo.

- Nenhum "atalho", suponho! - disse Pippin. - Nosso último atalho pela floresta quase acabou em desastre.

- Ah, mas eu não estava com vocês - riu Passolargo. - Meus caminhos, atalhos ou não, não dão errado. - Olhou a Estrada de cima a baixo. Não se via ninguém; ele foi na frente apressado, indicando o caminho em direção ao vale cheio de árvores.

Seu plano, pelo que os outros podiam entender sem conhecer a região, era ir em direção a Archet primeiro, mas manter a direita e passar pela aldeia do lado leste, e então atravessar o mais diretamente possível as terras selvagens, até chegar ao Topo do Vento. Fazendo esse caminho, se tudo corresse bem, provavelmente evitariam uma grande volta que a Estrada dava em direção ao Sul, para desviar do Pântano dos Mosquitos. Mas, é claro, eles não agüentariam passar pelo pântano sozinhos, e a descrição feita por Passolargo não era nada encorajadora.

Entretanto, nesse meio tempo, caminhar não era desagradável. Na verdade, se não fosse pelos acontecimentos incômodos da noite anterior, eles teriam apreciado mais essa parte da viagem do que qualquer outra até aquele momento. O sol brilhava, claro mas não quente demais. As florestas no val e ainda estavam cheias de folhas e de cores, e pareciam pacíficas e benéficas. Passolargo os conduzia confiante, entre várias trilhas que se entrecruzavam. Se estivessem sozinhos, logo perderiam a noção do caminho e ficariam perdidos. Ele os levava num curso errante, com muitas vira-voltas, para enganar qualquer um que os perseguisse.

- Bill Samambaia certamente viu em que ponto deixamos a Estrada disse ele. - Mas não acho que nos seguirá em pessoa. Ele conhece a região por aqui o suficiente, mas sabe também que não é páreo para mim numa floresta. É do que ele pode contar a outros que tenho medo. Não acho que estejam muito longe. Se estão pensando que fomos para Archet, tanto melhor.

Talvez por causa da habilidade de Passolargo, ou talvez por outro motivo, eles não viram sinal ou ouviram ruído algum de qualquer outra coisa viva por todo aquele dia: nenhum ser de duas pernas, com a exceção de pássaros, nem seres de quatro pernas, a não ser uma raposa e alguns esquilos. No dia seguinte começaram a rumar por um caminho que conduzia sempre em direção ao leste; e ainda assim tudo estava quieto e pacífico. No terceiro dia fora de Bri, saíram da Floresta Chet.

O terreno descera continuamente, desde que saíram da Estrada, e agora entravam

numa região ampla e plana, muito mais difícil de atravessar. Estavam muito além das fronteiras da região de Bri, num lugar deserto e sem trilhas, e se aproximavam do Pântano dos Mosquitos.

Agora o solo se tornava úmido, e em alguns lugares lamacento, formando poças aqui e ali, e eles deparavam com grandes trechos de juncos, cheios do trinar de pequenos pássaros escondidos. Tinham de escolher cuidadosamente onde pisavam, para manterem os pés secos e não se desviarem do caminho. No início fizeram um bom progresso, mas à medida que continuavam, sua passagem foi ficando mais lenta e perigosa.

O pântano era enganador e traiçoeiro, e não havia trilha permanente, nem mesmo para os Guardiões, porque os charcos sempre mudavam de lugar. As moscas começavam a atormentá-los, e o ar se enchia de nuvens de pequenos mosquitos que lhes subiam pelas mangas e lhes entravam nos cabelos.

- Estou sendo devorado vivo! - gritou Pippin. - Pântano dos Mosquitos! Aqui tem mais mosquito que pântano!

- O que comem para sobreviver quando não conseguem pegar um hobbit? - disse Sam, coçando o pescoço.

Passaram um dia miserável naquele local solitário e desagradável. O lugar onde acamparam era úmido, frio e desconfortável; os insetos picadores não os deixavam dormir.

Também havia criaturas abomináveis assombrando os juncos e moitas que, pelo ruído que produziam, eram parentes malignos do grilo. Havia milhares delas, chiando por toda a parte, crique-craque, crique-craque, sem parar, toda a noite, deixando os hobbits quase malucos.

O dia seguinte, o quarto, foi um pouco melhor, e a noite quase tão desconfortável.

Embora os Crique-craques (como Sam os chamava) tivessem sido deixados para trás, os mosquitos ainda os perseguiam.

Frodo, que estava deitado mas era incapaz de fechar os olhos, teve a impressão de que na distância havia uma luz no céu do Leste: piscando e sumindo várias vezes.

Não era a aurora, pois ainda faltavam algumas horas.

- Que é essa luz? - disse ele a Passolargo, que tinha se levantado e estava parado, olhando para frente, dentro da noite.

- Não sei - respondeu Passolargo. - Está longe demais para que se possa distinguir. É como um raio que saí pulando do topo das colinas. Frodo se deitou de novo, mas por um bom tempo ainda pôde ver os clarões brancos, e contra eles a figura alta e escura de Passolargo, parado quieto e atento. Finalmente adormeceu e entrou num sono agitado.

Não tinham avançado muito no quinto dia quando deixaram as últimas poças e juncos dos pântanos para trás. A região diante deles começou a subir continuamente. Agora, no horizonte ao leste, podiam ver uma fileira de colinas. A mais alta delas ficava à direita e um pouco separada das outras. Tinha um topo em forma de cone, levemente aplainado na parte mais alta.

- Aquele é o Topo do Vento - disse Passolargo. - A Estrada Velha, que deixamos lá atrás à nossa direita, passa ao sul dele perto de sua base. Chegaremos lá amanhã por volta do meio-dia, se formos reto naquela direção. Suponho que seja o melhor a fazer.

- O que está querendo dizer? - perguntou Frodo.

- Quero dizer: quando chegarmos lá, não há certeza do que podemos encontrar. O Topo fica perto da Estrada.

- Mas certamente estávamos com esperanças de encontrar Gandalf lá.

- Sim, mas a esperança é pequena. Se é que ele está vindo para cá, pode ser que não passe por Bri, e assim não saberá o que estamos fazendo. E, de qualquer forma, a não

ser que por sorte cheguemos lá quase juntos, não nos encontraremos; não será seguro para ele ou para nós permanecer ali esperando por muito tempo. Se os Cavaleiros não conseguirem nos encontrar na região deserta, é provável que também se dirijam para o Topo do Vento. De lá se tem uma vista completa. Na verdade, há muitos pássaros e animais nessa região que poderiam nos ver aqui onde estamos, de lá da colina. Nem todos os pássaros são confiáveis, e existem outros espiões mais maldosos do que esses.

Os hobbits olhavam as colinas distantes cheios de ansiedade. Sam olhou para o céu claro, receando ver falcões ou águias sobrevoando suas cabeças, com olhos brilhantes e hostis. - Você realmente faz com que eu me sinta mal e solitário, Passolargo! - disse ele.

- O que nos aconselha a fazer? - perguntou Frodo.

- Eu acho - respondeu Passolargo devagar, como se não tivesse muita certeza. - Eu acho que a melhor coisa a fazer é ir direto para o leste saindo daqui, o mais direto que pudermos, andando na direção das colinas, e não do Topo do Vento. Ali poderemos pegar uma trilha que passa pelo sopé das colinas; ela nos levará ao Topo do Vento pelo lado norte, e não tão abertamente. Ali decidiremos o que fazer.

Avançaram durante todo o dia, até que a noite fria começou a cair precocemente.

O solo ficou mais seco e estéril, mas havia névoa e vapor depositados sobre os pântanos atrás deles, Alguns pássaros melancólicos piavam choros os, até que o sol redondo e vermelho se afundou lentamente nas sombras do oeste; depois dominou o silêncio vazio. Os hobbits, pensaram na luz suave do pôr -do-sol brilhando através das janelas alegres lá longe, em Bolsão.

No fim do dia depararam com uma corrente de água que descia das colinas para se perder no charco estagnado, e subiram ao longo de suas margens enquanto havia luz.

Já era noite quando finalmente pararam e montaram acampamento sob alguns armeiros raquíticos próximos à beira da água. À frente , soerguiam-se sobre o céu crepuscular as encostas das montanhas, desertas e nuas. Naquela noite montaram guarda, e Passolargo, ao que tudo indica, não dormiu nem um pouco. Estavam na lua crescente e, nas primeiras horas da noite, uma luz fria e cinzenta se deitou sobre a terra.

Na manhã seguinte partiram novamente, logo após o nascer do sol. O ar estava gelado e o céu ostentava um azul claro e pálido. Os hobbits se sentiam reconfortados, como se tivessem tido uma noite de sono contínuo. Já estavam se acostumando a fazer longas caminhadas sem muitas provisões . provisões bem menos generosas do que aquelas que no Condado teriam Julgado estritamente suficientes para manter um hobbit em pé. Pippin declarou que Frodo atualmente era duas vezes o hobbit de outrora.

- Muito estranho - disse Frodo, apertando o cinto. - Considerando que na verdade há uma porção muito menor de mim. Espero que o processo de emagrecimento não perdure indefinidamente, senão me transformarei num espectro.

- Não fique falando nessas coisas! - disse Passolargo de modo rápido, com um ar surpreendentemente sério.

As montanhas se aproximaram. Formavam uma cordilheira ondulada, sempre subindo a uma altura de quase 300 metros, para depois cair, aqui e acolá, formando fendas baixas ou passagens que levavam para a terra do Leste, mais além. Ao longo da crista da cordilheira, os hobbits podiam ver o que parecia ser o resto de muralhas e fossos cobertos de mato, e nas fendas ainda existiam ruínas de velhas construções de pedra. Ao anoitecer já tinham atingido o pé das encostas oeste, e ali acamparam.

Era a noite do dia cinco de outubro, e já fazia seis dias que tinham saído de Bri.

De manhã encontraram, pela primeira vez desde que deixaram a Floresta Chet, uma trilha bem visível. Viraram para a direita e seguiram por ela, em direção ao sul.

A trilha parecia ter sido feita com grande habilidade, descrevendo uma linha que

parecia escolher os pontos menos expostos e mais ocultos, tanto para alguém que olhasse do topo de alguma colina como para quem olhasse das planícies do Oeste. Mergulhava em vales estreitos, abraçava barrancos íngremes; quando atravessava trechos mais planos e abertos, viam-se de seus dois lados fileiras de grandes seixos e pedras cortadas, que protegiam os viajantes quase como uma cerca-viva.

- Fico pensando quem teria feito esta trilha, e por que motivo - disse Merry, enquanto caminhavam por uma dessas avenidas, onde as pedras eram estranhamente grandes e colocadas bem próximas umas das outras. Não tenho certeza se gosto dela: ela tem... bem, uma aparência tumulesca. Existe algum túmulo no Topo do Vento?

- Não, não há túmulo nenhum no Topo do Vento, nem nas outras colinas - respondeu Passolargo. - Os homens do Oeste não viveram aqui, embora nos seus últimos dias tenham defendido as colinas por um período, contra o mal que vinha de Angmar. Esta trilha foi feita para servir os fortes ao longo das muralhas. Mas muito antes, nos dias do Reinado do Norte, construíram uma grande torre de observação no Topo do Vento, que chamavam de Amon SU. Ela foi queimada e destruída, e nada mais resta agora, a não ser um círculo em ruínas, como uma corôa grosseira sobre a cabeça da velha colina. Apesar disso, já foi alta e bonita. Conta-se que Elendil ficava ali olhando, à espera de Gil-galad que vinha do Oeste, nos dias da última Aliança.

Os hobbits olharam para Passolargo. Parecia que ele sabia tanto de história antiga quanto dos caminhos pelos lugares ermos. - Quem foi Gil-galad? - perguntou Merry - Mas Passolargo não respondeu, e parecia estar perdido em pensamentos. De repente, uma voz baixa murmurou:

Gil-galad foi um Elfo-rei que ao som das harpas cantarei:
foi o último livre a reinar entre essas Montanhas e o Mar.
Longa sua espada, a lança esguia, seu elmo ao longe resplandecia;
milhões de estrelas lá no céu refletiam-se em seu broquel.
Há muito tempo, foi-se embora, e ninguém sabe onde ele mora;
sua estrela, na escuridão, em Mordor onde as sombras vão.

Os outros se viraram surpresos, pois a voz era de Sam.

- Não pare! - disse Merry.

- É tudo o que sei - gaguejou Sam, corando. -Aprendi com o Sr. Bilbo, quando era menino. Ele costumava me contar histórias como essa, sabendo que eu sempre estava pronto para ouvir falar sobre elfos. Foi ele que me ensinou a ler. Era muito sabido nessas coisas de livros, o velho e querido Sr. Bilbo. E ele escrevia poesia. Escreveu o que acabei de recitar.

- Ele não escreveu isso - disse Passolargo. - o que você cantou é parte da balada que se chama A Queda de Gil-galad, escrita numa língua antiga. Bilbo deve tê-la traduzido. Eu não sabia disso.

- Havia mais um bom pedaço - disse Sam. - Tudo sobre Mordor. Eu não aprendi essa parte, pois me dava calafrios. Nunca pensei que eu mesmo iria para lá!

- Ir para Mordor! - gritou Pippin. - Espero que não cheguemos a isso!

- Não falem esse nome tão alto! - disse Passolargo.

Já era meio-dia quando se aproximaram da extremidade sul da trilha e viram adiante, na pálida luz do céu de outubro, um barranco cinza - esverdeado, que subia a encosta norte da colina como uma ponte. Decidiram ir para o topo imediatamente, enquanto a luz do dia ainda era intensa. Não era mais possível se esconderem, e só podiam esperar que nenhum espião ou inimigo os estivesse observando. Não se via nada

em movimento na colina. Se Gandalf estivesse nas redondezas, não dava sinais disso.

No flanco oeste do Topo do Vento encontraram uma reentrância coberta, em cuja parte inferior havia um pequeno vale côncavo, com as encostas cobertas de capim. Ali deixaram Sam e Pippin e o pônei e todas as mochilas e bagagens. Depois de meia hora de escalada dificultosa, Passolargo atingiu a corôa da colina; Frodo e Merry o seguiam, cansados e sem fôlego. A última subida era íngreme e pedregosa.

No topo encontraram, como Passolargo tinha dito, um grande círculo, de uma construção antiga de pedra, agora ruindo, ou coberta pelo mato havia muito tempo. Mas no centro um monte de pedras quebradas tinham sido empilhadas, fazendo lembrar uma construção tumular. Estavam enegrecidas, como se pela ação do fogo. Em volta dessas pedras, a turfa estava queimada até as raízes e em todo o interior do círculo o mato estava chamuscado e murcho, como se chamas tivessem varrido o topo da colina: mas não havia sinal de qualquer coisa viva.

Em pé, sobre a borda do círculo em ruínas, puderam ter uma boa visão de toda a região em volta, pois a maior parte das terras era vazia e sem acidentes, com a exceção de trechos de florestas distantes, na direção sul, além dos quais via -se, aqui e ali, o brilho de águas distantes. Abaixo de Onde estavam, nesse lado sul, a Velha Estrada se estendia como uma fita, vindo do oeste e descrevendo curvas que subiam e desciam, até desaparecer atrás de uma serra escura no leste. Nada se movia nela.

Seguindo com os olhos a linha da Estrada em direção ao leste, viram as Montanhas: os sopés mais próximos eram escuros e sombrios; atrás deles se erguiam formas cinzentas mais altas, e atrás destas, por sua vez, ficavam altos picos brancos, luzindo contra as nuvens.

- Bem, aqui estamos! - disse Merry. -A aparência do lugar é triste e nem um pouco convidativa! Não há água nem abrigo, E nem sinal de Gandalf Mas não o culpo por não ter nos esperado - se é que passou por aqui.

- Também gostaria de saber- disse Passolargo, olhando em volta, pensativo.

- Mesmo que ele tivesse chegado a Bri um ou dois dias depois de nossa partida, poderia ter chegado aqui primeiro. Ele pode cavalgar muito rápido quando há necessidade. - De repente se abaixou e olhou a pedra no topo da pilha; era mais chata que as outras e mais branca, como se tivesse escapado do fogo.

Passolargo a apanhou e examinou, virando -a entre seus dedos. - Alguém tocou nesta pedra recentemente - disse ele. - O que acha destas marcas?
Na parte inferior da pedra, que era plana, Frodo viu alguns riscos:

- Parece um traço, um ponto, e mais três traços - disse ele. - o traço à esquerda pode ser uma runa correspondente à letra G, com os ramos bem mais finos - disse Passolargo. - Pode ser um sinal deixado por Gandalf, embora seja impossível ter certeza. Os riscos são perfeitos e certamente parecem recentes. Mas as marcas podem significar alguma coisa muito diferente e não ter nada a ver conosco. Os Guardiões usam runas, e algumas vezes passam por aqui.

- O que poderiam significar, se Gandalf os tivesse feito? - perguntou Merry.

- Diria que representam G3 - respondeu Passolargo - e que significam que Gandalf esteve aqui no dia 3 de outubro: quer dizer, há três dias. Também podem significar que ele estava com pressa e que havia perigo por perto, de modo que ele não teve tempo ou não arriscou escrever nada mais longo ou direto. Se isto for verdade, devemos tomar cuidado.

- Gostaria que pudéssemos ter certeza de que foi ele quem deixou as marcas, qualquer que seja o significado delas - disse Frodo. - Seria um grande conforto saber que ele está no caminho, na nossa frente ou atrás de nós.

- Talvez - disse Passolargo. - Tenho comigo que ele esteve aqui, e em perigo. Há marcas de fogo aqui, e agora a luz que vimos há três noites no céu do leste volta à minha mente. Acho que foi atacado no topo da colina, mas qual foi o resultado disso não posso dizer. Ele não está mais aqui, e precisamos cuidar de nós mesmos e fazer nosso caminho para Valfenda, da melhor maneira possível.

A que distância fica Valfenda? - perguntou Merry, olhando ao redor com cansaço.

O mundo era selvagem e grande, visto do Topo do Vento.

- Não sei se a Estrada já foi medida em milhas, além da Estalagem Abandonada, que fica a um dia de viagem de Bri - respondeu Passolargo.

Alguns dizem que a distância é uma, outros dizem que é outra. É uma estrada estranha, e as pessoas se sentem infelizes quando chegam ao fim dela, não importa se o tempo de viagem for muito ou pouco. Mas eu sei quanto eu demoraria indo sozinho, com tempo bom e sorte: doze dias daqui até o Vau de Bruinen, onde a Estrada cruza o rio Ruidoságua, que vem de Valfenda. Temos no mínimo quinze dias de viagem à frente, pois não acho que poderemos usar a Estrada.

- Quinze dias! - disse Frodo. - Muita coisa pode acontecer nesse tempo.

- Muita coisa - disse Passolargo.

Ficaram uns instantes quietos no topo da colina, perto de sua borda sul.

Naquele lugar solitário, Frodo percebeu, pela primeira vez de forma clara e completa, como estava longe de casa e o perigo que corria. Teve um desejo amargo de que sua sorte o tivesse deixado ficar no pacífico e amado Condado. Olhou para baixo, para a estrada odiosa, que levava de volta para o Oeste - para o seu lar. De repente percebeu que duas manchas negras se moviam lentamente ao longo dela, indo para o oeste, e olhando de novo ele viu que outras três estavam se arrastando em direção ao leste, vindo ao encontro das duas.

- Olhem - disse ele, apontando para baixo.

Imediatamente, Passolargo se jogou no chão atrás do círculo em ruínas, puxando Frodo junto com ele. Merry se jogou do lado.

- O que é? - cochichou ele.

- Não sei, mas temo o pior - respondeu Passolargo.

Subiram devagar até a borda do círculo de novo, e espiaram através de uma fenda entre duas pedras cortadas. A luz já não estava tão forte, pois a luminosidade matinal tinha diminuído, e nuvens que vinham do leste haviam coberto o sol, que agora começava a se pôr. Todos viram as manchas negras, mas nem Frodo nem Merry puderam adivinhar-lhes o formato com certeza; mesmo assim, alguma coisa lhes dizia que lá, na distância, estavam Cavaleiros Negros se encontrando na Estrada além do sopé da colina.

- Sim - disse Passolargo, que enxergava melhor e não tinha mais dúvidas. - O Inimigo está aqui!

Rapidamente se arrastaram e escorregaram pelo lado norte da colina, para encontrar os companheiros.

Sam e Peregrin não tinham ficado à toa. Exploraram o pequeno vale e as encostas à sua volta. Não muito distante, encontraram uma fonte de água clara no flanco da colina, e perto dela pegadas que não tinham mais que um ou dois dias. No próprio valezinho, encontraram vestígios recentes de uma fogueira, e outros de um acampamento apressado. Havia algumas pedras caídas na borda do vale que ficava mais próxima da colina. Atrás dessas pedras Sam encontrou um pequeno estoque de lenha cuidadosamente empilhada.

- Pergunto-me se o velho Gandalf não passou por aqui - disse ele a Pippin. - Quem quer que tenha colocado essas coisas aqui pretendia voltar, ao que parece.

Passolargo ficou muito interessado nessas descobertas. - Deveria ter esperado e

explorado eu mesmo o solo desta parte - disse ele, apressando-se em direção à fonte para examinar as pegadas.

- É exatamente como eu temia - disse ele quando voltou. - Sam e Pippin pisaram na terra fofa e as marcas estão adulteradas ou confusas. Guardiões passaram por aqui recentemente. Foram eles que deixaram a lenha. Mas também existem várias pegadas mais novas que não foram deixadas pelos Guardiões. Pelo menos, um conjunto delas foi feito por botas pesadas, um ou dois dias atrás. Pelo menos um. Não Posso ter certeza agora, mas acho que muitos pés calçados com botas estiveram aqui. - Parou quieto, numa reflexão ansiosa.

Cada um dos hobbits teve uma visão dos Cavaleiros, de capa e botas. Se essas criaturas já tivessem encontrado o valezinho, quanto mais rápido Passolargo os levasse para algum outro lugar, melhor. Sam olhava a reentrância com grande desagrado, agora que tinha tido notícia dos inimigos na Estrada, apenas a algumas milhas dali.

- Não é melhor desocupar a área logo, Sr. Passolargo? - perguntou ele impaciente. - Está ficando tarde e eu não gosto deste buraco: por algum motivo, aqui meu coração fica pesado.

- Sim, certamente precisamos decidir o que fazer imediatamente respondeu Passolargo, olhando para cima e considerando o tempo e o clima. - Bem, Sam - disse ele finalmente -, também não gosto daqui, mas não consigo pensar em nenhum lugar melhor que pudéssemos alcançar antes do cair da noite. Pelo menos aqui estamos escondidos por enquanto, e se sairmos é muito mais provável que sejamos vistos por espiões. A única coisa possível seria sair de nosso caminho, de volta para o norte deste lado das colinas, onde o terreno é muito parecido com o daqui. A Estrada está sendo vigiada, e poderíamos ter de cruzá-la, se tentássemos nos esconder nas moitas do lado sul. Do lado norte da Estrada, além das colinas, o terreno é descampado e plano por várias milhas.

- Os Cavaleiros podem enxergar? - perguntou Merry. - Quero dizer, eles parecem geralmente ter usado mais os narizes que os olhos, farejando-nos, se farejando é a palavra correta, pelo menos à luz do dia. Mas você nos obrigou a deitar no chão quando os viu lá embaixo, e agora fala em sermos vistos, caso saiamos daqui.

- Fui muito descuidado no topo da colina - respondeu Passolargo. - Estava muito ansioso por encontrar algum sinal de Gandalf, mas foi um erro nós três ficarmos lá em cima tanto tempo. Pois os cavalos negros podem ver, e os Cavaleiros podem usar homens e outras criaturas como espiões, como vimos lá em Bri.

Eles próprios não conseguem enxergar o mundo da luz como nós, mas nossas formas lançam sombras em suas mentes, que apenas o sol do meio-dia pode destruir; e no escuro eles percebem muitos sinais e formas que ficam escondidos de nós: nessas ocasiões é que devemos receá-los mais. E a qualquer hora, sentem o cheiro do sangue de criaturas vivas, desejando-o e odiando-o. Sentidos também, existem outros além da visão e do olfato. Podemos sentir a presença deles - preocupa nossos corações desde que chegamos aqui, e antes que os víssemos; eles sentem a nossa presença de forma mais aguda. Além disso - acrescentou ele, e nesse momento sua voz se reduziu a um sussurro -, o Anel os atrai.

- Então não há saída - disse Frodo, olhando à sua volta furioso. - Se sair daqui, serei visto e caçado! Se ficar, vou atraí -los para mim! Passolargo colocou a mão no ombro dele. - Ainda há esperança - disse ele. - Você não está sozinho. Vamos considerar como um sinal esta lenha que está colocada aqui, pronta para uma fogueira. Aqui não há muito abrigo ou defesa, mas o fogo deverá servir como ambos. Sauron pode usar o fogo em seus desígnios maléficos, como pode usar todas as coisas, mas esses Cavaleiros não apreciam muito o fogo, e temem os que se defendem com ele. O fogo é nosso amigo em

lugares ermos.

Pode ser - murmurou Sam. - Também não consigo pensar numa maneira melhor de dizer “ei, estamos aqui!”, sem gritar. Aliás, acho que é a mesma coisa.

No canto mais baixo e mais bem protegido do valezinho, acenderam uma fogueira, e prepararam uma refeição. As sombras da noite começaram a cair, e ficou mais frio.

De repente perceberam que estavam com muita fome, pois não tinham comido nada desde o desjejum; mesmo assim não ousaram fazer mais que uma ceia frugal. As regiões à frente eram vazias, a não ser por pássaros e animais, lugares inóspitos abandonados por todas as raças do mundo. Às vezes Guardiões passavam além das colinas, mas eram poucos e não ficavam. Outros viajantes eram raros, e tinham propósitos maldosos: trolls poderiam vir de vez em quando dos vales ao norte das Montanhas Sombrias. Somente na Estrada era possível encontrar viajantes, em sua maioria anões, correndo atrás de seus próprios negócios, sem ajuda ou palavra para oferecer a estranhos.

- Não posso pensar num modo de fazer nossa comida durar - disse Frodo. - Fomos cautelosos o bastante nos últimos dias, e esta ceia não é nenhum banquete. Mesmo assim usamos mais do que deveríamos, se ainda temos duas semanas à frente, talvez mais ainda.

- Há comida na floresta - disse Passolargo - amoras, raízes e ervas, e tenho alguma habilidade como caçador se for necessário. Não precisam ter medo de passar fome antes de o inverno chegar. Mas colher e apanhar comida é um trabalho longo e cansativo, e precisamos nos apressar. Por isso, apertem os cintos e pensem com esperança nas mesas da casa de Elrond!

O frio aumentou com o cair da noite. Olhando da borda do valezinho eles não conseguiam enxergar nada, a não ser um terreno cinzento que agora desaparecia rapidamente na sombra. O céu ficou limpo de novo e lentamente se encheu de estrelas piscando. Frodo e seus companheiros se aconchegaram em volta do fogo, embrulhados em todas as roupas e cobertores que tinham; mas Passolargo parecia satisfeito com uma única capa, e se sentou um pouco separado, fumando seu cachimbo, pensativo.

À medida que a noite caía e o fogo brilhava mais forte, ele começou a contar-lhes histórias para afugentar o medo de seus corações. Sabia muitas histórias e lendas de antigamente, de elfos e homens e dos feitos bons e malignos dos Dias Antigos. Os hobbits ficaram imaginando qual se ria a idade dele, e onde ele tinha aprendido toda aquela tradição.

- Conte-nos sobre Gil-galad - disse Merry de repente, quando Passolargo fez uma pausa ao fim de uma história sobre os Reinados Élficos. Você sabe mais algum pedaço daquela balada da qual falou?

- Sei sim - respondeu Passolargo. - E Frodo também sabe, pois ela nos diz respeito. - Merry e Pippin olharam para Frodo que dirigia seu olhar para o fogo.

- Só sei o pouco que Gandalf me contou - disse Frodo devagar. - Gil-galad foi o último dos Reis-elfos da Terra-média. Gil-galad quer dizer Luz nas Estrelas na língua deles. Junto com Elendil, o Amigo-dos-elfos, ele foi para a terra de...

- Não! - disse Passolargo. - Não acho que a história deva ser contada agora, com os servidores do Inimigo por perto. Se conseguirmos chegar à casa de Elrond, poderão ouvir ali a história inteira.

- Então nos conte alguma outra história de antigamente - pediu Sam. - Uma história sobre os elfos antes que começassem a desaparecer. Gostaria muito de escutar mais sobre os elfos; a escuridão está caindo sobre nós com tanta força...

- Vou contar-lhes a história de Tinúviel - disse Passolargo. - Resumida, pois essa é uma longa história da qual não se sabe o fim; e ninguém atualmente, com exceção de Elrond, pode lembrá-la exatamente como era contada há tempos. É uma bela história,

embora triste, como todas as histórias da Terra-média; mesmo assim ela pode animar seus corações. - Então ele começou, não a falar, mas a cantar suavemente:

As folhas longas, verde a grama,
Esguia é da cicuta a umbela;
No prado há luz que se derrama
De um céu de estrelas a,fulgir,
Tinúviel dançando bela,
Ao som que flauta oculta inflama;
Há estrelas nos cabelos dela
E no seu manto a reluzir
E Beren vem dos montes frios,
Perdido esteve entre a ramagem,
Seguindo o som de élficos rios,
Andou sozinho em seu sofrer
Por entre as falhas da folhagem
Vê flores de ouro de atavios
Que ela traz sobre a roupagem
E no cabelo há anoitecer
Seus pés curados por magia
De seu cansaço da jornada;
E forte e lépido seguia
Pegando raios de luar
E leve em fuga baila afada
Por bosques, de elfos moradia;
De novo só na caminhada,
Ele em silêncio a espreitar
Ouvia o som da fugitiva
Com pés de tília por leveza;
Do chão saía música viva,
Do chão saía música viva,
De valos fundos um trilar
Já a cicuta perde a beleza
E uma a uma pensativas
Da faia as folhas com tristeza
No chão do inverno vão rolar
Seguindo sempre, longe andou,
Dos anos folhas viu caindo;
Com lua e estrela ele avançou,
O céu gelado viu bramir
O manto dela á luz luzindo,
Quando num topo ela parou
Dançando e assim com seu pé lindo
Névoa de prata fez fremir
No fim do inverno ela retorna,
Sua voz desata a primavera
Qual cotovia ou chuva morna,
Qual água nova a borbulhar
Viu ele flores de elfos e era

O pé da ninfa; em nova forma,
Com ela quis dançar quisera
Por sobre a grama namorar
Mas ela vai, quando ele vem.
Tinúviel! Tinúviel!
Com o nome dela ele a detém,
Pois ela pára para ouvir
A voz prende Tinúviel, Beren avança,
Beren vem, Sobre ela a sina então desceu!
Nos braços dele vai cair.
Seus olhos fitam seu olhar
Por entre a sombra dos cabelos;
A luz que treme do luar
Viu dentro dela reluzir
Tinúviel detém apelos,
Imortal fiada de encantar;
Envolve o amor com seus cabelos
E braços brancos de luzir
Foi longa a estrada de sua sorte,
Por pedras, frio e meia-luz;
Em férreos halls com porta forte,
Em mata escura e sem aurora.
O Mar que afasta se introduz,
Mais uma vez sorri a sorte
Na mata canta o par, só luz,
Que há muitos anos foi-se embora.

Passolargo suspirou e fez uma pausa, antes de começar a falar de novo. - Essa é uma canção - disse ele - no estilo chamado annthennath entre os elfos, mas é difícil reproduzi-la na Língua Geral, e o que cantei é apenas um eco rude dela. Fala sobre o encontro de Beren, filho de Barahir, e Lúthien Tinúviel. Beren era um homem mortal, mas Lúthien era a filha de Thingol, um Rei Élfico da Terra -média na época em que o mundo era jovem. Ela era a mais bonita entre todas as donzelas daquele mundo. Sua graciosidade se comparava à das estrelas sobre a névoa das terras do Norte, e em seu rosto brilhava uma luz. Naqueles dias, o Grande Inimigo, de quem Sauron de Mordor era apenas um servidor, morava em Angband no Norte, e os elfos do Oeste, voltando à Terra-média, guerrearam contra ele para reaver as Silmarils que ele havia roubado, e os pais dos homens ajudaram os elfos. Mas o Inimigo foi vitorioso e Barahir foi assassinado. Beren , escapando de grandes perigos, veio pelas Montanhas do Terror e chegou até o escondido Reino de Thingol na floresta de Neldoreth. Ali viu Lúthien, cantando e dançando numa clareira ao lado do rio encantado Esgalduin; ele a chamou de Tinúviel, que quer dizer Rouxinol na língua antiga. Muitas coisas tristes aconteceram a eles depois disso, e ficaram separados por muito tempo. Tinúviel resgatou Beren dos calabouços de Sauron e juntos eles passaram por grandes perigos, até mesmo destronando o Grande Inimigo e pegando de sua corôa de ferro uma das três Silmarils, as mais brilhantes das jóias, para usá - la como dote de Lúthien a ser pago a seu pai, Thingol. Mas no fim Beren foi assassinado pelo Lobo que veio dos portões de Angband, e morreu nos braços de Tinúviel. Mas ela escolheu a mortalidade, aceitando desaparecer do mundo, para poder segui-lo; conta-se que eles se encontraram de novo além dos Mares Divisores, e depois de

andarem juntos e vivos outra vez nas florestas verdes, por um curto período, juntos passaram, há muito tempo, para além dos confins deste mundo. Desse modo, Lúthien Tinúviel foi a única, de todo o povo Élfico, a realmente morrer e deixar o mundo, e eles perderam a que mais amavam. Mas, a partir dela, a linhagem dos Elfos -senhores de antigamente teve uma descendência entre os homens. Ainda vivem aqueles de quem Lúthien foi ancestral, e afirma-se que essa linhagem nunca vai terminar. Elrond de Valfenda faz parte dela. Pois de Beren e Lúthien nasceu o herdeiro de Dior Thingol, e dele nasceu Elwing, a Branca, que se casou com Eärendil, aquele que conduziu seu navio das névoas do mundo para dentro dos mares do céu com a Silmaril em sua testa. E de Eärendil nasceram os Reis de Númenor, quer dizer, de Ponente.

Conforme Passolargo ia falando, os hobbits observavam seu rosto estranho e intenso, pouco iluminado pelo brilho vermelho do fogo. Os olhos brilhavam e a voz era cheia e profunda. Sobre ele, um céu negro e estrelado . De repente, uma luz pálida apareceu sobre a corôa do Topo do Vento atrás dele. A lua crescente subia lentamente sobre a colina que projetava sua sombra sobre eles, e as estrelas acima do topo da colina desapareceram.

A história terminou. Os hobbits se mexeram e espreguiçaram. - Olhem! - disse Merry. - A Lua está subindo: deve estar ficando tarde.

Os outros olharam para cima. No mesmo momento em que fizeram isso, viram no topo da colina algo pequeno e escuro contra o brilho do luar. Talvez fosse apenas uma pedra grande, ou alguma rocha saliente evidenciada pela luz fraca.

Sam e Merry se levantaram e andaram para longe do fogo. Frodo e Pippin permaneceram sentados em silêncio. Passolargo estava observando atentamente o luar sobre o topo da colina. Tud o parecia silencioso e quieto, mas Frodo sentiu um terror gelado tomando conta de seu coração, e agora Passolargo não falava mais. Aconchegou-se mais perto do fogo. Nesse momento Sam veio correndo da borda do valezinho.

- Não sei o que é - disse ele mas de repente senti medo, Não saio deste vale por nenhum dinheiro do mundo; senti que alguma coisa estava subindo a encosta.

- Você viu alguma coisa? - perguntou Frodo, ficando de pé.

- Não, senhor. Não vi nada, mas não parei para olhar.

- Eu vi algo - disse Merry. - Ou pensei que vi - lá adiante, do lado oeste, onde o luar estava caindo sobre as planícies além da sombra dos topos das colinas. Pensei ter visto duas ou três formas negras. Pareciam se mover para cá.

- Fiquem perto do fogo, com seus rostos virados para fora! - gritou Passolargo. - Peguem alguns dos paus mais longos e fiquem prontos para atacar.

Por um período em que nem respiraram ficaram ali sentados, em silêncio e alerta, com as costas voltadas para a fogueira, cada um olhando as sombras que os envolviam.

Nada aconteceu. Não havia som ou movimento na noite. Frodo se mexeu, sentindo que deveria quebrar o silêncio: queria gritar bem alto.

- Psssiu! - sussurrou Passolargo. - O que é aquilo? - disse Merry no mesmo momento, todo assustado.

Sobre a saliência do pequeno vale, do lado oposto ao da colina, sentiram, mais propriamente do que viram, uma sombra se levantar, uma sombra ou mais de uma.

Forçaram os olhos, e as sombras pareciam crescer. Logo não havia mais dúvida: três ou quatro figuras negras e altas estavam ali, na encosta, olhando para baixo em direção a eles: tão escuras eram que pareciam buracos negros na escuridão que os envolvia. Frodo pensou ter ouvido um chiado fraco, como um sopro venenoso, e sentiu um frio fino e cortante. Depois as figuras avançaram lentamente.

Pippin e Merry, tomados de terror, jogaram-se no chão. Sam se encolheu ao lado

de Frodo. Frodo estava quase tão apavorado quanto seus companheiros; tremia como se sentisse um frio intenso, mas seu medo foi engolido por uma tentação repentina de colocar o Anel. O desejo de fazer isso tomou conta de sua mente, que não lhe permitia pensar em mais nada. Não esquecera o Túmulo, nem a mensagem de Gandalf -, mas alguma coisa parecia forçá-lo a desconsiderar todas as advertências, e ele desejava ceder. Não com a esperança de escapar, ou de fazer qualquer coisa, boa ou má: simplesmente sentia que deveria pegar o Anel e colocá-lo no dedo. Não podia falar. Sentia que Sam o olhava, como se soubesse que seu patrão estava com algum problema bem grande, mas Frodo não conseguia olhar na direção dele.

Fechou os olhos e lutou por uns minutos, mas a resistência se tornou insuportável, e finalmente tirou a corrente devagar e colocou o Anel no dedo indicador da mão esquerda.

Imediatamente, embora tudo continuasse como antes, escuro e sombrio, as figuras se tornaram terrivelmente claras. Frodo podia ver através de suas roupas pretas. Havia cinco figuras altas: duas em pé, na saliência do valezinho, três avançando. Nos seus rostos brancos brilhavam olhos agudos e impiedosos; sob as capas havia grandes túnicas cinzentas; sobre os cabelos cinzentos, elmos de prata; nas mãos magras, espadas de aço. Seus olhos caíram sobre ele e o penetraram enquanto corriam na sua direção. Desesperado, Frodo puxou sua espada, tendo a impressão de que dela emanava um brilho vermelho, como se estivesse em brasa. Duas das figuras pararam. A terceira era maior que as outras: o cabelo era longo e brilhante, e sobre seu elmo estava uma corôa. Numa mão segurava uma longa espada, e na outra uma faca; tanto a faca quanto a mão que a segurava brilhavam com uma luz fraca. Ele pulou para frente e avançou sobre Frodo.

Naquele instante, Frodo se jogou para frente em direção ao chão, e ouviu sua própria voz gritando alto: ó Elbereth! Gilthoniel! Ao mesmo tempo, golpeou os pés do inimigo. Um grito agudo cortou a noite, e ele sentiu uma dor, como se um dardo envenenado tivesse penetrado seu ombro esquerdo. Ao desmaiar viu de relance, como se por entre um turbilhão de névoa, Passolargo saltando da escuridão com um pedaço de lenha em chamas em cada mão. Num último esforço, deixando cair a espada, Frodo tirou o Anel do dedo e o apertou na mão direita.

CAPÍTULO XII
FUGA PARA O VAU

Quando Frodo voltou a si, ainda apertava o Anel desesperadamente na mão. Estava deitado perto da fogueira, que agora estava alta e produzia uma chama forte. Os três companheiros se debruçavam sobre ele.

- O que aconteceu? Onde está o rei pálido? - perguntou ele ansiosamente.

Os amigos, ao ouvi-lo falar, por alguns momentos ficaram tão enlevados que não conseguiram responder, nem tampouco entenderam a pergunta. Finalmente Frodo soube através de Sam que eles não tinham visto nada além das formas sombrias vindo na direção deles. De repente, para seu pavor, Sam descobrira que seu patrão tinha desaparecido; naquele momento, a figura negra passou correndo por ele, que caiu. Sam escutara a voz de Frodo, mas parecera-lhe que ela vinha de um ponto muito distante, ou de baixo da terra, gritando palavras estranhas. Nenhum deles pôde ver mais nada, até que

tropeçaram no corpo de Frodo, que parecia morto, com o rosto virado no capim e caído sobre a espada. Passolargo ordenou que o carregassem até perto do fogo, e depois desapareceu. Isso já fazia algum tempo.

Sam estava ficando visivelmente desconfiado de Passolargo outra vez; enquanto conversavam ele voltou, surgindo de repente das sombras.

Assustaram-se, e Sam, empunhando a espada, ficou de pé, protegendo Frodo; mas Passolargo se ajoelhou rapidamente ao lado dele.

- Não sou nenhum Cavaleiro Negro, Sam - disse ele suavemente. Nem sou aliado deles. Estive tentando descobrir alguma coisa através de seus movimentos, mas não percebi nada. Não consigo entender por que foram embora, e por que não atacam de novo. Mas não senti a presença deles em nenhum ponto aqui por perto.

Passolargo ficou muito preocupado ao escutar o que Frodo tinha a dizer, balançou a cabeça e suspirou. Então pediu a Pippin e Merry que aquecessem a maior quantidade possível de água em suas pequenas chaleiras, e que banhassem o ferimento de Frodo. - mantenham o fogo bem forte, e mantenham Frodo aquecido! - disse ele. Depois se levantou e se afastou, chamando Sam. - Acho que posso entender melhor as coisas agora - disse ele em voz baixa. - Parece que só havia cinco inimigos. Por que não estavam todos aqui, não sei; mas não acho que esperavam encontrar resistência.

Retiraram-se por enquanto. Mas receio que não estejam longe. Voltarão quando chegar outra noite, se não conseguirmos escapar. Estão apenas esperando, porque acham que seu propósito está quase realizado, e que o Anel não pode ir muito mais longe. Receio, Sam, que acreditam que seu patrão tem um ferimento mortal, que fará com que se submeta à vontade deles. Veremos! Sam sufocou as lágrimas.

- Não se desespere! - disse Passolargo. Agora deve confiar em mim. O seu Frodo é feito de uma fibra mais resistente do que eu havia imaginado, embora Gandalf tivesse me prevenido disso. Ele não foi assassinado, e acho que resistirá ao poder maligno do ferimento por mais tempo do que o inimigo espera. Farei o que estiver ao meu alcance para ajudá -lo e curá-lo. Protejam-no bem enquanto eu estiver fora!

Saiu apressado e desapareceu de novo na escuridão.

Frodo cochilava, embora a dor causada pelo ferimento crescesse lentamente, e um frio mortal começasse a se espalhar pelo seu corpo, partindo do ombro e atingindo o braço e o flanco. Os amigos cuidavam dele, aquecendo-lhe o corpo e banhando o ferimento. A noite passou, lenta e cansativa. A aurora começava a crescer no céu, e o valezinho se enchia de uma luz cinzenta, quando Passolargo finalmente retornou.

- Olhem! - gritou ele, abaixando-se e pegando do chão uma capa preta que tinha ficado ali, escondida pela escuridão. Cerca de trinta centímetros acima da bainha inferior havia um rasgo. - Isto foi o golpe da espada de Frodo - disse ele. - Receio que tenha sido o único ferimento que fez no inimigo; pois não está danificada, mas todas as espadas que perfuram esse terrível Rei são destruídas. Mais terrível para ele foi ouvir o nome de Elbereth. E mais fatal para Frodo foi isto! - Abaixou-se de novo e levantou uma faca comprida e fina, que emitia um brilho frio. Conforme Passolargo a ergueu, eles viram que a lâmina estava chanfrada perto da extremidade, e que a ponta estava quebrada. Mas nesse mesmo momento, enquanto a faca era erguida perante a luz crescente, eles observaram atônitos: a lâmina pareceu derreter, e sumiu como fumaça no ar, deixando apenas o cabo na mão de Passolargo. - Infelizmente - disse ele - foi essa maldita faca que causou o ferimento em Frodo. Atualmente, poucos têm o poder de cura capaz de fazer frente a armas tão malignas. Mas farei o que puder.

Sentou-se no chão, e tomando o cabo do punhal, colocou-o sobre os joelhos, e cantou uma canção lenta, numa língua estranha. Depois, pondo -o de lado, voltou-se para

Frodo e, num tom suave, pronunciou palavras que os outros não conseguiram entender. Da bolsa acoplada ao seu cinto, retirou as folhas longas de uma planta.

- Essas folhas - disse ele -, caminhei muito para encontrá-las, pois esta planta não nasce nas colinas sem vegetação. Mas nas moitas que ficam lá adiante, ao sul da Estrada, consegui encontrá-la pelo cheiro das folhas. Esmagou uma folha nos dedos, e ela emanou uma fragrância doce e pungente. - Foi sorte tê-la encontrado, pois esta é uma planta medicinal que os homens do Oeste trouxeram para a Terra-média. Athelas é o nome que lhe davam, e atualmente alguns pés crescem esparsos, perto dos lugares onde eles moraram ou acamparam antigamente. A planta não é conhecida no Norte, a não ser por alguns daqueles que vagam pelas Terras Ermas. Tem grandes poderes, mas sobre um ferimento como esse sua eficácia pode ser pequena.

Jogou as folhas na água fervente e banhou o ombro de Frodo. A fragrância do vapor era reconfortante, e os que não estavam feridos sentiram suas mentes acalmadas e lúcidas. A erva também teve certo poder sobre o ferimento, pois Frodo sentiu que a dor e também a sensação de frio cediam; mas a vida não voltou ao seu braço, e ele não podia movê-lo ou levantar a mão. Arrependia-se amargamente de sua tolice, reprovando sua pouca determinação. Agora percebia que, tendo colocado o Anel, havia obedecido não apenas ao seu próprio desejo, mas também à vontade imperativa dos inimigos.

Perguntava-se se ficaria mutilado para o resto da vida, e como conseguiriam prosseguir a viagem agora. Sentia-se fraco demais para ficar em pé.

Os outros estavam discutindo justamente essa questão. Logo decidiram deixar o Topo do Vento o mais rápido possível. - Agora acho - disse Passolargo - que o Inimigo esteve vigiando este lugar já por alguns dias. Se Gandalf passou por aqui, foi forçado a ir embora, e não voltará mais. De qualquer forma, corremos grande perigo depois do escurecer, desde o ataque da noite passada, e dificilmente encontraremos um perigo maior, onde quer que estejamos.

Logo que o dia raiou por completo, comeram algo rapidamente e embalaram a bagagem. Para Frodo era impossível caminhar; então eles dividiram a maior parte da bagagem entre os quatro, colocando-o montado no pônei. Nos últimos dias, o pobre animal tinha melhorado, de forma inesperada; já parecia mais gordo e forte, e tinha começado a demonstrar afeição pelos novos donos, especialmente por Sam. O tratamento de Bill Samambaia devia ter sido muito duro, para que a viagem por esse lugar deserto lhe parecesse tão melhor que sua vida anterior.

Partiram em direção ao sul. Isso significaria atravessar a Estrada, mas era o caminho mais curto até a região mais arborizada. E eles precisavam de lenha. Passolargo tinha recomendado que Frodo fosse mantido aquecido, especialmente à noite, e além disso o fogo representaria alguma proteção para todos eles. Diminuir o trajeto cortando caminho, atalhando uma outra grande volta da Estrada, também estava nos planos dele: a leste do Topo do Vento a Estrada mudava de rumo e fazia uma grande curva para o norte.
Prosseguiram lenta e cuidadosamente, contornando a encosta sul da colina, e em pouco tempo estavam na borda da Estrada. Não havia sinal dos Cavaleiros. Mas no momento em que a atravessaram correndo, escutaram dois gritos: uma voz fria chamando, e uma voz fria respondendo. Tremendo, jogaram-se para frente, dirigindo-se para as moitas que ficavam adiante. A região à frente descia em direção ao sul, mas era deserta e sem trilhas: arbustos e árvores raquíticas cresciam em trechos densos, com grandes espaços vazios entre eles. O capim era ralo, áspero e cinzento; as folhas nas moitas estavam amareladas e caindo. Era uma região triste, e a viagem era lenta e melancólica. Falavam pouco enquanto avançavam. O coração de Frodo estava penalizado ao ver os outros andando ao seu lado, cabisbaixos, com as costas curvadas sob o peso da bagagem. Até mesmo

Passolargo parecia cansado e triste.

Antes que o primeiro dia de viagem terminasse, a dor de Frodo começou a aumentar de novo, mas ele não mencionou o fato por um bom tempo. Quatro dias se passaram, sem que o chão ou a paisagem mudassem de modo significativo, a não ser pelo Topo do Vento, que sumia lentamente atrás deles, e pelas montanhas distantes, que ficavam um pouco mais próximas. Mas, desde aquele grito distante, não tinham visto ou ouvido sinais de que o inimigo estivesse vigiando ou seguindo seus passos. As horas escuras eram as mais temidas, e eles montavam guarda, revezando pares durante a noite, esperando ver, a qualquer momento, figuras negras surgindo na noite cinzenta, mal iluminada pela lua velada de nuvens. Apesar disso, nada viram, nada escutaram, exceto o suspiro das folhas esbranquiçadas e do capim. Nenhuma vez sentiram a presença maligna que os tinha rondado antes do ataque no valezinho.

Parecia bom demais esperar que os Cavaleiros já tivessem perdido sua trilha. Quem sabe se não estavam esperando, preparando alguma emboscada, nalguma passagem estreita?

Ao final do quinto dia, o solo começou de novo a subir, lentamente, saindo do vasto e raso vale no qual tinham descido. Passolargo a gora mudara o curso outra vez, dirigindo-se para o nordeste, e no fim do sexto dia tinham chegado ao topo de uma ladeira de subida difícil, vendo à frente um amontoado de colinas cobertas por florestas; à direita, um rio cinzento brilhava pálido na fraca luz do sol. Na distância, entretanto, vislumbravam um outro rio, num vale pedregoso, meio velado pela névoa.

- Receio que devemos voltar para a Estrada neste ponto, e continuar nela por mais um trecho - disse Passolargo. - Chegamos ao rio Fontegris, que os elfos chamam de Mitheithel. Ele corre da Charneca Etten, os morros dos trolls ao norte de Valfenda, e se junta ao Ruidoságua mais para o Sul. Alguns o chamam de rio Cinzento depois desse ponto. É um grande volume de água, no trecho anterior ao seu encontro com o Mar. Não há como atravessá-lo abaixo de suas cabeceiras na Charneca Etten, a não ser utilizando a última Ponte, pela qual a Estrada atravessa.

- O que é aquele outro rio que estamos vendo lá adiante? - perguntou Merry.

- Aquele é o Ruidoságua, o Bruinen de Valfenda - respondeu Passolargo. - A Estrada vai acompanhando a borda das colinas por muitas milhas, desde a Ponte até o Vau do Bruinen. Mas ainda não pensei em como o atravessaremos. Um rio de cada vez! Teremos sorte se não encontrarmos a última Ponte tomada pelo inimigo.

No dia seguinte pela manhã, atingiram de novo a beira da Estrada. Sam e Passolargo foram na frente, mas não havia sinal de viajantes ou cavaleiros. Naquele ponto, sob a sombra das colinas, tinha chovido. Passolargo julgou que a chuva tinha caído dois dias antes, e que tinha apagado as pegadas. Nenhum cavaleiro tinha passado por ali desde então, pelo que podia ver.

Apressaram-se pela Estrada o mais rápido que conseguiram e, depois de uma ou duas milhas, depararam com a última Ponte, na base de uma ladeira curta e íngreme. Tinham receado encontrar figuras negras esperando ali, mas não viram nenhuma.

Passolargo fez com que eles se abrigassem numa moita ao lado da Estrada, enquanto foi na frente explorar a região.

Logo ele voltou correndo. - Não vejo sinal do inimigo - disse ele. E gostaria muito de saber o que isso significa. Mas encontrei algo muito estranho.

Estendeu a mão, mostrando uma pedra singular, de um verde -claro.

Encontrei-a na lama, no meio da Ponte - disse ele. - É um berilo, uma pedra élfica. Se foi colocada lá, ou se caiu por acaso, não posso dizer; mas me traz esperança. Tomarei a pedra como um sinal de que podemos atravessar a Ponte; mas depois dela não devemos

nos arriscar a continuar na Estrada, sem algum outro sinal mais evidente.

Mais uma vez prosseguiram. Atravessaram a Ponte a salvo, não escutando nenhum ruído, a não ser o da água em torvelinho contra seus três grandes arcos. Uma milha mais adiante encontraram um desfiladeiro estreito que conduzia para o norte, através das terras íngremes à esquerda da Estrada. Neste ponto, Passolargo deixou a Estrada, e logo estavam todos perdidos num lugar sombrio, de árvores escuras distribuídas entre os pés de colinas taciturnas.

Os hobbits ficaram contentes por deixar a região melancólica e a perigosa Estrada para trás, mas esse novo trecho parecia hostil e ameaçador.

Conforme avançavam, as colinas à frente ficavam cada vez mais altas. Aqui e ali, sobre topos e cordilheiras, podiam ver os restos de antigas muralhas de pedra, e ruínas de torres: tinham uma aparência agourenta. Frodo, que não estava andando, tinha tempo para olhar à frente e pensar. Lembrava-se do relato que Bilbo fizera de sua viagem, e das torres ameaçadoras sobre as colinas ao norte da Estrada, na região próxima à floresta dos trolls, onde sua primeira aventura séria tinha ocorrido. Frodo supunha estar agora na mesma região, e imaginava se por acaso passariam pelo mesmo ponto.

- Quem mora por aqui? - perguntou ele. - E quem construiu essas torres? Essa região pertence aos trolls?

- Não - disse Passolargo. - Os trolls não constroem nada. Ninguém mora aqui. Os homens moraram numa certa época, eras atrás; mas ninguém permanece agora. Tornaram-se um povo mau, dizem as lendas, pois foram dominados pela sombra de Anginar. Mas todos foram destruídos na guerra que exterminou o Reino do Norte. Mas tudo isso faz muito tempo, e as colinas os esqueceram, embora uma sombra ainda cubra a região.

- Onde você aprendeu essas histórias, se toda a região está vazia e esquecida? - perguntou Peregrin. - Aves e animais não contam histórias desse tipo.

- Os herdeiros de Elendil não esquecem todas as coisas passadas disse Passolargo. - E muitas outras coisas que posso contar são relembradas em Valfenda.

- Você esteve muitas vezes em Valfenda? - perguntou Frodo.

- Estive - disse Passolargo. - Morei lá uma época, e ainda volto quando posso. Ali está meu coração; mas meu destino não é me acomodar em paz, mesmo na bela casa de Elrond.

As colinas agora começavam a enclausurá-los. Atrás, a Estrada continuava seu caminho em direção ao rio Bruinen, mas ambos agora estavam escondidos. Os viajantes chegaram a um vale comprido; estreito, profundo, escuro e silencioso.

Árvores com raízes velhas e retorcidas se debruçavam sobre abismos, e se amontoavam em ladeiras íngremes cobertas de pinheiros.

Os hobbits ficaram muito cansados. Avançavam devagar, pois tinham de fazer seu caminho em meio a uma região sem trilhas, cheia de árvores e rochas caídas. Evitavam ao máximo escalar as encostas, por causa de Frodo, e também porque era realmente difícil achar algum caminho que os tirasse dos vales estreitos.

Já estavam havia dois dias nessa região quando o clima se tornou úmido. O vento começou a soprar continuamente do oeste, derramando a água dos mares distantes sobre as cabeças pretas das colinas, na forma de uma chuva fina que alagava tudo. Ao cair da noite estavam todos ensopados, e o acampamento que fizeram não tinha conforto, pois não conseguiram acender fogueira alguma. No dia seguinte, as colinas à frente ficaram ainda mais altas e íngremes, o que os forçou a mudar de rumo, indo para o norte. Passolargo parecia estar ficando ansioso: já estavam a quase dez dias do Topo do Vento, e a reserva de provisões estava começando a ficar escassa.

Continuava a chover.

Naquela noite, acamparam numa saliência rochosa com uma muralha de pedra atrás deles, na qual havia uma caverna não muito profunda, uma simples concavidade na encosta.

Frodo estava inquieto. O frio e a umidade faziam com que seu ferimento doesse mais que nunca, e a dor e o sentimento de frio mortal impediam que dormisse- Ficava deitado, virando-se de um lado para o outro e escutando, cheio de terror, os furtivos ruídos da noite: vento nas fendas das rochas, água gotejando, um estalo, a queda repentina e estrepitosa de uma rocha desprendida. Sentiu que figuras negras se aproximavam para sufocá-lo, mas, quando se sentou, não viu nada além das costas de Passolargo, sentado e arqueado para frente, fumando se u cachimbo, vigiando. Deitou-se de novo e entrou num sonho agitado, no qual ele caminhava sobre a grama de seu jardim no Condado, mas a imagem parecia apagada e fraca, menos nítida que as sombras altas e negras que olhavam sobre a cerca -viva.

De manhã, acordou e viu que a chuva tinha parado. As nuvens ainda estavam densas, mas iam se desfazendo, e pálidas faixas azuis apareciam por entre elas.

O vento estava mudando de novo. Não partiram cedo. Imediatamente após um desjejum frio e pouco reconfortante, Passolargo saiu sozinho, dizendo aos outros que ficassem sob o abrigo da encosta até que ele voltasse. Ia escalar, se pudesse, para dar uma olhada na configuração do terreno.

Quando voltou, não estava confiante. - Desviamos demais para o norte - disse ele. - E temos de achar um caminho para voltar outra vez em direção ao sul. Se continuarmos por onde estamos indo, acabaremos chegando nos Vales Etten, muito ao norte de Valfenda. Ali é região de trolls, que eu conheço pouco. Talvez pudéssemos achar um caminho e chegar a Valfenda pelo norte, mas isso levaria muito tempo, pois não sei o caminho, e nossa comida não seria suficiente. De uma maneira Ou de outra, temos de achar o Vau do Bruinen.

Pelo resto daquele dia, avançaram aos tropeços sobre o solo pedregoso.
Encontraram uma passagem entre duas colinas, que os conduziu a um vale que ia do sul para o leste, a direção que queriam tomar; mas no fim do dia descobriram que seu caminho estava novamente bloqueado por uma cordilheira; os topos escuros, contrastando com o céu, quebravam-se em muitas pontas nuas, como os dentes de um serrote cego. Podiam escolher entre voltar ou escalar.

Decidiram tentar a escalada, que resultou em muita dificuldade. Logo Frodo foi obrigado a descer do pônei e caminhar, o que fazia à custa de muito esforço. Mesmo assim, várias vezes quase perderam as esperanças de conseguir levar o pônei colina acima, ou até de achar uma trilha para eles mesmos, carregados de coisas como estavam. A luz já tinha quase se extinguido, e estavam exaustos, quando finalmente atingiram o topo. Tinham escalado até um passo estreito entre dois pontos mais altos, e o terreno descia íngreme novamente, apenas um pouco à frente. Frodo se jogou no chão e ficou deitado, tremendo. Seu braço esquerdo estava paralisado, e sentia como se garras de gelo segurassem seu ombro e flanco. As árvores e rochas ao redor pareciam sombrias e escuras.

- Não podemos continuar - disse Merry a Passolargo. - Receio que isso tenha sido demais para Frodo. Estou terrivelmente aflito por ele. Que devemos fazer? Você acha que poderão curá-lo em Valfenda, se chegarmos lá?

- Veremos - respondeu Passolargo. - Não há mais nada que eu possa fazer nesta região deserta; e é principalmente por causa do ferimento dele que estou tão ansioso por continuar. Mas concordo que não podemos prosseguir esta noite.

- Qual é o problema com meu patrão? - perguntou Sam em voz baixa, olhando

desesperado para Passolargo. - O ferimento foi pequeno, e já está fechado. Não se vê nada a não ser uma marca fria e branca em seu ombro.

- Frodo foi tocado pelas armas do Inimigo - disse Passolargo. - E há algum veneno ou malefício em ação, que está além da minha habilidade de expulsar. Mas não perca a esperança, Sam!

A noite era fria sobre o alto desfiladeiro. Acenderam uma pequena fogueira sob as raízes retorcidas de um velho pinheiro, que se curvava sobre uma cavidade rasa: parecia que uma pedra tinha sido extraída dali. Sentaram -se, uns aconchegados aos outros.

O vento soprava frio através da passagem, e eles escutaram as copas das árvores abaixo gemendo e suspirando. Frodo entrara numa espécie de delírio, imaginando que asas escuras e infinitas pairavam sobre ele, e que montando as asas estavam perseguidores que o procuravam em todas as concavidades das colinas.

O dia amanheceu claro e bonito; o ar estava limpo, e a luz era pálida no céu recentemente lavado pela chuva. Os corações se sentiram mais fortes, mas eles queriam que o sol aquecesse suas pernas e braços, que estavam enregelados e duros. Assim que ficou claro, Passolargo foi olhar a região do ponto que ficava ao leste da passagem, levando Merry consigo. O sol tinha se levantado, e brilhava forte, quando voltou com notícias mais animadoras. Estavam agora indo mais ou menos na direção correta.

Se continuassem pela encosta da cordilheira, teriam as Montanhas à sua esquerda. Alguma distância à frente, Passolargo tinha visto um trecho do Ruidoságua de novo, e sabia que, embora estivesse escondida, a Estrada para o Vau não estava longe do Rio, e ficava na margem mais próxima do ponto onde estavam.

- Devemos voltar para a Estrada de novo - disse ele. - Não há esperança de acharmos uma trilha através destas colinas. Apesar de todo o perigo que correremos ali, a Estrada é o único caminho para o Vau.

Logo após comerem, partiram novamente. Desceram devagar a encosta sul da cordilheira; mas o caminho foi bem mais fácil do que esperavam, pois a descida era muito menos íngreme desse lado, e logo Frodo pôde montar de novo. O pobre e velho pônei de Bill Samambaia estava desenvolvendo um talento inesperado para achar uma trilha, e para evitar ao máximo qualquer solavanco que pudesse perturbar seu montador. Os ânimos do grupo se elevaram de novo. Até Frodo se sentia muito melhor na luz da manhã, mas de quando em quando uma névoa parecia obscurecer sua visão, e ele passava as mãos sobre os olhos.

Pippin estava um pouco à frente dos outros. De repente, voltou -se e gritou: - Há uma trilha aqui!

Quando os outros o alcançaram, viram que não tinha si do engano: via-se claramente o início de uma trilha, que subia com muitas curvas, saindo da floresta abaixo, e desaparecia no topo da colina atrás deles. Em alguns pontos, estava agora apagada e coberta de vegetação, ou sufocada por árvores e pedras caídas; mas parecia ter sido muito usada em alguma época. Era uma trilha feita por braços fortes e pés pesados. Aqui e ali velhas árvores tinham sido cortadas ou arrancadas, e grandes rochas cortadas ou colocadas de lado para abrir caminho.

Seguiram a trilha por um tempo, pois ela oferecia o caminho mais fácil até lá embaixo, mas iam com cuidado, e a ansiedade aumentou quando chegaram na floresta escura, e a trilha ficou mais plana e larga. De súbito, saindo de uma faixa de pinheiros, viram uma ladeira íngreme que descia, e virava para a esquerda num ângulo fechado, contornando uma saliência rochosa da colina. Quando atingiram a curva, viram que a trilha continuava numa faixa plana sob a parede de um rochedo baixo coberto de árvores. Na muralha de pedra havia uma porta entreaberta, que pendia torta e aberta, presa por

uma grande dobradiça.

Do lado de fora da porta, pararam. Havia uma caverna semelhante a uma câmara de pedra atrás dela, mas na escuridão não se via nada. Passolargo, Sam e Merry, empurrando com toda a força que tinham, conseguiram abrir a porta um pouco mais, e então Passolargo e Merry entraram. Não foram muito longe, pois no chão havia muitos ossos velhos, e nada mais se via perto da porta, a não ser algumas vasilhas grandes e vazias, e potes quebrados.

- Certamente, esta é uma toca de trolls, se é que isso existe! - disse Pippin. - Venham, vocês dois, e vamos sair daqui. Agora sabemos quem fez a trilha, e é melhor irmos embora rápido.

- Não vejo necessidade, eu acho - disse Passolargo, saindo. - Certamente, esta é uma toca de trolls, mas parece abandonada há muito tempo. Não acho que precisamos ficar com medo. Mas vamos descer com cuidado, e veremos.

A trilha continuava de novo depois da porta e, virando mais uma vez para a direita através do espaço plano, mergulhava numa ladeira coberta por vegetação densa.

Pippin, não querendo demonstrar a Passolargo que ainda sentia medo, foi à frente com Merry. Sam e Passolargo vieram atrás, um de cada lado do pônei de Frodo, pois agora a trilha era larga o suficiente para permitir que quatro ou cinco hobbits andassem lado a lado. Mas não tinham ido muito longe quando Pippin voltou correndo, seguido por Merry. Os dois pareciam apavorados.

- Há trolls! - ofegou Pippin. - Ali embaixo, numa clareira na floresta, não muito distante. Vimo-los de relance entre os troncos de árvores. São muito grandes!

- Vamos lá dar uma olhada - disse Passolargo, pegando um pau. Frodo não disse nada, mas Sam parecia amedrontado.

Agora o sol estava alto, brilhando através dos ramos seminus das árvores, iluminando a clareira com raios de luz intensa. Pararam de repente na borda, e espiaram através dos troncos das árvores, segurando a respiração. Ali estavam os trolls: três grandes trolls. Um estava agachado, enquanto os outros dois o observavam.

Passolargo avançou indiferente. - Levante, pedra velha! - disse ele, arrebentando o pau no troll agachado.

Nada aconteceu. Pasmos, os hobbits ficaram de boca aberta, e depois até Frodo riu.

- Bem! - disse ele. - Estamos esquecendo a história de nossa família! Estes devem ser exatamente aqueles três que foram capturados por Gandalf, e que estavam discutindo sobre a melhor maneira de se cozinhar treze anões e um hobbit.

- Não tinha idéia de que estivéssemos perto do lugar! - disse Pippin, que conhecia bem a história. Bilbo e Frodo sempre a contavam, mas na verdade ele nunca acreditara nela completamente. Mesmo agora, olhava para os trolls de pedra com suspeita, imaginando se algum tipo de mágica não os traria de volta à vida novamente.

- Vocês estão esquecendo não só a história da família, mas também tudo o que sabiam sobre trolls - disse Passolargo. - Estamos em plena luz do dia, com o sol brilhando, e vocês voltam tentando me assustar com uma história de trolls vivos esperando por nós na clareira! De qualquer forma, poderiam ter notado que um deles tem um velho ninho de passarinho atrás da orelha. Esse é um enfeite muito singular para um troll vivo.

Todos riram. Frodo sentiu seu ânimo renascer: a lembrança da primeira aventura bem-sucedida de Bilbo era encorajadora.

O sol, também, estava quente e reconfortante, e a névoa que cobria seus olhos parecia estar se desvanecendo um pouco.

Descansaram por um tempo na clareira, e fizeram a refeição do meio-dia bem

embaixo da sombra das grandes pernas dos trolls.

- Alguém não poderia cantar uma canção, nessa hora em que o sol está tão alto? - disse Merry, quando tinham terminado de comer. - Não escutamos uma canção ou história há dias.

- Desde o Topo do Vento - disse Frodo. Os outros olharam para ele. Não se preocupem comigo! - acrescentou. - Sinto-me muito melhor, mas não acho que poderia cantar.

Talvez Sam consiga cavar alguma coisa em sua memória.

- Vamos lá, Sam! - disse Merry. - Existem mais coisas armazenadas na sua memória do que você dá a conhecer.

- Não sei nada disso - disse Sam. - Mas será que esta cairia bem? Não é exatamente o que eu chamaria de poesia, se é que me entendem: apenas um pouco de besteira.

Mas essas imagens antigas daqui me fizeram lembrar. - Em pé, com as mãos atrás das costas, como se estivesse na escola, começou a cantar uma melodia antiga.

Troll no calabouço, só sem alvoroço,
Sentado resmunga, roendo um velho osso;
Por anos sem conta, roía a mesma ponta,
Pois carne jamais encontrava.
Rosnava! Chiava!
Sentado, sozinho, em seu calabouço,
E carne jamais encontrava.
Surge Tom agora de bota e de espora.
E já vai dizendo: - O que você devora?
Parece, isso sim, a canela do tio Tim,
Que devia estar em sua sepultura.
Dura! Escura!
Já faz um tempão que meu tio foi embora,
E eu achava que estava em sua sepultura.
- Bem, diz o safado, o osso foi roubado.
Mas pra que é que serve um osso enterrado?
Já estava bem frio, feito gelo, o titio,
Antes de eu pegar sua canela.
Bela! Gela!
E ele a quis dar para um velho coitado,
Já que não precisava mais dela.
Diz Tom: - Não consigo entender como o amigo,
Sem ter permissão, vai e leva consigo
Chanca ou canela de minha parentela.
Então me dá logo esse osso! Grosso! Insosso!
É dele, eu te digo, o que tinha consigo.
Então me dá logo esse osso!
- Por uma bagatela, diz Troll tagarela,
Também como você e rôo sua canela.
Essa carne macia, que gostosa seria!
Deixa eu dar uma mordida. Urdida!Ardida!
Já cansei de roer esta velha canela.
Tô afim de você por comida.
Mas quando Troll julgava que o jantar agarrava,

Percebeu que sua mão nada mais segurava.
Rápido, num zás, Tom passou para trás
E meteu-lhe a botina. Sina!Atina!
Um bom chute no assento, Tom pensava,
E agora vai ver que ele atina!
Mas dura qual caroço é a carne com osso
De um troll instala do em seu calabouço,
Melhor é chutar uma pedra tumular
Porque assento de troll nada sente.
Mente? Tente! Riu Troll quando Tom gemeu em alvoroço,
Sabendo o que um dedão sente.
E Tom hoje anda coxo, depois que voltou mocho
Seu pé sem botina está sempre meio roxo.
Mas Troll numa boa, continua sempre à toa,
Roendo seu osso roubado.
Dado! Fado! Sentado, só, velho e chocho,
Roendo seu osso roubado!

Bem, isso é um aviso para todos nós - riu Merry. - Foi bom que você usou um pau, e não a mão, Passolargo!

- De onde você desenterrou essa, Sam? - perguntou Pippin. - Nunca escutei essa letra antes.

Sam murmurou algo inaudível. - Da própria cabeça dele, é claro disse Frodo. - Estou aprendendo muito sobre Sam Gamgi nesta viagem. Primeiro era um conspirador, agora um bufão. Vai acabar se revelando um mago - ou um guerreiro!

- Espero que não - disse Sam. - Não quero ser nenhum dos dois! De tarde, avançaram, descendo pela floresta. Provavelmente estavam seguindo a mesma trilha que Gandalf, Bilbo e os anões tinham usado havia muitos anos. Depois de algumas milhas, saíram no topo de um barranco alto sobre a Estrada. Nesse ponto, a Estrada já tinha deixado o Fontegris bem atrás em seu vale estreito, e agora se prendia ao sopé das colinas, rolando e ziguezagueando em direção ao leste, entre florestas e encostas cobertas por urzais, seguindo para o Vau e as Montanhas. Não muito abaixo do barranco, Passolargo apontou para uma rocha sobre o capim. Nela estavam entalhadas, de forma rude e agora bem gastas, runas de anões e marcas secretas.

- Vejam! - disse Merry. -Aquela deve ser a pedra que marcava o lugar onde o ouro dos trolls estava escondido. - Quanto você acha que restou da parte de Bilbo, Frodo?

Frodo olhou a pedra, desejando que Bilbo não tivesse trazido para casa nenhum tesouro mais perigoso, nem mais difícil de abandonar. - Nada! Disse ele. - Bilbo doou tudo. Disse-me que não sentia que o tesouro era realmente dele, uma vez que vinha de ladrões.

A Estrada se estendia quieta, sob as sombras compridas do início da noite. Não se via qualquer sinal de viajantes. Como agora não havia outro caminho que pudessem tomar, desceram o barranco, e virando à esquerda avançaram o mais rápido possível. Logo uma saliência nas colinas bloqueou a luz do sol que se deitava rápido no oeste. Um vento frio descia ao seu encontro, vindo das montanhas à frente.

Estavam começando a procurar um lugar fora da Estrada, onde pudessem acampar durante a noite, quando ouviram um som que trouxe um pavor repentino de volta aos seus corações: o ruído de cascos atrás deles. Olharam para trás, mas não podiam enxergar muito longe por causa das várias curvas da Estrada. Com a máxima velocidade possível,

deixaram aos tropeços o caminho batido, penetrando na densa vegetação de urzais e mirtilos que cobria as encostas acima, até que chegaram num pequeno trecho coberto por densas aveleiras. Ao espiarem por entre os arbustos, puderam ver a Estrada, apagada e cinzenta sob a luz que enfraquecia, cerca de dez metros abaixo de onde estavam. O som dos cascos se aproximou. Avançavam rápido, com um suave clipete-clipete-clipe. Então ouviram baixinho, como que carregado pela brisa, um som suave, como se pequenos sinos estivessem tocando.

- Esse não parece um cavalo dos Cavaleiros Negros! - disse Frodo, escutando atentamente. Os outros hobbits concordaram esperançosos mas todos permaneceram cheios de suspeitas. Tinham sentido medo de perseguições por tanto tempo que qualquer som atrás deles parecia agourento e hostil. Mas Passolargo agora se curvava para frente, e, abaixando-se até o chão, com uma mão sobre a orelha, fez uma expressão de alegria.

A luz desaparecia, e as folhas e arbustos farfalhavam suavemente. Os sinos agora soavam alto e mais perto; clipete -clipe, vinham as patas em trote rápido. De repente apareceu, lá embaixo, um cavalo branco, reluzindo nas sombras, correndo muito. No crepúsculo, a testeira brilhava e reluzia, como se estivesse adornada com pedras que pareciam estrelas. A capa do cavaleiro flutuava nas suas costas, e o capuz estava jogado para trás; o cabelo dourado esvoaçava brilhante no vento veloz. Frodo teve a impressão de que uma luz branca brilhava através da figura e das vestes do cavaleiro, como se viesse através de um véu tênue.

Passolargo pulou do esconderijo e correu em direção à Estrada, saltando com um grito através do urzal; mas antes mesmo que tivesse se movido ou gritado, o cavaleiro puxou as rédeas e parou, olhando para cima em direção à moita onde estavam. Quando viu Passolargo, desceu do cavalo e correu para encontrá-lo, gritando: Ai na vedui Dúnadan! Alae govannen!

A fala e a voz clara, musical, não deixavam dúvidas nos corações: o cavaleiro era do povo élfico. Nenhuma outra criatura habitante do vasto mundo tinha uma voz tão bela e agradável de escutar. Mas parecia haver um tom de aflição naquele chamado, e eles viram que agora ele falava com Passolargo cheio de ansiedade e urgência.

Logo Passolargo fez um sinal, e os hobbits saíram dos arbustos, correndo para a Estrada. - Este é Glorfindel, que mora na casa de Elrond disse ele.

- Salve, que bom que finalmente os encontrei! - disse o Senhor-élfico a Frodo. - Fui enviado de Valfenda para encontrá-los. Temíamos que estivessem correndo perigo na estrada.

- Então Gandalf chegou a Valfenda - gritou Frodo cheio de alegria.

- Não. Ainda não tinha chegado quando parti, mas isso já faz muitos dias - respondeu Glorfindel. - Elrond recebeu uma notícia que o preocupou. Alguns de meu povo, viajando por sua terra além do Baranduin, souberam que as coisas deram errado, e enviaram mensagens o mais rápido possível. Disseram que os Nove estavam espalhados, e que vocês estavam perdidos, carregando um fardo pesado, sem orientação, pois Gandalf não tinha voltado. Até mesmo em Valfenda existem poucas pessoas que podem cavalgar abertamente contra os Nove; mas do jeito que as coisas estavam, Elrond enviou mensageiros para o Norte, Oeste e Sul. Pensou -se que vocês poderiam ter mudado de direção para evitar os perseguidores, e perdido o rumo nesse lugar deserto.

- A parte designada a mim foi pegar a Estrada, e eu cheguei até a Ponte de Mitheithel, deixando ali um sinal, há sete dias. Três dos servidores de Sauron estiveram na Ponte, mas retiraram-se e os persegui em direção ao norte. Também encontrei outros dois, mas eles rumaram para o sul. Desde então tenho procurado sua trilha. Há dois dias a encontrei, e a segui através da Ponte; hoje observei o ponto por onde voltaram e desceram

das colinas de novo. Mas venham! Não há tempo para mais notícias. Já que estão aqui, devemos correr o perigo da Estrada e ir. Há cinco deles atrás de nós, e quando encontrarem suas pegadas na Estrada, virão atrás de vocês como o vento. E não são todos. Onde estão os outros, eu não sei. Receio que o Vau já esteja tomado pelos inimigos.

Enquanto Glorfindel falava, as sombras da noite aumentaram. Frodo sentiu um grande cansaço tomando conta de seu corpo. Desde que o sol começara a se pôr, a névoa sobre seus olhos tinha ficado mais densa, e ele sentia que uma sombra começava a se instalar entre ele e os rostos dos amigos. Agora a dor o acometia, e ele sentia frio. Estava zonzo, e se agarrava ao braço de Sam.

- Meu patrão está doente e ferido - disse Sam furioso. - Ele não pode continuar montando depois do cair da noite. Precisa descansar.

Glorfindel segurou Frodo, que quase caía ao chão, e tomando-o gentilmente nos braços, olhou seu rosto com grande ansiedade.

Rapidamente, Passolargo contou-lhe sobre o ataque ao acampamento no Topo do Vento, e da faca mortal. Pegou o cabo, que tinha guardado, estendendo- o ao elfo. Glorfindel tremeu ao pegá-lo, mas continuou observando-o com grande atenção.

- Há coisas maléficas escritas neste cabo - disse ele. - Apesar de seus olhos não poderem vê-las. Guarde-o, Aragorn, até que cheguemos à casa de Elrond! Mas tenha cuidado, e toque-o o menos possível. Infelizmente, os ferimentos causados por esta faca estão além de meu poder de cura. Farei o que puder - mas o que acho mais necessário agora é partir sem descanso.

Ele procurou o ferimento no ombro de Frodo com os dedos, e seu rosto ficou mais sério, como se o que tivesse concluído o preocupasse. Mas Frodo sentiu que o frio diminuía em seu flanco e braço; um pequeno calor se espalhava do ombro para a mão, e a dor ficou mais suportável. A escuridão do início da noite parecia ficar menos densa à sua volta, como se uma nuvem tivesse sido retirada. Via de novo os rostos dos amigos mais claramente, e retornou a seu coração um bocado de nova esperança e força.

- Você montará meu cavalo - disse Glorfindel. - Vou encurtar o estribo até a aba da sela, e você deve sentar-se o mais firme que conseguir. Mas não precisa ter medo: meu cavalo não deixa cair nenhum cavaleiro que eu ordene que ele conduza. Seu passo é leve e suave; se o perigo chegar perto demais, ele o levará para longe com uma velocidade que nem os cavalos do inimigo podem alcançar.

- Não, ele não deve fazer isso! - disse Frodo. - Não vou montá-lo, se ele me levar para Valfenda ou qualquer outro lugar, deixando meus amigos para trás e em perigo.

Glorfindel sorriu. - Duvido muito que seus amigos fiquem em perigo se não estiverem com você - disse ele. - A perseguição continuaria atrás de você, deixando-nos em paz. É você, Frodo, e o que você carrega, que nos traz todo o perigo.

Frodo não teve resposta para aquilo, e foi persuadido a montar o cavalo branco de Glorfindel.

O pônei foi então carregado com a maioria dos fardos dos outros, de modo que agora todos marcharam mais facilmente, e por um período avançaram com boa velocidade; mas os hobbits começaram a ter dificuldade em acompanhar o ritmo dos pés rápidos e descansados do elfo. E adiante ele os conduziu, para dentro da escuridão, e continuou em frente, sob as nuvens densas da noite. Não havia lua nem estrelas.

Só quando viram a aurora cinzenta é que permitiu que parassem. Sam, Merry e Pippin estavam naquela hora quase dormindo sobre as pernas cambaleantes; e até mesmo Passolargo dava sinais de cansaço, que se manifestava em seus ombros curvados. Frodo montava o cavalo num sonho escuro.

Abrigaram-se sob o urzal que ficava a alguns metros da borda da estrada, e

adormeceram imediatamente. Parecia-lhes que mal tinham fechado os olhos, quando Glorfindel, que tinha montado guarda enquanto dormiam, acordou -os de novo. O sol já tinha subido bastante no céu, e as nuvens e a névoa da noite tinham se dissipado.

- Bebam isso - disse a eles Glorfindel, derramando para um de cada vez um pouco de uma bebida, de um frasco de couro adornado de prata.

O líquido era transparente como água, não tinha gosto, e ao contato com a boca não era nem frio nem quente; mas parecia que força e vigor fluíam-lhes para os braços e as pernas ao beberem dele. Depois disso, comer o pão velho e as frutas secas (que era tudo o que restava agora) parecia satisfazer-lhes a fome mais do que os melhores desjejuns do Condado.

Tinham descansado menos que cinco horas quando pegaram a Estrada de novo.

Glorfindel ainda forçou a viagem, e só permitiu duas paradas rápidas durante todo o dia de marcha. Desse jeito, cobriram quase vinte milhas antes do cair da noite, e chegaram a um ponto onde a Estrada fazia uma curva à direita, e descia em direção ao fundo do vale, indo direto para o Bruinen. Até agora, não tinha havido sinais ou ruídos da perseguição, mas freqüentemente Glorfindel parava para escutar por uns momentos, quando eles ficavam para trás, e uma expressão ansiosa cobria seu rosto. Uma ou duas vezes, dirigiu-se a Passolargo na língua élfica.

Mas por mais ansiosos que os guias estivessem, era ponto pacífico que os hobbits não podiam mais prosseguir aquela noite. Iam tropeçando, zonzos e cansados. A dor de Frodo tinha redobrado, e durante o dia as coisas à sua volta tinham se embaçado em sombras de um cinza fantasmagórico. Ele quase recebeu com alegria a chegada da noite, pois então o mundo parecia menos pálido e vazio.

Os hobbits ainda estavam cansados quando partiram de novo, no dia seguinte bem cedo. Ainda havia muitas milhas a percorrer até o Vau, e eles avançavam mancando, no melhor ritmo possível.

- Nosso perigo ficará maior um pouco antes de atingirmos o rio disse Glorfindel. - Meu coração me adverte que os perseguidores estão vindo rápido atrás de nós, e outros perigos podem estar à espera no Vau.

A Estrada ainda descia a colina íngreme, e agora em alguns pontos havia bastante capim dos dois lados, no qual os hobbits iam pisando quando podiam, para aliviar o cansaço dos pés. No fim da tarde, chegaram a um lugar onde a Estrada entrava abruptamente embaixo da sombra escura de pinheiros altos, e então mergulhava num valo profundo, com paredes íngremes e úmidas de pedra vermelha. Ecos reverberavam à medida que avançavam com pressa e parecia haver o ruído de muitos passos, seguindo os passos deles. De repente, como se por um portão de luz, a Estrada saiu novamente da extremidade do túnel para o espaço aberto. Ali, na base de uma subida íngreme, viram adiante um trecho comprido e plano, e além dele o Vau de Valfenda.

Na margem oposta, havia um barranco inclinado e escuro, marcado por uma trilha tortuosa; mais além, as montanhas altas subiam, saliência após saliência, e pico além de pico, para dentro do céu que se apagava.

Ainda se ouvia um som como o de pés perseguindo-os no valo; um ruído que se apressava, como se um vento se levantasse, derramando-se através dos ramos dos pinheiros.

Num momento, Glorfindel se virou para escutar, e então jogou-se para frente com um grito:

- Fujam! - gritou ele. - Fujam! O inimigo está nos alcançando! O cavalo branco saltou para frente. Os hobbits correram, descendo a ladeira. Glorfindel e Passolargo seguiam na retaguarda. Tinham atravessado apenas metade daquele espaço plano, quando

de repente escutaram o galope de cavalos. Saindo por entre as árvores que tinham deixado havia pouco, viram um Cavaleiro Negro a galope. Puxou as rédeas de seu cavalo e parou, oscilando na sela. Um outro o seguiu, e depois outro, e mais dois ainda.

- Vá embora! Galope! - gritou Glorfindel para Frodo.

Ele não obedeceu imediatamente, pois uma estranha relutância o segurava.

Fazendo o cavalo andar, voltou-se e olhou para trás. Os Cavaleiros pareciam montar seus grandes cavalos como estátuas ameaçadoras sobre uma colina, enquanto toda a floresta e as terras à sua volta se retraíam dentro de uma espécie de névoa. De repente, percebeu que eles, em silêncio, ordenavam que esperasse. Então, de imediato, o medo e o ódio acordaram dentro dele. Sua mão abandonou a rédea e empunhou a espada, e com um clarão vermelho a desembainhou.

- Galope! Galope! - gritou Glorfindel, e então, alto e bom som, gritou para o cavalo na língua élfica: noro lim, noro lim, Asfaloth! Imediatamente, o cavalo saltou e correu como o vento ao longo do último trecho da Estrada. No mesmo momento, os cavalos negros vieram descendo a colina em perseguição, e dos Cavaleiros vinha um grito terrível, como aquele que Frodo escutara enchendo a floresta de terror na Quarta Leste, lá longe.

Houve resposta; e para a infelicidade de Frodo e seus amigos, das árvores e rochas à sua esquerda, quatro outros Cavaleiros saíram em disparada. Dois vinham na direção de Frodo; dois galopavam alucinadamente para o Vau, para impedir sua fuga. Frodo tinha a impressão de que corriam como o vento, ficando rapidamente maiores e mais escuros, à medida que o trajeto que faziam convergia com o dele.

Frodo por um instante olho para trás, por sobre os ombros. Não conseguia mais ver os amigos. Os Cavaleiros estavam ficando para trás: nem mesmo seus grandes animais eram páreo em velocidade para o cavalo branco de Glorfindel. Olhou para frente de novo, e perdeu as esperanças. Parecia não haver chance de atingir o Vau antes de ser interceptado pelos outros, que esperavam numa emboscada. Agora podia vê-los com nitidez: parecia que tinham deixado de lado os capuzes e as capas pretas, e estavam vestidos de branco e cinza. As espadas estavam nuas nas mãos pálidas, elmos cobriam suas cabeças. Os olhos frios brilhavam, e eles o chamavam com vozes cruéis.

Agora o medo havia tomado conta da mente de Frodo. Não pensou mais em sua espada. Nenhum grito partiu dele. Fechou os olhos e agarrou-se à crina do cavalo. O vento assobiava em seus ouvidos, e os sinos dos arreios tilintavam frenética e estriduladamente. Um sopro de frio mortal o atravessou como uma lança quando, num último esforço, semelhante a um clarão de fogo branco, o cavalo élfico, como se estivesse voando, passou bem diante do rosto do Cavaleiro que ia na frente.

Frodo ouviu a água espirrar, espumando sob seus pés. Sentiu -a avançar e depois se afastar, quando o cavalo deixava o rio e se esforçava para subir o caminho de pedra. Estava subindo o barranco inclinado. Tinha atravessado o Vau.

Mas os perseguidores vinham logo atrás. No topo do barranco, o cavalo parou e se voltou, relinchando furiosamente. Havia Nove Cavaleiros na beira da água lá embaixo, e o ânimo de Frodo fraquejou diante da ameaça daqueles rostos voltados para cima. Não conseguia pensar em nada que pudesse impedir que eles atravessassem o Vau com a rapidez com que ele o fizera, e sentia que era inútil tentar escapar pelo caminho comprido e incerto que ia do Vau até o limite de Valfenda, se os Cavaleiros chegassem a atravessar. De qualquer maneira, sentiu -se forçado a parar. O ódio mais uma vez se agitava nele, mas não tinha mais força para se recusar.

De repente, o Cavaleiro mais próximo esporeou seu cavalo, forçando-o a avançar.

O cavalo refreou ao toque da água, empinando nas patas traseiras. Com grande

esforço, Frodo sentou-se ereto e brandiu a espada.

- Voltem! - gritou ele. - Voltem para a Terra de Mordor, e não me sigam mais! - Sua voz soava fina e trêmula aos seus próprios ouvidos. Os Cavaleiros pararam, mas Frodo não tinha o poder de Tom Bombadil. Seus inimigos riam dele, com um riso rude e arrepiante. - Volte! Volte! - gritavam eles. - Vamos levá-lo para Mordor!

- Voltem! - sussurrou ele.

- O Anel! O Anel! - gritavam eles com vozes mortais, e imediatamente o líder forçou o cavalo para dentro da água, seguido de perto por outros dois. Por Elbereth e Lúthien, a Bela - disse Frodo num último esforço, levantando a espada.

- Vocês não terão nem o Anel, nem a mim! Então o líder, que já tinha atravessado o Vau até a metade, levantou-se nos estribos, ameaçador, e ergueu a mão. Frodo foi tomado por uma espécie de adormecimento.

Sentia a língua aderindo à boca, e o coração batendo com dificuldade. Sua espada quebrou e caiu da mão trêmula.

O cavalo élfico empinou, bufando. O cavalo negro que vinha à frente já tinha quase saído da água.

Naquele momento, houve um trovão e um estrondo: um ruído enorme de águas fazendo rolar muitas pedras. Com a visão embaçada, Frodo conseguiu distinguir o movimento do rio embaixo dele se levantando, e descendo seu curso veio uma cavalaria emplumada de ondas brancas. Parecia a Frodo que chamas brancas piscavam nas cristas das ondas, e ele imaginou enxergar no meio da água cavaleiros brancos sobre cavalos brancos, com crinas espumantes. Os três Cavaleiros que ainda estavam na água sucumbiram: desapareceram, subitamente cobertos pela espuma furiosa. Os que estavam atrás recuaram, com medo.

Com os sentidos já bem fracos, Frodo escutou gritos, e teve a impressão de ver, atrás dos Cavaleiros que hesitavam na beira da água, uma figura brilhante de luz branca; e atrás dela corriam pequenas formas sombrias, acenando com chamas, que brilhavam na névoa cinzenta que caía sobre o mundo.

Os cavalos negros ficaram alucinados, e, pulando para frente, apavorados, conduziram os cavaleiros para dentro da enchente que avançava. Seus gritos agudos foram afogados no ruído do rio, que os carregava para longe. Então Frodo sentiu que estava caindo, e o ruído e a confusão pareceram aumentar e engoli-lo, juntamente com os inimigos. Não escutou nem viu mais nada.

LIVRO II

CAPÍTULO I
MUITOS ENCONTROS

Ao acordar, Frodo se viu deitado numa cama. Num primeiro momento, pensou ter perdido a hora, depois de um sonho desagradável que ainda pairava no limiar de sua memória, Ou, quem sabe, estivera doente? Mas o teto parecia estranho; era plano, com vigas esplendidamente entalhadas. Ficou deitado por mais um tempo, olhando para a luz do sol projetada na parede, e escutando o som de uma cachoeira.

- Onde estou, e que horas são? - disse ele em voz alta para o teto.

- Na Casa de Elrond, e são dez da manhã - disse uma voz. - Estamos na manhã do dia 24 de outubro, se quiser saber.

- Gandalf. - gritou Frodo, sentando-se. Ali estava o velho mago, sentado numa poltrona próxima à janela aberta.

- Sim - disse ele. - E você tem sorte por estar aqui, também, depois de todas as coisas absurdas que fez desde que saiu de casa.

Frodo se deitou de novo. Sentia-se bem demais para discutir, e de qualquer forma não julgava que levaria a melhor numa discussão. Estava inteiramente acordado agora, e a lembrança da viagem retornava à sua mente: o "atalho" desastroso através da Floresta Velha, o "acidente" no Pônei Saltitante, e a loucura de colocar o Anel naquele valezinho embaixo do Topo do Vento. Enquanto pensava em todas essas coisas e tentava em vão recordar sua chegada a Valfenda, houve um longo silêncio, apenas quebrado pelas suaves baforadas do cachimbo de Gandalf, que soprava anéis de fumaça branca para fora da janela.

- Onde está Sam? - perguntou Frodo finalmente. - Tudo bem com os outros?

- Sim, estão sãos e salvos - respondeu Gandalf. - Sam ficou aqui até que o mandei descansar um pouco, cerca de uma hora atrás.

- O que aconteceu no Vau? - perguntou Frodo. - Parece que tudo estava de alguma forma tão embaçado; e ainda está.

- De fato. Você estava começando a desaparecer - respondeu Gandalf.

- O ferimento estava finalmente vencendo-o. Mais algumas horas e não poderíamos mais ajudá-lo. Mas existe uma certa força em você, meu querido hobbit! Demonstrou isso no Túmulo. Aquilo foi muito arriscado: talvez o momento mais perigoso de todos. Eu gostaria que tivesse resistido no Topo do Vento.

- Parece que você já sabe de muita coisa - disse Frodo. - Não comentei com os outros sobre o Túmulo. Em primeiro lugar, foi horrível demais, e em segundo, havia outras coisas para pensar. Como é que você sabe sobre isso?

- Conversamos longamente durante seu sono, Frodo - disse Gandalf suavemente. - Não foi difícil para mim ler sua mente e sua memória. Não se preocupe! Embora eu tenha dito "coisas absurdas" agora há pouco, não foi essa a minha intenção. Tenho você em alta conta - e os outros também. Não foi pouca coisa chegar até aqui, passando por tantos perigos, e ainda trazendo o Anel.

- Jamais teria conseguido sem Passolargo - disse Frodo. - Mas precisávamos de você. Eu não sabia o que fazer sem sua ajuda.

- Eu me atrasei - disse Gandalf. - E isso quase foi nossa ruína. Mas, mesmo assim, não tenho certeza. Talvez tenha sido melhor assim.

- Gostaria que me contasse o que aconteceu.

- Tudo a seu tempo! Você não deve falar e se preocupar com nada hoje. São ordens de Elrond.

- Mas conversar me faria parar de pensar e imaginar, que são coisas muito cansativas - disse Frodo. - Estou plenamente acordado agora, e lembro muitas coisas que precisam ser explicadas. Por que você se atrasou? Tem de me contar pelo menos isso.

- Logo vai ouvir o que quer saber - disse Gandalf. - Vamos ter um Conselho, logo que você estiver restabelecido. Por agora, só direi que fui mantido prisioneiro.

- Você? - gritou Frodo.

- Sim, eu, Gandalf, o Cinzento - disse o mago solenemente. - Há muitos poderes no mundo, trabalhando para o bem e para o mal. Alguns são maiores que eu. Contra alguns, minhas forças ainda não foram medidas. Mas minha hora está chegando. O senhor de Morgul e seus Cavaleiros Negros se manifestaram. A guerra está se formando!

- Então você já sabia dos Cavaleiros - antes que eu os encontrasse?

- Sim, sabia da existência deles. Na verdade, mencionei-os uma vez a você, pois os Cavaleiros Negros são os Espectros do Anel, os Nove Servidores do Senhor dos Anéis. Mas não sabia que eles tinham novamente se levantado, ou teria fugido com você de imediato. Só tive notícias deles depois que o deixei em junho; mas essa história deve esperar. Por enquanto, fomos salvos do desastre, por Aragorn.

- Sim - disse Frodo. - Foi Passolargo quem nos salvou. No entanto, tive medo dele no começo. Sam nunca confiou de verdade nele, eu acho. De qualquer forma, não até que encontramos Glorfindel.

Gandalf sorriu. - Já soube tudo sobre Sam - disse ele. - Agora não restam mais dúvidas.

- Fico contente - disse Frodo. - Pois me afeiçoei muito a Passolargo. Bem, afeiçoei não é bem a palavra. Quero dizer que ele me é muito caro, embora seja estranho, e às vezes austero. Na verdade, ele sempre me faz lembrar você. Não sabia que uma das pessoas grandes podia ser assim. Eu pensava, bem, eu pensava que eles eram só grandes, e bastante estúpidos: gentis e estúpidos como Carrapicho, ou estúpidos e maldosos como Bill Samambaia. Mas também não sabemos muito sobre os homens no Condado, a não ser talvez sobre os moradores de Bri.

- Nem sobre esses você sabe muita coisa, se você acha que o velho Cevado é estúpido - disse Gandalf - Ele é muito sábio em seu próprio terreno. Pensa menos do que fala, e mais devagar; no entanto, ele é capaz de enxergar através de uma parede de tijolos em tempo (como dizem em Bri). Mas restam poucos na Terra-média como Aragorn, filho de Arathorn. A raça dos Reis que vieram do outro lado do Mar está quase no fim. Pode ser que esta Guerra do Anel seja a última aventura deles.

- Quer mesmo dizer que Passolargo faz parte do povo dos antigos Reis? - disse Frodo surpreso. - Pensei que tivessem todos desaparecido há muito tempo, pensei que ele fosse apenas um guardião.

- Apenas um guardião! - gritou Gandalf - Meu querido Frodo, é exatamente isso que os guardiões são: os últimos remanescentes no Norte desse grande povo, os homens do Oeste. Já me ajudaram antes; e vou precisar da ajuda deles no futuro; agora chegamos a Valfenda, mas o Anel ainda não está a salvo.

- Acho que não - disse Frodo. Mas, até agora, meu único pensamento foi chegar até aqui, e espero que não precise ir mais além. É muito agradável apenas descansar. Tive um mês de exílio e aventura, e acho que para mim chega.

Ficou quieto e fechou os olhos. Depois de uns momentos, falou de novo. - Estive calculando - disse ele - e a soma dos dias não bate com a data de 24 de outubro. Deveria ser dia 21. Devemos ter chegado ao Vau no dia 20.

- Você falou e pensou mais do que devia - disse Gandalf. - Como estão seu braço e flanco?

- Não sei - respondeu Frodo. - Não sinto nada: o que é uma melhora, mas - ele fez um esforço - posso mexer um pouco o braço de novo. Sim, sinto-o voltar à vida. Não está gelado - acrescentou ele, tocando a mão esquerda com a direita.

- Ótimo - disse Gandalf. - Está se recuperando depressa. Logo estará bom de novo. Elrond o curou: cuidou de você vários dias, desde que foi trazido para cá.

- Dias?

- Bem, quatro noites e três dias, para ser exato. Os elfos o trouxeram do Vau na noite do dia 20, e foi aí que você perdeu a conta. Estivemos terrivelmente ansiosos, e Sam quase não deixou o seu lado, dia ou noite, a não ser para levar recados. Elrond é um mestre das curas, mas as armas do Inimigo são mortais. Para lhe dizer a verdade, eu tinha muito pouca esperança, pois suspeitava que havia ainda algum fragmento da lâmina no ferimento cicatrizado. Mas não foi encontrado até ontem à noite. Então Elrond removeu um estilhaço. Estava enterrado bem fundo, e estava afundando cada vez mais.

Frodo tremeu, lembrando a faca cruel com a lâmina manchada, que desaparecera nas mãos de Passolargo. - Não se assuste! - disse Gandalf.

- Já passou. O estilhaço foi derretido. E parece que os hobbits relutam em desaparecer. Conheço fortes guerreiros entre as pessoas grandes que teriam rapidamente sido vencidos por aquele estilhaço, que você carregou consigo por dezessete dias.

- Que mal queriam me causar? - perguntou Frodo. - o que os Cavaleiros estavam tentando fazer?

- Tentaram perfurar seu coração com uma faca de Morgul, que permanece no ferimento. Se tivessem conseguido, você teria ficado como eles, apenas mais fraco e sob o seu comando. Teria se transformado num espectro sob o domínio do Senhor do Escuro, que o torturaria por tentar reter o Anel, se é que existe algum tormento maior do que ser roubado e vê-lo passando às mãos do Inimigo.

- Ainda bem que não percebi esse perigo terrível! - disse Frodo em voz baixa. - É claro que estava mortalmente apavorado, mas, se soubesse mais, não teria ousado nem me mover. É incrível eu ter escapado!

- Sim, a sorte ou o destino o ajudaram - disse Gandalf -, para não falar na coragem. Seu coração não foi atingido, e apenas o ombro foi perfurado, e isso foi porque você resistiu até o último momento. Mas você escapou por um fio, como se diz. O perigo maior que correu foi no momento em que colocou o Anel, pois então estava metade no mundo dos espectros, e eles poderiam tê-lo agarrado. Você conseguia vê-los, e eles conseguiam ver você.

- Eu sei - disse Frodo. - Foi terrível olhar para eles! Mas por que todos nós conseguíamos enxergar os cavalos?

- Porque os cavalos são reais; assim como os mantos negros são roupas reais que eles usam para dar forma à sua própria inexistência, quando têm de lidar com os vivos.

- Então por que esses cavalos negros agüentam tais cavaleiros? Todos os outros animais se apavoram quando eles se aproximam, até mesmo o cavalo élfico de Glorfindel. Cachorros uivam e gansos berram na presença deles.

- Porque esses cavalos nascem e são criados a serviço do Senhor do Escuro em Mordor. Nem todos os seus servidores e empregados são espectros! Há orcs e trolls, há wargs e lobisomens; houve e ainda há muitos homens, guerreiros e reis, que andam vivos sob o sol, e mesmo assim estão sob seu domínio. E o número desses homens cresce dia a dia.

- Que me diz de Valfenda e dos elfos? Valfenda é um lugar seguro?

- Sim, atualmente, até que todo o resto tenha sido conquistado. Os elfos podem temer o Senhor do Escuro, e podem fugir de sua presença, mas nunca mais irão escutá -lo ou servi-lo. E aqui em Valfenda ainda vivem alguns dos maiores inimigos dele: os Sábios élficos, senhores de Eldar, de além dos mares mais distantes. Estes não temem os Espectros do Anel, pois os que moraram no Reino Abençoado vivem ao mesmo tempo nos dois mundos, e têm grande poder contra os Visíveis e os Invisíveis.

- Pensei ter visto uma figura branca que brilhava e não se apagava como as outras. Então era Glorfindel?

- Sim. Por um momento você o viu como ele é do outro lado: um dos poderosos entre os Primogênitos. Ele é um senhor élfico de uma casa de príncipes. Na verdade, existe um poder em Valfenda capaz de resistir à força de Mordor, por um tempo: e em outros lugares ainda moram outros poderes. Existe poder, também, de um outro tipo no Condado. Mas todos esses lugares logo vão se transformar em ilhas sob um cerco, se as coisas continuarem a se encaminhar desse modo. O Senhor do Escuro está lançando toda sua força.

- Mesmo assim... - disse ele, levantando-se de repente e empinando o queixo para frente, o que fez com que sua barba acompanhasse o movimento, reta e dura, como arame eriçado. - Mesmo assim, devemos conservar a coragem. Logo você estará bem, se eu não exaurir suas forças com tantas conversas. Você está em Valfenda, e não precisa se preocupar com nada no momento.

- Não tenho coragem alguma para conservar - disse Frodo. - Mas não estou preocupado no momento. Apenas me dê notícias de meus amigos, e me conte o fim do episódio no Vau, como já pedi várias vezes, e vou ficar satisfeito por enquanto. Depois disso vou dormir mais um pouco, eu acho; mas não conseguirei fechar os olhos antes que você me conte a história até o fim.

Gandalf levou a poltrona até o lado da cama, e olhou Frodo demoradamente.

A cor voltara às suas faces, e os olhos estavam claros, plenamente acordados e atentos.

Estava sorrindo, e parecia que quase tudo ia bem com ele. Mas, aos olhos do mago, uma leve mudança se operara, como se o envolvesse um toque de transparência, especialmente notável na mão esquerda, que estava para fora do cobertor.

“Até isso deve esperar”, disse Gandalf para si mesmo. “Ele ainda não está nem a meio caminho da recuperação total, e como ficará no fim nem mesmo Elrond pode dizer. Nenhuma transformação para o mal, eu acho. Pode ser que se transforme num vidro cheio de luz clara, para os olhos que puderem enxergar.

- Sua aparência está esplêndida - disse ele em voz alta. - Vou arriscar uma história curta sem consultar Elrond. Mas bem curta, veja bem, e então você deve dormir de novo. Foi isto que aconteceu, pelo que pude entender: os Cavaleiros vieram direto na sua direção, assim que você fugiu. Não precisavam mais dos cavalos como guias: você tinha se tornado visível aos seus olhos, já estando no limiar do mundo deles. E também o Anel os atraía. Seus amigos pularam de lado, para fora da estrada, ou teriam sido pisoteados pelos cavalos. Sabia m que nada poderia salvá-lo, se o cavalo branco não pudesse fazê-lo. Os Cavaleiros eram rápidos demais para serem alcançados, e estavam em número muito grande para serem enfrentados. A pé, nem mesmo Glorfindel e Aragorn juntos poderiam resistir aos Nove d e uma vez.

- Quando os Espectros do Anel passaram, nossos amigos correram atrás deles. Perto do Vau existe uma pequena reentrância ao lado da estrada, coberta por algumas árvores raquíticas. Lá acenderam rapidamente uma fogueira, pois Glorfindel sabia que uma enchente desceria, se os Cavaleiros tentassem atravessar, e então ele teria de lidar

com qualquer um que tivesse ficado do lado do rio onde estava. O momento da enchente chegou; ele saiu correndo, seguido por Aragorn e os outros, com tochas flamejantes. Presos entre fogo e água, e vendo o senhor élfico se revelar em sua ira, os Cavaleiros se intimidaram, e os cavalos ficaram alucinados. Três foram levados pelo primeiro assalto da enchente; os outros foram arremessados para dentro da água pelos próprios cavalos, e vencidos.

- E este foi o fim dos Cavaleiros Negros? - perguntou Frodo.

- Não! - disse Gandalf. - Os cavalos devem ter sucumbido, e sem os animais os Cavaleiros ficam aleijados. Mas os Espectros do Anel não são assim tão facilmente destruídos. Entretanto, não há mais nada a temer por enquanto. Seus amigos atravessaram depois que a enchente passou, e encontraram você deitado, com o rosto virado para baixo, no topo da margem, e em cima de uma espada quebrada. O cavalo estava montando guarda ao lado. Você estava pálido e frio; recearam que estivesse morto, ou coisa pior. O pessoal de Elrond encontrou-os carregando-o lentamente até Valfenda.

- Quem fez a enchente? - perguntou Frodo.

- Elrond a comandou - respondeu Gandalf. - O rio sob este vale está sob seu domínio, e pode se levantar em ira quando há uma grande necessidade de barrar o Vau. Assim que o capitão dos Espectros do Anel cavalgou para dentro da água, a enchente foi lançada. Se é que posso dizer isso, acrescentei uns toques próprios: você pode não ter notado, mas algumas das ondas tomaram a forma de grandes cavalos brancos com cavaleiros brancos e brilhantes, e havia muitas pedras que rolavam e se esfacelavam. Por um momento, pensei termos liberado uma ira muito intensa, e que poderíamos perder o controle da enchente, que os carregaria para longe. Existe uma grande força nas águas formadas pela neve das Montanhas Sombrias.

- Sim, agora tudo volta a minha mente - disse Frodo. - O rugido tremendo. Pensei que estivesse me afogando, com meus amigos, inimigos e tudo mais. Mas agora estamos salvos!

Gandalf olhou rápido para Frodo, que agora fechara os olhos. - Sim, estão todos a salvo por enquanto. Logo haverá uma festa e divertimento para comemorar a vitória no Vau do Bruinen, e todos vocês estarão lá, em lugares de honra.

- Esplêndido! - disse Frodo. - É maravilhoso que Elrond, Glorfindel e esses grandes senhores, para não mencionar Passolargo, prestem-se a tanto trabalho e demonstrem tamanha gentileza.

- Bem, existem muitas razões para isso - disse Gandalf, sorrindo. Eu sou uma boa razão. O Anel é outra: você é o Portador do Anel. E você é o herdeiro de Bilbo, aquele que o encontrou.

- Meu querido Bilbo! - disse Frodo sonolento. - Pergunto-me onde estará. Gostaria que estivesse aqui e pudesse saber de tudo que aconteceu. Iria rir de tudo. A vaca pula pra Lua! E o pobre e velho troll! - Com isso, adormeceu profundamente.

Frodo agora estava a salvo, na última Casa Amiga a Leste do Mar. Essa casa era, como Bilbo tinha dito muitas vezes, “uma casa perfeita, para quem gosta de comer ou dormir, de contar histórias ou de cantar, ou apenas de se sentar e pensar nas coisas, ou ainda para quem gosta de uma mistura agradável de tudo isso”. A simples estada ali representava uma cura para o cansaço, o medo ou a tristeza.

Quando a noite ia chegando, Frodo acordou de novo, e percebeu que não sentia mais necessidade de dormir ou descansar, mas que ria comida e bebida, e provavelmente um pouco de cantoria e histórias depois. Saiu da cama e descobriu que quase podia usar o braço como sempre fizera. Encontrou, estendidas à sua espera, roupas limpas de tecido verde, que lhe caíam de modo perfeito. Olhando no espelho, assustou-se ao ver uma

imagem de si mesmo muito mais magra do que a que recordava: a imagem era notavelmente parecida com aquela do jovem sobrinho de Bilbo, que costumava passear com o tio no Condado, mas os olhos o observavam pensativamente.

- Sim, você viu uma ou duas coisas desde que espiou através de um espelho pela última vez - disse ele para seu reflexo. - Mas, desta vez, o encontro foi feliz! - Espreguiçou-se e assobiou uma melodia.

Nesse momento, ouviu uma batida na porta, e Sam entrou. Correu em direção a Frodo e pegou sua mão esquerda, desajeitado e tímido. Tocou-a suavemente, e depois corou, virando-se depressa para o outro lado.

- Oi, Sam! - disse Frodo.

- Está quente! - disse Sam. - Quero dizer, sua mão, Sr. Frodo. Esteve fria durante as longas noites. Mas soem as trombetas! - gritou ele, voltando-se de novo com um brilho nos olhos, dançando pelo quarto. - É bom vê-lo novo em folha outra vez, senhor! Gandalf me pediu que viesse ver se já estava pronto para descer, e eu pensei que ele estava brincando.

- Estou pronto - disse Frodo. - Vamos procurar o resto do grupo!

- Posso levá-lo até eles, senhor - disse Sam. - A casa é grande, e muito peculiar. Sempre há mais alguma coisa para descobrir, e nunca se sabe o que está depois da curva de um corredor. E elfos, senhor! Elfos aqui, elfos ali! Alguns parecidos com reis, terríveis e esplêndidos; outros alegres como crianças. E a música e a cantoria - não que eu tenha tido muito tempo ou ânimo para escutar desde que chegamos aqui. Mas já estou começando a conhecer alguma coisa do lugar.

- Sei o que esteve fazendo, Sam - disse Frodo, pegando o braço do outro.

- Mas hoje vai se divertir, e ouvir música para alegrar seu coração. Venha! Leve-me pelos corredores!

Sam o conduziu por vários corredores e desceram muitos degraus, chegando a um jardim alto sobre a margem íngreme do rio. Frodo encontrou os amigos sentados num alpendre, no lado da casa que dava para o Leste. Sombras já cobriam o vale lá embaixo, mas ainda havia luz nas encostas das montanhas acima.

O ar estava quente. O som da água correndo e caindo era alto, e a noite se enchia do aroma suave de árvores e flores, como se o verão ainda permanecesse nos jardins de Elrond.

- Salve! - gritou Pippin, pulando de pé. - Aí vem nosso nobre primo! Abram alas para Frodo, Senhor do Anel!

- Pssiu! - fez Gandalf, que estava entre as sombras na parte de trás do alpendre. - Coisas maléficas não entram neste vale, mas mesmo assim não devemos nomeá-las. O Senhor do Anel não é Frodo, mas o Senhor da Torre Escura de Mordor, cujo poder está de novo se espalhando pelo mundo! Estamos numa fortaleza. Lá fora está ficando escuro.

- Gandalf tem dito muitas coisas alegres como essa - disse Pippin. Acha que preciso me comportar. Mas de certo modo parece impossível sentir-se triste ou deprimido num lugar como este. Sinto que poderia cantar - se soubesse a canção certa para a ocasião.

- Eu mesmo sinto vontade de cantar - riu Frodo. - Apesar de que agora sinto mais vontade de comer e beber.

- Tudo isso vai ser sanado logo - disse Pippin. - Você está demonstrando sua costumeira habilidade de acordar bem na hora da refeição!

- Mais que refeição! Um banquete! - disse Merry -Assim que Gandalf contou que você estava recuperado, os preparativos começaram. - Mal tinha acabado de falar, e o badalar de muitos sinos chamou todos para o salão.

O salão da casa de Elrond estava cheio de pessoas: elfos na maioria, embora houvesse alguns convidados diferentes. Elrond, como era de costume, sentou-se numa cadeira grande na cabeceira de uma mesa comprida sobre o tablado; perto dele, de um lado sentou-se Glorfindel, e do outro, Gandalf.

Frodo olhou-os admirado, pois nunca tinha visto pessoalmente Elrond, celebrado em muitas histórias. Sentados à direita e à esquerda, Glorfindel, e até mesmo Gandalf, que julgava conhecer tão bem, revelaram -se senhores de dignidade e poder.

Gandalf era mais baixo que os outros dois, mas seus longos cabelos brancos, a vasta barba prateada e os ombros largos conferiam -lhe a aparência de algum rei sábio de antigas lendas. Em seu rosto envelhecido, adornado por grossas sobrancelhas brancas, os olhos escuros pareciam ser feitos de carvão, prontos a se acender em chamas a qualquer momento.

Glorfindel era alto e ereto; o cabelo de um dourado brilhante, o rosto belo e jovem, temerário e cheio de alegria; os olhos eram brilhantes e agudos, a voz parecia música; em sua fronte se alojava a sabedoria; na mão, a força.

O rosto de Elrond parecia eterno, nem velho nem jovem, embora nele se inscrevesse a memória de muitas coisas, alegres e tristes. Os cabelos eram escuros como as sombras da noite, e sobre a cabeça via-se um diadema de prata; os olhos eram cinzentos como uma noite clara, e neles havia uma luz como a das estrelas. Parecia venerável, como um rei coroado com muitos invernos, e ao mesmo tempo vigoroso como um guerreiro experiente, no auge da força. Era o Senhor de Valfenda, poderoso entre elfos e homens.

No meio da mesa, diante de tapeçarias tecidas penduradas na parede, havia uma cadeira sob um dossel, e ali se sentava uma mulher bonita de se olhar, que era tão parecida com Elrond em suas formas femininas que Frodo adivinhou que ela era uma parente próxima dele. Era jovem, e ao mesmo tempo não era. As tranças de seu cabelo escuro não tinham sido tocadas pela neve, e os braços brancos e o rosto claro eram perfeitos e suaves, e a luz das estrelas estava em seus olhos brilhantes, cinzentos como uma noite de céu limpo; apesar disso, parecia -se com uma rainha, e seu olhar era cheio de ponderação e sabedoria, como o olhar de alguém que conhece muitas coisas que os anos trazem. Na altura da fronte, a cabeça estava coberta com uma touca de renda prateada, enredada com pequenas pedras, de um brilho branco; mas o traje, de um cinza pálido, não tinha qualquer ornamento, a não ser um cinto de folhas lavradas em prata.

Foi assim que Frodo viu aquela que poucos mortais viram: Arwen, a filha de Elrond, através da qual, dizia-se, a figura de Lúthien tinha voltado à terra de novo. E ela era chamada de Undómiel, pois era a Estrela Vespertina de seu povo. Tinha permanecido muito tempo na terra dos parentes de sua mãe, em Lórien, além das montanhas, e só recentemente retomara a Valfenda, à casa de seu pai. Mas os irmãos, Elladan e Elrohir, estavam fora, vagando pelo mundo: freqüentemente iam para longe com os guardiões do Norte, nunca se esquecendo do tormento de sua mãe nos covis dos orcs.

Frodo nunca tinha visto uma criatura tão adorável, nem imaginado em sua mente; ficou surpreso e embaraçado ao ver que tinha um lugar reservado à mesa de Elrond, entre todas essas pessoas, tão importantes e belas. Embora tivesse uma cadeira adequada, e estivesse erguido por várias almofadas, sentiu -se muito pequeno, e fora de lugar, mas esse sentimento logo passou. O banquete foi animado, e a comida, tudo o que sua fome poderia desejar. Demorou um pouco até olhar em volta de novo, ou simplesmente se virar para os vizinhos.

Primeiro, procurou os amigos. Sam implorara permissão para servir seu patrão, mas disseram-lhe que dessa vez ele era um convidado de honra. Frodo agora podia vê-lo,

sentado com Pippin e Merry na extremidade de uma das mesas laterais, que ficava perto do estrado. Mas não se via sinal de Passolargo.

À direita de Frodo estava um anão de aparência importante, luxuosamente vestido. A barba, muito comprida e em forma de forquilha, era branca, quase tão branca quanto o branco níveo de suas roupas. Usava um cinto de prata, e em volta do pescoço uma corrente de prata com diamantes. Frodo parou de comer para olhá-lo.

- Bem-vindo seja! - disse o anão, virando-se na direção dele. Depois realmente levantou-se da cadeira e fez uma reverência. - Glóin às suas ordens - disse ele, e fez uma reverência ainda maior.

- Frodo Bolseiro, às suas ordens e de sua família - disse Frodo corretamente, levantando-se surpreso e espalhando suas almofadas pelo chão. Estaria eu certo em supor que o senhor é aquele Glóin, um dos doze companheiros do grande Thorin Escudo de Carvalho?

- Perfeitamente certo - respondeu o anão, recolhendo as almofadas e educadamente ajudando Frodo a se ajeitar de novo na cadeira. - E eu não pergunto, pois já me disseram que você é o parente e herdeiro adotado de nosso amigo Bilbo, o renomado. Permita-me felicitá-lo por sua recuperação.

- Muito obrigado - disse Frodo.

- Ouvi dizer que passou por estranhas aventuras - disse Glóin. - Tenho pensado muito no motivo que traria quatro hobbits numa viagem tão longa. Nada assim aconteceu desde que Bilbo veio conosco. Mas talvez eu não deva perguntar tantas coisas, uma vez que Elrond e Gandalf não parecem dispostos a falar sobre o assunto.

- Acho que não falaremos disso, pelo menos por enquanto - disse Frodo educadamente. Percebeu que, mesmo na casa de Elrond, o assunto do Anel não era objeto de conversas casuais; de qualquer modo, queria esquecer seus problemas por um tempo. - Mas estou igualmente curioso - acrescentou ele - em saber o que traz um anão tão importante a um lugar tão distante da Montanha Solitária.

Glóin olhou para ele. - Se não ouviu sobre isso, acho que também não falaremos do assunto por enquanto. Mestre Elrond vai nos reunir a todos em breve, eu acredito, e então ouviremos muitas coisas. Mas há muitas outras histórias que podem ser contadas.

Conversaram durante todo o resto do banque te, mas Frodo ouviu mais do que falou; as notícias sobre o Condado, exceto pelo Anel, pareciam pequenas, distantes e sem importância, enquanto Glóin tinha muito a contar sobre os acontecimentos da região Norte das Terras Ermas. Frodo soube que Grimbeorn, o Velho, filho de Beorn, era agora senhor de muitos homens vigorosos, e em suas terras, entre as Montanhas e a Floresta das Trevas, nem orcs nem lobos ousavam entrar.

- Na verdade - disse Glóin -, se não fosse pelos beomings, a passagem de Valle até Valfenda teria há muito tempo se tornado impossível. São homens valorosos, e mantêm aberto o Passo Alto e o Vau de Carrock. Mas cobram muito caro - acrescentou ele, balançando a cabeça. - E, como Beorn, o Velho, eles não morrem de amores pelos anões. Ainda assim, são confiáveis, o que Já é muito nos dias de hoje. Em nenhum outro lugar existem homens tão amigáveis conosco como os homens de Valle.

São um povo bom, os bardings. O neto de Bard, o Arqueiro, os governa: Brand filho de Bain, filho de Bard. É um rei forte , e seu reino agora alcança regiões ao extremo Sul e Leste de Esgaroth.

- E o que tem a contar sobre seu próprio povo? - perguntou Frodo. -Há muito o que contar, coisas boas e -ruins - disse Glóin. - Mas a maioria é boa: até agora tivemos sorte, mas não escapamos da sombra desta época. Se realmente deseja escutar sobre nós, terei prazer em contar acontecimentos. Mas me interrompa quando ficar cansado! As línguas

dos anões não param quando falam de seus assuntos, como dizem por aí.

E, com isso, Glóin embarcou num longo relato dos feitos do Reinado dos Anões. Estava deliciado por ter encontrado um ouvinte tão educado; Frodo não mostrava sinais de cansaço, e não tentou mudar de assunto, embora na verdade tenha ficado bastante perdido em meio àqueles nomes estranhos de pessoas e lugares de que nunca tinha ouvido falar antes. Entretanto, ficou interessado ao ouvir que Dám ainda era rei sob a Montanha, e estava agora velho (tendo ultrapassado seu ducentésimo qüinquagésimo aniversário), sendo venerável e fabulosamente rico. Dos dez companheiros que tinham sobrevivido à Batalha dos Cinco Exércitos, sete ainda estavam com ele: Dwalin, Glóin, Dori, Nori, Bifúr, Bofur e Bombur. Bombur agora estava tão gordo que não podia sair da cama sozinho, e precisava de cinco anões jovens para levantá-lo.

- E o que aconteceu com Balin, Ori e Óin? - perguntou Frodo.

Uma sombra cobriu o rosto de Glóin. - Não sabemos - respondeu ele.

- Foi principalmente por causa de Balin que eu vim até aqui buscar o aconselhamento dos que moram em Valfenda. Mas vamos falar de coisas mais alegres nesta noite.

Glóin começou então a falar dos trabalhos de seu povo, contando a Frodo sobre suas grandes realizações em Valle e sob a Montanha. - Trabalhamos bem - disse ele. - Mas no trabalho com metal não podemos nos comparar a nossos pais, dos quais vários segredos se perderam. Fazemos boas armaduras e espadas afiadas, mas não podemos reproduzir malhas ou lâminas como aquelas feitas antes de o dragão chegar. Superamos os dias antigos apenas na mineração e na construção. Você precisava ver os aquedutos de Valle, Frodo, e as fontes e os lagos! Deveria ver as estradas pavimentadas com pedras de várias cores! E os salões e ruas feitas em cavernas sob a terra, com arcos entalhados como árvores; e os terraços e torres sobre as encostas da Montanha! Então veria que não ficamos de braços cruzados!

- Irei até lá para ver tudo, se puder - disse Frodo. - Bilbo ficaria muito surpreso ao saber das transformações na Desolação de Smaug.

Glóin olhou para Frodo e sorriu. - Você gostava muito de Bilbo, não é? - perguntou ele.

- Sim - respondeu Frodo. - Encontrá-lo de novo me traria mais alegria do que ver todas as torres e palácios do mundo.

Finalmente o banquete chegou ao fim. Elrond e Arwen se levantaram e se afastaram pelo salão, e o grupo os seguiu na devida ordem. As portas foram abertas, e todos seguiram através de um corredor largo, passando por outras portas, chegando a um outro salão. Nesse lugar não havia mesas, mas uma fogueira bem acesa queimava numa grande lareira, em meio a dois pilares entalhados.

Frodo se viu andando ao lado de Gandalf - Este é o Salão do Fogo disse o mago. - Aqui poderá escutar muitas canções e histórias - se conseguir ficar acordado. Mas, a não ser em dias importantes, o salão fica vazio e quieto, e aqui vêm pessoas que desejam ter paz e refletir.

O fogo fica sempre aceso, durante todo o ano, mas quase não há outra fonte de luz. Quando Elrond entrava e se encaminhava para o lugar preparado para ele, os menestréis élficos começaram a executar uma música suave. Lentamente o salão se encheu, e Frodo olhava com prazer os muitos rostos bonitos que se reuniam; a luz dourada do fogo brincava naquelas faces e dançava em seus cabelos. De repente notou, num ponto não muito distante do lado oposto ao fogo, uma pequena figura escura, sentada num banco, com as costas apoiadas num pilar. Ao seu lado, no chão, estava uma taça de bebida e um pouco de pão.

Frodo se perguntou se estaria doente (se é que alguém ficava doente em Valfenda) e por isso não pudera comparecer ao banquete. A cabeça parecia caída sobre o peito, num sono profundo, e uma dobra da capa escura cobria-lhe o rosto.

Elrond foi na frente e parou diante da figura silenciosa. -Acorde, pequeno mestre! - disse ele com um sorriso. Então, voltando-se, fez um sinal para Frodo. - Finalmente é chegada a hora que você esperou com tanta ansiedade, Frodo - disse ele.

- Aqui está o amigo de quem sente tanta saudade. A figura escura levantou a cabeça, descobrindo o rosto.

- Bilbo! - gritou Frodo, reconhecendo-o de repente, e pulando em direção a ele.

- Olá, Frodo, meu rapaz! - disse Bilbo. - Então finalmente chegou até aqui. Eu esperava que conseguisse. Bem, bem! Então toda essa festa é em sua homenagem, pelo que ouvi. Espero que tenha se divertido.

- Por que você não estava lá? - gritou Frodo. - E por que não me deixaram vê-lo antes?

- Porque você estava dormindo. Eu vi você muitas vezes. Fiquei ao seu lado todos os dias, junto com Sam. Mas, quanto ao banquete, não costumo freqüentar eventos desse tipo ultimamente. E eu tinha outra coisa para fazer.

- O que estava fazendo?

- Bem, estava sentado, pensando. Faço muito isso nos últimos tempos, e aqui é o melhor lugar para fazê-lo, geralmente. - Acordar, hein? - disse ele, piscando um olho para Elrond. Havia um brilho vivo naquele olhar, e nenhum sinal de sonolência ou cansaço que Frodo pudesse ver. - Acordar! Eu não estava dormindo, Mestre Elrond. E, se quiser saber, vocês todos saíram da festa muito cedo, e me atrapalharam... bem no meio de uma canção que estava fazendo. Enrosquei em um ou dois versos, e estava pensando neles; mas agora suponho que nunca mais vou conseguir compô-los direito. Haverá tanta cantoria que as idéias serão varridas da minha mente. Terei de pedir ao meu amigo, o Dúnadain, para me ajudar. Onde ele está? Elrond riu. - Será encontrado - disse ele. - E daí você se recolhe num canto e termina a tarefa, e então vamos ouvi-la e julgá-la antes do fim de nossas comemorações.

- Mensageiros foram enviados para encontrar o amigo de Bilbo, embora ninguém soubesse onde ele estava, e por que não tinha participado da festa.

Enquanto isso, Bilbo e Frodo sentaram-se lado a lado, e Sam veio logo para perto deles. Conversaram em voz baixa, esquecidos da alegria e da música no salão ao redor. Bilbo não tinha muito a falar de si mesmo.

Quando partiu da Vila dos Hobbits, vagou sem destino, ao longo da Estrada, ou pelos campos que a margeiam; mas de alguma forma tinha sempre se dirigido para Valfenda.

- Cheguei aqui sem muitas aventuras - disse ele. - Depois de um descanso, fui com os anões até Valle: minha última viagem. Não devo viajar mais. O velho Balin foi embora. Depois voltei para cá, e aqui tenho permanecido. E, é claro, componho umas canções. De vez em quando eles as cantam, só para me satisfazer, eu acho. Na verdade, não estão à altura de Valfenda. E escuto e penso. O tempo parece não passar aqui: apenas é. Somando tudo, um lugar notável.

- Aqui escuto todo tipo de notícia, de além das Montanhas, e do Sul, mas quase nada do Condado. Ouvi sobre o Anel, é claro. Gandalf freqüentemente vem aqui. Não que tenha me contado muita coisa, ficou mais reservado que nunca nestes últimos anos. O Dúnadan me contou mais. Imagine, aquele meu anel causando tanta confusão! É uma pena que Gandalf não tenha descoberto mais coisas antes, eu mesmo poderia ter trazido o Anel há muito tempo, sem tantos problemas. Pensei várias vezes em voltar para a Vila

dos Hobbits para fazer isso; mas estou ficando velho, e eles não deixariam: quero dizer, Gandalf e Elrond. Parece que eles achavam que o Inimigo estava me procurando em toda parte, e faria picadinho de mim, se me pegasse cambaleando pelas Terras Ermas.

- E Gandalf disse: "O Anel passou para outras mãos, Bilbo. Não seria bom, para você ou para outros, tentar se meter com ele outra vez." Uma observação estranha, bem ao estilo de Gandalf. Mas ele disse que estava cuidando de você, então deixei as coisas acontecerem. Estou tremendamente feliz em vê-lo são e salvo. - Parou e olhou para Frodo, desconfiado.

- Você está com ele? - perguntou num sussurro. - Não posso deixar de ficar curioso, você sabe, depois de tudo que ouvi. Gostaria muito de apenas dar uma espiadinha nele de novo.

- Sim, está comigo - respondeu Frodo, sentindo uma estranha relutância. - O Anel é o mesmo de sempre.

- Gostaria de vê-lo só um segundo - disse Bilbo.

Quando se vestia, Frodo descobriu que, enquanto estivera dormindo, o Anel tinha sido pendurado em seu pescoço numa nova corrente, leve mas forte.

Lentamente o retirou.

Bilbo estendeu a mão. Mas Frodo rapidamente afastou o Anel. Para sua tristeza e espanto, viu que não olhava mais para Bilbo; uma sombra parecia ter caído entre os dois, e através dela Frodo passou a ver uma criatura pequena e enrugada, com um rosto faminto e mãos ossudas e ávidas. Sentiu um desejo de bater nela.

A música e a cantoria ao redor pareceram sumir, e um silêncio caiu. Bilbo olhou rápido para o rosto de Frodo, e passou a mão sobre seus olhos.

- Entendo agora - disse ele. - Guarde-o! Sinto muito: sinto por você ter entrado nessa história para carregar um fardo tão pesado: sinto por tudo.

- As aventuras nunca acabam? Acho que não. Outra pessoa sempre tem de continuar a história. Bem, isso não pode ser evitado. Penso se adianta alguma coisa eu tentar terminar meu livro. Mas não vamos nos preocupar com isso agora... passemos para algumas Notícias de verdade. Conte-me tudo sobre o Condado! Frodo escondeu o Anel, e a sombra passou, mal deixando um leve traço de memória. A luz e a música de Valfenda o envolviam de novo. Bilbo sorriu e deu alegres gargalhadas.

Todos os ítens das notícias sobre o Condado que Frodo pôde contar - ajudado e corrigido de vez em quando por Sam - eram de seu maior interesse, desde a derrubada da menor árvore, até as travessuras da criança mais jovem da Vila dos Hobbits. Estavam tão envolvidos com os acontecimentos das Quatro Quartas que nem perceberam a chegada de um homem vestido de verde-escuro. Por vários minutos, ficou olhando para baixo em direção a eles, com um sorriso.

De repente, Bilbo olhou para cima. - Ah! Finalmente você está aí, Dúnadan! - gritou ele.

- Passolargo! - disse Frodo. - Parece que você tem um monte de nomes. Bem, Passolargo é um que nunca escutei - disse Bilbo. - Por que o chama assim?

- Chamam-me desse modo em Bri - disse Passolargo rindo. - E foi assim que fui apresentado a ele.

- E por que você o chama de Dúnadan? - perguntou Frodo.

- O Dúnadan - disse Bilbo. - Sempre o chamam por esse nome aqui. Mas pensei que soubesse a língua élfica o suficiente para conhecer a expressão dún - adan: homem do Oeste, de Númenor. Mas este não é o momento para aulas? - Voltou-se para Passolargo -: Onde esteve, meu amigo? Por que não participou do banquete? A Senhora Arwen estava lá.

Passolargo olhou para Bilbo com um ar sério. - Eu sei - disse ele. Mas sempre preciso colocar a diversão de lado. Elladan e Elroffir retornaram das Terras Ermas sem ser esperados e tinham novidades que eu queria ouvir imediatamente.

- Bem, meu querido companheiro - disse Bilbo. -Agora que ouviu as notícias, não pode me ceder uns minutos? Quero sua ajuda numa coisa urgente. Elrond disse que essa minha canção precisa ser terminada antes do fim da noite, e eu me enrosquei num pedaço. Vamos até um cantinho, para dar os retoques finais.

Passolargo sorriu. - Então venha, deixe-me ouvi-la!

Frodo ficou sozinho por uns momentos, pois Sam tinha adormecido. Estava solitário e se sentia bastante abandonado, embora em sua volta o pessoal de Valfenda estivesse reunido. Mas as pessoas próximas a ele estavam em silêncio, prestando atenção à música das vozes e dos instrumentos, e não se davam conta de mais nada. Frodo começou a escutar.

Num primeiro momento, a beleza das melodias e das palavras misturadas nas línguas élficas, embora pudesse entendê-las bem pouco, envolveram-no numa espécie de encanto, logo que começou a prestar atenção nelas. Parecia quase que as palavras tomavam forma, e visões de terras distantes e de coisas brilhantes que ele nunca sequer imaginara se abriram diante dele; o salão iluminado pela fogueira se tornou semelhante a uma névoa dourada sobre mares de espuma que suspiravam sobre as margens do mundo.

Então, o encantamento ficou cada vez mais semelhante a um sonho, até que Frodo sentiu que um rio interminável de ouro e prata passava por ele, múltiplo demais para ser compreendido; tornara-se parte do ar que pulsava ao redor, e o encharcava e afogava. Rapidamente afundou sob aquele peso brilhante, entrando num mundo profundo de sonho.

Ali vagou por muito tempo num sonho de música que se transformava em água corrente, e depois, de súbito, numa voz. Parecia ser a voz de Bilbo cantando versos. Indistinta no início, mas depois as palavras corriam nítidas.

Edrendil foi um marinheiro
que veio em Arvernien morar:
cortou madeira de Nimbrethil,
fez um navio para viajar;
teceu as velas com fios de prata,
também de prata é a iluminação;
qual cisne a proa foi esculpida,
e a luz dá vida a seu pavilhão.

Com armadura de antigos reis,
malha de anéis, qual manto real,
broquel brilhante de runas cheio,
vai protegê -lo de todo mal;
pro arco um chifre deu-lhe um dragão,
de ébano bom as flechas que tinha;
de fio de prata era o gibão,
de calcedônia era a bainha;
valente espada de aço fino,
e adamantino elmo o respalda;
pena de águia traz por enfeite,
e sobre o peito linda esmeralda.

Sob o luar e sob as estrelas,
viajava pelas praias do Norte;
como encantado, confuso ia
além dos dias da terra da morte
Quer do rangido do Gelo Estreito,
das sombras leito em campo gelado,
quer do calor e da lava ardente,
rápido sempre saía por um lado;
por águas negras longe trafega,
até que navega em Noite do Nada
e vai passando sem encontrar
praia brilhante ou luz desejada.
Vêm procurá-lo os ventos da ira
e cego gira em mar sem promessa;
de Oeste a Leste, tudo impreciso,
e sem aviso à casa regressa.

Voando chega até ele Elwing
e há chama enfim na treva a queimar;
mais que diamante brilha e resplende
o fogo ardente de seu colar.
Com a Silmaril ela o ataviou
e o coroou com a luz vivente;
sem medo então, com fogo no olhar,
vai navegar; e na noite quente
lá do Outro mundo além do Mar
surge o troar de forte tormenta
em Tarmenel, um vento poder;
por rota incerta, rara e agourenta,
leva seu barco num sopro mordaz,
poder feroz de morte no ar
e mares tristes e abandonados
de lado a lado ele viu passar.

Por Noite terna reconduzido,
em atro estampido de ondas que vão
por mar sem luz de costas profundas
mortas no fundo desde a criação;
foi lá que ouviu em praias de pérolas,
onde da terra a música cessa,
onde na espuma há ondas rolando d
e ouro amarelo e jóias à beça.
Viu a Montanha subindo calada,
na tarde sentada sobre os joelhos
de Valinor, enquanto Eldamar
olhava o mar além dos escolhos.
Errante em fuga da noite sai
e a um porto vai enfim atracar;
na Casadelfos verde e bonita,

o ar palpita e, cor de luar,
sob a Colina de Ilmarin,
brilham num vale diafanizadas,
iluminadas torres de Tírion
no Lago Sombra sempre espelhadas.

Lá descansou das duras andanças,
música e dança por lá aprendeu,
mil maravilhas foram contadas
e harpas douradas alguém lhe deu.
De branco élfico foi revestido
e, precedido por luzes sete,
passando por Calacirian
na terra arcana e vazia se mete.
Viu salões imemoriais
com os anais de anos sem conta,
do Antigo Rei viu reinos sem fim
em Ilmarin do Monte na ponta;
novas palavras então aprende
de homens grandes e elfos matreiros,
além do mundo onde há visões
que só se expõem aos forasteiros.

Foi construído novo navio
todo mithril e aí cristalino,
proa brilhante, mas ninguém rema
ou vela treme em mastro argentino:
a Silmaril, sua única luz,
que ele conduz qual flâmula em chama
para brilhar junto a Elbereth
que reaparece e logo derrama
imortais asas para o transporte,
traça-lhe a sorte sempre sua,
zarpar por céus sem litoral
por trás do Sol e da luz da Lua.

Das Sempriguais, colinas pacatas,
onde cascatas tecem sua rede,
levam-no as asas,farol errante,
além do grande Monte Parede.
Do Fim-do-Mundo ele desvia
e gostaria de achar a trilha
do lar, por entre sombras vagando,
sempre queimando qual astro em ilha
sobrevoando a névoa ele vem,
chama do além que ao Sol é clarão,
é maravilha de um novo dia
onde águas cinza do Norte vão.
Por sobre a Terra-média passou

e ali soou a voz de quem chora,
donzelas élficas e mulheres
dos Dias Antigos, de anos de outrora.
Mas sobre si levava sua sorte,
da Lua até a morte, estrela fadada
a ir queimando sem se deter
para rever sua terra amada;
pra todo o sempre nesta missão,
sem que descanso tenha à frente,
longe levar da lâmpada a flama
qual Porta -chama do Ponente.

O canto parou. Frodo abriu os olhos e viu que Bilbo estava sentado em seu banco, em meio a um círculo de ouvintes, que sorriam e aplaudiam.

- Agora é melhor escutarmos de novo - disse um elfo.

Bilbo se levantou, fazendo uma reverência. - Estou lisonjeado, Lindir - disse ele. - Mas seria muito cansativo repetir tudo.

- Não cansativo demais para você - responderam os elfos, rindo. Sabemos que nunca se cansa de repetir seus próprios versos. Mas, falando serio, não podemos responder sua pergunta ouvindo só uma vez!

- O quê? - gritou Bilbo. - Vocês não sabem que partes são minhas, e quais sãos as do Dúnadan?

- Não é fácil diferenciar entre dois mortais - disse o elfo.

- Bobagem, Lindir - retrucou Bilbo. - Se você não consegue fazer distinção entre um homem e um hobbit, então seu discernimento é mais pobre do que eu imaginava. São diferentes como ervilhas e maçãs.

- Talvez. Para uma ovelha, as outras ovelhas são diferentes - riu Lindir. - Ou para os pastores. Mas os mortais não são objeto de nosso estudo. Temos outras preocupações.

- Não vou discutir com você - disse Bilbo. - Estou com sono depois de tanta música e cantoria. Vou deixar que adivinhem, se quiserem.

Levantou-se e veio em direção a Frodo. - Bem, terminou - disse ele em voz baixa. - Saiu melhor do que eu imaginava. Não é sempre que me pedem para cantar de novo. O que achou?

- Não vou tentar adivinhar - disse Frodo sorrindo.

- Não precisa - disse Bilbo. - Na verdade, a canção é toda minha. Exceto pela insistência de Aragorn em colocar uma pedra verde. Parece que ele achava importante. Não sei por quê. Por outro lado, ele obviamente considerou toda a coisa acima de minhas capacidades, e disse que se eu tinha o topete de fazer versos sobre Earendil
na casa de Elrond, o problema era meu. Acho que estava certo.

- Não sei - disse Frodo. - Pareceu-me adequado, de alguma forma, embora não consiga explicar. Estava meio adormecido quando começou, e parecia que os versos fluíam de algum elemento que fazia parte dos meus sonhos. Só no final percebi que era realmente você falando.

- É difícil permanecer acordado aqui, até que s e acostume - disse Bilbo.

- Não que eu ache que os hobbits possam jamais adquirir o apetite que os elfos têm pela música, pela poesia e pelas histórias. Parece que gostam dessas coisas tanto quanto de comida, ou mais. Ainda vão continuar por um longo tempo . Que acha de sairmos de fininho, para ter uma conversa mais reservada?

- Podemos fazer isso?

- Claro! Isto aqui é diversão, não coisa séria. Vá e venha como bem entender, contanto que não faça barulho.

Levantaram-se e se retiraram em silêncio para as sombras. Deixaram Sam para trás, profundamente adormecido e ainda com um sorriso nos lábios.

Apesar do prazer da companhia de Bilbo, Frodo sentiu uma ponta de pesar por não permanecer no Salão do Fogo. No momento em que saíam da sala, uma única voz limpa se levantou, cantando.

A Elbereth Gilthoniel,
silivren penna míriel
o menel aglar elenath!
Na-chaered palan-díriel
o galadhremmin ennorath,
Fanuilos, le linnathon
nef aear. Sí nef aearon!

Frodo parou por um momento, olhando para trás. Elrond estava em sua cadeira, e o fogo brilhava em seu rosto como a luz do sol sobre as árvores. Perto dele estava sentada a Senhora Arwen. Para sua surpresa, Frodo viu que Aragorn estava ao lado dela; sua escura capa estava jogada para trás, e parecia vestido numa malha élfica, com uma estrela brilhando em seu peito. Os dois conversavam, e de repente pareceu a Frodo que Arwen virou -se na sua direção, e a luz daqueles olhos caiu sobre ele, e, mesmo vindo de longe, penetrou seu coração.

Parou ainda encantado, enquanto as sílabas doces da canção élfica caíam como jóias cristalinas, numa fusão de palavra e melodia. - É uma canção para Elbereth – disse Bilbo. - Cantarão esta, e muitas outras canções do Reino Abençoado, muitas vezes esta noite. Venha!

Levou Frodo de volta até seu próprio quarto, que se abria para os jardins e dava para o Sul, através do desfiladeiro do Bruinen. Ali ficaram sentados por um tempo, olhando pela janela as claras estrelas, sobre as florestas nas encostas íngremes, e conversaram em voz baixa. Não falaram mais das pequenas coisas do Condado lá longe, nem das sombras escuras e dos perigos que os ameaçavam, mas das belas coisas que juntos tinham visto pelo mundo, dos elfos, das estrelas e do outono suave daquele brilhante ano nas florestas.

Finalmente ouviu-se uma batida na porta. - Com sua licença, senhor - disse Sam, colocando para dentro a cabeça. - Estava pensando se precisavam de alguma coisa.

- Também peço licença, Sam Gamgi - respondeu Bilbo. - Acho que sua intenção é dizer que está na hora de seu patrão ir para a cama.

- Bem, senhor, haverá um Conselho amanhã cedo, pelo que ouvi, e hoje foi a primeira vez que ele se levantou.

- Certíssimo, Sam - riu Bilbo. - Você pode ir correndo dizer a Gandalf que Frodo já foi dormir. Boa noite, Frodo! Puxa vida, como foi bom vê-lo outra vez. No final das contas, não há pessoas que se comparem aos hobbits numa boa conversa. Estou ficando muito velho, e começo a pensar se viverei para ler os seus capítulos da nossa história. Boa noite! Acho que vou fazer uma caminhada, e olhar as estrelas de Elbereth no jardim. Durma bem!

CAPÍTULO II
O CONSELHO DE ELROND

No dia seguinte, Frodo acordou cedo, sentindo -se bem e descansado.

Caminhou ao longo dos terraços debruçados sobre as águas ruidosas do Bruinen, e assistiu ao sol pálido, fresco, erguer-se acima das montanhas distantes e emitir sobre o mundo seus raios, que se inclinavam através da fina névoa de prata; o orvalho luzia nas folhas amareladas, e teias entrelaçadas cintilavam em todos o s arbustos.

Sam ia ao lado dele, sem dizer nada, mas apreciando o ar, e olhando uma vez ou outra para as altas montanhas do Leste, com uma expressão maravilhada nos olhos. A neve era branca sobre os picos.

Num assento talhado na pedra ao lado de uma curva do caminho, encontraram Gandalf e Bilbo numa conversa compenetrada.

- Olá! Bom dia! - disse Bilbo. - Sente-se preparado para o grande Conselho? Sinto-me preparado para qualquer coisa - respondeu Frodo. - Mas a coisa que eu mais queria era fazer hoje uma caminhada para explorar o vale. Gostaria de entrar naquelas florestas de pinheiros lá em cima. - Apontou para uma encosta muito distante, bem acima de Valfenda, ao Norte.

- Você pode ter uma oportunidade mais tarde - disse Gandalf - Mas ainda não podemos fazer nenhum plano. Há muitas coisas para ouvir e decidir hoje.

De repente, enquanto conversavam, um sino tocou. - Esse é o sino de chamada para o Conselho de Elrond - disse Gandalf - Venham agora! Tanto você quanto Bilbo foram requisitados.

Frodo e Bilbo seguiram o mago rapidamente ao longo do caminho cheio de curvas, de volta para a casa; atrás deles, não convidado e pelo momento esquecido, ia Sam.

Gandalf os conduziu até o alpendre onde Frodo tinha encontrado os amigos na noite anterior. A luz da clara manhã de outono brilhava agora no vale.

O ruído das águas borbulhantes vinha do leito espumante do rio. Pássaros cantavam, e uma paz benfazeja se deitava sobre a terra. Para Frodo, sua fuga perigosa e os rumores da escuridão crescendo no mundo lá fora já pareciam apenas lembranças de um sonho ruim; mas os rostos que se voltaram para eles quando entraram estavam sérios.

Elrond estava ali, e muitos outros se sentavam em silêncio em torno dele.

Frodo viu Glorfindel e Glóin, e num canto, sozinho, estava Passolargo, vestido outra vez em suas surradas roupas de viagem. Elrond chamou Frodo para se sentar ao seu lado, e o apresentou ao grupo, dizendo:

- Aqui, meus amigos, está o hobbit, Frodo, filho de Drogo. Poucos chegaram aqui, passando por perigos maiores, ou em missão mais urgente.

Então apontou e nomeou aqueles que Frodo ainda não tinha encontrado.

Havia um anão mais jovem ao lado de Glóin: seu filho Gimli. Ao lado de Glorfindel estavam vários outros conselheiros da casa de Elrond, de quem Erestor era o chefe; com ele estava Galdor, um elfo dos Portos Cinzentos, que tinha vindo numa missão a pedido de Círdan, o fabricante de embarcações. Havia também um elfo estranho, vestido de verde e marrom, Legolas, mensageiro de seu pai, Thranduil, o Rei dos Elfos do Norte da Floresta das Trevas. E, sentado um pouco à parte, estava um homem de rosto belo e nobre, de cabelos escuros e olhos cinzentos, altivo e de olhar severo.

Estava com capa e botas, como se fosse fazer uma viagem a cavalo; na verdade, apesar de suas vestes serem luxuosas, e a capa revestida de pele, estavam manchadas por

uma longa viagem. Tinha um colar de prata no qual havia uma única pedra; os cabelos cacheados estavam cortados à altura dos ombros. Num cinturão, trazia uma grande corneta com ornatos de prata, que agora colocara sobre os joelhos. Olhou para Frodo e Bilbo com súbita surpresa.

- Aqui - disse Elrond, voltando-se para Gandalf -, aqui está Boromir, um homem do Sul. Chegou no início da manhã, e procura aconselhamento. Pedi a ele que estivesse presente, pois aqui as perguntas que tem a fazer serão respondidas. Nem tudo o que foi falado e debatido no Conselho precisa ser contado aqui. Muito se falou a respeito dos acontecimentos no mundo lá fora, especialmente no Sul, e nas amplas regiões a Leste das Montanhas.

Dessas coisas, Frodo já tinha escutado muitos rumores; mas a história de Glóin era nova para ele, e quando o anão falou, escutou com atenção. Parecia que em meio ao esplendor de seus trabalhos manuais, os corações dos anões da Montanha Solitária estavam preocupados.

- Agora já faz muitos anos - disse Glóin -, que uma sombra de inquietude caiu sobre nosso povo. De onde vinha, não percebemos a princípio. As palavras começaram a ser sussurradas em segredo: dizia-se que estávamos presos num lugar pequeno, e que riquezas e esplendores maiores seriam encontrados num mundo mais vasto. Alguns falavam de Moria: as grandes construções de nossos pais, que em nossa língua são chamadas de Khazad-dûm; e declarava -se que agora, finalmente, tínhamos a força e o número de pessoas para retornar.

Glóin suspirou. - Moria! Moria! Maravilha do Mundo do Norte. Cavamos muito fundo ali, e acordamos o medo inominável. Por muito tempo, aquelas vastas mansões tinham permanecido vazias, desde que os filhos de Durin fugiram. Mas agora falávamos de tudo aquilo com saudade outra vez e, apesar disso, com medo. Nenhum anão tinha ousado ultrapassar as portas de Khazad-dûm durante a vida de vários reis, a não ser Thrór, e ele pereceu. Finalmente, entretanto, Balin escutou os rumores e resolveu ir; e embora Dáin relutasse em consenti-lo, Balin levou consigo Ori e Óin, e muitos outros de nosso povo, rumando para o Sul - isso foi há mais de trinta anos. Por um tempo, tivemos notícias e tudo parecia bem: mensagens contavam que eles haviam entrado em Moria, e uma grande obra começava lá. Depois, fez-se silêncio, e nenhuma palavra veio de Moria desde então.

- Depois, cerca de um ano atrás, um mensageiro veio até Dáin, mas não de Moria. de Mordor: um cavaleiro chegou à noite, chamando Dáin até o portão. O Senhor Sauron, o Grande, dizia ele, desejava nossa amizade. Em troca daria anéis, assim como tinha dado aos antigos. E o mensageiro queria muito saber a respeito de hobbits, de como eles eram, e onde moravam. "Pois Sauron sabe", dizia ele, "que um deles foi conhecido de vocês em certa época."

- Ao ouvirmos isso, ficamos muito preocupados, e não demos resposta, E então sua voz maléfica ficou mais baixa, e ele a teria suavizado, se pudesse. "Apenas como um pequeno sinal de sua amizade, Sauron pede isto", disse ele: "que encontrem esse ladrão", foi essa a palavra que usou, e consigam dele, quer queira ou não, um pequeno anel, o mais ínfimo dos anéis, que certa vez ele roubou. É um capricho de Sauron, e uma prova da boa vontade de vocês. Encontrem-no, e três anéis que os anões antepassados usaram lhes serão devolvidos, e poderão tomar posse de Moria para sempre. Encontrem apenas notícias do ladrão, se ainda está vivo e onde, e terão grande recompensa e a eterna amizade do Senhor. Recusem a oferta, e as coisas não vão ficar muito bem. Recusam -se? Com isso sentimos seu hálito, semelhante ao silvo das serpentes, e todos os que estavam ali tremeram, mas Dáin disse: "Não digo sim nem não".

Preciso pensar na mensagem, e no que está por trás desse belo disfarce.

- "Pense bem, mas não por muito tempo", disse ele.

- "Levo o tempo que precisar com meu pensamento", respondeu Dám.

- "Por enquanto", disse ele, e cavalgou para dentro da escuridão.

- Os corações de nossos líderes ficaram pesados desde aquela noite. Não precisávamos da voz maligna do mensageiro para nos avisar que as palavras dele continham ameaça e engano, pois já sabíamos que o poder que outra vez invadira Mordor não tinha mudado, e que esse poder sempre havia nos traído outrora.

O mensageiro voltou duas vezes, e se foi sem resposta. "A terceira e última vez", dizia ele, "está por chegar, antes do fim do ano."

- E então fui enviado finalmente por Dáin, para avisar Bilbo que ele está na mira do Inimigo, e para saber, se for possível, por que ele deseja esse anel, o mais ínfimo dos anéis. Também pedimos o conselho de Elrond. Pois a Sombra cresce e se aproxima. Descobrimos que os mensageiros também foram enviados ao rei Brand, em Valle, e que ele está com medo. Tememos que possa ceder. A guerra já está se formando na fronteira Leste. Se não dermos resposta, o Inimigo poderá enviar os homens sob seu comando para atacar o rei Brand, e também Dáin.

- Fez bem em ter vindo - disse Elrond. - Hoje você ouvirá tudo o que precisa para entender os propósitos do Inimigo. Não há nada que possa fazer, a não ser resistir, com ou sem esperança. Mas você não está só. Saberá que seu problema é apenas parte do problema de todo o mundo ocidental. O Anel! Que devemos fazer com o Anel, o mais ínfimo dos anéis, a ninharia que Sauron cobiça? É isso que devemos considerar.

- Este é o propósito de todos terem sido chamados aqui. Chamados, eu digo, embora eu não tenha chamado vocês até mim, estrangeiros de terras distantes. Vocês vieram e estão aqui reunidos, neste exato momento, por acaso, como pode parecer. Mas não é assim. Acreditem que foi ordenado que nós, que estamos aqui sentados, e ninguém mais, encontremos uma solução para o perigo do mundo.

- Agora, portanto, as coisas que foram até este dia ocultadas de todos, por alguns, devem ser mencionadas abertamente. E começando, para que todos possam entender qual é o perigo, a História do Anel será contada desde o início até o momento presente. E eu devo começar, embora outros possam terminá-la.

Então todos escutaram, enquanto Elrond, com sua voz clara, falava de Sauron e dos Anéis de Poder, e de sua forjadura na Segunda Era do mundo, há muito tempo. Uma parte da história era conhecida por alguns ali, mas a história completa ninguém conhecia, e muitos olhos se voltavam para Elrond com medo e surpresa, enquanto ele contava sobre os ourives élficos de Eregion, e de sua amizade com Moria, e de sua avidez de conhecimento, através da qual Sauron os seduziu. Pois, naquela época, ainda não era declaradamente mau, e eles aceitaram sua ajuda, tornando-se hábeis, enquanto Sauron aprendia todos os segredos, e os traía, forjando secretamente, na Montanha do Fogo, o Um Anel para dominar todos os outros. Mas Celebrimbor sabia das verdadeiras intenções de Sauron, e escondeu os Três que tinha feito; então houve guerra, e a terra foi arrasada, e o portão de Moria foi fechado.

Depois disso, através de todos os anos que se seguiram, Sauron procurou o Anel; mas já que essa história é recontada em outro lugar, pois o próprio Elrond a registrou em seus livros de estudo, não será recordada aqui. Pois é uma longa história, cheia de feitos grandiosos e terríveis, e embora Elrond falasse de modo breve, o sol subiu no céu, e a manhã já estava no fim quando ele terminou.

Falou de Númenor, de sua glória e queda, e do retorno dos Reis dos Homens à Terra-média, vindos das profundezas do mar, carregados pelas asas da tempestade. Então

Elendil, o Alto, e seus poderosos filhos, Isildur e Anárion, tornaram-se grandes senhores, e fundaram o Reino do Norte em Amor, e o Reino do Sul em Gondor, sobre a foz do Anduin. Mas Sauron de Mordor os atacou, e eles fizeram a última Aliança de Elfos e Homens, e as tropas de Gil -galad e Elendil foram reunidas em Amor.

Nesse momento, Elrond parou um pouco e suspirou. - Lembro-me bem do esplendor de suas flâmulas - disse ele. - Fazia-me recordar da glória dos Dias Antigos e das tropas de Beleriand, nas quais tantos príncipes importantes e capitães foram reunidos.

E, mesmo assim, nem tantos, e nem tão belos como na ocasião em que Thangorodrim foi quebrada, e os elfos pensaram que o mal tinha acabado para sempre; mas isso não era verdade.

- O senhor se lembra? - disse Frodo, pensando alto em sua surpresa. - Mas eu pensei - gaguejou, no momento em que Elrond se voltava para ele -, pensei que a queda de Gil-galad tinha sido há muito tempo.

- E de fato foi - respondeu Elrond com gravidade. - Mas minha memória alcança até os Dias Antigos. Earendil foi meu pai, e nasce u em Gondolin antes da queda; e minha mãe era Elwing, filha de Dior, filho de Lúthien de Doriath. Já vi três eras do Oeste do Mundo, e muitas derrotas, e muitas vitórias infrutíferas.

- Fui o arauto de Gil-galad, e marchei com sua tropa. Estive na Batalha de Dagorlad diante do Portão Negro de Mordor, onde vencemos: pois à Lança de Gil-galad, e à Espada de Elendil, Aiglos e Narsil, ninguém podia resistir. Eu vi o último combate nas encostas de Orodruíri, onde Gil-galad morreu, e Elendil caiu, e Narsil se quebrou sob seu corpo. Mas Sauron foi vencido, e Isildur cortou o Anel de sua mão com o fragmento do punho da espada do pai, e pegou -o para si.

Ao ouvir isso, o estrangeiro, Boromir, interrompeu-o. - Então foi isso que aconteceu com o Anel! - gritou ele. - Se alguma vez essa história foi contada no Sul, já foi há muito esquecida. Ouvi falar do Grande Anel daquele que não nomeamos, mas acreditávamos que tinha desaparecido do mundo nas ruínas do primeiro reinado. Isildur o pegou! Isso realmente é novidade.

- Infelizmente, sim - disse Elrond. - Isildur o pegou, e isso não deveria ter acontecido. O Anel deveria ter sido jogado no fogo de Orodruin, exatamente onde foi confeccionado. Mas poucos perceberam o que Isildur fez. Ele tinha ficado sozinho ao lado do pai no confronto final; e ao lado de Gil-galad aperias Círdan ficou, e eu. Mas Isildur não deu ouvidos ao nosso conselho.

- "Levo isto como compensação pela morte de meu pai e de meu irmão", disse ele; portanto, sem se importar com o que pensávamos, tom ou o Anel para guardá-lo. Mas logo foi traído por ele, o que causou sua morte; por isso é chamado no Norte de A Ruína de Isildur. Mesmo assim, a morte ainda foi melhor do que aquilo que poderia ter-lhe acontecido.

- Essas informações só vieram para o Norte, e apenas para alguns. Não é de admirar que você não saiba de nada, Boromir. Da ruína dos Campos de Lis, onde Isildur sucumbiu, apenas três homens voltaram pelas montanhas, depois de muito vagarem. Um destes foi Olitar, o escudeiro de Isildur, que trazia os pedaços da espada de Elendil; e ele os trouxe para Valandil, herdeiro de Isildur, que, por ser apenas uma criança, tinha ficado aqui em Valfenda. Mas Narsil estava quebrada e sua luz se extinguira, e ainda não tinha sido forjada novamente.

- Chamei de infrutífera a vitória da última Aliança? Não inteiramente, embora não tenha alcançado seus objetivos. O poder de Sauron diminuiu, mas não foi destruido. O Anel estava perdido, mas não desfeito. A Torre Escura foi quebrada, mas os alicerces não foram removidos, pois haviam sido feitos com o poder do Anel, e enquanto este

permanecer os alicerces vão durar. Muitos elfos e muitos homens poderosos, e muitos de seus amigos, morreram na guerra. Anárion foi morto, e Isildur foi morto; Gil-galad e Elendil não existiam mais. Nunca mais haverá uma aliança semelhante entre homens e elfos, pois os homens se multiplicam, e os Primogênitos estão se extinguindo, e os dois povos estão ficando cada vez mais distantes. E desde aquele dia, a raça de Númenor vem decaindo, e o tempo que vivem diminui.

- No Norte, depois da guerra e do massacre dos Campos de Lis, os homens do Ponente diminuíram em número, e sua cidade de Annúminas ao lado do lago Vesperturvo ficou em ruínas; os herdeiros de Valandil se mudaram e fora m morar em Fornost, nas altas Colinas do Norte, e essa também é uma região desolada atualmente. Os homens a chamam de Fosso dos Mortos, e temem pisá-lo. O povo de Arnor diminuiu, e foi devorado pelos inimigos, e seu reinado passou, deixando apenas túmulos verdes nas colinas cobertas de capim.

- No Sul, o Reinado de Gondor durou muito tempo; por um período seu esplendor cresceu, lembrando de alguma forma a força de Númenor, antes de cair. Altas torres aquele povo construiu, e lugares resistentes, e portos d e muitos navios, e a corôa alada dos Reis dos Homens era respeitada e temida por povos de várias línguas.

A cidade principal era Osgiliath, Cidadela das Estrelas, no meio da qual o rio corria. E construíram Minas Ithil, a Torre da Lua Nascente, do lado Leste, sobre uma saliência das Montanhas da Sombra; a Oeste, aos pés das Montanhas Brancas, construíram Minas Anor, a Torre do Sol Poente. Ali, nos pátios do Rei nasceu uma árvore branca, da semente que Isildur trouxe através das águas profundas, e a semente dessa árvore tinha antes vindo de Eressêa, e antes ainda do Extremo Oeste, no Dia antes dos dias quando o mundo era jovem.

- Mas com o rápido passar dos anos na Terra -média a linhagem de Meneldil, filho de Anárion, acabou, e a Árvore enfraqueceu, e o sangue dos habitantes de Númenor se misturou com o de homens menores. Então, a guarda sobre as muralhas de Mordor adormeceu, e seres escuros se esgueiraram de volta para Gorgoroth. E em certa época seres maléficos avançaram, tomando Minas Ithil e ali permanecendo, transformando-a num lugar de terror; agora é chamada de Minas Morgul, a Torre da Bruxaria. Então Minas Anor foi chamada por outro nome, Minas Tirith, a Torre da Guarda; essas duas cidades estavam sempre em guerra, mas Osgiliath, que ficava n o meio delas, foi abandonada e nas suas ruínas as sombras andavam.

- Foi assim por multas vidas de homens. Mas os Senhores de Minas Tirith ainda lutam, desafiando nossos inimigos, mantendo a passagem do Rio desde Argonath até o Mar. E agora a parte da história que devo contar chega a um fim. Pois nos dias de Isildur o Anel Governante sumiu de todo o conhecimento, e os Três foram libertados do seu domínio. Mas agora, nestes últimos dias, estão em perigo novamente, pois, para nossa tristeza, o Um foi encontrado. Outros devem falar do achado, pois neste ponto tive um papel pequeno.

Ele parou, mas imediatamente Boromir se levantou, alto e imponente diante deles.

- Dê-me permissão, Mestre Elrond - disse ele -, primeiro para dizer mais sobre Gondor, pois exatamente de lá eu venho. E seria bom para todos saber o que se passa ali. Poucos sabem, pelo que vejo, de nossos feitos, e portanto adivinham pouca coisa do perigo que os ameaça, se viéssemos a falhar.

- Não creiam que na terra de Gondor o sangue d e Númenor esteja dissipado, nem que toda sua dignidade e esplendor foram esquecidos. Por nossos esforços, o povo selvagem do Leste ainda não avançou, e o terror de Morgul é mantido sob controle; só assim são mantidas a paz e a liberdade nas terras atrás de nós, que somos o baluarte do

Oeste. Mas se as passagens do Rio fossem tomadas, o que aconteceria?

- Mas talvez essa hora não esteja longe. O Inimigo Inominável se levanta outra vez. A fumaça sobe de novo de Orodruin, que chamamos de Montanha da Perdição. O poder da Terra Negra cresce, e estamos sendo duramente acossados. Quando o Inimigo voltou, nosso povo foi expulso de Ithilien, nosso belo domínio a Leste do Rio, embora tenhamos mantido lá um Ponto de apoio e força de armas. Mas neste mesmo ano, nos dias de junho, uma guerra repentina nos sobreveio de Mordor, e fomos expulsos de vez. Estávamos em menor número, pois Mordor se aliou aos Orientais e aos cruéis Haradrim; mas não foi pelo número que fomos derrotados. Havia ali um poder que nunca sentíramos antes.

- Alguns diziam que era visível, na forma de um grande cavaleiro negro, uma sombra escura sob a lua. Onde quer que ele aparecesse, nossos inimigos ficavam furiosos, enquanto o medo dominava nossos guerreiros mais corajosos, de modo que homens e cavalos cediam e fugiam. Apenas uma parte restante de nossa força no Leste voltou, destruindo a última ponte que ainda resistia entre as ruínas de Osgiliath.

- Eu estava nesse grupo que ocupava a ponte, até que ela foi destruída atrás de nós. Apenas quatro se salvaram nadando: meu irmão, eu, e outros dois. Mas continuamos lutando, mantendo o domínio das praias a Oeste do Anduin; aqueles que se abrigam atrás de nós nos elogiam: elogiam muito mas não ajudam em nada. Atualmente, apenas de Rohan viria algum homem quando pedíssemos socorro.

- Nesta hora maligna, eu vim numa missão, atravessando muitas milhas perigosas, até Elrond: cento e dez dias viajei completamente sozinho. Mas não procuro aliados para a guerra. O poder de Elrond está em sua sabedoria, não n as armas, como se diz. Vim pedir aconselhamento e ajuda para desvendar palavras duras. Pois na véspera do ataque súbito, meu irmão teve um sonho durante um sono agitado; e depois disso tinha freqüentemente um sonho semelhante, e uma vez eu também tive.

- Nesse sonho, vi o céu do Leste ficar cinza -escuro, e havia um trovão crescente, mas no Oeste uma luz pálida permanecia, e vindo dela eu escutava uma voz, remota mas clara, gritando: - Procure a Espada que foi quebrada.- Em Imladris ela está; Mais fortes que de Morgul encantos Conselhos lhe darão lá. E lá um sinal vai ser revelado Do Fim que está por vir E a Ruína de Isildur já acorda, E o Pequeno já vai surgir. Dessas palavras, pudemos entender pouca coisa, e falamos com nosso pai, Denethor, Senhor de Minas Tirith, sábio na tradição de Gondor. Ele só disse que Imladris fora, há muito tempo, o nome usado pelos elfos para um vale no extremo Norte, onde Elrond, o Meio-elfo, morava, o maior dos eruditos na tradição. Portanto, meu irmão, vendo o desespero de nossa necescidade, estava ansioso para atender ao que dizia o sonho, e procurar Imladris; mas, já que o caminho era cheio de dúvidas e perigos, encarreguei -me da viagem. Meu pai relutou em dar permissão para minha partida, e muito vaguei por estradas abandonadas, procurando a casa de Elrond, da qual muitos tinham ouvido falar, mas poucos sabiam onde ficava.

- E aqui, na casa de Elrond, mais coisas lhe serão esclarecidas - disse Aragorn, levantando-se. Colocou sua espada sobre a mesa diante de Elrond, e a lâmina ainda estava partida em dois pedaços. - Aqui está a Espada que foi Quebrada! - disse ele.

- E quem é você, e o que tem a ver com Minas Tirith? - perguntou Boromir, olhando surpreso para o rosto magro do guardião e para sua capa surrada.

- Ele é Aragorn, filho de Arathorn - disse Elrond -, e descende, através de muitas gerações, de Isildur, filho de Elendil, de Minas Ithil. É o chefe dos dúnedain no Norte; poucos restam agora desse povo.

- Então ele pertence a você e não a mim! - gritou Frodo surpreso, levantando-se,

como se esperasse que alguém pedisse o Anel imediatamente.

- Ele não pertence a nenhum de nós - disse Aragorn. - Mas foi ordenado que você o guardasse por um período.

- Traga o Anel, Frodo! - disse Gandalf solenemente. - A hora chegou. Mostre-o, e então Boromir entenderá o restante do enigma.

Fez-se silêncio e todos voltaram os olhos para Frodo. Ele foi tomado de repente pela vergonha e pelo medo, sentindo uma grande relutância em revelar o Anel, e uma aversão de tocá-lo. Desejou estar bem longe. O Anel brilhou e cintilou, conforme o erguia diante deles, com a mão trêmula.

- Veja a Ruína de Isildur! - disse Elrond.

Os olhos de Boromir reluziram quando olharam para o objeto de ouro.

- O Pequeno! - gaguejou ele. - Então o fim de Minas Tirith finalmente chegou? Mas por que então devíamos procurar uma espada quebrada?

- As palavras não eram o fim de Minas Tirith - disse Aragorn. - Mas o fim e grandes feitos se aproximam realmente. Pois a Espada que foi Quebrada é a Espada de Elendil, que se partiu quando ele caiu por cima dela. Foi guardada por herdeiros, quando todo o resto da herança foi perdido; disseram -nos que seria refeita quando o Anel, a Ruína de Isildur, fosse encontrado. Agora que você viu a espada que procurava, o que dirá? Deseja que a Casa de Elendil retorne à Terra de Gondor?

- Não fui enviado para implorar nenhum favor, mas apenas para procurar o significado de um enigma - respondeu Boromir orgulhosamente. Mas estamos sendo fortemente pressionados, e a Espada de Elendil seria uma ajuda além de nossas expectativas... se uma coisa dessas pudesse realmente voltar das sombras do passado. - Olhou de novo para Aragorn, cheio de dúvidas.

Frodo sentiu Bilbo se mexer impacientemente ao seu lado. Evidentemente estava zangado por seu amigo. Levantando-se de súbito, ele falou numa explosão: Nem tudo o que é ouro fulgura, Nem todo o vagante é vadio; O velho que é forte perdura, Raiz funda não sofre o frio. Das cinzas um fogo há de vir Das sombras a luz vai jorrar; A espada há de, nova, luzir, O sem-corôa há de reinar

- Talvez não muito bom, mas perfeito para o momento - se e que você precisa de algo mais além da palavra de Elrond. Se ela vale uma viagem de cento e dez dias, é melhor escutá-la com mais atenção. - Sentou-se furioso.

- Eu mesmo compus isso - cochichou ele para Frodo. - Para o Dúnadan, há muito tempo, quando me contou coisas sobre sua história pela primeira vez. Quase começo a desejar que minhas aventuras não tivessem terminado, e que pudesse acompanhá-lo quando o dia chegar.

Aragorn sorriu para ele; depois voltou-se outra vez para Boromir. De minha parte, perdôo sua dúvida - disse ele. - Sou pouco semelhante às figuras de Elendil e Isildur que estão entalhadas em sua majestade nos salões de Denethor. Sou apenas um herdeiro de Isildur, não Isildur em pessoa. Tive uma vida dura e longa; e as milhas que se estendem entre este lugar e Gondor são uma pequena fração na soma de minhas viagens. Atravessei muitas montanhas e muitos rios, e pisei em muitas planícies, chegando até mesmo às regiões distantes de Rhûn e Harad, onde as estrelas são estranhas. Mas minha casa, a meu ver, fica no Norte. Pois aqui os herdeiros de Valandil sempre viveram, numa longa linhagem contínua de pai para filho por muitas gerações. Nossos dias escureceram e diminuímos em número; mas sempre a espada era passada para um novo guardião. E isto direi a você, Boromir, antes de terminar. Somos homens solitários, guardiões das Terras Ermas, caçadores - mas sempre caçamos os servidores do Inimigo; pois estes podem ser encontrados em muitos lugares, e não apenas em Mordor.

- Se Gondor, Boromir, tem sido uma torre robusta, nós tivemos outra função. Existem muitas coisas más que nossas muralhas fortes e espadas brilhantes não aguentam. Você sabe pouco sobre as terras além de suas fronteiras. Paz e liberdade, você diz? O Norte mal saberia o que são essas coisas se não fosse por nós. O medo destruiria a todos. Mas quando os seres escuros vêm das colinas desabitadas, ou se esgueiram por florestas sem sol, fogem de nós. Que estradas qualquer um ousaria pisar, que segurança haveria nos lugares pacíficos, ou nas casas dos homens simples à noite, se os dúnedain estivessem dormindo, ou tivessem todos ido para o túmulo?

- Mesmo assim, recebemos menos agradecimentos que vocês. Os viajantes nos desprezam, e os homens do campo nos dão nomes pejorativos. Sou "Passolargo" para um homem gordo que vive num lugar a apenas um dia de marcha de inimigos que congelariam seu coração, ou deixariam sua pequena cidade em ruínas, se não fosse guardado continuamente. Mesmo assim, não aceitaríamos outro tipo de vida. Se as pessoas estão livres do medo e da preocupação, é porque são simples, e devemos mantê-las assim em segredo. Essa tem sido a tarefa de meu povo, enquanto os anos vão se alongando e o capim vai crescendo.

- Mas agora o mundo está mudando outra vez. Uma nova hora se aproxima. A Ruína de Isildur foi encontrada. A Batalha está chegando. A Espada será reforjada. Irei a Minas Tirith.

- Você diz que a Ruína de Isildur foi encontrada - disse Boromir. - Vi um anel brilhante na mão do Pequeno; mas Isildur morreu antes de esta era do mundo começar. Como os Sábios podem saber que esse anel é o dele? E como ele passou todos esses anos, até ser trazido aqui por um mensageiro tão estranho?

- Isso será contado - disse Elrond.

- Mas ainda não, eu peço, Mestre - disse Bilbo. - O sol já está chegando ao meio-dia, e sinto necessidade de algo para me fortalecer.

- Não tinha nomeado você - disse Elrond. - Mas faço isso agora. Venha! Conte-nos sua história. E se ainda não a transformou em versos, você pode contá-la em palavras simples. Quanto mais rápido for, mais depressa será alimentado.

- Muito bem - disse Bilbo. - Farei como pede. Mas vou contar a história verdadeira, e se alguém aqui já me ouviu contando -a de outra maneira - olhou de lado para Glóin -, peço que esqueçam e me perdoem. Naquela época, desejava apenas afirmar que o tesouro pertencia só a mim, e me livrar da pecha de ladrão que me havia sido lançada. Mas talvez eu tenha um entendimento melhor das coisas agora. De qualquer forma, foi isto o que aconteceu.

Para alguns ali, a história de Bilbo era inteiramente nova, e eles ouviam surpresos, enquanto o velho hobbit, na verdade não totalmente contrariado, recontava sua aventura com Gollum, do começo ao fim. Não omitiu uma charada sequer. Teria também feito um relato de sua festa e do desaparecimento do Condado, se lhe fosse permitido, mas Elrond levantou a mão.

- Bem contado, meu amigo - disse ele. - Mas isso é o suficiente por enquanto. Para o momento, basta sabermos que o Anel passou às mãos de Frodo, seu herdeiro. Deixe-o falar agora!

Então, menos disposto que Bilbo, Frodo contou todas as suas façanhas com o Anel, desde o dia em que a guarda lhe fora confiada. Cada passo de sua viagem da Vila dos Hobbits até o Vau do Bruinen foi questionado e ponderado, e tudo o que ele pôde lembrar a respeito dos Cavaleiros Negros foi examinado.

Finalmente, sentou-se de novo.

- Nada mau - disse-lhe Bilbo. - Você teria contado uma boa história, se não

ficassem interrompendo a todo momento. Tentei anotar umas coisas, mas vamos ter de repassar toda a história juntos numa outra ocasião, se é que vou escrevê-la. Há capítulos inteiros sobre eventos anteriores à sua chegada aqui!

- É, fiz uma longa história - respondeu Frodo. - Mas ainda me parece que não está completa. Ainda quero saber muita coisa, especialmente sobre Gandalf. Galdor dos Portos, sentado ao lado, escutou o que diziam. - Você também fala por mim - disse ele; e voltando-se para Elrond, falou: - Os sábios podem ter bons motivos para considerar que o tesouro do Pequeno é realmente o Grande Anel tão debatido, embora isso pareça improvável para aqueles que sabem menos. Mas não podemos ouvir as provas? E eu também perguntaria o seguinte: E Saruman? Ele é erudito nos estudos sobre os Anéis, e apesar disso não está entre nós. O que diria, se soubesse das coisas que ouvimos?

- As perguntas que faz, Galdor, estão entrelaçadas - disse Elrond. Não as negligenciei, e elas serão respondidas. Mas essas coisas compete a Gandalf esclarecer, e eu o chamo por último, pois esse é o lugar de honra, e em toda essa questão ele tem sido o chefe.

- Alguns, Galdor - disse Gandalf -, pensariam que as notícias de Glóin e a perseguição de Frodo são provas suficientes de que o tesouro do Pequeno é uma coisa de grande valor para o Inimigo. Apesar disso, é apenas um anel. E então? Os Nove estão em poder dos Nazgûl. Os Sete foram levados ou estão destruídos. - Com isso Glóin se mexeu na cadeira, mas nada falou. - Dos Três nós sabemos. O que então seria este Um, que ele tanto deseja?

- Na verdade, existe um grande lapso de tempo entre o Rio e a Montanha, entre a perda e o achado. Mas a falha no conhecimento dos Sábios foi sanada finalmente. Mas muito devagar. Pois o Inimigo vinha logo atrás, mais próximo até do que eu temia. E é bom que só tenha conhecido a verdade inteira neste último ano; ao que parece, neste verão.

- Alguns aqui poderão recordar que, muitos anos atrás, eu mesmo ousei atravessar as portas do Necromante em Dol Guldur, e explorei em segredo suas práticas, e assim descobri que nossos temores eram fundados: ele não era ninguém menos que o próprio Sauron, nosso antigo Inimigo, finalmente tornando forma e recuperando o poder outra vez. Alguns também poderão lembrar que Saruman tentou nos dissuadir de fazer algo abertamente contra ele, e por muito tempo apenas o vigiamos. Mas finalmente, à medida que as sombras cresciam, Saruman cedeu, e o Conselho reuniu suas forças e expulsou o mal da Floresta das Trevas - e aquele foi exatamente o ano em que o Anel foi encontrado: estranho acaso, se é que foi um acaso.

- Mas estávamos muito atrasados, como Elrond previra. Sauron também estivera nos vigiando, e se preparava havia muito tempo para nosso golpe, governando Mordor à distância, de Minas Morgul, onde seus Nove servidores estavam morando, até que tudo estivesse pronto. Então ele se rendeu diante de nós, mas apenas fingiu partir em fuga, e logo depois chegou à Torre Escura, e declarou -se abertamente.

Então, pela última vez, o Conselho se reuniu, pois nesse momento soubemos que ele procurava o Um Anel mais desesperadamente que nunca. Tememos na época que e le soubesse alguma coisa que ainda ignorávamos. Mas Saruman disse que não, e repetiu o que já tinha nos dito antes: que o Anel jamais seria encontrado outra vez na Terra - média.

- "Na pior das hipóteses", dizia ele, "nosso Inimigo sabe que não estamos com o Anel, pois ainda está perdido. Mas acha que o que foi perdido pode ser reencontrado. Nada temam! A esperança que tem vai traí -lo. Então eu não estudei essa questão minuciosamente? O Anel caiu no Grande Rio Anduin; e há muito tempo, enquanto Sauron dormia, foi rolando pelo Rio até o Mar. Deixemo-lo ficar ali até o Fim.

Gandalf ficou quieto, olhando para o Leste através do alpendre, examinando os picos distantes das Montanhas Sombrias, em cujas grandes raízes o perigo do mundo por tanto tempo se ocultara. Ele suspirou.

- Nesse ponto, falhei - disse ele. - Fui ludibriado pelas palavras de Saruman, o Sábio; deveria ter procurado a verdade antes, e agora nosso perigo seria menor.

- Todos nós falhamos - disse Elrond. - E se não fosse por sua vigilância, talvez a Escuridão já tivesse caído sobre nós. Mas continue!

- Desde o início, meu coração pressentia o que contrariava toda a razão que eu conhecia - disse Gandalf - E eu desejava saber como essa coisa chegou até Gollum e por quanto tempo estivera em seu poder. Então comecei a procurá-lo, supondo que logo apareceria para procurar seu tesouro, E de fato apareceu, mas escapou e não foi encontrado. E então, infelizmente, deixei o assunto descansar, apenas vigiando e esperando, como fizemos muitas vezes.

- O tempo passou, com muitas apreensões, até que minhas dúvidas despertaram de novo, transformando-se num medo repentino. De onde vinha o anel do hobbit? O que, se minhas dúvidas fossem fundadas, deveríamos fazer com ele? Essas coisas eu tinha de decidir. Mas não falei a ninguém de meus temores, sabendo do perigo de uma menção inoportuna, caso chegasse aos ouvidos errados. Em todas as longas guerras contra a Torre Escura, a traição sempre foi nosso maior inimigo.

- Isso foi há dezessete anos. Logo soube que espiões de toda sorte, até animais e pássaros, reuniam-se em torno do Condado, e meu medo cresceu. Pedi o auxílio dos dúnedain, que redobraram sua vigilância; abri meu coração para Aragorn, o herdeiro de Isildur.

- E eu - disse Aragorn -, achei melhor procurarmos Gollum, embora parecesse muito tarde. E, uma vez que parecia adequado que o herdeiro de Isildur tentasse reparar a falta de seu antepassado, empreendi com Gandalf uma busca longa e infrutífera.

Então Gandalf contou que tinham explorado to da a região das Terras Ermas, chegando até mesmo às Montanhas da Sombra e às fronteiras de Mordor. - Ali escutamos rumores sobre ele, e supusemos que tinha morado por longo tempo lá, nas colinas escuras; mas não o encontramos, e finalmente perdi as esperanças. Então pensei outra vez num teste que poderia dispensar a localização de Gollum. O próprio anel poderia me dizer se era o Um Anel. A lembrança das palavras pronunciadas no Conselho voltou à minha memória: palavras de Saruman, semi -ocultas na ocasião. Agora eu as escutava claramente em meu coração.

- "Os Nove, os Sete e os Três", dizia ele, "todos tinham uma pedra própria. Mas não o Um Anel, que era redondo e sem adornos, como se fosse o menos importante dos anéis; mas quem o fez desenhou nele marcas que os habilidosos, talvez, ainda poderiam ver e ler."

- Quais eram essas marcas ele não dizia. Quem poderia saber agora? Quem o fez. E Saruman? Embora seu conhecimento pudesse ser muito grande, devia se originar de alguma fonte. Que outra mão, fora a de Sauron, teria segurado esse objeto, antes que fosse perdido? Apenas a mão de Isildur.

- Pensando nisso, abandonei a busca, e fui rapidamente para Gondor. Nos primeiros tempos, os membros de minha ordem eram bem recebidos lá, mas Saruman sempre merecia as honras maiores. Freqüentemente ficava ali, como hóspede dos Senhores da Cidade. Não fui tão bem recebido pelo Senhor Denethor dessa vez como antigamente e com má vontade ele permitiu que eu vasculhasse entre os livros e pergaminhos que guardava como relíquias.

- "Se é verdade que você só está procurando registros dos tempos antigos e das

origens da Cidade, como diz, vá em frente!", disse ele, "pois, para mim, o que passou foi menos sombrio do que o que está por vir, e essa é minha preocupação. Mas, a não ser que você tenha mais habilidade que o próprio Saruman, que estudou aqui muito tempo, não achará nada que não seja bem conhecido por mim, que sou um mestre nas tradições da Cidade."

- Assim falou Denethor. E mesmo assim, em sua posse há muitos registros que agora apenas alguns conseguem ler, até mesmo entre os mestres nas tradições, pois suas escritas e línguas se tornaram obscuras para os homens que vieram depois. E, Boromir, acho que ainda existe em Minas Tirith um manuscrito que não foi lido por ninguém, a não ser por Saruman e por mim, feito pelo próprio Isildur. Porque Isildur não se retirou imediatamente da guerra de Mordor, como contaram alguns.

- Alguns no Norte, talvez - interrompeu Boromir. -Todos em Gondor sabem que primeiro ele foi para Minas Anor e morou ali por um tempo com o sobrinho, Meneldil, instruindo-o, antes de confiar a ele o governo do Reino do Sul. Nessa época, plantou ali a última muda da Árvore Branca, em memória do irmão.

- Mas nessa época ele também fez esse manuscrito - disse Gandalf E isso não é lembrado em Gondor, ao que parece. Pois esse manuscrito se refere ao Anel, e assim Isildur escreveu: O Grande Anel deve agora se transformar em parte da herança do Reino do Norte; mas registros dele serão deixados em Gondor onde também moram os herdeiros de Elendil, para evitar que venha um tempo em que a memória dessas questões importantes seja obscurecida. E depois dessas palavras Isildur descreveu o Anel, tal como o encontrou: Estava quente no primeiro momento em que o peguei, quente como brasa, e minha mão se queimou, de tal modo que duvidei que algum dia pudesse me ver livre da dor causada pela queimadura. Apesar disso, no momento em que escrevo, está frio, e parece que encolheu, embora sem ter perdido a beleza ou a forma . A escrita que há nele, que no início estava visível como uma chama vermelha, já desapareceu, e mal pode ser lida. As letras são de uma caligrafia élfica de Eregion, pois não há em Mordor letras para um trabalho tão sutil; mas a língua me é desconhecida. Suponho que seja uma língua da Terra Negra, uma vez que é desagradável e rústica. Que maldade está aqui impressa eu não sei dizer; traço uma cópia, para evitar que desapareça e nunca mais seja recuperada. Talvez o Anel sinta falta do calor da mão de Sauron, que era negra e mesmo assim queimava como fogo, e assim Gil-galad foi destruido; e talvez, se o ouro for reaquecido, a inscrição fique visível outra vez. Mas, de minha parte, não arriscarei danificar uma coisa dessas: de todos os trabalhos de Sauron, o único belo. É precioso para mim, embora o tenha adquirido à custa de muito sofrimento.

- Quando li essas palavras, minha busca terminou. Pois a caligrafia da inscrição estava de fato, como Isildur supusera, na língua de Mordor e dos servidores da Torre. E o que dizia já era conhecido. Pois no dia em que Sauron colocou o Um Anel pela primeira vez, Celebrimbor, que havia feito os Três, estava consciente dele, e de longe escutou-o pronunciar essas palavras, e assim seus propósitos maléficos foram revelados.

- Imediatamente, despedi-me de Denethor, mas no mesmo momento em que me dirigia para o Norte mensagens chegavam até mim vindas de Lórien, dizendo que Aragorn tinha passado por ali, e que tinha encontrado a criatura chamada Gollum. Portanto, fui primeiro encontrá-lo e ouvir sua história. Por quais perigos tinha ele passado sozinho, eu não ousava imaginar.

- Não há necessidade de comentá-los - disse Aragorn. - Se um homem precisar passar à vista do Portão Negro, ou pisar nas flores mortais do Vale Morgul, perigos encontrará. Eu, também, fiquei desesperado no final, e comecei minha viagem de volta para casa. Então, por sorte, finalmente encontrei o que procurava: a marca de pés fofos

numa poça lamacenta. Eram pegadas novas e rápidas, conduzindo não a Mordor, mas para longe dali. Ao longo das margens dos Pântanos Mortos as segui, e então o encontrei. Espreitando perto de um brejo estagnado, olhando a água quando a noite escura caía, peguei-o, Gollum. Estava coberto de musgo esverdeado. Receio que nunca gostará de mim, pois me mordeu, e não foi nem um pouco gentil. Nada mais consegui daquela boca além de marcas de dentes. Considerei essa a pior parte de toda a minha viagem, a estrada de volta, vigiando-o dia e noite, forçando-o a andar na minha frente com uma coleira no pescoço, amordaçado, enquanto não fosse domado pela falta de comida e bebida, conduzindo-o sempre para a Floresta das Trevas. Levei -o até lá finalmente, e o entreguei para os elfos, pois tínhamos combinado que isso seria feito; fiquei feliz em me livrar de sua companhia, pois fedia. De minha parte, espero nunca mais ter de olhar para ele outra vez; mas Gandalf chegou e suportou uma longa conversa com ele.

- Sim, longa e cansativa - disse Gandalf - Mas não sem resultados. Em primeiro lugar, a história que contou, de como havia perdido o Anel, batia com a que Bilbo acabou de contar abertamente pela primeira vez; mas isso pouco importava, uma vez que já tinha adivinhado. Mas então descobri, primeiro, que o anel de Gollum vinha do Grande Ri o perto dos Campos de Lis. E descobri também que ele o tinha possuído por longo tempo. Por muitas vidas de sua reduzida espécie.

O poder do anel tinha alongado seus anos de vida muito além da média; mas esse poder é concedido apenas pelos Grandes Anéis.

- Mas se isso ainda não for prova suficiente, Galdor, ainda há o outro teste que mencionei. Nesse mesmo Anel que acabaram de ver exibido, redondo e sem adornos, as letras que Isildur mencionou ainda podem ser lidas, se alguém tiver a força de vontade de colocar o Anel no fogo por uns momentos. Fiz isso e li o seguinte:

Ash nazg dupbatulûk, ash nazg gimbatul,
ash nazg thrakatulûk agh burzum - ishi krimpatul.

A mudança na voz do mago era assombrosa. De repente ficou ameaçadora, poderosa, dura como pedra. Uma sombra pareceu passar sobre o sol alto, e o alpendre ficou escurecido por uns momentos. Todos tremeram, e os elfos tamparam os ouvidos.

- Nunca antes uma voz ousou pronunciar palavras nessa língua em Imladris, Gandalf, o Cinzento - disse Elrond, quando a sombra passou e o grupo pôde respirar outra vez.

- E esperemos que ninguém jamais fale essa língua aqui de novo respondeu Gandalf. - Não obstante isso, não peço suas desculpas, Mestre Elrond. Pois se essa língua não estiver prestes a ser ouvida em todos os cantos do Oeste, então que todos deixem de lado a dúvida de que esse objeto é realmente o que os Sábios declararam: o tesouro do Inimigo, carregado de toda a sua malícia; e nele está uma grande parte de sua força de antigamente. Vêm dos Anos Negros as palavras que os Ourives de Eregion escutaram, sabendo assim que tinham sido traídos: Um Anel para a todos governar Um Anel para encontrá -los, Um Anel para a todos trazer. E na Escuridão aprisioná-los.

- Saibam ainda, meus amigos, que soube de mais coisas conversando com Gollum. Ele relutava em falar e a história que contava era obscura, mas está fora de qualquer dúvida que ele foi até Mordor, e ali tudo o que sabia lhe foi arrancado à força. Desse modo, o Inimigo sabe que o Anel foi encontrado, que ficou muito tempo no Condado; e já que seus servidores o Perseguiram quase até nossa porta, logo saberá, e já pode estar sabendo, neste momento em que falo, que o temos aqui.

Todos ficaram em silêncio por um tempo, até que finalmente Boromir falou.

- Ele é uma coisa pequena, você diz, esse Gollum? Pequeno, mas grande na

maldade.

O que aconteceu com ele? Que destino lhe foi imposto?

- Está preso, mas nada além disso - disse Aragorn. - Já tinha sofrido muito. Não há dúvida de que foi atormentado, e o medo de Sauron está cravado, negro, em seu coração. Mesmo assim, pessoalmente sinto-me feliz em saber que ele está sendo vigiado pelos olhos atentos dos elfos da Floresta das Trevas. Tem uma grande malícia, que lhe dá uma força difícil de se acreditar numa criatura tão magra e maltratada. Ainda poderia operar muitas maldades, se estivesse livre. E não duvido de que obteve permissão para deixar Mordor em alguma missão maligna.

- Infelizmente! - gritou Legolas, e em seu belo rosto élfico via-se uma grande perturbação. - As notícias que fui encarregado de trazer precisam agora ser dadas. Não são boas, mas só aqui percebi quão péssimas elas podem ser para este grupo. Sméagol, que agora é chamado de Gollum, escapou.

- Escapou? - gritou Aragorn. - Essa notícia é realmente péssima. Receio que todos vamos lamentá-la amargamente. Como aconteceu de o povo de Thranduil falhar na confiança nele depositada?

- Não foi por falta de vigilância - disse Legolas. - Mas talvez por demasiada gentileza. E receamos que o prisioneiro tenha recebido ajuda de outros, e que se saiba mais de nossos feitos do que poderíamos desejar. Guardamos essa criatura, dia e noite, a pedido de Gandalf, embora nos cansássemos muito com tal tarefa. Mas Gandalf pediu que ainda tivéssemos esperanças em relação à cura dele, e não tivemos coragem de mantê-lo constantemente em masmorras sob a terra, onde ele poderia de novo alimentar seus pensamentos negros.

- Vocês foram menos gentis comigo - disse Glóin com um brilho nos olhos, conforme se agitavam em sua mente as recordações de sua prisão nas profundezas dos salões do rei élfico.

- Ora vamos! - disse Gandalf - Peço que não interrompa, meu bom Glóin. Aquilo foi um engano lamentável, há muito desfeito. Se todas as mágoas que separam os anões dos elfos forem trazidas à tona aqui, é melhor abandonarmos este Conselho.

Glóin se levantou e fez uma reverência. Legolas continuou. - Nos dias de tempo bom, levávamos Gollum pela floresta, e havia ali uma árvore alta, distante das outras, na qual gostava de subir. Sempre o deixávamos subir até os galhos mais altos, até que sentisse o vento livre; mas fazíamos guarda no pé da árvore. Um dia, recusou-se a descer, e os guardas não quiseram subir atrás dele: Gollum tinha aprendido o truque de se pendurar nos galhos pelos pés tão bem quanto pelas mãos; então sentaram-se ao lado da árvore até noite alta.

- Foi exatamente naquela noite de verão, apesar de não ter lua nem estrelas, que os orcs nos atacaram de surpresa. Expulsamo -los depois de algum tempo; eram ferozes e estavam em grande número, mas vinham das montanhas e não estavam acostumados às florestas. Quando a batalha terminou, descobrimos que Gollum tinha fugido, e seus guardas foram assassinados ou capturados. Então ficou claro que o ataque tinha sido feito para resgatá-lo, e que ele já sabia de antemão o que estava por acontecer. Como isso foi armado, não podemos saber; mas Gollum é esperto, e os espiões do Inimigo são muitos. As criaturas escuras que tinham sido expulsas no ano da queda do Dragão voltaram em grande número, e a Floresta das Trevas é agora um lugar maligno, exceto onde nosso reinado está sendo mantido.

- Não conseguimos recapturar Gollum. Encontramos suas pegada s entre as de muitos orcs, e elas mergulharam fundo para dentro da Floresta, em direção ao Sul. Mas logo ultrapassaram nossa habilidade, e não ousamos continuar a caçada, pois estávamos

chegando muito perto de Dol Guldur, e aquele ainda é um lugar muito mau; não enveredamos por aqueles lados.

- Bem, bem, ele se foi - disse Gandalf - E não temos tempo para procurá-lo outra vez. Que faça o que quiser. Mas pode ser que ainda tenha um papel que nem ele nem Sauron previram.

- E agora responderei às outras perguntas de Galdor. E Saruman? Que diria ele nesta hora? Essa história preciso contar inteira, pois apenas Elrond a conhece, e resumida, mas ela terá conseqüências em tudo o que decidirmos. É o último capítulo da História do Anel, até o presente momento.

- No fim de junho eu estava no Condado, mas uma nuvem de ansiedade cobria minha mente, e eu fui até a fronteira Sul da pequena terra; pois tinha pressentimento de algum perigo, ainda oculto, mas que se aproximava. Ali, mensagens chegaram até mim, contando sobre guerra e derrota em Gondor, e quando ouvi sobre a Sombra Negra, senti um frio no coração. Mas nada encontrei, a não ser alguns fugitivos do Sul; mesmo assim tive a impressão de que sentiam um medo que não mencionavam. Fui então em direção ao Leste e ao Norte, e viajei ao longo do Caminho Verde; não muito longe de Bri, encontrei um viajante sentado num barranco à beira da estrada, e seu cavalo pastando atrás dele. Era Radagast, o Castanho, que numa época morou em Rhosgobel, perto das fronteiras da Floresta das Trevas. Ele faz parte de minha ordem, e eu não o via fazia muitos anos.

- "Gandalf", disse ele. "Estava procurando você. Mas sou um estranho nestas partes. Tudo o que sabia é que você poderia ser encontrado numa região selvagem, com o nome esquisito de Condado."

- "Sua informação estava certa", disse eu. "Mas não fale assim, se encontrar algum habitante de lá. Você está perto da fronteira do Condado agora. E o que quer comigo? Deve ser importante. Você nunca foi um viajante, a não ser por grande necessidade."

- "Tenho uma missão urgente", disse ele. "Minha notícia é má." Então olhou ao redor, como se as cercas-vivas tivessem ouvidos. "Nazgúl", sussurrou ele. "Os Nove estão de novo à solta. Atravessaram o Rio em segredo e estão indo par a o Oeste. Tomaram a forma de cavaleiros vestidos de preto."

- Soube então do que temia sem saber.

- "O Inimigo deve ter alguma necessidade ou propósito importante", disse Radagast; "mas o que o faz olhar em direção a estas partes distantes e desoladas, não posso adivinhar."

- "O que está querendo dizer?", disse eu.

- "Disseram-me que, aonde quer que cheguem, os Cavaleiros pedem notícias de uma terra chamada Condado."

- "O Condado", disse eu, mas meu coração ficou pesado. Pois mesmo os Sábios podem ter medo de enfrentar os Nove, quando estão reunidos e sob o comando de seu líder mortal. Antigamente, ele foi um grande rei e feiticeiro, e agora emana um pavor mortal. "Quem lhe disse isso, e quem o enviou?", perguntei.

- "Saruman, o Branco", respondeu Radagast . "E me recomendou que dissesse a você que pode ajudá-lo se precisar; mas que você deve procurar sua ajuda imediatamente, ou será tarde demais."

- E essa mensagem me trouxe esperança. Pois Saruman, o Branco, é o maior de minha ordem. Radagast, claro, é um mago valoroso, um mestre das formas e das mudanças de cores; tem muito conhecimento das ervas e dos animais, e os pássaros em especial são seus amigos. Mas Saruman vem estudando há muito tempo as artes do Inimigo, e desse modo conseguimos muitas vezes antecipar-nos. Foi pelos métodos de Saruman que expulsamos o Inimigo de Dol Guldur. Podia ser que ele tivesse descoberto

armas para rechaçar os Nove.

- "Irei até Saruman", disse eu.

- "Então deve ir agora", disse Radagast, "pois perdi tempo procurando você, e os dias estão se acabando. Recomendou -me que o encontrasse antes do Solstício de Verão, e esse dia está chegando. Mesmo que você parta daqui, será difícil alcançá-lo antes que os Nove descubram a terra que procuram. Quanto a mim, voltarei imediatamente." E com isso montou no cavalo e teria partido naquele instante.

- "Espere um minuto", disse eu. "Vamos Precisar de sua ajuda, e da ajuda de todos os seres que possam cooperar. Envie mensagens a todos os animais e pássaros que são seus amigos. Diga-lhes para trazerem notícias de tudo o que se relacione a esse assunto de Saruman e Gandalf Envie mensagens a Orthanc."

- Farei isso", disse ele, e partiu como se os Nove estivessem em seu encalço.

- Não pude segui-lo naquele momento e daquele lugar. Já tinha cavalgado muito longe naquele dia, e estava tão cansado quanto meu cavalo, e precisava pensar nas coisas. Passei a noite em Bri, e decidi que não tinha tempo para voltar até o Condado. Nunca cometi um erro tão grande!

- Entretanto, escrevi uma mensagem para Frodo, e confiei-a ao meu amigo, o estalajadeiro, para enviá-la. Parti na manhã do dia seguinte; e finalmente cheguei à moradia de Saruman, Fica no extremo Sul de Isengard, no fim das Montanhas Sombrias, não distante do Desfiladeiro de Rohan. E Boromir dirá a vocês que é um grande vale aberto que fica entre as Montanhas Sombrias e os contrafortes mais setentrionais de Ered Nimrais, as Montanhas Brancas de sua terra. Mas Isengard é um círculo de rochas íngremes que envolvem o vale como uma mura lha, e no meio desse vale há uma torre de pedra chamada Orthanc. Não foi construída por Saruman, mas pelos homens de Númenor há muito tempo; é muito alta e encerra muitos segredos; mesmo assim, não parece ser um trabalho de construtores. Não se pode alcançá-la, a não ser passando pelo círculo de Isengard, e naquele círculo só há um portão.

- Uma noite, bem tarde, cheguei a esse portão, semelhante a um grande arco na muralha de rochas. Estava fortemente guardado. Mas os guardas estavam vigiando, à minha espera, e me disseram que Saruman me aguardava. Passei por baixo do arco, e o portão se fechou silenciosamente atrás de mim; de repente senti medo, embora não conhecesse motivo para isso.

- "Então, você veio, Gandalf ", disse-me ele num tom grave; mas em seus olhos parecia haver uma luz branca, como se um riso frio estivesse em seu coração.

- "Sim, eu vim", disse eu. "Vim pedir sua ajuda, Saruman, o Branco." Esse título pareceu enraivecê-lo.

- "É mesmo, Gandalf, o Cinzento?", zombou ele. "Ajuda? É raro se ouvir que Gandalf, o Cinzento, pediu ajuda a alguém, uma pessoa tão inteligente e sábia, vagando pelas terras e se intrometendo em todas as coisas, quer lhe digam respeito ou não."

- Olhei para ele, surpreso. "Mas se não estou enganado", disse eu, "estão acontecendo coisas que irão requerer a união de todas as nossas forças."

- "Pode ser", disse ele, "mas esse pensamento lhe ocorreu tarde demais. Pergunto-me por quanto tempo escondeu de mim, o chefe do Conselho, um assunto da maior importância. O que o traz aqui agora, vindo de seu ponto de espreita no Condado?"

- "Os Nove avançaram de novo", respondi. "Atravessaram o Rio. Assim me disse Radagast."

- "Radagast, o Castanho!", riu Saruman, não mais escondendo o desprezo que sentia. "Radagast, o Domador de Pássaros! Radagast, o Simplório! Radagast, o Tolo! Mas pelo menos teve a capacidade de desempenhar a função que lhe designei. Você veio, e

esse foi o propósito de minha mensagem. E aqui você permanecerá, Gandalf, o Cinzento, para descansar das viagens. Pois sou Saruman, o Sábio, Saruman, o Fazedor de Anéis, Saruman de Muitas Cores!"

- Olhei então e vi que as roupas que vestia, que tinham parecido brancas, não eram dessa cor, mas de todas as cores, e se ele se mexia, mudavam de tonalidade e brilhavam, de modo que os olhos ficavam confusos.

- "Eu gostava mais do branco", disse eu.

- "Branco!", zombou ele. "Serve para começar. O pano branco pode ser tingido. Pode-se escrever sobre a página em branco; a luz branca pode ser decomposta."

- "E nesse caso deixa de ser branca", disse eu. "E aquele que quebra uma coisa para descobrir o que ela é deixou o caminho da sabedoria."

- "Não precisa falar comigo do modo como se dirige aos tolos que tem por amigos", disse ele. "Não o trouxe até aqui para receber instruções suas, mas para lhe dar uma escolha.- Pôs-se de pé e então começou a declamar, como se estivesse fazendo um discurso longamente ensaiado. "Os Dias Antigos se foram. Os Dias Médios estão passando. Os Dias Mais Jovens estão começando. A época dos elfos se acabou, mas nosso tempo está chegando: o mundo dos homens, que devemos governar. Mas precisamos de poder, poder para ordenar todas as coisas como queremos, para o bem que apenas os Sábios podem enxergar."

- "E ouça bem, Gandalf, meu velho amigo e ajudante!", disse ele, vindo em minha direção e falando agora com uma voz mais suave. "Eu disse nós, pois poderá ser nós, se quiser se unir a mim. Um novo Poder se levanta. Contra ele, as velhas alianças e políticas não nos ajudarão em nada. Não há mais esperança nos elfos ou na agonizante Númenor. Esta então é uma escolha diante de você, diante de nós. Podemos nos unir a esse Poder. Seria uma sábia decisão, Gandalf. Existe esperança por esse caminho. A vitória dele se aproxima, e haverá grandes recompensas para aqueles que o ajudarem. Enquanto o Poder crescer, os que se mostrarem seus amigos também crescerão; e os Sábios, como você e eu, poderão, com paciência, vir finalmente a governar seus rumos, e a controlá-lo. Podemos esperar nossa hora, podemos guardar o que pensamos em nossos corações, talvez deplorando as maldades feitas incidentalmente, mas aprovando o propósito final e mais alto: Conhecimento, Liderança, Ordem; todas as coisas que até agora lutamos em vão para conseguir, mais atrapalhados que ajudados por nossos amigos fracos e inúteis. Não precisaria haver, e não haveria, qualquer mudança em nossos propósitos, só em nossos meios.". "Saruman", disse eu. "Já escutei discursos desse tipo antes, mas apenas das bocas dos emissários enviados de Mordor para enganar os ignorantes. Não Posso crer que tenha me trazido de tão longe só para cansar meus ouvidos."

- Lançou-me um olhar oblíquo, e parou um pouco, pensando. "Bem, vejo que este caminho sábio não funciona no seu caso", disse ele. "Ainda não? Não se uma maneira melhor puder ser criada?"

- Aproximou-se e colocou a mão longa sobre meu braço. "E por que não, Gandalf?", sussurrou ele. "Por que não? O Anel Governante? Se pudéssemos dominá-lo, então o Poder passaria para nós. Foi por isso, na verdade, que o trouxe até aqui. Pois tenho muitos olhos trabalhando para mim, e acredito que você sabe agora onde esse objeto precioso está. Não é verdade? Ou então, por que os Nove querem saber sobre o Condado, e qual é o interesse que você tem lá?" E enquanto dizia isso, um desejo ardente que ele não podia ocultar brilhava em seus olhos. "Saruman", disse eu, afastando-me dele, "só uma mão de cada vez pode governar o Anel, e você sabe disso muito bem; então não se preocupe em dizer nós! Mas eu não o daria a você, nunca! Não daria nem notícias dele, agora que sei o que se passa na sua cabeça. Você foi chefe do Conselho, mas

desmascarou a si mesmo finalmente. Bem, as opções são, ao que parece, submeter-me a Sauron ou a você. Não escolho nenhuma das duas. Não tem outras para oferecer? - Agora ele estava frio e perigoso. “Sim”, disse ele. “Não esperava que demonstrasse sabedoria, mesmo para sua própria vantagem; mas dei-lhe a chance de me ajudar por bem, e de se poupar de muitos problemas e sofrimentos. A terceira opção é ficar aqui, até o fim.”

- “Até o fim?”

- “Até que me revele onde o Um Anel pode ser encontrado. Posso procurar meios de persuadi-lo. Ou até que seja encontrado à sua revelia, e o Governante possa se voltar para questões mais leves: encontrar, vamos dizer, uma recompensa adequada para a falta de colaboração e a insolência de Gandalf, o Cinzento.”

- “Essa pode acabar não sendo uma das questões mais leves”, disse eu. Ele riu de mim, pois minhas palavras eram vazias, e ele sabia disso.

- Levaram-me e me colocaram no pináculo de Orthanc, no lugar onde Saruman costumava olhar as estrelas. Não há por onde descer, a não ser por uma escada estreita de muitos milhares de degraus, e o vale lá embaixo parece muito distante. Olhei para ele e vi que, embora já tivesse sido verde e belo, estava agora cheio de poços e forjas. Lobos e orcs estavam alojados em Isengard, pois Saruman estava reunindo uma grande força por sua própria conta, rivalizando com Sauron, e não ainda aos serviços dele. Sobre todas as suas construções, uma fumaça escura pairava e se adensava em torno das paredes de Orthanc. Fiquei sozinho, numa ilha em meio as nuvens; não tinha chance de escapar, e meus dias foram amargos. O frio me atravessava os ossos, e eu só tinha um pequeno espaço para andar de um lado para o outro, pensando na chegada dos Cavaleiros ao Norte.

- De que os Nove tinham de fato se levantado, eu tinha certeza, mesmo sem as palavras de Saruman, que poderiam ser mentirosas. Muito antes de chegar a Isengard eu tinha escutado notícias que não poderiam ser falsas. O medo pelos meus amigos do Condado era constante em meu coração; mas eu ainda tinha alguma esperança. Tinha esperança de que Frodo tivesse partido imediatamente, como minha carta pedia, e que tivesse chegado a Valfenda antes que a perseguição fatal começasse. E tanto meu medo quanto minha esperança acabaram se mostrando infundados. Pois minha esperança se fundava num homem gordo de Bri, e meu medo na esperteza de Sauron. Mas homens gordos que vendem cerveja têm muitos pedidos para atender, e o poder de Sauron ainda é menor do que o medo nos faz crer. Porém, no círculo de Isengard, preso e solitário, seria difícil pensar que os caçadores, diante dos quais todos fugiram ou caíram, falhariam no distante Condado.

- Eu vi você! - gritou Frodo. - Estava andando de um lado para o outro. A lua brilhava em seu cabelo.

Gandalf parou atônito, e olhou para ele. - Foi apenas um sonho - disse Frodo. - Mas que de repente volta à minha mente. Tinha me esqueci do. Veio há algum tempo; depois que parti do Condado, eu acho.

- Então demorou a chegar - disse Gandalf. - Como você vai ver. Eu estava numa situação péssima. E os que me conhecem concordarão que raramente fiquei numa situação de tanta necessidade, e que não suporto bem um infortúnio desses. Gandalf, o Cinzento, preso como uma mosca na teia traiçoeira de uma aranha! Mas mesmo as aranhas mais caprichosas podem deixar um fio frouxo.

- Primeiro pensei, como Saruman sem dúvida pretendia, que Radagast também fosse um traidor. Mas não tinha percebido nada de errado em sua voz ou em seus olhos quando nos encontramos. Se tivesse, jamais teria ido a Isengard, ou teria sido mais cauteloso. Assim Saruman supunha, e tinha escondido seus pensamentos e enganado o mensageiro. Teria sido inútil, de qualquer forma, tentar convencer o honesto Radagast a

se aliar a um projeto de maldade e traição. Procurou- me de boa-fé, e assim me convenceu.

- Essa foi a ruína do plano de Saruman. Pois Radagast não via motivos para não fazer o que eu pedira, e cavalgou até a Floresta das Trevas, onde tinha muitos amigos antigos. E as Águias das Montanhas se espalharam, e viram muitas coisas: o ajuntamento dos lobos e os orcs se agrupando; os Nove Cavaleiros indo de cá para lá nos muitos lugares; também escutaram notícias sobre a fuga de Gollum. E enviaram um mensageiro para me trazer as novas.

- Foi assim que, quando o verão terminava, veio uma noite enluarada, e Gwaihir, o Senhor do Vento, a mais rápida entre as Grandes Águias, chegou inesperadamente a Orthanc, encontrando-me no pináculo. Então falei com ele, que me carregou embora, antes que Saruman soubesse. Eu já estava longe de Isengard, quando os lobos e os orcs saíram pelo portão à minha procura.

- Até onde pode me levar?", perguntei a Gwaihir.

- "Por muitas milhas", disse ele, "mas não até o fim do mundo. Fui enviado para transportar notícias, não fardos."

- "Então vou precisar de um cavalo quando pousarmos", disse eu. "E um cavalo extraordinariamente rápido, pois nunca precisei tanto da velocidade antes."

- "Se é assim, vou levá-lo a Edoras, onde o Senhor de Rohan fica em seus palácios", disse ele, "pois esse lugar não fica longe daqui." E fiquei contente, pois em Rohan, a Terra dos Cavaleiros, os Rohirrim, Senhores dos Cavalos, moram, e não há cavalos como aqueles que são criados no grande vale entre as Montanhas Sombrias e as Brancas.

- "Acha que ainda se pode confiar nos Homens de Rohan?", perguntei a Gwaihir, pois a traição de Saruman abalara minha fé.

- "Eles pagam um tributo em cavalos", respondeu ele, "e enviam muitos a Mordor anualmente; pelo menos é o que se diz; mas não estão submetidos àquele jugo. Mas se Saruman se tornou mau, como me diz, então a desgraça deles não pode ser postergada por muito tempo."

- Deixou-me na terra de Rohan antes do amanhecer; e agora me alonguei demais na minha história. O resto será mais breve. Em Rohan, já encontrei o mal em ação: as mentiras de Saruman; o rei daquela região não deu ouvidos às minhas advertências. Disse-me que pegasse um cavalo e fosse embora, e escolhi um bem ao meu gosto, mas nada ao gosto dele. Peguei o melhor cavalo que havia, e nunca vi outro igual.

- Então deve ser um animal realmente nobre - disse Aragom. - E me entristece, muito mais que outras notícias que possam parecer piores, saber que Sauron arrecada tal tributo. Não era assim quando estive por lá.

- Nem é agora, posso jurar - disse Boromir. - Essa é uma mentira que vem do Inimigo. Conheço os homens de Rohan, verdadeiros e destemidos, nossos aliados, que ainda moram nas terras que ofertamos a eles há muito tempo.

- A sombra de Mordor alcança terras distantes - respondeu Aragorn.

- Saruman foi subjugado por ela. Rohan está cercada. Quem sabe o que você poderá encontrar lá, se algum dia voltar?

- Pelo menos, isso não - disse Boromir. - Que compram as vidas com cavalos. Aquele povo ama seus animais quase como a seus familiares. E não sem razão, pois os cavalos da Terra dos Cavaleiros vêm dos campos do Norte, distantes da Sombra, e sua raça, como a de seus donos, descende dos dias livres de antigamente.

- Isso é verdade! - disse Gandalf - E há um entre eles que poderia ter nascido na aurora do mundo. Os cavalos dos Nove não podem disputar com ele; incansável, rápido

como o vento. Chamavam-no de Scadufax. Durante o dia, seus pêlos brilham como prata, e de noite ficam como sombra, e ele passa sem ser visto. Cavalga levemente! Nunca antes havia sido montado por qualquer homem, mas peguei -o e o domei, e tão rápido me levou, que cheguei ao Condado quando Frodo estava nas Colinas dos Túmulos, embora eu tenha partido de Rohan apenas quando ele deixava o Condado.

- Mas o medo crescia em mim à medida que avançava com o cavalo. Logo que cheguei ao Norte, ouvi notícias dos Cavaleiros, e, embora me aproximasse deles dia após dia, estavam sempre na minha frente. Soube que tinham dividido suas forças: alguns permaneciam na fronteira Leste, não muito distante do Caminho Verde, e alguns invadiram o Condado partindo do Sul. Cheguei à Vila dos Hobbits e Frodo tinha partido; mas conversei com o velho Gamgi. Muitas palavras, e poucas que me interessavam. Ele tinha muito a dizer sobre os defeitos dos novos proprietários de Bolsão.

- “Não posso suportar mudanças”, dizia ele, “não na minha idade, muito menos mudanças para pior.” “Mudanças para pior”, repetia ele muitas vezes.

- “Pior é uma palavra ruim”, disse-lhe eu. “E espero que não viva para ver o que é pior.” Mas em meio a toda a conversa, descobri finalmente que Frodo tinha deixado a Vila dos Hobbits menos de uma semana antes, e que um cavaleiro negro tinha vindo até a Colina na mesma noite. Então parti apavorado. Cheguei à Terra dos Buques e encontrei o lugar em tumulto, as pessoas agitadas como formigas que tiveram seu formigueiro remexido por uma bengala. Fui à casa em Cricôncavo e a encontrei aberta e vazia. Mas na entrada havia uma capa que pertencera a Frodo. Então, por uns momentos, perdi as esperanças, e não esperei para saber mais coisas, ou teria sido consolado. Cavalguei seguindo a trilha dos Cavaleiros. Era difícil fazê-lo, pois as pegadas iam por muitos caminhos, e fiquei perdido. Mas me pareceu que um ou dois tinham ido na direção de Bri; e por ali fui, pois pensava em palavras que poderiam ser ditas ao estalajadeiro.

- “Chamam-no Carrapicho”, pensava eu. “Se essa demora foi culpa dele, vou espetá-lo com todos os carrapichos do mundo. Vou assar o velho idiota em fogo brando.” Ele não esperava menos, e quando viu meu rosto caiu duro, e começou a derreter ali mesmo.

- Que fez com ele? - perguntou Frodo alarmado. - Foi muito gentil conosco, e fez tudo o que pôde.

Gandalf riu. - Não tenha medo! - disse ele. - Não mordi, e lati muito pouco. Fiquei tão contente com as notícias que me deu quando parou de tremer, que abracei o velho camarada. Como isso aconteceu, não pude adivinhar naquela hora, mas soube que você estivera em Bri na noite anterior, e tinha partido naquela manhã com Passolargo.

- “Passolargo! -, gritei de alegria.

- “Sim, senhor. Receio que sim, senhor”, disse Carrapicho, não me compreendendo. “Ele os abordou, apesar de tudo o que fiz, e foram todos juntos. Comportaram-se de modo muito estranho durante todo o tempo em que estiveram aqui: teimosos, pode-se dizer.”

- “Idiota! Tolo! Três vezes valoroso e querido Cevado!”, disse eu. “Esta é a melhor notícia que ouço desde o solstício de verão: vale pelo menos uma moeda de ouro. Que sua cerveja fique sob um encantamento de extraordinária qualidade por sete anos!”, disse eu. “Agora posso ter uma noite de descanso, a primeira desde já me esqueci quando.”

- Então passei ali a noite, pensando muito no que teria acontecido aos Cavaleiros; pois ali em Bri só havia notícia de dois deles, ao que parecia. Mas durante a noite ouvimos mais. Pelo menos cinco vieram do Oeste; derrubaram os portões e passaram por Bri como um vento avassalador; e o povo de Bri ainda está tremendo, esperando o fim do mundo. Levantei-me antes de amanhecer e fui atrás deles.

- Não tenho certeza, mas me parece óbvio que foi isto que aconteceu: o Capitão deles permaneceu em segredo, ao Sul de Bri, enquanto dois avançaram através da aldeia, e outros quatro invadiram o Condado. Mas quando estes não tiveram êxito em Bri e em Cricôncavo, voltaram para encontrar o Capitão e lhe dar notícias, deixando assim a Estrada livre por um período, a não ser pela presença dos espiões. O Capitão enviou alguns em direção ao Leste, atravessando diretamente o campo, e ele próprio, juntamente com o resto, cavalgou ao longo da Estrada cheio de ira.

- Galopei até o Topo do Vento como um raio, e cheguei antes do pôr-do-sol do meu segundo dia de viagem depois de Bri - e eles estavam ali, na Minha frente. Afastaram-se de mim, pois sentiram meu ódio crescer, e não ousaram enfrentá -lo à luz do dia. Mas se aproximaram de noite, e fui acuado no topo da colina, no velho círculo de Amon Sûl. Mas foi difícil me enfrentar: tamanhas luzes e chamas não foram vistas no Topo do Vento desde Os faróis de guerra de antigamente.

- Com o nascer do dia, escapei e fugi para o Norte. Não podia ter esperanças de fazer mais nada. Era impossível encontrar você, Frodo, naquele lugar desolado, e teria sido tolice tentar com todos os Nove em meus calcanhares. Então tive de confiar em Aragorn. Esperava despistar alguns deles, e ainda chegar a Valfenda na frente de vocês e enviar ajuda. Quatro Cavaleiros realmente me seguiram, mas deram as costas depois de um tempo, dirigindo-se para o Vau, ao que parece. Isso ajudou um pouco, pois havia apenas cinco, e não nove, quando o acampamento foi atacado.

- Finalmente, cheguei aqui por uma estrada longa e difícil, subindo o Fontegris e atravessando a Charneca Etten, e depois descendo do Norte. Levou quase catorze dias do Topo do Vento até aqui, pois não pude ir a cava lo entre as rochas e os outeiros dos trolls, e Scadufax se foi. Enviei -o de volta ao dono, mas uma grande amizade nasceu entre nós, e se precisar ele virá ao meu chamado. Mas foi assim que cheguei a Valfenda só três dias antes do Anel, quando notícias dos perigos que corria já tinham chegado aqui - por sinal verdadeiras.

- E este, Frodo, é o fim de meu relato. Que Elrond e os outros desculpem o tempo que tomei. Mas nada assim tinha acontecido antes, de Gandalf faltar a um compromisso e não chegar no momento prometido. Acho que o Portador do Anel merecia um relato de um acontecimento tão estranho.

- Bem, agora a História foi contada, do início ao fim. Aqui estamos todos, e aqui está o Anel, mas ainda não chegamos nem perto de nosso propósito. Que faremos com ele?

Fez-se silêncio. Finalmente, Elrond tomou de novo a palavra.

- Essa notícia sobre Saruman é muito triste - disse ele. - Confiávamos nele, e sempre demos atenção especial aos seus conselhos. É perigoso aprofundar-se demais nas artes do Inimigo, para o bem ou para o mal. Mas quedas e traições desse tipo, infelizmente, já ocorreram antes. Das histórias que foram contadas aqui hoje, a de Frodo foi a mais estranha para mim. Conheci alguns hobbits além de Bilbo aqui, e me parece que talvez ele não seja tão solitário e singular como eu tinha pensado. O mundo mudou muito desde que estive pela última vez nas estradas que conduzem ao Oeste.

- Conhecemos as Criaturas Tumulares por muitos nomes; e a respeito da Floresta Velha muitas histórias foram contadas: tudo o que resta agora é apenas um remanescente da sua borda setentrional. Houve um tempo em que um esquilo podia ir, de árvore em árvore, da região que agora é o Condado até a Terra Parda, a Oeste de Isengard. Viajei por aquelas terras uma vez, e conheci muitas coisas estranhas e selvagens. Mas tinha me esquecido de Bombadil, se é que esse é o mesmo que caminhava nas florestas e colinas há muito tempo, e mesmo naquela época ele era mais velho que os velhos. Nesse tempo,

tinha outro nome. Chamavam-no de Iarwain Ben-adar, o mais antigo e sem pai. Mas outros nomes lhe foram dados por vários povos: Forn pelos anões, Orald pelos homens do Norte, e outros nomes além desses. É uma criatura estranha, mas talvez devesse tê-lo chamado para o Conselho.

- Não teria vindo - disse Gandalf.

- Não poderíamos, mesmo assim, enviar mensagens a ele e pedir sua ajuda?

- perguntou Erestor. - Parece que tem poder até sobre o Anel.

- Não, eu não colocaria as coisas dessa forma - disse Gandalf - É melhor dizer que o Anel não tem poder sobre ele. Ele é seu próprio senhor. Mas não pode alterar o próprio Anel, nem desfazer o poder deste sobre os outros. E agora se retirou para uma região pequena, dentro de limites que ele mesmo fixou, embora ninguém consiga enxergá-los, talvez esperando uma mudança dos dias, e não sai dali.

- Mas, dentro desses limites, nada parece afetá-lo - disse Erestor. Ele não poderia pegar o Anel e guardá-lo ali, mantendo-o para sempre inofensivo?

- Não - disse Gandalf. - Não estaria disposto a isso. Poderia fazê -lo, se todos os povos livres do mundo lhe pedissem, mas não entenderia a necessidade. E se recebesse o Anel, logo o esqueceria, ou mais provavelmente iria jogá-lo fora. Essas coisas não têm lugar em sua mente. Seria um guardião arriscado, e isso já é resposta suficiente.

- Mas, de qualquer forma - disse Glorfindel -, enviar-lhe o Anel seria apenas postergar o dia do mal. Ele está distante. Não poderíamos levar-lhe o Anel sem que isso fosse objeto de suspeita ou observação de algum espião. E, mesmo que pudéssemos, mais cedo ou mais tarde o Senhor dos Anéis saberia do esconderijo, e avançaria com todo o seu poder naquela direção. Poderia esse poder ser desafiado por Bombadil sozinho? Acho que não. Acho que, n o fim, se todo o resto for conquistado, Bombadil sucumbirá, vindo a ser o último, da mesma forma como foi o Primeiro; e então a Noite virá.

- Sei pouco sobre Iarwain além do nome - disse Galdor. - Mas acho que Glorfindel está certo. O poder para desafiar o Inimigo não está nele, a não ser que esteja na própria terra. E, mesmo assim, podemos ver que Sauron tem o poder de torturar e destruir as próprias colinas. O poder que ainda resta está conosco, aqui em Imladris, ou com Círdan nos Portos, ou em Lórien. Ma s será que eles têm a força; será que nós aqui temos a força para resistir ao Inimigo, à última investida de Sauron, quando todo o resto estiver destruido?

- Eu não tenho a força - disse Elrond. - Nem eles.

- Então, se não se pode evitar que ele se apodere do Anel, nem pela força - disse Glorfindel -, restam apenas duas coisas a fazer: enviá -lo por sobre o Mar, ou destruí-lo.

- Mas Gandalf nos revelou que não se pode destruí -lo com nenhum poder que possuamos - disse Elrond. - E aqueles que moram além do Mar não o receberiam: para o bem ou para o mal, o Anel pertence à Terra-média; nós, que ainda moramos aqui, é que devemos lidar com ele.

- Então - disse Glorfindel -, vamos jogá-lo nas profundezas, e assim, transformar as mentiras de Saruman em verdades. Pois agora está claro que, mesmo quando ele ainda fazia parte do Conselho, seus pés trilhavam um caminho tortuoso. Sabia que o Anel não estava perdido para sempre, mas queria que pensássemos assim, pois começou a desejá-lo para si. Mas muitas vezes a verdade se esconde nas mentiras: no Mar, o Anel estaria a salvo.

- Não para sempre - disse Gandalf. - Existem muitos seres nas águas profundas, e os mares e as terras podem se alterar. Não é nossa função aqui fazer planos que só durem uma estação, ou algumas vidas dos homens, ou uma era passageira do mundo. Devemos buscar um fim definitivo para essa ameaça, mesmo que não tenhamos esperança de

alcançar tal objetivo.

- E essa esperança não poderemos encontrar nas estradas que vão para o Mar - disse Galdor. - Se o retorno a Iarwain foi considerado perigoso demais, então a fuga para o Mar está agora repleta dos perigos mais graves. Meu coração me diz que Sauron vai esperar que tomemos o caminho do Oeste, quando souber o que aconteceu. Logo saberá. Os Nove realmente estão sem cavalos, mas isso é apenas momentâneo, até que encontrem novos cavalos, ainda mais velozes. Apenas o poder enfraquecido de Gondor está entre ele e uma força em marcha ao longo da costa, dirigindo -se para o Norte; se ele vier e atacar as Torres Brancas e os Portos, depois disso os elfos não terão escapatória das sombras que se estendem sobre a Terra -média.

- Mas essa marcha vai ser atrasada por um bom tempo - disse Boromir. - Você disse que Gondor está perdendo as forças. Mas Gondor ainda está d e pé, e mesmo o fim de sua força ainda é muito forte.

- Então - disse Erestor -, só há dois caminhos, como já declarou Glorfindel: esconder o Anel para sempre, ou desfazê -lo. Mas ambas as coisas estão além de nosso poder. Quem nos poderia desvendar esse enigma?

- Ninguém aqui pode - disse Elrond, com uma voz grave. - Pelo menos, ninguém pode predizer o que virá a acontecer, se tomarmos esta ou aquela estrada. A estrada em direção ao Oeste parece mais fácil. Portanto, deve ser descartada. Será vigiada. Os elfos fugiram por ali muitas vezes. Agora, no mínimo, devemos tomar uma estrada difícil, uma estrada imprevista. Ali está nossa esperança, se é que chega a ser uma esperança. Caminhar em direção ao perigo-para Mordor. Precisamos enviar o Anel para o Fogo.

Novamente se fez silêncio. Frodo, mesmo naquela bela casa, que dava para um vale iluminado pelo sol, cheio do ruído de águas límpidas, sentia uma escuridão mortal tomar-lhe o coração. Boromir se mexeu na cadeira, e Frodo olhou para ele. Estava mexendo em sua grande corneta com os dedos, de cenho franzido. Finalmente falou.

- Não entendo tudo isso - disse ele. - Saruman é um traidor, mas será que não teve um lance de sabedoria? Por que vocês só falam em esconder ou destruir? Por que não considerar que o Grande Anel chegou às nossas mãos para nos servir exatamente nesta hora de necessidade? Controlando -o, os Senhores Livres dos Livres podem certamente derrotar o Inimigo. Considero que isso é o que ele mais teme.

- Os homens de Gondor são valorosos, e nunca vão se submeter; mas podem ser derrotados. O valor precisa, em primeiro lugar, de força, e depois de uma arma. Deixem que o Anel seja nossa arma, se tem tanto poder como dizem. Vamos tomá-lo e avançar para a vitória!

- Infelizmente não - disse Elrond. - Não podemos usar o Anel Governante. Disso sabemos muito bem. Ele pertence a Sauron e foi feito exclusivamente por ele, e é totalmente maligno. A força que tem, Boromir, é grande demais para qualquer um controlar por sua própria vontade, com exceção apenas daqueles que já têm um grande poder próprio. Mas, para estes, o Anel representa um perigo ainda mais fatal. Apenas desejá-lo já corrompe o coração. Considere Saruman. Se algum dos Sábios derrotasse com esse Anel o Senhor de Mordor, usando as próprias artes, então se colocaria no trono de Sauron, e um outro Senhor do Escuro surgiria. E esta é outra razão pela qual o Anel deve ser destruido: enquanto permanecer no mundo, representará um perigo mesmo para os Sábios. Pois nada é mau no início. Até mesmo Sauron não era. Tenho medo de tomar o Anel para escondê-lo. E não vou tomá-lo para fazer uso dele.

- Nem eu - disse Gandalf.

Boromir olhou para eles com dúvidas, mas abaixou a cabeça. - Que assim seja! - disse ele. - Então, em Gondor, teremos de confiar nas armas que temos. E no mínimo,

enquanto os sábios guardam o Anel, continuaremos lutando. Talvez a Espada-que-foi-Quebrada possa lutar contra a maré - se a mão que a empunha não tiver obtido apenas uma herança, mas a fibra dos Reis dos Homens.

- Quem poderá dizer? - disse Aragorn. - Mas vamos testá-la um dia.

- Que o dia não demore muito - disse Boromir. - Pois, embora eu não esteja pedindo ajuda, precisamos dela. Seria um consolo saber que outros também lutaram com todos os meios que possuem.

- Então sinta-se consolado - disse Elrond. - Pois existem outros poderes e reinos que não conhece, ocultos de seu conhecimento. O Grande Rio Anduim passa por muitos lugares, antes de chegar até Argonath e os Portões de Gondor.

- Mesmo assim, seria melhor para todos - disse Glóin, o anão - se todas essas forças fossem reunidas, e os poderes de cada um fossem usados em aliança. Talvez haja outros anéis, menos traiçoeiros, que possam ser usados em nossa necessidade. Os Sete foram perdidos por nós - se Balin não encontrou o Anel de Thrór, que era o último; nada se sabe dele desde que Thrór sucumbiu em Moria. Na verdade, posso agora revelar que tinha uma certa esperança de encontrar aquele anel que Balin foi procurar.

- Balin não vai achar anel nenhum em Moria - disse Gandalf - Thrór o deu a Thráin, seu filho, mas Thráin não o deu a Thorin. Entregou -o mediante tortura nos calabouços de Dol Guldur. Cheguei tarde demais.

- Que infelicidade! - disse Glóin. - Quando chegará o dia de nossa vingança? Mas ainda há os Três. Onde estão os Três Anéis dos elfos? Anéis muito poderosos, pelo que se diz. Os Senhores Élficos não os guardam? Mas esses também foram feitos pelo Senhor do Escuro há muitos anos. Seriam inúteis? Vejo Senhores Élficos aqui. Eles não vão se pronunciar?

Os elfos não responderam. - Você não ouviu o que eu disse, Glóin? Disse Elrond. - Os Três não foram feitos por Sauron, que nunca sequer os tocou. Mas sobre eles não se permite falar. Não são inúteis. Mas não foram feitos para serem usados como armas de guerra ou conquista: não é esse o poder que têm. Aqueles que os fizeram não desejavam força, ou dominação, ou acúmulo de riquezas; mas entendimento, ações e curas, para preservar todas as coisas imaculadas. Essas coisas os elfos da Terra-média ganharam em certa medida, mas com sofrimento, Mas tudo o que foi realizado por aqueles que usam os Três será desfeito, e suas mentes e corações serão revelados a Sauron, se este recuperar o Um Anel. Seria melhor que os Três nunca tivessem existido. Este foi o propósito dele.

- Mas então o que aconteceria, se o Anel Governante fosse destruído, como desejamos? - perguntou Glóin.

- Não sabemos ao certo - respondeu Elrond com tristeza. - Alguns têm esperança de que os Três, jamais tocados por Sauron, seriam então libertados, e seus governantes poderiam então curar as feridas do mundo, criadas por ele. Mas pode ser que quando o Um Anel for destruído, os Três percam sua força, e muitas coisas belas desapareçam e sejam esquecidas. É nisso que acredito.

- Mesmo assim, todos os elfos estão dispostos a arriscar essa possibilidade - disse Glorfindel -, se através dela o poder de Sauron puder ser desfeito, e o terror de seu domínio puder ser banido para sempre.

- Então voltamos novamente à destruição do Anel - disse Erestor. - E mesmo assim, ainda estamos onde começamos. Que força possuímos para encontrar o Fogo no qual foi feito? Esse é o caminho do desespero. Da tolice, eu diria, se a longa sabedoria de Elrond não me proibisse.

- Desespero, ou tolice? - disse Gandalf - Desespero não, pois o desespero e para aqueles que enxergam o fim como fato consumado. Não, não. É sábio reconhecer a

necessidade, quando todas as outras soluções já foram ponderadas, embora possa parecer tolice para aqueles que têm falsas esperanças. Bem, que a tolice seja nosso disfarce, um véu diante dos olhos do Inimigo! Pois ele é muito sábio, e pondera todas as coisas com exatidão. Nas balanças de sua malícia. Mas a única medida que conhece é o desejo, desejo de poder; e assim julga que são todos os corações. Seu coração não cogita a possibilidade de qualquer um recusá -lo; de que, tendo o Anel em mãos, vamos procurar destruí-lo. Se tentarmos fazer isso, vamos despistá-lo.

- Pelo menos por um tempo - disse Elrond. - A estrada deve ser percorrida, mas será muito difícil. E nem a força nem a sabedoria nos levarão muito longe, caminhando por ela. Essa busca deve ser empreendida pelos fracos com a mesma esperança dos fortes. Mas é sempre assim o curso dos fatos que movem as rodas do mundo: as mãos pequenas os realizam porque precisam, enquanto os olhos dos grandes estão voltados para outros lugares.

- Muito bem, muito bem, Mestre Elrond! - disse Bilbo de repente. Não precisa dizer mais nada! Está claro que e para mim que está apontando. Bilbo, o tolo hobbit, começou este caso, e é melhor Bilbo dar cabo dele, ou de si mesmo. Eu estava muito bem aqui, continuando meu livro. Se quiser saber, eu estava escrevendo um fim para ele. Pensei em colocar: e ele viveu feliz para sempre até o fim de seus dias. É um ótimo fim, e não faz mal que já tenha sido usado antes. Agora terei de alterá-lo: não é provável que se torne verdade; e, de qualquer forma, é evidente que terei de acrescentar muitos outros capítulos, se viver para escrevê -los. É um trabalho terrível. Quando devo partir?

Boromir olhou com surpresa para Bilbo, mas o riso morreu-lhe nos lábios quando viu que todos os outros olhavam o velho hobbit com grande respeito. Apenas Glóin sorriu, mas o sorriso veio de antigas lembranças.

- É claro, querido Bilbo - disse Gandalf - Se você realmente tivesse começado este caso, seria de esperar que o terminasse. Mas você sabe muito bem que esse início é reivindicação demais para uma só pessoa, e que um herói só tem um papel pequeno nos grandes feitos. Não precisa fazer reverência! Embora a intenção do elogio seja verdadeira, e não duvidemos que, Por trás dessa galhofa, você esteja fazendo uma oferta valiosa. Mas uma Oferta além de suas forças, Bilbo. Você não pode pegar esse objeto de volta. Ele passou a outras mãos. Se continua querendo meus conselhos, diria que sua parte terminou, a não ser como escritor dos registros. Termine seu livro, e não mude o fim! Existem esperanças de que ele aconteça. Mas prepare -se para escrever uma seqüência, quando eles voltarem.

Bilbo riu. - Nunca vi você me dar um conselho agradável antes disse ele.

- Como todos os seus conselhos desagradáveis foram bons para mim, penso se este último não será mau. Mesmo assim, não acho que ainda tenha forças ou sorte para lidar com o Anel. Ele cresceu, e eu não. Mas, diga -me: o que quer dizer com eles?

- Os mensageiros que serão enviados com o Anel.

- Exatamente! E quem são eles? Parece-me que é isto que este Conselho precisa decidir; aliás, é tudo o que precisa decidir. Os elfos podem se alimentar apenas de palavras, e os anões suportam grandes cansaços; mas eu sou apenas um velho hobbit, e preciso comer ao meio-dia. Não pode propor alguns nomes agora? Ou adiar a decisão até depois do almoço?

Ninguém respondeu. O sino do meio-dia tocou. Mesmo assim, ninguém falava nada. Frodo olhou para todos os rostos, mas eles não estavam voltados para ele. Todo o Conselho se sentava com os olhos para baixo, pensando profundamente. Um grande pavor o dominou, como se estivesse aguardando o pronunciamento de alguma sentença que ele tinha previsto havia muito tempo, e esperado em vão que afinal de contas nunca

fosse pronunciada. Um desejo incontrolável de descansar e permanecer em paz ao lado de Bilbo em Valfenda encheu-lhe o coração. Finalmente, com um esforço, falou, e ficou surpreso ao ouvir as próprias palavras, como se alguma outra vontade estivesse usando sua pequena voz.

- Levarei o Anel - disse ele. - Embora não conheça o caminho.

Elrond levantou os olhos e olhou para ele, e Frodo sentiu o coração devassado pela agudeza daquele olhar. - Se entendo bem tudo o que foi dito - disse ele -, penso que essa tarefa é destinada a você, Frodo; e que, se você não achar o caminho, ninguém saberá. É chegada a hora do povo do Condado, quando deve se levantar de seus campos pacíficos para abalar as torres e as deliberações dos Grandes. Quem, entre todos os Sábios, poderia prever isto? Ou, se são mesmo sábios, por que deveriam esperar sabê-lo, até que a hora chegasse?

- Mas o fardo é pesado. Tão pesado que ninguém poderia impô-lo a outra pessoa. Não o imponho a você. Mas se o toma livremente, direi que sua escolha foi acertada; e se todos os poderosos amigos-dos-elfos de antigamente, Hador, e Húrin, e Túrin, e o próprio Beren, estivessem reunidos juntos, haveria um lugar para você entre eles.

- Mas certamente o senhor não o enviará sozinho, Mestre? - gritou Sam, incapaz de se conter por mais tempo, e pulando do canto onde tinha estado sentado, quieto, sobre o chão.

- Realmente não! - disse Elrond, voltando-se para ele com um sorriso. - pelo menos você deve ir com ele. É quase impossível separá -lo de Frodo, até mesmo quando ele é convocado para um conselho secreto, e você não.

Sam se sentou, corando e gaguejando. - Que boa enrascada esta em que nos metemos, Sr. Frodo - disse ele, balançando a cabeça.

CAPÍTULO III
O ANEL VAI PARA O SUL

Mais tarde naquele dia, os hobbits fizeram uma reunião no quarto de Bilbo. Merry e Pippin ficaram indignados ao saber que Sam tinha se esgueirado para dentro da sala do Conselho sem ser visto, e fora escolhido como acompanhante de Frodo.

- É a coisa mais injusta que já ouvi - disse Pippin. - Em vez de expulsá- lo e acorrentá-lo, Elrond vai e o recompensa por esse descaramento!

- Recompensa! - disse Frodo. - Não posso imaginar uma punição pior. Você não sabe o que está dizendo: condenado a ir nessa viagem inútil, uma recompensa? Ontem sonhei que minha tarefa tinha sido cumprida, e que eu podia descansar aqui por um bom tempo, talvez para sempre.

- Não me admira - disse Merry. - Gostaria que você pudesse. Mas estamos com inveja de Sam, não de você. Se precisa ir, então será uma punição para qualquer um de nós ser deixado para trás, mesmo aqui em Valfenda. Viemos com você por uma longa estrada, e passamos maus pedaços. Queremos prosseguir.

- É isso que eu quis dizer - disse Pippin. -Nós hobbits devemos permanecer juntos. E vamos permanecer. Irei, a não ser que me acorrentem. Deve haver alguém inteligente no grupo.

- Então certamente você não será escolhido, Peregrin Túk! - disse Gandalf, que olhava através da janela próxima ao solo. - Mas todos vocês estão se preocupando sem necessidade. Nada está decidido ainda.

- Nada decidido! - gritou Pippin. - Então o que todos vocês estiveram fazendo? Ficaram trancados por horas.

- Conversando - disse Bilbo. - Houve muita conversa, e cada um descobriu um fato revelador. Até o velho Gandalf Acho que a notícia de Legolas sobre Gollum o pegou despreparado, embora ele tenha disfarçado bem.

- Você se enganou - disse Gandalf. - Não estava prestando atenção. Eu já sabia do fato, por meio de Gwaihir. Se quiser saber, o único fato revelador, como você diz, deveu-se a você e Frodo; e eu fui o único que não se surpreendeu.

- Bem, de qualquer jeito - disse Bilbo -, nada foi decidido a não ser a escolha dos pobres Frodo e Sam. Eu tinha receio todo o tempo de que isso Pudesse acabar acontecendo, se eu ficasse livre. Mas, se quiserem saber, Elrond vai enviar um bom número de pessoas, quando os relatórios chegarem. Eles já partiram, Gandalf.

- Sim - disse o mago. - Alguns patrulheiros já foram enviados. Outros partirão amanhã. Elrond está enviando elfos, que vão entrar em contato com os guardiões, e talvez com o povo de Thranduil na Floresta das Trevas. E Aragorn partiu com os filhos de Elrond. Devemos fazer uma varredura por todas as terras da região, num raio de várias e várias milhas, antes de qualquer outra coisa. Então alegre-se, Frodo! Provavelmente, sua estada aqui será longa.

- Ah! - disse Sam, melancólico. - Vamos só esperar que o inverno chegue.

- Isso não se pode evitar - disse Bilbo. - Em parte a culpa foi sua, Frodo, meu rapaz: insistir em esperar pelo meu aniversário. Um jeito curioso de homenagear a data, não posso deixar de pensar. Não o jeito que eu teria escolhido para permitir que os S-B's tomassem conta de Bolsão. Mas é isso: agora você não pode esperar até a primavera, e não pode partir até que as notícias cheguem.

Assim que o inverno chega e arrocha
E à noite o gelo quebra a rocha,
É negro o lago e nua a floresta,
No Ermo então vagar não presta.

- Mas receio que esse seja exatamente o seu destino.

- Acho que será - disse Gandalf. - Não podemos partir até sabermos o que aconteceu com os Cavaleiros.

- Pensei que tivessem todos sido destruídos na enchente - disse Merry.

- Não se pode destruir os Espectros do Anel tão facilmente - disse Gandalf - Eles carregam o poder daquele a quem servem , e sua queda ou resistência depende dele. Esperamos que tenham todos ficado sem cavalos e sem máscaras, e dessa forma tenham se tornado menos perigosos por um tempo; mas precisamos ter certeza. Enquanto isso, você deve tentar esquecer os problemas, Frodo. Não sei se posso fazer alguma coisa para ajudá-lo, mas vou dizer isto aos seus ouvidos: alguém disse que o grupo precisará de inteligência. Essa pessoa estava certa. Acho que vou com você.

A alegria de Frodo ao ouvir isso foi tão grande que Gandalf deixou o batente da janela, onde estava sentado, tirou o chapéu e fez uma reverência. - Eu só disse que acho que irei. Não conte com nada ainda. Sobre isso, Elrond terá muito a dizer, e também seu amigo, o Passolargo. O que me faz lembrar que quero ver Elrond. Preciso sair.

- Quanto tempo você acha que ficarei aqui? - perguntou Frodo a Bilbo depois que

Gandalf saiu.

- Ah, eu não sei! Não consigo contar os dias em Valfenda - disse Bilbo.

- Mas acho que um bom tempo. Podemos conversar bastante. Que tal me ajudar com meu livro, e começar o próximo? Já pensou num final? Sim, pensei em vários, e todos são sombrios e desagradáveis - disse Frodo.

- Ah, esses não vão servir - disse Bilbo. - Livros precisam ter finais felizes. Que tal este: e todos eles se acomodara m e viveram juntos, felizes para sempre?

- É um bom final, se algum dia chegar a acontecer - disse Frodo.

- Ah - disse Sam. - E onde eles vão viver? É nisso que sempre penso.

Por um tempo, os hobbits continuaram a conversar e a pensar na viagem passada e nos perigos que estavam à frente, mas a virtude da terra de Valfenda era tal, que logo todos os medos e ansiedades foram expulsos de suas mentes. O futuro, bom ou mau, não foi esquecido, mas deixou de ter qualquer poder sobre o presente. A saúde e a esperança cresceram nos hobbits, que ficavam felizes com a chegada de cada novo dia, apreciando cada refeição, cada palavra e cada canção.

Assim os dias passaram, com cada manhã surgindo bela e reluzente, e cada noite seguindo-a fresca e clara. Mas o outono estava se esvaindo rápido.

Lentamente, a luz dourada se apagou num prata pálido, e as últimas folhas caíram das árvores nuas. Um vento frio começou a soprar das Montanhas Sombrias em direção ao Leste. A Lua do Caçador se exibia redonda no céu noturno, fazendo inveja a todas as estrelas menores. Mas abaixo, no Sul, uma estrela brilhava vermelha. A cada noite, conforme a lua minguava de novo, ela brilhava mais e mais. Frodo podia vê-la de sua janela, profunda no céu, queimando como um olho atento que resplendia sobre as árvores na beira do vale.

Os hobbits já estavam havia quase dois meses na casa de Elrond; novembro tinha passado, levando os últimos resquícios do outono, e dezembro estava passando, quando os patrulheiros começaram a retornar. Alguns tinham ido para o Norte, além das cabeceiras do Fontegris, entrando na Charneca Etten; outros tinham ido para o Oeste, e com o auxílio de Aragorn e dos guardiões vasculharam as terras descendo o rio Cinzento e chegando a Tharbad, no ponto onde a antiga Estrada Norte atravessava o rio contornando as ruínas de uma cidade. Muitos tinham ido para o Leste e para o Sul; alguns desses tinham transposto as Montanhas e entrado na Floresta das Trevas, enquanto outros tinham subido pela passagem na nascente do Rio de Lis, descendo pelas Terras Ermas e chegando até os Campos de Lis, finalmente atingindo o antigo lar de Radagast em Rhosgobel. Radagast não estava lá, e eles voltaram pela passagem elevada que era chamada de Escada do Riacho Escuro. Os filhos de Elrond, Elladan e Elrohir, foram os últimos a retornar; tinham feito uma longa viagem, passando pelo Veio de Prata e entrando numa região estranha, mas só falaram sobre sua missão com Elrond.

Em parte alguma os mensageiros descobriram sinais ou notícias dos Cavaleiros ou de outros servidores do Inimigo. Nem as Águias das Montanhas Sombrias tinham notícias novas. Nada se ouviu ou viu sobre Gollum, mas os lobos selvagens ainda estavam se reunindo, outra vez empreendendo caçadas , chegando até a região do Grande Rio.

Três dos cavalos negros foram encontrados imediatamente, afogados na enchente do Vau. Nas pedras da correnteza mais abaixo, foram descobertos os cadáveres de mais cinco, e também um longo manto negro, furado e rasgado . Não se viu qualquer outro sinal dos Cavaleiros Negros, e em lugar algum sua presença foi sentida. Pareciam ter desaparecido do Norte.

- Dentre os Nove, podemos saber o que aconteceu com oito, pelo menos - disse Gandalf. - É arriscado ficarmos confiantes demais, mas acho que agora podemos ter

esperanças de que os Espectros do Anel tenham sido dispersados, e obrigados a voltar, como puderam, ao seu Mestre em Mordor, vazios e sem forma.

- Se isso,for verdade, levará algum tempo até que consigam recomeçar a caçada. É claro que o Inimigo tem outros servidores, mas estes terão de viajar todo o percurso até as fronteiras de Valfenda antes de poder pegar nossa trilha. E se formos precavidos, será difícil encontrá-la. Mas não podemos demorar mais.

Elrond chamou os hobbits. Olhou gravemente para Frodo. - Chegou a hora - disse ele. - Se o Anel deve partir, é preciso que vá agora. Mas os que o acompanham não devem confiar em que sua missão seja facilitada por alguma guerra ou força. Devem entrar no domínio do Inimigo sem ajuda. Você ainda mantém sua palavra, Frodo, de que será o Portador do Anel?

- Sim - disse Frodo. - Irei com Sam.

- Então não posso ajudá-lo em muita coisa, nem mesmo com conselhos - disse Elrond. - Consigo prever muito pouco do seu caminho, e como sua tarefa deve ser desempenhada eu não sei. A Sombra agora já chegou aos pés das Montanhas, e avança até a região próxima ao rio Cinzento; sob a Sombra tudo fica escuro aos meus olhos. Você vai deparar com muitos inimigos, alguns declarados, alguns disfarçados; e poderá encontrar amigos em seu caminho, quando menos esperar. Enviarei mensagens, quantas puder, para todos os que conheço pelo mundo afora; mas as terras hoje em dia se tornaram tão perigosas que algumas podem muito bem se extraviar, ou chegar depois de você.

- E escolherei pessoas para acompanhá-lo, até onde estejam dispostos ou até onde a sorte de cada um permita. O número deve ser pequeno, Já que sua esperança repousa na velocidade e no segredo. Mesmo que eu tivesse uma horda de elfos providos com armaduras, como nos Dias Antigos, isso de Pouco valeria, a não ser para acordar o poder de Mordor.

- A Comitiva do Anel deverá ser composta de Nove; e os Nove Andantes devem ser colocados contra os Nove Cavaleiros, que são maus. Com você e seu fiel servidor, Gandalf deve partir, pois esta será sua maior tarefa, e talvez o fim de seus trabalhos.

- Quanto aos restantes, devem representar os Povos Livres do Mundo: elfos, anões e homens. Legolas irá representando os elfos, e Gimli, filho de Glóin, representará os anões. Estão dispostos a ir no mínimo até as passagens das Montanhas, e talvez mais além. Representando os homens, você terá Aragorn, filho de Arathorn, pois o Anel de Isildur é de grande interesse para ele.

- Passolargo! - disse Frodo.

- Sim - disse ele com um sorriso. - Peço novamente permissão para ser seu companheiro, Frodo.

- Eu teria implorado que viesse comigo - disse Frodo -, mas pensei que você iria para Minas Tirith com Boromir .

- E irei - disse Aragorn. - E a Espada-que-foi-Quebrada deverá ser reforjada antes que eu parta para a guerra. Mas sua estrada e a nossa serão a mesma por multas centenas de milhas. Portanto, Boromir também estará na Comitiva. É um homem valoroso.

- Restam mais dois - disse Elrond. - Nesses ainda vou pensar. Em minha própria casa poderei encontrar alguém que me agrade.

- Mas assim não restará lugar para nós! - gritou Pippin desanimado.

- Não queremos ficar para trás. Queremos ir com Frodo.

- Isso porque vocês não entendem e não imaginam o que os espera pela frente - disse Elrond.

- Nem Frodo - disse Gandalf, inesperadamente apoiando Pippin. Nem qualquer um

de nós pode enxergar claramente. É verdade que se esses hobbits entendessem o perigo não ousariam ir. Mas ainda assim desejariam ir, ou desejariam ousar, ficando envergonhados e infelizes. Eu acho, Elrond. Que nessa questão seria bom confiar mais na grande amizade deles do que na grande sabedoria. Mesmo que escolha para nós um senhor élfico, como Glorfindel , ele não poderia abalar a Torre Escura, nem abrir a estrada que conduz ao Fogo, por meio dos poderes que tem.

- Você fala sério - disse Elrond -, mas estou em dúvida. O Condado, Pelo que pressinto, não está livre de perigo; e pensei em mandar estes dois de volta como mensageiros, para fazer o que pudessem, de acordo com as maneiras de sua terra, para advertir as pessoas sobre o perigo que correm. De qualquer modo, julgo que o mais jovem dos dois, Peregrin Túk, deve permanecer. Meu coração é contra sua partida.

- Então, Mestre Elrond, o senhor terá de me acorrentar numa prisão, ou me mandar para casa amarrado num saco - disse Pippin. - Pois, de outro modo, seguirei a Comitiva.

- Então, que seja assim. Você irá - disse Elrond, e suspirou. - Agora a conta dos Nove está completa. Em sete dias, a Comitiva deve partir.

A Espada de Elendil foi reforjada por ferreiros élficos, e na lâmina foi inscrito o desenho de sete estrelas, colocadas entre a lua crescente e o sol raiado; em volta delas foram escritas várias runas, pois Aragorn, filho de Arathorn, ia guerrear nas fronteiras de Mordor. Muito brilhante ficou aquela espada depois de restaurada; nela a luz do sol reluzia vermelha, e a luz da lua brilhava fria, e seu gume era resistente e afiado. E Aragorn lhe deu um novo nome, chamando-a de Andúril, Chama do Oeste.

Aragorn e Gandalf andavam juntos ou se sentavam, conversando sobre a estrada e os perigos que encontrariam, e ponderando os mapas relatados e desenhados, e os livros de estudo que havia na casa de Elrond. Algumas vezes, Frodo ficava junto, mas estava satisfeito em apenas confiar na liderança deles, e passava o maior tempo possível com Bilbo.

Nesses últimos dias, os hobbits se sentavam juntos, à noite, no Salão do Fogo, e entre várias outras histórias ouviram a balada completa de Beren e Lúthien e da conquista da Grande Jóia. Mas durante o dia, enquanto Merry e Pippin estavam dando voltas pelo lugar, Frodo e Sam podiam ser encontrados com Bilbo, em seu pequeno quarto. Nesses momentos, Bilbo lia passagens de seu livro (que ainda parecia bastante incompleto), ou rascunhos de seus versos, ou tomava nota das aventuras de Frodo.

Na manhã do último dia, Frodo estava sozinho com Bilbo, e o velho hobbit puxou uma caixa de madeira de debaixo da cama. Levantou a tampa e vasculhou dentro.

- Aqui está sua espada - disse ele. - Mas ela foi quebrada, você sabe.

- Peguei-a para guardá-la a salvo, e me esqueci de perguntar se os ferreiros podiam consertá-la. Agora não há tempo. Então pensei que talvez gostasse de levar esta, o que acha? Tirou da caixa uma pequena espada, que estava dentro de uma bainha de couro velha e desgastada. Então puxou-a, e a lâmina polida e bem cuidada reluziu de repente, fria e clara. - Esta é Ferroada - disse ele, e enterrou-a fundo numa viga de madeira quase sem nenhum esforço. - Leve-a, se quiser. Não vou precisar dela outra vez, espero. Frodo aceitou agradecido.

- Também há isto! - disse Bilbo, trazendo um pacote que parecia muito pesado em relação ao tamanho. Desenrolou várias camadas de tecido velho e ergueu uma pequena camisa de malha metálica, tecida com muitos anéis bem próximos uns dos outros, quase tão flexível como o linho, fria como gelo, e mais resistente que o aço. Brilhava como a prata iluminada pela lua, e estava adornada com pedras brancas, Com ela havia um cinto de pérolas e cristal.

- É bonita, não é? - disse Bilbo, erguendo-a contra a luz. - E útil. É a malha dos

anões que Thorin me deu. Peguei -a de volta em Grã Cava antes de partir, e a coloquei na bagagem. Trouxe comigo todas as lembranças de minha Viagem, com exceção do Anel. Mas não esperava usar esta, e não preciso dela agora, a não ser para olhá-la algumas vezes. Você mal sente o peso quando a veste.

- Vou ficar.. bem, acho que vou ficar estranho usando isso - disse Frodo.

- Exatamente o que eu disse para mim mesmo - disse Bilbo. - Mas não se importe com as aparências. Você pode usá -la embaixo da roupa. Vamos lá! Você tem de partilhar este segredo comigo. Não diga para mais ninguém! Mas eu ficaria feliz em saber que você a está usando. Imagino que ela entortaria até as espadas dos Cavaleiros Negros - concluiu ele em voz baixa.

- Muito bem, vou levá-la - disse Frodo. Bilbo o vestiu com a malha, e prendeu Ferroada no cinto reluzente; então Frodo vestiu suas surradas calças, a túnica e o casaco.

- Você parece um simples hobbit - disse Bilbo. - Mas agora existe algo mais em você do que aparece na superfície. Boa sorte! - Voltou-se e olhou pela janela, tentando entoar uma melodia.

- Não sei como agradecer, Bilbo, por isso, e por toda a gentileza de sempre - disse Frodo.

- Não tente! - disse o velho hobbit, voltando-se e dando um tapinha nas costas de Frodo. - Ai! - gritou ele. - Agora você está muito rígido para esses tapinhas! Mas é isto: os hobbits devem permanecer juntos, principalmente os Bolseiros. Tudo o que peço em retribuição é isto: cuide-se o máximo que puder, e traga todas as notícias que conseguir. Farei o possível para terminar meu livro antes que volte. Gostaria de escrever o segundo livro, se puder. - Interrompeu o que dizia e voltou-se de novo para a janela, cantando baixinho.

Sentado ao pé do fogo
eu penso em tudo o que já vi,
flores do prado e borboletas,
verões que já vivi;
As teias e as folhas amarelas
de outonos de outros dias,
com névoa e sol pela manhã,
no rosto as auras frias.
Sentado ao pé do fogo eu penso
no mundo que há de ser com invernos
em primavera que um dia hei de ver
Porque há tanta coisa ainda
que nunca vi de frente:
em cada bosque, em cada fonte
há um verde diferente.
Sentado ao pé do fogo eu penso
em gente que se desfez,
e em gente que vai ver o mundo
que não verei de vez.
Mas enquanto sentado penso
em tanta coisa morta,
atento espero pés voltando
e vozes junto à porta.

Era uma manhã fria perto do final de dezembro. O Vento Leste soprava através dos ramos nus das árvores, agitando os escuros pinheiros sobre as montanhas. Nuvens desmanchadas corriam no céu, altas e baixas. Quando as sombras soturnas da noite começaram a cair, a Comitiva estava pronta para partir. Deviam começar a viagem com a chegada do Crepúsculo, pois Elrond os havia aconselhado a seguir sob a proteção da noite sempre que pudessem, até estarem longe de Valfenda.

- Vocês devem temer os muitos olhos dos servidores de Sauron - disse ele.

- Não duvido de que a notícia do desbaratamento dos Cavaleiros já tenha chegado até ele, que deve estar tomado de ira. Em breve seus espiões estarão espalhados nas terras do Norte, a pé e voando. Vocês devem se precaver até do céu que os cobre enquanto avançam no caminho.

A Comitiva levou poucos equipamentos de guerra, pois a esperança que tinha estava depositada no segredo, não na batalha. Aragom levou Andúril, e nenhuma outra arma, e seguiu vestindo apenas suas surradas roupas verdes e marrons, como um guardião das terras ermas. Boromir tinha uma espada longa, semelhante à de Aragom, mas de linhagem inferior, levando também um escudo e sua corneta de guerra.

- Ela soa alto e claro nos vales das colinas - disse ele - e assim faz com que todos os inimigos de Gondor fujam! - Colocando-a nos lábios, emitiu um clangor, cujos ecos reverberaram de pedra em pedra, e todos que escutaram aquela voz em Valfenda saltaram de pé.

- Você deve evitar tocar essa corneta novamente, Boromir - disse Elrond - , até que esteja nas fronteiras da sua terra, e seja forçado por uma terrível necessidade.

- Talvez - disse Boromir. - Mas sempre toquei minha corneta antes de partir, e embora daqui para frente devamos andar protegidos pelas sombras, não partirei como um ladrão no meio da noite.

Apenas Gimli, o anão, vestia abertamente uma camisa curta de anéis de aço, pois os anões não se importavam em carregar peso; no seu cinto estava um machado de lâmina larga. Legolas levava um arco e uma aljava, e no cinto uma faca comprida e branca. Os hobbits mais jovens levavam as espadas que tinham trazido do túmulo, mas Frodo só levou Ferroada; o casaco de malha metálica, conforme o desejo de Bilbo, permaneceu escondido. Gandalf carregava seu cajado, mas amarrada ao longo de seu corpo estava a espada élfica, Glamdring, companheira de Orcrist, que estava agora depositada sobre o peito de Thorin, embaixo da Montanha Solitária.

Elrond forneceu a todos roupas grossas e pesadas, e eles levavam também casacos e mantos revestidos de pele. Roupas e mantimentos sobressalentes, juntamente com cobertores e outros artigos necessários, seriam carregados por um pônei, exatamente o pobre animal que tinham trazido de Bri.

A estada em Valfenda tinha operado uma mudança admirável nele: estava agora lustroso, e parecia ter recuperado o vigor da juventude. Foi Sam quem insistiu que o animal fosse o escolhido, declarando que Bill (como o chamava) pereceria se fosse deixado para trás.

- Aquele animal quase consegue falar - disse ele -, e falaria, se permanecesse aqui por mais tempo. Lançou -me um olhar tão significativo quanto as palavras do Sr. Pippin: se não me deixar ir com você, Sam, vou segui-lo por minha própria conta. - Desse modo, Bill estava indo como animal de carga, e apesar disso era o único membro da Comitiva que não demonstrava sinais de depressão.

As despedidas foram feitas no grande salão perto da lareira, e agora eles estavam apenas esperando Gandalf, que ainda não tinha saído da casa.

O brilho do fogo das tochas vinha das portas abertas, e luzes suaves que brilhavam

nas várias janelas. Bilbo, embrulhado numa capa, estava quieto na Soleira da porta ao lado de Frodo. Aragom estava sentado com a cabeça tombada sobre os joelhos; apenas Elrond entendia completamente o que aquela hora significava para ele. Os outros podiam ser vistos como sombras cinzentas na escuridão.

Sam esperava ao lado do pônei, chupando os dentes e olhando taciturno para o escuro onde o rio rugia sobre as pedras abaixo; seu desejo de aventura nunca estivera em maré tão baixa.

- Bill, meu rapaz - disse ele -, você não precisava nos acompanhar. Podia ter ficado aqui comendo o melhor feno até a grama nova nascer. Bill abanou o rabo e não respondeu nada.

Sam ajeitou nos ombros o peso da mochila, relembrando ansiosamente todas as coisas que tinha colocado nela, tentando pensar se tinha esquecido algo: o tesouro mais precioso que carregava, seu equipamento de cozinhar, a pequena caixa com sal que ele sempre carregava e enchia toda vez que podia, um bom suprimento de erva-de-fumo (mas não o suficiente, eu garanto); pederneiras e material para alimentar o fogo, meias de lã, roupas de baixo, vários pequenos pertences de seu patrão que este esquecera e Sam tinha colocado na mochila para exibi -los em triunfo quando fossem requisitados. Checou todos os ítens.

- Corda! - murmurou ele. - Não está levando corda! E ontem à noite você disse a si mesmo: “Sam, que tal um pedaço de corda? Você vai precisar, se não levar nenhum consigo.” Bem, vou precisar. Posso conseguir um pedaço agora.

Nesse momento, Elrond saiu com Gandalf, e chamou a Comitiva até ele. - Esta é minha última palavra - disse ele em voz baixa. - O Portador do Anel está partindo na Demanda da Montanha da Perdição. Apenas sobre ele recaem exigências: de não se desfazer do Anel, nem entregá-lo a qualquer servidor do Inimigo, nem sequer deixar que qualquer pessoa o toque, com a exceção de membros da Comitiva e do Conselho, e mesmo assim apenas em caso de extrema necessidade. Os outros partem com ele como companheiros livres, para ajudá-lo no caminho. A vocês é permitido permanecer em algum ponto, ou voltar, ou desviar por outros caminhos, como o destino permitir. Quanto mais avançarem, mais difícil será recuar; apesar disso não lhes e impingido qualquer juramento ou compromisso de continuar além do que estiverem dispostos. Pois vocês ainda não conhecem a força dos próprios corações, e n ão podem prever o que cada um vai encontrar na estrada.

- Desonesto é aquele que diz adeus quando a estrada escurece - disse Gimli.

- Talvez - disse Elrond -, mas não jure que caminhará no escuro aquele que não viu o cair da noite.

- Ainda assim, o juramento feito pode fortalecer o coração que treme - disse Gimli.

- Ou destruí-lo - disse Elrond. - Não olhem muito à frente! Mas partam agora com coragem nos corações! Adeus, e que a bênção dos elfos e dos homens e de todos os Povos Livres os acompanhe. Que as estrelas brilhem em seus rostos!

- Boa...boa sorte! - gritou Bilbo, tiritando de frio. - Não suponho que você consiga escrever um diário, Frodo, meu rapaz, mas vou estar esperando um relatório completo quando você voltar. E não demore muito! Boa viagem!

Muitos outros habitantes da casa de Elrond estavam nas sombras, e assistiam à partida da Comitiva, dando-lhes adeus em voz baixa. Não houve riso, nem canção ou musica.

Finalmente, fizeram uma curva e desapareceram, silenciosamente no crepúsculo.

Atravessaram a ponte e foram seguindo devagar ao longo dos caminhos íngremes que conduziam para fora do profundo vale de Valfenda. Finalmente atingiram o pântano

alto, onde o vento chiava atravessando o urzal. Então, com um derradeiro olhar em direção à última Casa Amiga que piscava no escuro, caminharam para dentro da noite.

No Vau do Bruinen, deixaram a Estrada e, rumando para o Sul, continuaram por uma passagem estreita que cortava as dobras do solo.

O propósito deles era continuar nesse caminho a Oeste das Montanhas por muitas milhas e dias.

A região era muito mais árida e deserta, comparada ao vale do Grande Rio que ficava nas Terras Ermas, do outro lado da cordilheira, e a caminhada seria lenta; mas assim esperavam escapar da observação de olhos hostis. Os espiões de Sauron raramente tinham sido vistos até aquele momento nessa região vazia, e os caminhos eram pouco conhecidos, a não ser pelo povo de Valfenda.

Gandalf ia na frente, acompanhado por Aragorn, que conhecia a região até mesmo no escuro. Os outros iam atrás em fila, e Legolas, que enxergava muito bem, ia na retaguarda. A primeira parte da viagem foi dura e melancólica, e Frodo se lembraria muito pouco dela, a não ser pelo vento. Por muitos dias sem sol, um vento gelado soprou das Montanhas no Leste, e nenhuma roupa parecia capaz de impedir a penetração de seus dedos ávidos. Embora a Comitiva estivesse bem agasalhada, raramente se sentiam aquecidos, seja em movimento seja descansando. Dormiam mal acomodados no meio do dia, em alguma cavidade do terreno, ou escondidos embaixo do emaranhado de arbustos espinhosos que cresciam em moitas em vários lugares. No fim da tarde, eram acordados pelo vigia, e faziam sua refeição principal: geralmente fria e triste, pois raramente arriscavam acender uma fogueira. De noite, prosseguiam novamente, escolhendo sempre o caminho que conduzisse a um ponto mais próximo do Sul.

Num primeiro momento, os hobbits tiveram a impressão - de que, embora caminhassem e tropeçassem até se sentirem exaustos, estavam se arrastando como lesmas, sem chegar a lugar algum. A cada novo dia, a região parecia ser a mesma do dia anterior. Mesmo assim, as montanhas chegavam cada vez mais perto. Ao Sul de Valfenda, elas se erguiam cada vez mais altas, e estendiam-se para o Oeste; e perto do pé da cordilheira principal expandia-se uma região cada vez mais ampla de colinas desoladas, e de vales profundos cheios de águas turbulentas. As trilhas eram raras e tortuosas, freqüentemente conduzindo-os apenas até a beira de alguma cascata íngreme, ou a pântanos traiçoeiros.

Já estavam havia duas semanas na estrada, quando o tempo mudou. O vento de repente abrandou e tomou o rumo do Sul. As nuvens que passavam rápido subiram e se desmancharam; o sol apareceu, pálido e límpido. Alvoreceu um dia frio e claro, ao final de uma longa e difícil marcha noturna. Os viajantes atingiram uma cordilheira baixa, coroada por antigos azevinhos cujos troncos, de um verde acinzentado, pareciam ser feitos da mesma rocha das colinas. As folha s escuras brilhavam, e os frutos vermelhos resplandeciam à luz do sol nascente.

Mais adiante, ao Sul, Frodo podia ver as formas apagadas de montanhas imponentes, que pareciam agora obstruir o caminho que a Comitiva estava tomando. À esquerda dessas montanhas altas assomavam três picos; o mais alto e mais próximo deles se erguia como um dente coberto de neve; a encosta Norte, grande e deserta, ainda estava em sua maior parte coberta pelas sombras, mas nos pontos em que o sol já podia atingi-la via-se um brilho vermelho.

Gandalf parou ao lado de Frodo e olhou em volta, com a mão na testa.

- Saímo-nos bem - disse ele. - Chegamos aos limites da região que os homens chamam de Azevim; muitos elfos viveram aqui em dias mais felizes, quando o nome deste lugar era Eregion. Em linha reta, percorremos quarenta e cinco léguas, embora nossos pés tenham percorrido muitas milhas mais. A região e o clima ficarão agora mais

amenos, mas talvez bem mais perigosos.

- Perigoso ou não, um nascer de sol de verdade é mais que bem-vindo - disse Frodo, jogando para trás o capuz e permitindo que a luz da manhã batesse em seu rosto.

- Mas as montanhas estão na nossa frente - disse Pippin. - Devemos ter rumado para o Leste durante a noite.

- Não - disse Gandalf - Mas você enxerga mais longe na luz do dia. Depois desses picos, a cordilheira faz uma curva em direção ao Sudoeste. Há muitos mapas na casa de Elrond, mas acho que você nunca se deu ao trabalho de dar uma olhada neles.

- Fiz isso algumas vezes - disse Pippin. - Mas não me lembro de quase nada. Frodo tem uma cabeça melhor para esse tipo de coisa.

- Não preciso de mapas - disse Gimli, que tinha alcançado Legolas, e estava olhando ao redor com um brilho estranho nos olhos profundos. - Ali está a região em que nossos pais trabalharam antigamente, e nós gravamos a figura dessas montanhas em muitos trabalhos de metal e pedra, e em muitas canções e histórias. As três montanhas se erguem altaneiras em nossos sonhos: Baraz, Zirak, Shathúr.

- Vi-as apenas uma vez, de longe, quando estava acordado, mas conheço as montanhas e seus nomes, pois sob elas está Khazad-dûm, a Mina dos Anões, que agora é chamada de Abismo Negro, Moria na língua dos elfos. Mais além fica Baraziribar, o Chifre Vermelho, o cruel Caradhras, e além dele ficam o Pico de Prata e o Cabeça de Nuvem: Celebdil, o Branco, e Fanuidhol, o Cinzento, que nós chamamos de Zirakzigil e Bundushathúr.

- Ali as Montanhas Sombrias se dividem, e entre seus braços fica o vale sombrio e profundo que não conseguimos esquecer: AzanuIbizar, o Vale do Riacho Escuro, que os elfos chamam de Nanduhirion.

- É para o Vale do Riacho Escuro que estamos indo - disse Gandalf.

- Se subirmos pela passagem que chamamos de Passo do Chifre Vermelho, sob a encosta mais distante de Caradhras, desce remos através da Escada do Riacho Escuro, chegando ao vale dos Anões. Ali fica o Lago-espelho, e naquele ponto o Veio de Prata jorra em suas nascentes congeladas.

- Escuras são as águas de Kheled-zâram - disse Gimli -, e frias são as nascentes de Kibil-nâla. Meu coração estremece quando penso que posso vê - los em breve.

- Que você se alegre com a vista, meu bom anão! - disse Gandalf Mas não importa o que você faça, de modo algum podemos permanecer naquele vale.

Precisamos descer o Veio de Prata e penetrar nas florestas secretas, seguindo então para o Grande Rio, e depois...

Ele parou.

- Sim, e depois? - perguntou Merry.

- Para o fim da viagem... finalmente - disse Gandalf - Não podemos contemplar um futuro muito distante. Vamos nos contentar em pensar que o primeiro estágio foi concluído com segurança. Acho que vamos descansar aqui, não só durante o dia, mas também de noite. Existe um ar benfazejo em Azevim. Muita maldade precisa ocorrer numa região antes que ela se esqueça dos elfos, se alguma vez foi habitada por eles.

- Isso é verdade - disse Legolas. - Mas os elfos dessa região eram de uma raça estranha a nós, o povo da floresta, e as árvores e o capim não se recordam deles agora. Só escuto as pedras lamentando por eles: escavaram-nos das profundezas, moldaram-nos em formas belas, construíram-nos em edifícios altos, mas se foram. Eles se foram. Partiram em busca dos Portos há muito tempo.

Naquela manhã, acenderam uma fogueira num fosso profundo, encoberto por grandes ramos de azevinheiros, e a ceia matinal que fizeram foi mais animada do que

qualquer refeição desde que tinham partido.

E não tinham a intenção de continuar antes da noite do dia seguinte.

Apenas Aragorn estava inquieto e não dizia nada. Depois de uns momentos, abandonou a Comitiva e caminhou até a crista; ali parou à sombra de uma árvore, olhando para o Sul e para o Oeste, a cabeça numa postura de quem tentava escutar algo.

Depois voltou até a beirada do fosso, e olhou para baixo em direção aos outros, que estavam rindo e conversando.

- Qual é o problema, Passolargo? - perguntou Merry. - O que está procurando? Está sentindo falta do Vento Leste?

- Na verdade não - respondeu ele. - Mas sinto falta de alguma coisa. Já estive em Azevim muitas vezes. Nenhum povo habita esta região atualmente, mas sempre houve muitas outras criaturas, especialmente pássaros. No entanto, tudo está em silêncio agora, com a exceção de vocês. Posso sentir. Não se escuta nenhum som por milhas à nossa volta, e as suas vozes parecem fazer o chão ecoar. Não entendo.

Gandalf olhou para cima, num súbito interesse. - Mas qual você acha que é o motivo?? - perguntou ele. - Existe alguma coisa além da surpresa de ver quatro hobbits, para não mencionar o resto de nós, onde pessoas são tão raramente vistas ou ouvidas?

- Espero que seja só isso - respondeu Aragorn. - Mas sinto como se estivéssemos sendo vigiados, e tenho uma sensação de medo que nunca senti aqui antes.

- Então devemos ter cuidado - disse Gandalf. Se você traz um guardião numa viagem, é melhor prestar atenção ao que ele diz, especialmente se esse guardião é Aragorn. Devemos parar de conversar em voz alta, descansar em silêncio e montar guarda.

Naquele dia, Sam foi o encarregado do primeiro turno da guarda, mas Aragorn o acompanhou. Os outros adormeceram. Então o silêncio aumentou, a ponto de o próprio Sam senti-lo. A respiração dos que dormiam podia ser claramente ouvida. A cauda do pônei se agitando, e seus pés se movimentando ocasionalmente, produziam altos ruídos. Sam podia escutar as próprias juntas rangendo quando se mexia. Um silêncio mortal o envolvia, e sobre tudo estava um céu limpo e azul, à medida que o sol subia do Leste. Ao Sul, na distância, uma mancha escura apareceu, e cresceu, dirigindo-se para o Norte como fumaça levada pelo vento.

- O que é aquilo, Passolargo? Não parece uma nuvem - disse Sam a Aragorn num sussurro. Este não respondeu; estava olhando para o céu com grande atenção. Mas logo Sam pôde percebe r por si mesmo o que se aproximava.

Bandos de pássaros, voando em grande velocidade, davam reviravoltas e descreviam círculos, atravessando toda a região como se procurassem alguma coisa; chegavam cada vez mais perto.

- Fique deitado e quieto! - sussurrou Aragorn, puxando Sam para o abrigo da sombra de um azevinheiro, um regimento inteiro de pássaros tinha de repente se separado do resto do batalhão e vinha, voando baixo, direto para a crista. Sam pensou que era uma espécie de corvo de tamanho grande. Quando passaram por cima deles, numa multidão tão densa que sua sombra os seguia escura sobre o chão, ouviu-se um grasnado estridente. Aragorn não se levantou antes que os pássaros tivessem desaparecido na distância, ao Norte e ao Oeste, e o céu estivesse limpo outra vez. Então pulou de pé e foi acordar Gandalf.

- Regimentos de corvos negros estão sobrevoando toda a região entre as Montanhas e o rio Cinzento - disse ele. - Passaram sobre Azevim. Não são nativos desta região, são crebain originários de Fangorn e da Terra Parda. Não sei o que fazem aqui: talvez haja algum problema no Sul do qual estão fugindo, mas acho que estão espionando

a região. Acho que devemos partir outra vez esta noite. Azevim não é mais um lugar seguro para nós: está sendo vigiado.

- E nesse caso, o Passo do Chifre Vermelho também estará sendo observado - disse Gandalf. - E não imagino como poderemos atravessá -lo sem sermos vistos. Mas vamos pensar nisso quando chegar a hora. Quanto a partirmos ao escurecer, receio que esteja certo.

- Ainda bem que nossa fogueira fez pouca fumaça, e o fogo ficou fraco antes que os crebain viessem - disse Aragorn. Devemos apagá-la. Não podemos acender mais fogo algum.

- Ora, ora, tinha que aparecer essa praga! - disse Pippin, que recebeu a notícia - nada de fogo, e a partida ao cair da noite - assim que acordou no final da tarde.

- Tudo por causa de um bando de corvos! Eu estava ansioso por uma refeição noturna de verdade: algo quente.

- Bem, pode continuar ansioso - disse Gandalf. - Pode haver muitos banquetes inesperados à sua frente. Quanto a mim, queria um cachimbo para fumar tranqüilo, e aquecer os pés. Mas, de qualquer forma, podemos ter certeza de uma coisa: o clima vai ficar mais quente conforme nos aproximarmos do Sul.

- Quente demais, imagino - murmurou Sam para Frodo. - Mas estou começando a achar que já era hora de vermos aquela Montanha de Fogo, e o fim da Estrada, por assim dizer. Primeiro pensei que esse Chifre Vermelho aqui, ou qualquer que seja seu nome, poderia ser a Montanha de Fogo, - sei o que fazem aqui: talvez haja algum problema no Sul do qual estão fugindo, mas acho que estão espionando a região. Acho que devemos partir outra vez esta noite. Azevim não é mais um lugar seguro para nós: está sendo vigiado.

- E nesse caso, o Passo do Chifre Vermelho também estará sendo observado - disse Gandalf. - E não imagino como poderemos atravessá -lo sem sermos vistos, Mas vamos pensar nisso quando chegar a hora. Quanto a partirmos ao escurecer, receio que esteja certo.

- Ainda bem que nossa fogueira fez pouca fumaça, e o fogo ficou fraco antes que os crebain viessem - disse Aragorn. - Devemos apagá-la. Não podemos acender mais fogo algum.

- Ora, ora, tinha que aparecer essa praga! - disse Pippin, que recebeu a notícia - nada de fogo, e a partida ao cair da noite - assim que acordou no final da tarde.

- Tudo por causa de um bando de corvos! Eu estava ansioso por uma refeição noturna de verdade: algo quente.

- Bem, pode continuar ansioso - disse Gandalf. - Pode haver muitos banquetes inesperados à sua frente, Quanto a mim, queria um cachimbo Para fumar tranqüilo, e aquecer os pés. Mas, de qualquer forma, podemos ter certeza de urna coisa: o clima vai ficar mais quente conforme nos aproximarmos do Sul.

- Quente demais, imagino - murmurou Sam para Frodo. - Mas estou começando a achar que já era hora de vermos aquela Montanha de Fogo, e O fim da Estrada, por assim dizer. Primeiro pensei que esse Chifre Vermelho aqui, ou qualquer que seja seu nome, poderia ser a Montanha de Fogo, até que Gimli fez aquele discurso. Essa língua dos anões deve ser um belo quebra-queixo! - Os mapas não significavam nada para a mente de Sam, e todas as distâncias naquelas terras estranhas pareciam tão vastas que ele não tinha a menor noção do que dizia.

Durante todo o dia, a Comitiva permaneceu escondida. Os pássaros negros sobrevoaram o lugar onde estavam várias e várias vezes, mas, à medida que o sol descia no Oeste e se avermelhava, desapareceram em direção ao Sul. Ao cair da noite, a

Comitiva partiu e, rumando um pouco mais para o Leste, dirigiram-se para Caradhras, que ao longe ainda brilhava com um vermelho apagado, na última luz do sol que desaparecia. Uma a uma, estrelas brancas irrompiam no céu que se apagava.

Guiados por Aragorn, descobriram uma boa trilha. Frodo teve a impressão de que era o que restava de uma estrada antiga, que havia sido larga e bem planejada, conduzindo de Azevim até a passagem da montanha. A lua, agora cheia, subiu sobre as montanhas, lançando uma luz pálida, sob a qual as sombras das rochas ficaram negras. Muitas delas pareciam ter sido construídas a mão, embora agora estivessem decadentes e arruinadas, numa região desolada.

Era aquela hora fria que antecede os primeiros sinais da aurora e a lua estava baixa. Frodo olhou para o céu. De repente, viu ou sentiu uma sombra passando sobre as estrelas altas, como se por um instante elas se apagassem e depois brilhassem de novo. Um tremor percorreu-lhe o corpo.

- Você viu alguma coisa passando? - sussurrou ele para Gandalf, que ia logo à frente.

- Não, mas senti algo, seja lá o que for - respondeu ele. - Pode ser apenas uma nuvenzinha fina.

- Então essa nuvem passou bem rápido - murmurou Aragorn. - E não foi o vento que a carregou.

Nada mais aconteceu naquela noite. A manhã seguinte surgiu ainda mais clara que a anterior. Mas o ar estava frio de novo; o vento já estava voltando em direção ao leste. Por mais duas noites, continuaram a marcha, subindo sem parar, mas cada vez mais lentamente. Conforme a estrada galgava a montanha descrevendo curvas, e as montanhas assomavam, cada vez mais próximas. Na terceira manhã, Caradhras se erguia diante deles: um pico enorme, coberto de neve branca como a prata, mas com encostas nuas e íngremes, de UM vermelho apagado, como se estivessem manchadas de sangue.

O céu tinha uma aparência sombria, e o sol estava pálido. O vento tinha mudado de rumo, soprando agora do Nordeste. Gandalf sentiu o ar e olhou para trás.

- O inverno avança às nossas costas - disse ele em voz baixa para Aragorn. -As Montanhas no Norte estão mais brancas que antes; a neve já desce pelas suas encostas. Esta noite devemos nos dirigir para cima, para o passo do Chifre Vermelho. É possível que sejamos vistos por vigias naquela passagem estreita, e algum perigo pode estar nos esperando; mas o clima pode acabar sendo um inimigo mais fatal que qualquer outro. Que caminho acha que devemos tomar agora, Aragorn?

Frodo ouviu essas palavras, e percebeu que Gandalf e Aragorn estavam continuando alguma discussão que havia começado muito antes. Continuou escutando, ansiosamente.

- Não posso ver nada de bom em nosso caminho, Gandalf, do início ao fim, como você bem sabe - respondeu Aragorn. - E os perigos, conhecidos e desconhecidos, vão aumentar conforme prosseguirmos. Mas precisamos continuar, e não será bom adiar a passagem pelas montanhas. Mais para o Sul, não há passagens, até se chegar ao Desfiladeiro de Rohan. Não confio naquele caminho, desde que você trouxe a notícia sobre Saruman.

Quem pode dizer agora a que lado os oficiais dos Senhores dos Cavalos estão servindo?

- É verdade, ninguém pode saber! - disse Gandalf - Mas há outro caminho, que não é pela passagem de Caradhras: o caminho escuro e secreto, do qual já falamos.

- Mas não vamos falar nele outra vez! Não por enquanto. Não diga nada aos outros, eu lhe peço, não até que fique claro que não há outra saída. Precisamos decidir

antes de continuar - respondeu Gandalf.

Então vamos ponderar o assunto em nossas mentes, enquanto os outros descansam e dormem - disse Aragorn.

No fim da tarde, enquanto os outros terminavam seu desjejum, Gandalf e Aragorn foram juntos para um lado, e ficaram olhando para Caradhras. As encostas estavam escuras e sombrias, e o pico se escondia em meio a nuvens cinzentas.

Frodo os observava, tentando adivinhar para qual lado a discussão penderia. Quando voltaram, Gandalf falou, e assim Frodo soube que a decisão fora enfrentar o clima e a passagem alta. Ficou aliviado. Não podia adivinhar qual era o outro caminho secreto e escuro, mas a simples menção dele parecera causar grande consternação a Aragorn, e Frodo ficou feliz que tal caminho tivesse sido abandonado.

- Pelos sinais que temos visto ultimamente - disse Gandalf -, receio que o Passo do Chifre Vermelho possa estar sendo vigiado, também tenho dúvidas sobre o clima que está vindo atrás de nós. Pode nevar. Devemos ir a toda velocidade possível. Mesmo assim, serão duas marchas até podermos atingir o topo da passagem. Vai escurecer cedo esta noite. Devemos partir assim que se aprontarem.

- Vou acrescentar um conselho, se me for permitido - disse Boromir. Eu nasci sob as sombras das Montanhas Brancas, e sei alguma coisa sobre viagens em lugares altos. Vamos deparar com um frio rigoroso, se não com coisas piores, antes de descermos do outro lado. De nada vai adiantar viajarmos tão secretamente e morrermos congelados. Quando deixarmos este lugar, onde ainda existem algumas árvores e arbustos, cada um de nós deve levar um feixe de lenha, o maior que puder carregar.

- E Bill poderia levar mais um pouco, não poderia, rapaz? - disse Sam.

O pônei lançou-lhe um olhar pesaroso.

- Muito bem - disse Gandalf. - Mas não devemos usar a lenha - a não ser que tenhamos de escolher entre o fogo e a morte.

A Comitiva partiu de novo, em boa velocidade no início, mas logo o caminho ficou íngreme e difícil. Em alguns pontos, a estrada tortuosa e inclinada tinha quase desaparecido, e estava bloqueada por muitas pedras caídas. A noite ficou totalmente escura sob grandes nuvens. Um vento forte fazia rodamoinhos por entre as rochas.

Por volta de meia-noite, eles tinham alcançado a parte mais baixa das grandes montanhas. A trilha estreita agora se torcia sob uma parede inclinada de encostas à esquerda, sobre as quais os flancos austeros de Caradhras se erguiam, invisíveis na escuridão; à direita ficava um abismo de escuridão, no qual a própria terra caia para dentro de um precipício fundo.

Com muito esforço, subiram a encosta angulosa, e pararam por uns minutos no topo. Frodo sentiu um toque suave em seu rosto. Estendeu a mão e viu os flocos de neve, de um branco apagado, caindo-lhe sobre a manga da roupa.

Continuaram. Mas logo a neve começou a cair mais densa, enchendo todo o ar, rodando perante os olhos de Frodo. As figuras escuras e curvadas de Gandalf e Aragorn, apenas um ou dois passos à frente, mal podiam ser vistas.

- Não gosto disso nem um pouco - disse Sam ofegante, logo atrás dele. - Tudo bem termos neve numa manhã agradável, mas gosto de ficar na cama enquanto ela está caindo. Gostaria que esta aqui fosse para Vila dos Hobbits! As pessoas poderiam gostar de neve lá. - A não ser nos pântanos altos da Quarta Norte, era raro cair uma grande quantidade de neve no Condado, e quando isso acontecia o fato era considerado agradável, e era uma oportunidade de diversão. Nenhum hobbit vivo (exceto Bilbo) conseguia se lembrar do Inverno Mortal de 1311, quando os lobos brancos invadiram o Condado através do Brandevin congelado.

Gandalf parou. A neve se espessava sobre seu capuz e ombros; as botas afundavam nela até a altura dos tornozelos.

- Era isto que eu temia - disse ele. - Que me diz agora, Aragorn?

- Que também temia isto - respondeu ele -, mas temia menos que outras coisas. Eu sabia do risco da neve, embora ela raramente caia assim tão pesada aqui no Sul, a não ser nas montanhas altas. Mas ainda não subimos muito, ainda estamos bem embaixo, onde as trilhas geralmente ficam abertas durante todo o inverno.

- Pergunto se isso não é um artifício do Inimigo - disse Boromir. Dizem na minha terra que ele pode governar tempestades nas Montanhas da Sombra, que ficam nas fronteiras de Mordor. Tem poderes estranhos e muitos aliados.

- O braço dele realmente cresceu - disse Gimli -, se ele pode trazer a neve do Norte para nos atrapalhar aqui, a trezentas léguas de distância.

- O braço dele cresceu - disse Gandalf.

Enquanto estavam ali parados, o vento cessou, e a neve foi diminuindo, até quase parar. Continuaram aos tropeços. Mas não tinham avançado mais que duzentos metros quando a tempestade retornou, com fúria renovada. O vento assobiava, e a tempestade se transformou numa nevasca que não permitia ver nada. Logo, até mesmo Boromir começou a encontrar dificuldades para prosseguir. Os hobbits, curvados quase até o chão, avançavam a duras penas atrás dos maiores, mas ficava cada vez mais claro que não poderiam ir muito mais além se a neve continuasse. Os pés de Frodo pesavam como chumbo. Pippin se arrastava atrás. Até mesmo Gimli, robusto como um anão costuma resmungava ao caminhar penosamente.

A Comitiva parou de repente, como se tivesse chegado a um acordo se m dizer qualquer palavra. Ouviram ruídos sinistros na escuridão que os envolvia. Podia ter sido apenas um truque do vento nas rachaduras e fendas da parede rochosa, mas o som era semelhante ao de gritos agudos e gargalhadas alucinadas. Pedras começaram a cair da encosta da montanha, zunindo sobre suas cabeças, ou batendo contra a trilha ao lado deles. De tempo em tempo, ouviam um rumor abafado, e uma enorme pedra descia rolando das alturas ocultas acima deles.

- Não podemos continuar esta noite - disse Boromir. - Quem quiser chamar isto de vento que chame, mas há vozes fatais no ar, e essas pedras estão sendo arremessadas em nossa direção.

- Eu chamo de vento - disse Aragorn. - Mas isso não invalida o que você disse. Há muitos seres malignos e hostis no mundo, que têm pouco amor por aqueles que andam sobre duas pernas, e mesmo assim não são aliados de Sauron, mas têm os próprios propósitos. Alguns estão no mundo há mais tempo que ele.

- Caradhras foi chamado de o Cruel, e tinha um nome maligno - disse Gimli -, há muitos anos, quando rumores sobre Sauron ainda não tinham sido Ouvidos por estas terras.

- Pouco importa quem seja o inimigo, se não pudermos vencer seu ataque - disse Gandalf.

- Mas que podemos fazer? - gritou Pippin arrasado. Apoiava-se em Merry e Frodo, e tremia.

- Ou parar onde estamos, ou voltar - disse Gandalf. - Não adianta continuar.

Um pouco mais acima, se me recordo direito, esta trilha abandona a encosta e penetra num valo raso e largo, ao pé de uma ladeira longa e difícil. Ali não teremos abrigo da neve, ou das pedras - ou de qualquer outra coisa.

- E não adianta irmos em frente enquanto a tempestade persistir disse Aragorn. - Não passamos por lugar algum nesta subida que oferecesse mais abrigo que a parede

deste penhasco, sob o qual estamos.

- Abrigo! - murmurou Sam. - Se isto for abrigo, então uma parede e nenhum telhado fazem uma casa.

A Comitiva agora se mantinha o mais perto possível do penhasco. O penhasco dava para o Sul, e perto da base se inclinava um pouco para fora, de modo que assim esperavam ter alguma proteção do vento Norte e das pedras que caíam. Mas rajadas formavam rodamoinhos por toda a volta, e a neve caía em nuvens ainda mais densas.

Aconchegaram-se uns aos outros, com as costas contra a parede. Bill, o pônei, ficou parado na frente dos hobbits, paciente, mas desanimado, protegendo-os um pouco.

Mas logo a neve já lhe cobria os jarretes, e subia cada vez mais. Se não tivessem companheiros maiores, os hobbits seriam logo inteiramente enterrados.

Uma grande sonolência tomou conta de Frodo, que se sentia afundar rapidamente num sonho quente e nebuloso. Imaginava que um fogo lhe aquecia os pés, e das sombras do outro lado da lareira vinha a voz de Bilbo falando. Esperava coisa melhor de seu diário, dizia ele. Nevasca no dia 12 de Janeiro: não precisava voltar para contar isso!

- Mas eu precisava descansar e dormir, Bilbo, respondeu Frodo com esforço, quando sentiu que alguém o sacudia, e acordando a contragosto. Boromir o havia desenterrado de um monte de neve.

- Isto será a morte dos pequenos, Gandalf - disse Boromir. - É inútil permanecermos aqui até que a neve cubra nossas cabeças. Precisamos fazer alguma coisa que nos salve!

- Dê-lhes isto - disse Gandalf, remexendo em sua mochila e retirando um odre de couro. - Apenas um gole para cada um - cada um de nós. É muito precioso. É miruvor, o licor de Imladris. Recebi de Elrond quando nos despedimos. Passe uma rodada.

Logo que Frodo engoliu um pouco da bebida quente e aromática sentiu nova coragem, e a sonolência pesada abandonou seus braços e pernas. Os outros também se reanimaram e sentiram renovada esperança e vigor.

Mas a neve não abrandou. Caía ao redor, mais espessa que nunca, e o vento soprava mais forte.

- Que me diz de fogo? - perguntou Boromir de súbito. - A escolha agora parece ser entre o fogo e a morte, Gandalf Sem dúvida estaremos escondidos de todos os olhos hostis quando a neve nos cobrir, mas isso não nos ajudará em nada.

- Você pode fazer uma fogueira, se conseguir - respondeu Gandalf. Se houver espiões que agüentem esta tempestade, então eles poderão nos ver, com ou sem fogo.

Mas embora tivessem trazido lenha e gravetos a conselho de Boromir, estava além das habilidades dos elfos, e até mesmo dos anões, acender uma chama que pudesse vingar em meio àquele turbilhão de vento, e que pudesse acender o combustível molhado.

Finalmente, com relutância, o próprio Gandalf deu uma ajuda.

Pegando um feixe de lenha, segurou-o no alto por um momento, e então com um comando naur an edraith aninien! Empurrou a ponta do cajado no meio da lenha.

Imediatamente, grandes chamas verdes e azuis se precipitaram numa fogueira, e a lenha flamejou e estalou.

Se houver alguém para ver, então pelo menos eu me revelei a eles disse ele. - Escrevi Gandalf está aqui em sinais que podem ser lidos desde Valfenda até a foz do Anduin.

Mas a Comitiva não se preocupava mais com espiões ou olhos hostis. Seus corações estavam deliciados em ver a luz do fogo. A lenha queimava alegremente, e embora por toda a volta a neve chiasse, e poças de gelo derretido se formassem sob seus pés, eles conseguiam aquecer as mãos na chama com prazer. Ali ficaram, agachados num

círculo em volta das pequenas labaredas dançantes e reluzentes. Uma luz brilhava nos rostos cansados e ansiosos; atrás deles, a noite era como uma parede negra.

Mas a lenha queimava rápido, e a neve ainda caía.

A fogueira foi diminuindo, e o último feixe foi jogado nela.

- A noite está acabando - disse Aragorn. - A aurora não tarda a chegar.

- Isso se alguma aurora conseguir romper essas nuvens - disse Gimli.

Boromir afastou-se do círculo e olhou para a escuridão. - A neve está enfraquecendo – disse ele - e o vento está abrandando.

Frodo olhou com cansaço para os flocos que ainda caíam da escuridão, para se revelarem brancos por um momento à luz do fogo que se extinguia, mas por um bom tempo não pôde ver qualquer sinal de que diminuíam. Então, de repente, ao sentir o sono começar a dominá-lo outra vez, teve consciência de que o vento estava realmente abrandando, e de que os flocos estavam maiores e mais raros. Muito devagar, uma luz fraca começou a crescer. Finalmente, a neve parou de cair completamente.

A medida que ficava mais forte, a luz revelava um mundo silencioso e encoberto. Abaixo do refúgio onde estavam, havia cúpulas e montes brancos e profundezas informes abaixo dos quais a trilha que tinham pisado estava totalmente perdida; mas os picos acima deles estavam ocultos em grandes nuvens, ainda pesadas com a ameaça de neve.

Gimli olhou para cima e balançou a cabeça. - Caradhras não nos perdoou - disse ele. - Ele ainda tem mais neve para lançar sobre nós, se prosseguirmos. Quanto mais rápido descermos e voltarmos, melhor.

Com isso todos concordaram, mas a retirada agora era difícil. Podia muito bem ser impossível. A apenas alguns passos das cinzas da fogueira, a neve subia a uma altura significativa, além das cabeças dos hobbits; em alguns pontos, tinha sido carregada e empilhada pelo vento em montes contra o penhasco.

- Se Gandalf se dispusesse a ir à frente com uma chama forte, Poderia derreter a neve e fazer uma trilha para vocês - disse Legolas. A tempestade quase não o incomodara, e só ele de toda a Comitiva ainda permanecia tranqüilo.

Se os elfos pudessem voar sobre montanhas, poderiam trazer o sol para nos salvar - respondeu Gandalf. - Mas preciso de algum material para trabalhar. Não posso queimar a neve.

- Bem disse Boromir, quando cabeças estão perdidas, corpos devem servir, como dizemos em minha terra.

O mais forte de nós deve procurar um caminho. Vejam! Apesar de tudo agora estar coberto de neve, nossa trilha, quando subimos, fez uma curva naquela saliência rochosa lá embaixo . Foi ali que a neve começou a pesar
demais. Se pudéssemos chegar àquele ponto, talvez ficasse mais fácil prosseguir. Não fica a mais de duzentos metros de distância, eu acho.

- Então vamos forçar uma trilha até ali, você e eu - disse Aragorn.

Aragorn era o mais alto da Comitiva, mas Boromir, pouco mais baixo, era mais atarracado e tinha uma constituição mais forte. Ele foi na frente, seguido por Aragorn.

Lentamente foram indo, e logo estavam andando com bastante dificuldade. Em alguns lugares, a neve subia à altura dos ombros, e freqüentemente Boromir parecia estar nadando ou cavando com os braços, em vez de andar.

Legolas os observou por uns momentos com um sorriso nos lábios, e então voltou-se para os outros. - Os mais fortes devem procurar um caminho, vocês dizem? Mas eu digo: deixe um lavrador arar, mas escolha uma lontra para nadar, e para correr leve sobre capim e folha ou sobre a neve - um elfo.

Com isso, pulou para frente com agilidade, e então Frodo notou pela primeira vez,

embora soubesse disso há muito tempo, que o elfo não estava usando botas, mas apenas sapatos leves, como sempre fazia, e que seus pés quase não deixavam marcas na neve.

- Até a volta! - disse ele a Gandalf - Vou encontrar o sol! - Então, rápido como um corredor sobre terra firme, ele disparou, e logo alcançando os homens que se arrastavam, com um aceno de mão os ultrapassou, e correu na distância, desaparecendo atrás da curva rochosa.

Os outros esperaram aconchegados uns aos outros, observando até que Boromir e Aragorn foram se transformando em manchas negras naquela brancura. Finalmente, eles também desapareceram de vista. O tempo passava lentamente. As nuvens desceram e agora alguns flocos de neve começaram a cair rodopiando novamente.

Uma hora, talvez, tenha se passado, embora parecesse muito mais, e então finalmente viram Legolas voltando. Ao mesmo tempo, Boromir e Aragom reapareceram na curva muito atrás dele, e subiram a ladeira com esforço.

- Bem - disse Legolas, enquanto subia correndo -, eu não trouxe o sol. Ele está andando nos campos azuis do Sul, e uma pequena corôa de neve nesse montinho do Chifre Vermelho não o preocupa nem um pouco. Mas eu trouxe de volta uma chama de esperança para aqueles que se destinam a andar a pé. Logo após a curva, há o maior monte de neve que o vento pôde acumular. Ali nossos Homens Fortes quase foram soterrados. Ficaram desesperados, até que voltei e lhes disse que o monte era pouco mais espesso que uma parede. E do outro lado a neve diminui de repente, e mais abaixo não passa de uma coberta branca para refrescar os pés dos hobbits.

- É como eu falei - disse Gimli. - Não foi uma tempestade comum, É a má vontade de Caradhras. Ele não gosta de elfos e anões, e aquela neve foi acumulada para impedir que escapássemos.

- Mas, felizmente, seu Caradhras esqueceu que você tem Homens por companhia - disse Boromir, que chegava naquele instante. - E homens fortes, se me permite dizer; embora homens mais fracos com pás talvez fossem mais úteis. Mesmo assim, cavamos um caminho por entre o monte de neve, e por isso podem ficar agradecidos todos aqui que não podem correr com a leveza dos elfos.

- Mas como desceremos até lá, mesmo que vocês tenham feito um caminho no meio da neve? - disse Pippin, expressando o pensamento de todos os hobbits.

- Tenham esperança! - disse Boromir. - Estou cansado, mas ainda me resta alguma força, e a Aragorn também. Carregaremos os pequenos. Os outros, sem dúvida, podem se arranjar pisando na trilha atrás de nós. Venha, Mestre Peregrin! Começo com você.

Ele levantou o hobbit. - Pendure-se nas minhas costas! Vou precisar de meus braços - disse ele avançando. Aragorn e Merry foram atrás. Pippin ficou maravilhado com a força de Boromir, vendo a passagem que tinha aberto apenas com seus braços e pernas. Mesmo agora, carregado como estava, ia alargando a trilha para os que vinham atrás, jogando para os lados a neve enquanto prosseguia.

Finalmente chegaram ao grande monte de neve. Fora arremessado sobre a trilha da montanha como uma parede abrupta e íngreme, e seu topo, agudo como se apontado por facas, tinha duas vezes a altura de Boromir; mas no meio uma passagem tinha sido aberta, subindo e descendo como uma ponte. Do outro lado Merry e Pippin foram colocados no chão, e ali esperaram com Legolas que o resto da Comitiva chegasse.

Depois de um tempo, Boromir voltou carregando Sam. Atrás, na trilha estreita mas agora bem marcada, veio Gandalf, conduzindo Bill com Gimli empoleirado na bagagem.

Por último veio Aragorn carregando Frodo. Atravessaram a passagem, mas Frodo mal tinha colocado os pés no chão quando, com um rumor profundo, desabou um monte de pedras e uma porção de neve, que subiu pulverizada e cegou parcialmente a Comitiva

por uns momentos. Eles se agacharam contra o penhasco, e, quando o ar ficou limpo novamente, viram que a passagem atrás deles estava bloqueada.

- Basta! Basta! - gritou Gimli. - Estamos indo embora o mais rápido possível! - E de fato, com aquele último golpe, a malícia da montanha pareceu se esgotar, como se Caradhras estivesse satisfeito com a derrota dos invasores e em saber que não iriam retornar. A ameaça da neve sumiu no céu; as nuvens começaram a se abrir e a luz ficou mais intensa.

Como Legolas tinha dito, eles viram que a neve ficava cada vez mais baixa conforme desciam, de modo que até os hobbits podiam caminhar novamente.

Logo todos eles pisavam mais uma vez na saliência rochosa plana que ficava no alto da ladeira íngreme, onde tinham sentido os primeiros flocos de neve na noite anterior. A manhã agora já avançava. Daquele lugar alto, olharam para trás em direção ao Oeste, por sobre as regiões mais baixas. Na distância, no trecho de terra que ficava no pé da montanha, estava o valezinho do qual tinham saído para subir pela trilha.

As pernas de Frodo doíam. Estava congelado até os ossos e faminto; sua cabeça rodava ao pensar na marcha longa e dolorosa colina abaixo. Manchas negras flutuavam diante de seus olhos. Esfregou-os, mas as manchas negras persistiam. Na distância abaixo dele, mas ainda bem acima das bases das colinas mais baixas, pontos pretos faziam círculos no ar.

- Os pássaros outra vez - disse Aragorn, apontando para baixo.

- Não podemos evitar agora - disse Gandalf - Quer sejam bons ou maus, ou quer não tenham nada a ver conosco, devemos descer imediatamente. Nem mesmo nas partes mais baixas de Caradhras devemos esperar outra noite cair! Um vento frio soprava atrás deles, enquanto davam as costas para o Passo do Chifre Vermelho, e iam aos tropeços ladeira abaixo.

Caradhras os derrotara.

CAPÍTULO IV
UMA JORNADA NO ESCURO

A tarde já terminava, e a luz cinza outra vez se apagava rápido, quando pararam para descansar. Sentiam-se muito cansados. As montanhas estavam veladas pelo crepúsculo cada vez mais escuro. Gandalf permitiu que tomassem mais um pouco do miruvor de Valfenda. Depois de comerem alguma coisa, ele convocou uma reunião.

- É claro que não podemos continuar esta noite - disse ele. - O ataque no Passo do Chifre Vermelho nos deixou exaustos, e precisamos descansar um pouco aqui.

- Então, que devemos fazer?

- Ainda temos a viagem e nossa missão pela frente - respondeu Gandalf.

- Não temos outra escolha a não ser prosseguir, ou voltar para Valfenda.

O rosto de Pippin se iluminou visivelmente à simples menção do retorno a Valfenda. Merry e Sam levantaram os olhos, cheios de esperança. Mas Aragorn e Boromir não fizeram nenhum sinal. Frodo parecia confuso.

- Gostaria de voltar para lá - disse ele. - Mas como posso voltar sem me sentir envergonhado - a não ser que realmente não haja outra saída, e já estejamos derrotados?

- Você está certo, Frodo - disse Gandalf - Voltar seria admitir a derrota, e enfrentar

uma derrota ainda maior. Se voltarmos agora, o Anel deverá permanecer lá: não poderemos partir outra vez. Então, mais cedo ou mais tarde, Valfenda seria cercada, e depois de um tempo curto e amargo, destruída. Os Espectros do Anel são inimigos mortais, mas são ainda apenas sombras em comparação ao poder e terror que possuiriam se o Anel Governante caísse outra vez nas mãos de seu mestre.

- Então devemos prosseguir - disse Frodo com um suspiro. Sam mergulhou num enorme desânimo.

- Existe um caminho que podemos tentar - disse Gandalf- Desde o inicio.

Quando comecei a considerar esta viagem, pensei que deveríamos tentá -lo. Mas não é um caminho agradável, e não o mencionei à Comitiva antes. Aragorn era contra, até que a passagem através das montanhas fosse pelo menos tentada.

- Se é uma estrada ainda pior que o Passo do Chifre Vermelho, então é realmente maligna - disse Merry- - Mas é melhor que você fale dela, e nos Permita conhecer o pior imediatamente.

- A estrada de que falo conduz às Minas de Moria - disse Gandalf. Apenas Gimli levantou a cabeça, com fogo nos olhos. Um terror tomou conta dos outros, à menção daquele nome. Até mesmo para os hobbits, Moria era uma lenda que trazia um vago medo.

- A estrada pode conduzir a Moria, mas como podemos saber se nos conduzirá através de Moria? - disse Aragorn com uma expressão sombria.

- Este não é um nome de bom agouro - disse Boromir. - Nem vejo a necessidade de irmos para lá. Se não podemos atravessar as montanhas, vamos viajar para o Sul, até atingirmos o Desfiladeiro de Rohan, onde os homens são amigos de meu povo, e depois podemos pegar a estrada pela qual cheguei até aqui. Ou podemos ir além e atravessar o Isengard, chegando à Praia Comprida e Lebermin, e dessa forma chegar a Gondor pelas regiões próximas ao mar.

- As coisas mudaram desde que você veio do Norte, Boromir - respondeu Gandalf. - Não ouviu o que eu contei sobre Saruman? Com ele, tenho coisas a resolver antes que tudo esteja acabado. Mas o Anel não deve chegar perto de Isengard. Se de alguma forma isso puder ser evitado.

O Desfiladeiro de Rohan está fechado para nós, enquanto acompanharmos o Portador.

- Quanto à estrada mais longa, não dispomos de tempo. Poderíamos passar um ano viajando, e teríamos de passar por muitas regiões que estão desertas e não possuem portos. Mesmo assim, não seriam seguras. Os olhos atentos de Saruman e do Inimigo estarão espreitando. Quando você veio para o Norte, Boromir, aos olhos do Inimigo pareceu apenas um viajante perdido vindo do Sul, e um assunto de pouca importância para ele: sua mente estava ocupada em procurar o Anel. Mas agora você retorna como um membro da Comitiva do Anel, e correrá perigo enquanto permanecer conosco. O perigo crescerá a cada légua que nos aproximarmos do Sul sob o céu aberto.

- Desde nossa tentativa declarada na passagem da montanha, nossa situação ficou mais desesperadora, eu receio. Agora vejo poucas esperanças, se logo não desaparecermos de vista por um período, ou cobrirmos nossa trilha. Portanto, aconselho que não sigamos nem através das montanhas, e que nem as contornemos. Essa estrada de que falo é, pelo menos, a que o Inimigo menos espera que tomemos.

- Não sabemos o que ele espera - disse Boromir. - Pode estar vigiando todas as estradas, as prováveis e as improváveis. De qualquer forma, entrar em Moria seria andar para dentro de uma armadilha, pouco melhor que bater nos portões da própria Torre Escura. O nome de Moria é negro.

- Você está falando do que não sabe, quando compara Moria à fortaleza de Sauron - respondeu Gandalf. - Só eu aqui já estive nas masmorras do Senhor do Escuro, e mesmo assim, apenas na sua antiga moradia em Dol Guldur. Aqueles que atravessam os portões de Barad-dûr não retornam. Mas eu não os conduziria a Moria a não ser que houvesse esperança de sairmos de lá. Se houver orcs lá, é claro que podemos nos dar mal. Mas a maioria dos orcs das Montanhas Sombrias foi dispersada ou destruída na Batalha dos Cinco Exércitos. As Águias relatam que os orcs estão se reunindo de novo, vindos de longe, mas existe a esperança de que Moria ainda esteja livre.

- É até possível que os anões estejam lá, e que em algum salão profundo de seus pais possamos encontrar Balin, filho de Fundin. O que quer que aconteça, é preciso trilhar o caminho escolhido pela necessidade!

- Vou trilhar o caminho ao seu lado, Gandalf. - disse Gimli. - Vou procurar nos salões de Durin, não importa o que esteja esperando lá - se você conseguir encontrar as portas que estão fechadas.

- Muito bom, Gimli - disse Gandalf. - Você me encoraja. Vamos encontrar juntos as portas trancadas. E vamos atravessá -las. Nas ruínas dos anões, a cabeça de um anão tem menos chance de se confundir do que as dos elfos, homens ou hobbits.

Não será a minha primeira visita a Moria. Por um longo tempo , estive lá procurando Thráin, filho de Thrór, depois que ele desapareceu. Atravessei as Minas, e saí outra vez, vivo.

Eu também atravessei o Portão do Riacho Escuro certa vez - disse Aragorn em voz baixa. - Mas, embora também tenha saído vivo, as lembranças são muito maléficas. Não gostaria de entrar em Moria uma segunda vez.

- E eu não gostaria de entrar lá nem uma vez - disse Pippin.

- Nem eu - murmurou Sam.

- É claro que não - disse Gandalf. - E quem gostaria? Mas a pergunta é a seguinte: quem vai me seguir, se eu for para lá?

- Eu vou - disse Gimli cheio de vontade.

- Eu vou - disse Aragorn numa voz pesada. - Você seguiu minha liderança na neve, que quase acabou em desastre, e não teve uma palavra para me reprovar. Seguirei agora a sua liderança - se este último aviso não o demover. Não é no Anel, nem em nós aqui que estou pensando agora, mas em você, Gandalf. E digo a você: se passar pelas portas de Moria, tome cuidado!

- Eu não vou - disse Boromir. - A não ser que o voto de toda a Comitiva esteja contra mim. Que dizem Legolas e as pessoas pequenas? É evidente que a voz do Portador do Anel deve ser ouvida.

- Não quero ir para Moria - disse Legolas.

Os hobbits não disseram nada. Sam olhou para Frodo. Finalmente, Frodo falou. - Não quero ir - disse ele. - Mas também não quero recusar o conselho de Gandalf. Peço que não haja votação, antes que tenhamos dormido um pouco. Será mais fácil votar na luz da manhã do que nessa escuridão fria. Como os ventos uivam!

Ao ouvir essas palavras, todos caíram num silêncio profundo. Escutavam o vento chiar por entre os rochedos e árvores, e havia uivos e lamentos ao redor deles, nos espaços vazios da noite.

De repente, Aragorn se pôs de pé. - Como os ventos uivam - gritou ele. - Uivam como o uivar dos lobos. Os wargs se deslocaram para o Oeste das Montanhas!

- Então precisamos esperar pela manhã - disse Gandalf - É como eu digo. A caçada está em ação! Mesmo que vivamos para ver a aurora, quem agora gostaria de viajar para o Sul de noite, com os lobos selvagens atrás de nós?

- A que distância fica Moria? - perguntou Boromir.

- Havia uma porta, a Sudoeste de Caradhras, a cerca de quinze milhas num vôo de pássaro, e talvez vinte numa corrida de lobos - disse Gandalf austero.

- Então vamos partir logo que a luz apareça amanhã , se pudermos disse Boromir. - O lobo que se escuta é pior que o orc que se teme.

- É verdade - disse Aragorn, soltando a espada na bainha. - Mas onde o warg uiva, os orcs também rondam.

- Gostaria de ter obedecido o conselho de Elrond - murmurou Pippin para Sam. - Afinal de contas, não sou bom o suficiente. Não há em mim muito do sangue, de Bandobras, o Urratouro: esses uivos congelam meu sangue. Não me lembro de ter -me sentido tão desgraçado.

- Meu coração já está nos pés, Sr. Pippin - disse Sam. - Mas ainda não fomos devorados, e existem algumas pessoas fortes aqui conosco. O que quer que esteja reservado para o velho Gandalf, aposto que não é a barriga de um lobo.

Como defesa durante a noite, a Comitiva subiu ao topo da pequena colina sob a qual estiveram abrigados. Estava coberto por um emaranhado de árvores velhas e retorcidas, ao redor das quais ficava um círculo interrompido, feito de pedras. No centro fizeram uma fogueira, já que não havia esperanças de que a escuridão e o silêncio impedissem que sua trilha fosse descoberta por bandos de animais caçadores.

Sentaram-se ao redor da fogueira, e os que não estavam de guarda cochilaram inquietos.

O pobre pônei, Bill, de pé, tremia e suava. Os uivos dos lobos agora estavam por toda a volta, algumas vezes mais próximos, outras mais distantes. Na calada da noite, muitos olhos brilhantes foram vistos espiando sobre a saliência da colina.

Alguns avançaram quase até o círculo de pedras. Numa falha do círculo podia-se ver uma forma grande e escura de lobo, parada , observando-os.

Soltou um uivo de arrepiar, como se fosse um capitão chamando sua tropa para o assalto.

Gandalf levantou-se e avançou, segurando seu cajado no alto. - Escute, Cão de Sauron! - gritou ele. - Gandalf está aqui. Fuja, se der valor à sua pele asquerosa!

- Vou murchar você do rabo até o focinho, se ousar pôr as patas neste círculo.

O lobo rosnou e avançou em direção a eles com um grande salto. Nesse momento, ouviu-se um zunido agudo. Legolas tinha disparado seu arco.

Houve um grito medonho, e a figura que saltava caiu no chão com um som abafado; a flecha élfica tinha-lhe perfurado a garganta. Os olhos que espiavam desapareceram de repente. Gandalf e Aragorn andaram mais à frente, mas a colina fora abandonada; o bando de animais caçadores tinha fugido. Em toda a volta, a escuridão ficou silenciosa, e nenhum grito foi trazido no suspirar do vento.

A noite já estava terminando, e no Oeste a lua minguante descia, brilhando vacilante por entre as nuvens que se desmanchavam. De repente, Frodo despertou de seu sono. Sem avisar, uma tempestade de uivos soou, feroz e alucinada, por toda a volta do acampamento. Um grande bando de wargs tinha-se reunido em silencio, e agora os atacava por todos os lados de uma vez.

- Joguem lenha na fogueira - gritou Gandalf para os hobbits. Peguem suas espadas e fiquem uns de costas para os outros.

Na luz trêmula, quando a lenha nova se acendeu num clarão, Frodo viu muitas formas cinzentas pularem por sobre o círculo de pedras. Muitas outras as seguiram. Na garganta de um líder corpulento, Aragorn enterrou sua espada; com um grande impulso, Boromir decepou a cabeça de um outro. Ao lado deles, Gimli se postava com as robustas

pernas abertas, brandindo seu machado de anão. O arco de Legolas cantava.

Na luz inconstante do fogo, Gandalf pareceu crescer de repente: ergueu - se, numa grande figura ameaçadora, como o monumento de algum rei antigo de pedra, colocado sobre uma colina. Agachando-se como uma nuvem, ele levantou um feixe em chamas e caminhou em direção aos lobos, que recuaram. Jogou o feixe flamejante no ar a uma grande altura, A lenha fulgurou numa radiação súbita e branca, semelhante a um raio, e ouviu-se sua voz, estrondosa como um trovão.

- Naua an edraith ammen! Naur dan i ngaurhoth! - gritou ele. Houve um estrondo e um estalo, e a árvore sobre ele explodiu em folhas e botões de fogo que cegavam os olhos. O fogo atingiu, uma a uma, as copas das árvores. Toda a colina estava coroada por uma luz ofuscante. As espadas e facas dos defensores brilhavam e faiscavam.

A última flecha de Legolas se acendeu em chamas quando cruzou o ar, e queimando atingiu o coração de um grande chefe dos lobos. Todos os outros fugiram.

Lentamente, o fogo foi se extinguindo, até não sobrar nada além de cinzas e brasas; uma fumaça amarga se enrolava sobre os troncos das árvores, subindo da colina, escura, enquanto a primeira luz da aurora aparecia pálida no céu. Os inimigos tinham sido expulsos e não retornaram.

- O que eu disse ao senhor, Sr. Pippin? - disse Sam, embainhando sua espada. - Os lobos não vão pegar o Sr. Gandalf. Aquilo foi um aviso, sem dúvida! Quase chamuscou meu cabelo!

Quando a luz da manhã apareceu completamente, não se viam sinais dos lobos, e eles procuraram em vão os corpos dos mortos. Nenhum vestígio da fuga permanecia, a não ser pelas árvores carbonizadas e as flechas de Legolas espalhadas pelo topo da colina. Todas estavam perfeitas, exceto uma, da qual só sobrara a ponta.

- É como eu temia - disse Gandalf. - Estes não eram lobos comuns, caçando comida no ermo. Vamos comer rápido e partir! Naquele dia, o tempo mudou de novo, quase como se estivesse sob o comando de um poder que não via mais utilidade na neve, já que a Comitiva tinha - se retirado da passagem, um poder que desejava agora uma luz clara, na qual os seres que se movessem nas terras desertas pudessem ser vistos de longe.

O vento estivera mudando seu curso de Norte para Noroeste durante a noite, e agora tinha parado. As nuvens desapareceram em direção ao Sul, O Céu se abria, alto e azul. Quando pararam na encosta da colina, prontos para partir, a luz pálida do sol reluzia sobre os topos das montanhas,

- Temos de chegar às portas antes do pôr-do-sol - disse Gandalf -, ou receio que não possamos chegar até elas de forma alguma. Não é longe, mas nosso caminho pode ser cheio de curvas, pois nesta região Aragorn não pode nos guiar, raramente ele andou por aqui, e apenas uma vez eu estive sob a parede Oeste de Moria, e isso foi há muito tempo.

- Ali está a estrada - disse ele, apontando para o Sudeste, onde as encostas das montanhas desciam íngremes até a sombra de seus pés. Na distância, via-se uma fileira apagada de penhascos nus, e no meio deles, mais alta que o resto, uma grande parede cinzenta. - Quando deixamos a passagem, levei vocês na direção Sul, e não de volta ao ponto de partida, como alguns de vocês podem ter notado. Foi bom que fiz isso, pois agora temos muito menos milhas a atravessar, e estamos com pressa. Vamos!

- Não sei o que desejar - disse Boromir, austero, - Que Gandalf encontre o que procura, ou que chegando ao penhasco encontremos os portões perdidos para sempre. Todas as escolhas parecem ruins, e sermos capturados entre os lobos e a parede parece a chance mais provável. Vá na frente!

Gimli agora caminhava ao lado do mago. De tão ansioso que estava por chegar em Moria, Juntos conduziam a Comitiva de volta, em direção às montanhas . A comprida

estrada que antigamente conduzia a Moria vindo do Oeste se estendia ao longo do curso de um rio, o Sirannon, que saía da base dos penhascos, perto de onde ficavam as portas. Mas, ou Gandalf estava perdido ou então o terreno tinha mudado nos últimos anos, pois ele não atingiu o rio onde esperava encontrá-lo, apenas a algumas milhas de onde tinham partido.

A manhã já avançava em direção ao meio-dia, e ainda a Comitiva vagava aos tropeços num terreno deserto de pedras vermelhas. Em nenhum lugar puderam ver qualquer brilho de água ou ouvir o som dela. E tudo estava desolado e seco.

Sobreveio o desânimo. Não viam nenhum ser vivo, e não havia sequer um pássaro no céu; mas o que a noite traria, se os pegasse naquela terra perdida, nenhum deles queria pensar.

De repente, Gimli, que se tinha apressado à frente dos outros, voltou -se, chamando-os, Estava em pé sobre um rochedo, e apontava para a direita.
Subindo depressa, eles viram lá embaixo um canal fundo e estreito. Estava vazio e silencioso, e apenas um fio de água corria entre as pedras do leito, manchadas de vermelho e marrom; mas na margem mais próxima havia uma trilha, bastante obstruída e estragada, que seguia seu caminho desenhando curvas, por entre as paredes e as pedras que pavimentavam uma antiga estrada.

- Ah! Aqui está finalmente! - disse Gandalf. - É aqui que o rio corria.

Sirannon, o Riacho do Portão, costumavam chamá-lo. Mas o que aconteceu à água, não posso imaginar, costumava ser veloz e ruidosa. Venham! Precisamos nos apressar! Estamos atrasados.

A Comitiva tinha os pés doloridos e todos estavam cansados; mas foram caminhando com dificuldade ao longo da trilha acidentada e tortuosa por muitas milhas.

O sol já descia em direção ao Oeste. Depois de uma parada rápida e uma refeição apressada, partiram novamente. Diante deles, as montanhas se erguiam severas, mas a trilha pela qual seguiam se estendia sobre um vaio fundo, e eles só conseguiam ver as saliências mais altas, e os picos distantes ao Leste.

Finalmente, atingiram uma curva fechada. Ali a estrada, que antes estivera desviando seu curso para o Sul, entre a borda do canal e uma queda abrupta do terreno a esquerda, virava e voltava a rumar para o Leste. Contornando a curva, eles viram adiante um penhasco baixo, de uns dez metros de altura, com o topo quebrado em várias pontas, Por ele um fio de água escoava aos pingos, através de uma fenda larga que parecia ter sido formada por uma cachoeira que havia sido antes forte e caudalosa.

- De fato, as coisas mudaram! - disse Gandalf - Mas não há duvida quanto ao lugar. Ali está tudo o que sobrou da Cachoeira da Escada. Se me lembro bem, havia um lance de degraus cortados na rocha ao lado, mas a estrada principal contornava pela esquerda e subia dando várias voltas até a Planície no topo.

Havia um vale raso além da cachoeira, que conduzia direto para as Muralhas de Moria, e o Sirannon corria ao lado, acompanhado pela estrada. Vamos ver como as coisas estão agora! Encontraram os degraus de pedra sem dificuldade, e Gimli os subiu rapidamente, seguido por Gandalf e Frodo. Quando chegaram ao topo, perceberam que não poderiam continuar por ali, e a razão para a extinção do riacho foi revelada.

Atrás deles, o sol que se punha enchia o frio céu do Oeste de ouro reluzente. À frente, se espalhava um lago escuro e parado. Nem o céu, nem o pôr-do-sol refletiam-se em sua superfície sombria.

O Sirannon tinha sido represado, e suas águas enchiam agora todo o vale.

Além da água agourenta erguiam-se vastos penhascos, cujas encostas austeras estavam pálidas na luz minguante: impossíveis de se atravessar.

Frodo não pôde ver qualquer sinal de portão ou entrada, nem uma fissura ou fenda na rocha hostil.

- Ali estão as Muralhas de Moria - disse Gandalf, apontando em direção à outra margem da água. - E ali ficava o Portão, outrora, a Porta Élfica no final da estrada que vinha de Azevim, pela qual viemos. Mas este caminho está bloqueado.

Ninguém da Comitiva, eu acho, estaria disposto a nadar nessa água sombria no fim do dia.

Tem uma aparência maligna.

- Devemos achar uma passagem contornando a encosta Norte - disse Gimli. - A primeira coisa que a Comitiva tem a fazer é escalar pelo caminho principal e ver aonde ele nos conduzirá. Mesmo que não houvesse o lago, não poderíamos levar nosso pônei com as bagagens por esta escada.

- Mas de qualquer modo, não podemos levar o pobre animal para dentro das Minas - disse Gandalf. - O caminho sob as montanhas é um caminho escuro, e há lugares estreitos e íngremes pelos quais ele não poderá passar, mesmo que nós consigamos.

- Pobre Bill - disse Frodo. - Não tinha pensado nisso. E pobre Sam! Fico pensando no que ele vai dizer.

- Sinto muito - disse Gandalf - O pobre Bill tem sido um companheiro útil, e corta meu coração pensar que devemos soltá -lo agora. Eu preferia ter viajado com menos bagagens e não ter trazido animal algum, e menos ainda este, do qual Sam gosta tanto, se tivesse podido escolher. Durante todo o tempo receei que teríamos de tomar esta estrada.

O dia chegava ao fim, e estrelas frias cintilavam no céu acima do sol poente, quando a Comitiva, na maior velocidade possível, subia as encostas e atingia a margem do lago. Sua largura parecia não ultrapassar quatrocentos ou seiscentos metros no ponto mais amplo. A que distância ele se estendia em direção ao Sul não podiam ver na luz que se apagava, mas a extremidade Norte não ficava a mais de meia milha de onde estavam, e entre as bordas rochosas que envolviam o vale e a beira da água havia um trecho de chão aberto. Todos se apressaram, pois tinham ainda uma ou duas milhas para caminhar antes de chegarem ao ponto na margem oposta, para o qual Gandalf se dirigia; depois disso, ele ainda teria de encontrar as portas.

Quando chegaram ao ponto mais distante do lado Norte do lago, encontraram um riacho estreito que lhes barrava o caminho. Era verde e estagnado, estendido como um braço limboso em direção às colinas que cercavam o lugar. Gimli foi à frente sem medo, e descobriu que a água era rasa, chegando apenas à altura dos tornozelos na beirada. Atrás dele, foram todos em fila, pisando com cuidado, pois sob as poças cobertas de vegetação havia pedras escorregadias e pisar ali era perigoso. Frodo estremeceu enojado, ao sentir o toque da água suja em seus pés.

No momento em que Sam, o último da Comitiva, conduzia o pônei para o terreno seco do outro lado, houve um ruído baixo: um zunido, seguido de outro barulho, como se algo tivesse caído na água, ou como se um peixe tivesse perturbado a superfície parada da água. Voltando-se rápido, viram ondas, negras sob a luz que enfraquecia: grandes círculos se expandiam a partir de um ponto distante dentro do lago. Houve um barulho de bolhas, e depois silêncio. A escuridão aumentava, e os últimos brilhos do sol foram velados por nuvens.

Gandalf agora forçava um passo rápido, e os outros o seguia m o mais rápido que conseguiam. Alcançaram a tira de terra seca entre o lago e os penhascos: era estreita, geralmente de uma largura que não chegava a doze metros, e cheia de rochas e pedras caídas; mas eles encontraram um caminho, agarrando -se ao penhasco, e mantendo a maior distância possível da água escura. Uma milha mais ao Sul ao longo da praia,

encontraram azevinhos. Tocos e ramos mortos apodreciam nas partes mais rasas; ao que parecia, restos de antigas moitas, ou de uma cerca -viva que certa vez teria emoldurado a estrada através do vale submerso. Mas próximas ao penhasco ainda havia, fortes e vivas, duas árvores altas, mais altas que qualquer azevinheiro que Frodo jamais tinha visto ou imaginado. As grandes raízes se espalhavam da rocha até a água. Sob os imponentes penhascos, tinham parecido meros arbustos, quando vistas à distância, do topo da Escada. Mas agora se erguiam acima das cabeças, rígidas, escuras e silenciosas, jogando profundas sombras noturnas em volta de seus pés, eretas como pilares feito sentinelas no final da estrada.

- Bem, finalmente estamos aqui - disse Gandalf. - Aqui termina o Caminho dos Elfos de Azevim. O Azevinho era o símbolo do povo daquela terra, e eles o plantaram aqui para marcar o fim de seu domínio, pois a Porta Oeste foi feita principalmente para ser usada por eles em seu comércio com os Senhores de Moria. Aqueles foram dias mais felizes, quando havia ainda uma forte amizade entre povos de raças diferentes, até mesmo entre anões e elfos.

- Não foi por culpa dos anões que a amizade acabou - disse Gimli.

- Nunca soube que tenha sido culpa dos elfos - disse Legolas.

- Ouvi as duas coisas - disse Gandalf -, e não vou fazer um julgamento agora. Mas peço a vocês dois, Legolas e Gimli, que pelo menos sejam amigos, e que me ajudem. Preciso de ambos. As portas estão fechadas e escondidas, e quanto mais rápido as encontrarmos, melhor. A noite está chegando.

Voltando-se para os outros, ele disse: - Enquanto procuro, vocês poderiam se aprontar para entrar nas Minas? Pois aqui receio que devamos dizer adeus ao nosso bom animal de carga. Devem deixar de lado a maior parte das coisas que trouxemos contra o clima mais rigoroso: não vão precisar delas lá dentro, e nem, espero, quando tivermos atravessado e avançarmos para o Sul. No lugar dessa bagagem, cada um de vocês deve pegar uma parte do que o pônei vinha carregando, especialmente a comida e os frascos de água.

- Mas não podemos deixar o pobre e velho Bill para trás neste lugar abandonado, Sr. Gandalf. - gritou Sam, furioso e aflito. - Não vou permitir isso, e ponto final! Depois de ele ter vindo até aqui e tudo mais!

- Sinto muito, Sam - disse o mago. - Mas quando a Porta se abrir, acho que você não vai conseguir puxar o seu Bill para dentro. Terá de escolher entre Bill e seu patrão. Ele seguiria o Sr. Frodo até dentro da caverna de um dragão, se eu permitisse - protestou Sam. - Não faria nenhuma diferença matá-lo ou soltá-lo aqui, com todos esses lobos rondando.

- Espero que faça alguma diferença - disse Gandalf, colocando a mão sobre a cabeça do pônei, e falando em voz baixa. - Vá e leve consigo palavras de proteção e orientação - disse ele. - Você é um animal sábio, e aprendeu muito em Valfenda. Faça seu caminho por lugares onde possa achar capim, e desse modo chegue em tempo à casa de Elrond, ou a qualquer lugar aonde deseje ir.

- Olhe, Sam! Ele vai ter exatamente a mesma chance que nós de escapar dos lobos e chegar em casa.

Sam ficou parado obstinadamente ao lado do pônei, sem responder nada.

Bill, parecendo entender bem o que estava acontecendo, aproximou-se dele, colocando o focinho perto da orelha de Sam. Sam rompeu em lágrimas, soltando as correias e descarregando todas as mochilas do pônei, jogando -as no chão. Os outros escolheram as coisas, fazendo uma pilha de tudo o que poderia ser deixado para trás, e dividindo o resto entre si.

Quando terminaram de fazer isso, voltaram-se para Gandalf. Ele parecia não ter feito nada. Estava parado entre as duas árvores, olhando fixamente a parede lisa do penhasco, como se fosse perfurá-la com os olhos. Gimli andava de um lado para o outro, batendo na pedra aqui e ali com seu machado.

Legolas se encostava contra a parede, como se tentasse escutar alguma coisa.

- Bem, aqui estamos nós, todos prontos - disse Merry. - Mas onde estão as Portas? Não vejo qualquer sinal delas.

- As Portas dos Anões não são feitas para ficarem visíveis quando fechadas - disse Gimli. - São invisíveis, e nem mesmo seus donos podem encontrá -las ou abri-las, se seu segredo for esquecido.

- Mas esta Porta não foi feita para ser um segredo conhecido apenas pelos anões - disse Gandalf, de repente voltando ao normal e virando -se para os outros. - A não ser que as coisas estejam completamente mudadas, olhos que sabem o que procurar podem encontrar os sinais.

Andou para frente, em direção à parede. Exatamente no meio da sombra das árvores havia uma superfície lisa, sobre a qual ele passou suas mãos de um lado para o outro, murmurando palavras num tom baixo. Então recuou outra vez.

- Olhem! - disse ele. - Podem ver alguma coisa agora? A lua agora brilhava sobre a face cinza da pedra; mas os outros não puderam ver mais nada por um tempo. Então, lentamente, sobre a superfície, onde as mãos do mago tinham passado, linhas claras apareceram, como veias finas de prata correndo na pedra. No início, não passavam de uma teia de prata, tão fina que apenas piscava oscilante nos pontos onde a luz da lua batia, mas gradativamente as linhas ficavam mais largas e visíveis, até que se pôde adivinhar o desenho que formavam.

Na parte superior, numa altura que o braço de Gandalf podia alcançar, via-se um arco de letras entrelaçadas, letras que pertenciam à língua dos elfos. Abaixo, embora as linhas estivessem em alguns pontos borradas e quebradas, podia-se ver o contorno de uma bigorna e um martelo, abaixo de uma corôa com sete estrelas. Abaixo destas estavam duas árvores, cada uma carregando luas crescentes, Mais nítida que todo o resto brilhava, bem no meio da porta, uma única estrela com muitas pontas.

- Lá estão os emblemas de Durin! - gritou Gimli.

- E ali está a Árvore dos Altos-elfos! - disse Legolas.

- E a Estrela da Casa de Fêanor - disse Gandalf - Estão gravados em Ithildin, que reflete apenas a luz do sol e a da lua, e fica adormecido até que seja tocado por uma pessoa que pronuncie palavras há muito esquecidas na Terra -média. Faz tempo que as ouvi, e tive de pensar muito antes de trazê -las de volta à mente.

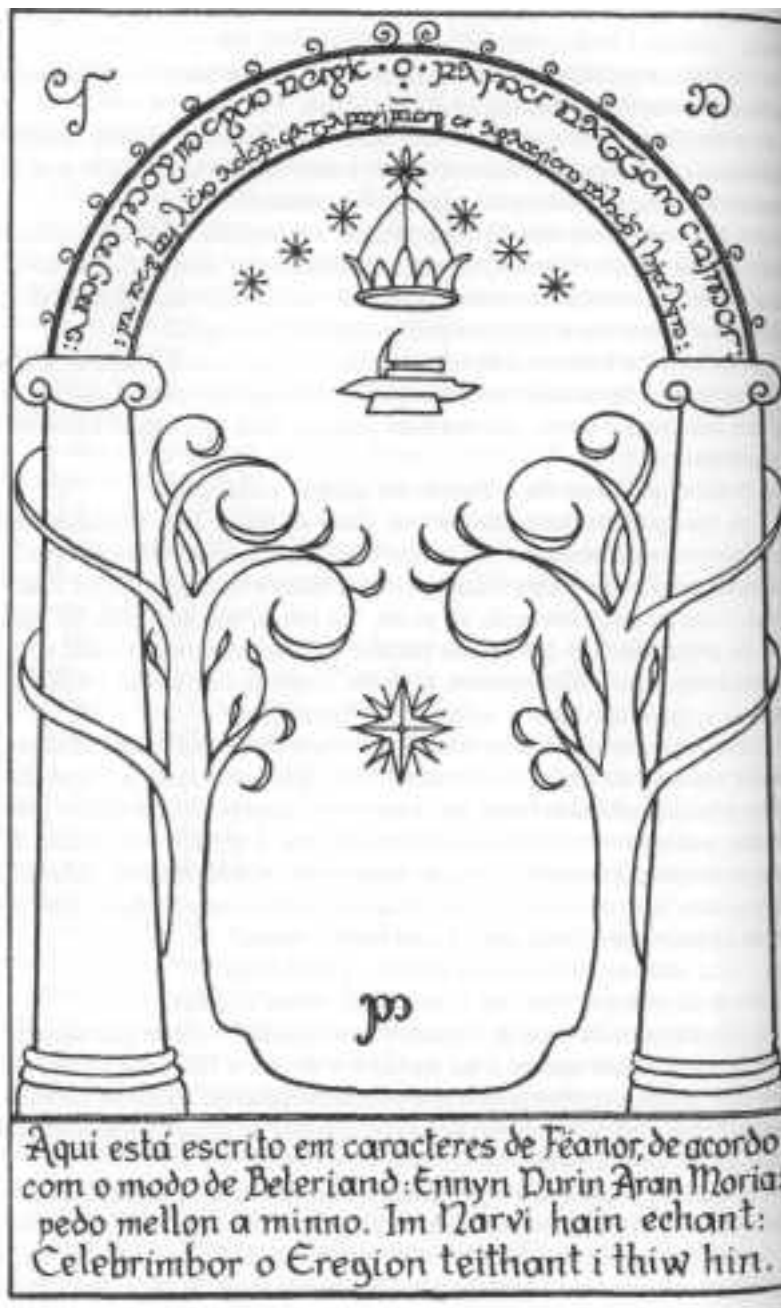
- Que diz a inscrição? - perguntou Frodo, que tentava decifrar a inscrição no arco, - Pensei conhecer as letras dos elfos, mas não consigo ler estas.

- As palavras estão na língua élfica do Oeste da Terra -média dos Dias Antigos - respondeu Gandalf. - Mas não dizem nada de importante para nós. Dizem apenas: As Portas de Durin, Senhor de Moria. Fale, amigo, e entre. E abaixo está escrito, em letras pequenas e apagadas: Eu, Narvi, as fiz. Celebribor de Azevim desenhou estes sinais.

- Que quer dizer a frase fale, amigo, e entre? - perguntou Merry.

- Exatamente isso! - disse Gimli. - Se você é amigo, pronuncie a palavra secreta, e as portas se abrirão, e você poderá entrar.

- Sim - disse Gandalf -, estas portas provavelmente são comandadas por palavras. Alguns dos portões dos anões só se abrem em ocasiões especiais, apenas para pessoas determinadas, e alguns ainda têm fechaduras e chaves que são indispensáveis, mesmo quando as ocasiões e as palavras necessárias são conhecidas. Estas portas não têm chave.

Nos dias de Durin, não eram secretas. Geralmente ficavam abertas, e guardas ficavam aqui a postos. Mas se estivessem fechadas, qualquer um que conhecesse a palavra correta poderia pronunciá-la e entrar. Pelo menos assim registrou a história, não é, Gimli?

- É sim - disse o anão. - Mas ninguém se lembra da palavra. Narvi, seu ofício e todo seu povo desapareceram da terra.

- Mas você sabe a palavra, Gandalf? - perguntou Boromir surpreso.

- Não! - disse o mago.

Os outros olharam desolados; apenas Aragorn, que conhecia bem Gandalf, permaneceu em silêncio e imóvel.

- Então, de que adiantou nos trazer até este ponto maldito? - gritou Boromir, voltando-se para olhar a água com um calafrio. - Disse-nos que uma vez tinha passado através das Minas. Como pode ser, se você não sabia como entrar?

- A resposta à sua primeira questão, Boromir - disse o mago -, é que eu não sei a palavra - ainda. Mas logo veremos. E - acrescentou ele com um brilho nos olhos sob as

sobrancelhas grossas - você pode perguntar qual a utilidade de meus feitos quando eles demonstram ser inúteis. Quanto à sua segunda pergunta: duvida do que contei? Ou não lhe sobra nenhuma inteligência? Eu não entrei por aqui. Vim pelo Leste.

- Se quiser saber, vou dizer que essas portas se abrem para fora. De dentro, pode-se abri-las com as mãos. De fora, nada poderá movê-las, a não ser o encanto de comando. Não se pode forçá-las para dentro.

- Que vai fazer então? - perguntou Pippin, não se assustando com as sobrancelhas grossas do mago.

- Bata nas portas com a cabeça, Peregrin Túk - disse Gandalf - Mas se isso não as abalar, e se me permitirem um pouco de paz, sem perguntas tolas, procurarei as palavras para abri-la.

- Certa vez eu sabia todos os encantamentos em todas as línguas, de elfos, homens ou orcs, que eram usados para esse propósito. Ainda posso lembrar um grande número desses encantamentos sem ter de vasculhar minha mente. Mas serão necessárias apenas algumas tentativas, eu acho, e não precisarei chamar Gimli para lhe perguntar as palavras secretas dos anões que eles não ensinam a ninguém. As palavras secretas eram élficas, como a inscrição no arco: isso parece certo.

Voltou-se para o rochedo outra vez, e tocou de leve com o cajado a estrela de prata que ficava no meio, abaixo do sinal da bigorna.

- Annon edhellen, edro hi ammen! Fennas nogothrim, lasto beth lamment!, disse ele numa voz de comando. As linhas de prata desapareceram, mas a pedra cinzenta não se moveu.

Muitas vezes repetiu essas palavras em ordem diferente, ou variando-as.

Então tentou outros encantamentos, um após o outro, falando algumas vezes mais rápido e alto, outras vezes baixo e devagar. Depois pronunciou muitas palavras isoladas, da língua dos elfos. Nada aconteceu.

O penhasco se erguia na escuridão, as incontáveis estrelas estavam acesas, o vento soprava frio, e as portas continuavam cerradas.

Mais uma vez, Gandalf se aproximou da parede rochosa, e levantando a voz falou em tons de comando e ira crescente.

- Edro, edro! Gritava ele, e batia na pedra com o cajado. Abra, abra! Berrou, e pronunciou o mesmo comando em todas as línguas que já tinha falado no Oeste da Terra-média. Depois jogou o cajado no chão e sentou-se em silêncio.

Naquele momento, o vento começou a trazer, de um ponto distante, até seus ouvidos atentos, o uivo de lobos. Bill, o pônei, teve um sobressalto, e Sam pulou para perto dele, sussurrando baixinho aos seus ouvidos.

- Não o deixe fugir! - disse Boromir. - Parece que vamos precisar dele ainda, se os lobos não nos acharem. Como eu odeio esse lago nojento! Abaixou-se e, pegando uma pedra grande, jogou-a longe para dentro da água escura.

A pedra desapareceu com um ruído abafado, mas, no mesmo instante, ouviu-se um zunido e água borbulhando. A superfície da água se encrespou em grandes círculos, que se originavam no ponto onde a pedra havia caído, e que se aproximavam lentamente do pé do penhasco.

- Por que fez isso, Boromir? - perguntou Frodo. - Também odeio este lugar, e estou com medo. Não sei do quê: não é dos lobos, ou do escuro que nos espera atrás das portas, mas de alguma outra coisa. Tenho medo do lago. Não o incomode!

- Gostaria que pudéssemos sair deste lugar - disse Merry.

- Por que Gandalf não faz alguma coisa logo? - disse Pippin. Gandalf não prestava atenção neles. Estava sentado, com a cabeça curvada. Ou em desespero ou num

pensamento ansioso. Ouviu -se outra vez o uivo lamentoso dos lobos. Os círculos na água cresciam e chegavam mais perto; alguns já batiam contra a margem.

Num rompante, assustando a todos, o mago pulou de pé. Estava rindo!

- Consegui! - gritou ele. - É claro, é claro! Absurdamente simples, como a maioria dos enigmas quando você descobre a resposta.

Pegando o cajado, parou diante da porta e disse numa voz clara: Mellon! A estrela brilhou por uns instantes e desapareceu outra vez. Então, silenciosamente, surgiu o contorno de um grande portal, embora nenhuma fenda ou fissura estivesse visível antes. Dividiu-se ao meio e se abriu para fora, pouco a pouco, até que ambas as portas se encostaram contra a parede rochosa. Através da abertura, podia- se ver uma escada sombria, subindo inclinada; mas além dos degraus mais baixos, a escuridão era mais profunda que a noite. A Comitiva observava, estupefata.

- No fim, eu estava errado - disse Gandalf. - E Gimli também. Merry, quem diria, estava na pista certa. A palavra secreta estava inscrita no arco o tempo todo! A tradução correta era: Diga "Amigo" e entre. Eu só tinha de pronunciar a palavra élfica correspondente a amigo e as portas se abririam. Simples demais para um erudito mestre nas tradições nestes dias suspeitos. Aqueles eram tempos mais felizes. Agora vamos!

Foi na frente, e colocou o pé no primeiro degrau. Mas, nesse momento, várias coisas aconteceram. Frodo sentiu algo agarrá -lo pelo tornozelo, e caiu com um grito.

Bill, o pônei, soltou um relincho alucinado de medo e, virando-se, disparou margeando o lago, para dentro da escuridão. Sam se atirou no encalço dele e então, ouvindo o grito de Frodo, correu de volta, gritando e praguejando. Os outros se voltaram e viram as águas do lago fervilhando, como se um exército de serpentes viesse nadando da extremidade sul.

Um longo e sinuoso tentáculo tinha saído da água; era de um verde-claro, luminoso e úmido. A extremidade em forma de dedos prendera o pé de Frodo, e agora o arrastava para dentro da água. Sam, de joelhos, golpeava a garra com uma faca.

O braço soltou Frodo, e Sam o puxou para fora, gritando por socorro.

Vinte outros braços apareceram, avançando na direção dele e se agitando.

A água escura fervia, e um cheiro medonho se espalhava no ar.

- Para dentro! Subam a escada! Rápido! - gritou Gandalf, pulando para trás. Despertando-os do terror que parecia ter aprisionado ao solo os Pés de todos, com a exceção de Sam, conduziu-os adiante.

Quase não deu tempo. Sam e Frodo tinham subido apenas alguns degraus, e Gandalf mal começava a subir a escada, quando os tentáculos ávidos serpentearam em direção à margem estreita e tatearam a parede do rochedo e as portas. Um deles chegou meneando até a entrada da passagem, reluzindo à luz das estrelas.

Gandalf se voltou e parou. Se estava pensando numa palavra para fechar a porta outra vez, de dentro, não havia necessidade. Muitos braços sinuosos se agarraram às portas dos dois lados, e com uma força terrível as empurraram. Com um eco ensurdecedor elas se fecharam, e perdeu-se toda a luminosidade. Através da rocha sólida ouvia-se o ruído de algo se quebrando, ou sendo rasgado.

Sam, pendurado ao braço de Frodo, tropeçou num degrau devido à escuridão negra. - Pobre Bill - disse Sam numa voz sufocada. - Pobre Bill, lobos e serpentes! Mas as serpentes foram demais para ele. Tive de escolher, Sr. Frodo. Tinha de vir com o senhor.

Escutaram Gandalf voltar descendo os degraus, e bater nas portas com o cajado. Houve um tremor na pedra e a escada oscilou, mas as portas não se abriram.

- Muito bem! - disse o mago. -A passagem atrás de nós está bloqueada agora, e só existe uma saída - do outro lado das montanhas. Receio, pelos ecos, que haja um monte

de pedras contra o portão e que as árvores tenham sido arrancadas e atravessadas diante dele. Sinto muito, pois eram bonitas e estavam ali havia muito tempo.

- Senti que algo horrível estava próximo desde o primeiro momento em que meu pé tocou a água - disse Frodo. - O que era aquela coisa, ou havia muitas delas?

- Não sei - respondeu Gandalf -, mas os braços estavam todos sendo guiados por um único propósito. Alguma coisa se arrastou, ou foi trazida para fora das águas escuras sob as montanhas. Existem seres mais velhos e repugnantes que os orcs nos lugares profundos do mundo. - Não falou em voz alta o que estava pensando: que qualquer que fosse a criatura habitante daquele lago, ela tinha agarrado Frodo antes de qualquer outro.
Boromir murmurou em voz baixa, mas o eco da rocha amplificou o som para um sussurro alto que todos puderam escutar: - Nos lugares profundos do mundo! E para ali estamos indo, contra minha vontade. Quem agora vai nos guiar nessa escuridão mortal?

- Eu - disse Gandalf -, e Gimli deve caminhar ao meu lado. Sigam meu cajado! Quando o mago avançou subindo os degraus largos, ergueu seu cajado, de cuja ponta emanou uma irradiação fraca. A ampla escada era segura e não estava danificada. Contaram duzentos degraus, largos e rasos; no topo encontraram uma passagem em arco, sobre um chão plano conduzindo para dentro da escuridão.

- Vamos nos sentar para descansar e comer alguma coisa, aqui neste patamar, já que não achamos uma sala de jantar - disse Frodo, que agora parava de tremer do susto provocado pelo braço que o agarrara, e subitamente sentiu uma fome enorme.

A proposta foi bem recebida por todos; sentaram -se nos degraus mais altos, figuras apagadas na escuridão. Depois de comerem, Gandalf deu a todos um terceiro gole do miruvor de Valfenda.

- Receio que não dure por muito mais tempo - disse ele. - Mas acho que precisamos de um pouco, depois do pavor que passamos na entrada. E, a não ser que tenhamos muita sorte, vamos precisar de todo o resto antes de atingirmos o outro lado! Tenham cuidado com a água também! Há muitos riachos e poços nas Minas, mas não devem ser tocados. É possível que não tenhamos oportunidade de encher nossos frascos e garrafas até descermos para o Vale do Riacho Escuro.

- Quanto tempo vai demorar para chegarmos lá?

- Não posso dizer - disse Gandalf. - Depende de muitas coisas. Mas indo em linha reta, sem errar o caminho, pode levar três ou quatro marchas, eu acho. Não deve haver menos de quarenta milhas entre o Portão Oeste e o Portão Leste, em linha reta, e a estrada pode ter muitas curvas.

Logo depois de um breve descanso, começaram a caminhar outra vez. Todos estavam ansiosos para terminar a viagem o mais rápido possível, e dispostos, cansados como estavam, a continuar a marcha ainda por várias horas. Gandalf ia na frente como antes. Na mão esquerda segurava o cajado reluzente, cuja luz mostrava apenas o chão diante de seus pés. Na mão direita carregava a espada Glamdring. Atrás vinha Gimli, com os olhos faiscando na luz fraca, enquanto virava a cabeça de um lado para outro. Atrás do anão caminhava Frodo, que tinha retirado da bainha sua espada, Ferroada. Nenhum brilho emanava das lâminas de Ferroada e Glamdring, e isso já era algum consolo, pois, sendo o trabalho de ferreiros élficos dos Dias Antigos, essas espadas brilhariam com uma luminosidade fria, se algum orc estivesse próximo.

Atrás de Frodo ia Sam, e depois deste Legolas, e os jovens hobbits, e Boromir. Na escuridão atrás destes, austero e silencioso, caminhava Aragorn.

A passagem fez algumas curvas, e depois começou a descer. Continuou constantemente para baixo por um tempo, antes de ficar plana de novo.

O ar ficou quente e abafado, mas não era desagradável, e algumas vezes eles

sentiam no rosto correntes de ar mais fresco, que vinham de aberturas semi-ocultas nas paredes. Havia muitas dessas aberturas. No raio pálido do cajado do mago, Frodo via de relance escadas e arcos, além de outras passagens e túneis, que se dirigiam para cima, ou desciam abruptamente, ou se abriam numa escuridão vazia de ambos os lados. Qualquer u m ficaria desnorteado. Gimli era de pouca ajuda para Gandalf, a não ser por sua vigorosa coragem. Pelo menos não se incomodava, ao contrário dos outros, com a escuridão em si.

Freqüentemente, o mago o consultava em pontos onde a escolha de caminhos era duvidosa, mas era sempre Gandalf quem dizia a última palavra. As Minas de Moria eram vastas e intrincadas, mais do que podia conceber a imaginação de Gimli, filho de Glóin, embora fosse um anão da raça das montanhas. Para Gandalf, as lembranças de uma viagem realizada há muito tempo eram agora de pouca ajuda, mas mesmo na escuridão, e apesar de todas as curvas da estrada, ele sabia aonde desejava ir, e não vacilou, enquanto havia um caminho que conduzia na direção de seu objetivo.

- Não tenham medo - disse Aragorn. Estavam fazendo uma pausa mais longa do que costumavam, e Gandalf e Gimli conversavam em voz baixa; os outros estavam reunidos mais atrás, esperando ansiosos. - Não tenham medo! Estive com ele em muitas viagens, apesar de nunca ter participado de uma jornada tão escura; há histórias em Valfenda que contam coisas que ele fez, maiores que quaisquer outras que já vi. Ele não vai se perder, se houver um caminho para se encontrar. Trouxe-nos aqui contra nossos temores, mas nos conduzirá para fora, a qualquer preço que precisar pagar. É mais provável ele encontrar o caminho de casa numa noite cega do que os gatos de Rainha Berúthiel.

Para a Comitiva, era bom ter um guia assim. Eles não tinham combustível, nem qualquer jeito de acender tochas; na fuga desesperada pela passagem, muitas coisas tinham sido abandonadas. Mas sem qualquer luz, logo teriam fracassado. Não só havia muitas estradas para escolher, mas também em muitos pontos havia buracos e alçapões, e poços escuros ao lado do seu caminho, nos quais seus pés ecoavam conforme iam passando. Havia fissuras e rachaduras nas paredes e no chão, e de quando em quando uma fenda se abria bem diante de seus pés. A mais larga delas tinha Mais de dois metros de largura, e demorou muito até que Pippin conseguisse criar coragem para saltar sobre aquele vazio aterrorizante. O barulho da água se agitando subia lá debaixo, como se alguma roda de moinho estivesse virando nas profundezas.

- Corda! - murmurou Sam. - Sabia que ia me arrepender se não a trouxesse.

À medida que esses perigos ficavam mais freqüentes, a marcha tornava -se mais lenta. Já lhes parecia que estavam andando sempre em frete, num caminho sem fim que conduzia às raízes da montanha. Estavam mais que cansados, e mesmo assim não parecia haver consolo na idéia de pararem em qualquer lugar.

O ânimo de Frodo se elevara um pouco depois da escapada, e depois de comer algo e tomar um gole da bebida; mas agora uma forte inquietude, que chegava às raias do medo, tomava conta dele outra vez. Embora em Valfenda tivesse sido curado do golpe de faca, esse ferimento cruel não deixara de ter efeitos. Os sentidos de Frodo estavam mais aguçados e sensíveis a coisas que não se podiam ver. Um sinal de mudança de que logo teve consciência foi o fato de poder enxergar mais no escuro que qualquer um de seus companheiros, talvez com exceção de Gandalf. E, de qualquer forma, ele era o Portador do Anel: estava pendurado na corrente que lhe pendia do pescoço, e às vezes parecia um fardo pesado. Frodo tinha certeza do perigo que o esperava à frente, e do perigo que o seguia, mas não dizia nada. Segurou mais firme no punho de sua espada e foi em frente, obstinado.

A Comitiva atrás dele raramente falava, e mesmo assim em sussurros apressados.

Não havia ruído além do ruído de seus próprios pés; os passos pesados e monótonos das botas de anão de Gimli; o pisar forte de Boromir, os passos leves de Legolas; as batidas suaves, quase inaudíveis dos pés dos hobbits, e atrás os pés lentos e firmes de Aragorn, com seu passo largo. Quando paravam por uns instantes, não se ouvia nada, a não ser ocasionalmente o ruído distante de água correndo ou gotejando, invisível. Mesmo assim, Frodo começou a ouvir, ou a imaginar que ouvia, alguma outra coisa: semelhante a passos de pés macios e descalços.

O som nunca estava alto o suficiente, nem próximo o suficiente, para que Frodo tivesse certeza do que escutava; mas, uma vez começado, nunca cessava, enquanto a Comitiva estivesse em movimento.

Mas não era um eco, pois quando paravam o som dos passos continuava por uns instantes, sozinho, e então silenciava.

Já era noite quando haviam entrado nas Minas. Tinham caminhado por várias horas, fazendo apenas paradas rápidas, quando Gandalf deparou COM seu primeiro grande teste.

Diante dele estava um arco amplo e escuro, que se abria para três passagens: todas conduziam mais ou menos para a mesma direção, o Leste, mas a passagem à esquerda descia vertiginosamente, enquanto a da direita subia, e o caminho do meio parecia continuar, suave e plano, mas muito estreito.

- Não me lembro de modo algum deste lugar! - disse Gandalf parando indeciso sob o arco. Levantou o cajado na esperança de haver alguma marca ou inscrição que pudesse ajudá-lo em sua escolha, mas nada disso apareceu. - Estou cansado demais para decidir - disse ele, balançando a cabeça. - E suponho que todos vocês estejam tão cansados quanto eu, ou ainda mais cansados. É melhor pararmos aqui pelo resto da noite. Sabem o que quero dizer! Aqui está sempre escuro, mas lá fora a lua tardia já se dirige para o Oeste, e a meia-noite já passou.

- Pobre Bill! - disse Sam. - Fico imaginando onde estará. Espero que aqueles lobos ainda não o tenham capturado.

À esquerda do grande arco, encontraram uma porta de pedra: estava parcialmente fechada, mas se abriu facilmente a um leve empurrão. Atrás dela parecia haver um quarto, cortado na rocha.

- Calma! Calma! - gritou Gandalf, quando Merry e Pippin empurraram a porta para frente, felizes por encontrar um lugar onde poderiam descansar com pelo menos um pouco mais de sensação de abrigo do que na passagem aberta. - Calma! Vocês ainda não sabem o que está aí dentro. Vou na frente.

Entrou com cuidado, e os outros fizeram uma fila atrás. - Aí está! Disse ele apontando com o cajado para um ponto no meio do chão. Diante deles, viram um buraco grande e redondo, como a boca de um poço. Correntes quebradas e enferrujadas estavam caídas sobre a borda, e desciam pelo poço negro. Ao redor estavam fragmentos de pedra.

- Um de vocês poderia ter caído, e agora ainda estaria imaginando quando iria chegar ao fundo - disse Aragorn para Merry. - Deixem que o guia vá na frente, enquanto vocês ainda têm um.

- Este lugar parece ter sido uma guarita, feita para que as três passagens fossem vigiadas - disse Gimli. - É fácil perceber que aquele buraco foi um poço para o uso dos guardas, coberto com uma tampa de pedra. Mas a tampa está quebrada, e todos nós devemos nos precaver no escuro.

Pippin se sentiu curiosamente atraído pelo poço. Enquanto os outros estavam desenrolando cobertores e preparando leitos próximos às paredes da sala, o mais longe possível do buraco no chão, ele se arrastou até a borda e espiou lá dentro.

Um ar frio pareceu bater em seu rosto, subindo de profundezas invisíveis.

Movido por um súbito impulso, ele tateou o chão procurando uma pedra solta, deixando-a cair no poço. Sentiu o coração bater moitas vezes antes que se ouvisse qualquer som.

Então, lá embaixo, como se a pedra tivesse caído em águas profundas, nalgum lugar cavernoso, ouviu-se um ruído bem distante, mas amplificado e repetido no poço oco.

- Que foi isso? - perguntou Gandalf. Ficou aliviado quando Pippin confessou o que tinha feito; mas ficou furioso, e Pippin pôde ver seus olhos faiscando.

- Seu Túk tolo! - rosnou ele. - Esta é uma viagem séria, não um piquenique de hobbits. Atire-se da próxima vez, e então não vai mais atrapalhar. Agora, fique quieto!

Nada mais se ouviu por vários minutos; mas depois, das profundezas, vieram batidas fracas: tum-tá, tá-tum. Pararam, e quando os ecos silenciaram, as batidas se repetiram: tá-tum, tum-tá, tá-tá, tum, Soavam como sinais de algum tipo, e provocaram inquietação em todos; mas depois de um tempo as batidas silenciaram e não se ouviram de novo.

- Aquilo foi o som de um martelo, ou eu nunca ouvi um martelo disse Gimli.

- Sim - disse Gandalf -, e eu não gosto disso. Pode não ter nada a ver com a pedra tola de Peregrin, mas provavelmente alguma coisa foi incomodada, e seria melhor tê-la deixado quieta. Por favor, não façam nada assim outra vez! Vamos tentar descansar um pouco sem mais problemas. Você, Pippin, pode fazer o primeiro turno de guarda, como recompensa - rosnou ele, enquanto se enrolava num cobertor.

Pippin se sentou arrasado perto da porta, naquela escuridão total; mas de quando em quando se voltava, com medo de que alguma coisa desconhecida se arrastasse para fora do poço. Queria cobrir o buraco, mesmo que fosse só com um cobertor, mas não ousou mexer ou se aproximar dele, apesar de Gandalf parecer adormecido.

Na verdade, Gandalf não estava dormindo, embora estivesse deitado imóvel e em silêncio. Estava mergulhado em pensamentos, tentando relembrar cada detalhe de sua primeira viagem nas Minas, e considerando ansiosamente o próximo caminho que deveriam tomar; uma escolha errada naquele momento poderia ser desastrosa. Depois de uma hora, levantou-se e se aproximou de Pippin.

- Vá para um canto e durma um pouco, meu rapaz - disse ele num tom gentil. Suponho que você precisa dormir. Não consigo pegar no sono, então é melhor eu fazer a guarda.

- Sei qual é o problema comigo - murmurou ele, enquanto se sentava perto da porta. - Preciso fumar! Não fumo desde aquela manhã antes da tempestade de neve.

A última coisa que Pippin viu, antes de adormecer, foi a figura escura do velho mago agachado no chão, protegendo com as mãos nodosas uma chama entre os joelhos.

A centelha mostrou por UM momento seu nariz pontudo, e a baforada de fumaça.

Foi Gandalf quem acordou todos os outros. Tinha ficado sentado, fazendo a guarda sozinho por seis horas, deixando que os outros descansassem.

- E durante a guarda tomei minha decisão - disse ele. - Não tenho vontade de ir pelo caminho do meio, e não gostei do cheiro do caminho à esquerda: há um ar pestilento lá embaixo, ou então não sou um guia. Escolhi a passagem da direita. Está na hora de começarmos a subir outra vez.

Por oito horas escuras, sem contar duas breves paradas, marcharam adiante; não encontraram perigos, nem escutaram nada, e não viram nada a não ser o brilho apagado da luz do mago, brilhando como fogo-fátuo na frente deles. O corredor que tinham escolhido ia cada vez mais para cima.

Pelo que podiam julgar, subia em grandes curvas, e conforme ,iam subindo, a passagem ficava mais alta e larga. Agora não havia outras aberturas para Outras galerias ou túneis dos dois lados, e o chão era plano e seguro, sem poços ou rachaduras.

Evidentemente, tinham tomado o que certa vez tinha sido uma estrada importante, e avançavam mais rápido agora que na primeira marcha.

Assim foram adiante cerca de quinze milhas, medidas numa linha direta na direção Leste, embora na realidade devam ter caminhado Vinte milhas ou mais. Conforme a estrada subia, o ânimo de Frodo aumentou um pouco, mas ele ainda se sentia oprimido, e ainda ouvia algumas vezes, ou pensava ouvir, bem atrás da Comitiva e distante do som dos passos do grupo, passadas que os seguiam, e que não eram um eco.

Tinham andado o máximo que os hobbits podiam aguentar sem descanso, e estavam todos pensando num lugar onde pudessem dormir, quando de repente as paredes à direita e à esquerda desapareceram. Pareciam ter passado através de algum arco, entrando num espaço negro e vazio. Atrás deles vinha uma forte corrente de ar mais quente, e na frente sentiam a escuridão fria sobre Seus rostos. Pararam e se juntaram, cheios de ansiedade.

Gandalf parecia satisfeito. - Escolhi o caminho certo - disse ele. - Finalmente estamos chegando às partes habitáveis, e acho que não estamos longe do lado Leste.

Mas estamos num ponto muito elevado, bem acima do Portão do Riacho Escuro, a não ser que eu esteja enganado. Pelo ar que estou sentindo, diria que estamos num salão amplo. Agora vou arriscar um pouco de luz de verdade.

Levantou o cajado, e por um breve instante houve um clarão, como um relâmpago. Sombras grandes saltaram e fugiram, e por um segundo eles viram um teto amplo acima de suas cabeças, apoiado em muitos pilares feitos de pedra. Adiante, e dos dois lados, se espalhava um enorme salão vazio; as paredes negras, polidas e lisas como vidro, brilhavam e faiscavam. Enxergaram outras três entradas, arcos negros e escuros: um diretamente à frente, rumando para o Leste, e um de cada lado. Depois disso, a luz se apagou.

- Isso é tudo que Vou arriscar por enquanto - disse Gandalf. - Costumava haver grandes janelas na encosta da montanha, e aberturas conduzindo para a luz, nos pontos mais altos das Minas. Acho que as atingimos agora, mas lá fora é noite outra vez, e não podemos ter certeza até amanhã cedo. Se estou certo, amanhã poderemos realmente ver o dia nascendo, espiando aqui dentro. Mas enquanto isso é melhor não avançarmos mais.

Vamos descansar, se pudermos. As coisas estão indo bem até agora, e a maior parte da estrada escura já passou. Mas ainda não atravessamos as Minas, e há um bom caminho até os Portões que lá embaixo se abrem para o mundo.

Os membros da Comitiva passaram a noite no grande salão cavernoso, encolhidos num canto para escapar da corrente de vento: parecia haver um fluxo constante de ar frio vindo através do arco Leste. Por toda a volta, pairava a escuridão, vazia e imensa, e eles se sentiam oprimidos pelo abandono e pela vastidão das paredes de pedra, e pelas escadarias e corredores que se ramificavam interminavelmente. As fantasias mais alucinadas que os boatos mais obscuros jamais tinham sugerido aos hobbits ficaram insignificantes perto do terror e da surpresa que sentiram em Moria.

- Deve ter havido uma multidão de anões por aqui nalguma época disse Sam -; e cada um deles mais ocupado que um texugo por mais de quinhentos anos Para construir tudo isto, e quase tudo em rocha dura! Para que fizeram isto? Certamente eles não viviam nesses buracos escuros?

- Não são buracos - disse Gimli. - Este é o grande reino e a cidade da Mina dos Anões. E antigamente não era escuro, mas cheio de luz e esplendor, como ainda lembram

as canções.

Levantou-se e, parado no escuro, começou a cantar numa voz grave, enquanto os ecos se espalhavam em direção ao teto.

O mundo jovem, verde o monte,
E limpa era da lua a fronte;
Sem peia pedra e rio então,
Vagava Durin na solidão.
A monte e vale nomes deu,
De fonte nova ele bebeu,-
No Lago-espelho, foi se mirar
E viu um diadema estelar,
Gemas em linha prateada,
Sobre a fronte ensombreada.
O mundo belo, os montes altos,
Nos Dias antigos sem sobressaltos
Em Gondolin e Nargothrond,
Dos fortes reis que agora vão
No Mar do Oeste além do dia:
Belo o mundo que Durin via.
Rei era ele em trono entalhado,
Salão de pedra encolunado,
No teto ouro, prata no chão,
E as fortes runas no portão.
A luz da lua, de estrela e sol
Presa em lâmpada de cristal,
Por noite ou nuvem não tolhida,
Brilhava bela toda a vida.
Lá martelava-se a bigorna,
Lá se esculpia a letra que orna;
Lá se forjavam punho e espada,
Abria-se a mina, erguia-se a casa.
Perla, berilo e opala bela,
Metal plasmado feito tela,
Broquel, couraça, punhal, machado,
Lança em monte, tudo guardado.
O povo então não se cansava;
Toda a montanha retumbava
Ao som de harpas e canções
E trombetas junto aos portões.
O mundo é cinza, velho o monte,
Da forja o fogo em cinza insonte;
Sem som de harpa ou martelada:
No lar de Durin, sombra e nada.
Sobre a tumba raio nenhum
Em Moria, em Khazad-dûm.
Mas inda há estrela que reluz
No Lago-espelho, sem vento e luz.
A sua corôa no lago fundo

E Durin dorme sono profundo.

- Gostei! - disse Sam. - Gostaria de aprendê-la. Em Moria, em Khazad-dûm! Mas parece que com essa canção a escuridão fica mais pesada, pensando em todas aquelas luzes. Existem ainda montes de jóias e ouro espalhados por aqui? Gimli ficou em silêncio. Tendo cantado sua canção, não restava mais nada a dizer?

- Montes de jóias? - disse Gandalf - Não. Os orcs sempre saqueavam Moria; não existe mais nada nos salões superiores. E desde que os anões fugiram, ninguém mais ousa procurar as passagens e as tesourarias nos lugares mais fundos: agora estão cobertas pela água - ou por uma sombra de medo.

- Então por que os anões querem voltar? - perguntou Sam.

- Por causa do mithril - disse Gandalf. - A riqueza de Moria não estava no ouro ou nas pedras preciosas: estes eram brinquedos para os anões; nem no ferro, seu servo. Essas coisas se encontram aqui, sem dúvida, especialmente o ferro; mas não precisavam escavar para encontrá-las: todas as coisas que desejavam podiam ser obtidas através do comércio. Pois aqui é o único lugar do mundo onde existia a prata de Moria, ou a prata verdadeira, como alguns a chamaram: mithril é o nome élfico. Os anões têm um nome que não revelam. O valor desse metal era dez vezes maior que o do ouro, e agora é incalculável: pois resta muito pouco mithril acima do solo, e nem mesmo os orcs ousam escavar aqui à procura dele. Os veios vão em direção ao Norte e a Caradhras, e descem para a escuridão. Os anões não dizem nada, mas do mesmo modo que o mithril foi a base de sua riqueza, também foi a sua destruição: escavaram com muita ganância, e muito fundo, e descobriram aquilo de que fugiam, a Ruína de Durin. Do metal que trouxeram à luz, os orcs levaram quase tudo, entregando-o em tributo a Sauron, que o cobiça.

- Mithril! Todos os povos o desejavam. Podia ser moldado como o cobre, e polido como o vidro; os anões podiam transformá-lo num metal leve, e no entanto mais resistente que aço temperado. Sua beleza era semelhante à da prata comum, mas a beleza do mithril não se opacificava ou perdia o brilho. Os elfos o adoravam, e entre muitos outros usos fizeram com ele o ithildin, a lua-estrela, que vocês viram sobre as portas. Bilbo tinha um colete de anéis de mithril que Thorin deu a ele. Fico imaginando o que aconteceu com esse colete. Suponho que ainda esteja acumulando poeira na Casa mathom de Grã Cava.

- O quê" - gritou Gimli, despertando do silêncio em que se encontrava, - Um colete de prata de Moria? Foi um presente de rei! Frodo não disse nada, mas colocou a mão embaixo da túnica e tocou os anéis de seu colete de malha. Sentiu uma vertigem ao pensar que carregava o valor de todo o Condado embaixo do próprio casaco. Será que Bilbo sabia" Não tinha dúvidas de que Bilbo sabia muito bem. Era realmente um presente de rei.

Mas nesse momento seus pensamentos foram levados das Minas escuras para Valfenda, para Bilbo, e para Bolsão na época em que Bilbo ainda estava lá, Desejou com toda a força de seu coração estar de volta ao lar, e naqueles dias, cortando a grama, ou lidando com as flores, e nunca ter ouvido sobre Moria, ou mithril - ou o Anel.

Fez-se um silêncio profundo. Um a um, os outros adormeceram. Frodo fazia a guarda. Como um ar que vinha através de portas invisíveis, de lugares profundos, o medo o dominou. Sentia as mãos frias e a cabeça pesada. Tinha Os ouvidos atentos. Toda sua mente esteve concentrada em escutar e nada mais, por duas horas arrastadas; mas não escutou nenhum ruído, nem mesmo o o eco imaginado de passos.

Seu turno na guarda estava quase no fim quando, mais além do ponto onde supunha estar o arco Oeste, Frodo imaginou ter visto dois pontos de luz clara, quase

semelhantes a olhos luminosos. Teve um sobressalto. Seus olhos tinham se fechado.

"Acho que quase adormeci durante a guarda", pensou ele. "Estava à beira de um sonho." Levantou-se e esfregou os olhos, e permaneceu em pé, olhando para a escuridão, até que foi dispensado por Legolas.

Quando se deitou, logo adormeceu, mas teve a impressão de que o sonho continuava: ouviu sussurros, e viu os dois pontos de luz clara se aproximando, lentamente.

Acordou e viu que os outros estavam falando em voz baixa perto dele, e que uma luz fraca lhe batia no rosto. Lá de cima, sobre o arco Leste, através de uma passagem de ar próxima ao teto, vinha um raio longo e claro; atravessando o salão em direção do arco Norte, a luz também avançava, fraca e distante.

Frodo se sentou. - Bom dia! - disse Gandalf. - Pois dia se faz outra vez, finalmente. Eu estava certo, como vê. Estamos num ponto alto do lado Leste de Moria. Antes do dia acabar, deveremos encontrar os Grandes Portões e ver as águas do Lago-espelho sobre o Vale do Riacho Escuro.

- Ficarei feliz - disse Gimli. - Olhei Moria, que é realmente muito grande, mas se tornou escura e temível, e não encontramos qualquer sinal de meu povo. Agora duvido que Balin tenha chegado até aqui.

Depois de tomarem o desjejum, Gandalf decidiu continuar a marcha imediatamente.

- Estamos cansados, mas poderemos descansar melhor quando sairmos daqui – disse ele. -Acho que nenhum de nós deseja passar mais uma noite em Moria.

- De jeito nenhum! - disse Boromir. - Que caminho vamos tomar? Continuamos pelo arco Leste?

- Talvez - disse Gandalf. - Mas ainda não sei exatamente onde estamos. - A não ser que esteja redondamente enganado, suponho que estejamos acima e ao Norte dos Grandes Portões, e pode não ser fácil encontrar a estrada certa que desce até eles. Provavelmente, o arco Leste será o caminho que devemos tomar, mas antes de decidir temos de dar uma examinada no local. Vamos em direção àquela luz na porta Norte. Se pudéssemos encontrar uma janela, isso ajudaria bastante, mas receio que a luz só chegue aqui através das passagens de ar.

Seguindo-o, a Comitiva passou por baixo do arco Norte. Viram -se num corredor largo. À medida que avançavam por ele, a luz ia ficando mais forte, e perceberam que ela vinha através de uma entrada à direita. Era alta e quadrada, e a porta de pedra ainda estava no lugar, semi -aberta. Além dela via-se um grande cômodo quadrado.

Estava fracamente iluminado, mas aos olhos deles, depois de tanto tempo na escuridão, parecia de uma luminosidade ofuscante; o s olhos piscaram repetidas vezes no momento em que entraram.

Os pés pisaram uma grande camada de poeira sobre o chão, e tropeçaram em coisas que estavam na passagem, cujas formas eles não puderam distinguir num primeiro momento.

O cômodo era iluminado por uma grande abertura na parede Leste, mais à frente.

A luz batia diretamente numa mesa no meio da sala: um único bloco retangular, de cerca de sessenta centímetros de altura, sobre o qual fora assentada uma grande laje de pedra branca.

- Parece um túmulo - murmurou Frodo, inclinando-se para olhar mais de perto, com uma estranha sensação de mau presságio. Gandalf veio rapidamente para o lado dele. Na laje havia runas, gravadas a fundo:

- Estas são Runas de Daeron, como as que eram usadas antigamente em Moria -

disse Gandalf - Aqui está escrito, nas línguas dos homens e anões:

BALIN, FILHO DE FUNDIN,
SENHOR DE MORIA.

- Então ele está morto - disse Frodo. - Receava que fosse verdade. Gimli cobriu o rosto com o capuz.

CAPÍTULO V
A PONTE DE KHAZAD-DUM

A comitiva do Anel parou diante do túmulo de Balin, em silêncio. Frodo pensou em Bilbo, em sua longa amizade com o anão, e na visita de Balin ao Condado há muito tempo. Naquele salão empoeirado nas montanhas, essas coisas pareciam ter sido há mil anos, e do outro lado do mundo.

Finalmente se mexeram e olharam para cima, começando a procurar alguma coisa que desse pistas do destino de Balin, ou mostrasse o que acontecera ao seu povo. Havia uma outra porta menor do outro lado do salão, embaixo de uma passagem de ar. Perto das duas portas viam-se agora muitos ossos, entre os quais havia espadas quebradas e martelos sem cabo, além de cimos e escudos partidos. Algumas das espadas eram tortas: cimitarras de orcs com lâminas enegrecidas.

Havia várias reentrâncias cortadas na rocha das paredes, e nelas estavam grandes arcas de madeira com braçadeiras de ferro. Todas tinham sido quebradas e saqueadas, mas ao lado da tampa despedaçada de uma da s arcas estavam os restos de um livro. Tinha sido perfurado e rasgado, e parcialmente queimado, e estava tão manchado com marcas negras e outras semelhantes a sangue envelhecido, que pouca coisa podia ser lida. Gandalf o ergueu com cuidado, mas as folhas estalaram e se partiram quando o mago o colocou sobre a laje. Estudou o livro por um tempo sem dizer nada. Parados ao lado dele, Frodo e Gimli puderam ver, enquanto Gandalf virava cuidadosamente as folhas, que o

livro tinha sido escrito por varias mãos diferentes, em runas, tanto de Moria quanto de Valle, e alguns trechos com inscrições élficas.

Finalmente, Gandalf desviou os olhos do livro. - Parece ser um registro do destino do povo de Balin - disse ele. - Acho que o livro começava com a chegada deles ao Vale do Riacho Escuro, cerca de trinta anos atrás: as Páginas parecem ter números referentes às datas de sua chegada. A primeira Página está marcada com um-três, o que mostra que devem faltar pelo menos duas no início. Escutem isto!

- Expulsamos os orcs do grande portão e do posto de... eu acho; a próxima palavra está borrada e queimada: provavelmente guarda, matamos Vários deles à luz – eu acho - do sol no vale. Flói foi morto por uma flecha. Ele matou o grande. Depois há um borrão seguido de Flói sob a relva perto do Lago-espelho. As próximas duas linhas estão ilegíveis. Depois vem Tomamos o vigésimo primeiro salão da extremidade Norte para morar. Há...não consigo ler o quê. Uma passagem de ar é mencionada. Depois Balin fixou seu assento na Câmara de Mazarbul.

- A Câmara dos Registros - disse Gimli. - Acho que é onde estamos agora.

- Bem, não consigo mais ler por um bom trecho - disse Gandalf com a exceção de ouro, e Machado de Durin e alguma coisa elmo. Depois Balin e agora Senhor de Moria. Com isso, o capítulo parece terminar. Depois de algumas estrelas, outra caligrafia começa, e posso ler encontramos prata verdadeira, e depois as palavras bem forjada, e depois uma outra coisa. Consegui! Mithril, e as últimas duas linhas são Óin procurar os arsenais superiores da Terceira Profundidade, alguma coisa ir para o Leste, um borrão, para o portão de Azevim.

Gandalf parou e virou algumas páginas. - Há muitas páginas desse tipo, escritas com pressa e muito danificadas - disse ele -, mas mal posso lê- las nesta luz. Agora deve haver algumas páginas faltando, pois elas começam a ser numeradas com cinco, o quinto ano da colônia, eu suponho. Deixe -me ver! Não, estão muito danificadas e manchadas; não consigo lê-las. Podemos conseguir mais à luz do sol. Esperem! Tem alguma coisa aqui: letras grandes, usando uma letra élfica.

-Poderia ser a letra de Ori - disse Gimli, olhando por sobre o braço do mago. - Ele sabia escrever bem e rápido, e freqüentemente usava as letras élficas.

- Receio que tinha más notícias para reportar com sua letra bonita disse Gandalf - A primeira palavra legível é tristeza, mas o resto da linha foi perdido, a não ser que termine em tem. Sim, deve ser ontem, seguido de dia dez de novembro Balin, Senhor de Moria, pereceu no Vale do Riacho Escuro. Foi sozinho olhar o Lago-espelho. Um orc atirou nele de trás de uma pedra. Matamos o orc, mas muitos outros... do Leste subindo o Veio de Prata. O resto da página está tão borrado que não consigo ler quase nada, mas acho que está escrito bloqueamos nossos portões, e depois impedi-los de entrar por muito tempo se, e depois talvez horrível e sofrer. Pobre Balin!

Ao que parece, não desfrutou do título que conquistou por mais de cinco anos. Fico imaginando o que aconteceu depois, mas não há tempo para decifrar as últimas páginas agora. Aqui está a última de todas. - Ele parou e suspirou.

- É uma leitura triste - disse ele. - Receio que o fim deles tenha sido cruel. Escutem! Não podemos sair. Não podemos sair Eles tomaram a Ponte e o segundo salão. Frár e Lóni e Náli sucumbiram ali. Depois há mais quatro linhas ilegíveis, e eu só consigo entender, foi há cinco dias. As últimas linhas são o lago está na altura da muralha no Portão Oeste. O Vigia na Água levou Óin. Não podemos sair, e depois tambores, tambores nas profundezas. Pergunto-me o que isso significa. A última coisa escrita está numa carreira de garranchos em caracteres élficos: eles estão chegando. Não há mais nada. - Gandalf parou e ficou pensando em silêncio.

Um súbito medo e horror daquele quarto tomou conta da Comitiva. Não podemos sair – murmurou Gimli. - Foi bom para nós que o lago tivesse abaixado um pouco, e que o Vigia estivesse dormindo na ponta Sul.

Gandalf levantou a cabeça e olhou em volta. - Parece que eles tentaram resistir pela última vez junto às duas portas - disse ele. - Mas restavam poucos naquela.

Assim terminou a tentativa de reconquistar Moria! Foi um ato corajoso, mas tolo. A hora ainda não chegou. Agora, receio que devamos dizer adeus a Balin, filho de Fundin. Aqui ele deve permanecer, nos salões de seus antepassados. Vamos levar este livro, o Livro de Mazarbul, e examiná-lo com mais atenção depois. É melhor você guardá-lo, Gimli, e levá-lo de volta a Dáin, se tiver uma oportunidade. Vai interessá-lo mas também vai entristecê-lo muito. Vamos embora! A manhã está passando.

- Em que direção iremos? - perguntou Boromir.

- De volta ao salão - respondeu Gandalf. - Mas nossa visita a esta sala não foi em vão. Agora sei onde estamos. Esta deve ser, como disse Gimli, a Câmara de Mazarbul, e o salão deve ser o vigésimo primeiro do lado Norte. Portanto devemos sair pelo arco Leste do salão, e nos dirigir para a direita e para o Sul, e descer.

O Vigésimo Primeiro Salão deve ser no Sétimo Pavimento, que fica seis acima do pavimento dos Portões. Venham agora! De volta para o salão! Gandalf mal tinha dito essas palavras, quando chegou a eles um enorme barulho: um estrondoso Bum que parecia vir das profundezas, fazendo tremer a rocha aos pés deles. Correram em direção à porta assustados. Dum , dum, retumbou o barulho outra vez, como se mãos gigantescas estivessem transformando as próprias cavernas de Moria num enorme tambor. Então veio uma rajada reverberando: uma grande corneta soou no salão, e em resposta ouviram -se cornetas e gritos dissonantes vindos de algum ponto distante. Ouviu-se o tropel apressado de muitos pés.

- Eles estão vindo! - gritou Legolas.

- Não podemos sair - disse Gimli.

- Presos! - disse Gandalf. - Por que demorei? Aqui estamos, presos, exatamente como eles foram antes. Mas eu não estava aqui daquela vez. Vamos ver o que...

Dum, dum, vinha a batida dos tambores, estremecendo as paredes.

- Batam as portas e coloquem calços! - gritou Aragorn. - E segurem suas mochilas o máximo que conseguirem: ainda podemos ter uma chance de escapar.

- Não! - disse Gandalf. - Não devemos ficar trancados aqui dentro. Mantenham a porta Leste entreaberta! Iremos por ali, se houver uma possibilidade.

Um outro chamado estridente de corneta e guinchos agudos soou. Pés se aproximavam pelo corredor. Ouviu-se um tinido e um tropel no momento em que a Comitiva desembainhava as espadas. Glamdring emanou um brilho claro, e o gume de Ferroada faiscou. Boromir empurrou a porta Oeste com os ombros.

- Espere um momento. Não feche ainda - disse Gandalf, pulando para o lado de Boromir, e aprumando-se ao máximo.

- Quem vem aqui para perturbar o descanso de Balin, Senhor de Moria? - gritou ele com uma voz cheia.

Houve uma torrente de gargalhadas roucas, semelhante a pedras caindo num poço; em meio ao clamor, uma voz grave se ergueu em comando. Dum, blim, dum, faziam os tambores nas profundezas.

Num movimento rápido, Gandalf avançou para a fresta da porta aberta, colocando à frente seu cajado. Fez-se um clarão ofuscante, que iluminou a sala e o corredor.

Por um instante, o mago olhou para fora. Flechas zuniram e assobiaram pelo corredor, e ele pulou para trás.

- Orcs, Muitos deles - disse ele. - E alguns são grandes e perigosos: Uruks negros de Mordor. Por enquanto estão parados, mas tem alguma outra coisa lá. Acho que é um grande troll das cavernas, ou mais de um. Não há esperança de escaparmos por ali.

- E não haverá esperança de nada, se eles vierem p ela outra porta também - disse Boromir.

- Não se ouve nada deste lado ainda - disse Aragorn, que estava parado próximo à porta Leste, escutando. - A passagem deste lado desce direto por uma escada: é certeza que não conduz de volta ao salão. Mas não é bom fugir cegamente por aqui, com o inimigo bem atrás. Não podemos bloquear a porta. Não há mais chave, a fechadura está quebrada e a porta se abre para dentro. Temos de fazer alguma coisa para atrasar os orcs primeiro. Vamos fazer com que sintam medo da Câmara de Mazarbul! - disse ele com austeridade, tocando o gume de sua espada, Andúril.

Ouviram-se passos pesados no corredor. Boromir se jogou contra a porta e a fechou com o peso de seu corpo; então calçou -a com lâminas de espadas quebradas e lascas de madeira. A Comitiva recuou para o outro lado da câmara. Mas ainda não tinham a possibilidade de fugir. Um golpe fez tremer a porta que lentamente começou a se abrir, rangendo e forçando os calços. Um braço e um ombro enormes, de pele escura coberta de escamas esverdeadas, lançaram-se através da fresta que se alargava.

Depois um pé grande, chato e sem dedos forçou a parte de baixo, abrindo - a. Havia um silêncio mortal do lado de fora.

Boromir pulou para frente e golpeou o braço com toda a força, mas a espada rangeu, resvalou e caiu de sua mão trêmula. A lâmina estava quebrada. De repente, e para sua própria surpresa, Frodo sentiu uma ira feroz se acender em seu coração. - O Condado! - gritou ele e, avançando num salto para o lado de Boromir, abaixou -se e apunhalou com Ferroada o pé asqueroso. Ouviu-se um urro, e o pé recuou de sopetão, quase arrancando Ferroada do braço de Frodo. Gotas negras pingaram da lâmina, e caíram no chão fumegando.

Boromir arremessou-se contra a porta, fechando-a de novo.

- Um para o Condado! - gritou Aragorn. - A mordida do hobbit vai fundo! Você tem uma boa lâmina, Frodo, filho de Drogo! Ouviu-se uma pancada na porta, seguida de pancadas e mais pancadas.

Aríetes e martelos batiam contra ela. A porta se partiu e foi recuando e a fresta ficou subitamente larga. Flechas entraram assobiando, mas atingiram a parede Norte, caindo no chão sem ferir ninguém. Um clangor de corneta ecoou e ouviu-se um tropel de passos, e orcs, um após o outro, pularam para dentro da câmara.

Quantos eram, a Comitiva não pôde contar. A luta foi violenta, mas os orcs se assustaram perante a ferocidade da defesa. Legolas atingiu dois na garganta.

Gimli cortou as pernas de um outro que tinha subido no túmulo de Balin.

Boromir e Aragorn mataram vários. Quando trinta tinham caído, o restante deles fugiu tremendo, deixando os defensores ilesos, com a exceção de Sam, que tinha um corte na cabeça. Uma esquiva rápida o salvara, e ele tinha derrubado seu orc: um golpe vigoroso com sua espada do Túmulo. Queimava em seus olhos castanhos um fogo que teria feito Ted Ruivão recuar, se ele tivesse visto.

- Chegou a hora! - gritou Gandalf. - Vamos, antes que o troll retorne! Mas no momento em que se retiravam, antes que Pippin e Merry tivessem alcançado a escada do lado de fora, um enorme líder dos orcs, quase da altura de um humano, vestido da cabeça aos pés numa malha metálica preta, pulou para dentro da câmara; atrás dele seus seguidores se amontoavam na entrada. O rosto largo e chato era escuro, os olhos como carvão, e a língua era vermelha; brandia uma grande lança. Com um golpe de seu enorme

escudo de couro, afastou a espada de Boromir e o empurrou para trás, derrubando-o no chão. Abaixando-se para se defender de um golpe de Aragorn, e com a rapidez de uma serpente em seu bote, ele atacou a Comitiva e investiu com a lança na direção de Frodo.

O golpe o atingiu no flanco direito, e Frodo foi jogado contra a parede, ficando espetado pela lança. Sam, com um grito, golpeou a haste da lança, que se quebrou. Mas justo no momento em que o orc soltou a lança e desembainhou sua cimitarra, Andúril atingiu seu elmo. Fez-se um clarão como fogo, e o elmo se abriu em dois.

O orc caiu com a cabeça partida. Seus seguidores fugiram uivando, quando Boromir e Aragorn pularam para cima deles.

Dum, dum, continuavam os tambores nas profundezas. A voz poderosa fez-se ouvir outra vez, num estrondo.

- Agora! - gritou Gandalf. - Esta é a última chance. Corram! Aragorn levantou Frodo, que estava caído perto da parede, e dirigiu-se para a escada, empurrando Merry e Pippin na frente dele. Os outros o seguiram, mas Gimli teve de ser arrastado por Legolas: apesar do perigo, ele insistia em ficar perto do túmulo de Balin, com a cabeça abaixada. Boromir puxou a porta, cujos gonzos rangeram: tinha grandes argolas de ferro dos dois lados, mas não se podia trancá - la.

- Eu estou bem - disse Frodo. - Posso andar. Ponha-me no chão! Aragorn quase o deixou cair de tão surpreso. - Pensei que estivesse morto! - gritou ele.

- Ainda não! - disse Gandalf - Mas não há tempo para indagações. Saiam, vocês todos, desçam a escada! Esperem-me alguns minutos lá embaixo, mas se eu não logo, continuem! Apressem-se e escolham o caminho que conduz à direita e para baixo.

- Não podemos abandoná-lo aqui, segurando a porta sozinho! - disse Aragorn.

- Faça o que estou dizendo - disse Gandalf furioso. - As espadas não servem para mais nada aqui. Vá!

A escada não era iluminada por nenhuma passagem de ar, e estava completamente escura. Desceram aos tropeços um longo lance de degraus, e depois olharam para trás; mas não conseguiam enxergar nada, a não ser pelo brilho apagado do cajado do mago na parte de cima. Parecia que ele ainda estava parado, guardando a porta fechada.

Frodo respirou fundo e se apoiou em Sam, que passou os braços em volta dele. Ficaram ali, olhando para a escada na escuridão. Frodo tinha a impressão de estar escutando a voz do mago lá em cima, murmurando palavras que desciam pelo teto inclinado com um eco sussurrante. Não podia entender o que estava sendo dito. As paredes pareciam estar tremendo. De quando em quando, as batidas dos tambores pulsavam num estrondo: dum, dum.

De repente, no topo da escada viu-se um clarão de luz branca. Depois ouviu-se um estrondo e um baque surdo. As batidas dos tambores irromperam alucinadas: dum-biun, du-dum, e depois pararam. Gandalf desceu correndo os degraus e caiu no chão, no meio da Comitiva.

- Muito bem, acabou! - disse o mago, esforçando-se para ficar de pé.

- Fiz tudo o que podia. Mas encontrei um inimigo à minha altura, e quase fui destruído. Mas não fiquem aqui! Vão andando! Vão andando! Onde está você, Gimli? Venha na frente comigo! Fiquem logo atrás, vocês todos! Foram tropeçando atrás dele, imaginando o que teria acontecido. Dum, dum, começaram de novo os tambores: agora soavam abafados e distantes, mas vinham na direção deles. Não havia outro som de perseguição, nem o pisar de pés, nem qualquer tipo de voz. Gandalf não fez curvas, para a direita ou para a esquerda, pois o caminho parecia conduzir na direção que ele desejava. De quando em quando, desciam por um lance de degraus, cinqüenta ou mais, atingindo um nível inferior. Naquela hora, esse era o maior perigo, pois, na escuridão, não

conseguiam ver uma descida, até atingi-la e pisar no vazio. Gandalf tateava o chão com seu cajado como um cego.

Ao final de uma hora, tinham avançado uma milha, ou talvez um pouco mais, e tinham descido muitos lances de degraus. Quase começaram a ter esperanças de escapar.

Ao pé da sétima escada, Gandalf parou.

- Está ficando quente! - disse ele, ofegante. - Devemos ter chegado no mínimo ao nível dos Portões. Acho que logo devemos procurar uma passagem para o lado esquerdo, que nos leve para o Leste. Espero que não esteja longe. Estou muito cansado. Preciso descansar aqui um pouco, mesmo que todos os orcs existentes no mundo estejam atrás de nós.

Gimli pegou-o pelo braço, ajudando-o a se sentar num degrau. - O que aconteceu lá em cima junto à porta? - perguntou ele. - Encontrou aquele que bate os tambores?

- Não sei - respondeu Gandalf - Mas de repente me vi enfrentando algo que nunca tinha visto. Não pude pensar em mais nada a não ser lançar um encantamento para fechar a porta. Conheço muitos, mas para fazer esse tipo de coisa direito, é preciso tempo, e mesmo assim a porta pode ser arrombada.

- Enquanto fiquei ali, pude ouvir vozes de orcs do outro lado: pensei que a qualquer momento eles forçariam a porta e a abririam. Não pude ouvir o que diziam; pareciam estar conversando na sua língua horrenda. Tudo o que entendi foi ghâsh, que significa “fogo”. Nesse momento, alguma Coisa entrou na câmara - senti quando atravessava a porta, e os próprios orcs ficaram amedrontados e quietos. A coisa pegou a argola de ferro, e então sentiu meu encanto e minha presença.

- O que era não posso adivinhar, mas nunca senti desafio tão grande.

O contra-encanto foi terrível. Quase me destruiu. Por um instante, a porta fugiu ao meu controle e começou a abrir! Tive de pronunciar uma palavra de Comando. Isso foi pressão demasiada. A porta se partiu em pedaços. Alguma coisa escura como uma nuvem estava bloqueando toda a luz que vinha de dentro, e eu fui jogado para trás, e caí escada abaixo. Todas as paredes desmoronaram, e acho que o teto também.

- Receio que Balin esteja enterrado bem fundo, e talvez alguma outra coisa esteja enterrada lá também. Não sei dizer. Mas pelo menos a passagem atrás de nós foi completamente bloqueada. Ah! Nunca me senti tão exausto, mas já está passando. E você, Frodo? Não tive tempo de dizer isso, mas nunca fiquei tão feliz na vida como no momento em que ouvi sua voz. Receava que fosse um hobbit corajoso, mas morto, que Aragorn estava carregando.

- E eu? - disse Frodo. - Estou vivo, e inteiro, eu acho. Estou machucado e sentindo dores, mas é suportável.

- Bem - disse Aragorn -, só posso dizer que os hobbits são feitos de uma matéria tão resistente como nunca vi igual. Se eu soubesse, teria falado com mais delicadeza na estalagem de Bri! Aquela lança poderia atravessar o corpo de um javali.

- Bem, fico feliz em dizer que não atravessou meu corpo - disse Frodo -, embora esteja me sentindo como se tivesse ficado preso entre uma bigorna e um martelo. - Não disse mais nada. Sentia dores quando respirava.

- Você saiu ao Bilbo - disse Gandalf. - Existe mais em você do que os olhos podem ver, como eu disse a ele há muito tempo. - Frodo ficou imaginando se a observação significava alguma outra coisa além do que foi dito.

Agora continuavam de novo. Logo Gimli falou. Seus olhos enxergavam bem na escuridão. - Eu acho - disse ele - que há uma luz ali adiante. Mas não é a luz do dia. É vermelha. Que poderia ser?

- Ghâsh! - murmurou Gandalf - Imagino se é isso que eles estavam dizendo: que os

andares inferiores estão em chamas? Mesmo assim, só nos resta ir em frente.

Logo não havia mais dúvidas quanto à luz, e todos podiam vê -la. Estava faiscando e brilhava nas paredes da passagem diante deles. Agora podiam enxergar o caminho: à frente, a estrada descia com grande inclinação, e a alguma distância estava um arco baixo; através dele, vinha a luz brilhante.

O ar ficou muito quente.

Quando chegaram ao arco, Gandalf o atravessou, fazendo um sinal para que os outros esperassem. Enquanto ficou ali parado além da abertura, eles viram seu rosto iluminado por uma luz vermelha. Recuou rapidamente.

- Existe algum tipo de maldade nova aqui - disse ele - feita para nos receber, sem dúvida. Mas sei onde estamos: atingimos a Primeira Profundeza, o nível imediatamente abaixo dos Portões. Este é o Segundo Salão de Moria, e os Portões estão perto: ali, na saída Leste, à esquerda, a menos de um quarto de milha. Do outro lado da Ponte, subindo uma escada larga, indo por uma estrada ampla através do Primeiro Salão, e para fora! Mas venham olhar!

Espiaram para fora. Diante deles, estava um outro salão cavernoso. Era mais alto e bem mais comprido que aquele no qual tinham dormido. Estavam perto do canto Leste: no lado Oeste, o salão avançava mergulhando na escuridão. No centro se erguia uma fila dupla de pilares. Estavam esculpidos como copas de árvores enormes, e os ramos sustentavam o teto, terminando num trançado de ramificações menores. Os troncos eram lisos e pretos, mas um brilho vermelho se espelhava nas suas laterais. Na direção oposta, no chão, ao pé de dois grandes pilares, uma enorme fissura se abrira. Dela emanava uma luz vermelha e violenta, e de vez em quando chamas lambiam a borda e -se enrolavam nas bases das colunas. Mechas de fumaça preta pairavam no ar quente.

- Se tivéssemos vindo dos salões superiores pelo caminho principal, teríamos ficado presos aqui - disse Gandalf. - Agora vamos esperar que o fogo fique entre nós e o inimigo. Venham! Não há tempo a perder.

No momento em que o mago falava, escutaram de novo as batidas de tambores que os perseguiam: Dum, dum, dum. Do outro lado, além das sombras no lado Oeste do salão, vieram gritos e toques de cornetas. Dum, dum: os pilares pareciam vibrar e as chamas tremiam.

- Agora, para a última corrida! - disse Gandalf - Se o sol estiver brilhando lá fora, ainda poderemos escapar. Sigam-me! Virou à esquerda e se apressou através do chão liso do salão. A distância era maior do que parecera. Enquanto corriam, escutaram a batida e o eco de muitos pés vindo atrás deles. Ouviu-se um grito agudo: tinham sido vistos. Seguiu-se um tinido e peças de aço batendo. Uma flecha assobiou sobre a cabeça de Frodo.

Boromir riu. - Eles não esperavam por isso - disse ele. - O fogo cortou-lhes o caminho. Estamos no lado errado!

- Olhem para a frente - gritou Gandalf - A Ponte está perto. É perigosa e estreita.

De repente, Frodo viu adiante um abismo escuro. No fim do salão, o chão desaparecia e caía numa profundidade desconhecida. A porta externa só podia ser atingida por uma estreita ponte de pedra, sem parapeito ou qualquer proteção, que cruzava o abismo num arco de quinze metros. Era uma antiga defesa dos anões contra qualquer inimigo que pudesse tomar o Primeiro Salão e as passagens externas. Só poderiam atravessá-la em fila indiana. Gandalf parou na ponta, e os outros vieram atrás, todos juntos.

- Vá na frente, Gimli - disse ele. - Depois Pippin e Merry. Sempre em frente, e subindo a escada que fica depois da porta.

Flechas caíam em meio ao grupo. Uma atingiu Frodo e, encontrando resistência,

ricocheteou no ar. Uma outra perfurou o chapéu de Gandalf e ficou ali, como uma pena preta. Frodo olhou para trás. Além do fogo, viu um enxame de figuras negras: parecia haver centenas de orcs. Brandiam lanças e cimitarras que brilhavam vermelhas como sangue à luz do fogo. Dum, dum, batiam os tambores, cujo som ia ficando cada vez mais alto, dum, dum.

Legolas se virou e preparou uma flecha, embora a distância fosse grande demais para seu pequeno arco. Puxou a corda do arco, mas sua mão caiu, e a flecha escorregou para o solo. Ele deu um grito de desespero e medo. Dois grandes trolls apareceram. Traziam grandes lajes que jogaram no chão para servir de passarela por cima do fogo. Mas não foram os trolls que encheram o elfo de medo. A multidão de orcs se abriu, e se amontoou do lado, como se eles próprios estivessem com medo. Alguma coisa vinha atrás. Não se podia ver o que fosse: era como uma grande sombra, no meio da qual havia uma forma escura , talvez humanóide, mas maior; poder e terror pareciam estar nela e ao seu redor.

A figura veio para a extremidade do fogo e a luz se apagou, como se uma nuvem tivesse coberto tudo. Então, com um movimento rápido, pulou por sobre a fissura. As chamas bramiram para saudá-la, e se ergueram à sua volta; uma nuvem negra rodopiou subindo no ar. A cabeleira esvoaçante se incendiou, fulgurando.

Na mão direita carregava uma espada como uma língua de fogo cortante; na mão esquerda trazia um chicote de muitas correias.

- Ai! Ai! - gemeu Legolas. - Um balrog! Um balrog vem vindo! Gimli olhou com os olhos esbugalhados. - A Ruína de Durin - gritou ele, deixando cair o machado e cobrindo o rosto.

- Um balrog! - murmurou Gandalf. - Agora eu entendo. - Perdeu o equilíbrio e se apoiou no cajado. - Que má sorte! E eu já estou exausto! A figura escura, envolvida em fogo, corria em direção a eles. Os orcs gritavam e avançavam para a passarela de pedra.

Então Boromir levantou sua corneta e a tocou.

Forte o desafio soou e retumbou, como o grito de muitas gargantas sob o teto cavernoso. Por um momento os orcs estremeceram e a figura de fogo parou. Então os ecos se extinguiram de repente como uma chama apagada por um vendaval, e o inimigo avançou outra vez.

- Para a ponte! - gritou Gandalf, recobrando as forças. - Fujam! Este é um inimigo além das forças de qualquer um de vocês. Preciso proteger o caminho estreito. Fujam! - Aragom e Boromir não obedeceram ao comando, e ainda ficaram onde estavam, lado a lado, atrás de Gandalf na extremidade oposta da ponte. Os outros pararam bem na passagem na ponta do salão e se viraram, incapazes de deixar seu líder sozinho, enfrentando o inimigo.

O balrog alcançou a ponte. Gandalf parou no meio do arco, apoiando-se no cajado com a mão esquerda, mas na outra mão brilhava Glamdring, fria e branca. O inimigo parou outra vez, enfrentando-o, e a sombra à sua volta se espalhou como duas grandes asas. Levantou o chicote, e as correias zuniram e estalaram.

Saía fogo de suas narinas. Mas Gandalf ficou firme.

- Você não pode passar - disse ele. Os orcs estavam quietos, e fez -se um silêncio mortal. - Sou um servidor do Fogo Secreto, que controla a chama de Anor. Você não pode passar. O fogo negro não vai lhe ajudar em nada, chama de Udún. Volte para a Sombra! Não pode passar.

O balrog não fez sinal de resposta. O fogo nele pareceu se extinguir, mas a escuridão aumentou. Avançou devagar para a ponte, e de repente saltou a uma enorme altura, e suas asas se abriram de parede a parede, mas ainda se podia ver Gandalf,

brilhando na escuridão; parecia pequeno, e totalmente sozinho: uma figura cinzenta e curvada, como uma árvore encolhida perante o início de uma tempestade.

Saindo da sombra, uma espada vermelha surgiu, em chamas. Glamdring emanou um brilho branco em resposta.

Houve um estrondo e um golpe de fogo branco. O balrog caiu para trás e sua espada voou, partindo-se em muitos pedaços que se derreteram.

O mago se desequilibrou na ponte, deu um passo para trás e mais uma vez ficou parado.

- Você não pode passar! - disse ele.

Num salto, o balrog avançou para cima da ponte. O chicote zunia e chiava.

- Ele não pode ficar sozinho! - gritou Aragorn de repente, correndo de volta ao longo da ponte. - Elendil! - gritou ele. - Estou com você, Gandalf!

- Gondor! - gritou Boromir, correndo atrás dele.

Nesse momento, Gandalf levantou o cajado e, gritando bem alto, golpeou a ponte.

O cajado se partiu e caiu de sua mão. Um lençol de chamas brancas se ergueu. A ponte estalou. Bem aos pés do balrog se quebrou, e a pedra sobre a qual estava caiu dentro do abismo, enquanto o restante permaneceu, oscilando, como uma língua de pedra estendida no vazio.

Com um grito horrendo, o balrog caiu para frente, e sua sombra mergulhou na escuridão, desaparecendo. Mas no momento em que caía, brandiu o chicote e as correias bateram e se enrolaram em volta dos joelhos do mago, arrastando -o para a borda. Ele perdeu o equilíbrio e caiu, agarrando -se em vão à pedra, e escorregou para dentro do abismo. - Fujam, seus tolos! - gritou ele, e desapareceu.

As chamas se apagaram, uma escuridão vazia dominou o ambiente. A Comitiva ficou presa ao solo, horrorizada, olhando para o buraco. No momento em que Aragorn e Boromir voltavam correndo, o resto da ponte se partiu e caiu. Com um grito, Aragorn os despertou.

- Venham! Vou conduzi-los agora! - chamou ele. - Devemos obedecer à última ordem dele. Sigam-me!

Avançaram alucinadamente, subindo aos tropeços a escada atrás da porta.

Aragorn na frente, Boromir atrás de todos. No topo ficava uma passagem ampla e que produzia ecos. Por ela fugiram. Frodo escutou Sam chorando ao seu lado, e então percebeu que ele próprio estava chorando enquanto corria. Dum, dum, dum, os tambores batiam atrás, lamentosos agora, e lentos; dum!

Continuaram correndo. A luz aumentava diante deles; grandes fendas se abriam no teto, Correram mais rápido. Passaram para dentro de um salão, claro com a luz do dia, que entrava pelas altas janelas no lado Leste. Atravessaram -no correndo. Passaram pelas portas enormes e quebradas, e de repente se abriram diante deles os Grandes Portões, um arco de luz fulgurante.

Havia uma guarda de orcs agachada nas sombras atrás dos grandes postos de vigia, que se erguiam dos dois lados, mas os portões estavam arrebentados e destroçados.

Aragorn derrubou ao chão o capitão deles, que estava em seu caminho, e o resto fugiu de medo de sua ira. A Comitiva passou pelos orcs correndo, e não deu atenção a eles. Correram para fora dos Portões e desceram os grandes degraus, amplos e desgastados pelo tempo, o limiar de Moria.

Assim, finalmente, depois de perdidas todas as esperanças, viram o céu aberto e sentiram o vento batendo em seus rostos.

Não pararam até alcançarem uma boa distância das muralhas. O Vale do Riacho Escuro se estendia ao redor. A sombra das Montanhas Sombrias se projetava sobre ele,

mas ao Leste havia uma luz dourada sobre a terra. Não passava uma hora do meio-dia.
O sol brilhava; as nuvens estavam altas e brancas.
Olharam para trás. A boca do arco dos Portões bocejava sobre a sombra da montanha. As batidas dos tambores retumbavam, fracas e distantes sob a terra: dum. Uma fumaça fina e preta subia no céu. Não se via mais nada; o vale ao redor estava vazio. Dum. Finalmente, a tristeza tomou conta deles, que choraram por muito tempo: alguns em pé e quietos, alguns atirados ao chão. Dum, dum, as batidas dos tambores foram ficando mais fracas, até que não se ouviu mais nada.

CAPÍTULO VI
LOTHLÓRIEN

- Acho que não podemos ficar aqui por muito tempo - disse Aragorn. Olhou na direção das montanhas e ergueu sua espada. - Adeus, Gandalf. Gritou ele. - Eu não disse a você: se passar pelas portas de Moria, tome cuidado? Infelizmente, o que eu disse tinha fundamento. Que esperança temos agora, sem você? Voltou-se para a Comitiva. - Vamos ter de nos arranjar sem esperanças - disse ele. - Pelo menos, podemos ainda nos vingar. Vamos criar coragem e parar de chorar! Venham! Temos à frente uma longa estrada, e muito a fazer.
Levantaram-se e olharam ao redor. Ao Norte, o vale subia e entrava numa abertura escura entre dois grandes braços das montanhas, sobre os quais três picos brancos brilhavam: Celebdil, Fanuidhol e Caradhras, as Montanhas de Moria. Do alto da abertura descia uma torrente de água, como uma renda branca sobre uma escada interminável de pequenas cascatas, e uma névoa de espuma pairava no ar, envolvendo os pés das montanhas.
- Aquela é a Escada do Riacho Escuro - disse Aragorn, apontando para as cascatas. - Teríamos vindo pelo fundo do vale, pelo caminho que sobe ao lado da corrente, se a sorte tivesse sido mais generosa.
- Ou se Caradhras tivesse sido menos cruel - disse Gimli, - Ali está ele, sorrindo ao sol! - O anão ergueu o punho para o pico mais distante , e virou as costas.
Ao Leste, o braço das montanhas terminava abruptamente, e terras distantes podiam ser avistadas mais além, amplas e vagas. Ao Sul, as Montanhas Sombrias recuavam sempre mais, até onde a vista podia alcançar. A menos de uma milha, e um pouco abaixo, podiam visualizar, do topo da encosta Oeste do vale onde estavam, um lago.
Era longo e oval, com o formato de uma grande ponta de lança incrustada na abertura ao Norte, mas a extremidade Sul mergulhava nas sombras, sob o céu ensolarado. Mesmo assim, as águas eram escuras: de um azul profundo, como o céu numa noite clara, visto de um quarto iluminado por uma lamparina. A superfície era plácida e sem ondulações. Em volta via-se um gramado macio, que descia até a margem contínua e desnuda.
- Aquele é o Lago-espelho, o profundo Kheled-zâram! - disse Gimli com tristeza. - Lembro-me do que ele disse: “Que você se alegre com a vista! Mas não poderemos nos demorar lá”. Agora vou viajar muito antes de poder me alegrar outra vez. Sou eu quem

deve ir embora depressa, e ele quem deve ficar.

A Comitiva agora descia a estrada que vinha dos Portões. Estava acidentada e danificada, sumindo numa trilha sinuosa em meio a urzes e tojos que cresciam por entre as pedras rachadas. Mas ainda se podia ver que havia muito tempo um grande caminho pavimentado subira, descrevendo curvas, das terras baixas do Reino dos Anões.

Em alguns pontos se erguiam obras em pedra estragadas, margeando o caminho, e montículos verdes cobertos por bétulas esbeltas, ou por pinheiros suspirando ao vento.

Uma curva ao Leste os conduziu para perto do gramado do Lago-espelho, e não muito distante da margem da estrada erguia -se uma única coluna de pedra, quebrada na extremidade.

- Aquela é a Pedra de Durin! - gritou Gimli. - Não posso passar por aqui sem me voltar um momento para olhar para a maravilha do vale!

- Então seja rápido - disse Aragorn, voltando-se para olhar os Portões.

- O sol se põe cedo. Talvez os orcs não saiam antes do cair da noite, mas devemos estar bem longe daqui antes do escurecer. A lua está entrando na fase minguante. Esta noite será escura.

- Venha comigo, Frodo! - gritou o anão, saltando da estrada, - Não posso permitir que você deixe de ver Kheled-zâram. - Desceu correndo a ladeira verde. Frodo o seguiu lentamente, atraído pelas águas azuis e plácidas, apesar do sofrimento e do cansaço que sentia. Sam foi atrás.

Ao lado da pedra erguida, Gimli parou e olhou para cima. Estava com rachaduras e desgastada pelo tempo, e as runas apagadas sobre a lateral estavam ilegíveis.

- Este pilar marca o ponto de onde Durin contemplou pela primeira vez o Lago-espelho - disse o anão. - Vamos contemplá-lo também uma vez, antes de partirmos!

Inclinaram-se sobre a água escura. Primeiro não conseguiram ver nada.

Então, lentamente, viram as formas das montanhas ao redor espelhadas num azul profundo, e os picos eram como plumas de chamas brancas em cima delas; mais acima via -se um pedaço do céu. Ali, como jóias no fundo da água, brilhavam estrelas cintilantes, embora o céu que cobria suas cabeças estivesse ainda iluminado pelo sol. Das sombras dos próprios corpos inclinados não se via nada.

- Oh, Kheled-zâram, belo e maravilhoso! - disse Gimli! - Ali permanece a Corôa de Durin até que ele acorde. Adeus! - Fez uma reverência, depois se voltou e subiu correndo o gramado verde, chegando até a estrada outra vez.

- O que você viu? - perguntou Pippin a Sam. Mas ele estava tão imerso em seus próprios pensamentos que nada respondeu.

A estrada agora tomava o rumo do Sul, e descia rapidamente, distanciando - se da região entre os braços das montanhas. Um pouco abaixo do lago encontraram um grande poço de água límpida como cristal, do qual um filete de água caía sobre uma saliência na pedra e descia cintilante e borbulhante, por um canal íngreme de pedra.

- Esta é a nascente do Veio de Prata - disse Gimli. - Não beba dessa água! É fria como gelo.

- Logo ele se torna um rio veloz, reunindo água de muitas outras nascentes que descem das montanhas - disse Aragorn. - Nossa estrada o acompanha por muitas milhas. Pois levarei vocês pela estrada que Gandalf escolheu, e primeiro espero chegar às florestas onde o Veio de Prata deságua no Grande Rio - mais à frente. - Todos olharam na direção em que Aragorn apontava, e puderam ver a corrente de água saltando e descendo até o fundo do vale, e depois correndo para as terras mais baixas, até desaparecer numa névoa dourada.

- Ali estão as Florestas de Lothlórien! - disse Legolas. - É a morada mais bela de

todo o meu povo. Não há árvores como as daquela terra. Pois no outono as folhas não caem, mas se tornam douradas. Só na primavera, quando aparecem as novas folhas verdes, é que elas caem, e então os ramos ficam carregados de flores amarelas, e o chão da floresta é dourado, e dourado é o teto, os pilares são prateados, pois os troncos das árvores são lisos e cinzentos. Assim ainda dizem nossas canções na Floresta das Trevas. Meu coração se sentiria alegre se eu estivesse sob o abrigo daquela floresta, e se fosse primavera.

- Meu coração ficará alegre, mesmo no inverno - disse Aragorn. Mas a floresta fica a muitas milhas daqui. Vamos nos apressar!

Por algum tempo, Frodo e Sam conseguiram manter o passo com os companheiros. Aragorn os conduzia com pressa, e depois de um tempo os dois ficaram para trás. Não tinham comido nada desde manhã cedo. O corte de Sam queimava como fogo, e sua cabeça estava leve. Apesar do sol que brilhava, o vento parecia frio depois da escuridão quente de Moria. Ele tremia. Frodo sentia que cada passo era mais doloroso que o anterior, e respirava com dificuldade.

Finalmente Legolas se voltou e, vendo que eles estavam bem atrás , falou com Aragorn. Os outros pararam, e Aragorn correu na direção dos hobbits, pedindo que Boromir o acompanhasse.

- Sinto muito, Frodo! - gritou ele, cheio de preocupação. - Tanta coisa aconteceu hoje, e temos tanta pressa, que eu esqueci que você está machucado, e Sam também.

Deveriam ter dito alguma coisa. Não fizemos nada para aliviá-lo, como deveríamos, embora todos os orcs de Moria estivessem atrás de nós. Venham agora! Mais à frente há um lugar onde podemos descansar um pouco. Ali farei o que puder para ajudá-lo. Venha, Boromir! Vamos carregá-los.

Logo em seguida, depararam com um outro curso de água que vinha do Oeste, e juntava suas águas borbulhantes às do veloz Veio de Prata. Juntos eles saltavam sobre uma cachoeira de pedra esverdeada e desciam espumando por um valezinho.

Em torno deste se erguiam abetos baixos e curvos, e as encostas eram inclinadas e cobertas com escolopêndrios e moitas de mirtilos. No fundo se via um espaço plano, através do qual a água corria barulhenta sobre seixos brilhantes. Ali descansaram. Eram quase três horas da tarde, e eles só estavam a algumas milhas dos Portões.

O sol já se encaminhava para o Oeste.

Enquanto Gimli e os dois hobbits mais novos acendiam uma fogueira com a madeira de abetos e de arbustos e pegavam água, Aragorn cuidou de Sam e de Frodo.

O ferimento de Sam não era fundo, mas tinha uma aparência feia, e o rosto de Aragorn ficou sério ao examiná-lo. Depois de um momento, levantou os olhos aliviado.

- Teve sorte, Sam! - disse ele. - Muitos tiveram ferimentos piores como recompensa pelo primeiro orc que mataram. O corte não está envenenado, como freqüentemente acontece com os ferimentos provocados pelas espadas dos orcs. Lave-o quando Gimli tiver esquentado a água.

Abriu sua bolsa e retirou algumas folhas amareladas. - Estão secas e perderam um pouco de seu poder de cura - disse ele -, mas ainda tenho aqui algumas folhas de athelas que colhi no Topo do Vento. Amasse uma na água, e limpe o ferimento, e depois eu lhe faço uma atadura. Agora é sua vez, Frodo!

- Eu estou bem! - disse Frodo, relutando em permitir que suas roupas fossem tocadas. - Eu só precisava de um pouco de comida e descanso.

- Não! - disse Aragorn. - Precisamos dar uma olhada para ver o que o martelo e a bigorna lhe causaram. Fico surpreso em ver que você ainda está vivo. - Delicadamente, Aragorn retirou o velho casaco e -a túnica desgastada de Frodo, soltando uma exclamação

de surpresa. Depois riu.

O colete de prata cintilava diante de seus olhos como a luz sobre um mar ondulado. Cuidadosamente, retirou-o e ergueu-o; as pedras que havia no colete brilhavam como estrelas, e o som dos anéis sacudidos era como o ruído da chuva caindo sobre um lago.

- Vejam, meus amigos! - disse ele. - Aqui está uma bela pele de hobbit para embrulhar um principezinho élfico. Se soubessem por aí que os hobbits têm peles desse tipo, todos os caçadores da Terra-média estariam se dirigindo para o Condado.

- E todas as flechas e todos os caçadores do mundo seriam inúteis disse Gimli, observando o colete, maravilhado. - É um colete de mithril. Mithril! Nunca vi ou ouvi falar de um tão belo, É desse colete que Gandalf estava falando? Se for, ele o subestimou. Mas foi um presente bem dado!

- Sempre me perguntei o que você e Bilbo estavam fazendo, fechados naquele quartinho - disse Merry. - Bendito seja o velho hobbit! Gosto dele mais que nunca. Espero que tenhamos uma oportunidade de lhe falar sobre isso.

Havia uma contusão escura e enegrecida no flanco e ombro direitos de Frodo. Sob a malha metálica, havia uma camisa de couro macio, mas num ponto os anéis tinham-na perfurado e entrado na carne do hobbit. O flanco esquerdo também estava escoriado e contundido, no local em que ele tinha sido prensado contra a parede. Enquanto os outros preparavam a comida, Aragorn banhou o ferimento com a água na qual a folha de athelas fora posta de infusão. A fragrância pungente se espalhou no valezinho, e os que se agacharam sobre a água fervente se sentiram reanimados e fortificados. Logo Frodo sentia que a dor ia cedendo, e que sua respiração ia ficando mais fácil: apesar disso, a região atingida ficou sensível e inchada por vários dias. Aragorn enfaixou-lhe o flanco com algumas tiras de tecido macio.

- A malha metálica é maravilhosamente leve - disse ele. - Vista-a de novo, se puder agüentar. Meu coração se alegra em saber que você tem um casaco desses. Não o tire, nem mesmo para dormir, a não ser que a sorte o leve a algum lugar onde possa ficar em segurança por um tempo, e isso tem poucas chances de acontecer enquanto durar sua missão.

Depois da refeição, a Comitiva se aprontou para partir outra vez.

Apagaram a fogueira e todos os vestígios dela. Depois, saindo do vale, retomaram a estrada. Não tinham ido muito longe quando o sol afundou atrás dos picos no Oeste, e grandes sombras avançaram por sobre as encostas das montanhas.

O crepúsculo velou-lhes os pés, e uma névoa começou a subir pelas cavidades delas.

Adiante, no Leste, a luz da noite caía fraca sobre as terras apagadas da planície e da floresta ao longe.

Sam e Frodo, agora aliviados e bastante reconfortados, conseguiam seguir num bom passo, e apenas com uma breve parada Aragorn conduziu a Comitiva por mais quase três horas.

Estava escuro. A noite profunda havia caído. Havia muitas estrelas claras, mas a lua minguante não apareceria até bem mais tarde. Gimli e Frodo iam atrás, andando suavemente e sem conversar, tentando escutar qualquer som que viesse da estrada atrás deles. Finalmente Gimli quebrou o silêncio.

- Nenhum som a não ser o do vento - disse ele. - Não há orcs por perto, ou minhas orelhas são de pau. É de esperar que os orcs fiquem satisfeitos em nos expulsar de Moria. E talvez esse fosse o propósito deles, e não tivessem mais nada a ver conosco - com o Anel. Apesar disso, os orcs sempre perseguem seus inimigos por muitas léguas, chegando até a planície, quando têm um capitão morto para vingar.

Frodo não respondeu. Olhou para Ferroada, e a lâmina não estava brilhando. Mesmo assim, ouvia alguma coisa, ou pensava estar ouvindo.

Logo que as sombras caíram ao redor deles e a estrada atrás ficou apagada, ele tinha escutado outra vez a batida rápida de passos. Escutava-a até agora. Voltou-se rapidamente. Viu dois pequenos pontos de luz atrás, ou por um momento julgou tê -los visto, mas eles imediatamente desviaram-se e desapareceram.

- O que foi? - perguntou o anão.

- Não sei - respondeu Frodo. - Pensei ter escutado passos, e ter visto uma luz - como olhos. Tive essa impressão várias vezes, desde que entramos em Moria.

Gimli parou e se abaixou até o chão. - Não ouço nada além da conversa noturna das plantas e pedras - disse ele. - Venha! Vamos nos apressar! Os outros já desapareceram de vista.

O vento noturno soprava frio, vindo do vale na direção deles. Adiante, uma enorme sombra cinzenta assomava, e eles ouviram um interminável farfalhar de folhas, como álamos na brisa.

- Lothlórien! - gritou Legolas. - Lothlórien! Chegamos ao limiar da Floresta Dourada. Pena que estamos no inverno! Sob a noite, as árvores se erguiam altas diante deles, arcadas sobre a estrada e a água que corria veloz sob os galhos estendidos. À luz pálida das estrelas, os troncos eram cinzentos, e as folhas que se agitavam tinham um traço de ouro fulvo.

- Lothlórien! - disse Aragorn. - Alegro-me em escutar de novo o vento nas árvores. Estamos ainda a um pouco mais de cinco léguas dos Portões, mas não podemos ir além. Esperemos que aqui a virtude dos elfos nos proteja do perigo que nos persegue.

- Se é que os elfos realmente ainda moram aqui neste mundo em que as sombras aumentam - disse Gimli.

- Faz muito tempo que alguém de meu povo viajou até aqui, de volta à região de onde saímos eras atrás - disse Legolas. - Mas ouvimos falar que Lórien ainda não está abandonada, pois há um poder secreto aqui, que impede que o mal se aproxime do lugar. No entanto, seu povo é raramente visto, e talvez more no fundo da floresta, longe da fronteira Norte.

- Realmente, eles moram nas profundezas da floresta - disse Aragorn suspirando, como se alguma lembrança se agitasse dentro dele. - Devemos nos arranjar por esta noite. Vamos avançar um pouco mais, até que as árvores nos cubram totalmente, e depois vamos sair do caminho e procurar um lugar para descansarmos.

Deu um passo à frente, mas Boromir parou irresoluto e não o seguiu.

- Não há outro caminho? - perguntou ele.

- Que outro caminho mais belo você poderia desejar? - disse Aragorn.

- Uma simples estrada, mesmo que passasse através de uma cerca-viva de espadas - disse Boromir. - Por estranhos caminhos esta Comitiva foi guiada, e até agora para encontrar má sorte. Contra minha vontade, passamos sob as sombras de Moria, para nossa infelicidade. E agora você diz que devemos entrar na Floresta Dourada. Mas desta terra perigosa já ouvimos falar em Gondor, e diz -se que poucos que entram conseguem sair dela, e desses poucos nenhum escapa ileso.

- Não diga ileso, diga inalterado, e então talvez dirá a verdade - disse Aragorn. - Mas a tradição está se extinguindo em Gondor, Boromir, se na cidade daqueles que já foram sábios se fala mal de Lothlórien. Creia no que quiser, não há outro caminho para nós - a não ser que voltássemos ao Portão de Moria, ou escalássemos as montanhas onde não há caminhos, ou nadássemos sem proteção através do Grande Rio.

-Então vá na frente! - disse Boromir. - Mas é perigoso.

- Realmente perigoso - disse Aragorn -, um lugar belo e perigoso, mas apenas o mal precisa temê-lo, ou aqueles que trazem consigo alguma maldade. Sigam-me!

Tinham avançado pouco mais de uma milha na floresta quando encontraram um outro curso de água que corria veloz das ladeiras arborizadas que de novo subiam para o Oeste, na direção das montanhas. Escutaram a água caindo numa cascata escondida nas sombras, à direita e um pouco mais adiante.

- Aquele é o Nimrodel! - disse Legolas. - Sobre esse riacho os elfos da Floresta fizeram muitas canções antigamente, e ainda as cantamos no Norte, relembrando o arco-íris sobre as suas cascatas, e as flores douradas que flutuavam sobre sua espuma. Tudo agora está escuro, e a Ponte do Nimrodel está destruída. Vou molhar meus pés, pois diz-se que a água é curativa para os que estão cansados. - Foi à frente e desceu a margem íngreme, entrando com os pés na água.

- Sigam-me! - gritou ele. - O riacho não é fundo. Vamos atravessá-lo andando! Podemos descansar na outra margem , e o som da água que cai poderá nos trazer sono e esquecimento de nossas dores.

Um a um, os outros desceram também a margem, e por último foi Legolas.

Por um momento, Frodo parou perto da borda e deixou que a água corresse sobre seus pés cansados.

Era fria, mas seu toque era limpo, e conforme Frodo foi avançando e a água chegou à altura dos joelhos, foi sentindo que suas pernas estavam sendo lavadas de toda a sujeira da viagem e de todo o cansaço.

Quando todos da Comitiva tinham atravessado, sentara m-se para descansar e comer um pouco; Legolas contou-lhes as histórias de Lothlórien, que os elfos da Floresta das Trevas ainda guardavam no coração, sobre a luz do sol e das estrelas, sobre os prados próximos ao Grande Rio, antes de o mundo ficar cinzento.

Finalmente se fez silêncio, e eles escutaram a música da cascata correndo docemente nas sombras. Frodo quase imaginou que ouvia uma voz cantando, misturada ao som da água.

- Estão ouvindo a voz de Nimrodel? - perguntou Legolas. - Vou cantar-lhes uma canção da donzela Nimrodel, que tinha o mesmo nome do riacho perto do qual viveu há muito tempo. É uma canção bonita em nossa língua da floresta, mas em Westron fica assim, conforme alguns a cantam em Valfenda atualmente. - Numa voz suave, quase inaudível em meio ao farfalhar das folhas acima, ele começou.

Donzela élfica de outrora
Brilhava à luz do sol:
No manto branco de ouro orla,
Nos pés prata de escol.
Estrela presa sobre a testa,
Luz no cabelo dela;
Qual sol dourado na floresta
De Lórien a bela.
Longas melenas, alva tez,
Linda era e descuidada;
Ao vento ia com rapidez
De folha defolhada.
Junto às quedas de Nimrodel,
Na água clara e fria,
Sua voz de prata lá do céu

Rebrilhando descia.
Não há ninguém que saiba agora
Se em sombra ou luz está;
Perdeu -se Nimrodel outrora,
Nos montes vagará.
O barco élfico atracado,
Por monte protegido,
Por muitos dias ficou ao lado
Do mar enfurecido.
Um vento Norte a noite corta
Com gritos e estertor,
E o barco élfico transporta
Por maré de vapor.
Manhã sombria de terra em sombra,
Montanha acinzentada,
Além de altas, arfantes ondas,
Plumas de espuma e nada.
Amroth contempla o litoral
Já longe do escarcéu,
E amaldiçôa o barco o qual
Lá deixou Nimrodel.
Um Elfo-rei outrora houvera,
Senhor de vale e planta;
Abria em ouro a primavera
Em Lórien que encanta.
Do leme ao mar se joga num salto
Qual,flecha desferida,
Nas águas fundas vem do alto,
Falcão em sua descida.
Fluía o vento em seu cabelo,
A espuma o envolveu;
Assim foi visto forte e belo,
De cisne o nado seu .
Porém do Oeste não vieram
Palavras ou sinais;
Os elfos novas não tiveram
De Amroth nunca mais.

A voz de Legolas ficou trêmula e a canção parou. - Não consigo mais cantar - disse ele. - Esta é apenas uma parte, pois esqueci muita coisa. É uma canção longa e triste, porque narra como a tristeza chegou até Lothlórien, Lórien da Flor, quando os anões acordaram o mal nas montanhas.

- Mas os anões não criaram o mal - disse Gimli.

- Eu não disse isso; mesmo assim, o mal veio - respondeu Legolas tristemente. - Então muitos elfos do povo de Nimrodel deixaram suas moradias e partiram, e Nimrodel se perdeu lá longe, no Sul, nas passagens das Montanhas Brancas, e não voltou para o barco onde Amroth, seu amado, esperava por ela. Mas na primavera, quando o vento bate nas folhas novas, o eco de sua voz ainda pode ser ouvido perto das cascatas que têm seu nome. E quando o vento sopra do Sul, a voz de Amroth vem do mar, pois o Nimrodel

deságua no Veio de Prata, que os elfos chamam de Celebrant, e o Celebrant deságua no Anduin, o Grande, e o Anduin corre para a Baía de Belfalas, de onde os elfos de Lórien partiram em suas embarcações. Mas Amroth e Nimrodel jamais voltaram.

- Conta-se que Nimrodel tinha uma casa construída nos galhos de uma árvore perto das cascatas, pois esse era o hábito dos elfos de Lórien, morar em árvores; talvez ainda seja. Por isso foram chamados de Galadhrim, o Povo das Árvores. Nas profundezas de sua floresta as árvores são muito grandes.

O povo da floresta não morava no chão como os anões, nem construíam edifícios resistentes de pedra antes de a Sombra chegar.

- E mesmo nos dias de hoje, morar em árvores pode ser considerado mais seguro do que sentar-se no chão – disse Gimli. Olhou através do riacho para a estrada que conduzia de volta ao Vale do Riacho Escuro, e depois olhou para o teto de galhos escuros que lhe cobria a cabeça.

- Suas palavras trazem um bom conselho, Gimli - disse Aragorn. - Não podemos construir uma casa, mas esta noite faremos como os Galadhrim: procuraremos refúgio nas copas das árvores, se pudermos. Ficamos sentados aqui ao lado da estrada mais tempo do que devíamos.

A Comitiva desviou do caminho, e mergulhou na sombra da floresta mais interna, na direção Oeste, ao longo do riacho da montanha, para longe do Veio de Prata. Não muito distante das cascatas do Nimrodel, encontraram um conjunto de árvores, algumas das quais cobriam o riacho. Os grandes troncos cinzentos eram grossos, mas não se podia adivinhar sua altura.

- Vou subir - disse Legolas. - Sinto-me em casa em meio às árvores, perto da raiz ou do galho, embora essas árvores sejam de uma espécie que não conheço, a não ser por seu nome numa canção. São chamadas de mallorn, e são aquelas que ostentam as flores amarelas, mas nunca subi numa delas. Vou verificar agora seu formato e o modo como crescem.

- Qualquer que seja - disse Pippin -, serão árvores realmente maravilhosas se puderem oferecer algum tipo de descanso durante a noite, que não seja para pássaros. Eu não consigo dormir num poleiro.

- Então cave um buraco no chão - disse Legolas -, se isso for mais ao modo de seu povo. Mas precisa cavar fundo e rápido, se quiser se esconder dos orcs. - Pulou um pouco acima do solo e agarrou um galho que saía do tronco bem acima de sua cabeça. Mas enquanto se demorava alguns segundos pendurado ali, uma voz falou de repente, vindo das sombras das árvores acima.

- Daro! - disse a voz num tom imperativo, e Legolas caiu no solo, surpreso e amedrontado. Encolheu-se contra o tronco da árvore.

- Fiquem quietos! - sussurrou ele para os outros. - Não se mexam e não falem nada!

Ouviu-se o som de risos suaves sobre suas cabeças, e então uma outra voz audível falou na língua dos elfos. Frodo conseguia entender pouca coisa do que se dizia, pois a língua que o povo Silvestre ao Leste das montanhas usava era diferente da do povo do Oeste. Legolas olhou para cima e respondeu na mesma língua.

- Quem são eles, e o que estão dizendo? - perguntou Merry.

- São elfos - disse Sam. - Não está escutando as vozes?

- Sim, são elfos - disse Legolas. - E estão dizendo que vocês respiram com tanto ruído que poderiam acertá-los com uma flecha no escuro. Sam colocou rapidamente a mão na boca. - Mas também estão dizendo que vocês não precisam ter medo. Eles já sabem de nós há algum tempo. Escutaram minha voz do outro lado do Nimrodel, e

souberam que sou um de seus parentes do Norte; por isso não impediram nossa passagem. Depois, ouviram minha canção. Agora estão permitindo que eu suba com Frodo; parece que tiveram alguma notícia dele e de nossa viagem. Pedem que os outros esperem um pouco e vigiem ao pé da árvore, até que eles tenham decidido o que se deve fazer, Das sombras, desceu uma escada: era feita de corda, de um cinza prateado e brilhava na escuridão; embora parecesse frágil, mostrou-se forte o suficiente para suportar o peso de muitos homens. Legolas subiu rápido e COM leveza; Frodo o seguiu devagar. Atrás dele veio Sam, tentando respirar sem fazer ruído.

Os galhos do mallorn brotavam quase em ângulo reto com o tronco, e depois avançavam para cima; mas perto da copa o galho principal se ramificava numa corôa de muitos ramos, e em meio a estes eles viram que havia sido construída uma plataforma de madeira ou flet, como essas coisas eram chamadas n aquele tempo: os elfos o chamavam de talan. Chegava-se a ele através de um furo redondo no centro, pelo qual a escada descera.

Ver nota no vol. III, Apêndice F: Sobre os elfos.

Quando Frodo finalmente atingiu o flet, encontrou Legolas sentado com três outros elfos. Suas roupas eram de um cinza -escuro, e não se podiam ver em meio aos galhos das árvores, a não ser que os elfos fizessem movimentos bruscos. Eles se levantaram, e um deles descobriu uma pequena lamparina que emitia um raio de luz fraco e prateado. Ergueu-a, olhando para o rosto de Frodo, e de Sam. Então cobriu a luz novamente, e pronunciou palavras de boas -vindas em sua língua élfica. Frodo respondeu, hesitando.

- Bem-vindos! - disse o Elfo outra vez, na Língua Comum, falando devagar.

- Raramente usamos uma língua que não seja a nossa; moramos agora nas profundezas da floresta, e não nos relacionamos com outros povos voluntariamente. Mesmo nossos próprios parentes do Norte estão separados de nós. Mas ainda existem alguns de nós que saem daqui para coletar notícias, e para vigiar nossos inimigos, e eles falam a língua de outras terras. Haldir é meu nome. Meus irmãos, Rúmil e Orophin, falam pouca coisa em sua língua.

- Mas escutamos rumores sobre sua vinda, pois os mensageiros de Elrond passaram por Lórien, em seu caminho de volta pela Escada do Riacho Escuro. Não ouvíamos falar de... hobbits, ou pequenos, havia vários e vários anos, e não sabíamos que alguns deles ainda moravam na Terra -média. Vocês não parecem maus! E já que vêm com um elfo que é nosso parente, estamos dispostos a fazer amizade com vocês, como Elrond pediu; embora não seja nosso costume levar estranhos pelas nossas terras. Mas devem ficar aqui esta noite. Quantos são?

- Oito - disse Legolas. - Eu, quatro hobbits, dois homens, um dos quais é Aragorn, um amigo-dos-elfos do povo do Ponente.

- O nome de Aragorn, filho de Arathorn, é conhecido em Lórien disse Haldir. - E ele tem a simpatia da Senhora. Então está tudo bem. Mas você só falou de sete.

- O oitavo é um anão - disse Legolas.

- Um anão! - disse Haldir. - Isto não está bem. Não mantemos contato com os anões desde os Dias Escuros. A entrada deles não é permitida em nossa terra. Não posso deixar que ele passe.

- Mas este é da Montanha Solitária, do confiável povo de Dám, e amigo de Elrond - disse Frodo. - Foi o próprio Elrond quem o escolheu para ser um de meus companheiros, e ele tem se mostrado corajoso e fiel!

Os elfos conversaram entre si em voz baixa, e fizeram perguntas a Legolas na sua

própria língua. - Muito bem - disse Haldir finalmente. Vamos permitir, embora a contragosto. Se Aragorn e Legolas estiverem dispostos a vigiá -lo e a responder por ele, poderá passar. Mas deverá atravessar Lothlórien com os olhos vendados.

- Mas agora não devemos alongar a discussão. Nosso povo não deve permanecer no chão. Estivemos vigiando os rios, desde quando vimos uma grande tropa de orcs indo para o Norte na direção de Moria, ao longo das bordas das montanhas, muitos dias atrás. Há lobos uivando nas fronteiras da floresta. Se vocês realmente vieram de Moria, o perigo não pode estar muito atrás. Amanhã cedo devem prosseguir.

- Os quatro hobbits devem subir aqui e ficar conosco - não temos medo deles! Há mais um talan na próxima árvore. Ali os outros devem se refugiar. Você, Legolas, deve responder por eles. Chame-nos se algo estiver errado! E fique de olho naquele anão!

Legolas desceu imediatamente a escada para levar a mensagem de Haldir, e logo depois Merry e Pippin escalavam a árvore e atingiam o alto flet.

Estavam sem fôlego e pareciam terrivelmente amedrontados.

- Aqui está! - disse Merry ofegando. - Trouxemos seus cobertores, e também os nossos. Passolargo escondeu todo o resto da bagagem num grande monte de folhas. Não será necessária sua bagagem - disse Haldir. - Faz frio nas copas das árvores no inverno, embora o vento esta noite esteja soprando do Sul. Mas temos para oferecer-lhes, comida e bebida que afastarão o frio da noite, e temos peles e capas a mais.

Os hobbits aceitaram essa segunda ceia (que foi muito melhor) com grande alegria. Depois agasalharam-se bem, não só com as capas revestidas de pele dos elfos, mas também com os próprios cobertores, e tentaram adormecer. Mas, cansados como estavam, apenas Sam achou fácil dormir. Os hobbits não gostam de lugares altos, e não dormem no andar de cima, mesmo quando têm qualquer tipo de escada. O flet não servia de modo algum como quarto, segundo o gosto deles. Não tinha paredes, nem sequer um parapeito; apenas de um lado havia um fino biombo trançado, que podia ser removido e fixado em diferentes pontos, de acordo com o vento.

Pippin continuou conversando por um tempo. - Espero que, se realmente conseguir dormir nesse quarto que mais parece um sótão, eu não caia lá embaixo - disse ele.

- Se eu conseguir dormir - disse Sam -, vou continuar dormindo, caindo ou não lá embaixo. E quanto menos falarem, mais fácil será eu cair no sono, se entendem o que quero dizer.

Frodo ficou deitado por um tempo sem dormir, olhando para as estrelas que brilhavam através do teto pálido de folha s que se agitavam. Sam já roncava do seu lado muito antes que ele tivesse fechado os olhos. Frodo podia ver vagamente as formas cinzentas de dois elfos sentados, sem se mexer, com os braços em volta dos joelhos, falando aos sussurros. O outro tinha descido para fazer seu turno de guarda em um dos galhos mais baixos.

Finalmente, ninado pelo vento nos ramos acima, e pelo doce murmúrio das cascatas do Nimrodel, Frodo adormeceu com a canção de Legolas ecoando em sua cabeça.

Tarde da noite, acordou. Os outros hobbits estavam dormindo. Os elfos tinham-se ido. A lua em forma de foice emanava uma luz fraca por entre as folhas. Não havia vento. A uma certa distância, escutou uma gargalhada rude e pisadas de muitos pés no chão lá embaixo. Ouviu um tinido metálico. Os ruídos foram sumindo devagar, e pareciam se dirigir para o Sul, ou para dentro da floresta.

Uma cabeça apareceu de repente pela abertura no flet. Frodo se sentou alarmado e viu que era um elfo de capuz cinza. Olhou na direção dos hobbits.

- O que foi”? - perguntou Frodo.

- Yrch! - disse o elfo num sussurro chiado, e jogou para dentro do flet a escada de corda, enrolada.

- Orcs! - disse Frodo. - O que estão fazendo”? - Mas o elfo tinha sumido.

Não houve mais ruídos. Até mesmo as folhas estavam quietas, e as próprias cascatas pareciam ter silenciado. Frodo se sentou, tremendo em seus cobertores. Sentia-se grato pelo fato de não terem sido pegos no chão, mas também tinha a impressão de que as árvores ofereciam pouca proteção , a não ser pela possibilidade de escondê-los.

Os orcs tinham um faro semelhante ao dos cães, mas também podiam subir nas árvores, Frodo retirou Ferroada da bainha: a espada brilhou como uma chama azul; depois o brilho foi sumindo devagar e ela ficou novamente opaca. Apesar disso, a sensação de perigo imediato não abandonou Frodo; ao invés disso, ficou mais intensa. Ele se levantou e foi se arrastando até a abertura para espiar lá embaixo.

Estava quase certo de que podia ouvir movimentos furtivos ao pé da árvore.

Não eram elfos, pois o povo da floresta era totalmente silencioso em seus movimentos. Depois Frodo escutou um ruído baixo, como se alguém estivesse farejando, e alguma coisa parecia estar raspando o tronco da árvore. Olhou para baixo no escuro, prendendo a respiração.

Alguma coisa agora estava subindo lentamente e sua respiração vinha como um silvo baixo entre dentes cerrados. Então, subindo, perto do galho, Frodo viu dois olhos pálidos. Pararam e ficaram olhando para cima sem piscar. De repente voltaram-se noutra direção e uma figura sombria escorregou pelo tronco da árvore e desapareceu.

Imediatamente depois disso, Haldir veio subindo depressa através dos galhos. - Havia alguma coisa nesta árvore que eu nunca tinha visto antes - disse ele. - Não era um orc. Fugiu assim que toquei o tronco. Parecia ser precavido, e ter alguma habilidade para subir em árvores; se não fosse isso, eu poderia ter pensado que era um de seus hobbits.

- Não atirei, pois não arrisquei provocar qualquer grito: não podem os correr o risco de uma batalha. Um grupo assustador de orcs passou por aqui. Atravessaram o Nimrodel - amaldiçôo seus pés imundos poluindo aquelas águas limpas! - e foram pela estrada velha ao longo do rio. Pareciam estar farejando algo, e ficaram um tempo fuçando o chão perto do lugar onde você parou. Nós três não podíamos desafiar uma centena, então fomos adiante e falamos disfarçando nossa voz, para atraí-los para dentro da floresta.

- Orophin voltou agora correndo para nossas moradias a fim de avisa r nosso povo. Nenhum dos orcs sairá de Lórien. E haverá muitos elfos escondidos na fronteira Norte antes que mais uma noite caia. Mas vocês devem pegar a estrada para o Sul assim que o dia chegue.

A luz do dia veio pálida do Leste. Conforme aumentava, ia sendo filtrada pelas folhas amarelas do mallorn, e os hobbits tiveram a impressão de que os primeiros raios de sol de uma manhã fresca de verão começavam a brilhar. O céu, de um azul pálido, espiava por entre os galhos que se agitavam. Olhando por uma abertura no lado Sul do flet, Frodo viu todo o vale do Veio de Prata se estendendo como um mar de ouro fulvo, ondulando suavemente com a brisa.

Era de manhãzinha e ainda estava frio quando a Comitiva partiu outra vez, guiada por Haldir e seu irmão Rúmil. - Adeus, doce Nimrodel! - gritou Legolas, Frodo se voltou e vislumbrou a espuma branca através dos galhos cinzentos.

- Adeus! - disse ele. Parecia-lhe que nunca mais ouviria uma música tão doce de água correndo, eternamente mesclando suas inumeráveis notas numa melodia interminável, que sempre se alterava.

Voltaram para a trilha que ainda prosseguia ao longo do lado Oeste do Veio de

Prata, e por algumas milhas seguiram -na para o Sul. Havia pegadas de orcs na terra.

Mas logo Haldir tomou outra direção e entrou na floresta, parando na margem do rio sob as sombras.

- Há um membro de meu povo lá adiante, do outro lado da margem disse ele -, embora possa passar despercebido por vocês. - Haldir emitiu um chamado semelhante ao piar baixo de um pássaro, e de uma moita de arvores jovens saiu um elfo, vestido de cinza, mas com o capuz jogado para trás, Seu cabelo reluzia como ouro ao sol matinal. Haldir, com muita destreza, jogou por sobre a água um rolo de corda cinza, e o elfo apanhou a ponta e a prendeu em volta de uma árvore perto da margem.

- O Celebrant já é uma correnteza forte aqui, como podem ver - disse Haldir. - E nesse ponto corre rápido e já está fundo, e sua água é muito fria. Não entramos nele aqui tão ao Norte, a não ser que seja necessário. Mas nestes dias de vigilância, não construímos pontes. É assim que atravessamos! Sigam-me! - Amarrou sua ponta da corda numa outra árvore, e então correu lépido por ela, sobre o rio, de uma margem até a outra, como se estivesse numa estrada.

- Eu consigo andar nesse caminho - disse Legolas. - Mas os outros não têm essa habilidade. Será que terão de nadar?

- Não! - disse Haldir. - Temos outras duas cordas. Vamos amarrá -las acima da outra, uma na altura dos ombros, e outra na altura da cintura.

Segurando nelas esses forasteiros podem atravessar, com cuidado.

Quando essa frágil ponte havia sido feita, a Comitiva atravessou o rio, alguns com cautela e devagar, outros com mais facilidade. Dos hobbits, Pippin acabou se mostrando o melhor, pois ele pisava com confiança e andava na corda com rapidez, segurando com apenas uma das mãos: mas ele mantinha os olhos na margem à sua frente e não olhava para baixo. Sam foi sem levantar os pés, agarrado à corda e olhando para a água clara e ondulada, como se fosse um abismo nas montanhas.

Respirou aliviado ao se ver a salvo do outro lado. - Vivendo e aprendendo!, como costumava dizer meu velho pai. Apesar de ele se referir à jardinagem, e não a ficar empoleirado como um pássaro, ou tentar and ar como uma aranha. Nem mesmo meu tio Andy jamais fez uma façanha como essa! Quando finalmente toda a Comitiva estava reunida na outra margem do Veio de Prata, os elfos desamarraram as cordas e enrolaram duas delas. Rúmil, que tinha ficado do outro lado, retirou a última, pendurou-a no ombro e com um aceno de mão foi embora, de volta ao Nimrodel, para ficar vigiando.

- Agora, amigos - disse Haldir -, vocês entraram no Naith de Lórien, ou o Gomo, como vocês diriam, pois esta é a região que se estende no formato de uma ponta de lança entre o Veio de Prata e o Grande Anduin. Não permitimos que estranhos espionem os segredos do Naith. Na verdade, a poucos se permite que coloquem os pés aqui.

- Como combinamos, vou vendar os olhos do anão. Os outros podem andar livremente até que cheguemos mais perto de nossas moradias, em Egladil, no Ângulo entre os dois rios.

Gimli não gostou nem um pouco disso. - O acordo foi feito sem minha permissão - disse ele. - Não vou andar com os olhos vendados, como um mendigo ou um prisioneiro. Não sou nenhum espião. Meu povo nunca teve contato com qualquer um dos servidores do Inimigo.

Do mesmo modo, nunca fizemos mal algum aos elfos. Eu não estou mais propenso a traí-los do que Legolas, ou qualquer um de meus companheiros.

- Não duvido do que está dizendo - disse Haldir. - Mas esta é nossa lei. Não sou o dono das leis, e não posso ignorá -las. Já fiz muito permitindo que vocês colocassem os pés no Celebrant.

Gimli se mostrava irredutível. Afastou os pés e fincou -os com firmeza no solo, colocando a mão sobre o cabo do machado. - Vou caminhar livremente - disse ele -, ou então volto e procuro minha própria terra, onde todos sabem que sou um anão de palavra, mesmo que possa sucumbir em meio às regiões desertas.

- Você não pode voltar - disse Haldir com rispidez. - Agora que chegou até aqui, precisa ser levado à presença do Senhor e da Senhora. Eles devem julgá-lo, retê-lo aqui ou permitir que parta, conforme quiserem. Você não pode atravessar os rios outra vez, pois lá atrás agora estão sentinelas secretas, pelas quais não poderá passar. Seria morto antes mesmo que as visse.

Gimli puxou o machado do cinto. Haldir e seu companheiro aprontaram os arcos.

- Malditos anões com sua teimosia! - disse Legolas.

- Calma! - disse Aragorn. - Se ainda sou líder desta Comitiva, vocês devem fazer o que eu determinar. É difícil para o anão ser discriminado desta maneira. Todos nós vamos com os olhos vendados, até mesmo Legolas. Será melhor assim, apesar de nossa viagem ficar monótona e demorada.

Gimli riu de repente. - Vamos parecer um bando de bobos alegres! Haldir vai nos levar numa coleira, como vários mendigos cegos seguindo um cachorro? Mas fico satisfeito se apenas Legolas dividir essa cegueira comigo.

- Sou um elfo e parente do povo daqui - disse Legolas, ficando por sua vez furioso.

- Então vamos gritar: "Malditos elfos com sua teimosia!" - disse Aragorn.

- Mas a Comitiva deve partilhar tudo da mesma maneira. Venha, cubra nossos olhos, Haldir!

- Exigirei indenizações por cada queda ou dedo esfolado, se vocês não nos conduzirem direito - disse Gimli, enquanto lhe colocavam um pano em volta dos olhos.

- Não vai ter nada a exigir - disse Haldir. - Vou conduzi-los bem, e os caminhos são planos e sem acidentes.

- É uma lástima a loucura destes dias! - disse Legolas. - Todos aqui são inimigos do único Inimigo, e mesmo assim devo andar como um cego, enquanto o sol alegra a floresta sob as folhas douradas!

- Pode ser loucura - disse Haldir. - Mas na verdade o poder do Senhor do Escuro nunca se manifestou tão claramente como na hostilidade que divide todos aqueles que ainda se opõem a ele. Apesar disso, encontramos tão pouca confiança e sinceridade no mundo além de Lothlórien, talvez com a exceção de Valfenda, que não ousamos arriscar a segurança de nossa terra confiando demais nos outros. Vivemos atualmente numa ilha rodeada de Perigos, e nossas mãos tocam com mais freqüência os arcos que as harpas.

- Os rios nos defenderam por muito tempo, mas não são mais uma proteção segura; a Sombra avança do Norte e nos rodeia. Alguns falam em partir, mas parece que já é tarde para isso. As montanhas ao Oeste estão ficando perigosas; ao Leste as terras estão perdidas, e cheias das criaturas de Sauron; comenta-se também que não poderemos passar em segurança para o Sul através de Rohan, e que a foz do Grande Rio está sendo vigiada pelo Inimigo. Mesmo que conseguíssemos chegar à beira do mar, já não poderíamos encontrar qualquer abrigo ali. Comenta -se que ainda existem os portos dos Altos-elfos, mas estes ficam no extremo Norte e no extremo Oeste, além da terra dos Pequenos. Mas onde realmente ficam, embora possa ser do conhecimento do Senhor e da Senhora, eu não sei.

- Você deveria ao menos adivinhar, já que nos viu - disse Merry. Existem portos de elfos a oeste de minha terra, o Condado, onde vivem os hobbits.

- Os hobbits são um povo feliz por poder morar perto do mar! - disse Haldir. - Realmente faz muito tempo que qualquer representante de meu povo colocou os olhos

nele, embora ainda o recordemos em canções. Conte -me sobre esses portos enquanto caminhamos.

- Não posso contar nada - disse Merry. - Nunca os vi. Nunca saí de minha terra antes. E se tivesse sabido como o mundo de fora era, não acho que teria tido a coragem de deixá-la.

- Nem mesmo para ver a bela Lothlórien”? - perguntou Haldir. - Realmente, o mundo está cheio de perigos, mas ainda há muita coisa bonita, e embora atualmente o amor e a tristeza estejam misturados em todas as terras, talvez o primeiro ainda cresça com mais força.

- Existem alguns entre nós que cantam que a Sombra vai recuar, e a paz voltará. Mesmo assim, não acredito que o mundo à nossa volta possa ser o mesmo de antigamente, ou mesmo que a luz do sol possa brilhar com a mesma intensidade. Receio que aos elfos restará, na melhor das hipóteses, uma trégua durante a qual poderão passar para o mar sem serem molestados e deixar a Terra -média para sempre. Sinto por Lothlórien, que tanto amo! A vida seria pobre numa terra onde não nascesse algum mallorn. Mas se existem pés de mallorn do outro lado do Grande Mar, ninguém nunca comentou.

Conversando sobre essas coisas, a Comitiva seguiu em fila e lentamente pelas trilhas na floresta, conduzida por Haldir, enquanto o outro elfo andava atrás. Sentiam o chão sob seus pés macio e plano, e depois de um tempo passaram a caminhar com mais liberdade, sem medo de cair ou de se machucar.

Desprovido da visão, Frodo sentiu seus outros sentidos se aguçarem. Podia sentir o cheiro das árvores e da grama pisada. Ouvia vários tons diferentes no farfalhar das folhas acima, o rio murmurando na distância à sua direita, e as vozes límpidas e frágeis dos pássaros no céu. Sentia o sol a lhe bater no rosto e nas mãos quando passavam através de uma clareira.

Desde que pisara na outra margem do Veio de Prata, fora tomado por uma sensação estranha, que ia se intensificando à medida que entrava no Naith: parecia-lhe que tinha atravessado uma ponte do tempo e atingido um canto dos Dias Antigos, e estava agora andando num mundo que não existia mais. Em Valfenda havia lembranças de coisas antigas; em Lórien as coisas antigas ainda existiam no mundo real.

A maldade havia sido vista ou ouvida ali, conhecia -se a tristeza; os elfos temiam e desconfiavam do mundo lá fora: os lobos uivavam nas fronteiras da floresta; mas sobre a terra de Lórien não pairava sombra alguma.

Durante todo aquele dia, a Comitiva continuou marchando, até que sentiram a noite fresca chegar, e ouviram o vento do crepúsculo sussurrando por entre as muitas folhas. Então pararam e dormiram sem medo sobre o chão, pois os guias não lhes permitiriam desvendar os olhos, e eles não podiam subir nas árvores.

Na manhã seguinte prosseguiram, e Frodo estava consciente de que caminhavam sob a luz do sol. De repente escutou o som de muitas vozes ao redor.

Um grupo de elfos tinha se aproximado em silêncio: estavam correndo em direção às fronteiras do Norte para protegê -la contra qualquer ataque de Moria, e traziam notícias, das quais Haldir reportou algumas. Os orcs saqueadores tinham sido derrotados e quase todos destruídos; o restante deles tinha fugido para o Oeste na direção das montanhas, e estavam sendo perseguidos. Uma criatura estranha também tinha sido vista, correndo com as costas arqueadas e com as mãos perto do chão, como um animal e apesar disso sem ter a aparência de um animal. Tinha conseguido escapar, e não atiraram nela por não saberem se era boa ou má, e a criatura tinha desaparecido pelo Veio de Prata em direção ao Sul.

- Além disso - disse Haldir -, eles me trazem uma mensagem do Senhor e da Senhora dos Galadhrim. Todos podem andar livremente, até mesmo o anão Gimli. Parece que a Senhora sabe quem e o que é cada membro da Comitiva. Talvez novas mensagens tenham chegado de Valfenda.

Haldir retirou primeiro a venda dos olhos de Gimli. - Minhas desculpas! - disse ele com uma reverência. - Olhe-nos agora com olhos de amigo! Olhe e se alegre, pois é o primeiro anão que pode enxergar as árvores do Naith de Lórien, desde os dias de Durin!

Quando por sua vez Frodo teve os olhos desvendados, ele olhou para cima e perdeu o fôlego. Estavam parados num espaço aberto. À esquerda ficava um grande monte, coberto por um gramado tão verde como a primavera dos Dias Antigos. Sobre ele, como uma corôa dupla, cresciam dois círculos de árvores. As de fora tinham troncos brancos como a neve, não tinham folhas e mesmo assim eram belas na sua nudez elegante; as de dentro eram pés de mallorn muito altos, ainda adornados por um dourado claro. Bem no meio dos galhos de uma árvore alta que se erguia no centro de todas reluzia um flet branco. Ao pé das árvores, e por toda a volta das colinas verdes, o gramado estava salpicado de pequenas flores douradas, com formato de estrelas. Entre estas, pendendo de caules frágeis, havia outras flores, brancas ou de um verde muito claro: brilhavam como uma névoa sobre a rica tonalidade da grama. Acima de tudo o céu estava azul, e o sol da tarde batia na colina e lançava sombras compridas e verdes embaixo das árvores.

- Vejam! Vocês estão em Cerin Amroth - disse Haldir. - Este é o coração do reino antigo, como era outrora; aqui está a Colina de Amroth, onde em dias mais felizes foi construída sua bela casa. Aqui sempre desabrocham as flores do inverno na relva sempre igual. As elanor amarelas e o pálido niphredil. Aqui vamos nos deter um pouco, para entrar na cidade dos Galadhrim ao anoitecer.

Os outros se jogaram sobre a relva cheirosa, mas Frodo continuou de pé por uns momentos, ainda pasmo e admirado. Tinha a impressão de ter atravessado uma janela alta que dava para um mundo desaparecido. Havia uma luz sobre esse mundo que não podia ser descrita na língua dele. Tudo o que via parecia harmonioso, mas as formas pareciam novas, como se tivessem sido concebidas e desenhadas no momento em que lhe tiraram a venda dos olhos, e ao mesmo tempo antigas, como se tivessem existido desde sempre. Frodo não viu cores diferentes das que conhecia, dourado e branco e azul e verde, mas eram novas e pungentes, como se naquele mesmo momento as tivesse percebido pela primeira vez, dando-lhes nomes novos e maravilhosos.

Naquela região, no inverno, ninguém podia sentir saudade do verão ou da primavera. Não se podia ver qualquer defeito ou doença ou deformidade em cada uma das coisas que cresciam sobre a terra. Não havia manchas na terra de Lórien.

Voltou-se e viu que Sam estava parado ao seu lado, olhando em volta com uma expressão admirada, e esfregando os olhos como se não tivesse certeza de estar acordado.

- Estamos num dia brilhante e pleno de luz, por certo - disse ele. - Pensei que os elfos preferissem a lua e as estrelas: mas isto aqui é mais élfico do que qualquer coisa que já ouvi contar. Sinto - me como se estivesse dentro de uma canção, se o senhor entende o que quero dizer.

Haldir olhou para eles, e parecia realmente entender o que diziam os pensamentos e as palavras. Sorriu. - Vocês estão sentindo o poder da Senhora dos Galadhrim - disse ele. - Gostariam de subir comigo o Cerin Amroth?

Os outros seguiram Haldir enquanto ia subindo pelas encostas cobertas de grama. Embora estivesse andando e respirando, e à sua volta as folhas vivas se agitassem com o mesmo vento fresco que lhe batia no rosto, Frodo se sentia como se estivesse numa terra eterna, que não perdia o viço ou se alterava ou cala no esquecimento.

Quando tivesse partido e entrado outra vez no mundo de fora, Frodo, o andarilho do Condado, ainda estaria caminhando ali, sobre a relva e por entre os elanor e niphredil da bela Lothlórien.

Entraram no círculo de árvores brancas. Quando fizeram isso, o Vento Sul soprou sobre Cerin Amroth e suspirou por entre os galhos. Frodo parou quieto, ouvindo grandes mares distantes sobre praias que tinham sido levadas havia muito tempo, e o grito de pássaros marítimos cuja raça já tinha desaparecido da terra.

Haldir tinha ido na frente e agora subia para o alto flet. Quando Frodo se preparava para segui-lo, colocou a mão sobre a árvore ao lado da escada: nunca antes ele tinha tido uma consciência tão aguçada e repentina da sensação e da textura de uma casca de árvore e da vida dentro dela. Sentiu um prazer provocado pela madeira e pelo seu toque nas mãos, que não era o prazer de um agricultor ou de um carpinteiro, mas o prazer da própria vida da árvore.

Quando pisou finalmente na alta plataforma, Haldir pegou sua mão e o virou para o Sul. - Olhe para este lado primeiro - disse ele.

Frodo olhou e viu, ainda a certa distância, uma colina com várias arvores grandes ou uma cidade de torres verdes: o que era exatamente não sabia dizer. Dali lhe parecia emanar o poder e a luz que mantinham toda aquela região em equilíbrio. Desejou de repente voar como um pássaro para descansar na cidade verde. Então olhou para o Leste e viu a terra de Lórien descendo até o brilho claro do Anduin, o Grande Rio. Levantou os olhos acima da linha do rio e toda a luz se extinguiu, e ele estava de volta ao mundo que conhecia. Além do rio a terra parecia plana e vazia, informe e vaga, até que muito na frente se erguia de novo como uma parede, escura e melancólica. O sol que batia em Lothlórien não tinha o poder de iluminar a sombra daquela região alta e distante.

- Ali fica a fortaleza do Sul da Floresta das Trevas disse Haldir. Está incrustada numa mata de abetos escuros, onde as árvores lutam u mas contra as outras e seus ramos apodrecem e definham. No meio, sobre uma colina rochosa, fica Dol Guldur, onde por muito tempo o Inimigo oculto tinha sua moradia. Tememos que agora esteja habitada outra vez, e com um Poder sete vezes maior. Ultimamente uma nuvem negra paira sempre sobre ela. Neste lugar alto você poderá ver os dois poderes que se opõem; e agora ambos sempre lutam através dos pensamentos , mas embora a luz perceba o próprio coração da escuridão, seu próprio segredo ainda não foi descoberto. Não por enquanto! - Voltou-se e desceu rapidamente, e os outros o seguiram.

Ao pé da colina Frodo encontrou Aragorn, parado e quieto como uma árvore, mas em sua mão estava uma pequena flor dourada de elanor, e uma luz brilhava em seus olhos.

Estava envolvido em alguma lembrança antiga: e, olhando para ele, Frodo percebeu que ele olhava as coisas como elas haviam sido certa vez naquele lugar. Os anos tristes tinham sido retirados do rosto de Aragorn, que parecia estar vestido de branco, um senhor alto e belo; ele falava coisas na língua élfica para alguém que Frodo não podia ver. Arwen vanimelda, namariê!, disse, a suspirar, e depois regressou do mundo das recordações, olhou para Frodo e sorriu. Ele, e depois respirou fundo.

Despertando de seu devaneio, olhou para Frodo e sorriu.

- Aqui está o coração do Reino Élfico na terra - disse ele - e aqui mora meu coração para sempre, a menos que haja luz além das estradas escuras que devemos percorrer, você e eu. Venha comigo! - E, segurando a mão de Frodo, deixou a colina de Cerin Amroth, para a qual nunca mais retornou em vida.

CAPÍTULO VII
O ESPELHO DE GALADRIEL

O sol se escondia por trás das montanhas, e as sombras se aprofundavam na floresta, quando a Comitiva partiu.

O caminho que trilhavam agora atravessava conjuntos de árvores onde a escuridão já havia se instalado. A noite surgia por detrás das árvores quando eles andavam, e os elfos descobriram suas lamparinas prateadas.

De repente chegaram a um espaço aberto outra vez, e se viram sob um claro céu noturno, salpicado pelas primeiras estrelas. Havia um trecho amplo e sem árvores adiante, formando um grande círculo com descidas que se estendiam de ambos os lados. Além desse espaço via-se um fosso profundo, perdido na sombra suave, mas a grama sobre sua borda era verde, como se ainda brilhasse em memória do sol que já se fora. Mais adiante, do lado oposto, erguia -se a uma enorme altura uma muralha verde circundando uma colina verde coberta de pés de mallorn, mais altos do que quaisquer outros que eles tinham visto naquela região. Não se podia adivinhar sua altura, mas erguiam-se no crepúsculo como torres vivas. Nas numerosas camadas de galhos e por entre as folhas que sempre se agitavam, brilhavam incontáveis luzes, verdes, douradas e prateadas.

Haldir voltou-se para a Comitiva.

- Bem-vindos a Caras Galadhon! - disse ele. - Esta é a cidade dos Galadhrim, onde moram o Senhor Celeborn e Galadriel, a Senhora de Lórien. Mas não podemos entrar por aqui, pois os portões não se abrem para o Norte. Devemos dar a volta chegando pelo lado Sul, e o caminho não é curto, pois a cidade é grande.

Havia uma estrada pavimentada com pedras brancas percorrendo a borda externa do fosso. Por ali foram na direção Oeste, com a cidade sempre subindo como uma nuvem verde à esquerda; à medida que a noite ia chegando, muitas outras luzes se acendiam, até que toda a colina pareceu estar incendiada de estrelas.

Finalmente chegaram a uma ponte branca, e atravessando-a depararam com os grandes portões da cidade: abriam-se para o Sudoeste, e ficavam entre as extremidades da muralha, que ali se encontravam; eram resistentes e altos, munidos de muitas lamparinas.

Haldir bateu e falou, o que fez com que os portões se abrissem sem qualquer ruído, mas Frodo não viu nenhum sinal de guardas. Os viajantes entraram e os portões se fecharam atrás deles. Estavam numa alameda funda entre as extremidades da muralha, e avançando rapidamente por ela entraram na Cidade das Arvores. Não viram ninguém, nem escutaram o som de nenhum passo nos caminhos; mas havia muitas vozes enchendo o ar ao redor e acima deles. Mais acima, na colina, puderam escutar vozes cantando, que pareciam cair sobre as folhas como uma chuva suave.

Continuaram por muitos caminhos, e subiram muitas escadas, até que chegaram às partes altas e viram adiante, em meio a um vasto gramado, uma fonte tremeluzindo.

Estava iluminada por lamparinas prateadas penduradas aos galhos das árvores, e caía sobre um vaso de prata, do qual jorrava água cristalina.

No lado Sul do gramado subia a maior de todas as árvores; a copa lisa e grande reluzia como uma seda cinzenta; o tronco se erguia imponente até que os primeiros galhos, bem em cima, abriam seus enormes braços sob nuvens de folhas sombreadas. Ao lado ficava uma grande escada branca, e na base três elfos estavam sentados. Pularam de pé logo que viram os viajantes se aproximando, e Frodo viu que eram altos e estavam vestindo malhas metálicas cinzentas, e de seus ombros pendiam mantos longos e brancos.

- Aqui moram Celeborn e Galadriel - disse Haldir. - É o desejo deles que vocês

subam para que possam conversar.

Um dos Guardas Élficos tocou então uma nota límpida numa pequena corneta, ao que uma outra respondeu em três toques que vinham lá de cima. - Vou primeiro – disse Haldir. - Deixem que Frodo venha em seguida, e com ele Legolas. Os outros podem nos seguir na ordem em que desejarem. É uma longa subida para os que não estão acostumados com este tipo de escada, mas podem descansar durante a escalada.

Ao subir lentamente, Frodo passou por vários flets: alguns de um lado, outros na posição oposta, e outros ainda colocados na copa da árvore, de modo que a escada passava por todos eles. Numa grande altura acima do solo, deparou com um grande talan, semelhante ao convés de um grande navio. Sobre ele estava construída uma casa, tão grande que quase poderia ser utilizada como salão para homens no chão. Frodo entrou atrás de Haldir, e viu -se num cômodo de formato oval, no meio do qual crescia o tronco do grande mallorn, nesse ponto se afilando em direção a corôa, e mesmo assim formando um pilar bem largo.

O cômodo estava repleto de uma luz suave; as paredes eram verdes e prateadas, o teto era dourado. Muitos elfos estavam sentados ali. Em duas cadeiras, sob a copa da árvore e com um ramo vivo à guisa de dossel, estavam sentados, lado a lado, Celeborn e Galadriel. Levantaram-se para cumprimentar os convidados, como fazem os elfos, mesmo aqueles tidos como reis poderosos. Eram muito altos, a Senhora não menos que o Senhor; eram belos e austeros.

Usavam trajes completamente brancos; os cabelos da Senhora eram de um dourado profundo, e os do Senhor Celeborn eram longos e prateados, mas não se via nenhum sinal de idade naqueles rostos, a não ser que estivesse na profundeza dos olhares, que eram agudos como lanças sob a luz das estrelas, e apesar disso profundos: os poços de profundas recordações.

Haldir conduziu Frodo à presença deles, e o Senhor deu -lhe boas-vindas em sua própria língua. A Senhora Galadriel não disse uma palavra, mas ficou observando longamente seu rosto.

- Sente-se agora perto de mim, Frodo do Condado! - disse Celeborn.

- Quando todos tiverem chegado conversaremos juntos.

Cumprimentou cada um dos companheiros de Frodo com cortesia, chamando -os pelo nome quando entravam. - Bem-vindo, Aragorn, filho de Arathorn! - disse ele. - Somam-se trinta e oito anos do mundo lá fora desde que esteve nesta terra, e esses anos pesam muito para você. Mas o fim está próximo, seja bom seja ruim. Enquanto estiver aqui, coloque de lado o fardo que carrega!

-Bem-vindo, filho de Thranduil! Muito raramente meus parentes viajam até aqui, vindos do Norte.

- Bem-vindo, Gimli, filho de Glóin! Realmente faz muito tempo que vimos alguém do povo de Durin em Caras Galadhon. Mas hoje quebramos nossa antiga lei. Que isso possa ser um sinal de que, embora o mundo esteja escuro atualmente, melhores dias estão próximos, e de que a amizade entre nossos povos será renovada. - Gimli fez uma grande reverência.

Quando todos os convidados estavam sentados diante de sua cadeira, o Senhor olhou-os de novo. - Aqui estão oito - disse ele. - Nove deveriam ter partido: assim diziam as mensagens. Mas talvez tenha havido alguma mudança nos planos, sobre a qual não ouvimos. Elrond está distante, e a escuridão se adensa entre nós; durante todo este ano as sombras cresceram ainda mais.

- Não, não houve nenhuma mudança nos planos - disse a Senhora Galadriel, falando pela primeira vez. Tinha uma voz límpida e musical, mas mais grave do que o

habitual para uma mulher. - Gandalf, o Cinzento, partiu com a Comitiva, mas não passou as fronteiras desta terra. Agora, contem-nos onde está, pois eu desejava muito conversar com ele outra vez. Mas não posso vê-lo de longe, a não ser que entre nos limites de Lothlórien: uma grande névoa o envolve, e os caminhos de seus pés e de sua mente estão ocultos para mim.

- Infelizmente! - disse Aragorn. - Gandalf, o Cinzento, caiu na sombra, Permaneceu em Moria e não conseguiu escapar.

Ao ouvir essas palavras, todos os elfos no salão choraram de dor e surpresa. - Essa é uma péssima notícia. A pior que já foi anunciada aqui em longos anos repletos de acontecimentos tristes. - Voltou-se para Haldir.

- Por que nada disso me foi contado antes? - perguntou ele na língua dos elfos.

- Nós não conversamos com Haldir sobre nossos feitos e propósitos disse Legolas. - Primeiro porque estávamos cansados e o perigo estava muito próximo, e depois nós quase esquecemos nossa dor por um tempo, percorrendo felizes os belos caminhos de Lórien.

- Apesar disso, nosso sofrimento é grande, e nossa perda não pode ser reparada - disse Frodo. - Gandalf era nosso guia, e nos conduziu através de Moria. Quando nossa fuga parecia impossível, ele nos salvou, e sucumbiu.

- Conte-nos agora a história inteira - disse Celeborn.

Aragorn contou então tudo o que tinha acontecido na passagem de Caradhras e nos dias que se seguiram; falou também de Balin e seu livro, e da luta na Câmara de Mazarbul, e do fogo, e da ponte estreita, e da chegada do Terror. - Parecia um mal do Mundo Antigo, que eu nunca tinha visto antes - disse Aragorn. - Era ao mesmo tempo uma sombra e uma chama, forte e terrível.

- Era um balrog de Morgoth - disse Legolas. -A mais mortal das maldições que afligem os elfos, com exceção daquele que está na Torre Escura.

- De fato, eu vi sobre a ponte aquele que assombra nossos piores sonhos. Eu vi a Ruína de Durin – disse Gimli em voz baixa, com os olhos cheios de terror.

- Isso é muito triste! - disse Celeborn. - Há muito tempo já temíamos que existisse um terror adormecido sob Caradhras. Mas se eu soubesse que os anões tinham acordado esse mal em Moria outra vez, teria proibido que você passasse pela fronteira do Norte, você e todos os que o acompanham. E se isso fosse possível, talvez se pudesse dizer que Gandalf, no último momento da sabedoria caiu na loucura, entrando sem necessidade nas entranhas de Moria.

- Dizer isso seria realmente precipitado - disse Galadriel gravemente.

- Nenhum dos feitos de Gandalf foi desnecessário em toda sua vida. Aqueles que o seguiam não sabiam o que passava pela sua cabeça e não podem prestar contas de seus propósitos. Mas o que quer que tenha acontecido com o guia, seus seguidores não têm culpa. Não se arrependa de ter dado boas -vindas ao anão. Se nosso povo estivesse exilado longe de Lothlórien há muito tempo, quem dos Galadhrim, até mesmo Celeborn o Sábio, passando perto daqui, não desejaria rever seu antigo lar, mesmo que este tivesse se tornado um covil de dragões?

- Escuras são as águas do Kheled-zâram, e frias são as nascentes do Kibil-nâla, e belos eram os salões cheios de pilares de Khazad-dûm nos Dias Antigos, antes que poderosos reis caíssem no seio da rocha. - Ela olhou para Gimli, que estava carrancudo e triste, e sorriu. E o anão, ouvindo os nomes ditos em sua própria língua antiga, levantou os olhos encontrando os dela, e teve a impressão de que olhou de repente para o coração de um inimigo e ali viu amor e compreensão. A admiração cobriu seu rosto, que então sorriu para ela.

Levantou-se desajeitadamente e fez uma reverência ao modo dos anões:

- Apesar disso, mais bela ainda é a terra de Lórien, e a Senhora Galadriel está acima de todas as jóias que existem sobre a terra! Fez-se silêncio. Finalmente Celeborn falou de novo. - Eu não sabia que sua situação era tão delicada - disse ele. - Que Gimli esqueça as palavras precipitadas: falei com o coração confuso. Farei o que puder para ajudá -los, a cada um de acordo com suas necessidades e desejos, mas especialmente àquele entre os pequenos que carrega o fardo.

- Sua demanda é conhecida por nós - disse Galadriel, olhando para Frodo.

- Mas não conversaremos sobre ela mais abertamente neste local. Mesmo assim, talvez o fato de terem vindo até aqui procurando ajuda não terá sido em vão, e fica claro agora que esses eram os próprios propósitos de Gandalf Pois o Senhor dos Galadhrim é considerado o mais sábio de todos os elfos da Terra -média, capaz de dar presentes acima do poder dos mais poderosos reis. Ele mora no Oeste desde os dias da aurora, e eu já morei com ele por anos sem conta; antes da queda de Nargothrond ou Gondolin, eu atravessei as montanhas, e juntos, através de eras do mundo, combatemos a longa derrota.

- Fui eu quem pela primeira vez reuniu o Conselho Branco. E se meus planos não tivessem falhado, o Conselho teria sido governado por Gandalf, o Cinzento, e então talvez as coisas tivessem acontecido de outra forma. Mas mesmo assim ainda resta esperança. Não vou lhes dar conselho, dizendo “façam isto”, “façam aquilo”. Pois não é fazendo ou planejando, nem escolhendo entre um ou outro caminho, que posso ser de ajuda; posso ajudá-los sabendo o que aconteceu e acontece e, em parte, o que vai acontecer, Mas vou lhes dizer isto: sua Demanda está sobre o fio de uma faca. Desviem só um pouco do caminho, e nada dará certo, para a ruína de todos. Mas a esperança ainda permanece, enquanto toda a Comitiva for sincera.

E com essas palavras ela os segurou com seu olhar, e em silêncio ficou olhando e perscrutando cada um deles, um após o outro. Nenhum, a não ser Legolas e Aragorn, pôde suportar o olhar da Senhora por muito tempo. Sam corou rapidamente e baixou a cabeça.

Finalmente a Senhora Galadriel os liberou de seus olhos e sorriu. Não permitam que seus corações fiquem consternados - disse ela. - Esta noite dormirão em paz. - Então eles suspiraram e se sentiram subitamente cansados, como alguém que tivesse sido interrogado longa e detalhadamente, embora nenhuma palavra tivesse sido pronunciada.

- Podem ir agora! - disse Celeborn. - Vocês estão exaustos com tanta tristeza e de tanto caminharem. Mesmo que sua Demanda não nos interessasse muito, vocês teriam refúgio nesta Cidade, até que estivessem curados e reconfortados. Agora devem descansar, e vamos evitar de falar, por um tempo, da estrada que os espera.

Naquela noite, a Comitiva dormiu sobre o chão, para a grande satisfação dos hobbits. Os elfos ergueram para eles um pavilhão entre as árvores perto da fonte, e colocaram ali colchões macios; então, pronunciando palavras de paz com belas vozes élficas, deixaram-nos. Por alguns momentos, os hobbits conversaram sobre a noite anterior na copa das árvores e sobre a viagem daquele dia, e sobre o Senhor e a Senhora, pois ainda não tinham tido a coragem de lembrar o que tinha ficado mais para trás.

- Por que você corou, Sam? - perguntou Pippin. - Você logo desabou. Qualquer um teria pensado que você estava com a consciência pesada. Espero que não seja nada além de um plano maldito para roubar um de meus cobertores.

- Nunca pensei em nada disso - respondeu Sam, que não estava disposto para brincadeiras. - Se quer saber a verdade, eu me senti como se estivesse nu, e não gostei disso. Parecia que ela estava olhando dentro de mim e me perguntando o que eu faria se me fosse dada a chance de fugir de volta para casa no Condado, para uma toca pequena e

agradável, com... com um pedaço de jardim que fosse meu.

- É engraçado - disse Merry. - Quase o mesmo que eu senti; só que, só que... bem, acho que não vou falar mais nada - acrescentou ele sem jeito.

Todos eles pareciam ter tido uma experiência semelhante: cada um sentiu que se lhe oferecia uma escolha entre uma sombra cheia de medo, que se encontrava lá na frente, e alguma coisa profundamente desejada, que se apresentava clara aos olhos do espírito, e que para tê -la bastava desviar-se da estrada e deixar a Demanda e a guerra contra Sauron para outros.

- Tive também a sensação - disse Gimli - de que minha escolha permaneceria em segredo e seria apenas de meu próprio conhecimento.

- Para mim pareceu muito estranho - disse Boromir. - Talvez tenha sido apenas um teste, e ela pensou em ler nossos pensamentos para seus próprios propósitos. Mas quase poderia dizer que ela estava nos tentando, e oferecendo o que ela fingia ter o poder de nos dar. Não é preciso dizer que me recusei a escutar. Os homens de Minas Tirith dizem palavras verdadeiras. - Mas o que ele achava que a Senhora tinha lhe oferecido, Boromir não disse.

Quanto a Frodo, não dizia nada, embora Boromir o pressionasse com perguntas. - Ela o fitou por mais tempo, Portador do Anel - disse ele.

- Sim - disse Frodo -, mas o que quer que tenha entrado em minha mente, lá deve ficar.

- Bem, tenha cuidado! - disse Boromir. - Não me sinto muito seguro a respeito dessa Senhora Élfica e de seus propósitos.

- Não fale mal da Senhora Galadriel! - disse Aragorn com severidade. - Você não sabe o que está dizendo. Não existe maldade nela ou nesta terra, a não ser que um homem o traga aqui ele mesmo. Se for assim, que ele tome cuidado! Mas esta noite poderei dormir sem medo pela primeira vez desde que deixei Valfenda. E poderei dormir profundamente, e esquecer um pouco meu sofrimento! Sinto o coração e o corpo cansados. - Jogou-se sobre seu colchão e adormeceu imediatamente, num longo sono.

Os outros logo fizeram o mesmo, e nenhum som ou sonho perturbaram seu sono. Quando acordaram, viram que a luz do dia se espalhava sobre a grama diante do pavilhão, e a fonte subia e caía, reluzindo ao sol.

Permaneceram alguns dias em Lothlórien, pelo que puderam dizer ou lembrar. Durante todo o tempo em que moraram ali, o sol brilhou intensamente, a não ser por uma chuva suave que às vezes caía e passava, deixando todas as coisas novas e limpas.

O ar era fresco e suave, como no início da primavera; apesar disso, sentiam ao redor a quietude profunda e pensativa do inverno. Tinham a impressão de que faziam pouca coisa além de comer e beber e descansar, e caminhar por entre as árvores, e isso era o suficiente.

Não tinham visto o Senhor e a Senhora outra vez, e tinham pouca conversa com os elfos, pois poucos deles sabiam ou usavam a língua Westron. Haldir lhes acenara um adeus e retornara para as fronteiras no Norte, onde uma grande guarda estava montada desde que a Comitiva trouxera as notícias sobre Moria.

Legolas estava distante, com os Galadhrim, e depois da primeira noite não dormiu com os outros companheiros, embora voltasse para comer e conversar com eles. Sempre levava Gimli consigo quando ia passear pelo lugar, e os outros ficaram surpresos com essa mudança.

Agora, quando os companheiros se sentavam ou passeavam, conversavam sobre Gandalf e tudo o que cada um tinha descoberto ou observado nele ficava claro em suas mentes.

À medida que se curavam da dor e do cansaço do corpo, o sofrimento pela perda ficava mais intenso. Freqüentemente escutavam por perto vozes élficas cantando, e sabiam que eles estavam fazendo canções de pesar por sua perda, p ois podiam entender o nome dele entre as doces palavras tristes que não conseguiam captar.

Mithrandir, Mithrandir, cantavam os elfos, Oh, Cinzento Peregrino! Pois assim gostavam de chamá-lo. Mas mesmo quando Legolas estava com a Comitiva, não interpretava as canções para eles, dizendo que não tinha habilidade para isso, e que para ele o sofrimento ainda era muito recente, um assunto para lágrimas e não ainda para canções.

Foi Frodo quem primeiro colocou alguma coisa de sua mágoa em palavras pausadas. Raramente sentia vontade de fazer uma canção ou uma rima; mesmo quando estava em Valfenda, tinha escutado mas não as cantava, embora sua memória estivesse repleta de muitas coisas que outros tinham feito antes dele. Mas agora, sentado ao lado da fonte de Lórien e escutando ao redor as vozes dos elfos, seu pensamento tomou forma numa canção que lhe parecia bonita; apesar disso, quando tentava repeti-la para Sam, apenas pequenos trechos permaneciam, apagados como um monte de folhas murchas.

Na noite escura do Condado seus pés se ouviram na Colina;
sem sol, sem lua partiu calado em viagem longa sibilina.
Das Terras Ermas até o Ocidente, do monte Sul ao vazio Norte,
passando por dragão ardente, na mata escura andou sua sorte.
Homens, elfos, hobbits, anões, mortais criaturas e imortais,
ave em galho, fera em grotões, interpelou com seus sinais.
O dorso curvo sob sua carga, a mão que cura, o fio da espada,
voz de clarim, do,fogo a marca, um peregrino só na estrada.
Um senhor sábio entronizado, de fácil ira e riso bom,
um velho de chapéu surrado, curvado sobre seu bordão.
De pé na ponte estava só, a Fogo e Sombra em desafio;
quebrou o bordão de encontro à mó em Khazad-dûm seu fim se viu.

- Veja só, logo o senhor estará superando o Sr. Bilbo! - disse Sam.

- Não, receio que não - disse Frodo. - Mas isto é o melhor que pude fazer até agora.

- Bem, Sr. Frodo, se fizer outra tentativa, espero que diga alguma coisa sobre os fogos - disse Sam. - Alguma coisa assim: Dos fogos todos os mais lindos, em mil estrelas explodindo, após trovões com aguaceiros, caíam qual chuva de canteiros.

- Embora isso não faça justiça a eles, nem de longe.

- Não, vou deixar essa parte por sua conta, Sam. Ou talvez ao encargo de Bilbo... Bem, não consigo mais falar disso agora. Não consigo suportar a idéia de dar-lhe a notícia.

Uma tarde, Frodo e Sam estavam caminhando juntos no fresco crepúsculo.

Ambos se sentiam inquietos de novo. De repente, a sombra da partida havia caído sobre Frodo: sabia de alguma forma que estava bem próximo o momento de deixar Lothlórien.

- Que acha dos elfos agora, Sam? - perguntou ele. - Já lhe fiz esta mesma pergunta uma vez antes... Agora parece há muito tempo, mas desde aquela época você viu mais coisas sobre eles.

- Realmente vi - disse Sam. - E acho que existem elfos e elfos. Todos são bastante élficos, mas não são todos iguais. Agora estas pessoas não são andarilhos sem lar, e parecem um pouco mais conosco: parecem pertencer a este lugar, mais ainda que os

hobbits pertencem ao Condado. Se fizeram a terra ou a terra os fez é difícil dizer, se entende o que quero dizer. Aqui tudo é maravilhosamente silencioso. Parece que nada está acontecendo, e parece que ninguém quer que nada aconteça. Se existe alguma mágica, está muito bem escondida, num lugar que não posso alcançar com as mãos, por assim dizer.

- Você pode senti-la e vê-Ia em todo lugar - disse Frodo.

- Bem - disse Sam -, não se pode ver ninguém operando a mágica. Nenhum fogo de artifício como aqueles do pobre Gandalf. Fico surpreso em não termos encontrado o Senhor e a Senhora durante todos esses dias. Imagino agora que ela poderia fazer algumas coisas maravilhosas, se tivesse vontade. Eu adoraria ver alguma mágica élfica, Sr. Frodo.

- Eu não! - disse Frodo. - Estou satisfeito. Não sinto falta dos fogos de Gandalf, mas das suas sobrancelhas grossas, de seu humor instável, e da sua voz.

- Está certo - disse Sam. - E não pense que estou colocando defeito.

Sempre quis ver um pouco de mágica como aquela que se conta nas histórias antigas, mas nunca ouvi falar de uma terra melhor que esta. É como estar em casa e de férias ao mesmo tempo, se entende o que quero dizer, Não quero partir. Mesmo assim, estou começando a sentir que, se temos de continuar, então é melhor irmos logo.

- O trabalho que nunca se começa é o que mais demora para terminar, como dizia meu velho pai. E não acho que este povo pode fazer muito mais para nos ajudar, seja através de mágica ou não. Acho que quando deixarmos esta terra é que sentiremos mais falta de Gandalf.

- Receio que esteja absolutamente certo, Sam - disse Frodo. - Mas espero do fundo do coração que, antes de partirmos, possamos ver a Senhora dos elfos outra vez.

No momento em que falava, os dois viram, como se viesse em resposta àquelas palavras, a Senhora Galadriel se aproximando. Alta, bela e branca, caminhava por entre as árvores. Não disse nada, mas acenou para eles.

Mudando de direção, conduziu-os para a encosta Sul da colina de Caras Galadhon, e, atravessando uma cerca-viva alta e verde, eles chegaram a um jardim fechado.

Ali não crescia nenhuma árvore e o jardim se abria para o céu. A estrela da tarde tinha subido e brilhava num fogo branco sobre a floresta do Oeste. Descendo um longo lance de escadas, a Senhora entrou numa concavidade funda e verde, através da qual corria murmurando a água prateada que jorrava da fonte na colina. Embaixo, sobre o pedestal pequeno entalhado como uma árvore cheia de ramos, ficava uma bacia de prata, larga e rasa, e ao lado dela se via um jarro de prata.

Com a água do riacho, Galadriel encheu a bacia até a borda, e soprou sobre ela; quando a água estava parada novamente, ela falou. - Este é o Espelho de Galadriel - disse ela. - Trouxe-os aqui para que possam examiná-lo, se quiserem.

O ar estava quieto e o vale, escuro; a senhora élfica, ao lado de Frodo, era alta e pálida. - Que vamos procurar, e o que vamos ver? - perguntou Frodo, cheio de assombro.

- Posso ordenar ao Espelho que revele muitas coisas - respondeu ela.

- E para algumas pessoas posso mostrar o que desejam ver. Mas o Espelho também revelará fatos que não foram ordenados, e estes são sempre mais estranhos e compensadores do que as coisas que desejamos ver. O que você verá, se permitir que o Espelho trabalhe livremente, não posso dizer. Pois ele revela coisas já passadas, coisas que estão acontecendo, e as que ainda podem acontecer. Mas o que ele vê, nem mesmo o mais sábio pode dizer. Você deseja olhar? Frodo não respondeu.

- E você? - disse ela, voltando-se para Sam. - Isto é o que seu povo chamaria de mágica, eu acho, embora não entenda claramente o que querem dizer, além do fato de ele usarem, ao que parece, a mesma palavra para os artifícios do Inimigo. Mas esta, se você

quiser, é a mágica de Galadriel. Você não tinha dito que queria ver alguma mágica élfica?

- É sim - disse Sam, oscilando um pouco entre o medo e a curiosidade, - Vou dar uma espiada, Senhora, se me permitir.

- E eu não me importaria em dar uma olhada no que está acontecendo em casa - disse ele à parte para Frodo. - Parece que já faz um tempo terrivelmente longo que estou fora. Mas lá, provavelmente só vou ver as estrelas, ou alguma coisa que não conseguirei entender.

- Provavelmente - disse a Senhora com um sorriso suave. - Mas venha, você vai olhar e ver o que puder. Não toque na água!

Sam subiu no pedestal e se inclinou sobre a bacia. A água tinha uma aparência sólida e escura. Estrelas estavam refletidas na superfície.

- Só vejo estrelas, como já imaginava - disse ele. Então teve um pequeno sobressalto, pois as estrelas desapareceram. Como se um véu escuro tivesse sido retirado, o Espelho ficou cinza, e depois transparente. Ali o sol brilhava e os galhos das árvores ondulavam e se agitavam ao vento. Mas antes que Sam pudesse perceber o que tinha visto, a luz se apagou; e agora ele julgava ver Frodo deitado num sono profundo sob um penhasco escuro. Então teve a impressão de estar se vendo entrar por uma passagem ensombreada, e subindo uma escada sinuosa que não tinha fim.

Teve a sensação de estar procurando desesperadamente alguma coisa, mas o que era não conseguiu saber, Como num sonho, a visão mudou e se transformou na anterior, e ele viu as árvores outra vez. Mas desta vez não estavam tão próximas, e Sam pôde ver o que estava acontecendo: as árvores não estavam se agitando ao vento, estavam caindo, batendo contra o chão.

- Olha só! - gritou Sam numa voz enraivecida. - Estou vendo Ted Ruivão cortando árvores, e ele não devia. Elas não devem ser derrubadas: é aquela alameda para lá do moinho que faz sombra na estrada para Beirágua. Gostaria de pegar e derrubar ele!

Mas agora Sam notava que o Velho Moinho tinha desaparecido, e um grande edifício de tijolos vermelhos estava sendo construído no lugar dele.

Bandos de pessoas trabalhavam sem parar. Havia uma chaminé alta e vermelha ao lado. Uma fumaça preta pareceu cobrir a superfície do Espelho.

- Há alguma maldade sendo feita no Condado - disse ele. - Elrond sabia o que estava dizendo quando quis mandar o Sr. Merry de volta. - Então, de repente, Sam deu um grito e pulou para trás. - Não posso ficar aqui disse ele alucinado. - Preciso ir para casa. Eles cavaram a rua do Bolsinho, e estou vendo meu pobre e velho pai descendo a Colina com suas coisas num carrinho de mão. Preciso ir para casa!

- Você não pode ir para casa sozinho - disse a Senhora. - Você não desejava ir para casa sem seu patrão, antes de olhar no Espelho, e mesmo assim sabia que coisas horríveis podiam muito bem estar acontecendo no Condado. Lembre -se de que o Espelho revela muitas coisas, e nem todas já aconteceram. Algumas nunca chegam a acontecer, a não ser que aqueles que as vêem desviem de seu caminho para impedi-las.

O Espelho é um guia perigoso para a ação. - Sam sentou-se no chão e cobriu o rosto com as mãos. - Gostaria de nunca ter vindo aqui, e não quero mais ver nenhuma mágica - disse ele, e então emudeceu. Depois de um momento, falou numa voz espessa, como se lutasse contra as lágrimas. - Não, vou para casa pela estrada longa com o Sr. Frodo, ou não vou - disse ele. - Mas espero realmente voltar algum dia. Se o que vi no Espelho vier a acontecer de verdade, alguém vai pagar muito caro por isso!

- Deseja olhar, Frodo? - disse a Senhora Galadriel. - Você não queria ver nenhuma mágica élfica, e estava satisfeito.

- A Senhora me aconselha a olhar? - perguntou Frodo.

- Não - disse ela. - Não aconselho nada. Não sou uma conselheira. Você pode aprender alguma coisa e, quer as coisas que verá sejam boas quer sejam más, a visão pode ser compensadora, ou não. Ver é ao mesmo tempo bom e perigoso. Apesar disso, eu acho, Frodo, que você tem a coragem e a sabedoria suficientes para se arriscar, caso contrário não o teria trazido aqui. Faça como quiser!

- Vou olhar - disse Frodo, subindo ao pedestal e se curvando sobre a água escura. Imediatamente o Espelho ficou transparente e mostrou uma região pouco iluminada.

Montanhas assomavam escuras na distância, contra o céu pálido. Uma longa estrada cinzenta recuava, descrevendo curvas, até se perder de vista. Na distância se via uma figura, vindo lentamente pela estrada, apagada e pequena no início, mas ficando cada vez maior e mais nítida conforme se aproximava. De repente Frodo percebeu que a figura o fazia lembrar de Gandalf. Quase gritou o nome do mago, então viu que o vulto estava vestido não de cinza, mas de branco, um branco que emitia uma luz opaca no crepúsculo, e que sua mão segurava um cajado branco. A cabeça estava tão curvada que não se podia ver o rosto, e naquele momento a figura enveredou por uma curva da estrada e desapareceu da visão do Espelho. A mente de Frodo ficou cheia de dúvidas: seria uma visão de Gandalf em uma de suas longas viagens solitárias de antigamente, ou seria aquela a figura de Saruman? Depois disso a visão mudou. Numa imagem vívida, embora pequena e rápida, ele enxergou de relance Bilbo andando inquieto de um lado para o outro de seu quarto. A mesa estava carregada de papéis em desordem; uma chuva batia nas janelas.

Então se fez uma pausa; depois muitas cenas rápidas se seguiram e Frodo sabia, de alguma forma, que eram partes de uma grande história na qual estava envolvido.

A névoa se desfez e ele teve uma visão que não conhecia, mas identificou imediatamente: o Mar. Escureceu. O mar se levantou e se enfureceu numa grande tempestade.

Então Frodo viu, contra o sol que afundava num vermelho -sangue em meio a um torvelinho de nuvens, o contorno negro de um navio alto com as velas rasgadas, que vinha navegando do Oeste. Depois, um rio largo correndo através de uma cidade populosa. Depois, uma fortaleza branca com sete torres. Depois, de novo, um navio com velas negras, mas agora era manhã de novo, e a água fazia ondas na luz, e uma bandeira levando o emblema de uma árvore branca brilhava ao sol. Subiu uma fumaça de fogo e batalha, e outra vez o sol se pôs num vermelho ígneo que se apagou numa névoa cinzenta; entrando na névoa passou uma pequena embarcação, piscando com muitas luzes.

Sumiu e Frodo suspirou, preparando-se para descer. Mas, de repente, o Espelho ficou totalmente escuro, como se um buraco se abrisse no mundo da visão, e Frodo olhasse no vazio. No abismo negro apareceu um único Olho que cresceu lentamente, até cobrir quase toda a extensão do Espelho. Tão terrível era aquela visão que Frodo ficou colado ao solo, sem poder gritar ou desviar o olhar. O Olho estava emoldurado por fogo, mas era ele mesmo que reluzia, amarelo como o de um gato, vigilante e atento, e a fenda negra de sua pupila era um abismo, uma janela que se abria para o nada.

Então o Olho começou a se movimentar, procurando algo de um lado e de outro, e Frodo percebeu, com medo e certeza, que ele próprio era uma das muitas coisas que estavam sendo procuradas. Mas também percebeu que não podia ser visto - por enquanto, a não ser que o desejasse. O Anel que estava pendurado na corrente em seu pescoço ficou pesado, mais pesado que uma pedra, fazendo a cabeça pender para baixo. O Espelho parecia estar ficando quente, e nuvens de vapor subiam da água. Frodo estava escorregando para frente.

- Não toque na água! - disse a Senhora Galadriel num tom suave. A visão

desvaneceu-se e Frodo se viu olhando para as estrelas frias que piscavam na bacia de prata.

Recuou tremendo e olhou para a Senhora.

- Sei o que você viu por último - disse ela -, pois está também em minha mente. Não tenha medo! Mas não pense que é apenas cantando por entre as árvores, ou só por meio de flechas frágeis e arcos élficos que nós da terra de Lothlórien nos defendemos e nos guardamos do Inimigo. Digo a você, Frodo, que neste exato momento em que conversamos eu percebo o Senhor do Escuro e sei o que se passa na mente dele, ou pelo menos tudo que se relaciona aos elfos. E ele sempre se insinua para me ver e ler meus Pensamentos. Mas a porta ainda está fechada.

Levantou os braços brancos, e estendeu as mãos na direção Leste num gesto de rejeição e recusa. Eärendil , a Estrela da Tarde, a mais amada pelos elfos, emanava do céu um brilho. Tão claro era o brilho que a silhueta da Senhora Élfica lançava uma sombra apagada sobre o chão. Os raios da estrela reluziram sobre um anel em seu dedo, que cintilou como ouro polido coberto com luz prateada, e a pedra branca que havia nele piscou como se a Estrela da Tarde tivesse descido para descansar na mão dela. Frodo olhou para o anel admirado, p ois de repente teve a impressão de que compreendia tudo.

- Sim - disse ela, adivinhando o que ele pensava. - Não é permitido falar disso, e Elrond não o faria. Mas não se pode esconder do Portador do Anel, e de alguém que tenha visto o Olho. É verdade, na terra de Lórien, no dedo de Galadriel, permanece um dos Três. Este é Nenya, o Anel de Adamante, do qual sou guardiã.

- Ele suspeita, mas não sabe... ainda não. Entende agora por que sua vinda aqui representa para nós a passada do Destino? Pois, se você falhar, então seremos expostos ao Inimigo, e Lothlórien desaparecerá, e as marés do tempo a levarão embora. Partiremos para o Oeste, ou seremos reduzidos a um povo rústico de vale e caverna, para lentamente esquecermos e sermos esquecidos.

Frodo deixou cair a cabeça. - E o que a Senhora deseja? - perguntou ele finalmente.

- Que aconteça o que deve acontecer - respondeu ela. - O amor dos elfos por sua terra e seus trabalhos é mais profundo que as profundezas do Mar, sua tristeza é eterna e nunca poderá ser completamente abrandada. Mesmo assim, jogarão tudo fora se a outra opção for a submissão a Sauron: pois agora os elfos o conhecem. Você não deve responder pelo destino de Lothlórien, mas apenas pelo desempenho de sua própria tarefa. Apesar disso, eu poderia desejar que, se isso adiantasse de alguma coisa, o Um Anel nunca tivesse sido forjado, ou que continuasse perdido para sempre.

- A Senhora Galadriel é sábia, destemida e bela - disse Frodo. - Dar-lhe- ei o Um Anel se assim o desejar. Esse peso é demais para mim. Galadriel riu, com uma risada súbita e cristalina. - Sábia, a Senhora Galadriel pode ser - disse ela -, mas aqui ela encontrou alguém que está à sua altura em cortesia. De um modo gentil, você se vingou do teste que apliquei ao seu coração em nosso primeiro encontro. Agora começa a enxergar com olhos agudos. Não vou negar que meu coração desejou muito pedir o que está oferecendo. Por muitos longos anos, pensei o que faria, caso o Grande Anel me chegasse às mãos, e veja! Ele está agora ao meu alcance. O mal que foi concebido há muito tempo continua agindo de muitas maneiras, quer o próprio Sauron seja ou não derrotado. Não teria sido uma ação nobre a ser creditada ao Anel dele, se eu o tivesse tomado à força ou ameaçando meu hóspede?

- E agora finalmente ele chega. Você me oferece o Anel livremente! No lugar do Senhor do Escuro, você coloca uma Rainha. E não serei escura, mas bela e terrível como a Manhã e a Noite! Bela como o Mar e o Sol e a Neve sobre a Montanha! Aterrorizante

como a Tempestade e o Trovão! Mais forte que os fundamentos da terra. Todos deverão me amar e se desesperar!

Levantou a mão e do anel que usava emanou uma grande luz que iluminou a ela somente, deixando todo o resto escuro. Ficou diante de Frodo e parecia agora de uma altura incalculável, e de uma beleza insuportável, terrível e digna de adoração.

Depois deixou a mão cair, e a luz se apagou; e de repente ela riu de novo e eis então que se encolheu: era uma mulher élfica frágil, vestida num traje simples e branco, cuja voz gentil era suave e triste.

- Passei pelo teste - disse ela. - Vou diminuir e me dirigir para o Oeste, continuando a ser Galadriel.

Ficaram em silêncio por um longo tempo. Finalmente a Senhora falou outra vez. - Vamos voltar! - disse ela. -Amanhã cedo você deve partir, pois agora já fizemos nossa escolha, e as marés do tempo estão fluindo, Gostaria de perguntar uma coisa antes de irmos - disse Frodo. Algo que sempre quis perguntar a Gandalf em Valfenda. Tendo a permissão de usar o Um Anel, por que não posso ver todos os outros anéis e adivinhar os pensamentos daqueles que os usam"?

- Você ainda não tentou - disse ela. - Apenas três vezes colocou o Anel em seu dedo, desde que soube que o possuía, Não tente! Ele o destruiria. Gandalf não lhe disse que os anéis concedem poderes de acordo com a capacidade de cada um que os possui? Antes que você pudesse usar esse poder, sentiria a necessidade de ficar muito mais forte, e treinar sua vontade em relação ao domínio dos outros. Mas mesmo assim, como Portador do Anel e um daqueles que o colocou no dedo e viu o que está oculto, sua visão ficou mais aguçada. Percebeu meus pensamentos muito melhor que várias pessoas consideradas sábias, Viu o Olho daquele que controla os Sete e os Nove. E não viu e reconheceu o Anel em meu dedo? Você viu meu anel? - perguntou ela, voltando-se para Sam.

- Não, Senhora - respondeu ele. - Para falar a verdade, estava me perguntando sobre o que conversavam. Vi uma estrela através de seu dedo. Mas, se perdoa o que vou dizer, acho que meu patrão está certo. Eu gostaria que a Senhora ficasse com o Anel dele. Poderia pôr as coisas no lugar certo. Impediria que eles expulsassem meu pai e o deixassem perdido por aí, Faria com que certas pessoas pagassem pelo serviço sujo que fizeram.

- Eu faria - disse ela. - É assim que tudo começaria. Mas infelizmente não pararia ali. Não falemos mais nisso. Vamos!

CAPÍTULO VIII
ADEUS A LÓRIEN

Naquela noite, a Comitiva foi chamada outra vez ao salão de Celeborn, e ali o Senhor e a Senhora os cumprimentaram com belas palavras.

Finalmente, Celeborn falou da partida deles.

- É chegada a hora - disse ele - em que aqueles que desejam continuar a Demanda devem endurecer seus corações e deixar esta terra. Aqueles que não mais desejam prosseguir podem permanecer aqui, por um tempo. Mas quer fiquem quer partam, a paz não pode ser assegurada. Pois chegamos agora ao limiar de nosso destino. Aqui, aqueles

que desejarem podem esperar a aproximação da hora em que ou os caminhos do mundo se abrirão de novo, ou os convocaremos para a luta suprema de Lórien. Então poderão voltar às suas terras, ou ir para a morada duradoura daqueles que caem na batalha.

Fez-se silêncio. - Todos resolveram partir - disse Galadriel, olhando nos olhos deles.

- Quanto a mim - disse Boromir meu lar fica adiante, e não lá atrás.

- Isso é verdade - disse Celeborn mas toda a Comitiva vai com você para Minas Tirith?

- Ainda não decidimos nosso caminho - disse Aragorn. - Depois de Lórien, não sei o que Gandalf pretendia fazer. Na verdade, acho que nem ele tinha um propósito definido.

- Talvez não - disse Celeborn -, mas mesmo assim, quando deixarem este lugar, não poderão mais esquecer o Grande Rio. Como alguns de vocês bem sabem, os viajantes não podem atravessá-lo com bagagens entre Lórien e Gondor, a não ser de barco. E não estão as pontes de Osgiliath destruídas, e todos os desembarcadouros sob o domínio do Inimigo?

- De que lado vão viajar? O caminho para Minas Tirith fica deste lado, no Oeste; mas a estrada da Demanda fica do lado Leste do Rio, na margem mais escura. Que margem pegarão agora?

- Se meu conselho for acatado, iremos pela margem Oeste, e pelo caminho de Minas Tirith - respondeu Boromir. - Mas não sou o líder da Comitiva. - Os outros não disseram nada, e Aragorn parecia preocupado e cheio de dúvidas.

- Vejo que ainda não sabem o que fazer - disse Celeborn. - Não é meu papel fazer essa escolha em seu lugar; mas vou ajudá-los como puder. Alguns entre vocês sabem lidar com barcos: Legolas, cujo povo conhece o veloz Rio da Floresta, Boromir de Gondor, e Aragorn, o viajante.

- E um hobbit! - gritou Merry. - Nem todos nós achamos que um barco é como um cavalo xucro. Meu povo mora às margens do Brandevin.

- Isso está bem - disse Celeborn, - Então providenciarei barcos para a sua Comitiva. Devem ser pequenos e leves, pois se avançarem muito pela água haverá lugares onde serão forçados a carregá-los. Chegarão às correntezas do Sarn Gebir, e talvez finalmente às grandes cachoeiras de Rauros, onde o Rio cai vertiginosamente do Nen Hithoel; e há outros perigos. Os barcos podem fazer com que sua viagem seja menos penosa durante um certo trecho. Apesar disso, eles não vão ajudá-los a decidir: no fim, devem abandoná-los e ao Rio, e rumar para o Oeste - ou para o Leste.

Aragorn agradeceu a Celeborn várias vezes. A doação dos barcos o consolou por vários motivos, e não menos por agora poderem postergar por mais uns dias a decisão sobre qual caminho seguir. Os outros, da mesma forma, pareciam mais esperançosos. Quaisquer que fossem os perigos à frente, parecia melhor descer flutuando a larga correnteza do Anduin para enfrentá-los, do que prosseguir num caminho penoso com as costas arcadas. Apenas Sam ainda tinha dúvidas: ele, de qualquer forma, considerava que os barcos eram como cavalos selvagens, ou piores, e nem todos os perigos pelos quais tinha passado mudavam sua idéia a esse respeito.

- Prepararemos tudo, e vocês serão esperados no porto antes do meio-dia amanhã - disse Celeborn. - Enviarei pessoas pela manhã para que possam ajudá-los nos preparativos da viagem. Agora desejamos -lhes uma boa noite e um sono tranqüilo.

- Boa noite, meus amigos! - disse Galadriel. - Durmam em paz! Esta noite, não sobrecarreguem seus corações pensando no melhor caminho. Pode ser que as trilhas nas quais cada um de vocês deve pisar já estejam diante de seus pés, embora talvez não consigam enxergá-las. Boa noite! A Comitiva saiu e voltou para o pavilhão. Legolas os

acompanhou, pois aquela deveria ser a última noite deles e m Lothlórien, e apesar das palavras de Galadriel todos queriam ficar juntos para planejar a viagem.

Por um longo tempo, debateram sobre o que deveriam fazer, e sobre o melhor modo de tentar atingir seus propósitos em relação ao Anel; mas não chegaram a decisão alguma. Estava claro que a maioria deles desejava ir primeiro até Minas Tirith e escapar, pelo menos por um tempo, do terror do Inimigo. Estariam dispostos a seguir um líder através do Rio e para dentro da sombra de Mordor; mas Frodo não dizia nada e Aragorn ainda estava dividido.

Seu próprio plano, enquanto Gandalf ainda estava com eles, era ir com Boromir e, com sua espada, ajudar a libertar Gondor. Pois ele acreditava que a mensagem dos sonhos era um chamado, e que tinha chegado finalmente a hora em que o herdeiro de Elendil deveria se apresentar e lutar contra Sauron pelo comando. Mas em Moria o fardo de Gandalf passara para seus ombros, e ele sabia que não podia agora abandonar o Anel, se Frodo finalmente se recusasse a acompanhar Boromir. Apesar disso, que ajuda poderia ele ou qualquer um da Comitiva prestar a Frodo, a não ser caminhar ao seu lado para dentro da escuridão?

- Irei para Minas Tirith, mesmo que vá sozinho, pois este é meu dever - disse Boromir, e depois ficou calado por um tempo, sentado com os olhos fixos em Frodo, como se tentasse ler os pensamentos do Pequeno.

Finalmente falou de novo, numa voz suave, como se estivesse discutindo consigo mesmo. - Se você quer apenas destruir o Anel - disse ele - então não haverá muita utilidade na guerra e nas armas, e os homens de Minas Tirith não poderão ser de grande ajuda. Mas se você deseja destruir a força armada do Senhor do Escuro, então é tolice avançar pelos domínios dele sem armas; é tolice jogar fora... - parou de repente, como se tivesse percebido que estava pensando em voz alta. - Seria tolice jogar fora vidas, quero dizer - terminou ele. - É uma escolha entre defender um lugar forte e caminhar abertamente para os braços da morte. Pelo menos é assim que vejo as coisas.

Frodo percebeu algo novo e estranho no olhar de Boromir, e olhou -o fixamente. Estava claro que o pensamento de Boromir divergia de suas últimas palavras, Seria tolice jogar fora: o quê? O Anel de Poder? Ele tinha dito algo semelhante no Conselho, mas na ocasião aceitara a correção de Elrond. Frodo olhou para Aragorn, mas este parecia estar mergulhado em seus próprios pensamentos, e não fez sinal de que prestara atenção às palavras de Boromir. E assim a discussão terminou. Merry e Pippin já estavam dormindo, e Sam caindo de sono. A noite avançava.

Pela manhã, enquanto arrumavam sua sumária bagagem, vieram elfos que sabiam falar a língua deles e trouxeram -lhes muitos presentes em forma de comida e roupas para a viagem. A comida era, na maior parte, composta de bolos muito finos, feitos de uma farinha que, assada, era de um tom marrom -claro, e na parte interna tinha cor de creme. Gimli pegou um dos bolos e olhou-o com um ar duvidoso.

- Cram - disse ele numa voz muito baixa, enquanto quebrava um canto crocante e o mordiscava. Mas a expressão em seu rosto mudou rapidamente, e ele comeu todo o resto do bolo, com grande apetite.

- Basta, basta! - gritaram os elfos rindo. - Você já comeu o suficiente para um dia longo de marcha.

- Pensei que era apenas um tipo de cram, semelhante àquele que os homens de Valle fazem para levar em viagens a lugares desertos - disse o anão.

- E é - responderam eles. - Mas nós o chamamos de lembas ou pão-de- viagem, e é mais nutritivo que qualquer comida feita pelos homens, e mais saboroso que o cram, pelo que todos dizem.

- De fato é - disse Gimli. - E olhe, é melhor até que os pães-de-mel dos Beornings, e isso é um grande elogio, pois os Beornings são os melhores padeiros que eu conheço; mas hoje em dia não estão muito dispostos a distribuir seus pães entre os viajantes. Vocês é que são anfitriões muito gentis.

- Mesmo assim, é melhor que economizem a comida - disseram eles.

- Comam um pouco de cada vez, e só quando necessário. Pois estamos lhes dando essas coisas para que sejam de serventia quando tudo mais faltar.

Os bolos se mantêm frescos por muitos dias, se não se quebrarem e forem mantidos em sua embalagem de folhas, como os trouxemos. Apenas um pode manter um viajante em pé durante um longo dia de trabalho, mesmo que esse viajante seja um dos altos homens de Minas Tirith.

Depois os elfos desembrulharam e deram a eles as roupas que tinham trazido. Para cada um trouxeram um capuz e uma capa, feitos de acordo com seu tamanho, e do tecido sedoso produzido pelos Galadhrim, que era leve, e nem por isso deixava de ser quente. Era difícil precisar suas cores: pareciam ser cinzentos com a nuance do crepúsculo sob as árvores; apesar disso, quando movimentados ou colocados sob outra luz, eram verdes como a água sob as estrelas, ou castanhos como campos fulvos à noite, e de um prata escuro sob a luz das estrelas. Cada capa era presa ao pescoço por um broche semelhante a uma folha verde raiada de prata.

- São capas mágicas? - perguntou Pippin, olhando-as admirado.

- Não sei o que quer dizer - respondeu o líder dos elfos. - São trajes bonitos, e o fio é de boa qualidade, pois foi feito nesta terra. São vestimentas élficas, com certeza, se é isso que quer dizer. Folha e ramo, água e rocha: elas têm a beleza de todos esses elementos sob nosso amado crepúsculo de Lórien, pois colocamos o pensamento de tudo o que amamos nas coisas que fazemos. Mas são vestes, não armaduras, e não repelirão lanças ou lâminas. Mas vão servi -los bem: são leves de usar, quentes o suficiente e frescas o suficiente, conforme a necessidade. E vão encontrar nelas uma grande ajuda quando precisarem se esconder dos olhos inimigos, se andarem entre as rochas ou entre as árvores. Realmente, a Senhora os tem em alta conta! Pois ela mesma, com suas aias, teceu esse material, e nunca antes tínhamos vestido forasteiros com as roupas de nosso próprio povo! Depois da refeição matinal, a Comitiva disse adeus ao gramado perto da fonte. Tinham um peso nos corações, pois o lugar era lindo e tinha se tornado para eles como sua própria casa, embora não fossem capazes de contar os dias e noites que passaram ali. Enquanto pararam um pouco para olhar a água cristalina sob a luz do sol, Haldir veio andando na direção deles, atravessando a relva verde da clareira. Frodo o cumprimentou com alegria.

- Estou voltando das Fronteiras do Norte - disse o elfo - e estou sendo enviado para ser o guia da Comitiva novamente. O Vale do Riacho Escuro está cheio de vapor e nuvens de fumaça, e as montanhas estão inquietas. Há rumores nas profundezas da terra. Se algum de vocês tivesse pensado em voltar para casa pelo Norte, não conseguiria passar por ali. Mas venham! Seu caminho agora é pelo Sul.

Conforme passaram através de Caras Galadhon, viram que os caminhos verdes estavam vazios; mas no alto das árvores muitas vozes murmuravam e cantavam. Eles por sua vez estavam em silêncio. Finalmente Haldir os conduziu, descendo as encostas ao Sul da colina, e chegaram outra vez ao grande portão cheio de lamparinas, e a ponte branca; assim foram passando e deixando para trás a cidade dos elfos. Então saíram da estrada pavimentada e tomaram uma trilha que entrava num denso maciço de pés de mallorn e seguia em frente, descrevendo curvas através de florestas sinuosas cobertas de sombra prateada, sempre conduzindo -os para baixo, para o Sul e para o Leste, em direção às

margens do Rio.

Tinham avançado cerca de dez milhas, e o meio -dia já chegava, quando atingiram uma muralha alta e verde. Passando por uma abertura, de repente saíram da região arborizada.

Adiante se deitava um longo gramado verde, salpicado de douradas flores de elanor que reluziam ao sol. O gramado se estendia numa língua estreita entre duas margens: à direita e ao Oeste, o Veio de Prata corria brilhando; à esquerda e ao Leste, o Grande Rio rolava suas águas caudalosas, profundas e escuras.

Nas margens mais adiante, a floresta ainda prosseguia na direção Sul, até onde a vista podia alcançar, mas toda a região das margens estava v azia e desolada. Nenhum mallorn erguia seus ramos dourados além da Terra de Lórien.

Na margem do Veio de Prata, a alguma distância acima do encontro das correntezas, via-se um ancoradouro de pedras e madeiras brancas. Ali estavam ancorados muitos barcos e barcaças. Alguns estavam pintados com cores claras, e brilhavam como prata, ouro ou verde, mas a maioria deles eram brancos ou cinzentos.

Três pequenos barcos cinzentos tinham sido preparados para os viajantes, e nestes os elfos colocaram seus mantimentos. Acrescentaram também rolos de corda, três para cada barco. Pareciam finas, mas fortes, sedosas ao contato, de uma tonalidade cinzenta semelhante à dos trajes élficos.

- Que são estas coisas? - perguntou Sam, pegando uma corda que estava sobre o gramado.

- Cordas mesmo! - respondeu um elfo que estava nos barcos. - Nunca faça uma longa viagem sem uma corda! E uma corda que seja comprida, forte e leve. Estas são assim. Elas podem ser úteis em muitas ocasiões de necessidade.

- Não precisa me dizer isso! - disse Sam. - Vim sem nenhuma corda, e tenho me preocupado desde então. Mas estava perguntando do que estas são feitas, pois sei um pouco sobre a fabricação de cordas: é coisa de família, como se pode dizer.

- São feitas de hithlain - disse o elfo -, mas não há tempo agora para instruí-lo na arte de sua fabricação. Se tivéssemos sabido que o oficio lhe agradava, poderíamos ter-lhe ensinado muito. Mas agora, infelizmente, a não ser que você volte aqui alguma vez, deve ficar satisfeito com nosso presente. Que seja de serventia!

- Venham! - disse Haldir. - Está tudo pronto agora para vocês. Entrem nos barcos! Mas tomem cuidado no início!

- Prestem atenção a essas palavras - disseram os elfos. - Esses barcos são de construção leve, e são espertos e diferentes dos barcos de outros povos. Não afundarão, não importa quanto os carregarem, mas são teimosos se forem mal conduzidos. Seria bom que se acostumassem a embarcar e desembarcar, aqui onde existe um ancoradouro, antes de partirem correnteza abaixo.

A Comitiva se dividiu da seguinte forma: Aragorn, Frodo e Sam num barco; Boromir, Merry e Pippin em outro, e no terceiro foram Legolas e Gimli, que tinham agora se tornado grandes amigos. Neste último colocaram a maioria dos mantimentos e das mochilas. Os barcos era m movimentados e dirigidos com remos curtos, que tinham lâminas largas em forma de folha. Quando tudo estava pronto, Aragorn os conduziu num teste, subindo o Veio de Prata. A correnteza era forte e eles avançavam devagar.

Sam ia sentado na proa, agarrado às bordas e olhando ansioso para a margem que se distanciava. A luz do sol, brilhando na água, ofuscava seus olhos. Quando passavam além do campo verde da Língua, as árvores se aproximavam da beira do rio.

Aqui e ali, folhas douradas voavam e flutuavam na correnteza ondulada. O ar estava muito claro e calmo. E tudo estava quieto, a não ser pelo canto alto e distante das

cotovias.

Contornaram uma curva fechada do rio, e ali, nadando imponente e descendo a correnteza na direção deles, viram um enorme cisne. A água formava ondas dos dois lados de seu peito branco, abaixo do pescoço curvado. O bico brilhava como ouro polido e os olhos faiscavam como azeviche engastado em rochas amarelas; as enormes asas brancas estavam meio levantadas. Uma música descia o rio conforme o cisne se aproximava, e de repente perceberam que era um navio, construído e entalhado com o talento dos elfos, na forma de uma ave. Dois elfos vestidos de branco o conduziam com remos negros. Bem ao centro do navio se sentava Celeborn, e atrás dele vinha em pé Galadriel, alta e branca; uma corôa de flores douradas enfeitava-lhe os cabelos e, segurando uma harpa nas mãos, ela cantava. Triste e cristalino era o som de sua voz no ar claro e fresco.

Cantei as folhas, de ourofilhas, e, folhas vi brotar
Cantei o vento e vento veio os galhos farfalhar.
Além do Sol, da Lua além, no Mar espuma havia,
Em Ilmarin dourando a praia uma Arvore crescia.
Em Eldamar na Semprenoite com astros se ostentava.
Onde Eldamar da bela Tirion os muros encontrava.
Cresceram lá as douradas folhas nos ramos anuais,
Enquanto o pranto de elfos cai aquém de nossos cais.
Ó Lórien! Já vem o inverno, o Dia sem flor nem vida;
As folhas na água vão caindo do Rio em despedida.
Ó Lórien! Já por demais do Mar estive deste Lado,
Entrelacei em corôa murcha o elanor dourado.
Se barcos eu cantasse agora, que barco iria voltar,
Que barco me conduziria por tão vasto Mar?

Aragorn parou seu barco, enquanto o Navio -cisne se aproximava. A Senhora terminou a canção e os saudou. - Viemos para dar-lhes nosso último adeus - disse ela - e para favorecê-los com as bênçãos de nossa terra.

- Embora tenham sido nossos hóspedes - disse Celeborn -, vocês ainda não comeram conosco, e portanto convidamos a todos para um banque te de despedida, aqui, entre as águas correntes que os levarão para longe de Lórien.

O Cisne avançou lentamente até o ancoradouro, e eles viraram seus barcos para segui-lo. Ali, na extremidade de Egladil, sobre a relva verde, o banquete de despedida aconteceu; mas Frodo comeu e bebeu pouco, concentrando toda a atenção apenas na beleza da Senhora e de sua voz. Agora ela não parecia mais perigosa ou terrível, nem cheia de poderes ocultos. Já tomava, aos olhos dele, a aparência que os elfos nos últimos tempos algumas vezes têm para os homens: presente, e ao mesmo tempo remota, uma visão vivente daquilo que já foi deixado há muito para trás pelas velozes Correntezas do Tempo.

Depois que todos tinham comido e bebido, Celeborn, sentado na relva, falou-lhes de novo sobre a viagem, e, levantando a mão, apontou para o Sul, Para as florestas além da Língua.

- À medida que seguirem descendo o rio - disse ele -, perceberão que as árvores vão desaparecer, e que estarão entrando numa região desolada. Ali o Rio corre num vale rochoso por entre altas charnecas, até que finalmente, depois de muitas milhas, chega à alta ilha de Rocha do Espigão, que nós chamamos de Tol Brandir. Ali ele estende seus

braços ao redor das encostas íngremes da ilha, caindo então com grande estrondo e fumaça nas cataratas de Rauros, no Nindalf, o Campo Alagado, como se diz na língua de vocês. Aquela é uma região de pântanos morosos, onde o rio se torna tortuoso e muito dividido. Ali, por meio de várias desembocaduras, recebe as águas do Entágua, que vem da Floresta de Fangorn no Oeste. Às margens do Entágua, deste lado do Grande Rio, fica Rohan. Do outro lado ficam as colinas desoladas de Emyn Muil. Naquele ponto o vento sopra do Leste, pois as colinas se debruçam sobre os Pântanos Mortos e as Terras-de Ninguém, em direção a Cirith Gorgor e aos portões negros de Mordor.

- Boromir e quem quer que o acompanhe à procura de Minas Tirith farão bem em deixar o Grande Rio acima de Rauros e cruzar o Entágua, antes que ele atinja os pântanos. Apesar disso, não devem subir muito aquele rio, nem se arriscar a ficar presos na Floresta de Fangorn. Aquela é uma terra estranha, e pouco conhecida. Mas não há dúvida de que Boromir e Aragorn não precisam desta advertência.

- Realmente ouvimos falar de Fangorn em Minas Tirith - disse Boromir. - Mas o que ouvi me parece ser, quase tudo, contos de velhas avós, como aqueles que contamos a nossas crianças. Tudo o que fica ao Norte de Rohan está agora para nós tão distante que a imaginação pode voar livremente. Há muito tempo, Fangorn fazia divisa com nosso reino, mas há muitas gerações de homens nenhum de nós visita aquela região, para poder provar se são verdadeiras ou falsas as lendas que chegaram até nós, vindas de anos longínquos.

- Eu próprio já estive algumas vezes em Rohan, mas nunca atravessei a floresta em direção ao Norte. Quando fui enviado como mensageiro, passei pelo Desfiladeiro num ponto próximo às Montanhas Brancas, e atravessei o Isen e o rio Cinzento chegando à Terra do Norte. Uma vi agem longa e cansativa. Calculo que tenha viajado quatrocentas léguas, e isso levou muitos meses, pois perdi meu cavalo em Tharbad, no vau do rio Cinzento. Depois daquela viagem, e da estrada que trilhei com esta Comitiva, não duvido muito que consiga encontrar um caminho através de Rohan, e de Fangorn também, se houver necessidade.

- Então não preciso dizer mais nada - disse Celeborn. - Mas não despreze a tradição que vem de anos longínquos; talvez as velhas avós guardem na memória relatos sobre coisas que alguma vez foram úteis para o conhecimento dos sábios.

Nesse momento, Galadriel se levantou do gramado, e tomando uma taça da mão de uma de suas aias, encheu-a com hidromel branco e ofereceu-a a Celeborn.

- Agora é o momento de fazermos nosso brinde de despedida - disse ela. - Beba, Senhor dos Galadhrim! E não vamos permitir que nossos corações se entristeçam, embora a noite possa estar se aproximando e o crepúsculo já esteja chegando.

Então ofereceu uma taça a cada um da Comitiva, e propôs um brinde de boa viagem. Mas quando beberam, ordenou que se sentassem de novo na relva, e cadeiras foram colocadas para ela e para Celeborn. As aias pararam em silêncio ao seu lado, e por uns instantes ela olhou para os convidados. Finalmente, falou de novo.

- Bebemos uma taça de despedida - disse ela -, e as sombras se adensam entre nós. Mas antes que partam, trouxe em meu navio presentes que o Senhor e a Senhora dos Galadhrim agora oferecem a vocês em memória de Lothlórien. - Então chamou-os um por um.

- Aqui está o presente de Celeborn e Galadriel para o líder da Comitiva - disse ela a Aragorn, dando-lhe uma bainha feita sob medida para sua espada. Era coberta por uma gravura de flores e folhas feita em ouro e prata e que trazia inscrito, em runas élficas formadas por muitas pedras, o nome de Andúril e a linhagem da espada.

- A lâmina que for retirada desta bainha não será manchada ou quebrada, mesmo na derrota - disse ela. - Mas há alguma outra coisa que deseja de mim em nossa

despedida? Pois a escuridão ira nos separar, e pode ser que não nos encontremos de novo, a não ser longe daqui, numa estrada que não tem retorno.

E Aragorn respondeu: - Senhora, conhece todos os meus desejos, e há muito tempo guarda o único tesouro que procuro. Mas ele não lhe pertence, e não poderia oferecê-lo a mim, mesmo que estivesse disposta; apenas atravessando a escuridão é que poderei chegar até ele.

- Mesmo assim, talvez isto possa aliviar seu coração - disse Galadriel pois foi deixado aos meus cuidados para que entregasse a você, caso passasse por esta terra.

- Então ela ergueu de seu colo uma grande pedra verde clara, engastada num broche de prata, moldado na forma de uma águia com as asas abertas; ao erguê-lo, a pedra brilhou como o sol através das folhas na primavera. - Esta pedra dei a Celebrian, minha filha, e ela a sua própria filha; e agora ela chega até você como um símbolo de esperança. Assuma neste momento o nome que foi predito para você, Elessar, Pedra Élfica da casa de Elendil!

Então Aragorn pegou a pedra e fixou o broche sobre o peito, e aqueles que olhavam para ele ficaram admirados, pois não tinham ainda notado sua altura e sua postura de rei, e tiveram a impressão de que muitos anos de luta caíram de seus ombros. - Agradeço-lhe pelos presentes que me deu - disse ele - ó Senhora de Lórien, de quem nasceram Celebrian e Arwen, Estrela da Tarde. Que maior elogio poderia eu fazer? A Senhora curvou a cabeça, e então voltou-se para Boromir, oferecendo-lhe um cinto de ouro; a Merry e Pippin ofertou pequenos cintos de prata, cada um com uma fivela moldada na forma de uma flor de ouro. A Legolas ofereceu um arco semelhante aos usados pelos Galadhrim, mais comprido e robusto que os arcos da Floresta das Trevas, e cuja corda era feita de fios de cabelo élfico. Vinha acompanhado de um feixe de flechas.

- Para você, pequeno jardineiro e amante das árvores - disse ela a Sam -.tenho apenas um pequeno presente. - Colocou na mão dele uma pequena caixa de madeira cinza, sem adornos, a não ser por uma única runa de prata sobre a tampa. - Aqui está escrito um G de Galadriel - disse ela. Mas também pode significar "gramado" na sua língua. Esta caixa contém terra de meu pomar, e nela está a bênção que Galadriel ainda pode conceder. A terra não impedirá que você se desvie do caminho, nem irá defendê-lo de qualquer perigo; mas se a guardar e finalmente voltar a ver sua terra, então talvez possa recompensá-lo. Embora possa encontrar tudo deserto e abandonado, haverá poucos jardins na Terra-média que floresceråo como o seu, se espalhar esta terra lá. Então poderá se lembrar de Galadriel, e ter uma vista distante de Lórien, que você viu apenas em nosso inverno. Porque nossa primavera e nosso verão já passaram, e nunca mais serão vistos de novo na terra, a não ser em lembranças.

Sam corou até as orelhas e murmurou qualquer coisa inaudível, enquanto agarrava a caixa e tentava fazer uma reverência.

- E que presente um anão pediria aos elfos? - perguntou Galadriel, voltando-se para Gimli.

- Nenhum, Senhora - respondeu Gimli. - A mim basta ter visto a Senhora dos Galadhrim, e ter ouvido suas gentis palavras.

- Escutem vocês todos, elfos exclamou ela para aqueles à sua volta.

- Não deixem ninguém dizer que os anões são ávidos e indelicados! Mesmo assim, com certeza Gimli, filho de Glóin, você deseja algo que eu possa ofertar. Revele seu desejo, eu lhe peço! Você não deve ser o único convidado a ficar sem um presente.

- Não quero nada, Senhora Galadriel - disse Gimli, fazendo uma grande reverência e gaguejando. - Nada, a não ser que talvez... a não ser que seja permitido pedir, não, desejar um único fio de seu cabelo, que ultrapassa o ouro da terra como as estrelas

ultrapassam as gemas da mina. Não peço tal presente, mas a Senhora me ordenou que revelasse meu desejo.

Os elfos se agitaram e murmuraram atônitos, e Celeborn observou o anão admirado, mas a Senhora sorriu.

- Diz-se que o talento dos anões está em suas mãos e não em suas línguas - disse ela. - Mas não se pode dizer o mesmo de Gimli. Pois ninguém jamais me fez um pedido tão ousado, e ao mesmo tempo tão cortês. E como posso negá-lo, já que fui eu quem ordenou que ele falasse? Mas, diga -me, o que você faria com um presente desses?

- Guardá-lo-ia como uma relíquia, Senhora - respondeu ele -, em memória das palavras que me disse em nosso primeiro encontro. E se eu algum dia retornar às forjas de minha terra, será colocado num cristal indestrutível, para ser a herança de minha casa e um testemunho de boa vontade entre a Montanha e a Floresta até o fim dos dias.

Então a Senhora desfez uma de suas longas tranças e cortou três fios dourados, colocando-os na mão de Gimli. - Estas palavras acompanharão o presente - disse ela.

- Não vou predizer, pois todas as predições são vãs nestes tempos: de um lado está a escuridão, e do outro só há esperança. Mas se a esperança não falhar, então digo a você, Gimli, filho de Glóin, que suas mãos vão se encher de ouro e, apesar disso, o ouro não vai dominá-lo.

- E você, Portador do Anel - disse ela voltando-se para Frodo. - Dirijo- me a você por último, embora não seja o último em meus pensamentos. Para você, preparei isto. - Ergueu um pequeno frasco de cristal: brilhava quando ela o virava em sua mão, e raios de luz branca emanavam dele. - Este frasco - disse ela - contém a luz da estrela de Eärendil engastada nas águas de minha fonte. Brilhará ainda mais quando a noite cair ao seu redor. Que essa luz ilumine os lugares escuros por onde passar, quando todas as outras luzes se apagarem. Lembre -se de Galadriel e de seu Espelho!

Frodo pegou o frasco, e por um momento, enquanto ele brilhava entre eles, viu a Senhora novamente como uma rainha, grandiosa e bela, mas não terrível. Fez uma reverência e não soube o que dizer.

Depois a Senhora se levantou, e Celeborn os conduziu de volta ao ancoradouro. Uma tarde dourada se deitava sobre a terra verde da Língua, e a água brilhava em tons de prata. Finalmente tudo ficou pronto. Os membros da Comitiva tomaram seus lugares nos barcos como antes. Gritando adeus, os elfos de Lórien, com grandes varas cinzentas, os empurraram para a correnteza, e as águas ondulantes os levaram lentamente para longe. Os viajantes estavam quietos, sem se mover ou conversar. Na margem verde próxima à Língua, a Senhora Galadriel parou sozinha e em silêncio.

Quando passaram por ela, todos se voltaram, e seus olhos observaram -na lentamente flutuando para longe deles. Pois foi essa a impressão que tiveram: Lórien estava se distanciando, como um navio claro cujos mastros eram árvores encantadas, navegando para praias esquecidas, enquanto eles sentavam -se desamparados na margem do mundo cinzento e sem folhas.

Enquanto olhavam, o Veio de Prata passou, entrando nas correntezas do Grande Rio, e os barcos viraram e começaram a tomar velocidade em direção ao Sul. Logo a forma branca da Senhora era pequena e distante. Ela brilhava como uma janela de vidro sobre uma colina ao longe no sol poente, ou como um lago remoto visto de uma montanha: um cristal caído no colo da terra. Então Frodo teve a impressão de que ela levantara o braço num último aceno, e distante, mas perfeitamente claro, vinha com o vento o som de sua voz cantando. Mas agora ela cantava na língua antiga dos elfos de além-Mar, e ele não conseguia entender as palavras: bela era a música, mas não podia consolá-lo.

Apesar disso, como acontece com as palavras élficas, estas ficaram gravadas em sua memória, e muito tempo depois ele as interpretou o melhor que pôde: a língua era a das músicas élficas, e falava de coisas pouco conhecidas na Terra - média.

Ai! lauriê lantar lassi súrinen,
Yéni únótimê ve rámar aldaron!
Yéni ve lintê yuldar avánier
mi oromardi lisse-miruvóreva
Andúnê pella, Vardo tellumar
nu luini yassen tintilar i eleni
ómaryo airetári-lírinen.
Sí man i yulman nin enquantuva?
An sí Tintallê Varda Oiolossêo
ve fanyar máryat Elentári ortanê
ar ilyê undulávê lumbulê;
ar sindanóriello caita morniê
i falmalinnar imbê met, ar hísiê
untúpa Calaciryo míri oialê
Sí vanwa ná, Rómello vantva, Valimar!
Namáriê! Nai hiruvalyê Valimar.
Nai elyê hiruva. Namárie.

"Ai, como ouro caem as folhas ao vento, longos anos inumeráveis como as asas das árvores! Os longos anos se passaram como goles rápidos do doce hidromel em salões altos além do Oeste, sob as abóbadas azuis de Varda onde as estrelas tremem na canção de sua voz, de santa e rainha. Quem agora há de encher-me a taça outra vez? Pois agora a Inflamadora, Varda, a Rainha das Estrelas, do Monte Sempre Branco ergueu suas mãos como nuvens, e todos os caminhos mergulharam fundo nas trevas; e de uma terra cinzenta a escuridão se deita sobre as ondas espumantes entre nós, e a névoa cobre as jóias de Calacirya para sempre.

Agora perdida, perdida para aqueles do Leste está Valimar! Adeus! Talvez hajas de encontrar Valimar. Talvez tu mesmo hajas de encontrá -la. Adeus!"

Varda é o nome da Senhora que os elfos nestas terras de exílio chamaria de Elbereth.

De repente o rio fez uma curva, e as margens se ergueram dos dois lados, e a luz de Lórien se escondeu. Àquela bela terra Frodo nunca mais voltou.

Os viajantes agora voltaram sua atenção para a viagem; o sol estava à sua frente e ofuscava seus olhos todos cheios de lágrimas. Gimli chorou abertamente.

- Olhei pela última vez para aquela que era a mais bela - disse ele a Legolas, seu companheiro. - Daqui para frente, não chamarei nada de belo, a não ser o presente que ela me deu. - Colocou a mão no peito.

- Diga-me, Legolas, por que vim nesta Demanda" Mal sabia onde o maior perigo estava. Elrond estava certo quando disse que não podíamos prever o que poderíamos encontrar em nosso caminho. O tormento no escuro era o perigo que eu temia, e esse perigo não me demoveu. Mas eu não teria vindo, se soubesse do perigo da luz e da alegria. Agora, com esta despedida, sofri meu maior ferimento, e não poderia haver pior nem mesmo que eu tivesse de ir nesta noite, diretamente ao encontro do Senhor do Escuro. Pobre Gimli, filho de Glóin!

- Não - disse Legolas. - Pobres todos nós! E todos os que caminham pelo mundo

nestes últimos tempos. Pois assim são os modos deste mundo: encontrar e perder, como parece àqueles cujo barco está na correnteza veloz. Mas considero você um abençoado, Gimli, filho de Glóin: pois sua perda você sofre de livre e espontânea vontade, e poderia ter escolhido outro caminho. Mas não abandonou seus companheiros, e a menor recompensa que poderá ter é que a memória de Lothlórien permanecera sempre viva e imaculada em seu coração, e não vai se apagar nem envelhecer.

- Talvez - disse Gimli. - E agradeço por suas palavras. Palavras verdadeiras, sem dúvida; apesar disso, todo esse consolo é frio. A lembrança não é o que deseja o coração. É apenas um espelho, mesmo que seja cristalino como Kheled-zâram. Pelo menos, é isso que sente o coração de Gimli, o anão. Os elfos podem enxergar as coisas de outra forma. Na verdade, ouvi dizer que para eles a memória e mais semelhante à realidade do que ao sonho. Não é assim para os anões.

- Mas deixemos de falar disso. Olhe para o barco! Está muito afundado na água com toda esta bagagem, e o Grande Rio é veloz. Não quero afogar minha tristeza em água fria. - Pegou um remo, e dirigiu o barco para a margem Oeste, seguindo o de Aragorn que ia à frente, e que já tinha saído do meio da correnteza.

Assim continuou a Comitiva em seu longo caminho, descendo as águas velozes e caudalosas, sempre levados para o Sul. Florestas,nuas se erguiam nas duas margens, e eles não conseguiam ver qualquer sinal das terras que ficavam para trás.

A brisa se aquietou e o Rio corria sem qualquer ruído. Nenhuma voz de pássaro quebrava o silêncio. O sol se cobria de névoa à medida que o dia ficava velho, até brilhar no céu claro como uma pérola branca e nobre. Depois se apagou no Oeste, e o crepúsculo chegou cedo, seguido por uma noite cinzenta e sem estrelas. Para dentro das horas escuras e silenciosas eles continuaram navegando, guiando seus barcos pelas sombras das florestas do Oeste. Grandes árvores passavam como fantasmas, lançando suas raízes retorcidas e famintas através da névoa para dentro da água. A região era desolada e fria. Frodo ouvia o som apagado e borbulhante do Rio que ondulava por entre as raízes das árvores e os troncos soltos perto da margem, até que sua cabeça pendeu e ele caiu num sono agitado.

CAPÍTULO IX
O GRANDE RIO

Frodo foi acordado por Sam. Descobriu que estava deitado, bem agasalhado, sob altas árvores de casca cinzenta num canto silencioso da floresta, na margem Oeste do Grande Rio Anduin. Tinha dormido toda a noite e a manhã cinzenta estava escura por entre os galhos nus. Gimli se ocupava em fazer uma fogueira ali perto.

Partiram de novo antes que o dia se abrisse. Não que a maioria dos membros da Comitiva estivesse ansiosa por correr em direção ao Sul: estavam satisfeitos porque a decisão, que deveria ser tomada o mais tardar quando chegassem a Rauros e à Ilha Rocha do Espigão, pôde ser postergada por alguns dias, e deixavam que o Rio os conduzisse em seu próprio passo, pois não queriam correr em direção aos perigos que os esperavam, qualquer que fosse o caminho que decidissem tomar no final. Aragom permitiu que acompanhassem a correnteza como desejavam, poupando as forças para o cansaço que

viria. Mas insistiu que pelo menos partissem cedo a cada dia, e que viajassem até o anoitecer, pois sentia em seu coração que o tempo urgia e temia que o Senhor do Escuro não tivesse ficado parado enquanto a Comitiva havia permanecido em Lórien.

Apesar disso, não se viu qualquer sinal de inimigos naquele dia, nem no dia seguinte. As horas enfadonhas e cinzentas se arrastavam s em qualquer surpresa. Quando o terceiro dia de jornada terminava, a região começou lentamente a mudar: as árvores rarearam e desapareceram por completo. Na margem Leste à esquerda deles, viram encostas compridas e informes erguendo-se em direção ao céu; tinham uma aparência escura e seca, como se o fogo as tivesse varrido, não deixando qualquer folha verde: um deserto hostil sem nem uma árvore quebrada ou rocha escarpada que aliviasse o vazio. Naquele dia tinham atingido as Terras Castanhas que ficavam, vastas e desoladas, entre o Sul da Floresta das Trevas e as colinas de Emym Muil . Nem mesmo Aragorn sabia dizer que pestilência ou guerra, ou que feito maléfico do Inimigo tinha desolado toda a região daquela maneira.

Do lado Oeste, à direita deles, a região também não tinha árvores, mas era plana, e em vários pontos coberta com amplos trechos de capim verde.

Desse lado do Rio, viram passar florestas de grandes juncos, tão altos que os impediam de enxergar a Oeste, enquanto os pequenos barcos passavam roçando suas bordas trêmulas. As plumas escuras e ressecadas pendiam e se lançavam no vento frio e leve, sussurrando suave e tristemente. Aqui e ali Frodo conseguia ver de relance, através de aberturas por entre os juncos, extensos prados e, mais além, colinas ao pôr-do-sol, e mais longe ainda, no horizonte, uma linha escura, na qual desfilavam as cordilheiras do extremo Sul das Montanhas Sombrias.

Não se via sinal de seres vivos em movimento, a não ser pássaros. Destes havia muitos: pequenas aves assobiando e piando nos juncos, mas que dificilmente eram vistas. Uma vez ou outra os viajantes, ouviam o agito alvoroçado de asas de cisnes, e olhando para cima viram um grande bando deles cruzando o céu.

- Cisnes! - disse Sam. - E dos grandes!

- Sim - disse Aragorn -, e são cisnes negros.

- Como toda esta região parece vazia, ampla e melancólica! - disse Frodo. - Sempre imaginei que, conforme se viajasse para o Sul, tudo ficasse mais quente e alegre, até que o inverno fosse deixado para trás eternamente.

- Mas ainda não viajamos tanto para o Sul - disse Aragorn. - Ainda é inverno, e estamos longe do mar. Aqui o mundo é frio até que chegue de repente a primavera, e ainda podemos encontrar neve outra vez. Lá adiante, descendo até a Baía de Belfalas, para a qual o Anduim corre, o clima é quente e alegre, talvez; ou seria, se não fosse pelo Inimigo. Mas aqui não estamos mais de sessenta léguas, eu acho, ao Sul da Quarta Sul lá do seu Condado, a centenas de longas milhas deste ponto. Agora estão olhando para o Sudoeste, através das planícies do Norte da Terra dos Cavaleiros, Rohan, onde moram os Senhores dos Cavalos. Em breve chegaremos à foz do Limclaro, que vem de Fangorn para se encontrar com o Grande Rio. Aquela é a fronteira Norte de Rohan, e antigamente toda a região que ficava entre o Limclaro e as Montanhas Brancas pertencia aos Rohirrim. A região é rica e agradável, e sua relva não tem rival; mas nestes dias maléficos as pessoas não moram perto do Rio, nem cavalgam com freqüência até suas margens. O Anduim é largo, mas mesmo assim os orcs conseguem atirar suas flechas muito além da margem oposta; ultimamente, pelo que se diz, eles têm ousado atravessar o rio e atacar os rebanhos e a criação de cavalos de Rohan.

Sam olhava inquieto de uma margem para outra. Antes, as árvores lhe pareceram hostis, como se escondessem olhos secretos e perigos à espreita; agora ele desejava que as

árvores ainda estivessem lá. Sentia que a Comitiva estava desprotegida demais, flutuando em pequenos barcos abertos, em meio a uma região descoberta, num rio que era a fronteira da guerra.

Nos dois dias seguintes, enquanto avançavam, sempre para o Sul, essa sensação de insegurança cresceu em toda a Comitiva. Durante um dia inteiro, eles pegaram seus remos e avançaram depressa. As margens passavam deslizando. Logo o Rio se alargou e ficou mais raso; praias compridas e pedregosas se deitavam ao Leste, e havia bancos de areia e cascalho na água, de modo que era preciso conduzir os barcos com cuidado. As Terras Castanhas surgiam em descampados desertos, sobre os quais soprava um ar frio do Leste. Do outro lado, os prados tinham-se transformado em ladeiras de grama ressequida em meio a uma região de brejos e moitas de capim. Frodo teve um calafrio ao pensar nos gramados e fontes, no sol claro e nas suaves chuvas de Lórien. Pouco se falava e ninguém ria nos barcos. Cada membro da Comitiva estava ocupado com seus próprios pensamentos.

O coração de Legolas corria sob as estrelas de uma noite de verão em alguma clareira do Norte, em meio a florestas de faias; Gimli, em sua mente, manuseava ouro, e se perguntava se ele serviria para forjar um estojo para o presente da Senhora. Merry e Pippin, no barco do meio, estavam agitados, pois Boromir resmungava consigo mesmo, algumas vezes mordendo as unhas como se alguma inquietação ou dúvida o consumisse, outras vezes agarrando um remo e aproximando seu barco do de Aragorn. Então Pippin, que estava sentado à proa e olhando para trás, captou um brilho estranho nos olhos do homem, no momento em que ele olhava fixamente para Frodo. Sam já tinha decidido havia muito tempo que, embora os barcos talvez não fossem tão perigosos como o tinham feito acreditar, eram muito ma is desconfortáveis do que havia jamais imaginado. Sentia-se preso e deprimido, não tendo mais nada a fazer a não ser olhar para aquelas terras invernais se arrastando, e para a água cinzenta de seus dois lados. Mesmo quando usavam os remos, nenhum era confiado a Sam.

Enquanto descia o crepúsculo no quarto dia, ele olhava para trás, por cima das cabeças abaixadas de Frodo e Aragorn e dos barcos que vinham atrás: estava sonolento e queria acampar e sentir a terra sob os pés. De repente, alguma coisa chamou sua atenção: primeiro olhou para ela com indiferença, depois aprumou-se no barco e esfregou os olhos; mas quando olhou outra vez não conseguiu ver mais nada.

Naquela noite, acamparam numa ilhota próxima à margem Oeste. Sam estava deitado, enrolado em cobertores, ao lado de Frodo. - Tive um sonho engraçado uma ou duas horas antes de pararmos, Sr. Frodo - disse ele. Ou talvez não fosse um sonho. Mas foi engraçado, de qualquer maneira.

- Bem, o que era”? - disse Frodo, sabendo que Sam não sossegaria até que contasse sua história, fosse ela qual fosse. - Não vi ou pensei em nada que me fizesse sorrir desde que partimos de Lórien.

- Não era engraçado dessa maneira, Sr. Frodo. Foi estranho. Tudo errado, se não foi sonho. E é melhor que o senhor escute: vi um tronco d e árvore com olhos.

- Tudo certo com o tronco - disse Frodo. - Há muitos no Rio. Mas deixe os olhos para lá!

- Isso não posso fazer - disse Sam. - Foram os olhos que me fizeram levantar, por assim dizer. Vi o que julguei ser um tronco boiando à meia luz, atrás do barco de Gimli, mas não dei muita atenção aquilo. Então me pareceu que o tronco estava lentamente nos alcançando. E isso foi uma coisa peculiar, como se pode dizer, se pensarmos que todos nós estávamos boiando na correnteza juntos. Bem nessa hora, eu vi os olhos: iguais a dois pontos claros, brilhantes, numa corcova perto da ponta do tronco. Além do mais, não era

um tronco, pois tinha pés como remos, quase como os de um cisne, só que pareciam maiores, e ficavam entrando e saindo da água.

- Foi então que levantei e esfreguei os olhos, com a intenção de dar um grito, se ele ainda continuasse lá depois que eu tivesse espantado o sono de minha cabeça.

Pois o que-quer-que-fosse estava vindo rápido agora, e se aproximando do barco de Gimli. Mas não sei se aquelas duas lamparinas viram que eu me mexia, ou se voltei ao normal. Quando olhei de novo, a coisa não estava mais lá. Mas eu acho que vi de relance, com o rabo do olho, como se diz, alguma coisa escura entrando na sombra da margem. Mas não vi mais olho nenhum.

- Disse para mim mesmo: "sonhando de novo, Sam Gamgi", eu disse; e não disse mais nada depois disso. Mas não paro de pensar desde que aconteceu, e agora não tenho tanta certeza, Que acha disso, Sr. Frodo?

- Eu acharia que não foi nada além de um tronco no escuro e sono em seus olhos, Sam - disse Frodo -, se esta fosse a primeira vez que aqueles olhos foram vistos. Mas não é. Eu os vi longe daqui, lá no Norte, antes de chegarmos a Lórien. E vi uma criatura esquisita com olhos subindo no flet aquela noite. Haldir também viu. E você se lembra do relato dos elfos que foram atrás do bando de orcs?

- Ah - disse Sam. - Lembro sim, e lembro-me também de outras coisas. Não gosto do que estou pensando, mas colocando uma coisa junto com a outra, e com as histórias do Sr. Bilbo e tudo mais, acho que poderia arriscar um nome para a criatura. Um nome horrível. Gollum, talvez?

- Sim, é isso que venho temendo há algum tempo - disse Frodo. - Desde a noite no flet. Suponho que já estava à espreita em Moria, onde descobriu nossa trilha; mas eu tinha esperanças de que nossa estada em Lórien tivesse feito com que ele perdesse nosso rastro outra vez. A miserável criatura deve ter ficado escondida nas florestas que margeiam o Veio de Prata, vigiando até que partíssemos.

- É isso mesmo - disse Sam, - E é melhor ficarmos um pouco mais atentos, ou vamos sentir uns dedos nojentos em volta de nossos pescoços uma noite dessas, se é que vamos ter tempo de acordar e sentir alguma coisa. E era isso que eu ia começar a fazer. Não é preciso incomodar Passolargo e os outros esta noite. Vou ficar de guarda.
Posso dormir amanhã, já que não passo de uma bagagem no barco, como se poderia dizer.

- Eu diria - disse Frodo. - E diria "bagagem que enxerga". Você vai ficar de guarda, mas só se prometer que me acorda no meio da noite, se nada acontecer antes.

Nas últimas horas da noite, Frodo acordou de um sono profundo e sombrio e percebeu que Sam o sacudia. - É uma pena acordá-lo - sussurrou Sam -, mas o senhor me disse para fazer isso. Não há nada a contar, ou não muito. Tive a impressão de ter ouvido uns barulhos de alguma coisa batendo na água e farejando, há uns instantes; mas a gente escuta um monte desses sons estranhos nas margens de um rio à noite.

Ele se deitou e Frodo levantou-se embrulhado nos cobertores, lutando para espantar o sono. Minutos ou horas se passaram lentamente, e nada aconteceu. Frodo estava quase cedendo à tentação de se deitar outra vez quando uma figura escura, quase invisível, flutuou para perto de um dos barcos ancorados. Podia-se distinguir vagamente uma mão comprida e esbranquiçada, no momento em que se erguia e agarrava a amurada; dois olhos pálidos como lamparinas emanaram um brilho frio no momento em que espiaram dentro do barco, e então se ergueram e olharam para Frodo na ilhota. Não estavam a mais de um ou dois metros de distância, e Frodo escutou o chiado suave de ar sendo inspirado. Levantou-se puxando Ferroada da bainha, e enfrentou os olhos. Imediatamente, a luz que vinha deles desapareceu. Ouviu um outro chiado e o som de

algo caindo na água, e a coisa escura com formato de tronco se distanciou correnteza abaixo, entrando na escuridão da noite. Aragorn se mexeu dormindo, virou-se e se sentou.

- O que foi? - sussurrou ele, levantando-se e vindo até Frodo. - Senti algo enquanto dormia. Por que pegou sua espada?

- Gollum - respondeu Frodo. - Ou, pelo menos, imagino que seja ele.

- Ah! - disse Aragorn. - Então você sabe de nosso pequeno salteador? Ele nos seguiu em todo o percurso através de Moria e descendo o Nimrodel. Desde que pegamos os barcos, ele tem estado em cima de um tronco, remando com suas mãos e pés. Tentei pegá-lo uma ou duas vezes durante a noite, mas ele é mais astuto que uma raposa, e escorregadio como um peixe. Tinha esperanças de que a viagem pelo rio o fizesse desistir, mas ele é um nadador muito esperto.

- Tentaremos ir mais rápido amanhã. Agora deite -se e eu faço a guarda durante o restante da noite. Gostaria de poder pôr as mão s no maldito. Poderíamos fazer com que fosse útil. Mas se eu não conseguir, devemos tentar fazer com que se perca. É muito perigoso. Além da possibilidade de assassinar alguém durante a noite por sua própria conta, ele pode colocar qualquer inimigo que estiver por perto no nosso rastro.

A noite se passou, e Gollum não se manifestou outra vez. Depois disso a Comitiva manteve uma estrita vigilância, mas não viram mais Gollum enquanto durou a viagem.

Se ele ainda os seguia, era muito esperto e ágil. Conforme recomendação de Aragorn, eles remavam agora por longos períodos, e as margens passavam rapidamente. Mas viam pouca coisa da região, pois viajavam principalmente à noite e no crepúsculo, descansando durante o dia, escondendo -se o melhor que podiam naquela região. Assim o tempo passou sem qualquer acontecimento até o sétimo dia.

O céu ainda estava cinzento e carregado, e um vento soprava do Leste, mas quando a noite foi chegando, as nuvens ao Oeste se desfizeram e poças de luz pálida, amarelas e verde-claras, se abriram sob as nuvens cinzentas. Ali se podia ver a casca branca da lua nova reluzindo nos lagos remotos. Sam olhou para ela e franziu a testa.

No dia seguinte, o terreno dos dois lados começou a mudar rapidamente. As margens começaram a se erguer ficando pedregosas. Logo eles estavam atravessando uma região de colinas rochosas, e dos dois lados viam -se encostas íngremes enterradas em matagais de espinhos e abrunheiros, emaranhados com sarças e trepadeiras. Atrás deles se erguiam penhascos baixos que se desagregavam e protuberâncias de rocha cinzenta, cobertos de hera escura; além destes se erguiam, por sua vez, cordilheiras altas coroadas de pinheiros retorcidos pela ação do vento. Estavam se aproximando das colinas cinzentas de Emyn Muil, a fronteira Sul das Terras Ermas.

Havia muitos pássaros em volta dos penhascos e das pontas rochosas, e durante todo o dia bandos de pássaros formaram círculos no ar, negros contra o céu claro. Enquanto descansavam no acampamento naquele dia, Aragorn observava os vôos cheio de dúvidas, imaginando se Gollum não estivera fazendo alguma maldade, e se a notícia da viagem deles não estava agora se propagando no ermo. Mais tarde, quando o sol se punha e a Comitiva se movimentava, fazendo os preparativos para uma nova partida, ele distinguiu um ponto preto contra a luz que se apagava: um grande pássaro voando alto e distante. Às vezes desenhando círculos no céu, outras voando lentamente para o Sul.

- O que é aquilo, Legolas? - perguntou ele, apontando para o céu ao Norte. - Seria, como imagino, uma águia”?

- Sim - disse Legolas. - É uma águia, uma águia caçadora. Pergunto-me o que isso significa. Ela está longe das montanhas.

- Não vamos partir até que escureça completamente - disse Aragorn.

Chegou a oitava noite daquela jornada. Era silenciosa e parada: o vento soturno do

Leste tinha parado. A diáfana lua crescente tinha caído cedo no poente, mas o céu no alto estava claro, e embora longe ao Sul houvesse grandes cadeias de nuvens que ainda brilhavam pálidas, no Oeste as estrelas cintilavam claras.

- Venham! - disse Aragom. - Vamos arriscar mais uma jornada noturna. Estamos chegando a um trecho do Rio que não conheço bem, pois nunca viajei pela água nestas partes antes, não entre este ponto e as corredeiras de Sarn Gebir. Mas, se meus cálculos estiverem certos, as corredeiras ainda estão muitas milhas adiante. Mesmo assim, encontraremos lugares perigosos antes até de chegarmos lá: rochas e ilhotas de pedra na correnteza. Devemos manter uma vigilância rigorosa e evitar remar rapidamente.

Ficou ao encargo de Sam, no barco da frente, a função de vigia. Ele se deitou com a cabeça para frente, espiando na escuridão. A noite ficou escura, mas as estrelas acima estavam estranhamente claras, e a superfície do Rio reluzia. Era quase meia-noite, e eles já estavam navegando havia algum tempo, quase sem usar os remos, quando de repente Sam soltou um berro. Apenas a alguns metros adiante, formas escuras assomaram na correnteza e ele escutou a água veloz num turbilhão. Havia uma corredeira que levava para a esquerda, em direção à margem Leste, onde o canal estava desobstruído. Enquanto eram arrastados para o lado, os viajantes puderam ver, agora muito próxima, a espuma clara do Rio batendo contra os rochedos pontudos que saíam das águas como uma fileira de dentes. Os barcos estavam todos amontoados.

- Ei, Aragorn! - gritou Boromir, quando seu barco bateu no da frente. - Isto é loucura! Não podemos desafiar as Corredeiras à noite! Mas nenhum barco pode sobreviver nas Sarn Gebir, seja de noite seja de dia.

- Para trás! Para trás! - gritou Aragorn. - Vire! Vire se conseguir. - Mergulhou o remo na água, tentando deter o barco e fazê-lo voltar.

- Meus cálculos estavam errados - disse ele a Frodo. - Não sabia que tínhamos chegado tão longe: o Anduim corre mais rápido do que eu pensava. As Sarn Gebir já devem estar bem próximas.

Com grande esforço, detiveram os barcos e os viraram; mas no início só conseguiram avançar muito lentamente contra a correnteza, e todo o tempo eram trazidos para mais e mais perto da margem Leste, que agora assomava escura e agourenta na noite.

- Todos juntos, remem! - gritou Boromir. - Remem! Ou seremos levados para os bancos de areia. - Enquanto ouvia isso, Frodo sentiu o barco onde estava raspar numa pedra.

Nesse momento, ouviu-se o zunido de cordas de arcos: muitas flechas assobiaram sobre suas cabeças, e algumas caíram no meio deles. Uma atingiu Frodo entre os ombros e ele cambaleou para frente com um grito, deixando cair seu remo: mas a flecha caiu para trás, repelida pelo seu colete oculto de malha metálica. Uma outra passou através do capuz de Aragorn, e uma terceira ficou espetada na borda do segundo barco, perto da mão de Merry. Sam julgava poder divisar figuras negras correndo de um lado para o outro sobre os longos montes de pedra que jaziam sobre a praia Leste. Pareciam estar muito perto.

- Yrch! - gritou Legolas, falando em sua própria língua, num lapso.

- Orcs! - gritou Gimli.

- Coisa do Gollum, com certeza - disse Sam a Frodo. - E também escolheram um bom lugar. O Rio parece decidido a nos levar direto para os braços deles!

Todos se inclinaram para frente, colocando mais força nos remos: até Sam deu uma ajuda. A cada momento esperavam sentir a mordida das flechas com penas pretas. Muitas zuniam acima de suas cabeças ou caíam na água ali perto; mas ninguém mais foi atingido. Estava escuro, mas não escuro demais para os olhos noturnos dos orcs, e sob o

brilho das estrelas a Comitiva provavelmente ofereceria um alvo fácil aos astutos inimigos, se a cor cinzenta das capas de Lórien e da madeira dos barcos não derrotasse a malícia dos arqueiros de Mordor.

Continuaram lutando, remada após remada. Na escuridão, era difícil ter certeza de que estavam realmente se movendo; mas devagar a força da água em rodamoinho foi amainando, e a sombra da margem se apagou dentro da escuridão.

Finalmente, pelo que podiam julgar, estavam no meio do Rio outra vez, e haviam recuado os barcos afastando-se bastante das rochas salientes. Então, viraram os barcos para o Oeste e os conduziram com toda sua força para a margem. Sob a sombra de arbustos curvados sobre a água, pararam para tomar fôlego.

Legolas soltou seu remo e pegou o arco que havia trazido de Lórien. Então pulou para a praia e subiu alguns passos na margem. Puxando a corda e encaixando nela uma flecha, ele se voltou, espiando por sobre o Rio na escuridão. Do outro lado ouviam-se gritos agudos, mas não se podia ver nada.

Frodo levantou os olhos para o elfo que se erguia imponente acima dele, observando a noite e procurando um alvo em que pudesse mirar. A cabeça escura estava coroada pelas estrelas brancas que reluziam contra os lagos escuros do céu. Mas agora, levantando-se e navegando do Sul, as nuvens avançavam enviando batedores escuros para os campos estrelados. Um terror repentino dominou toda a Comitiva.

- Elebereth Gilthoml! - suspirou Legolas ao erguer os olhos. No momento em que falava, uma forma escura, como uma nuvem mas que não era uma nuvem, pois movia-se muito mais rápido, surgiu do negrume do Sul, correndo em direção à Comitiva, vedando toda a luz conforme se aproximava. Logo se definiu como uma grande criatura alada, mais negra que os abismos da noite. Vozes selvagens se ergueram para saudá -la, do outro lado do Rio. Frodo sentiu um calafrio repentino percorrendo seu corpo e apertando seu coração; teve uma sensação gelada e mortal na região do ombro, como a lembrança de um velho ferimento. Agachou-se como se estivesse tentando se esconder.

De repente, o grande arco de Lórien cantou. A flecha, impulsionada pela corda, zuniu no ar. Frodo olhou para cima. Quase em cima dele, a forma alada guinou. Ouviu-se um grasnado alto e rouco, no momento em que a criatura caiu, desaparecendo dentro da escuridão da praia Leste.

O céu estava limpo outra vez. Na escuridão, podia -se distinguir um tumulto de muitas vozes distantes, praguejando e lamentando, e então silêncio. Depois disso nenhuma lança ou grito veio do Leste naquela noite.

Passado algum tempo, Aragorn conduziu os barcos de novo correnteza acima.

Foram tateando o caminho ao longo da margem por uma certa distância, até que encontraram uma baía pequena e rasa. Algumas árvores baixas cresciam ali , perto da água, e atrás delas subia uma margem rochosa e íngreme. Ali a Comitiva decidiu parar e esperar a chegada da aurora: seria inútil tentar prosseguir à noite.

Não fizeram acampamento, nem acenderam o fogo, mas ficaram deitados e encolhidos nos barcos, que estavam ancorados uns perto dos outros.

- Louvados sejam o arco de Galadriel e a mão e o olho de Legolas - disse Gimli, enquanto mastigava um pedaço de lembas. - Aquele foi um belo tiro no escuro, meu amigo!

- Mas quem poderia dizer o que o tiro atingiu? - disse Legolas.

- Eu não - disse Gimli. - Mas fico feliz em pensar que a sombra não se aproximou mais. Não gostei dela nem um pouco. Pareceu-me semelhante demais à sombra em Moria - a sombra do balrog - finalizou ele, num sussurro.

- Não era um balrog - disse Frodo, ainda tremendo pelo frio que o assaltara. - Era

algo mais gelado. Acho que era... - Parou neste ponto, e ficou em silêncio.

- Acha o quê? - perguntou Boromir ansioso, inclinando-se em seu barco, como se tentasse olhar o rosto de Frodo.

- Eu acho... Não, não vou dizer. O que quer que fosse, sua queda enfraqueceu nossos inimigos.

- É o que parece - disse Aragorn. - Apesar disso, não sabemos onde estão, quantos são, e qual será seu próximo passo. Nenhum de nós deve dormir esta noite! A escuridão está nos escondendo agora. Mas quem pode dizer o que o dia revelará? Mantenham suas armas ao alcance das mãos!

Sam ficou sentado, tamborilando com os dedos no punho de sua espada, como se estivesse contando alguma coisa, e olhando para o céu. - É muito estranho – murmurou ele. - A lua é a mesma no Condado e nas Terras Ermas, ou deveria ser. Mas ou ela está fora de seu curso, ou estou completamente errado em meus cálculos. O senhor se lembra, Sr. Frodo, que a lua estava no quarto minguante quando estávamos no flet em cima da árvore: uma semana depois da lua cheia, eu calculo. E ontem fez uma semana que estamos viajando, quando apareceu uma lua nova, fina como a apara de uma unha, como se não tivéssemos ficado tempo algum na terra dos elfos.

- Bem, eu me lembro com certeza de três noites, e tenho a impressão de lembrar de várias outras, mas juraria que não completamos um mês de estada lá. Qualquer um pensaria que lá o tempo não contou!

- E talvez tenha sido isso mesmo - disse Frodo. - Naquela terra, talvez estivéssemos num tempo que já se passou há muito em outros lugares. Acho que foi só quando o Veio de Prata nos levou de volta para o Anduin que voltamos ao tempo que corre através das terras mortais, em direção ao Grande Mar. E eu não me lembro de nenhuma lua, velha ou nova, em Caras Galadhon: só estrelas à noite, e sol de dia.

Legolas se mexeu em seu barco. - Não, o tempo não para nunca - disse ele -, mas a mudança e o crescimento não se manifestam em todos os seres da mesma forma. Para os elfos, o mundo se move, e move-se ao mesmo tempo muito depressa e muito devagar. Depressa, porque eles próprios mudam muito pouco, e todo o resto se esvai: é uma tristeza para eles. Devagar, porque eles não contam os anos que passam, não em relação a si mesmos. As estações que se sucedem não passam de ondas repetidas na longa correnteza. Apesar disso, tudo sob o sol deve passar e chegar ao seu fim.

- Mas as coisas passam devagar em Lórien - disse Frodo. - O poder da Senhora age sobre aquela terra. As horas são ricas, embora pareçam curtas, em Caras Galadhon, onde Galadriel detém o Anel Élfico.

- Isso não deveria ser dito fora de Lórien, nem mesmo para mim! Disse Aragorn. - Não fale mais desse assunto! Mas é assim, Sam: naquela terra você perdeu as contas.

Ali o tempo passou rapidamente por nós, como passa para os elfos. A lua velha passou e uma lua nova cresceu e minguou no mundo de fora, enquanto permanecemos lá. E anteontem uma lua nova apareceu outra vez. O inverno já quase passou. O tempo corre para uma primavera de pouca esperança.

A noite passou em silêncio. Nenhuma voz ou chamado foram ouvidos outra vez do outro lado do Rio. Os viajantes, encolhidos nos barcos, sentiam a mudança de clima.

O ar ficou quente e parado sob as grandes nuvens úmidas que flutuavam no céu, vindas do Sul e dos mares distantes. O fluxo da água sobre as pedras na correnteza pareceu ficar mais ruidoso e próximo. Os galhos das árvores começaram a pingar.

Ao romper do dia, o mundo em volta deles tinha ficado suave e triste. Lentamente, a aurora deu lugar a uma luz clara, difusa e sem sombras. Uma névoa cobria o rio, e não se podia enxergar a outra margem.

- Não suporto nevoeiros - disse Sam -, mas este parece nos trazer sorte. Agora talvez possamos sair daqui sem que aqueles orcs desgraçados nos vejam.

- Talvez sim - disse Aragorn. - Mas será difícil encontrar a trilha, a não ser que o nevoeiro suba um pouco, mais tarde. E precisamos achar a trilha, se vamos passar as Sarn Gebir e chegar aos Emyn Muil.

- Não vejo por que precisamos passar pelas Corredeiras ou seguir o Rio por mais tempo - disse Boromir. - Se os Emyn Muil estão à nossa frente, podemos abandonar esses barquinhos, e avançar para o Oeste e para o Sul, até chegarmos ao Entágua, que podemos atravessar chegando assim à minha terra.

- Podemos, se estivermos indo para Minas Tirith - disse Aragorn. Mas isso ainda não foi decidido. E um caminho desses pode ser mais perigoso do que parece. O vale do Entágua é plano e pantanoso, e o nevoeiro é um perigo mor tal para os que estão a pé e carregando coisas. Eu não abandonaria nossos barcos até que fosse necessário. Pelo menos, o Rio é uma trilha que não se perde.

- Mas o Inimigo se apoderou da margem Leste - objetou Boromir. E mesmo que você passe os Portões dos Argonath e chegue ileso à Rocha do Espigão, que vai fazer depois? Saltar sobre as cachoeiras e pousar nos pântanos?

- Não! - respondeu Aragorn. - Em vez disso, diga que iremos levar nossos barcos pelo caminho antigo até os pés de Rauros, e ali continuar pela água. Você não conhece, Boromir, ou decidiu esquecer a Escada Norte e o alto trono sobre o Amon Hen, que foram feitos nos dias dos grandes Reis? Eu, pelo menos, pretendo subir àquele lugar alto outra vez, antes de decidir meu roteiro futuro. Ali, talvez possamos ver algum sinal que nos guie.

Boromir relutou muito em aceitar essa escolha; mas quando ficou claro que Frodo seguiria Aragorn, aonde quer que este fosse, acabou cedendo. - Não é costume dos homens de Minas Tirith abandonar seus amigos necessitados - disse ele. - E vocês vão precisar de minha força, se chegarem à Rocha do Espigão. Irei até a alta ilha, mas não além daquele ponto. Ali rumarei para meu lar; sozinho, se minha ajuda não angariar a recompensa de algum companheirismo.

O dia avançava e o nevoeiro tinha subido um pouco. Decidiu -se que Aragorn e Legolas deveriam avançar imediatamente ao longo da margem, enquanto os outros permaneceriam perto dos barcos. Aragorn esperava encontrar algum caminho pelo qual pudessem ir, carregando os b arcos e a bagagem, até atingir as águas mais calmas além das Corredeiras.

- Os barcos dos elfos não afundam, talvez - disse ele. - Mas isso não quer dizer que poderíamos atravessar as Sarn Gebir a salvo. Ninguém jamais fez isso. Nenhuma estrada foi feita pelos homens de Gondor nesta região, pois mesmo nos dias gloriosos seu reinado só subia o Anduin até os Emyn Muil. Mas há uma passagem em algum lugar da margem Oeste, e espero poder encontrá-la. Não pode estar destruída, pois barcos leves costumavam viajar saindo das Terras Ermas, descendo até Osgiliath, e ainda faziam isto há alguns anos, quando os orcs de Mordor começaram a se multiplicar.

- Raramente vi em minha vida um barco vindo do Norte, e os orcs espreitam na praia Leste - disse Boromir. - Se você for em frente, o perigo ficará maior a cada milha, mesmo que consiga encontrar um caminho.

- O perigo nos espera em todas as estradas que conduzem ao Sul - respondeu Aragorn. - Esperem-nos por um dia. Se não voltarmos nesse prazo, saberão que de fato o mal nos atingiu. Então devem escolher outro líder e segui-lo da melhor maneira possível.

Foi com o coração pesado que Frodo viu Aragorn e Legolas subindo a margem íngreme e desaparecendo dentro da névoa, mas seus temores se mostraram infundados.

Apenas duas ou três horas tinham-se passado, e mal chegava o meio-dia, quando as figuras sombrias dos exploradores apareceram outra vez.

- Está tudo bem - disse Aragorn, descendo a margem. - Há uma trilha que leva a um bom porto que ainda é utilizável. A distância não é grande: a cabeceira das Corredeiras está a meia milha abaixo de nós, e elas têm apenas uma milha de comprimento, Não muito além delas a água se torna límpida e calma de novo, embora continue correndo veloz. Nossa tarefa mais difícil será levar os b arcos e a bagagem através da antiga passagem. Nós a encontramos, mas ela fica a uma boa distância desta margem, e prossegue protegida por uma parede rochosa, cerca de duzentos metros ou mais da margem. E nós não encontramos o ancoradouro Norte. Se é que a inda existe, devemos ter passado por ele ontem à noite. Podemos ter muito trabalho para remar correnteza acima e mesmo assim não encontrá-lo por causa do nevoeiro. Receio que devamos abandonar o Rio agora, e nos dirigir para essa passagem da melhor forma que conseguirmos.

- Isso não seria fácil, mesmo que todos fôssemos homens - disse Boromir.

- Mesmo assim, vamos tentar, sendo todos homens ou não - disse Aragorn,

- Vamos, sim - disse Gimli. - As pernas de um homem ficam para trás numa estrada difícil, enquanto um anão continua, mesmo que o peso que carrega seja duas vezes maior que o do seu próprio corpo, mestre Boromir!

A tarefa acabou se revelando realmente difícil, mas no fim foi desempenhada. Os mantimentos e bagagens foram retirados dos barcos e trazidos ao topo da margem, onde havia um espaço plano. Depois os barcos foram arrastados para fora da água e carregados. Eram muito menos pesados do que qualquer um esperara. Nem mesmo Legolas poderia dizer de que árvore cultivada na terra d os elfos eles eram feitos; mas a madeira era resistente e, apesar disso, estranhamente leve.

Merry e Pippin conseguiram, sozinhos, carregar seu barco ao longo da planície. Não obstante, era preciso a força de dois homens para levantar e arrastar os barcos pelo terreno que agora a Comitiva deveria atravessar. O caminho subia, distanciando-se do Rio: uma região deserta, de pedras calcáreas cinzentas, com muitos buracos escondidos pelo mato e pelos arbustos; havia moitas de espinheiros, e pequenos vales abruptos; aqui e ali encontravam-se poças lamacentas alimentadas pelas águas que desciam dos planaltos na região mais interna.

Boromir e Aragorn carregaram os barcos um de cada vez, enquanto os outros iam aos tropeços atrás deles, levando a bagagem. Finalmente tudo foi transportado e colocado na passagem. Então, sem muita dificuldade, a não ser por urzais espalhados e muitas rochas caídas, foram indo para frente, todos juntos.

O nevoeiro ainda pairava em véus sobre a parede rochosa que se desfazia, e à esquerda a névoa escondia o Rio: eles ouviam suas águas correndo e espumando sobre os escolhos pontudos e os dentes de pedra das Sarn Gebir, mas não conseguiam vê -lo. Tiveram de fazer duas viagens, antes que tudo fosse trazido a salvo para o ancoradouro Sul.

Nesse ponto a passagem, voltando de novo em direção à beira do Rio, descia suavemente até a borda rasa de um pequeno lago. Parecia ter sido cavado na margem do Rio, não manualmente, mas pela própria água que descia em rodamoinho das Sarn Gebir e batia contra um ancoradouro baixo e rochoso que avançava para dentro da correnteza.

Mais adiante, a praia se transformava abruptamente num penhasco cinzento, e não havia mais passagem para os que fossem a pé.

A tarde curta já passara e um crepúsculo apagado e nublado se formava.

Sentaram-se perto da água, escutando o rugido rápido e confuso das Corredeiras

escondidas na névoa; estavam cansados e sonolentos, e tinham os corações melancólicos como o dia que morria.

- Bem, aqui estamos, e aqui passaremos mais uma noite - disse Boromir. - Precisamos dormir, e mesmo que Aragorn pretendesse atravessar os Portões dos Argonath à noite, estamos todos cansados demais - exceto, sem dúvida, nosso vigoroso anão.

Gimli não respondeu. Estava caindo no sono ali mesmo, sentado.

- Vamos descansar o máximo possível agora - disse Aragorn. - Amanhã devemos viajar durante o dia outra vez. A não ser que o tempo mude de novo e nos engane, teremos uma boa chance de escapar sem sermos vistos por quaisquer olhos na p raia Leste. Mas esta noite dois devem montar guarda juntos, fazendo revezamento: três horas de descanso e uma de plantão.

Naquela noite, não aconteceu nada pior que um chuvisqueiro rápido, uma hora antes do nascer do dia. Logo que estava completamente claro, eles partiram.

O nevoeiro já ficava menos denso. A Comitiva mantinha-se o mais perto possível da margem Oeste, e assim podiam ver as formas apagadas dos penhascos baixos subindo cada vez mais, paredes sombrias que tinham os pés afundados no rio veloz. No meio da manhã, as nuvens desceram, e começou uma chuva forte. Cobriram os barcos com peles, para evitar que se alagassem, e continuaram; através daquela cortina cinzenta que caía, quase nada podiam ver à frente ou em volta.

Entretanto, a chuva não durou muito. Lentamente, o céu foi ficando mais leve e, de repente, as nuvens se desmancharam, e suas franjas soltas rumaram para longe, subindo o Rio para o Norte. O nevoeiro desapareceu. Diante dos viajantes abria-se uma garganta larga, com grandes encosta s rochosas às quais se agarravam, em saliências e fendas estreitas, algumas árvores retorcidas. O canal ficou mais estreito e o Rio mais rápido. Agora iam depressa acompanhando a margem, com pouca esperança de parar ou desviar, não importava o que encontrassem à frente. Sobre eles via-se uma alameda de céu azul-claro; ao redor deles, o Rio escuro e ensombreado; adiante, negras, vedando o sol, as colinas de Emyn Muil, nas quais não se via qualquer abertura.

Frodo, olhando para a frente, viu na distância duas grandes rochas se aproximando: pareciam dois grandes pináculos ou pilares de pedra. Altos, íngremes e agourentos, erguiam-se dos dois lados da correnteza. Uma pequena abertura apareceu entre eles, e o Rio levou os barcos naquela direção.

- Olhem os Argonath, os Pilares dos Reis! - gritou Aragorn. - Vamos passar por eles em breve. Mantenham os barcos em fila e o mais separados que puderem. Fiquem no meio da correnteza.

Quando Frodo foi levado na direção deles, os grandes pilares assomaram como torres vindo ao seu encontro. Pareciam-lhe dois gigantes, figuras grandes e cinzentas, silenciosas mas ameaçadoras. Então percebeu que de fato eram desenhados e moldados: o trabalho e o poder de antigamente tinham trabalhado neles, que ainda conservavam, através do sol e da chuva de anos esquecidos, as formas poderosas da escultura original. Sobre grandes pedestais alicerçados nas águas profundas, erguiam-se dois grandes reis de pedra: ainda, com olhos turvos e cenhos gretados, voltavam-se para o Norte. A mão esquerda de cada um deles estava levantada, com a palma para fora, num gesto de advertência, e cada mão direita empunhava um machado; sobre cada uma das cabeças viam-se um elmo e uma corôa, já se desintegrando.

Guardiões silenciosos de um reino há muito desaparecido, tinham ainda grande força e majestade. Dominado pelo medo e pela admiração, Frodo se encolheu, fechando os olhos e não ousando olhar para cima, enquanto o barco se aproximava. Até Boromir abaixou a cabeça quando os barcos passaram, frágeis e fugazes como pequenas folhas,

sob a sombra duradoura dos guardiões de Númenor. Assim atravessaram a fenda negra dos Portões.

Os aterrorizantes penhascos se erguiam de ambos os lados a alturas incalculáveis. Lá adiante estava o céu pálido. As águas negras rugiam e reverberavam, e um vento gritava sobre eles. Frodo, agachado sobre os joelhos, escutou Sam, resmungando e gemendo à sua frente: - Que lugar! Que lugar horrível! Se me deixarem sair deste barco, nunca mais vou molhar meus pés numa poça outra vez, muito menos num rio!

- Não tenha medo! - disse uma voz estranha atrás dele. Frodo se voltou e viu Passolargo, que ao mesmo tempo não era Passolargo, pois o guardião marcado pelo tempo não estava mais lá. Na popa estava Aragorn, filho de Arathorn, imponente e ereto, guiando o barco com movimentos habilidosos; seu capuz jogado para trás, e os cabelos negros esvoaçando no vento, uma luz em seus olhos: um rei retornando do exílio à sua própria terra.

- Não tema! - disse ele. - Por muito tempo quis contemplar as figuras de Isildur e Anárion, meus antepassados. Sob suas sombras Elessar, a Pedra Élfica, filho de Arathorn da Casa de Valandil, Filho de Isildur, herdeiro de Elendil, nada tem a temer!

Então a luz em seus olhos se apagou, e ele falou para si mesmo: Como queria que Gandalf estivesse aqui! Como meu coração anseia por Minas Anor e pelas muralhas de minha própria cidade! Mas para onde devo ir agora? A fenda era comprida e escura, e repleta do ruído do vento e da água veloz, e dos ecos nas rochas. Inclinava -se um pouco na direção do Oeste de modo que, num primeiro momento, tudo adiante estava escuro; mas logo Frodo viu um espaço de luz à sua frente, sempre crescendo. Rapidamente se aproximou e de repente os barcos foram lançados através dele, saindo para um espaço amplo e claro.

O sol, já há bastante tempo distante do meio -dia, brilhava num céu de ventania. As águas confinadas se espalhavam dentro de um lago longo e oval, o claro Nen Hithoel, cercado por colinas cinzentas e íngremes, cujas encostas estavam cobertas de árvores, mas cujas cabeças eram nuas, brilhando frias à luz do sol. Na extremidade Sul estavam três picos.

O do meio se erguia um pouco à frente dos outros e se afastava deles, uma ilha nas águas ao redor da qual o Rio estendia braços pálidos e reluzentes. Distante mas profundo, vinha com o vento um som ruidoso como um trovão ouvido na distância.

- Olhem o Tol Brandir! - disse Aragorn, apontando para o pico alto ao sul. - À esquerda está o Amon Lhaw, e à direita o Amon Hen, as Colinas da Audição e da Visão. Na época dos grandes reis, havia tronos altos sobre elas, e mantinha -se uma guarda ali. Mas comenta-se que nenhum pé de homem ou nenhuma pata de animal jamais tocou o Tol Brandir. Antes que a sombra da noite caia, chegaremos até eles. Ouço a voz interminável de Rauros chamando.

A Comitiva agora descansou um pouco, flutuando para o Sul na correnteza que atravessava o meio do lago. Comeram um pouco e depois pegaram de novo os remos e se apressaram em seu caminho. As encostas das colinas a Oeste caíram na escuridão, e o sol ficou redondo e vermelho. Aqui e ali, uma estrela nebulosa aparecia. Os três picos assomavam diante deles, escurecendo no crepúsculo. Rauros rugia com uma voz possante. A noite já se deitava sobre as águas velozes quando os viajantes chegaram finalmente à sombra das colinas.

O décimo dia de viagem chegava ao fim. As Terras Ermas estavam atrás deles. Agora não podiam mais avançar sem escolher entre o caminho do Leste e o do Oeste. O último estágio da Demanda estava diante deles.

CAPÍTULO X
O ROMPIMENTO DA SOCIEDADE

Aragorn conduziu-os pelo braço direito do Rio. Ali, na margem Oeste, sob a sombra do Tol Brandir, um gramado verde corria para a água, vindo dos pés do Amon Hen.

Atrás dele subiam as primeiras encostas suaves da colina coberta de árvores, e árvores em fila avançavam ao longo das margens sinuosas do lago. Uma pequena nascente caía encosta abaixo, alimentando a relva.

- Descansaremos aqui esta noite - disse Aragorn. - Este é o gramado de Parth Galen: um belo lugar nos dias de verão de antigamente. Esperemos que ainda nenhum mal tenha chegado até aqui.

Arrastaram os barcos através dos verdes barrancos das margens e ao lado deles montaram acampamento. Montaram guarda , mas não ouviram nem viram sinais dos inimigos.

Se Gollum tivera êxito em segui-los, permanecia escondido e em silêncio.

Apesar disso, à medida que a noite avançava, Aragorn foi ficando inquieto, freqüentemente se agitando durante o sono e acordando. Durante a madrugada, levantou-se e veio até Frodo, que estava encarregado da guarda.

- Por que está acordado? - perguntou Frodo. - Não é o seu turno.

- Não sei - respondeu Aragorn -; mas uma sombra ameaçadora esteve crescendo durante meu sono. Seria bom que você puxasse sua espada.

- Por quê? - perguntou Frodo. - Há inimigos por perto?

- Vamos ver o que Ferroada tem a nos dizer - respondeu Aragorn. Frodo então puxou a lâmina élfica de sua bainha. Para seu assombro, as bordas emitiram um brilho fraco na noite. - Orcs! - disse ele. - Não muito perto, e ao mesmo tempo perto demais, ao que parece!

- Receava que fosse assim - disse Aragorn. - Mas talvez não estejam deste lado do Rio. A luz em Ferroada está fraca, e pode ser que esteja apontando apenas para espiões de Mordor perambulando pelas encostas do Amon Lhaw. Nunca ouvi falar de orcs sobre o Amon Hen. Mas quem sabe o que pode acontecer nesses dias maus, agora que Minas Tirith deixou de manter ,seguras as passagens do Anduin? Devemos prosseguir com cautela amanhã.

O dia chegou como fogo e fumaça. No Leste, viam -se camadas negras de nuvens baixas, semelhantes à fumaça de um grande incêndio. O sol que se levantava as iluminava por baixo com chamas de um vermelho obscuro, mas logo subiu acima delas para o céu limpo. O pico do Tol Brandir estava coberto de ouro. Frodo olhou para o Leste e ficou observando aquela ilha imponente, que emergia íngreme da água corrente. Bem acima dos altos penhascos ficavam encostas escarpadas galgadas por árvores, cujas copas se sobrepunham umas às outras; mais acima ainda ficavam paredões cinzentos de rochas inacessíveis, coroadas por um grande pináculo de pedra. Muitos pássaros voavam em círculos ao redor dele, mas não se via qualquer outro sinal de seres vivos.

Depois que todos haviam comido, Aragorn reuniu a Comitiva. - Finalmente o dia chegou - disse ele. - O dia da escolha que adiamos por tanto tempo. Que será agora de nossa Comitiva, que viajou até aqui como uma sociedade. Devemos rumar para o Oeste com Boromir e nos dirigir para as guerras de Gondor, ou rumar para o Leste em direção ao Medo e à Sombra; ou devemos ainda romper nossa sociedade e ir por este ou aquele caminho, como cada um escolher? O que quer que façamos deve ser feito logo, Não

podemos permanecer aqui por muito tempo. Sabemos que o inimigo está na margem Leste, mas receio que os orcs possam já estar deste lado do Rio.

Fez-se um longo silêncio, durante o qual ninguém disse nada ou se mexeu.

- Bem, Frodo - disse Aragorn por fim. - Receio que o fardo recaia sobre seus ombros. Você é o Portador, nomeado pelo Conselho. Só você pode escolher seu próprio caminho. Neste assunto, não posso aconselhá-lo. Não sou Gandalf, e embora tenha tentado desempenhar o papel dele, não sei que desígnio ou desejo ele tinha para este momento, se é que na verdade tinha algum. Parece mais provável que, mesmo que ele estivesse aqui agora, a escolha ainda seria sua. É o seu destino.

Frodo não respondeu de imediato. Depois falou devagar. - Sei que precisamos nos apressar, e mesmo assim não consigo fazer uma escolha. O fardo é pesado. Dê-me mais uma hora, e então falarei. Deixem -me sozinho.

Aragorn olhou-o com pena e carinho. - Muito bem, Frodo, filho de Drogo - disse ele. - Você terá sua hora, e ficará sozinho. Vamos ficar aqui por um tempo. Mas não se perca e nem se afaste demais.

Frodo ficou sentado por um momento, com a cabeça abaixada. Sam, que estivera observando seu patrão com grande preocupação, balançou a cabeça e murmurou : - Está tudo claro como água, mas não seria bom Sam Gamgi meter o bedelho neste momento.

Naquele instante, Frodo levantou-se e se distanciou, Sam viu que, enquanto os outros se contiveram e não olharam para ele, os olhos de Boromir o seguiram atentamente, até que ele sumisse de vista por entre as árvores ao pé do Amon Hen.

Vagando sem destino pela floresta, no início, Frodo percebeu que seus pés o conduziam para as encostas da colina. Encontrou uma trilha, as ruínas de uma antiga estrada que estava desaparecendo. Em lugares escarpados, degraus tinham sido feitos na pedra, mas agora estavam partidos e gastos, rachados pelas raízes das árvores. Subiu um trecho, sem se Preocupar com que caminho tomava, até que chegou a um lugar gramado. Sorveiras cresciam ao redor, e no meio havia uma rocha ampla e plana. O pequeno trecho gramado e elevado se abria para o Leste e estava agora repleto da luz do sol da manhã.

Frodo parou e olhou por sobre o Rio, muito abaixo dele, para o Tol Brandir e os pássaros desenhando círculos no grande abismo de ar entre ele e a ilha que jamais fora pisada. A voz de Rauros era um ronco poderoso misturado a um estrondo profundo e pulsante.

Sentou-se na pedra e apoiou o queixo nas mãos, olhando par a o Leste e vendo pouca coisa ao redor, Tudo o que acontecera desde que Bilbo deixara o Condado passava através de sua mente, e ele lembrava e ponderava tudo o que podia recordar das palavras de Gandalf.

O tempo passava, e ainda assim Frodo não chegava per to de nenhuma escolha.

De repente, ele acordou de seu devaneio: teve a estranha sensação de que havia alguma coisa atrás dele, de que olhos hostis estavam sobre ele, mas para sua surpresa, tudo o que viu foi Boromir, com um rosto sorridente e gentil.

- Estava preocupado com você, Frodo - disse ele, chegando mais perto. Se Aragorn tem razão e os orcs estiverem nas proximidades, então nenhum de nós deve vagar sozinho, e você menos ainda: muita coisa depende de você. E meu coração também está pesado. Posso ficar agora e conversar um pouco,já que o encontrei? Isso me consolaria. Onde há muita gente, qualquer conversa se torna um debate sem fim. Mas duas pessoas juntas podem talvez encontrar a sabedoria.

- Você é gentil - respondeu Frodo. - Mas não acho que conversa alguma possa me ajudar. Pois sei o que devo fazer, mas tenho medo de fazê-lo, Boromir: tenho medo.

Boromir ficou em silêncio. As Cataratas de Rauros continuavam rugindo

infinitamente.

O vento murmurava nos galhos das árvores. Frodo trem eu. De repente, Boromir se aproximou e sentou-se ao lado dele. - Tem certeza de que não está sofrendo sem necessidade? - disse ele. - Quero ajudá-lo. Você precisa de um conselho nessa difícil escolha. Aceita o meu?

- Acho que já sei que tipo de conselho você vai me oferecer, Boromir - disse Frodo. - E eu poderia considerá-lo um sábio conselho, se não fosse pela advertência do meu coração.

- Advertência? Advertência contra quê? - disse Boromir abruptamente.

- Contra a demora. Contra o caminho que parece mais fácil. Contra a recusa do fardo que é colocado sobre meus ombros. Contra. - Bem, é melhor que eu diga, contra a confiança na força e na sinceridade dos homens.

- Apesar disso, essa força vem por muito tempo protegendo vocês em seu pequeno país, embora não soubessem disso.

- Não duvido do valor de seu povo. Mas o mundo está mudando. As muralhas de Minas Tirith podem ser fortes, mas não são fortes o suficiente. Se não agüentarem, o que pode acontecer?

- Pereceremos na batalha, valorosamente. Mas ainda existe esperança de que elas agüentem.

- Não há esperança enquanto o Anel continuar existindo - disse Frodo.

- Ah! O Anel - disse Boromir, com os olhos faiscando. - O Anel! Não é um destino estranho nós sofrermos tanto medo e dúvida por uma coisa tão pequena? Uma coisa tão pequena! E eu o vi apenas por um instante na Casa de Elrond. Poderia vê-lo um pouco outra vez?

Frodo levantou os olhos. De repente, seu coração gelou. Captou o brilho estranho no olhar de Boromir, apesar de seu rosto ainda se manter gentil e amigável. - É melhor que ele fique escondido - respondeu ele.

- Como quiser. Não me preocupo - disse Boromir. - Mas não posso nem falar dele? Pois você parece estar sempre pensando só no poder do Anel nas mãos do Inimigo: em seus usos maléficos, e não nos bons. O mundo está mudando, você diz. Minas Tirith vai perecer, se o Anel perdurar. Mas por quê? Certamente seria assim se o Anel estivesse com o Inimigo. Mas por quê, se estivesse conosco?

- Você não estava no Conselho? - respondeu Frodo. - Porque não podemos usá-lo, e porque o que é feito com ele se transforma em malefício.

Boromir levantou-se e ficou andando de um lado para outro, impaciente. - Você continua dizendo isso – exclamou ele. - Gandalf, Elrond... todos esses lhe ensinaram a falar desse modo. Em relação a eles próprios, podem estar certos. Esses elfos e meio-elfos e magos, eles talvez fracassassem. Apesar disso, ainda tenho dúvidas se são sábios, e não apenas tímidos. Mas cada um é do seu modo. Homens de coração sincero, estes não serão cor rompidos. Nós, de Minas Tirith, temos permanecido firmes através de longos anos de provações. Não desejamos o poder dos senhores dos magos, só a força para nos defendermos, a força numa causa justa. E veja! Em nossa necessidade, o acaso traz à luz o Anel de Poder. É uma dádiva, eu digo; uma dádiva aos inimigos de Mordor. É loucura não fazer uso dela, não usar o poder do Inimigo contra ele mesmo. Os corajosos, os destemidos, só estes conseguirão a vitória. O que não poderia fazer um guerreiro nesta hora, um grande líder? O que Aragorn não poderia fazer? Ou, se ele se recusar, por que não Boromir? O Anel poderia me dar poder de Comando. Como eu poderia rechaçar os exércitos de Mordor, e todos os homens seguiriam minha bandeira!

Boromir andava para cima e para baixo, falando cada vez mais alto. Parecia quase

que tinha esquecido de Frodo, enquanto sua fala se detinha em muralhas e armas, e no ajuntamento de tropas de homens; fazia planos para grandes alianças e gloriosas vitórias futuras; e destruía Mordor e se tornava um rei poderoso, benevolente e sábio. De repente, parou e agitou os braços.

- E eles nos dizem para jogá-lo fora! - gritou ele. - Não digo destruí-lo. Isso seria bom, se racionalmente pudéssemos ter alguma esperança de fazê-lo. Mas não podemos. O único plano proposto é que um pequeno deva andar cegamente para dentro de Mordor e oferecer ao Inimigo todas as chances de recapturá-lo. Loucura!

- Certamente você está entendendo, meu amigo? - disse ele, voltando-se agora de repente para Frodo outra vez. - Você diz que está com medo. Se é assim, os mais corajosos devem perdoá-lo. Mas não seria na verdade o seu bom senso que se revolta?

- Não, estou com medo - disse Frodo. - Simplesmente com medo. Mas estou feliz por ter ouvido você falar tão abertamente. Minha mente agora está menos confusa.

- Então você virá para Minas Tirith? - gritou Boromir, com os olhos brilhando e o rosto ansioso.

- Você não está me entendendo - disse Frodo.

- Mas você virá, pelo menos por um tempo? - persistiu Boromir. Minha cidade não está longe agora, e a distância de lá até Mordor é um pouco maior do que se partíssemos daqui. Faz tempo que estamos viajando por lugares desertos, e você precisa saber o que o Inimigo está fazendo antes de tomar uma decisão. Venha comigo, Frodo – disse ele. - Você precisa descansar antes de sua aventura, se é que precisa mesmo ir.

Colocou a mão no ombro do hobbit de um modo amigável, mas Frodo sentiu a mão tremendo com uma agitação contida. Deu um passo abrupto para trás, e olhou alarmado para aquele homem alto, com quase o dobro de seu tamanho e muitas vezes mais forte que ele.

- Por que essa hostilidade? - perguntou Boromir. - Sou um homem sincero. Não sou ladrão nem perseguidor. Preciso de seu Anel: agora você já sabe; mas dou-lhe minha palavra de que não pretendo ficar com ele. Você não permitiria pelo menos que eu tentasse pôr em prática meu plano? Empreste -me o Anel! Não! Não! - gritou Frodo. - O Conselho designou-me como Portador. É por nossa própria tolice que o Inimigo vai nos derrotar - gritou Boromir. - Isso me enfurece! Tolo! Tolo obstinado! Correndo de livre e espontânea vontade em direção à morte, e arruinando nossa causa. Se algum mortal tem o direito de reivindicar o Anel, esse direito pertence aos homens de Númenor, e não aos pequenos. O direito não é seu, exceto por um acaso infeliz, Podia ter sido meu. Devia ser meu. Dê-me o Anel!

Frodo não respondeu, mas se afastou até que a grande pedra plana ficasse entre eles. - Vamos, vamos, meu amigo! - disse Boromir numa voz mais suave. - Por que não se livrar dele? Por que não se libertar de sua dúvida e de seu medo? Você pode colocar a culpa em mim, se quiser. Pode dizer que eu sou forte demais e o tomei à força. Porque eu sou forte demais para você , pequeno - gritou ele, e de repente subiu na pedra e saltou sobre Frodo.

Seu rosto belo e agradável estava terrivelmente transformado; um fogo feroz lhe queimava os olhos.

Frodo recuou e outra vez a pedra ficou entre os dois. Só havia uma coisa a fazer: tremendo, tirou o Anel da corrente e colocou-o depressa no dedo, no exato momento em que Boromir saltava de novo em sua direção.

O homem ficou atônito, olhando surpreso por um momento, e depois correu em volta do lugar, ensandecido, procurando aqui e ali por entre as rochas e árvores.

- Trapaceiro miserável! - gritou ele. - Deixe-me colocar as mãos em você! Agora

entendo o que pretende. Levará o Anel para Sauron e nos venderá a todos. Só estava esperando uma oportunidade para nos deixar em apuros. Almaldiçôo você e todos os pequenos com a morte e a escuridão! Então, tropeçando numa pedra, caiu e esparramou-se de rosto no chão. Por um momento, ficou parado como se sua própria praga o tivesse atingido; depois, de repente, começou a chorar.

Levantou-se passando a mão nos olhos, limpando as lágrimas. - O que eu disse? - gritou ele. - O que eu fiz? Frodo, Frodo! - chamou ele. - Volte! Uma loucura tomou conta de mim, mas já passou. Volte! Não houve resposta. Frodo nem ouviu seus gritos. Já estava longe, saltando cegamente pela trilha, em direção ao topo da colina. Estava atormentado de pavor e tristeza, vendo em pensamento o rosto louco e enfurecido de Boromir, e seus olhos flamejantes.

Logo já estava no topo do Amon Hen, e parou, tomando fôlego. Enxergou, como se através de uma névoa, um círculo amplo e plano, com um pavimento de lajes enormes e cercado por um parapeito em ruínas. No centro, instalada sobre quatro pilares esculpidos, estava uma cadeira alta, à qual se chegava por uma escada de muitos degraus. Subiu e sentou-se na antiga cadeira, como uma criança perdida que tivesse escalado o trono dos reis das montanhas.

No início, conseguiu ver pouca coisa. Parecia estar num mundo de névoa no qual só havia sombras: o Anel agia sobre ele. Então, aqui e ali a névoa cedeu e ele viu muitas imagens: pequenas e nítidas como se estivessem sob seus olhos numa mesa, e ao mesmo tempo remotas. Não havia sons, só imagens claras e vívidas. Parecia que o mundo tinha encolhido e silenciado. Ele estava sobre o Trono da Visão no Amon Hen, a Colina do Olho dos homens de Númenor. Ao Leste, examinou as terras selvagens que não estavam nos mapas, planícies sem nome, e florestas inexploradas.

Olhou para o Norte e o Grande Rio jazia como uma fita embaixo dele; as Montanhas Sombrias se erguiam pequenas e rígidas como dentes quebrados. No Oeste viu as pastagens largas de Rohan, e Orthanc, o pináculo de Isengard, como um ferrão preto. Olhou ao Sul, e bem abaixo de seus pés o Grande Rio se enrolava como uma onda enorme e se jogava sobre as cachoeiras de Rauros num abismo de espuma; um arco -íris brilhante brincava na fumaça. E viu Ethir Anduin, o grande delta do Rio, e milhares de pássaros marinhos rodopiando como uma poeira branca ao sol, e debaixo deles um mar verde e prateado, encrespando-se em linhas intermináveis.

Mas em todo lugar que olhava, via sinais de guerra. As Montanhas Sombrias se agitavam como formigueiros: orcs saíam de mil tocas. Sob os galhos da Floresta das Trevas havia contendas mortais entre elfos e homens e animais cruéis. A terra dos beornings estava em chamas; uma nuvem cobria Moria; fumaça subia das fronteiras de Lórien. Cavaleiros galopavam sobre a relva de Rohan; de Isengard jorravam lobos. Dos portos de Harad, navios de guerra saíam para o mar; e do Oeste saíam homens sem parar: espadachins, lanceiros, arqueiros, carruagens levando líderes e carroças carregadas. Todo o poder do Senhor do Escuro estava em ação. Então, voltando-se de novo para o Sul, Frodo viu Minas Tirith. Parecia distante e bela: com muralhas brancas, muitas torres, majestosa e linda sobre sua montanha; seus parapeitos reluziam como aço, e suas torres brilhavam com muitas bandeiras. A esperança renasceu em seu coração. Mas contra Minas Tirith erguia -se outra fortaleza, maior e mais forte.

Sentiu que seu olhar se dirigia para o Leste, sendo atraído contra sua vontade. Passou pelas pontes arruinadas de Osgiliath, pelos portões escancarados de Minas Morgul e pelas Montanhas assombradas, detendo-se sobre Gorgoroth, o vale do terror na Terra de Mordor. Lá a escuridão jazia sob o sol.

O fogo reluzia em meio à fumaça.

A Montanha da Perdição queimava e um cheiro insuportável empesteava o ar.

Então, finalmente, seu olhar foi detido: muralhas e mais muralhas, parapeito sobre parapeito, negra, incomensuravelmente forte, montanha de ferro, portão de aço, torre de diamante, ele a viu: Barad-dûr, a Fortaleza de Sauron. Perdeu todas as esperanças.

E, de repente, sentiu o Olho. Havia um olho na Torre Escura que nunca dormia. Frodo sabia que ele tinha percebido seu olhar. Uma determinação feroz e ávida estava nele. Saltou na direção de Frodo, que quase como um dedo o sentiu, procurando-o. Muito em breve iria tocá-lo e saber exatamente onde estava.

Tocou Amon Lhaw. Olhou sobre Tol Brandir - Frodo se jogou da cadeira, agachado, cobrindo a cabeça com seu capuz cinzento.

Ouviu-se dizendo: Nunca, nunca! Ou seria: Sim, eu irei, irei até você? Não saberia dizer. Então, como um relâmpago, de algum outro ponto de poder veio à sua mente um outro pensamento: Tire-o! Tire-o! Tolo, tire-o. Tire o Anel! As duas forças lutavam nele. Por um momento, perfeitamente equilibrado entre os dois pontos agudos, ele se debateu, atormentado. De repente tomou consciência de si próprio outra vez. Frodo; nem a Voz, nem o Olho: livre para escolher, e lhe sobrava um único instante para fazê -lo. Tirou o Anel do dedo. Viu- se ajoelhado em plena luz do sol diante do alto trono. Uma sombra negra pareceu passar sobre ele como um braço; não atingiu o Amon Hen e continuou tateando na direção do Oeste, para depois desaparecer. Então todo o céu ficou claro e azul. E os pássaros voltaram a cantar em todas as árvores.

Frodo se levantou. Estava tomado por um grande cansaço, mas com a disposição firme e o coração mais leve. Falou alto para si mesmo: “Farei agora o que devo”, disse ele. “Pelo menos isto está claro: a maldade do Anel já está operando até mesmo na Comitiva, e o Anel deve abandoná -los antes que lhes cause mais danos. Irei sozinho.

Em alguns não posso confiar, e aqueles em quem confio me são muito caros: o pobre Sam, e Merry e Pippin. Passolargo também: seu coração deseja ir para Minas Tirith, e ele será necessário lá, agora que Boromir foi tomado pelo mal. Irei sozinho. Imediatamente.”

Desceu correndo até a trilha e voltou à relva onde Boromir o encontrara.

Ali parou para escutar. Teve a impressão de estar ouvindo gritos e chamados vindos da floresta junto à margem lá embaixo.

- “Estão me procurando”, disse ele. “Pergunto-me quanto tempo fiquei ausente. Horas, eu acho.” Hesitou. “Que posso fazer”?”, pensou ele. “Devo ir agora, ou não irei nunca mais. Não terei outra oportunidade. Odeio a idéia de deixá - los, ainda mais desta forma, sem qualquer explicação. Mas certamente irão entender. Sam entenderá. E que mais posso fazer?”

Lentamente pegou o Anel e colocou-o no dedo outra vez. Desapareceu e desceu a colina, fazendo menos ruído que o farfalhar do vento.

Os outros permaneceram por muito tempo perto da margem. Por um período ficaram em silêncio, movimentando-se inquietos, mas agora estavam sentados num círculo, conversando. De quando em quando se esforçavam para falar de Outras coisas, da longa estrada e das Muitas a venturas que tinham vivido; faziam perguntas a Aragom sobre o reino de Gondor e sua história antiga, e sobre os remanescentes de suas grandes obras que ainda podiam ser vistos naquela estranha fronteira dos Emyn Muil: dos reis de pedra e dos tronos de Lhaw e Hen, e da grande Escada ao lado da cachoeira de Rauros. Mas toda vez seus pensamentos e palavras acabavam voltando para Frodo e o Anel. O que Frodo escolheria fazer? Por que estaria hesitando?

- Acho que ele está pensando qual caminho proporcionaria menos esperanças - disse Aragorn. - E tem motivos para isso, Agora há menos esperanças do que nunca de a

Comitiva ir para o Leste, já que fomos seguidos por Gollum, e devemos temer que o segredo de nossa jornada já tenha sido traído. Mas Minas Tirith não fica mais perto do Fogo e da destruição do Fardo. - Podemos ficar lá algum tempo, e manter uma resistência corajosa, mas o Senhor Denethor e seus homens não podem ter esperanças de conseguir fazer o que até Elrond disse estar acima de seu poder: ou manter o Fardo em segredo, ou conter toda a força do Inimigo quando ele vier buscá-lo. Que caminho qualquer um de nós escolheria no lugar de Frodo? Não sei. Na verdade, este momento é o que mais nos faz sentir falta de Gandalf.

- Nossa perda foi imensa - disse Legolas. - Mesmo assim, devemos tomar uma decisão sem a ajuda dele. Por que não podemos decidir, e dessa forma ajudar Frodo? Vamos chamá-lo de volta e fazer uma votação! Votarei para Minas Tirith.

- Eu também - disse Gimli. - É claro que nós só fomos enviados para ajudar o Portador ao longo da estrada, e para acompanhá -lo até o ponto que quiséssemos, e que nenhum de nós está sob juramento ou ordem que determine que devemos procurar a Montanha da Perdição. Foi difícil para mim a despedida de Lothlórien. Apesar disso, cheguei até aqui, e digo o seguinte: agora que chegamos à última escolha, está claro para mim que não posso abandonar Frodo. Eu escolherei Minas Tirith, mas se ele não fizer a mesma escolha, vou segui-lo.

- E eu também irei com ele. - disse Legolas. - Seria desleal dizer adeus agora. Na verdade, seria uma traição, se todos nós o abandonássemos - disse Aragorn. - Mas se ele for para o Leste, então não é preciso que todos o acompanhem: nem eu acho que todos deveriam. Essa aventura é desesperada: tanto para oito, para três, como para uma única pessoa. Se me deixassem escolher, eu apontaria três companheiros: Sam, que não suportaria se fosse de outra forma, Gimli e eu. Boromir retornará a sua própria cidade, onde seu pai e seu povo precisam dele; com ele os outros deveriam ir, ou pelo menos Meriadoc e Peregrin, se Legolas não tiver intenções de nos abandonar.

- Isso não vai dar certo de modo algum! - gritou Merry. - Não podemos deixar Frodo! Pippin e eu sempre quisemos acompanhá-lo aonde quer que fosse. E ainda queremos. Mas não percebíamos o que isso significava. Tudo parecia diferente lá longe, no Condado ou em Valfenda. Seria loucura e crueldade permitir que Frodo fosse para Mordor. Por que não podemos detê-lo?

- Devemos detê-lo - disse Pippin. - E tenho certeza de que é isso que o preocupa. Ele sabe que não concordaremos com sua ida para o Leste. E não lhe agrada pedir que qualquer um de nós o acompanhe, o pobre camarada. Imagine, ir para Mordor sozinho! - Pippin estremeceu. - Mas o velho e tolo hobbit tem de saber que não será preciso pedir. Tem de saber que, se não conseguirmos detê-lo, não vamos abandoná-lo.

- Desculpe-me - disse Sam. - Acho que não estão entendendo meu patrão de forma alguma. Ele não está hesitando sobre que caminho tomar. Claro que não! Qual seria a vantagem de Minas Tirith, de qualquer modo? Quero dizer para ele, se o senhor me desculpa, mestre Boromir - acrescentou ele, voltando-se para trás. Foi nesse momento que descobriram que Boromir, que primeiro estivera sentado em silêncio fora do círculo, não estava mais lá.

- Agora, aonde ele foi? - gritou Sam, com uma expressão preocupada. - Ultimamente, estava meio estranho, na minha opinião. Mas de qualquer jeito ele não participa deste assunto. Está de partida para sua terra, como sempre disse; e não devemos culpá-lo por isso. Mas o Sr. Frodo, ele tem de encontrar as Fendas da Perdição, se puder. Mas está com medo. Agora chegamos ao ponto, ele está simplesmente apavorado. É isso que o atrapalha. É claro que aprendeu um pouco, por assim dizer – todos nós aprendemos - desde que deixamos nossa casa. Se não fosse por isso, estaria tão apavorado que

simplesmente jogaria o Anel no Rio e fugiria. Mas ele ainda está amedrontado demais para dar o primeiro passo. E não está se preocupando conosco: se vamos com ele ou não. Ele sabe que é essa a nossa intenção. Isso é outra coisa que o está incomodando. Se conseguir criar coragem para ir, vai querer ir sozinho. Ouçam o que digo! Vamos ter encrenca quando ele voltar. Pois é certeza que vai criar coragem. Certo como seu nome é Bolseiro.

- Acho que você fala com mais sabedoria que qualquer um de nós, Sam - disse Aragorn. - E o que faremos, se você estiver com a razão?

- Detê-lo. Não deixar que parta! - gritou Pippin.

- Será? - disse Aragorn. - Ele é o Portador, e o destino do Fardo recai sobre ele. Não acho que seja nosso papel conduzi-lo por um outro caminho. Nem acho que conseguiríamos, mesmo que tentássemos. Há outros poderes em ação, muito mais fortes.

- Bem, gostaria que Frodo "criasse coragem" logo e voltasse, e que nos deixasse continuar - disse Pippin. - Essa espera é terrível! O tempo acabou, não acabou?

- Sim - disse Aragorn. - A hora já passou há muito. A manhã está terminando. Devemos chamá-lo.

E naquele momento Boromir reapareceu. Surgiu das árvores e caminhou na direção deles sem dizer nada. Seu rosto parecia severo e triste. Parou, como se estivesse contando os presentes, e depois sentou-se afastado, com os olhos no chão.

- Onde esteve, Boromir? - perguntou Aragorn. - Você viu Frodo? Boromir hesitou por um segundo. - Sim e não - respondeu ele devagar.

- Sim, encontrei-o a uma certa distância daqui, na colina, e falei com ele. Implorei que viesse para Minas Tirith, e que não fosse para o Leste. Fiquei furioso e ele me deixou. Desapareceu. Nunca em minha vida vi algo assim acontecer, embora tenha ouvido em histórias. Ele deve ter colocado o Anel. Não consegui encontrá-lo de novo. Pensei que voltaria para cá.

- É tudo o que tem a dizer? - disse Aragorn, olhando para Boromir com severidade e sem muita gentileza.

- Sim - respondeu ele. - Não vou dizer mais nada por enquanto.

- Isso é mau! - gritou Sam. - Não sei o que esse homem andou fazendo. Por que o Sr. Frodo colocaria a coisa? Não deveria precisar, e se precisou, quem sabe o que pode ter acontecido?

- Mas ele não ficaria usando o Anel - disse Merry. - Não depois que tivesse escapado do visitante inconveniente, como Bilbo costumava fazer.

- Mas aonde ele foi? Onde está? - gritou Pippin. - Faz séculos que ele saiu.

- Quanto tempo faz que você viu Frodo pela última vez, Boromir? Perguntou Aragorn.

- Meia hora, talvez - respondeu ele. - Ou pode ser uma hora. Vaguei por um tempo depois disso. Não sei! Não sei! - Colocou a cabeça entre as mãos e sentou-se como se estivesse curvado pelo peso da tristeza.

- Uma hora desde que ele desapareceu! - gritou Sam. - Devemos tentar encontrá-lo imediatamente. Venham!

- Espere um minuto! - disse Aragorn. - Vamos nos dividir em pares, e arranjar... Ei, esperem um pouco!

De nada adiantou. Não prestaram atenção nele. Sam tinha saído correndo primeiro. Merry e Pippin o seguiram, e já estavam desaparecendo entre as árvores perto da margem, ao Oeste, gritando: Frodo! Frodo! Com suas vozes de hobbits, claras e agudas. Legolas e Gimli estavam correndo. Uma loucura e um pânico súbitos pareciam ter caído sobre a Comitiva.

- Vamos todos nos dispersar e nos perder - suspirou Aragorn. - Boromir! Não sei qual foi seu papel nessa história, mas agora ajude! Vá atrás daqueles dois jovens hobbits, e proteja-os pelo menos, mesmo que não consigam encontrar Frodo. Voltem para este ponto, se o encontrarem, ou se virem algum sinal dele. Volto logo.

Aragorn se afastou rapidamente, e foi à procura de Sam. Logo que atingiu o pequeno gramado no meio das sorveiras, conseguiu alcançá -lo, subindo a colina com grande esforço, bufando e gritando, Frodo!

- Venha comigo, Sam! - disse ele. - Nenhum de nós deve ficar sozinho. A traição está à solta. Eu sinto isso. Estou indo para o topo, para a Cadeira do Amon Hen, para ver o que pode ser visto. E veja! É como meu coração suspeitava, Frodo foi por aqui. Siga-me e mantenha os olhos abertos! - Apressou-se pela trilha.

Sam fez o que pôde, mas não conseguiu acompanhar Passolargo, o guardião, e logo ficou para trás. Não tinha ido muito longe quando Aragorn já sumia de vista. Parou, bufando. De repente, bateu a mão na cabeça!

- Ôôôôôh!, Sam Gamgi! - disse ele em voz alta. - Suas pernas são curtas demais, então use a cabeça! Deixe-me ver agora! Boromir não está mentindo, ele não é disso; mas não nos contou tudo. Alguma coisa assustou muito o Sr. Frodo. De repente, ele criou coragem. Finalmente se decidiu... a ir. Para onde? Para o Leste. Não sem o Sam? Sim, até sem levar Sam. Isso é duro. Uma crueldade!

Sam passou a mão nos olhos, limpando as lágrimas. - Fique firme, Gamji! - disse ele. - Tente pensar! Ele não pode voar sobre os rios, e não pode escalar cachoeiras. Ele não está levando equipamento nenhum. Então vai precisar voltar aos barcos. Voltar aos barcos! Volte aos barcos, Sam, como um raio! Sam voltou descendo a trilha como um relâmpago. Caiu e cortou os joelhos.

Levantou-se e continuou correndo. Chegou à borda do gramado do Parth Galen perto da margem para onde os barcos tinham sido arrastados, fora da água. Não havia ninguém ali. Teve a impressão de ouvir gritos e chamados na floresta atrás dele, mas não lhes deu atenção. Parou por um momento, olhando, paralisado, bufando. Um barco estava escorregando pela margem, sozinho. Com um grito, Sam atravessou correndo a grama.

O barco entrou na água. Estou indo, Sr. Frodo! Estou indo! - gritou Sam, jogando-se da margem e tentando se agarrar ao barco que partia. Errou por um metro. Com um grito e esparramando água, caiu de cara dentro do rio veloz e profundo. Afundou gorgolejando e as águas se fecharam sobre seu cabelo encaracolado.

Uma exclamação de assombro veio do barco vazio. Um remo virou e mudou a direção do barco. Por pouco Frodo não consegui u agarrá-lo pelo cabelo no momento em que emergiu, soltando bolhas e lutando contra a correnteza. O medo estava estampado naqueles olhos redondos e castanhos.

- Suba, Sam, meu rapaz! - disse Frodo. - Agora, pegue minha mão! Salve-me, Sr. Frodo! - bufou Sam. - Estou me afogando. Não posso ver sua mão.

- Aqui está. Não precisa beliscar, rapaz! Não vou soltá -lo. Venha com cuidado e não faça muita onda, senão o barco pode virar. Agora, segure na lateral, e deixe que eu use o remo.

Com algumas remadas, Frodo trouxe o barco de volta para a margem, e Sam pôde pular para dentro, molhado até os ossos. Frodo tirou o Anel e pisou outra vez na margem.

- De todos os malditos estorvos, você é o pior, Sam! - disse ele.

- Ó, Sr. Frodo, isso é duro! - disse Sam tremendo. - Isso é duro, tentar ir embora sem mim e tudo mais. Se eu não tivesse adivinhado certo, onde o senhor estaria agora?

- A caminho e a salvo.

- A salvo! - disse Sam. - Completamente sozinho sem mim para ajudá-lo? Eu não

agüentaria, seria a morte para mim.

- Seria a morte para você ir comigo, Sam - disse Frodo. - E eu não agüentaria isso.

- Não seria uma morte tão certa quanto a de ser deixado para trás disse Sam.

- Mas estou indo para Mordor.

- Sei muito bem disso, Sr. Frodo. Claro que o senhor vai. E eu vou também.

- Agora, Sam - disse Frodo -, não me atrase! Os outros estarão de volta num minuto. Se me pegarem aqui, terei de discutir e explicar, e nunca terei a coragem ou oportunidade de escapar. Mas preciso partir imediatamente. É o único jeito.

- Claro que é - disse Sam. - Mas não sozinho. Também vou, ou nenhum de nós vai. Vou fazer buracos em todos os barcos primeiro.

Frodo riu de verdade. Um calor e uma alegria súbitos encheram-lhe o coração. - Deixe um inteiro! - disse ele. - Vamos precisar dele. Mas você não pode vir assim, sem seu equipamento, sem a comida e tudo mais.

- Espere só um minuto, que vou pegar minhas coisas! - gritou Sam, ansioso. - Está tudo pronto. Achei que partiríamos hoje. - Correu até o acampamento, pegou a mochila da pilha em que Frodo a havia colocado quando tirou do barco as coisas de seus companheiros, agarrou mais um cobertor, e alguns pacotes a mais de comida, e correu de volta.

- Todo o meu plano está arruinado! - disse Frodo. - Não adianta tentar escapar de você, mas estou feliz, Sam. Não consigo dizer como estou feliz. Venha! É óbvio que nós devíamos ir juntos. Vamos, e que os outros encontrem uma estrada segura! Passolargo cuidará deles. Não acho que os veremos outra vez.

- Mas pode ser que sim, Sr. Frodo. Pode ser que sim - disse Sam.

Assim Frodo e Sam partiram no último estágio da Demanda juntos. Frodo remou para longe da margem, e o Rio os levou rapidamente embora, descendo o braço Oeste, passando os penhascos sisudos do Tol Brandir.

O rugido das grandes cachoeiras se aproximou. Mesmo com a ajuda que Sam podia dar, foi difícil atravessar a corrente na extremidade sul da ilha e levar o barco para o Leste, em direção da outra margem.

Finalmente voltaram à terra sobre as encostas Sul do Amon Lhaw. Ali encontraram uma margem elevada e arrastaram o barco para fora, bem acima da água, escondendo-o o melhor que podiam, atrás de um grande rochedo. Depois, de bagagem nos ombros, partiram, procurando uma trilha que os levasse através das colinas cinzentas dos Emyn Muil, descendo até a Terra da Sombra.

Aqui termina a primeira parte da história da Guerra do Anel.

A segunda parte se intitula AS DUAS TORRES, pois os acontecimentos que ali se narram são dominados por ORTHANC, a cidadela de Saruman, e pela fortaleza de MINAS MORGUL, que vigia a entrada secreta de Mordor; trata dos feitos e perigos de todos os membros da agora dividida sociedade, até a chegada da Grande Treva.

A terceira parte trata da última resistência contra a Sombra e do fim da missão do Portador do Anel, em O RETORNO DO REI.

Mapas

1
2
3
4
Ermos do Norte
Forodwaith
Eriador
Forlindon
Minhiriath
Enedwaith
Rhovanion
Rhûn
Rohan
Gondor
Mordor
Khand
Baía de Belfalas
Harad Próximo
Haradwaith
[Meridião]
Extremo Harad

1

2

ERMOS DO NORTE

FORODWAITH

FORLINDON

COLINAS DE FERRO

RHÛN

RHOVANION

ERIADOR

MINHIRIATH

ENEDWAITH

ROHAN

GONDOR

ANFALAS (Praia Comprida)

MORDOR

NURN

KHAND